COMO

CRISTO REZOU A PRIMEIRA MISSA,

OU

A ÚLTIMA CEIA DO SENHOR.

OS RITOS E CERIMÔNIAS, O RITUAL E LITURGIA,
AS FORMAS DO CULTO DIVINO

QUE CRISTO OBSERVOU

QUANDO TRANSFORMOU A PÁSCOA JUDAICA NA MISSA.

As Origens da Missa e suas Cerimônias prefiguradas
no Culto Patriarcal, no Antigo Testamento,
na Religião Hebraica, no Tabernáculo de Moisés
e no Templo contemporâneo de Cristo.

PE. JAMES L. MEAGHER, D.D.
(DOUTOR EM TEOLOGIA)

ÍNDICE.

A segunda “sorte”. Moisés no monte Nebo e os sepulcros dos patriarcas no Hebron. Cerimônias que davam início às funções religiosas ao amanhecer. A ablução do sumo sacerdote. Suas vestes e quanto custavam. O pontífice com seu sacerdote assistente e doze ministros. Nomes das pessoas que faziam os utensílios de ouro para o Templo. Como começavam os cinco serviços religiosos. Como o novilho era imolado depois da confissão dos pecados postos sobre ele. Nomes das famílias avaras denunciados nas orações do Templo. O bode para *Jehová* e o para *Azazel*, tirados por sortes. A fita escarlate ficava branca por milagre, mas deixou de fazê-lo depois da morte de Cristo. Um leigo abatia todos os animais neste dia, e um pagão conduzia à morte o bode expiatório, pois o leigo pagão Pilatos condenou Cristo. Descrição do cerimonial. O turíbulo e o incenso iguais aos utilizados hoje nas igrejas. O sumo sacerdote certa vez ficou impuro. Como ele punha incenso no turíbulo. Como ele penetrava atrás dos dois véus. O cerimonial no *Santo dos Santos*. Como ele aspergia o sangue. Sentidos místicos prefigurando Cristo no Céu. Como ele queimava o incenso sobre o altar no *Santo* como figura típica da Missa. O bode para o Pai Eterno. O bode expiatório carregado com os pecados de Israel, na plataforma elevada, a prefigurar Cristo diante de Pilatos. Como o bode expiatório era conduzido ao campo fora da cidade por um pagão, em meio aos brados e imprecações de grandes multidões, assim como elas escarneceram de Cristo. Como ele era precipitado do alto rochedo Tsuk e morto. Como o pagão regressava. Os serviços litúrgicos matutinos, imagem de uma Missa solene pontifical. A leitura da Lei, imagem da leitura da Epístola e do Evangelho. A troca de paramentos. O dia da expiação explicado por S. Paulo. A visão que João teve da liturgia e dos serviços religiosos da Igreja celeste. O trono eterno. Como a Missa celebrada aqui na terra é oferecida no Céu. Os quatro evangelistas. O livro selado. O Cordeiro de Deus. As imensas multidões adorando a Deus no Paraíso, etc.

III. O PÃO, VINHO, ÁGUA, ÓLEO E INCENSO NO TEMPLO.

Razões pelas quais Deus escolheu o pão. A história do trigo. Como eram feitos os pães, equivalentes às nossas hóstias não consagradas, para a páscoa judaica e para o Templo. Por que o celebrante parte a Hóstia na Missa. Por que na Missa se usa pão sem fermento. A mó e o forno dos hebreus. Modo de fazer pão fermentado e não fermentado. As cerimônias da colocação do pão e do vinho sobre a mesa que chamamos credência, dentro do *Santo* do Templo. Como o pão e o vinho prenunciadores da Missa eram reverenciados no Templo. O sinal da Cruz. Como se comia o pão e bebia o vinho que haviam sido removidos. A história do vinho. Como Noé abençoou as raças brancas. O vinho da Palestina e como era feito. Vinhos “secos” e vinhos “doces”. Um famoso festival.

Os recipientes onde se conservava o vinho. O grande Cálice do Senhor. Por que na Missa o vinho é misturado com água. A cerimônia do Templo em honra da água. A dança das donzelas hebreias depois de produzido o vinho, durante a qual os homens escolhiam esposa. Cristo, sacerdote do Templo e príncipe da família de Davi. Origem dos óleos santos utilizados na Igreja. Composição do óleo santo preparado por Moisés. Mirra, cinamomo, cássia, bálsamo, estoraque e plantas que os produzem. A unção de enfermos no Antigo Testamento. Como o sumo sacerdote e o sacerdote eram ordenados no Templo e ungidos na cabeça e nas mãos. História de Maria Madalena, e por que ela ungiu Cristo. Sacerdote, *rabi*, rei, juiz e oficiais ungidos antes de Cristo. A sagração dos óleos santos na Quinta-Feira Santa. Composição do incenso usado no Templo. Estacte, ônica, cálamo, gálbano, incenso puro. Significação da queima do incenso. Como o incenso era queimado no *Santo*, tal como hoje na Missa solene. Cena pitoresca no *Santo* quando Zacarias incensava o altar de ouro. Gabriel disse-lhe que João Batista ia nascer. Por que ele não acreditou nas palavras do anjo. História do Batista. Origem da cerimônia de incensação do clero durante Missa solene. Origem da tonsura, etc.

SEGUNDA PARTE: COMO A MISSA ESTAVA PREFIGURADA NA ANTIGA PÁSCOA.

IV. A HISTÓRIA DA PÁSCOA DOS HEBREUS.

Significado da palavra “Páscoa”. A grande solenidade pascal judaica, aniversário de sua libertação da escravidão egípcia. Como Deus desenvolveu a festa e banquete pascal patriarcal na páscoa hebraica. Os hebreus libertados para prefigurar como a humanidade havia de ser libertada da escravidão do demônio. As ordens pormenorizadas que Deus deu a Moisés. A páscoa egípcia e a festa dos pães ázimos, prefiguradoras da Crucificação e da Missa. O cordeiro. Hora, lugar e cerimônias do sacrifício. O sangue sobre os umbrais das portas era figura típica da Cruz. A páscoa egípcia e a perpétua; a primeira e segunda páscoas. Tempos em que a páscoa foi imolada no decorrer da história dos hebreus. Como o cordeiro prefigurava Cristo. Origem da Páscoa cristã. Como eles crucificavam o cordeiro. Como Deus expandiu a páscoa patriarcal no tabernáculo e no Templo, e o pão e vinho na festa dos ázimos. Sentidos místicos dos alimentos na antiga páscoa. A rejeição dos sacrifícios judaicos. Josefo sobre a páscoa hebraica. Uma descrição da páscoa tal como celebrada hoje pelos samaritanos. A páscoa celebrada por treze judeus em Sião a que o autor esteve presente, etc.

V. O TALMUDE SOBRE A ÚLTIMA CEIA OU PÁSCOA JUDAICA.

S. Paulo explica os sentidos dos preparativos para a antiga páscoa. O tratado *Pesahím* do *Talmude*. Por que os judeus procuram pão levedado usando uma vela no crepúsculo da véspera da páscoa israelita. O exame de consciência, a confissão e a preparação para a Comunhão prefigurados antes de Cristo. A cerimônia da procura por pão levedado. Quem estava obrigado e quem estava dispensado. A vela significava Cristo e a luz simbolizava o Espírito Santo incitando o pecador ao arrependimento antes da confissão pascal. Os dois bolos de pão da proposição expostos no Templo. As duas vacas arando no monte das Oliveiras. Todos os pães levedados queimados ao meio-dia na véspera da páscoa hebraica. Ritos que prenunciavam que a Comunhão não pode ser recebida em pecado mortal. Como se limpavam as casas e lavavam as louças no tempo de Cristo. A faxina da casa em nossos dias antes da páscoa hebraica a figurar tipicamente a purificação de consciência antes de nossa Comunhão pascal. Como os fariseus do nosso tempo plantam o trigo pascal, fazem a farinha, tiram e transportam a água e fazem os pães. A família Garmo tinha o monopólio da feitura de pães para o Templo. A “água de preceito” que o homem trazia ao cenáculo quando Pedro e João o encontraram. Como as mulheres faziam pães para a páscoa no tempo de Cristo. Como se obteve o ouro para revestir o Templo. Avareza dos sacerdotes. O que fez o rei Ezequias. Por que jejuamos antes da Comunhão. O luto judaico, origem dos paramentos pretos. Trabalho proibido antes da páscoa judaica. Origem das contribuições para a Igreja. Como o cordeiro era sacrificado no Templo, tinha seu sangue aplicado sobre as córnuas do altar e sua pele removida. As três divisões ou “grupos”. Por que Herodes Agripa ordenou a contagem dos rins. Quanto custavam os cálices do Templo. Como o cordeiro era crucificado e assado em sua cruz. Quem podia sacrificar o cordeiro. Por que não se quebrava nenhum osso e removiam-se os restos depois da ceia. Como ocorria a manducação do cordeiro. As Missas que se rezam em intenção de outros e a Comunhão levada aos doentes, prefiguradas. A segunda páscoa dos hebreus, nosso preceito pascal prefigurado. Os serviços sinagogais antes da ceia. Orações da noite. As sete bênçãos. O cálice do dirigente do banquete. A posição reclinada. Regras atinentes ao pão e ao vinho, e a diversos alimentos. Os quatro cálices pascais de vinho. Como foram escritos os Salmos. O Espírito Santo conhecido dos hebreus. O cálice que o Senhor usou, prefigurado. Descrição pitoresca da antiga páscoa e do dia da expiação, por Marco Ambíbulo, procurador romano com autoridade sobre a Judeia, anterior a Pilatos, etc.

VI. A FESTA DOS ÁZIMOS NA PÁSCOA JUDAICA.

Por que a festa durava uma semana. Por que eles pediram a Pilatos para soltar Barrabás em vez de Cristo. A cerimônia do *Omer* ("primícias"), prefiguradora da prisão de Cristo. As festividades menores durante a semana pascal hebraica. Por que os judeus não quiseram entrar no pretório de Pilatos. Como eram sacrificadas as vítimas na semana da páscoa antiga. O banquete da noite. O banho e o lava-pés, imagens do batismo. O arquitriclino. As mesas. Posicionamento dos convivas. Quando se introduziu o divã. Por que eles lavavam as mãos. Origem das orações antes das refeições. Por que o pão e o vinho são erguidos e oferecidos a Deus durante a Missa. Indumentária dos comensais nos banquetes. Joias da antiguidade. Origem da incensação do clero durante Missa solene. "As migalhas que caíam da mesa." As orações após as refeições. Origem dos ágapes ("banquetes do amor"). S. Paulo sobre os abusos que aí se cometiam, etc.

TERCEIRA PARTE: COMO A MISSA ESTAVA PREFIGURADA NO CENÁCULO.

VII. HISTÓRIA DE MELQUISEDEC, DE SIÃO E DO CENÁCULO.

Quem foi Melquisedec? Diversas opiniões. Significado da palavra. Relatos atinentes a ele. Os judeus e os orientais em geral dizem que era Sem, o filho mais velho de Noé. Nemrod, inventor do paganismo. Tradições judaicas referentes a Adão. Por que o Calvário era chamado Gólgota. Melquisedec funda Jerusalém. O porquê da vocação de Abraão a sair de Ur. Por que Abraão deu o dízimo a Melquisedec. História de Sião, Cidade de Davi. Os tesouros que Davi acumulou para construir o Templo. Por que Herodes construiu o cenáculo. Por que se encerram relíquias dos Santos na pedra do altar. Por que os mortos são enterrados debaixo das igrejas. O cenáculo era da família de Cristo. A primeira catedral do mundo. A Liturgia de S. Tiago no cenáculo. História do cenáculo depois de Cristo. Sião no tempo presente e seus habitantes. Descrição da sala onde Cristo rezou a primeira Missa, etc.

VIII. OS SERVIÇOS SINAGOGAIS NO CENÁCULO.

Origem da sinagoga. Significado do vocábulo. As sinagogas da Palestina no tempo de Cristo. O edifício das sinagogas, que tinha como modelo o Templo, originou o vestíbulo, nave e santuário do edifício das igrejas.

Origem das caixas dos pobres e das pias de água benta. Por que o altar fica na extremidade leste da igreja. Por que as mulheres cobrem a cabeça dentro da igreja. Origem do púlpito. A língua do povo da Judeia no tempo de Cristo. Por que se reza a Missa em línguas mortas. Origem da lâmpada do santuário e dos assentos para o clero. A famosa sinagoga alexandrina. Os dois Messias em que os judeus acreditavam. O protótipo da grade de altar e do círio pascal. Onde os autores dos Evangelhos encontraram as genealogias de Cristo, e origem dos registros de batismo e de matrimônio. O *rabi*, e significado dessa denominação. Por que Cristo não começou a pregar antes dos trinta anos. Cristo chamado de *rabi* nos Evangelhos. Por que o sacerdote é chamado de "padre". Origem de "Rev.", "Revmo." e "Excia. Revma.". Como Cristo e seus seguidores percorreram a Judeia. Como os *rabis* instruíam seus seguidores. Jesus enquanto *rabi*. Os presbíteros ou anciãos na sinagoga. Origem do capítulo da catedral. O arquissinagogo. Origem da diocese e da paróquia. Os apóstolos da Igreja judaica antes de Cristo. Por que os apóstolos escolhiam sete diáconos. A formação de um *rabi* no tempo de Cristo. O ministério de porteiro na Igreja judaica. As coletas e os coletores da Igreja derivaram da sinagoga da época de Cristo. Como teve início a ordem dos exorcistas. As ordens menores prefiguradas. A música da Igreja. Como eram cantados os salmos no Templo e na sinagoga. Instrumentos musicais. Origem do coro da igreja. O canto acompanhado de música no Templo e na sinagoga. Os dois coros. Origem da música da Igreja. A arca no Templo e na sinagoga. Como Moisés escreveu os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. O rolo da Lei. Como se dava a leitura das Escrituras no tempo de Cristo. Por que os fiéis ficam sentados enquanto se lê a Epístola na Missa. Como os hebreus liam porções da Bíblia relativas à festa. Esse costume continuou na Igreja. Os homens que faziam a leitura das Escrituras. Por que beijamos o Evangelho depois de lê-lo. Por que sete ministros servem ao bispo quando este pontifica. Detalhes da leitura da Bíblia na antiga sinagoga. Como Cristo fez a leitura na sinagoga. Por que o sacerdote estende as mãos na Missa. As orações pelos mortos no tempo de Cristo. Testemunho de acatólicos. Crença judaica no purgatório. Legações deixadas pelos judeus por orações pelo repouso de suas almas. Origem das Missas de sétimo dia, de trigésimo dia e de aniversário da morte. Orações judaicas aos Santos no Céu. Orações *Kadish* pelo repouso das almas dos mortos. Uma cena nas ruas de Nova York. Orações judaicas pelo repouso das almas de seus amigos mortos na Rússia. "Deus tenha misericórdia de suas almas." A origem da Missa nupcial. Bênção da virgem, mas não da viúva, na Igreja hebreia, com as origens dos costumes matrimoniais. A Missa na era apostólica. Como os apóstolos fundaram dioceses, e nomes de alguns bispos que eles sagraram na Síria, etc.

IX. OS PARAMENTOS QUE CRISTO E OS APÓSTOLOS USARAM NO CENÁCULO.

Por que o clero usa paramentos litúrgicos durante as funções sacras da Igreja. Os sacerdotes em todas as épocas usaram vestes litúrgicas ao oferecer sacrifício. Deus revelou o material, o formato e as cores dos paramentos. Por que são feitos de linho e de seda. Origem do tecido de ouro. Os quatro paramentos do sacerdote e os oito do sumo sacerdote no Templo. O calção interno de linho, o cíngulo, a sotaina e a mitra. Origem do roquete do bispo. O racional, o *urim* e o *tumim*. Por que o bispo veste tantos paramentos. Descrição dos filactérios. Por que os apóstolos usavam uma fita de ouro na testa. Por que os Papas proibiram os filactérios. História da sandália e do sapato. Por que o bispo calça os sapatos antes de pontificar. Por que Deus mandou os sacerdotes do Templo usarem calção interno. Origem da sotaina e suas diversas cores. Origem da alva e da sobrecasaca. Por que se usam o amito e o cíngulo. A cinta e a cós. A túnica. Por que o bispo veste duas túnicas. Como o manto do profeta, usado por Cristo, tornou-se a casula e o pluvial. A planeta ou casula que Cristo vestiu na Última Ceia. Origem dos ornatos nos paramentos da Igreja. Por que os coroinhas e os ministros do altar seguram a borda da casula. Origem e história da estola e de suas franjas. Como os judeus faziam as franjas na estola. Origem dos artigos de devoção. Por que o amito é posto primeiro sobre a cabeça, para depois cair sobre os ombros. Como Cristo foi confirmado aos doze anos de idade no Templo. Origem do pálio e como era usado. Cristo usando pálio. O encólpio para o pluvial. Por que Cristo usou os paramentos púrpura de um bispo. Origem do turbante, que se desenvolveu na mitra e na coroa real. Por que o bispo remove a mitra antes de subir ao altar. Trajes que se usavam nas cortes inglesas. Por que o clero cobre a cabeça dentro da igreja. Origem do anel, das luvas e do báculo episcopais. S. Agostinho explica o mistério do cajado do profeta. Os apóstolos carregavam bastão. Cristo usou báculo?

QUARTA PARTE: COMO CRISTO E OS APÓSTOLOS REZARAM A PRIMEIRA MISSA.

X. COMO CRISTO E OS APÓSTOLOS SE PREPARARAM PARA A PRIMEIRA MISSA.

A data exata da Última Ceia. Os preparativos para a antiga páscoa. Quem estava obrigado a ir ao Templo? Cerca de três milhões iam a Jerusalém para a festa. Por que o cordeiro era escolhido no décimo dia do mês. A gruta onde Cristo ficou escondido à noite. Como eles preparavam o cordeiro. Os descontos que os cambistas davam aos sacerdotes. Por que

Cristo e os apóstolos jejuaram antes da páscoa. Por que nós jejuamos antes da Comunhão. A *parasceve* ("a preparação"). A vigília pascal no Templo. O que estava proibido antes da páscoa judaica. Como os judeus confessavam seus pecados no Templo. Por que batemos no peito na Confissão Geral durante a Missa. Cenas pitorescas no Templo na véspera da páscoa dos hebreus, com as orações recitadas por eles. Origem das ladainhas. Como o sumo sacerdote proferia as palavras de absolvição. Cristo absolveu os apóstolos? O poder de perdoar os pecados. Como os primeiros cristãos confessavam seus pecados. Por que o confessionário é chamado de tribunal. Origem da confissão no Sábado Santo. Como Cristo e seus apóstolos chegaram ao Templo na tarde da Quinta-Feira. Os salmos de peregrinação. Cenas no Templo repleto de judeus de todas as nações. As disputas acerca de Jesus de Nazaré. Os levitas com báculos de ouro e de prata. Cristo carregando o cordeiro entra com os apóstolos no átrio dos sacerdotes. Como o cordeiro era preparado para o sacrifício. Os pecados do "grupo" de judeus, postos no cordeiro. A vítima amarrada em forma de cruz e assim imolada. O coro dos levitas, com 500 membros, e o coro dos sacerdotes, de igual número. Como todos os adoradores no Templo ficavam voltados para o Calvário. Como o cordeiro era sacrificado. Os cálices de ouro e de prata recolhem o sangue, são passados em forma de cruz e assinalam as córnuas do altar com uma cruz de sangue. Como os salmos eram cantados no Templo. Como Cristo saiu do Templo carregando o corpo do cordeiro. A Igreja prefigurada nas glórias de Sião. "Onde queres que façamos os preparativos" para a páscoa? A grande ponte que levava do Templo até Sião. Pedro e João encontraram o homem que carregava a "água de preceito" para a páscoa. Por que o cenáculo foi entregue a Cristo para a primeira Missa. Origem de "A Paz seja convosco" (*Pax vobis*) e de "O Senhor esteja convosco" (*Dominus vobiscum*). Cristo chega ao cenáculo. Como eles crucificavam o cordeiro sem quebrar nenhum osso, e como o assavam suspenso na sua cruz. Como foram feitos os pães para a primeira Missa. A *harósset*, os divãs, as galhetas de vinho e de água, os ovos, carnes e alimentos. Como estava decorado o cenáculo. Origem das seis velas de cera de abelha em Missa solene. Orações pelo repouso das almas dos mortos. Uma ideia hebraica peculiar sobre Adão. A ablução pascal. "As duas vésperas", etc.

XI. AS CERIMÔNIAS E ORAÇÕES DA PRIMEIRA MISSA ATÉ O FIM DO PREFÁCIO.

O porteiro do Templo toca a trombeta. Origem do serviço de culto vespertino. Como eles soavam a trombeta no Templo. Cristo entra no cenáculo com seus seguidores. Oração que eles fizeram ao atravessar a porta. Origem da ordem seguida nas procissões da Igreja. O cerimonial

do Templo e da sinagoga no cenáculo. Cristo pontificou como bispo. A primeira Missa solene. Um bispo por igreja nos primeiros tempos. O profeta predisse a primeira Missa. Sentido de suas palavras hebraicas. O santuário do cenáculo. Origem dos degraus que sobem até a grade do altar. A Igreja judaica, esposa de Cristo. Origem dos sete ministros de uma Missa solene pontifical. Cristo enquanto *rabi*. Origem das orações que se rezam durante a paramentação. O Messias paramentando-se para a Última Ceia, prefigurado. O canto da assembleia na antiga páscoa. Um baile sagrado. O hábito talar púrpura do Senhor. Como eles deram início à Missa. As orações do começo. Eles batem no peito. Origem da Confissão Geral na Missa. Como eles incensaram a arca que continha os livros do Antigo Testamento. Como Cristo estendeu as mãos na Missa. Orações de profunda devoção. As dezoito bênçãos. Orações pela vinda do Messias. Por que o diácono põe os Evangelhos sobre o altar e recebe a benção do celebrante. Origem das cerimônias que precedem a leitura da Epístola e do Evangelho. Como era feita a leitura das Escrituras na Igreja hebraica. A *Meguilá* ou o Êxodo sobre a páscoa dos hebreus. O sermão de Cristo na sinagoga sobre a Presença Real. O *Credo* da Igreja judaica no tempo de Cristo. Por que o diácono estende o corporal sobre o altar durante o *Credo*. Como o cordeiro crucificado era posto sobre a mesa. O *Shemá*. Origem do Prefácio e do *Sanctus*. Por que no Ofertório o bispo, servido por seus ministros, sai de seu trono e sobe ao altar. Por que os discípulos deixaram o Senhor a sós com seus apóstolos no cenáculo para que estes continuassem a Missa, etc.

XII. AS ORAÇÕES E CERIMÔNIAS DO CÂNON DA PRIMEIRA MISSA.

Por que o bispo depõe o báculo e a mitra antes de subir ao altar. Como estavam dispostas as mesas na Última Ceia. O *triclinium* ("três leitos"). Origem do sacerdote assistente, do diácono e do subdiácono. Pedro, Tiago e João. O que eles representavam na Igreja. Por que a Missa era rezada de frente para o povo na Igreja primitiva. Origem dos assentos para o clero em nosso santuário. Como João conseguiu deitar a cabeça sobre o peito de Jesus. Por que Cristo empregou as palavras "Isto é meu Corpo". A manducação do cordeiro na Antiga Lei profetizava a do "Cordeiro de Deus" na Nova. A Comunhão, imagem da Encarnação. Sentidos místicos e proféticos da antiga páscoa. O grande Cálice que Cristo usou. A patena com as três hóstias. Origem da credência e das galhetas de vinho e de água. Por que os acólitos põem vinho e água no cálice para o celebrante durante a Missa. Origem do Cânon, e por que é recitado em voz baixa. O *Séder* da páscoa hebraica e significação de cada uma de suas seções. Por que o clero ao ser ordenado reza Missa junto com o bispo. Por que o celebrante se inclina sobre a mesa do altar

no início do Cânon e ao pronunciar as palavras da Consagração. Por que os Evangelhos não trazem os detalhes da Última Ceia. O Ritual da Última Ceia, fundamento das liturgias da Igreja. Orações quando do primeiro cálice de vinho. Por que o celebrante lava as mãos durante a Missa. A salsa. O "pão da aflição". Perguntas feitas por João, e respostas. A história de Abraão. A libertação dos hebreus da escravidão egípcia na páscoa simbolizava a libertação do mundo da escravidão do demônio. Como o Divino Filho libertou os hebreus. As pragas infligidas no Egito. O cordeiro pascal, prefigurador da Crucificação, e o pão e vinho, proféticos da Missa. O Pequeno *Halel*. As ervas amargas. Quem foi Hilel? A traição de Judas prenunciada. A Presença Real na Eucaristia. Fim da primeira ceia, orações de ação de graças. O lava-pés. Cristo sagra bispos os apóstolos. O rito de ordenação que ele seguiu. Como eram ordenados e consagrados o sumo sacerdote, o sacerdote, o *rabi*, o rei e o juiz. Por que três bispos sagram um bispo. Origem da sagração dos óleos santos na Quinta-Feira Santa. Os primeiros bispos da Igreja. Como o bispo e o sacerdote ligam Cristo. A traição. Advertências contra o orgulho e a vaidade. As três ordens essenciais à Igreja. Origem das ordens religiosas. Como a mesa era posta para a festa dos ázimos. O rito observado por Cristo ao distribuir a Comunhão. Por que o pão e o vinho são levantados, abaixados e oferecidos traçando uma cruz com eles na Missa. Por que o diácono toca a patena e o cálice. Como eram oferecidos os sacrifícios no Templo. Por que o celebrante estende as mãos sobre o pão e o vinho. Como o *aficomán* que Cristo consagrou ficou encoberto durante a Última Ceia. Pedro como sacerdote assistente e João como subdiácono, e o que eles representavam. Por que o subdiácono ergue a patena diante dos olhos dele em Missas solenes. Como Cristo incensou o pão e o vinho. Origem da incensação do clero nas Missas solenes. Belas orações da liturgia da Última Ceia. O Messias. Elias havia de preparar-lhe os caminhos. A taça de vinho na soleira da porta. Orações aos Santos no Antigo Testamento. Origem das orações por nossos amigos. O Pequeno *Halel*. Como Cristo e os apóstolos cantaram os Salmos. O *Hosana*, com a origem do vocábulo. Onde o pão e o vinho ficaram postos diante do Senhor. A Eucaristia na Última Ceia, prefigurada. A cerimônia antes da Consagração. Como Cristo consagrou o *aficomán*. As palavras da Consagração segundo a Liturgia de Pedro. Os cálices na Igreja primitiva. "O mistério da fé." Cada um dos apóstolos queria ser o cabeça da Igreja. O trono do bispo, prefigurado. A oração por Pedro. O Hino sacro que eles cantaram. As orações após a Comunhão. Dois belos Cânticos. Judas ficou até o fim da Ceia. Como o crime dele estava prenunciado no nome do lugar onde nasceu. A traição novamente predita. Por que Cristo deu a Judas o bocado de pão ensopado do amor e da amizade. Judas era sobrinho do sumo sacerdote José Caifás. O sermão no cenáculo, etc.

PREFÁCIO

As pessoas do mundo olham com maravilha para a Missa e muitas vezes indagam: “Qual o sentido dessa forma de culto divino? De onde vieram essas cerimônias? Por que se acendem velas durante o dia? Por que os sacerdotes vestem aqueles hábitos tão diferentes? Por que não celebram o serviço religioso numa língua que o povo consiga entender?”

O católico algumas vezes diz de si para si: “A Missa veio da Última Ceia. Mas Cristo ou os apóstolos rezaram Missa igual ao padre ou bispo de nosso tempo? Cristo naquela noite seguiu algum cerimonial litúrgico? Se seguiu, onde se encontra? Desde os primórdios a Igreja usou o Ordinário da Missa, mas não conhecemos sua origem.”

Muitas perguntas surgem na cabeça das pessoas, sem que encontrem qualquer resposta. Uma opinião comum mantém que Cristo rezou a primeira Missa na Última Ceia segundo uma forma breve de bênção e de oração, depois consagrou o pão e o vinho, distribuiu a Comunhão aos apóstolos e pregou o sermão que está no Evangelho de João. Quando os apóstolos rezavam Missa, eles recitavam alguns salmos, liam as Escrituras, pregavam um sermão, consagravam o pão e o vinho, recitavam o Pai-Nosso e então distribuíam a Comunhão. Na era apostólica, os santos adicionaram outras orações e cerimônias. Posteriormente, os Papas e concílios desenvolveram ainda mais os ritos, compuseram novas preces, e ao longo da idade média a Missa cresceu e se expandiu até se tornar a liturgia e o cerimonial elaborados de nossos dias.

Mas essas opiniões estão erradas. Desde o princípio a Missa foi rezada conforme um longo Ritual litúrgico e com cerimônias que diferem pouco das de nosso tempo. Nenhuma adição substancial foi feita depois da idade apostólica – o que os primeiros Papas fizeram foi de pouca monta: revisões e correções. Foram feitos poucos acréscimos ao Ordinário da Missa transmitido, como que de mão em mão, desde os dias de Pedro, fundador de nosso Rito latino.

Nenhuma cerimônia pagã jamais fez parte da Missa. Por intermédio dos varões santos do Antigo Testamento, o próprio Deus revelou as formas, ritos e cerimônias do culto divino, e todos estes foram combinados e recapitulados na Última Ceia. Mas o que foi essa Ceia? Os quatro Evangelhos mencionam o festim, mas não esmiúçam a questão. A Bíblia, os autores hebreus e as histórias daquele tempo nos informam de que, na noite em que foi traído, o Senhor celebrou com os Seus apóstolos a festa chamada pelos

hebreus de "*pessach*" (em inglês: "*Passover*", "passagem adiante"), mencionada cento e dezessete vezes na Sagrada Escritura como a "*paschah*", a páscoa, os ázimos, a festa do pão sem fermento, etc.

Todo judeu desde a juventude celebrava essa festa toda páscoa; mesmo os pagãos podiam ter aprendido sua história e significados, e os autores dos Evangelhos não julgaram apropriado encher seus escritos com os detalhes do festim. Mencionam somente as palavras, atos e incidentes da Última Ceia que não pertenciam propriamente à páscoa hebraica.

Em torno do cordeiro que prefigurava a Crucificação e do pão e vinho que eram proféticos da Missa, desde tempos imemoriais o Espírito Santo, por intermédio dos profetas, reunira uma longa série de cerimônias e grande número de objetos que recordavam a história do povo de Deus. A Consagração do pão e do vinho transformou essas formas, emblemas, tipos e sacramentais rodeados de sombras, contidos na religião hebreia, tornando-os na substância que haviam prefigurado tão admiravelmente. Os apóstolos, por isso, não viram nada de inusitado ou de estranho quando Cristo transformou a antiga páscoa na Missa.

Começaremos pela religião dos patriarcas, descreveremos o tabernáculo, o Templo judeu, seu cerimonial, narraremos a história da páscoa israelita, da festa dos ázimos e mostraremos como a Missa estava prefigurada na religião dos hebreus. Passaremos então para o cenáculo onde o Senhor celebrou a páscoa, descreveremos os serviços de culto sinagogais que eles exerceram antes da Ceia e os paramentos litúrgicos de que se revestiram naquela noite e forneceremos tradução do cerimonial ou liturgia da primeira Missa. Essa função religiosa pascal da Última Ceia foi a base das liturgias da Missa.

Mostraremos que as cerimônias que hoje se veem na Missa vieram dos ritos hebraicos que Deus instituiu por meio de Moisés e dos grandes homens do Antigo Testamento. Citaremos muitos escritores judeus e acatólicos, que não serão suspeitos de favorecer a Igreja. Não temos como citar isso tudo sem encher de notas este trabalho. Muitas traduções dos *Talmudes* mostrarão que o cordeiro, como tipo de Cristo, era sacrificado, durante essas longas eras de espera, pelos pecados dos oferentes, por seus amigos, pelos doentes, pelos ausentes e pelos mortos, assim como hoje Ele é oferecido em sacrifício na Missa.

Não foi possível encontrar obra em língua alguma que tratasse de maneira completa da Última Ceia, e o autor teve de se fiar em seus próprios recursos no que diz respeito à matéria e à forma. Um

assunto tão vasto estava cercado de muitas dificuldades, porque é árduo de apresentar ao leitor com exatidão pormenores, descrições e cenas de um mundo que desapareceu faz dois mil anos.

O autor estudou os escritores judeus de tempos antigos e modernos, esteve presente durante os ritos da sinagoga em diferentes cidades do mundo, consultou doutos rabinos, pesquisou em bibliotecas, leu as vidas de Cristo de autores famosos, viveu por semanas em Jerusalém, conversou com judeus palestinenses, esteve presente enquanto celebravam a páscoa em Sião, e os resultados de suas investigações são expostos ao público. Esperamos que este livro esclareça muitas questões que o laicado levanta, acerca da origem da Missa e de suas cerimônias.

Não sustentamos que todas as afirmações sejam absolutamente exatas, mas seu conjunto é aproximadamente a mais correta reprodução da primeira Missa de que somos capazes. "Homens de pouca estatura" talvez encontrem algumas coisas que criticar, teriam escrito de maneira diferente, mas esperamos que nossos humildes esforços atraiam corações humanos sinceros, aproximando-os no amor ao seu Salvador, quando virem como Ele instituiu o grande Sacrifício cristão.

PRIMEIRA PARTE.

COMO A MISSA ESTAVA PREFIGURADA NO TEMPLO.

I.— OS SINAIS, SÍMBOLOS E CERIMÔNIAS DA MISSA NO TEMPLO.

A IGREJA CATÓLICA, a compartimentação de seus edifícios de culto em vestíbulo, nave e santuário, seus ornamentos, paramentos e cerimonial derivaram do Templo judeu e da sinagoga do tempo de Cristo. O serviço pascal judaico teve como molde o culto praticado no Templo. Desse modo, a Última Ceia combinava em um único cerimonial o culto exercido pelos patriarcas, o tabernáculo, o Templo e a sinagoga, reunidos todos em uma festa e banquete chamada pelos hebreus de "*Péssach*" ("páscoa", "passagem"), que Cristo consumou e transformou na Missa. Vejamos então primeiramente o Templo, suas divisões, ritos, cerimônias e sacramentais, a fim de entendermos melhor as cerimônias que Cristo seguiu quando celebrou a primeira Missa.

Ensinar a verdade por meio de objetos visíveis é um instinto de nossa natureza. As palavras, quer faladas ou impressas, representam ideias; mas amamos expressar nossos pensamentos por meio de ações. Mesmo os animais simulam brigar, por brincadeira; com sua boneca, a menina exprime seu instinto materno; os meninos divertem-se com brinquedos; os homens falam de modo figurado, alegórico, em parábolas; o tom de voz, os matizes de sentido das palavras deixam transparecer ódio, raiva, medo ou tristeza, e o sorriso, a lágrima, o soluço revelam nossos sentimentos.

Gostamos imenso de assistir ao ator na peça representando, não a si próprio, mas algum famoso personagem. Por isso, antes dos albores da história o teatro já se encontrava nas terras civilizadas,

onde no palco tragédia, comédia e história se encenavam diante de plateias encantadas.

Deus fez uso desses instintos de representação para, por esse meio, prefigurar a futura Tragédia do Calvário e profetizar a Última Ceia e a Missa. Era a melhor maneira de instruir a humanidade naquela época em que os filhos de Adão eram ignorantes, quando a linguagem apenas se formara e eram rústicas as ideias, quando os livros não eram conhecidos e poucos sabiam ler ou escrever.

Diante dos portões do Éden foi revelado o Redentor, o Germe da mulher que havia de vir e esmagar o demônio-serpente que escravizara a humanidade. Mas como a revelação devia ser transmitida naquela idade da infância de nossa raça? Deus lançou mão desse instinto de representar de nossa natureza e contou a vida de Cristo profetizada no cerimonial do sacrifício, nos ritos do tabernáculo e nas cerimônias do Templo. Vejamos então primeiro o Templo e suas cerimônias, porque mais tarde os encontraremos na Última Ceia.

Para o judeu e o incrédulo, o Templo sempre foi um enigma, e eles escreveram livros sem conta para explicar seus mistérios. A Igreja Católica é a única que tem a chave que destrava os mistérios daquele labirinto de vasta e impressionante construção, com seu *Santo dos Santos*, *Santo*, átrio dos sacerdotes, átrio de Israel e átrio das mulheres; com o *chel*, o *chol* e os pórticos, alguns cobertos, outros com abertura para o céu; com seus diversos aposentos, cada qual, no tempo de Cristo, com seu próprio uso característico.

O maravilhoso edifício, com seus ritos e cerimônias, era um poema divino composto por Deus para revelar o presente, o passado e o futuro. No passado o judeu via Deus, seu Criador, a humanidade na inocência original, a tentação e a queda, a condenação em que incorreu nossa raça, a ferida mais profunda da mulher, a promessa do Germe da Mulher, os pecadores afogados quando o mundo foi batizado pelo Dilúvio, a vocação de Abraão, a benção concedida à sua raça, a revelação entregue aos hebreus, sua libertação da escravidão egípcia, o maná que foi o alimento deles por quarenta anos, sua preservação e batalhas milagrosas, o mundo todo mergulhado na mais sombria idolatria, a glória de seus Juízes e os esplendores de Davi e Salomão.

O Templo era o coração e alma da Igreja judaica, a única em que *Jehová* era adorado naqueles dias do mais profundo paganismo. No entanto, indo além e mergulhando fundo no futuro, a história do Templo e o culto nele praticado transportavam a mente deles até aos dias de Cristo, à Última Ceia, à sua morte atroz, ao Novo

Testamento, à Igreja Católica[1] com seu Pontífice, bispos, sacerdotes, sacramentos e suas milhões de almas redimidas.[2]

O Templo e seu vasto cerimonial formavam um livro escrito por dentro e por fora pela mão eterna de Deus, não com letras mortas e frias como escreve o homem, mas com sinais, símbolos, tipos e figuras repletos do calor da vida. Em meio à multiplicidade de emblemas do Templo, tomemos em consideração os que dizem respeito ao nosso assunto e leiamos as lições que nos ministra este Poema divino, esta poesia celestial, este drama do Calvário, transcendente sobre todos os demais — seu autor, Deus, ensinou aqui a futura morte do Filho Unigênito.[3]

O *Santo dos Santos* cerrado com véu representava o Paraíso fechado à raça humana por causa do pecado de nossos primeiros pais. O *Santo*, com suas paredes e altar de ouro resplandecente, prenunciava o edifício das igrejas — especialmente nosso santuário, com o altar no qual hoje se celebra a Missa. Os pátios com sacerdotes em função e vítimas sacrificadas prefiguravam os sacerdotes judaicos que, mais tarde, viriam a matar o Salvador.

Assim, as palavras do magnífico livro de Deus tinham dois sentidos: um, o que os objetos por si mesmos mostravam — este é o único que o judeu consegue enxergar hoje; o outro significava o Deus-Homem, a Igreja, o Sacrifício Eucarístico, e este o cristão pode enxergar com a fé. Os patriarcas, os profetas e os santos de Israel, cheios de fé no Messias predito, divisavam esse drama sacro do futuro e liam nas entrelinhas e atrás dos objetos a história da redenção do gênero humano; assim caminhavam na fé, na esperança e no amor d'Aquele que havia de nascer de sua raça. Desse modo os santos de antanho salvaram suas almas.

Tanto a edificação do cenáculo como a das igrejas foram calcadas no Templo. Vamos então olhar de relance para este grande edifício, famoso por toda a terra, visitado tão amiúde pelo Senhor e que, por sua vez, teve como modelo o tabernáculo.

O tabernáculo que Deus orientou Moisés a edificar enquanto errava pelos vastos desertos da Arábia ("a arenosa"), não deixando nenhum lugar de repouso permanente, representava a humanidade neste mundo de provações: cansada, exausta, sempre a desejar algo de mais elevado e de melhor.[4] O Templo que Salomão construiu para

---

[1] S. AGOSTINHO, *De civit. Dei*, L. XVIII, c. 48.

[2] S. AGOSTINHO, *In Epist. Joan. ad Parthos*, *Tracts* 11, n. 111.

[3] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, I-II, q. 102; S. AGOSTINHO, os PADRES, etc.

[4] S. AGOSTINHO, *Enar. in Psal.* XIV; S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, I-II, q. 102, a. 4 ad 2, etc.

substituir o tabernáculo, ficando permanentemente em Moriá ("*Jehová* provê") dentro da cidade de Jerusalém ("herança de paz"), era emblemático do Céu, onde, com a visão beatífica, nossas almas repousarão na eterna paz.

"Na sua construção, foi construído de pedras lavradas e totalmente prontas, de sorte que não se ouvia no templo o bater do martelo, nem do machado, nem de instrumento algum de ferro durante a sua construção."[1]

O Templo que Salomão ("o Pacífico") edificou era figura da Igreja universal,[2] que o Filho de Deus, o "Príncipe da Paz", edificou, ao passo que o tabernáculo representava a religião hebreia. Por isso, somente os hebreus construíram o tabernáculo, mas os sidônios e tírios pagãos ajudaram Salomão a erigir o Templo, para prefigurar que os convertidos do paganismo ajudariam Cristo e seus apóstolos a edificar a Igreja universal.

Deus revelou a Moisés o modelo do tabernáculo, e vieram do céu as plantas e os detalhes do Templo, sendo o Eterno mesmo o seu arquiteto, pois o Divino Filho projetou e fundou a Igreja Católica. "E Davi entregou a Salomão, seu filho, uma descrição do pórtico e do templo, e da sala do tesouro, e do andar superior, e dos aposentos interiores, e da casa do propiciatório. Todas essas coisas, disse ele, vieram-me escritas pela mão do Senhor, para eu entender as obras do projeto."[3]

Templo único do Senhor dos exércitos em meio a mil templos de deuses pagãos, repousando sobre o cimo do monte Moriá no interior da Cidade Santa — "visão da Jerusalém celeste" —, terraço sobre terraço, em espiral ascendente, circundavam o Templo no tempo de Cristo, dominando sobranceiro a cidade inteira exceto Sião, montanha esta mais alta, emblemática da Igreja e de seu Sacrifício Eucarístico.

Com o teto coberto de cedro e o interior esmeradamente entalhado, circundado pelos pórticos mais grandiosos jamais construídos, com suas paredes de mármore branco o Santuário sagrado dominava a cidade. Modelado com base no tabernáculo das errâncias pelo deserto, o Templo dividia-se em quatro partes — o *Santo dos Santos*, o *Santo*, os átrios dos hebreus e o átrio dos gentios —, cada qual com seus próprios sentidos simbólicos e

---

[1] III Reis VI, 7.
[2] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, I-II, q. 102, a. 4 ad 2.
[3] Ver I Par. XXII; XXVIII, 19.

proféticos, tendo sido este o Santuário sagrado que Cristo chamou de “a casa de meu Pai”[1].

O recinto interior do Santuário santo, chamado pelos autores judeus de “a casa de ouro”, tinha uma altura de sete andares, e 14 metros quadrados, todavia estava revestido por dentro e por fora de chapas do mais puro ouro, comprado com o dinheiro da venda de milhões de peles de cordeiros pascais. Cada chapa tinha cerca de 85 centímetros quadrados e a espessura de uma moeda grossa como as de 25 centavos de dólar. Não somente as paredes e laterais eram recobertas de ouro, mas até mesmo o teto, e este era eriçado com lanças de ouro de cerca de dez centímetros de comprimento, para evitar que pousassem as aves e o sujassem. Esta “casa de ouro” tinha sete andares, emblemáticos do número sagrado sete, da palavra em que os Evangelhos mais tarde foram escritos, e dos sete sacramentos.

No centro ficava um recinto de uns três metros quadrados, o *Santo dos Santos*, com paredes revestidas de chapas de ouro; era este o lugar de repouso do Espírito Santo no tabernáculo e no primeiro Templo. Visível ali, de dia como nuvem e à noite como fogo, Ele falou a Moisés e aos profetas e revelou-lhes o Antigo Testamento. Foi por eles chamado de *Shekiná*, “a Santa Presença”.

O *Santo dos Santos* era cerrado por um grande véu ou cortina, de nove metros por dezoito, tão espessa e pesada que eram precisos trezentos sacerdotes para pendurá-lo.[2] Era tecido de setenta e dois fios de linha, das cores branca, representando as águas do batismo; violeta, emblemática da penitência; vermelha, do sangue dos mártires; e verde, da inocência juvenil. O *Santo dos Santos* cerrado, morada do Espírito Santo, representava o Céu fechado pelo pecado de Adão a todos os membros das setenta e duas nações nascidas dos netos de Noé, a não ser que passem pelo batismo, pela penitência, pelo martírio ou pela inocência juvenil recuperada.[3] Josefo e outros autores judeus dizem que as cores simbolizavam a água, o céu, o fogo e a terra.[4] Essas cores se veem hoje nos paramentos litúrgicos da Igreja.

Uma vez por ano, no dia da expiação, o sumo sacerdote, tipificando Jesus Cristo em sua morte e ascensão, com as mãos pingando sangue das vítimas que tinha sacrificado no átrio dos sacerdotes, emblemático da Igreja judaica que matou Cristo, entrava

---

[1] João II, 16.

[2] EDERSHEIM, *Sketches*, p. 197.

[3] Ver S. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, L. XVI, c. 3, n. 2; c. 6, n. 3.

[4] *Antiguid. jud.*, III, VII, 7.

sozinho naquele lugar secreto, o santuário mais santo da terra, e ali aspergia o sangue, para prenunciar Cristo entrando no Céu e abrindo-o para a humanidade.

No centro do *Santo dos Santos* do tabernáculo e do Templo de Salomão ficava a Arca da Aliança, sinal do contrato[1] de Deus com os hebreus. Era uma caixa de madeira de acácia agradavelmente odorífica, a acácia da Arábia, de cerca de 90 centímetros de comprimento por 60 centímetros de largura e de altura, recoberta por dentro e por fora com chapas de ouro puríssimo. A tampa tinha suas bordas guarnecidas por um aro de ouro e constituía o "propiciatório de Deus", o propiciatório da *Shekiná*.[2] Essa arca era um emblema de Cristo no céu e na terra, inflamado pelo Espírito Santo, com seu fogo de amor impelindo-o a morrer pela raça humana.[3]

Numa taça de ouro, qual um cibório, estava preservado um pouco do maná milagroso que caiu do céu durante os quarenta anos de errâncias dos hebreus pela Arábia. Lembrava-os do alimento com que o Senhor tinha nutrido seus ancestrais, e prenunciava a Eucaristia, preservada no cibório sobre nossos altares, com a qual Cristo agora nutre as almas cristãs. Vejamos a história do maná, pois um dos bolos do pão da Última Ceia recebera dele o seu nome.

Enquanto estiveram vagando pelo deserto, cerca de sete mil quilos de maná caíam do céu por semana para alimentar os hebreus. Certa manhã, encontraram o solo coberto de grãozinhos, como uma geada, e, ao verem isso pela primeira vez, exclamaram em hebraico: "*Man-hu*?" ("O que é isto?"), donde derivou o nome de maná. Por quarenta anos Deus revigorou-os com este alimento milagroso, até entrarem na Terra Prometida, a fim de prefigurar a fortificação de nossas almas pela Eucaristia ao longo das errâncias desta vida.

Toda manhã, exceto no *shabat*, o solo via-se coberto de maná, que tinha de ser recolhido antes que o calor do sol o fizesse apodrecer; se uma família recolhesse mais que o necessário para seu sustento durante o dia, ele ficava repugnante; mas a dupla porção encontrada na manhã de sexta-feira, para esse dia e para o sábado, não se deteriorava. Faziam-se com maná bolos finos[4] como os da páscoa judaica e da Missa. O terceiro bolo que Cristo consagrou chamava-se *aficomán* ("maná celestial"). Um cibório de ouro

---

[1] S. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, liber X, 1.

[2] Uma explicação da *Shekiná* será vista perto do final deste capítulo.

[3] Ver S. AGOSTINHO, *De Genes. ad litteram*, IV, 17; *Enarratio in Psalm.* CXXXI; *Talmude* babilônico, *Yoma*, 107.

[4] *Talmude* babilônico, *Yoma*, p. 115.

cheio com o maná milagroso foi posto na arca para lembrá-los do milagre, e esse maná permaneceu incorrupto através das idades, até que o Templo de Salomão foi destruído; era figura típica da Eucaristia reservada em nossos altares.

Os orientais recolhem até hoje uma espécie de maná, que não têm as qualidades do da Escritura. Não é alimento, mas remédio purgante; não cai o ano todo, mas só de maio a agosto; só se encontra em pequenas quantidades; conserva-se por muito tempo sem apodrecer; não cai porção dupla às sextas-feiras; não cessa repentinamente, como fez o maná milagroso ao entrarem os hebreus na Palestina, quando eles começaram a arrecadar seu próprio alimento.

Burkhardt, que viajou amplamente pela Arábia em 1812, diz que "o maná hoje em dia se acha no solo, em cima das folhas, etc., tem de ser recolhido pela manhã, porque o sol o derrete, e só se encontra em tempo de estações úmidas, raramente com clima seco. Espremido através de um pano, passa-se no pão como manteiga ou mel, mas nunca serve para fazer bolos como o maná hebreu, e se conserva dentro de odres de couro por anos a fio." O médico árabe Avicena afirma: "O maná é coletado do tamarindo ou tamargueira (*Tamarix gallica*), é um orvalho que, caindo sobre rochas e arbustos, torna-se espesso como o mel e pode endurecer-se a ponto de ficar tal qual um cereal."

Na arca também estava o bastão florido de Aarão, a exprimir visivelmente o seu sacerdócio e pressagiando as Ordens Sacras na Igreja. Era um tipo profético do eterno Sacerdócio de Cristo a desabrochar nos bispos e sacerdotes de todas as eras. Além do bastão, ali estavam duas pequenas tábuas de pedra gravadas com os Dez Mandamentos, fundamentos da lei e da ordem em todas as terras civilizadas. Assim, o maná era representativo do alimento que sustenta a vida, o bastão simbolizava a sabedoria sacerdotal, e as duas tábuas da Lei eram emblemáticas da fé e moral — da crença e prática da futura religião do Crucificado. Conservavam-se ali para recordar aos hebreus a sabedoria, o poder e a bondade que Deus manifestou apartando-os do paganismo egípcio, alimentando-os no deserto e preservando-os na Terra Prometida.

Em cima do propiciatório de Deus, pairavam sobre a arca as grandes imagens de ouro dos querubins ("os firmemente aderidos" ou "os retidos com firmeza"). Representavam eles os mais elevados espíritos celestes, que apreendem e retêm as verdades puríssimas e altíssimas que, transbordando do Divino Filho, descem como um jorro adentrando sua inteligência, ao mesmo tempo que a vontade deles adere ao Bem de Deus Espírito Santo. Eles traziam à memória

dos hebreus os querubins que o Eterno colocou na frente dos portões do Paraíso depois do pecado original, "com a espada flamejante voltada para todas as direções, a fim de bloquear o caminho até a árvore da vida."[1]

Nas religiões antigas, eles derivam dos portões do Éden como a esfinge alada do Egito, as formas criaturais híbridas da Pérsia, os touros alados da Assíria e Babilônia, a quimera da Grécia, o grifo da Assíria, os grifos dos nórdicos, os grotescos emblemas da fábula e da heráldica. Ainda se veem estampados em moedas ou na escultura e na arte.

Ali, no meio das asas de ouro dos querubins, sobre o propiciatório repousava a *Shekiná*, a Presença visível do Espírito Santo — uma nuvem de dia, à noite um fogo —, que falou aos profetas, que entregou à humanidade o Antigo Testamento. Por que essas imagens de ouro eram postas no *Santo dos Santos*? Para figurar os milhões de espíritos supernos, em perpétua adoração ao Eterno no seu santuário celeste, e para prefigurar as imagens de Cristo, de sua Mãe, dos anjos e dos santos no santuário de nossas igrejas. Nenhum membro de nossa raça havia então no céu, pois este ficou fechado até Cristo abri-lo para nós, daí não haver ali nenhuma imagem de santo. O costume de colocar imagens, pinturas ou esculturas de Cristo nas igrejas é oriundo dos Apóstolos.[2]

Templo e igreja são imagens do céu, morada de Deus. "E eles me farão um santuário, e eu habitarei no meio deles."[3] Aqui o verbo "habitar" é em hebraico "*shekiná*". O maior profeta de Israel contemplou, em visão, o Senhor no Seu excelso trono eterno, sua corte de seres celestiais a encher o Templo celeste, enquanto os serafins ("os abrasados" de conhecimento e de amor), formando dois coros, cantavam o *triságio*: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos."[4] Essas palavras fizeram parte do serviço sinagogal cantado na Última Ceia, e são hoje parte do Prefácio da Missa. O Apóstolo amado contemplou, em visão apocalíptica[5], as quatro criaturas vivas que cantam a mesma coisa diante do trono do Eterno.

Contíguo a esse *Santo dos Santos* — santíssimo santuário da terra —, a leste ficava o *Santo*, chamado pelos judeus de "o lugar santo", prefigurando a futura Igreja universal, que o judeu ou

---

[1] Gên. III, 24. Ver S. AGOSTINHO, *Question. in Exod.*, L. II, 2, CV, etc.
[2] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, III, q. 25, a. 3 ad 4.
[3] Êxod. XXV, 8.
[4] Isaías VI, 1-4.
[5] Apoc. IV, 7.

o incrédulo não conseguem ver. Por isso ficava cerrado por um grande véu ou cortina, tecida com fios brancos, verdes, vermelhos e purpúreos, detrás do qual, duas vezes ao dia, entrava o sacerdote escalado para queimar incenso sobre o altar ali, a fim de profetizar Cristo em oração na sua Igreja.[1]

Havia treze véus no Templo, que deram origem aos véus que hoje cobrem os tabernáculos de nossas igrejas, detrás dos quais, no cibório, Jesus Cristo habita sob os véus ou espécies do pão, assim como, sob a forma de *Shekiná*, o Espírito Santo pairava sobre o propiciatório no Templo.

O *Santo* não só representava a Igreja universal, como também o santuário de nossas igrejas. Três coisas no *Santo* também prefiguravam tipicamente, de maneira ainda mais impressionante, aquilo que a vasilha de maná, o bastão de Aarão e as tábuas dos Dez Mandamentos representavam no *Santo dos Santos*.

No meio do *Santo* erguia-se o altar do incenso, que os judeus chamavam de "altar de ouro", porque era feito de puro ouro maciço, e para distingui-lo do grande altar dos holocaustos, que ficava do lado de fora, no meio do átrio dos sacerdotes. Aquele altar de ouro era imagem de Jesus Cristo. Às nove da manhã e às três da tarde, o sacerdote espalhava sobre esse altar carvões em brasa, como imagem da *Shekiná* incandescente no santuário interior. Sobre as brasas ele espargia incenso, cerimonial este que prefigurava Cristo, abrasado com o fogo do Espírito Santo, a oferecer as orações da Missa celebrada em nossos altares no nosso santuário por intermédio de seus ministros do clero. O altar em nossa Igreja simboliza Cristo, e por essa razão o altar é incensado nas funções solenes, tal como o altar de ouro do Templo.[2]

Animal nenhum era sacrificado sobre aquele altar de ouro, para prefigurar que na Igreja, sobre nossos altares, Cristo não é sacrificado de maneira dolorosa, cruenta ou violenta, mas misticamente no cerimonial da Missa. No dia da expiação, todavia, o sumo sacerdote tingia de vermelho, com o sangue dos sacrifícios, os quatro ângulos daquele altar e estendia sobre ele suas mãos pingando sangue, para prefigurar a cruz de Cristo, tingida de vermelho com o Seu sangue, e a fim de prenunciar que o sacrifício do Calvário e o da Missa são um só e idênticos.[3]

---

[1] Apoc. VIII, 3-4.

[2] S. AGOSTINHO, *Question. in Exod.*, L. II, Qu. CXXXIII et CXXXIV.

[3] Para uma descrição do altar do incenso, ver EDERSHEIM, *Temple*, 133, 134, 377; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 169, 170, 1301; VI, 446, 447, etc.

A norte do altar de ouro do *Santo*, à tua direita, ficava a mesa de ouro[1] com os doze pães da proposição, que os escritores judeus chamam de "o pão da Face", e doze frascos de vinho. Representavam as doze tribos de Israel, que Deus alimentou com maná no deserto. Prefiguravam o pão e vinho que repousam sobre nossa credência em uma Missa solene, mudados no Corpo e Sangue de Cristo, com que Ele agora alimenta as almas dos membros de sua Igreja. Só os sacerdotes do Templo podiam comer desse pão ou beber desse vinho junto com a carne, para profetizar que o clero da Igreja vive dos rendimentos dela. Em memória desses pães, nos ritos grego, russo e demais ritos orientais, eles partem a hóstia para a Missa em doze fatias, em honra dos doze Apóstolos, havendo ainda uma para João Batista, uma grande para a Virgem Santa e uma fatia ainda maior para o Sacrifício.

Os cristãos orientais constroem seus altares do mesmo formato e do mesmo tamanho que o altar de ouro do incenso que havia no *Santo*. Não permitem que coisa alguma fique sobre ele que não sejam os livros litúrgicos, nem mesmo velas. Assim, o *Santo* com seu altar no meio, a credência à tua direita e o grande candelabro à tua esquerda prefiguravam o altar, a mesa chamada credência e o castiçal com o círio pascal em nosso santuário.

O candelabro do Templo de Herodes, no tempo de Cristo, era de ouro maciço, pesava 45 quilos e tinha sido presenteado pela rainha Helena de Adiabene, da Assíria, uma convertida ao judaísmo.

A haste central do candelabro terminava num cálice de ouro, tendo a cada lado uma fileira ereta com três cálices de igual formato e tamanho, somando sete lâmpadas. A lâmpada central ardendo dia e noite ficava inclinada em direção ao *Santo dos Santos*. As outras eram sempre acesas a partir dela, o que, com cerimônia notável, prefigurava que embora a vida de Cristo fosse tirada, a sua Divindade vivia, e que ele havia de ressurgir do sepulcro.[2]

Este grande candelabro de ouro maciço, metal puríssimo oferecido somente a Deus, tinha um metro e oitenta centímetros de altura, a estatura de Cristo. Não podia ser modelado: era feito a golpes de martelo, para prefigurar a flagelação. Suas sete lâmpadas, diz Josefo, simbolizavam os sete planetas; prefiguravam, sem embargo, os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus infundidos em Cristo.[3]

---

[1] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1300; VI, 305.

[2] LIGHTFOOT, *Works*, II, 399.

[3] Isaías II, 2, 3; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ,* II, 168, 1018.

Enquanto as tábuas de pedra que continham gravados os Dez Mandamentos ficavam dentro da arca e figuravam Cristo repousando no Céu depois de instruir o gênero humano sobre a religião, o candelabro figurava-O como "a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo",[1] glorificado no Céu enquanto a sua Igreja difunde, com a pregação, a luz do seu Evangelho. As lâmpadas eram acesas toda manhã e apagadas à noite.[2]

Antes da Encarnação, escreveram os rabinos que as velas e luminárias do Templo e da páscoa hebraica, especialmente o grande candelabro com suas sete lâmpadas, prefiguravam o Messias, que havia de vir e alumiar para eles "a Grande Luz". Eles escreveram que ele era "o Senhor, nossa Justificação", "o Rebento", "o Consolador", "o Iluminador", "a Luz das nações", etc. Por essa razão, quando ele foi apresentado no Templo, Simeão tomou o Cristo Menino em seus braços e, cheio do Espírito Santo, prorrompeu na profecia e poesia inscritas neste candelabro:

> Agora deixa o teu servo partir,
> Ó Senhor, segundo a tua palavra, em paz;
> Porque os meus olhos viram a tua salvação,
> A qual preparaste
> Ante a face de todos os povos,
> Uma Luz para a revelação dos gentios,
> E para a Glória de teu povo, Israel.[3]

Foi por isso que João escreveu: "E a Vida era a Luz dos homens, e a Luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam."[4] O *Santo* era emblemático deste mundo, com Cristo abrasado com o fogo do Espírito Santo, irradiando aos homens a luz de seus ensinamentos, iluminando as almas com a fé e com a verdade celeste.

O *Santo* prefigurava o edifício das igrejas; no centro, ficava o altar de ouro, do qual, duas vezes por dia, evolava-se a fumaça do incenso subindo até diante do Senhor, assim como, de nosso altar, que fica no centro de nosso santuário, ascendem a liturgia da Missa e suas orações.

Cada um dos sete ramos do candelabro de ouro terminava em uma lâmpada de óleo de oliva, com pavio feito de vestes sacerdotais gastas; cerca de uma taça de vinho cheia de azeite era derramada

---

[1] João I, 9.

[2] MIGNE, *Cursus Completus, S. Scripturæ*, II, 168.

[3] Lucas II, 29-32.

[4] João I, 4-5. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 198-200.

em cada lâmpada, todos os dias, por um sacerdote escolhido por "sortes" para a função; as lâmpadas eram acesas a partir da lâmpada central, voltada para o *Santo dos Santos*; assim, esta representava o Messias, o Cristo — palavras em hebraico e grego que significam "o Ungido" — pelo Espírito Santo, que era representado pelo azeite; por conseguinte, o candelabro prefigurava Deus que se fez homem pelo Espírito de Deus iluminando o mundo, aclarando a inteligência dos homens com a luz de seus ensinamentos.

É este o significado de grande número de palavras e de figuras que se encontram no Antigo Testamento e no cerimonial do Templo. Muitas lâmpadas a óleo e centenas de velas de cera de abelha ardiam durante o culto no Templo; e, diante da *Torá* ("a Lei", os cinco primeiros livros do Antigo Testamento), no Templo e na sinagoga ficava dependurada uma lâmpada que jamais se apagava, e esta lâmpada perpétua e aquelas velas nos foram legadas na Igreja.

Qual foi o fim do candelabro de ouro? O do Templo de Salomão foi arrebatado para a Babilônia quando o primeiro Templo foi destruído, e nunca mais se teve notícia sua. O do Templo dos dias de Cristo foi arrastado para Roma depois que Tito tomou a cidade, no ano 70 d.C., e carregado com ostentação à frente do conquistador em sua entrada triunfante na Cidade Eterna.[1] Sua imagem ainda se vê no arco triunfal dele, com as caixas de incenso ainda de pé, na parte de cima do Foro romano.

O candelabro foi depositado no Templo romano da Paz. Diz um autor que foi jogado no Tibre, da ponte Mílvia, quando Maxêncio fugia de Constantino, mas outro relato afirma que foi arrebatado por Genserico, que o levou a Cartago no Ano do Senhor 455, e, reavido por Belisário, foi levado a Constantinopla em 533 e colocado numa igreja, mas desde então nunca mais se ouviu falar dele.

O grande candelabro de ouro do tabernáculo e do Templo, representando Cristo, ainda se vê em nossas igrejas[2] no castiçal com o círio pascal. É aceso com longa cerimônia no Sábado Santo e se usa durante Missas solenes até à Ascensão, quando é extinto depois do Evangelho para significar que, na Ascensão, Cristo terminou sua obra de ensinar a religião ao mundo.[3]

O candelabro que sustenta sete ou mais velas ardendo durante nossas funções litúrgicas foi copiado daquele famoso candelabro do Templo. As treze velas que se usam enquanto se canta o Ofício de

---

[1] JOSEFO, *Guerr. jud.*, VII, V, 5.

[2] Ver S. AGOSTINHO, *Sermo in cereo Paschali*; *Sermo* 182 *de Verb. Ap.* 1; *Joan.* 4, n. X; *Sermo* 317 *de S. Stephano*, IX.

[3] Ver S. AGOSTINHO, *Sermo* 338, n. 1.

Trevas, durante a Semana Santa, são apagadas ao cantarem-se os Salmos, ao passo que a vela mais alta é escondida atrás do altar para significar os profetas que os hebreus mataram, e a vela escondida por um instante e logo mostrada representa Cristo sepultado e ressuscitado de entre os mortos.

Toda sinagoga judaica tem um candelabro de sete ramos, que eles acendem durante as funções, para lembrá-los do grande candelabro do Templo. Mas não acendem o lume central do candelabro, e este arde com seis luzes somente. Parece singular, porque a luz central prefigurava o Messias, no cerimonial do Templo. O sacerdote escolhido a cada dia preparava e acendia o grande candelabro. O laicado judeu nunca entrava no *Santo* — somente um sacerdote, escolhido a cada dia, queimava o incenso sobre seu altar de ouro, protótipo do sacerdote que hoje oferece na Missa a oração de Cristo sobre o nosso altar.[1]

O candelabro que ilumina o *Santo* — emblemático de Cristo, Luz de sua Igreja — prefigurava também o bispo, luz de sua diocese.[2] Por isso o Pontífice coloca seu trono episcopal à tua esquerda, onde ficava o candelabro no *Santo* do Templo, e ali se assenta como "luz para a revelação dos gentios", a refletir a luz que brilha sobre ele do Trono do Pescador. O Filho de Deus mandou João, seu Apóstolo amado, escrever às sete Igrejas da Ásia que, se elas não fizessem penitência, Ele removeria seus candelabros — isto é, seus bispos. Vimos o triste estado daquelas cidades, hoje dominadas por muçulmanos fanáticos.

O sacerdote está posto como uma luz para a assembleia.[3]

Onde no *Santo* ficava o candelabro, no lado onde hoje se lê o Evangelho em nossas igrejas, ergue-se o púlpito donde é pregado o sermão. Oriundo da Igreja Católica, de que ele é ministro, o bispo desce à sua diocese trazendo consigo todas as luzes e glórias da Igreja universal. Oriundo da sociedade dos sacerdotes da diocese, o sacerdote desce à igreja trazendo consigo a Missa, a Bíblia, os sacramentos e riqueza de doutrina. Ele é, no ensino e no exemplo, como uma lâmpada para o povo, um candelabro com as sete lâmpadas do Espírito Santo, com seus septiformes dons de salvação para os membros da paróquia.

Dez candelabros de ouro, cada um com sete cálices de azeite de oliva também feitos de ouro formando cada qual uma lâmpada, serviam de divisória entre o átrio dos sacerdotes e o *Santo*. Estavam

---

[1] Ver S. AGOSTINHO, *Enar. in Psal.* CXXXVIII, 15; *in Psal.* CIX, n. 1.

[2] Ver S. AGOSTINHO, *Sermo* I, *De cereo Paschali.*

[3] Ver S. AGOSTINHO, *Enar.* IV, *in Psal.* CIII; *Sermo* IV, n. 2.

ligados um ao outro por correntes de ouro e formavam uma balaustrada para o santuário, como as cancelas de nosso santuário, a que deram origem. Essas lâmpadas eram acesas nas grandes festas hebraicas.

Assim era o Templo, no tempo de Cristo, que ele visitou tantas vezes: a "casa de seu Pai", onde ele tantas vezes rendeu culto ao vir para as festas de seu povo. Revestido de ouro nos lados de dentro e de fora das paredes e do teto, com todos os objetos do mais puro ouro maciço, ornado de objetos religiosos, o Templo era um emblema sacramental das glórias preditas da Igreja Católica. O Templo que Herodes levara quarenta e seis anos para construir era famoso por toda a terra, em virtude de seu culto, santidade, glórias e riquezas.

As pessoas do nosso tempo, quando o acúmulo de dinheiro virou mania, quando todo o objetivo desta vida é enriquecer, acham ruim serem chamadas a sustentar a religião e resmungam quando veem nossas igrejas ornadas com preciosos altares, estatuária e obras de arte. Que retornem em pensamento àquele tempo de Davi prestes a morrer, o qual, inspirado por Deus, preparou os meios para seu filho Salomão construir o Templo, e descobrirão que ele doou US$ 19.349.260 atuais, além de outros tesouros de valor quase idêntico, para erigir um edifício que nada mais era do que uma imagem de uma de nossas igrejas.[1]

Diretamente a leste do *Santo*, os três átrios — o dos sacerdotes, o de Israel e o das mulheres — formavam um grande átrio, dividido como já indicam os nomes. No centro do átrio dos sacerdotes, hoje chamado de *es-Sakhra* ("o rochedo", onde Abraão ofereceu em sacrifício seu filho Isaac), erguia-se o grande altar dos holocaustos, prefigurando o Calvário e sua Vítima, que os sacerdotes viriam a sacrificar naquela Sexta-Feira fatídica. Para prefigurar o Calvário com precisão ainda maior, esse altar era feito de pedras não trabalhadas, erigidas de modo a formar quatro paredes a céu aberto, sendo as pedras mantidas juntas por ligas de chumbo e o espaço interior preenchido com terra.

O altar tinha 4,60 metros de altura e 4,46 metros quadrados, as exatas dimensões do Calvário. Ocupava dois terraços, o primeiro de 4,46 metros quadrados, o seguinte de 3,35 metros quadrados; este último com um passadiço, que o sacerdote oficiante percorria. O topo tinha 2,80 metros quadrados e ardiam sobre ele três lumes. Ao sul havia um plano inclinado, de 14,60 metros de comprimento por 7,30 de largura, subindo até ao altar. Cada ângulo do altar tinha

---

[1] [I] Par. XXII, 14, etc.

uma “córnua” oca de bronze, que se erguia a uns 46 centímetros de altura, para prefigurar os braços da cruz. A do ângulo sudoeste tinha duas aberturas com funis de prata, dentro dos quais eles vertiam vinho e água na festa dos tabernáculos, prefigurando a Missa.[1]

Esse fogo perpétuo que descera do céu, nesses três lugares sobre o altar dos holocaustos, era imagem da *Shekiná*, em forma de fogo e de nuvem, sobre o propiciatório.[2] Um desses fogos era para queimar a carne dos animais, o outro era destinado ao incenso, e o terceiro, a acender os demais lumes caso se apagassem. A carne assada era removida todos os dias; o pão e vinho, entretanto, no sábado eram tirados do *Santo* e postos numa mesa para os sacerdotes comerem e beberem. A norte do altar ficavam os sacerdotes que chegavam, escolhidos por “sortes”, e ao sul ficavam os clérigos que estavam de saída, que haviam terminado os seus encargos por aquela semana e pegavam então as suas porções de pão e de vinho; no centro ficava o sumo sacerdote, e, à medida que passavam os sacerdotes que saíam, davam-lhe metade de sua porção do pão da proposição. O pão podia ser comido, e o vinho sacro bebido, somente no sábado, por sacerdotes em estado de pureza levítica, para prefigurar que só devem tomar a Comunhão os sacerdotes isentos de pecado mortal.

Uma linha vermelha passava em torno do meio do altar; acima dela era jogado o sangue das vítimas destinadas a servir de alimento, e abaixo, o sangue dos holocaustos “inteiramente consumidos”.[3]

A norte do altar erguiam-se seis longas fileiras de colunas de pedra, cada qual com cerca de 2,75 metros, tendo perto do topo quatro argolas a que eles atavam as carcaças das vítimas enquanto removiam as peles. Havia por perto oito colunas mais baixas, de pedra, com ganchos nos quais eles penduravam as peças de carne imolada. Havia ali ao lado uma mesa de mármore, para arranjar as peças; uma mesa de ouro, para pôr os recipientes sacrificais depois do sacrifício; e outra mesa, de prata, sobre a qual punham as vítimas antes das funções.

O lugar do Templo que descrevemos, chamado *chel* (“o lugar sagrado”), era rodeado pelo *chol* (“o lugar profano”). Neste último os gentios podiam prestar culto; mas estavam proibidos de entrar mais além, sob pena de morte. Tabuletas de bronze em grego, latim e hebraico na balaustrada de mármore circundante, algumas delas encontradas nas ruínas em nossos dias, avisavam-nos da pena por

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, 32-33.

[2] [II] Macab. I, 22.

[3] EDERSHEIM, *Temple*, 33; *Talmude*, etc.

adentrarem mais adiante. Esse "lugar profano" representava as nações pagãs, que ainda não tinham sido chamadas à Igreja enquanto não foram pregar para elas os Apóstolos. Esta é a razão pela qual toda igreja católica tem um vestíbulo, representando os pagãos e os infiéis.

Vejamos agora a origem e história desses sacrifícios da Igreja judaica. A grandiosa liturgia do Templo e os sacrifícios dos pátios hebraicos findaram, pois o Sacrifício da Cruz, que prefiguravam, realizou-se; já o sacrifício e o cerimonial do Santo, prefiguradores da Missa, continuam até hoje no Sacrifício Eucarístico. Quando Deus condenou nossos primeiros pais pelo pecado deles, Ele predisse que da mulher nasceria um Personagem que esmagaria a cabeça da serpente.[1] Foi então revelada uma pessoa mais poderosa que o demônio; o Germe de uma virgem, não se menciona um pai; o sofrimento está na predição de que seu calcanhar seria magoado, e a vitória, nas palavras de que ele esmagaria a cabeça da serpente.[2]

Todavia, eram necessárias eras de instrução e de revelação, para que a humanidade entendesse a Cruz e a Missa. Quando o mundo era jovem, os patriarcas, sob orientação divina, formaram a antiga páscoa, desenvolvendo ritos místicos que Moisés fez desabrocharem no cerimonial do tabernáculo, que Davi e Salomão incrementaram nas funções do Templo, que os judeus introduziram na sinagoga, e a todos estes Cristo cumpriu, rematou e transformou no Sacrifício Eucarístico da Última Ceia.

Nessas cerimônias e profecias, os detalhes mais minuciosos da Encarnação, da vida de Cristo, da história de seus sofrimentos e morte foram escritos pelo dedo de Deus, para que os Apóstolos o conhecessem e para que as nações entrassem na sua Igreja.

Na infância de nossa raça, Deus instruiu nossos pais como se ensina a uma criança. Eram poucas as palavras, a escrita não era conhecida; mas as verdades religiosas se podiam ver nos objetos ao redor.

Se Deus revelou a natureza do sacrifício a Adão, ou se este a conheceu no seu estado de inocência, não sabemos. Mas na infância de nossa raça eles ofereciam a Deus, a quem tudo pertence, animais e primícias dos frutos da terra como sacrifícios em lugar de suas próprias vidas. O pai-sacerdote podia contar aos seus filhos a história da criação, da queda no pecado original, do Germe da mulher que fora predito viria e restauraria a humanidade na inocência que tinha sido perdida no Éden, mas as palavras logo se esqueceriam.

---

[1] Gên. III, 15.
[2] EDERSHEIM, *Temple*, 97.

O pai escolhia um cordeiro como sacrifício principal, representativo do Redentor em sua paixão e morte,[1] para que a delicada inocência e pureza do animal prefigurassem o mesmo em Cristo. Por onde, nas páginas do Antigo Testamento e nos sacrifícios do Templo, o cordeiro imolado de manhã e de tarde era o sacrifício principal — todos os demais eram somente suplementares.

Que cena mais impressionante, que tipo mais profético poderia ter sido dado do que o jovem cordeiro imaculado, mudo, escolhido do rebanho e condenado a morrer? O pai, chefe e sacerdote da família, conduz a vítima ao altar, enquanto ao seu redor reúnem-se em oração a esposa, os filhos e os criados. Os pés da vítima estão atados, ela é jogada ao chão, sua garganta é cortada, seu sangue quente jorra, sua pele é removida, seu corpo assado no fogo, sua carne é consumida enquanto a labareda e as orações sobem para diante do Senhor. Ali estava uma profecia da prisão, flagelação e crucificação de Cristo.[2] Era um poema sagrado, escrito não com palavras frias, mas pelo Espírito Santo, em atos, sinais, símbolos e movimentos místicos, ensinando, com cerimônia impressionante, a verdade às mentes humanas, quando o mundo era jovem.

Mas as pessoas dizem: quem eram esses tais filhos e filhas de Adão? Porque a Bíblia só menciona seus dois filhos homens, Caim e Abel. Contam-nos autores judeus que trinta e duas vezes Eva deu à luz gêmeos: um menino e uma menina por parto, e que os gêmeos se casavam entre si. O nome de somente dois deles é citado, por sua relação com Cristo. Dizem eles que Caim ("aquisição") casou-se com sua irmã gêmea Rifa ("a errante", "a perambulante"),[3] e que Abel ("de partida"), nascido sem irmã, jamais se casou. Essas afirmações dos autores judeus devem ser tomadas com muita precaução, mas citamo-las deixando que julgue por si mesmo o leitor.

Com que frequência Adão e seus filhos faziam sacrifícios, não sabemos.[4] Todavia, no ano 129 ou 130 depois do pecado original, afirmam as Santas Letras que Abel, que era pastor, ofereceu em sacrifício os primogênitos de seus rebanhos, os cordeiros, porque era liberal e generoso com seu Criador. Caim, fazendeiro, era retraído e sovina, e, amando as coisas do mundo, ofereceu os mais pobres e imprestáveis dentre os produtos de sua fazenda. Por essas razões, Deus recebeu os sacrifícios de Abel e rejeitou os de Caim.

---

[1] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, III, q. 23.

[2] S. AGOSTINHO, *Sermo* XXXI *de Pasch.* 1 11, 111; XXXII, etc.

[3] DUTRIPON, *Concordantia S. Scripturæ*, verbete "Caim", que cita S. Crisóstomo.

[4] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, II-II, q. 85, a. 1 ad 2.

A inveja, a paixão mais feroz, humana ou demoníaca, emergiu na alma de Caim, e ele matou seu irmão. Os escritores talmúdicos dizem que ele, cheio de frenesi, retalhou o irmão por todo lado, cobrindo-o de feridas, tentando em sua ignorância fazer um buraco pelo qual a alma saísse do corpo dele.

Abel, sacerdote inocente a jazer morto, coberto de chagas após seu sacrifício, era imagem de Cristo[1] morto depois de seu sacrifício na cruz, todo ferido pelos açoites. Condenado pelo assassínio de seu irmão, Caim saiu em errância pelo mundo juntamente com Rifa, sua esposa, com um sinal sobre si para que não o matassem seus irmãos.[2]

Por terem matado seu irmão, Cristo, os hebreus têm sido um povo desterrado, que vive em cidades, devotado ao comércio, sem jamais lavrar a terra, porque a terra não lhes cede facilmente seus produtos. Evitados por todos, erram em meio às nações com um sinal sobre si: "É um judeu". Agora cumprem a profecia que Deus proferiu no caso de seu afamado protótipo, Caim.[3]

"A voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim. Por conseguinte, serás maldito sobre a terra, que abriu a boca para receber da tua mão o sangue de teu irmão. Ainda que a cultives, ela não te cederá facilmente os seus frutos; serás vagabundo e fugitivo sobre a terra... E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse ninguém que o encontrasse. E Caim se retirou de diante da face do Senhor e ficou-se pela terra, fugitivo e errante"[4]. O nome e a história dos outros sessenta e dois filhos de Adão não se mencionam, por não se referirem a Cristo.

Foi revelado o sacrifício para reconhecer a Deus como Criador e Senhor da vida e da morte, para recordar as bênçãos dadas aos antepassados deles, para excitar sua devoção, para resguardar da idolatria o povo e para prefigurar o futuro sacrifício de Cristo. Seu sentido histórico era a criação; seu sentido literal, o culto de adoração a Deus; e seu sentido típico, a morte de Cristo.[5]

Toda oferta sacrifical da religião hebraica prefigurava o Calvário e o Sacrifício Eucarístico, como afirma S. Paulo: "Todo sacerdote se apresenta diariamente oficiando o mesmo sacrifício, que nunca pode tirar os pecados; já ele, Cristo, oferecendo um

---

[1] S. AGOSTINHO, *De civit. Dei*, L. XV, c. VII; L. XVIII, XVII.

[2] S. AGOSTINHO, *Contra Faustum*, L. XII, n. IX, X, etc.

[3] S. AGOSTINHO, *Enar. in Ps.* XXXIX, n. XIII; *Ps.* LVIII; *Ser.* II, n. XXI; *Ps.* LXXXII, n. XXII; *De civitate Dei*, L. XV, c. XIII.

[4] Gên. IV, 10-16.

[5] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1329-1346, etc.

sacrifício único, está sentado para sempre à mão direita de Deus”[1]. “Cristo era oferecido em sacrifício como um cordeiro, para mostrar sua inocência; como um bezerro, em virtude dos méritos de sua cruz; como um carneiro, para prefigurar seu domínio, autoridade e governo; como um bode, porque carregou nossos pecados; como um pombo e uma rolinha, por causa de suas duas naturezas, ou como um pombo em virtude da pureza, e uma rolinha por seu amor aos homens.”

O cordeiro e o pão com vinho foram oferecidos em sacrifício desde os tempos mais remotos, todas as demais oferendas sendo secundárias — o primeiro prefigurava a Crucificação, e os outros dois, a Eucaristia; sempre estiveram intercalados, mesclados em cerimônia mística, prefigurando o sacrifício único de Cristo: do Calvário e da Missa, que formam não dois, mas um único ato de culto divino. Antes de ele vir, prefiguravam sua vinda futura; depois que ele veio, o Sacrifício Eucarístico aponta de volta para ele. Precedeu-o o majestoso cerimonial sacrifical praticado no culto patriarcal, do tabernáculo e do Templo, revelando que num tempo futuro ele viria para realizar o que estes significavam. Outro cerimonial mais magnífico ainda, a liturgia da Igreja, proveniente da Última Ceia, mostra que Ele veio. Um apontava para o futuro, o outro para o passado, para a Tragédia do Calvário. Vejamos o que é um sacrifício.

A palavra vem da expressão latina *sacra faciens*: “fazer uma ação santa”. Em sentido amplo, todo e qualquer ato religioso, como a oração, a renúncia, o sofrimento por Deus, por nós mesmos ou pelos outros é um sacrifício. Em sentido estrito, porém, sacrifício é a destruição de uma coisa sensível estimada, que um sacerdote oferece a Deus em adoração, para exprimir visivelmente o Seu poder onipotente. É o mais elevado ato de adoração, e só pode ser oferecido à divindade. A razão prescreve o culto de adoração a Deus, mas não diz a que tempos, em que lugar ou com que cerimônias — somente a revelação podia determinar essas coisas.[2]

Abraão, Isaac e Jacó ergueram altares e ofereceram sacrifícios com o pão e vinho do culto pascal. Jacó e seus filhos desceram para o Egito, tornaram-se escravos na terra do Nilo, ali habitaram até que Deus, em forma de *Shekiná*, chamou Moisés da sarça ardente para ser o libertador deles. Por quarenta anos conduziu-os através dos vastos desertos da Arábia, “a arenosa”. Em meio ao terrificante

---

[1] Hebreus X, 11, 12.

[2] Ver GOLDHAGEN, *De Religione Hebræorum Dissert.*, Prop. III; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1041-1348; VI, 609; XII, 177-181, etc.

trovejar e relampejar do Sinai, enquanto tremia a terra e a *Shekiná* cobria o monte, Deus entregou os Dez Mandamentos, alicerces de todas as leis dos países civilizados. O Senhor desenvolveu nessa ocasião a páscoa patriarcal, tornando-a no elaborado cerimonial do tabernáculo e da religião hebraica.

O tabernáculo e seu cerimonial derivaram do próprio Deus. "E eles me farão um santuário, e eu habitarei" — no original, é "*shekiná*" — "no meio deles, conforme em tudo ao modelo do tabernáculo, que eu te mostrarei"[1].

Até que chegassem os dias de Moisés, sacerdote era o pai, que oferecia sacrifícios pela família. Por conseguinte, nos tempos patriarcais, os pais, os chefes das tribos, os príncipes e os reis, venerados, temidos e amados por seus subordinados, ofereciam sacrifícios de maneira que sua personalidade incitasse à reverência, à devoção e à religião os que lhes estavam subordinados. Destarte os monumentos da Assíria, da Pérsia e das nações antigas nos mostram os reis-sacerdotes trajando vestes sacerdotais a oferecer sacrifícios pelas nações que governavam.

No entanto, quando os hebreus se tornaram uma nação, um corpo sacerdotal mais especial, da família de Aarão ("o ilustrado"), e ministros descendentes de Levi ("unido"), foram escolhidos para oferecer os sacrifícios da nação hebreia, porque estes mais tarde haviam de matar o Cristo predito.[2]

Só eram sacrificados animais de espécie "pura", como a ovelha, a vaca e o bode, com aves, não mais novos que oito dias, nem mais velhos que três anos, e sem defeito; sendo rejeitados os animais doentes, castrados, coxos, cegos, etc., porque se tratava de prefigurar seu grande Antítipo, o Cristo sem pecado, sacrificado no auge de sua afável e mansa juventude.

Dia após dia, às nove da manhã e às três da tarde, o sacrifício principal era um cordeiro[3] oferecido com santa salmodia, cânticos e orações entoados por um coro de quinhentos sacerdotes e outro coro de levitas — um cerimonial esplendoroso, imagem de uma Missa solene pontifical. O sumo sacerdote pontificava, ajudado pelo *segan* como sacerdote assistente, junto de doze sacerdotes, seis de cada lado do pontífice descendente de Aarão, tal como o bispo ou o Papa

---

[1] Êxod. XXV, 8, 9.

[2] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 845-847, etc. Ver S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, I-II, q. 102-4; III, 983, etc.

[3] S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, III, q. 22, aa. 3, 5, etc.

em nossos dias. Eles se revestiam das mais ricas e esplêndidas vestes litúrgicas que o mundo pudesse prover.[1]

Nas grandes festas, depois do sacrifício do cordeiro, imolavam-se animais sem conta, e o sangue de cada um deles era esparramado nas quatro "córnuas" do altar-mor. O Templo era um vasto matadouro, um grande abatedouro de vítimas inocentes, para manifestar em forma de sombra uma antevisão dos padecimentos horríveis e tremendos da Vítima do Calvário. O sangue era entornado na base do altar e escorria por uma passagem subterrânea, descendo até o Cedron ("o vale escuro", "túrbido"), que recebeu esse nome por causa do sangue.

Enquanto os sacrifícios sangrentos prefiguravam a Crucificação, as oferendas incruentas, chamadas pelos judeus de "oferendas de bebida e de farinha", apontavam para a Missa, na qual, de maneira incruenta, do levante até o pôr do sol Ele é hoje oferecido em sacrifício entre as nações. Trigo, cevada, farinha, cálices de vinho e bolos de pão sem fermento — os ázimos ("finos") — eram oferecidos em oblação juntamente com cada sacrifício.

Para conduzir os animais ao sacrifício, os guardas do Templo, tendo à frente sacerdotes, saíam pela porta das Ovelhas e desciam, adentrando o vale do Cedron, tal como saíram naquela noite fatídica, com Judas à frente, quando prenderam Cristo. Com dinheiro do tesouro do Templo eles compravam as vítimas, assim como deram desse dinheiro a Judas. Os sumos sacerdotes haviam estendido uma ponte, que atravessava a torrente do Cedron perto do Getsêmani, e através dessa ponte levavam amarradas e constrangidas todas as vítimas, tal como levaram Cristo amarrado, na noite de sua prisão. Eles levavam os animais aos sacerdotes, como mais tarde levaram o Senhor.

Eles conduziam os animais Templo adentro, até o norte do grande altar dos holocaustos.[2] O judeu via no norte, escuro e frio, uma figura de Lúcifer, que enganara Adão e mergulhara as nações na incredulidade e no paganismo. Eles sacrificavam as vítimas em direção ao norte, como em contraposição ao demônio e ao pecado que habitam no mundo. Na Missa, quando o altar fica na extremidade leste da igreja, o Evangelho se lê em direção ao norte, como em contraposição ao demônio da infidelidade.

Eles lavavam o animal, para prefigurar o banho da páscoa judaica tomado como ablução por Cristo e seus Apóstolos. Eles derramavam sobre ele perfume, para tipificar o odor das boas obras,

---

[1] EDERSHEIM, *Temple, passim.*

[2] EDERSHEIM, *Temple*, 84, 85.

das palavras e dos milagres do Deus-homem. Com a corda eles prendiam a pata dianteira direita à pata traseira esquerda, e a pata dianteira esquerda à pata traseira direita, de maneira que a corda formava uma cruz, emblemática de Cristo preso à sua cruz.

O pão e vinho da Missa são cada qual primeiro levantados, oferecidos ao Pai Eterno, abaixados, movidos traçando uma cruz e então depositados sobre o altar. Isso deriva do Templo e da Última Ceia. Para prefigurar o Crucificado, todo sacrifício no Templo eles erguiam e ofereciam a Deus, segurando-o na altura de suas cabeças, ação esta chamada *terumah*; então abaixavam-no e o "agitavam" para o norte, sul, leste e oeste, sendo isto a *tenufah*; desse modo, prefiguravam Cristo sendo alçado ao ar na sua cruz, e seu corpo morto sendo baixado dali para o sepultamento. Escrevem os rabinos que essas ações significam que os sacrifícios eram oferecidos pelas nações que vivem nos quatro cantos do mundo.[1]

Dez classes de sacrifícios formavam assim uma cruz antes de serem imolados no Templo. O pão e vinho eram ofertados na páscoa judaica com a mesma idêntica cerimônia que o pão e vinho na Missa de nossos dias. Os animais que iam ser sacrificados eram ofertados com uma cruz, já o pão e vinho não eram ofertados no Templo com o mesmo cerimonial, porque os animais prefiguravam os sofrimentos d'Ele, e o pão e vinho eram então tipo profético da Missa, na qual não há imolação d'Ele de forma cruel e cruenta, mas significada misticamente como memorial da Crucificação. Os sacrifícios pelo pecado eram sacrificados com uma cruz, mas não eram oferecidos a Deus no Templo, porque Deus não recebia o pecado juntamente com as vítimas sacrificadas. O que vem a seguir, chamado *menakhot* ("oferendas") pelos judeus, explicará o que queremos dizer:

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Temple*, *passim.*

A MESA DAS *MENAKHOT* (OFERENDAS).

Feixe de cevada pascal		Elevados, abaixados, e formavam uma cruz.
Animais vivos		" " "
Farinha de cevada do ciúme		Elevados, abaixados, mas não formavam cruz.
Libações de vinho		" " "
Pão da proposição		" " "
Quartilho (*log*) de óleo do leproso	eram	" " "
Pão de Pentecostes		" " "
Sacrifícios pelo pecado		Ofertados, mas não formavam cruz.
Bolo ázimo (não levedado)		" " "
Os cinco sacrifícios voluntários		" " "
Sacrifício de iniciação		" " "

O sumo sacerdote com seu assistente, o *segan*, à sua direita, e os doze sacerdotes, todos revestidos de magníficos paramentos sacerdotais de tecido de ouro e bordados nas quatro cores do santuário, estendiam as mãos entre os chifres do animal,[1] com os polegares cruzados e as palmas das mãos para baixo, e punham seus pecados e os pecados de todo o povo no animal, assim como os pecados do mundo todo foram postos sobre Cristo, e então faziam uma oração, que citaremos quando formos descrever a cerimônia com que Cristo e seus Apóstolos ofereceram o cordeiro pascal em sacrifício, no dia anterior à morte d'Ele.[2]

Duas longas fileiras de sacerdotes paramentados ficam de pé entre a vítima, uma fileira com cálices de ouro, a outra com cálices de prata nas mãos, prontos a receber o sangue. A vítima é degolada, e o sangue, recolhido nos cálices e passado adiante por cada fileira cruzando-se os braços em forma de cruz, é salpicado sobre as quatro córnuas do altar, assinalando cada uma delas com uma cruz de sangue.[3] Um coro de 500 sacerdotes, e outro, de igual número, de levitas, aquele circundando o grande altar e estoutro de pé sobre os degraus da porta de Nicanor, cantam os Salmos. O culto celebrado no Templo às nove da manhã e às três da tarde era uma imagem

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, p. 87.
[2] Núm. XXVIII, 18-28; Levít. IV, 15, 16-21; II Par. XXIX, 23, etc.
[3] EDERSHEIM, *Temple*, p. 90.

impressionante da Missa solene pontifical. Vamos descrevê-lo com maiores detalhes mais adiante, quando chegarmos à cerimônia da imolação do cordeiro pascal que Cristo trouxe ao Templo.

Através dos tempos, desde os dias de Salomão, milhões de pessoas adoraram ao Deus de seus ancestrais nos átrios do Templo, de costas para o oriente, porque era voltados para o oriente que os pagãos adoravam o sol levante, a luz e as estrelas. Como protesto contra a idolatria, os israelitas ficavam de frente para o ocidente quando se voltavam para o altar e para o *Santo dos Santos*.[1] Mantendo as mãos estendidas, eles punham seus pecados sobre as vítimas, sacrificando-as como imagens de uma Vítima futura, pela qual rezavam viesse e cumprisse esses tipos proféticos. Uma linha traçada atravessando o centro do Templo, passando pelo centro do altar e do *Santo dos Santos*, para os quais eles tinham o rosto voltado na expectativa da Vítima futura, e continuada por cerca de 300 metros, cruzava o centro do Calvário. Destarte, todas as cerimônias e vítimas tinham a face voltada para a Cruz com seu Padecente a expirar em agonia.

Eles não entenderam a razão pela qual Deus escolheu este lugar para o santuário. *Rabi* Moisés diz que era para que os gentios não construíssem ali um templo pagão, para que não destruíssem o santuário ou para que não sucedesse de cada tribo hebreia ter seu próprio local de culto. Por isso, eles não tiveram Templo enquanto não foi escolhido um rei, que pudesse dirimir as disputas em torno do local do culto divino.

Afirmam os autores judeus que não havia perdão sem sangue, de modo que o oferente, pondo as mãos sobre a cabeça da vítima, mostrava que punha os seus pecados no animal; que este animal carregava os pecados do oferente e os do povo; que os que o tocassem, tocavam o pecado, e era por isso, diz Maimônides, que ficavam impuros. Os pecados não eram perdoados, mas "acobertados", até que viesse o Messias. Citemos algumas das palavras dos autores hebreus.[2]

"Falando propriamente, o sangue do pecador devia ter sido derramado, e seu corpo, queimado como os dos sacrifícios. Mas o Santo, bendito seja Ele, aceitava nossos sacrifícios como redenção e reparação por nós. Olhai toda a mercê que *Jehová*, bendito seja Ele, manifestava com o homem. Em sua compaixão e na plenitude de sua graça, ele aceitava a vida do animal no lugar da alma do homem."

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, p. 127.
[2] EDERSHEIM, *Temple*, 92.

"Enquanto o altar e o santuário ainda estavam em seu lugar, nós éramos remidos pelos bodes designados por sortes. Agora, porém, se por nossa culpa apraz a *Jehová* destruir-nos, ele não aceita de nossas mãos nem sacrifícios nem ofertas queimadas." "Traz-nos de volta em jubileu para Sião, Tua cidade, como outrora em júbilo para Jerusalém, a casa de Tua santidade. Então traremos diante de Tua face os sacrifícios que são devidos."

Que lástima para os filhos de Israel! A profunda cegueira espiritual que os acometeu na noite em que sentenciaram seu Messias à morte ainda não se retirou. Todos os sacrifícios deles estão agora centrados na Missa.

Os profetas e o Antigo Testamento dizem que esses sacrifícios eram em si mesmos inúteis se separados de Cristo, o Antítipo para o qual apontavam, o qual, num tempo vindouro, havia de morrer para cumprir o que em sombra significavam. O cordeiro pascal e o pão com o vinho recapitulavam e coadunavam as incomensuráveis particularidades do Templo. As palavras candentes dos profetas hebreus, no decorrer da história do Antigo Testamento, encontram expressão nestas palavras de oração pascal messiânica:

> Vem, Amado, que o dia da visão declina.
> Depressa, vem, e todas as sombras fulmina.
> "Desprezado", será "alçado", como condiz.
> "Rei prudente", que "irriga as gentes", e "Juiz".

Enquanto fixava o cerimonial dos sacrifícios que prefiguravam a Crucificação, Moisés escrevia os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Coligia as tradições dos patriarcas, que tinham sido transmitidas de pai para filho, de Noé para Sem e Abraão, relativas à criação, à queda do homem, ao dilúvio, à separação das setenta e duas famílias, que cresceram até virar as tribos que deram origem às grandes nações da antiguidade. Vamos dar uma olhada rápida nas Escrituras hebraicas e citar alguns dos nomes nos quais Deus revelou o futuro. Estes se perdem nas traduções da Bíblia.

O primeiro nome de Deus mencionado no começo do Gênesis como Criador é *Elohim*, que fez o céu, a terra e formou Adão ("o homem", "o ser raciocinante"). *Elohim* é Deus de justiça, Autor da natureza, inflexível como as causalidades físicas, rigoroso em retidão, castigando Adão pelo pecado deste, destruindo os maus ao longo das páginas do Antigo Testamento. Essa palavra foi dita pela última vez pelo Filho de Deus, em agonia na cruz, fazendo reparação à justiça de seu Pai pelos pecados de todos os homens, quando citou

o Salmo que emprega a palavra *Eloi Eloi*, etc.: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"[1]

Quando a criatura humana, por causa do pecado, estava condenada ao inferno tal como os demônios, *Elohim-Jehová* aparece para Adão, amaldiçoa a serpente e promete que o Germe da mulher havia de triunfar. Aqui foi revelado pela primeira vez um novo nome da divindade: *Jehová* ("o Existente"). Mas esse nome tem ainda outra significação: "o Deus de Misericórdia". *Jehová*, o Divino Filho, teve misericórdia, compadeceu-se da humanidade caída e prometeu redimir a raça humana. Enquanto que *Elohim* tratava o homem com os rigores de sua justiça, destruindo o mundo com o dilúvio, calcinando Sodoma e Gomorra e matando os perversos, ao tratar com os hebreus a justiça de *Eloi*, o Pai Eterno, é temperada pela clemência de *Jehová*, "Deus de Misericórdia", o Filho, predito como Redentor. "Eu apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó pelo nome de Deus Todo-Poderoso, mas pelo meu nome *Jehová* não fui conhecido deles."[2]

No decurso da história dos hebreus, *Elohim*, o Pai, é justiça; *Jehová*, o Filho, é misericórdia. Agindo conjuntamente com o Espírito Santo, chamado *Shekiná* — essas três Pessoas da Trindade efetuam os preparativos para a Encarnação, para a Igreja, para a Missa. São frequentemente chamadas, no original hebraico, de *Adon* ou *Adonai*, "Senhor" ou "Senhores".

Repletos de religião, insuflados de devoção, pressentindo a aurora do Cristianismo vindouro, os hebreus davam aos objetos, aos lugares, a seus filhos nomes que tinham como raíz esses nomes de Deus, para exprimir exteriormente o poder e os atributos d'Ele. *Elohim* era abreviado como *El*; *Jehová*, como *Ja*, *Jo* ou *Je*; ao passo que *Adonai* geralmente se acha inalterado. Se o leitor examinar as palavras da Bíblia com essas raízes, descobrirá nela bastantes nomes quase para preencher este livro. Cada um é uma revelação de Deus, de seus atributos, ou uma profecia do Cristo vindouro.

Tomemos como exemplo as palavras "Jesus Cristo". Jesus é a forma grega do hebraico Josué ou *Joshua*, que significa "*Ja* salva", "*Jehová* salva", ou "o Deus de Misericórdia salva". O primeiro que teve esse nome foi aquele Josué que foi o líder que sucedeu a Moisés e guiou os hebreus a adentrarem a Palestina Prometida. Moisés apenas viu-a de longe, guiou-os à vista dela, não entrou, e morreu no monte Nebo, porque a lei de Moisés trouxe os hebreus só até ao vislumbre da Igreja. Jesus ou Josué conduziu-os a entrarem na

---

[1] Marcos XV, 34; Salmo XXI, 1.

[2] Êxod. VI, 3.

Palestina, como Aquele que ele prenunciava, Jesus Cristo, conduziu a humanidade para dentro da Igreja. Cristo é a palavra grega para Messias (“o Ungido”). Logo, Jesus Cristo significa “o Ungido Deus de Misericórdia salvará”. Quão apropriadas, pois, as palavras do anjo à Virgem: “E dareis à luz um Filho, e lhe poreis o nome de Jesus. Pois ele salvará seu povo de seus pecados.”[1]

Mas um sinal visível do Guia Onipotente era necessário durante a existência da religião hebreia, para conquistá-los de modo a afastá-los dos impressionantes ritos pagãos do Egito, para preservá-los do paganismo das nações circundantes, para prefigurar o Espírito Santo guiando a futura Igreja. Por essa razão, Deus apareceu a eles em forma visível, falou primeiro a Adão, aos patriarcas, a Moisés no Sinai, no tabernáculo, instruiu seus líderes, entregou a revelação aos seus profetas e apareceu para os homens santos no tempo de Cristo. A essa aparição visível de Deus os autores judeus chamam *Shekiná*. Vejamos o que dizem eles, para que o leitor entenda melhor os significados do Templo.

Na língua original do Antigo Testamento e escritos posteriores em hebraico, em centenas de textos e passagens encontramos a palavra *Shekiná* (da palavra hebraica para: “fazer uma aparição”, “habitar”), significando a “Majestade de Deus”, “a Divina Presença”. Era uma nuvem durante o dia e um fogo durante a noite. Os autores hebreus representam-na como uma aparição ou manifestação visível da divindade, Deus Espírito Santo acomodando-se aos olhos do homem, de maneira que este possa ver o invisível Espírito Eterno.[2]

Primeiro, antes da queda no pecado original, sob esta forma de *Shekiná* Deus andou com Adão no Paraíso, abençoou o matrimônio,[3] entregou-lhes o mundo, com suas plantas e animais como alimento, e a lei tocante à árvore do bem e do mal, porque não pode existir sociedade sem leis.[4] Sob esta forma de nuvem ou de fogo, Deus falou a Adão depois do pecado, condenou-o e à sua raça por ele ter comido do fruto proibido e prometeu o Redentor.[5]

Aos patriarcas a *Shekiná* apareceu, revelou o futuro e os abençoou, a eles e à raça deles. Orientou Noé sobre como construir a arca, chamou Abraão a sair de Ur dos Caldeus para entrar na

---

[1] Lucas I, 31; Mateus I, 21.

[2] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 612, etc.; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 166, 168.

[3] Gên. I, 28.

[4] Gên. II, 17.

[5] Gên. III, 15.

Palestina, abençoou-o e à sua raça — em centenas dessas passagens da Escritura, onde na tradução aparece a palavra Deus ou Senhor, no hebraico está *Shekiná*.

Por quase quatrocentos anos a *Shekiná* não se pronunciou, até que apareceu a Moisés na sarça ardente: "E o Senhor apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio da sarça."[1] Aquela "sarça" era o espinheiro do qual foi feita a coroa de espinhos de Cristo.

A *Shekiná* orientou Moisés sobre como libertar os hebreus do Egito, foi à frente deles como guia, abriu o Mar Vermelho e conduziu-os por quarenta anos através dos desertos da Arábia. Era uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo à noite. Quando se movia, os exércitos de Israel seguiam; quando repousava, acampavam; e, quando o tórrido sol do deserto os queimava, a *Shekiná* estendia-se cobrindo todo o acampamento, abrandando o calor. Cobriu o Sinai como uma grande nuvem, que só Moisés penetrava, em meio a trovões e relâmpagos: entregou a lei e os mandamentos, mandou Moisés constituir o sacerdócio, o cerimonial e construir o tabernáculo. "E eles me farão um santuário, e eu habitarei (*Shekiná*) no meio deles.[2]

Nesta forma visível de nuvem de fogo, o Espírito Santo repousava no tabernáculo, sobre o propiciatório que ficava em cima da arca da aliança, no meio das asas de ouro dos querubins. Ele falou face a face com Moisés, Josué, os Juízes, Samuel, Natã, Davi, Salomão e todos os profetas. Por meio deles, revelou à humanidade todas as profecias do Antigo Testamento. Deus, *Shekiná*, era o Rei dos hebreus; a forma de governo deles era uma Teocracia: "governados por Deus". As orações sinagogais que remontam a esta época contêm por toda parte as palavras: "Ó Senhor, nosso Rei", "Não temos outro Rei senão Tu", etc.

Eles se enfastiaram do governo de Deus, pediram um rei similar aos governantes das nações à sua volta. Samuel, cheio de tristeza, consultou a *Shekiná*. "E o Senhor disse a Samuel... Não foi a ti que eles rejeitaram, mas a mim, para que eu não reine sobre eles."[3] Deus advertiu-os das aflições que um rei lhes ocasionaria. O povo persistiu, e a *Shekiná* mandou Samuel ungir Saul, a quem, rejeitado por seus pecados, Davi foi escolhido para substituir.

Seu filho Salomão construiu o famoso Templo dele. No dia da dedicação do Templo, a *Shekiná* preencheu de tal maneira o

---

[1] Êxod. III, 2.
[2] Êxod. XXV, 8.
[3] I Reis VIII, 7.

santuário, que os sacerdotes não conseguiram oficiar.[1] Sobre o monte do Escândalo, Salomão ergueu templos para os deuses de suas esposas;[2] como castigo,[3] dez tribos rebelaram-se, e apenas os judaítas e os benjaminitas permaneceram fiéis à família de Davi. Reis maus fizeram, com sua liderança, os judeus caírem em idolatria, no próprio Templo de *Jehová* foram adorados ídolos,[4] e, como castigo, os babilônios destruíram a cidade, incendiaram o Templo e arrastaram o povo em cativeiro.

Deus mandou Jeremias esconder a arca da aliança numa caverna no monte Nebo, onde morrera Moisés.[5] A aliança ou contrato com Deus foi rompida, a *Shekiná* deixou de falar, os profetas cessaram de ensinar; os rabinos, escribas, fariseus e saduceus desencaminharam o povo. Por muitos séculos os judeus foram deixados sem oráculo divino, e surgiram os ensinamentos e práticas estreitos peculiares do judaísmo dos escribas e fariseus, o que acabou resultando na crucificação de seu Messias.

Mas tinha sido revelado que, quando o Messias viesse, a *Shekiná* apareceria e lhes falaria novamente. Na longínqua Pérsia, três sumos sacerdotes da religião de Zoroastro, descendentes de Elam ("o jovem"), o filho mais velho de Sem, avistaram a *Shekiná* sob a forma de uma estrela, que os conduziu até a manjedoura do Salvador menino.[6] Na noite em que Cristo nasceu, a *Shekiná* apareceu como uma nuvem brilhante aos pastores, nos montes de Belém, enquanto os anjos cantavam o hino "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade"[7].

Quando João Batista batizou o Senhor em *Guilgal* (Gálgala), a *Shekiná*, na forma de pomba, cobriu Cristo com Sua sombra. Na Transfiguração, em forma de nuvem Ele cobriu o alto do Tabor. Quando da pregação no Templo, Ele deu testemunho do Salvador. Quando ele morreu, Ele abandonou o *Santo dos Santos* na forma de um vento fortíssimo, dizendo: "Daqui então partiremos". Permaneceu nas paredes ocidentais do Templo, segundo autores judeus. No dia da Ascensão, envolveu Cristo que subia aos céus: "E uma nuvem recebeu-o fora da visão deles." No dia de Pentecostes,

---

[1] III Reis VIII, 11.
[2] III Reis XI.
[3] III Reis XII.
[4] Ezeq. VIII.
[5] II Macab. II.
[6] Mateus II, 1.
[7] Lucas II, 14.

a nuvem de fogo, o Espírito Santo,[1] preencheu o cenáculo e fez chover línguas de fogo sobre os Apóstolos, dando a cada um a língua das nações que havia de converter.

Contam-nos os autores judeus que a *Shekiná* armou sua morada no cimo do monte das Oliveiras por três anos e meio; dia e noite eles ouviam Sua voz com palavras de súplica: "Voltai para mim, ó povo meu! Oh, voltai para mim!" A Presença nunca mais voltou a falar.[2]

Em grande número de lugares o *Talmude* traz as palavras "Espírito Santo", com o mesmo significado que nos escritos cristãos. O Antigo Testamento, os *Talmudes*, os *Targuns*, Fílon e os autores rabínicos usam palavras que, nas versões da Bíblia, se traduzem como Senhor, Deus, etc., as quais mostram que eles tinham uma vaga noção ou conhecimento da Trindade. Como todas as traduções são fracas, nossa Bíblia em inglês não retém esses termos peculiares.

A palavra hebraica *Yeqara* ("a Glória esplêndida"), que se encontra especialmente nos livros do Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, designa Deus Pai no ato de revelar, enquanto o termo *Memra* ("o *Logos*", "a Palavra" ou "o Verbo") é o Divino Filho revelado. Centenas de vezes *Memra* se encontra nos cinco livros de Moisés. O *Targum de Ônquelos* menciona-a 179 vezes; o *Targum de Jerusalém*, 99 vezes; e o *do Pseudo-Jônatan*, 321 vezes. *Yeqara* é Deus na sua divina majestade; *Memra* é Deus na sua sabedoria; *Shekiná* é Deus revelando-se ao homem.

Vamos tomar exemplo do *Targum Ônquelos*. "Deus, *Yeqara*, falou a Abraão."[3] "Deus, *Yeqara*, estava no alto da escada de Jacó"[4] e depois falou ao patriarca.[5] Essa palavra é empregada por Moisés quando diz que Deus chamou-o da sarça,[6] prometeu o maná,[7] quando os hebreus derrotaram Amalec,[8] quando Jetro visitou Moisés[9] e quando o Senhor, *Yeqara*, entregou os Dez Mandamentos.[10] Há centenas de termos na Bíblia hebraica que são vagas revelações das Pessoas da Trindade.

---

[1] S. AGOSTINHO, *Sermo* LXXI, *de Verb.*; Macab. XII, n.; XIX.
[2] *Shemoth* ["Êxodo"], R. 2, Ed. Warsh, 7 b, 12, etc.
[3] Gên. XVII, 22.
[4] Gên. XXVIII, 13.
[5] Gên. XXXV, 13.
[6] Êxod. III, 1-6.
[7] Êxod. XVI, 7-10.
[8] Êxod. XVII, 16.
[9] Êxod. XVIII, 5.
[10] Êxod. XX.

Os alicerces fundamentais da religião hebraica foram assentados pelo Pai Eterno, *Yeqara*. As formas da natureza, a ciência das coisas divinas, foram providas por *Memra*, o Verbo de Deus, a Sabedoria do Pai, o Filho de Deus. O cerimonial, a lei, o tabernáculo, o Templo e a Igreja hebraica foram estabelecidos pela *Shekiná*, o Espírito Santo. Os Apóstolos e os convertidos estavam, assim, pela leitura do Antigo Testamento, prontos a receber a crença na Trindade, revelada claramente pela primeira vez quando Cristo disse: "batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo"[1].

Essas palavras se aplicaram às Pessoas da Trindade nos tempos dos patriarcas e perduraram até entrarem nos escritos de Moisés. Quando Deus chamou Moisés da sarça ardente, para que ele, desenvolvendo a religião patriarcal, tornasse-a no cerimonial do tabernáculo e do Templo, e para que fundasse a nacionalidade hebreia, ele se revelou com um novo nome: "Eu sou Aquele que sou",[2] nome este exprimido em hebraico como *Jehová* ("o Existente") ou *Adonai* ("Senhores"), de *adon* ("Senhor", "sire").

Enquanto *Elohim*, de *Eloi* ("meu Deus"), representa o Eterno enquanto criador e governador do universo, *Jehová* mostra-o, em relação com o homem, como "Deus de misericórdia", revelando-se ao mundo, formando o pacto de aliança, outorgando a Lei, perdoando o pecado e prometido como Redentor. *Elohim* é Deus de justiça que pune os maus — é o Pai Eterno, a quem se oferecem os sacrifícios ordenados por *Jehová*, o Divino Filho, com quem a *Shekiná* atua iluminando os patriarcas e os profetas.

Depois de escrever a Lei e de aspergir o povo com o sangue, "Moisés, e Aarão, e Nadab, e Abiú, e os setenta anciãos de Israel subiram, e viram o Deus de Israel."[3] Aqui o original hebraico traz a palavra *Yeqara*, como também nos versículos 11 e 17.

Quando Deus instituiu o sacrifício cotidiano do tabernáculo e do Templo para oblação perpétua,[4] a palavra é *Yeqara*, tal como quando Moisés pediu para ver a Sua glória.[5] A mesma palavra é empregada quando Deus preencheu o tabernáculo com a Sua glória.[6]

---

[1] Mateus XXVIII, 19.
[2] Êxod. XIII, 14.
[3] Êxod. XXIV, 10.
[4] Êxod. XXIX, 43.
[5] Êxod. XXXIII, 18, 22, 33.
[6] Êxod. XL, 32-36.

O novilho e o carneiro para os sacrifícios pacíficos são imolados diante de *Yeqara*;[1] o Senhor, *Yeqara*, dava-lhes ordens[2] quando aparecia para a multidão.[3] Quando a arca era abaixada, Moisés dizia: “Volta, Senhor, para a multidão da casa de Israel.”[4] Foi como *Yeqara* que Deus falou a Aarão e Maria, prometeu aparecer para os profetas em visão e em sonho, e falou a Moisés, que viu o Senhor *Yeqara*.[5] Moisés rogou a *Yeqara* que não destruísse os hebreus, e *Yeqara* não estava ao lado deles quando eles quiseram, contra a vontade dele, ir para a Terra Prometida.[6]

---

[1] Levít. IX, 4.
[2] *Ibidem*.
[3] *Ibidem*, 23.
[4] *Yeqara*, Núm. X, 36.
[5] Núm. XII, 8.
[6] Núm. XIV, 14-42.

II.— COMO OS MISTÉRIO CELESTES DA MISSA SE DESCERRAVAM NO TEMPLO.

SEM deixar as glórias supernas que tinha junto do Pai e do Espírito Santo antes de o mundo existir, o Filho Eterno se fez homem, padeceu a morte para redimir-nos, e então, com nossa natureza unida à divindade, retornou ao mundo espiritual sem ser visto, onde oferece para sempre os sacrifícios de nossos altares.

Dia após dia, a cada Missa ele regressa desses domínios eternos, ilimitados, inextensos e intemporais, esconde seu corpo, alma e divindade debaixo das formas do pão e do vinho, é sacrificado em oblação eucarística, na Comunhão alimenta nossas almas e em seguida entra novamente no seu santuário eterno. Assim, toda Missa é como uma renovação da Encarnação e um ingresso no Paraíso. A Comunhão é uma imagem do Deus que se fez homem na Pessoa do Divino Filho unido a cada alma que o recebe, e as festas da Encarnação e da Natividade de Cristo se intercalam com as festas da Eucaristia em todas as liturgias da Igreja.

Todo ano os hebreus celebravam um rito sacratíssimo e misteriosíssimo do Templo, prefigurando a morte de Cristo e seu ingresso no Céu quando de sua Ascensão e depois de cada Missa. Deus mesmo disse a Moisés como instituir as cerimônias desse dia da expiação, tão aclamado nos escritos judeus. Contudo, apenas trinta e quatro versículos são tudo o que temos no Antigo Testamento acerca desse grande dia.[1] O mundo antigo desapareceu, o sacerdócio cessou séculos atrás e não resta pedra sobre pedra do Templo. Felizmente, porém, uma obra quase nunca vista por olhos cristãos traz detalhes bem pormenorizados desta que é a mais impressionante de todas as cerimônias do Templo no tempo de Cristo.

Parte do tratado *Yoma* ("dia da expiação") do *Talmude* babilônico é preenchida por descrições dos ritos e cerimônias daquele dia. Primeiramente veremos a origem dessa notável produção do povo judeu, que eles só veneram menos do que o Antigo Testamento. Em seguida, traremos à vista dos nossos leitores particularidades extraídas aqui e ali dessa obra, ao mesmo tempo que daremos explicações do texto à medida que avançamos. É a primeira vez, pensamos nós, que esta obra foi mostrada aos leitores cristãos desta forma. Porque o *Talmude* tem sido considerado um produto vil da

---

[1] Levít. XVI.

mente judaica, escrito para enganar, e talvez o preconceito tenha obstado ao seu estudo. Apresentemos primeiro a origem e a história do *Talmude*.

No ano 3428 depois da criação de Adão, 128 desde a fundação de Roma, 626 antes de Cristo, reinava, na Babilônia, Nabucodonosor II ("Nebo protege os marcos"). Nebo vem de *nibach* ("ensinar", "profetizar"). Por causa da idolatria deles, Deus permitiu que os exércitos desse monarca capturassem Jerusalém, destruíssem o Templo de Salomão, arrastassem os hebreus como escravos e os dispersassem pelas campinas da Babilônia.

Ali eles começaram a estudar melhor sua religião. Juntamente com a *Torá* ("a Lei escrita", nos cinco livros de Moisés), alegaram eles que também fora transmitido o *Talmude* ("os ensinamentos"); que essas tradições tinham a mesma antiguidade da Sagrada Escritura; que elas tinham sido igualmente reveladas a Moisés junto com a lei, e que são as explicações e o complemento da palavra escrita e do cerimonial do Templo.

O Novo Testamento menciona essas tradições treze vezes.[1] Os escribas e fariseus tinham-nas levado ao excesso que Cristo reprovou. Nos seus fundamentos, essas tradições do *Talmude* estão corretas. Muitas tradições nos são legadas dos tempos apostólicos, sempre existiram, não vieram de nenhum Papa ou conselho, e se encontram por toda parte. Tais ensinamentos ou usos universais nos dão uma ideia das tradições judaicas talmúdicas quando despidas de seus exageros, extravagantes ou distorcidos.[2]

No Ano do Senhor 70, rebelaram-se os judeus contra os romanos. Vespasiano marchou do norte para invadir a Judeia. Eleito imperador pelo Exército, seu filho Tito tornou-se o comandante, tomou Jerusalém, destruiu o Templo e arrastou cativos os judeus até Roma, onde trabalharam construindo o Coliseu. Poucos anos depois, os judeus se rebelaram novamente, e Adriano capturou a cidade sagrada, deixou-a em ruínas e proibiu qualquer judeu de entrar na cidade sagrada sob pena de morte, salvo uma vez por ano para celebrar a páscoa judaica.

No terreno de um velho cemitério, Herodes Agripa fundara Tiberíades, aninhada às margens do Lago da Galileia. Os príncipes dos judeus fizeram dali sua capital religiosa, onde fundaram um próspero colégio a que os judeus abastados de todas as nações mandavam seus filhos para serem educados, especialmente se

---

[1] Mateus XV, 2, 3, 6; Marcos VII, 3, 5, 8, 9, 13; Atos VI, 14; Gál. I, 14; Col. II, 8; II Tess. II, 14; I Pedr. 18.

[2] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 193, etc.

estivessem destinados a tornar-se rabinos ou pregadores da sinagoga.

Ninguém que não fosse judeu era aceito; os gentios estavam, acreditavam eles, condenados ao inferno por não conhecerem a *Torá* ou lei escrita e o *Talmude* ou Lei tradicional, que eram só para o judeu. Conta-nos S. Jerônimo que não conseguiu encontrar um único judeu em Jerusalém que ousasse ensinar-lhe o hebraico, e desceu até Tiberíades, onde ele diz que "seu professor temia pela própria vida como um novo Nicodemos".

No século II depois de Cristo, o célebre Judá Hanassi, herdeiro de família rica e honrado como patriarca, presidiu a esse colégio. Começou a redigir as tradições no ano 150 depois de Cristo,[1] as quais eles alegavam poder rastrear até Josafá,[2] arquivista de Davi, e que eles sustentam que Deus comunicara a Moisés juntamente com a palavra escrita.

Esses escritos de Judá Hanassi formam a *Mishná* ("estudo"), a primeira parte do *Talmude*. Os sucessores dele na escola de Tiberíades escreveram a parte chamada *Guemará* ("explicação" ou "comentário", acerca das tradições referidas em cada *Mishná*). Mais tarde, doutos sábios judeus adicionaram novas explicações, e foram acrescentadas opiniões das diversas escolas de pensamento que floresceram antes da destruição do Templo, sob a égide de Tito. Em épocas posteriores, ainda outras opiniões foram incorporadas, até que, começando a obra a ficar de difícil manuseio, um decreto do sinédrio proibiu quaisquer novas adições. Isso é o que é chamado hoje de *Talmude* de Jerusalém.

No ano 490 a.C., o grande rei persa emitiu o decreto de que os judeus podiam retornar e reconstruir a cidade e o Templo deles. Mas muitos hebreus envolvidos no comércio permaneceram na Babilônia, e no tempo de Cristo numerosas colônias hebraicas vicejavam ali. Também estas tinham suas tradições oriundas, segundo acreditavam eles, de Moisés. Também eles começaram a pô-las por escrito, da mesma forma que os doutos rabinos de Tiberíades. Os seus labores chegaram até nós com o nome de *Talmude* babilônico.

Os *Talmudes*, produtos peculiaríssimos de uma época em que Cristo vivia entre nós, projetam uma luz intensa sobre o Antigo Testamento, os costumes dos hebreus, o cerimonial do Templo e as orações públicas e privadas, e mostram o judeu daquela época em sua crença e prática religiosa.

---

[1] ZANOLINI, *De Fide Jud.*, Cap. 1.

[2] II Reis VIII, 16, 20-24; III Reis IV, 3; I Par. XVIII, 15.

Vivendo na Palestina antes do cativeiro babilônico, o hebreu mantinha-se separado de todas as nações, porque era da raça escolhida, da qual havia de nascer o Messias. De mente brilhantíssima, gloriando-se de ser filho de Abraão, ele mantinha em segredo dos pagãos a sua religião, e era quase impossível penetrar o sigilo de sua crença e prática. O modo correto de pensar e de viver religiosamente, a fé e a moral, eram só para o judeu. Todos os gentios estavam condenados ao inferno, por causa de sua ignorância da Lei ou *Torá* e do *Talmude*, e eles não queriam saber de instruir os gentios, porque a Lei era para os judeus — era esta a ideia predominante do escriba e do fariseu contemporâneos de Cristo.

Suspeitas mútuas provocaram as perseguições da idade média, o judeu foi proscrito em todos os países cristãos, a inteligência dos hebreus tornou-se agudíssima por causa da adversidade e da pobreza. Em meio a todas as suas penúrias, no entanto, eles se aferravam até a morte à sua religião — há nisto talvez uma Providência, porque eles mostram que o Antigo Testamento é verdadeiro.

Na idade média, todos os livros judaicos foram condenados a ser destruídos, ordenou-se que o *Talmude* fosse queimado; mas eles salvaram algumas cópias. Um judeu versado na literatura talmúdica se converteu à Igreja Católica, e, explicando ele ao Papa o conteúdo desta obra, o Pontífice proibiu que continuassem a destruir esse produto da antiguidade.

Esse decreto salvou o *Talmude* da destruição total.

O *Talmude* divide-se em seis seções: “sementes”, “festividades”, “mulheres”, “jurisprudência”, “santidade” e “pureza”, somando sessenta “tratados”, cada qual tratando de diversas questões — ambos os *Talmudes* compondo sessenta volumes *in-quarto*.[1]

Esses *Talmudes* te mostram a mente judaica antes e depois do tempo de Cristo. Há pouca coisa neles que seja de condenar, como alegam muitos que nunca os viram, exceto que o *Talmude* de Jerusalém contém alguns ataques escandalosos contra o caráter de Cristo. Mas o *Talmude* babilônico mal alude a Ele.

Tu percorres página após página de fastidiosos resíduos de discussões, disputas de sábios eruditos e suas opiniões sobre o que a *Torá* (“a Lei”) quer dizer, que te fazem lembrar dos pontos disputados da teologia moral. A parte mais antiga, chamada *Mishná*, a mais pura e a melhor, é rica em informações, porque remonta talvez

[1] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 47, 103, 104, 175.

a antes do cativeiro babilônico, quando Israel tinha como condutores os profetas guiados pelo Espírito Santo.

A *Guemará*, vindo depois do cativeiro, mostra mentes absolutamente sem fé, destituídas de uma única centelha de sobrenatural. Tudo se estriba na *Torá* ("a Lei"), que é como eles chamam os livros de Moisés — os cinco primeiros livros da Bíblia. Os profetas são raramente citados; as belíssimas funções litúrgicas do Templo são explicadas, mas eles nunca olham para o que está além e subjacente a elas, para ver o Cristo que elas prefiguravam.

Eles esperavam por dois Cristos — um que devia nascer da família de Davi e que havia de instaurar um reinado de incomparáveis esplendores, calcar aos pés seus inimigos e transpor rios de sangue até chegar ao seu trono em Jerusalém, onde faria dos judeus os governantes de toda a terra. Tomando de empréstimo essas ideias do judeu, Maomé e seus sucessores difundiram seu império pela espada. O outro Cristo ou Messias, que devia nascer da tribo de José, havia de ser um Cristo padecente que ia vir e morrer; por que razão, eles não explicam.

A Bíblia e o *Talmude*, ambos escritos por hebreus, diferem em alto grau, de maneira impressionante: uma é o fruto de varões inspirados, por meio dos quais Deus falou ao mundo; o outro foi escrito por homens de uma nação desterrada, espiritualmente morta, absolutamente despojada de toda centelha de fé sobrenatural. Uma palpita com vida, e a cada página tu vês, no original, o Redentor predito, a face do Espírito Santo; o outro, os *Talmudes*, mostram o coração de uma raça punida pela idolatria mediante o cativeiro babilônico, e, pelo crime de matarem seu Messias, dispersados pelos romanos por toda a terra, cumprindo estas palavras:[1] "Não queremos que este homem reine sobre nós", "O seu sangue esteja sobre nós e sobre nossos filhos".

Nem sempre nos damos conta do que é uma tradição oriental. Para nós, uma tradição é uma história, mais ou menos verdadeira, cambiante de uma geração a outra, vaga, ou exagerada, baseada na verdade, mas desenvolvida pelo decurso do tempo.

Mas uma tradição entre os judeus era uma verdade religiosa que remontava aos seus ancestrais, era contada e repetida nas sinagogas, no Templo, nas festas, nas casas das famílias diante da lareira, sendo transmitida exatamente, palavra por palavra, tal como a tinham ouvido. Se não fosse relatada tal como fora transmitida, com quase as mesmíssimas palavras, se uma palavra lhe fosse

---

[1] [Lucas XIX, 14; Mateus XXVII, 25.]

adicionada ou omitida, era uma grita no grupo todo, e o relator era execrado e expulso. Era dessa maneira que os patriarcas ensinavam aos seus filhos a história da criação, da queda do homem, e as crenças religiosas dos dias antigos. Dessa maneira eles afirmam que a religião e a história foram transmitidas, como que de mão em mão, até que Moisés as escreveu no Gênesis.

Adão morreu no ano 930, quando Matusalém tinha noventa e quatro anos. Este último viveu até que Sem, também chamado Melquisedec, estivesse na casa dos cinquenta anos. Sem, ou Melquisedec, morreu em Sião quando Isaac tinha trinta e três anos, e este viveu até os 180 anos — 2.288 anos depois da criação de Adão, e pouco tempo antes do nascimento de Amrão, pai de Moisés. Destarte, a história foi transmitida desde Adão e os patriarcas até Moisés, o grande Legislador, Fundador da nacionalidade hebreia e redator dos cinco primeiros livros da Bíblia.[1]

De igual maneira, alegam eles, os ensinamentos chamados por eles de "as tradições" dos judeus foram transmitidos até serem escritos no *Talmude*. Nas escolas da Babilônia e da Judeia os estudiosos só acolhiam o que era ensinado, não se permitia qualquer desvio, nem uma palavra era alterada. De sua cátedra alta como um púlpito, o douto *rabi* transmitia os dizeres de seus ancestrais, as tradições dos anciãos, consideradas tão sagradas quanto a palavra escrita, por vezes mais até do que esta, e os pupilos aprendiam-nas de cor e tinham por elas a mesma estima que pelo fôlego de suas narinas.

Vivendo na Babilônia desde os dias do cativeiro, os hebreus não foram inquietados ali pela vida de Cristo, seus ensinamentos, a tragédia que foi sua morte e a pregação dos apóstolos. O *Talmude* contém pouca coisa referente ao Cristianismo. Nele encontramos as regulamentações e os costumes hebraicos da páscoa tal como era celebrada nos dias dos reis judeus.

Vamos descrever o culto celebrado no Templo no dia da expiação, visto querermos apresentar ao leitor os pormenores exatos de como se rendia culto a Deus na época de Cristo, porque o cerimonial do Templo foi introduzido na sinagoga e foi seguido por Cristo na noite da Última Ceia, e porque a expiação do pecado é o fundamento mesmo de todas as ofertas sacrificais do Antigo Testamento, as quais se cumpriram na Última Ceia e continuam hoje na Missa.

O sumo sacerdote do Templo, no seu cerimonial, e o celebrante hoje ao rezar Missa refletem a Ele, o Sumo Sacerdote da eternidade, que veio a este mundo, ofereceu como sacrifício a sua vida e

---

[1] *De Religione Hebræorum*, n. 68.

sofrimentos, e então fez sua passagem de volta para o seu santuário celeste. Daí que, ao subir os degraus do altar dando início à Missa, o celebrante recite estas profundas palavras da liturgia da Igreja:

"Afastai de nós, vos rogamos, Senhor, nossos pecados, para que, com mente pura, nos tornemos dignos de entrar no *Santo dos Santos*. Por Cristo nosso Senhor. Amém."[1]

Para vincular toda oferenda sacrifical a Cristo e ao Espírito Santo que ardia no seu íntimo, em cumprimento das ordens de Deus todos os sacrifícios eram consumidos ou assados sobre o altar com um fogo que tinha descido do céu.[2] Mas Nadab e Abiú, filhos de Aarão, sacrificaram com um fogo estranho, que não era típico do Espírito Santo nem se referia ao Redentor predito. Por esse pecado tremendo, fulminou-os Deus, matando os dois.[3] Então o Eterno prescreveu o cerimonial que os hebreus haviam de seguir todo ano, no dia da expiação.[4]

A Bíblia não entra nos detalhes daquela sagrada, santíssima e impressionante como nenhuma outra cerimônia do Templo. Mas temos diante de nós o tratado *Yoma* ("dia da expiação"), do *Talmude* babilônico. Examinaremos o volume inteiro, faremos uma busca em meio ao lixo, à cata do puro e imaculado ouro dos tempos antes de Cristo, e apresentaremos aos leitores esses interessantes pormenores. Conforme prosseguirmos, daremos explicações dos textos hebreus, para que o leitor entenda melhor como Cristo e a Missa estavam prenunciados.[5]

O sumo sacerdote, representando Cristo para a nação hebraica, executava sozinho todas as cerimônias deste dia solene, que sempre caía no décimo dia de *tishri*. Com temor e tremor, ele trazia consigo os pecados de Israel ao penetrar o véu, adentrando o recinto de paredes douradas, o *Santo dos Santos*, imagem do céu, onde a *Shekiná*, o Espírito Santo, habitava como uma nuvem durante o dia e um fogo durante a noite, no tabernáculo e no primeiro Templo. Antes do cerimonial deste dia, o sacerdote e o povo, e até o santuário mesmo, estavam impuros, e sem esse cerimonial os serviços de culto do ano seguinte não poderiam ser exercidos.

---

[1] Missal Romano.

[2] Levít. IX, 24.

[3] Levít. X, 2.

[4] Levít. XVI, 16.

[5] As palavras do Antigo Testamento no *Talmude* não são exatamente iguais às que se acham nas traduções utilizadas pelos cristãos, mas o sentido é o mesmo. Não há duas pessoas que empreguem os mesmos termos ao traduzirem de outra língua.

A Lei determinava grande número de particularidades,[1] mas citaremos as descrições mais detalhadas do *Talmude*.[2]

"Sete dias antes do dia da expiação, o sumo sacerdote sai de casa, para não acontecer de a esposa dele o contaminar, e se instala no gabinete dos *palhedrin*, chamado em grego *paraderon* ('câmara do senhor'), perto da porta de Nicanor. Um outro sacerdote, geralmente o *segan*, seu substituto, é escolhido e instruído a assumir seu posto em caso de ele contrair impureza.[3] De seu próprio bolso ele tem de comprar todos os animais para o sacrifício."[4]

Desse modo ele prefigurava o Cristo sem pecado, a expiar pelas iniquidades do mundo, e prenunciava o clero celibatário, a entrar em nosso santuário para celebrar Missa.

"Por que ele era separado por seis dias antes da solenidade? Quando Deus entregou a Lei no Sinai, chamou Moisés a subir a montanha. 'E a glória do Senhor pousou sobre o Sinai, cobrindo-o com uma nuvem por seis dias, e no sétimo dia ele o chamou do meio da nuvem.'[5] Durante todos esses seis dias de preparação, eles aspergiam o sumo sacerdote com as cinzas de todas as vacas vermelhas imoladas."

Esses animais, sacrificados fora dos muros da cidade, eram conduzidos pela ponte que se estendia sobre o Cedron, erigida de seu próprio bolso pelo sumo sacerdote. Por sobre esta mesma ponte eles arrastaram Cristo na noite em que foi preso. As vacas vermelhas prefiguravam Cristo, vermelho de seu próprio sangue, oferecido em sacrifício pelo gênero humano. O sumo sacerdote era aspergido com água misturada às cinzas delas, para tipificar que o pontífice estava, em espírito, tipicamente aspergido com o sangue do Redentor, para purificá-lo do pecado. a fim de oferecer sacrifício e entrar no santuário sagrado. A aspersão do sumo sacerdote prenunciava a nossa água benta.

"Aarão ficou sete dias separado, intervalo durante o qual Moisés instruiu-o a respeito dos serviços deste dia. Durante esses dias, dois homens do *beit din* ('o tribunal de justiça') ensinavam-lhe (ao sumo sacerdote) a cerimônia, como foi escrito: 'tal como presentemente se fez, para se cumprir o rito deste sacrifício'[6]. Moisés

---

[1] Levít. XVI.

[2] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 95.

[3] Levít. VIII, 34.

[4] *Talmude* babilônico, tratado *Yoma* ("dia da expiação"), cap. 1: *Mishná* e *Guemarás*.

[5] Êxod. XXIV, 16.

[6] Levít. VIII, 34.

subiu para dentro da nuvem e foi santificado dentro da nuvem, a fim de poder receber a *Torá* ('a Lei') para Israel em estado de santidade."[1]

"Isso aconteceu no dia seguinte à entrega dos Dez Mandamentos, que foi o primeiro do jejum de Moisés ao longo dos quarenta dias seguintes.[2] O sumo sacerdote, no dia da expiação, não tem a placa de ouro gravada com as palavras: 'Santidade para *Jehová*' sobre a fronte", porque ele representava nosso Sumo Sacerdote, Cristo, "o qual foi o mesmo que levou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro"[3].

"O gabinete onde ele se instalava foi chamado primeiramente de 'câmara dos senhores', mas depois que os sumos sacerdotes compravam com dinheiro a posição deles, após a ocupação romana da Palestina, passou a ser chamado de 'mansão dos *palhedrin* (funcionários)'."

Todas as casas, gabinetes, etc., continham fixado no batente da porta um estojo de couro em que estava escrita em pergaminho a oração da manhã e da noite: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todas as tuas forças", etc. "E escrevê-las-ás no limiar, e nas portas da tua casa."[4] Terão dado origem às pias de água benta de nossas igrejas e casas, a fim de que, tocando a água e nos benzendo, nos recordemos de nosso batismo e redenção por Cristo?

"Nenhum aposento do Templo tinha essas *mezuzás*, salvo o gabinete dos *palhedrin*, porque durante sete dias era morada do sumo sacerdote, e salvo a porta de Nicanor, através da qual o povo entrava no Templo.

"Primeiro ele se revestia das oito vestes cultuais que Deus prescreveu a Aarão e seus filhos, e ia com a bacia de ouro e virava-a sobre os sacrifícios que eram queimados sobre o altar, para fazê-los queimar melhor. Todo dia ele aspergia o sangue das vítimas, queimava o incenso no *Santo*, preparava as lâmpadas do candelabro de sete ramos, e ele toma para seu próprio uso parte das primícias oferendadas, que ele come. Primeiro ele queima o incenso, depois prepara as lâmpadas, e sacrifica o cordeiro de manhã e de tarde. (O incenso prefigurava as orações de Cristo dirigidas ao Pai antes de ele ser sacrificado.)

---

[1] *Talmude*, tratado *Yoma* ("dia da expiação"), p. 4.
[2] *Ibidem*.
[3] I Pedro II, 24.
[4] Deut. VI, 4-9.

“Eles lançavam sortes para escolher os sacerdotes que o auxiliariam. A primeira sorte era para escolher os sacerdotes que limpariam as cinzas do grande altar, chamado *Ariel* (‘leão de Deus’); a segunda, para os que deviam imolar a vítima, aspergir o sangue, limpar as cinzas sobre o altar do incenso no *Santo*, preparar as lâmpadas e trazer para cima os membros dos sacrifícios. A terceira sorte era para escolher aquele dentre os nove sacerdotes que havia de queimar o incenso no *Santo*.”

O incenso era o primeiro a ser queimado, e é por essa razão que as velas se acendem primeiro e que o celebrante da Missa primeiro incensa o altar, no início da Missa. “E Aarão queimará incenso de suave fragrância sobre ele pela manhã. Quando preparar as lâmpadas, queimá-lo-á.”[1]

Seguem-se então as ordens de assinalar as córnuas do grande altar com o sangue das vítimas traçando uma cruz, que mais adiante descreveremos.

“Havia quatro câmaras no edifício calorífero, quais pequenos aposentos com abertura para um grande salão, duas das quais pertenciam ao santuário (o átrio dos sacerdotes, em cujo meio ficava o grande altar dos holocaustos), e duas eram profanas; pequenas portinholas separavam das profanas as sagradas. A que ficava a sudoeste destinava-se aos cordeiros votados ao sacrifício. A sudeste era para os pães da apresentação (pão da proposição, em nossa Bíblia). Na que ficava a nordeste os macabeus — os asmoneus — tinham escondido as pedras do altar profanado pelos gregos. A noroeste era usada como passagem para a casa de banhos. Aquela câmara a nordeste era o lugar onde se guardava a madeira, e os sacerdotes com defeitos físicos examinavam a madeira ali presente, já que madeira bolorenta era imprópria para o altar. A câmara noroeste era o lugar para os leprosos curados que vinham ao Templo para ser aspergidos. O vinho e o azeite para as oferendas de libação eram ali conservados, e ela era chamada de câmara do azeite.

“O altar ficava no meio do átrio e possuía, de extensão, trinta e duas varas, dez varas defronte à porta do Templo, vinte varas de largura, onze varas para o norte e onze varas para o sul, de maneira que o altar ficava defronte ao Templo e seus muros.”

Esse altar ficava no topo do monte Moriá, onde Abraão fizera oblação de seu filho Isaac, que carregou a lenha do sacrifício montanha acima prefigurando Cristo a carregar sua própria cruz. No presente, a mesquita de Omar, chamada “Domo da Rocha”, cobre

---

[1] Êxod. XXX, 7, 8, etc.

o cimo rochoso de Moriá, erguendo-se cerca de 4,60 metros acima do piso desse edifício octogonal, revestido em seu interior de belas louças de barro lustradas, predominantemente das cores branca e azul, e ornado com passagens do Corão. A rocha hoje é cercada por uma grade de ferro. Na parte sudeste da rocha há um buraco redondo, com aproximadamente 60 centímetros de diâmetro, através do qual o sangue das vítimas escoava e era transportado por canos subterrâneos, que corriam debaixo da cidade até ao Cedron ("vale escuro", "túrbido"), assim chamado por causa do sangue. A grande rocha, irregular como a cumeeira de uma montanha, jamais aplainada, mostra arvoredos ali onde escorria o sangue e está tingida pela passagem do tempo. Aos olhos maometanos este lugar santo é o mais importante depois de Meca, por causa de Abraão, do qual descenderam os árabes através de Ismael. Sob a rocha há uma espécie de caverna, e ali mostraram eles santuários, nos quais disseram ao autor que Abraão, Cristo e Maomé rezaram.

"Durante esses seis dias, os anciãos do *beit din* (juízes e doutos advogados da corte suprema) instruem o sumo sacerdote, leem para ele do Levítico XVI e lhe dizem: 'Meu senhor sumo sacerdote, dize-o em voz alta, para o caso de o teres esquecido ou de o não teres estudado.' Na manhã que antecede o dia da expiação, ele vai até a porta oriental, e os touros, os carneiros e os cordeiros são postos diante dele, para que vá se familiarizando com o serviço. Durante todos os sete dias ele está livre para comer e beber, mas na véspera do dia da expiação não se permite que ele coma muito.

"Os anciãos do *beit din* deixavam-no aos cuidados dos anciãos do sacerdócio, que o acolhiam na casa de *Abtinas* e faziam-no jurar: 'Meu senhor sumo sacerdote, somos os representantes do *beit din*, e és nosso representante e representante do *beit din*, nós te conjuramos por Aquele que estabeleceu sua morada nesta casa, que não hás de alterar uma só coisa das que te dissemos'."

"Eles faziam-no prestar juramento de que não era saduceu, porque os saduceus não acreditavam na vida futura. Ele dizia adeus chorando, e eles choravam: ele, por ter dado azo a suspeitas de ser infiel; eles, senão que suspeitassem de um homem inocente. Ele lia diariamente as Escrituras, os livros de Jó, Esdras, Crônicas e Daniel.

"Ele ocupava ali dois gabinetes, um ao norte, outro ao sul: o *Palhedrin*, onde dormia, e o *Abtinas*, que lhe servia de escritório. Tomava em mãos um punhado de incenso, de maneira que não deixasse escorrer nada, e treinava com o turíbulo, com os cutelos

sacrificais, tomava os cinco banhos rituais prescritos por lei e dez vezes lavava as mãos e os pés na bacia de bronze para abluções."[1]

Essas lustrações eram sombras do batismo. Na noite anterior ao grande dia, ele não dormia, porque na noite de sua paixão Jesus não dormiu. "Os príncipes dos sacerdotes cantavam para ele o Salmo CXXXVI e conversavam entre si e com ele a noite toda. Perto da meia-noite, limpavam das cinzas o grande altar, começando ao cantar do galo (em hebraico, *geber*), enquanto os átrios e o Templo ficavam cheios de israelitas, porque ninguém dormia na Cidade Santa naquela noite.

"Beseleel ('sob a proteção de Deus') fez três arcas: a do meio era de madeira, com nove palmos de altura; a de dentro era de ouro, com oito palmos de altura; a de fora era de ouro, com dez palmos de altura e um palmo e um pouquinho a mais em cima, para escondê-la. O ouro no topo tinha um palmo de espessura, para parecer uma pequena coroa sobre o topo da arca debaixo do propiciatório.

"Havia três coroas, uma do altar, uma da arca e uma da mesa da proposição para o pão e o vinho. A do altar, chamada 'coroa do sacerdócio', Aarão recebeu; a da mesa, chamada 'coroa da realeza", Davi recebeu; a da arca, chamada 'coroa do saber', ainda está por ser conferida ao Messias." (Prenunciava esta a coroa de espinhos em Jesus).

Segue-se então uma longa descrição do modo como Deus lhes falava por meio do *urim* e *tumim*, com suas doze pedras preciosas, cada qual trazendo o nome de uma das doze tribos de Israel, que brilhavam de maneira que eles lessem os oráculos de Deus e assim escrevessem a resposta dele.

"No *urim* e *tumim* havia somente os nomes das tribos, os nomes de Abraham, Itz'hak e Jacob, bem como as palavras *shibtei Jeshurun* ('as tribos de Israel'). Nós aprendemos que um sacerdote sobre o qual não repousa a *Shekiná*, e que não é inspirado pelo Espírito Santo, não necessita de ser consultado. O Espírito Santo capacitava-o a discernir as letras.

"Cinco coisas faltavam no segundo Templo. Quais eram? A arca, o propiciatório, os querubins, o fogo celeste, a *Shekiná*, 'o Espírito Santo', e o *urim* e *tumim*."

"Antigamente, todo aquele que quisesse limpar o altar das cinzas o fazia. Quando havia muitos sacerdotes, eles corriam pela escadaria que levava até o topo do altar. O primeiro que chegasse a quatro varas de distância do altar conquistava o direito de limpá-lo.

---

[1] Êxod. XXX, 18.

Um dos dois que subiam correndo a escadaria empurrou seu companheiro, que caiu e quebrou a perna. Noutra ocasião um deles matou um sacerdote a punhaladas. O *beit din* fez uma reforma, no sentido de que o altar devia ser limpo por sorteio — tiravam-se quatro sortes. Se um leigo viesse a aspergir o sangue, queimar o incenso e fazer a oferta de libação da água e do vinho, seria morto.[1]

"A segunda sorte visava escalar treze sacerdotes para imolar a vítima,[2] aspergir seu sangue, limpar das cinzas o altar de ouro no *Santo*, preparar as lâmpadas, subir até o grande altar com os membros da vítima, a cabeça, a perna traseira direita, as duas pernas dianteiras, a cauda, a perna traseira esquerda, a traqueia, dois flancos, as vísceras, a fina flor de farinha, as coisas em frigideiras; e a terceira sorte era para selecionar os sacerdotes que nunca tinham oferendado no *Santo*, e a quarta sorte era para escolher os sacerdotes que subiriam com os membros do animal, da escadaria até o altar. Os sacrifícios cotidianos eram ofertados por nove, dez, onze e doze sacerdotes, conforme a festa. O carneiro era oferecido em sacrifício por onze sacerdotes; a carne, por cinco; as vísceras, a fina flor de farinha e o vinho, por dois."

Os serviços de culto começavam quando o sol iluminava o sepulcro de Abraão. Quando Sara morreu, aos 127 anos de idade, Abraão comprou de Efron, o heteu, a dupla caverna do Hebron mediante persuasão e conversa, tal como hoje em dia os árabes regateiam contigo na elaboração de um contrato. É um espécime de contrato verbal oriental, que mostra como o povo dessas terras mudou pouco, em milhares de anos.[3]

Uma boa estrada para carroças sai do sul de Jerusalém rumo a Hebron, a uns trinta quilômetros de distância, serpeando através de Belém e rumo ao sul pelas fontes de Salomão. Na orla da montanha, rodeados por antigos reservatórios e por outros indícios de antiguidade extrema, no meio da cidade de Hebron erguem-se os muros de uma mesquita, outrora igreja cristã. Muçulmanos fanáticos enchem as ruas, fazendo carranca para ti. Tua vida mal está a salvo daqueles que guardam com ciosa cautela o lugar onde estão sepultados os patriarcas e suas mulheres. O Príncipe de Gales, mais tarde Eduardo VII, junto de seu séquito, de posse do sinete do sultão, teve permissão de entrar nas partes superiores do edifício, onde seis cenotáfios revestidos de seda cobrem os lugares onde,

---

[1] Ver *Yoma*, cap. XI, 33.
[2] *Yoma*, cap. XI, 35.
[3] Gên. XXIII.

lá embaixo, na "caverna dupla", repousam os restos mortais dos pais das raças árabe e hebreia.

Nas paredes da igreja de cima, uma tabuleta de bronze em grego te avisa de que ali embaixo está o sepulcro de "Abraão, o Amigo de Deus". Há alguns anos, o edifício foi restaurado sob a direção de um arquiteto italiano, Farenti, que certo dia desceu os degraus de pedra seguindo o guardião, embora chutado e repelido persistiu, e conta-nos que avistou, no piso da caverna, os seis sarcófagos de mármore dos patriarcas, de Abraão, Isaac, Jacó e suas esposas.

"Deitavam-se sortes, para escolher os sacerdotes que ministrariam no Templo, ou no crepúsculo da véspera, ou ao alvorecer. Antes do raiar do dia, o Superintendente dizia:[1]

"'Sai e vê se chegou a hora de imolar o sacrifício.'

"Eles subiam a torre do Templo, que fica na extremidade sudeste da área do Templo, e o primeiro que avistasse a luz dizia:

"'*Barekh*, faz-se luz. O oriente clareia.'

"'Até Hebron? O oriente clareia todo até Hebron?'

"'Sim. *Barekh al birkei*, a luz despontou.'

"Então cada um ia para seu trabalho. Por que essa cerimônia? Porque os patriarcas Abraão, Isaac, Jacó, José e esposas foram sepultados em Hebron. Abraão dava início ao *Minkhá* (orações da manhã) quando os muros começavam a projetar sombras escuras, conforme as palavras: 'Abraão levantou-se bem de manhãzinha'[2]."

Quando o disco solar despontava acima do longínquo Nebo, donde Moisés avistou a Terra Prometida e onde morreu e foi sepultado, e as sombras do monte se estendiam, pela manhã, através das águas espelhadas do Mar Morto, um grupo de sacerdotes, estacionados na torre no monte das Oliveiras, soava suas trombetas de prata. Os sacerdotes estacionados na torre do Templo acompanhavam o tom e davam três toques de trombeta, o primeiro lembrando-lhes as profecias acerca da vinda do Messias e seu reino; o segundo, a providência de Deus sobre o mundo; e o último, o Juízo universal. Todo o povo, na cidade sonolenta, se levantava, cada judeu punha seus filactérios, ficava de pé ao lado da cama e recitava seu "*Shemá*" e orações da manhã. Mas, neste grande dia da expiação, toda a judiaria se reunia no Templo ou, caso vivesse em terras distantes, ia à sinagoga.

O pontífice levantava-se do seu leito ao som da trombeta, vestia-se e ia banhar-se, a exprimir exteriormente a inocência

---

[1] *Yoma*, cap. III, 40-41.

[2] Gên. XXII, 3.

batismal que seria exigida do celebrante que entra no santuário sagrado de nossas igrejas, para sacrificar o Cordeiro de Deus.

"Desvestindo-se ele descia e mergulhava na água da grande bacia que ocupava de um lado ao outro a *beit ha-Parvá*, havendo uma tela de bisso interposta entre ele e o povo. Cinco vezes o sumo sacerdote se banhava, e dez vezes lavava as mãos e os pés. A cada vez que mergulhava n'água, ele dizia:

"Rogo-te seja a tua vontade, ó Deus, Senhor meu, que me faças entrar e sair em paz, que me faças voltar ao meu lugar em paz e me salves deste e de semelhantes perigos neste mundo e no mundo futuro."

O perigo que ele temia era o de morrer dentro do *Santo dos Santos*, tal como Deus fulminara os dois filhos malvados de Aarão, matando-os.[1]

"O sumo sacerdote ministra vestindo oito paramentos; um sacerdote comum, vestindo quatro: calção de linho, sotaina, cíngulo e mitra; para o sumo sacerdote adicionam-se o peitoral, o *efó*, uma casaca com *tsitsiot* ["fímbrias"], e a fita de ouro na testa com as palavras 'Consagrado a *Jehová*'[2]. O *urim* e o *tumim* ("saber e virtude") eram consultados somente quando ele estava paramentado desta forma, mas não se faziam consultas para um homem comum, apenas para a nação, para o rei, para o presidente do *beit din* (o juiz supremo da suprema corte) e para um funcionário público.

"Os paramentos deviam ser feitos, segundo a Bíblia, de linho trançado seis vezes. Onde se prescreve linho retorcido, deve-se trançá-lo oito vezes. O material da sotaina do sumo sacerdote era trançado doze vezes; o do véu, vinte e quatro vezes; o do peitoral e do *efó*, vinte e oito.[3] Eles faziam na orla inferior da veste bordados em forma de romãs com fios azuis, púrpuras e vermelhos entrelaçados. "E tu farás o racional do juízo, com trabalhos bordados de cores diversas, trabalhado como o *efó*, de ouro, violeta, púrpura e escarlate duas vezes tingido, e linho fino retorcido."[4] Quatro vezes cada sêxtuplo são vinte e quatro, mais o fio de ouro quatro vezes dá vinte e oito.

"A limpeza está próxima da santidade" — era regra no Templo. O banho frequente de corpo inteiro, a lavagem das mãos e a dos pés que se exigiam antes das cerimônias do Templo e o banho tomado antes da páscoa hebraica prenunciavam o batismo cristão. Porque

---

[1] Levít. X, 2.
[2] Êxod. XXVIII, 36.
[3] Êxod. XXXIX, 28.
[4] Êxod. XXVIII, 15.

sem este sacramento não se pode receber a Eucaristia. Quando João Batista veio às margens do Jordão em Gálgala, ali onde os hebreus atravessaram para tomar posse da Terra Prometida, pregando a penitência e batizando ele seguia os ensinamentos do Templo. Seguindo os costumes dos banhos judaicos, o maometano se lava na frente da mesquita antes de entrar na casa para ele tão santa.

Pela manhã, enquanto enormes multidões preenchem os átrios do Templo, e 1.000 sacerdotes e levitas preparam-se para as funções, o sumo sacerdote, uma vez mais, toma um banho, fazendo a oração que citamos. Enquanto o sumo sacerdote sacrifica o cordeiro matinal costumeiro, os sacerdotes e os levitas entoam a liturgia do Templo, os salmos, cânticos e orações. Circundado por doze sacerdotes, tendo à sua mão direita o *segan*, pronto para substitui-lo caso ele contraísse impureza, e, à sua direita e esquerda, os chefes da "classe" de sacerdotes que estavam a servir na semana, tal como o sacerdote assistente, o diácono e o subdiácono da Missa, com doze outros sacerdotes ao seu redor ele oficiava a cerimônia.

"Pela manhã, ele vestia-se com paramentos de linho de Pelúsio que valiam $ 180; ao entardecer, de linho indiano que custavam não menos de $ 100; eram por vezes ainda mais suntuosos, e eram custeados pelo tesouro do Templo. Mas ele podia usar vestes mais caras ainda, compradas com seus próprios fundos.[1]

"Depois de encerrado o serviço de culto da assembleia, se o sumo sacerdote tinha um paramento de linho feito por sua mãe às custas dela própria, podia vesti-lo e exercer o serviço para algum particular, mas não para a assembleia, e para remover do *Santo dos Santos* as colheres para o incenso puro e o incenso mesmo, mas depois de desvesti-lo ele deve doá-lo para a assembleia.

"A mãe do *rabi* Ismael ben Fabi,[2] que era o sumo sacerdote, fez para ele um paramento de linho que valia $ 9.000. Ele costumava vesti-lo, oficiar o serviço de culto para particulares e doá-lo mentalmente para a assembleia, mas trazia-o de volta para casa. A mãe do *rabi* Eliezer ben Harsum fez para ele um paramento que valia 20.000 minas. (Parece difícil de acreditar nisso, porque se o paramento anterior custava $ 9.000, ou seja, 100 minas, quanto tinha custado este? Mas citamos as assertivas tais como as encontramos no *Talmude*, no tratado *Yoma*.) Os sacerdotes, seus confrades, não

---

[1] *Yoma*, cap. III, 47.

[2] Ele era riquíssimo, vestia-se na última moda, adornado com rendas de ouro e joias. Apoderava-se de propriedades de viúvas e órfãos. Ele foi um dos juízes do sinédrio, opositor ferrenho de Cristo e, juntamente com os outros, condenou-o à morte.

deixavam que ele o vestisse, já que neste paramento ele parecia estar nu, de tão delicada era a sua textura."

Se os sacerdotes do Templo de *Jehová* se paramentavam com vestes de culto tão esplêndidas e suntuosas quando sacrificavam animais para prenunciar a Vítima da cruz, quão formosos e impecáveis não deviam ser os nossos paramentos quando imolamos na Missa o verdadeiro Cordeiro de Deus!

"O sumo sacerdote Ben Katin fez doze torneiras para a bacia das abluções, que só tinha duas. Fez também um mecanismo que descia a bacia para dentro do poço à vontade, para que sua água não ficasse imprópria por ter sido conservada de um dia para o outro. O rei Monobas fez de ouro todas as alças dos utensílios utilizados no dia da expiação. Helena, sua mãe, fez o candelabro de ouro sobre a porta do Templo. Fez, igualmente, uma tabuleta de ouro, na qual estava inscrita a seção sobre a mulher que é apartada[1]."

Essa rainha Helena, convertida ao judaísmo, seguia meticulosamente seus princípios, fez o voto de nazireato três vezes e praticou-o por vinte e um anos. Os sepulcros da família dela, chamados de "os Sepulcros dos Reis", são exibidos hoje no norte de Jerusalém. São amplérrimos, tratando-se de aposentos escavados na pedra bruta a norte do que já foi uma funda pedreira. Os degraus que descem até ali foram talhados de modo que a água da chuva é transportada para dentro de cisternas sob a rocha ao sul. A entrada para os sepulcros era fechada por uma pedra chata e redonda, como a pedra que cerrou a entrada do sepulcro de Cristo.

"O sumo sacerdote se banhava. Ao sair, ele se enxugava com uma esponja, eram-lhe trazidos os seus paramentos de tecido de ouro, que ele vestia, e então lavava uma vez mais as mãos e os pés. Traziam-lhe o sacrifício cotidiano, o cordeiro imolado de manhã e de tarde, às nove da manhã e às três da tarde. Ele degolava o cordeiro, e outro sacerdote terminava o sacrifício na presença dele.

"Ele recolhia o sangue, aspergia-o sobre as córnuas do grande altar. Entrava no *Santo* e ali queimava o incenso, preparava as sete lâmpadas do candelabro de ouro, e ao sair ele fazia o oferecimento da cabeça e dos membros do cordeiro, das coisas nas frigideiras e do pão e vinho.

"Neste dia havia cinco serviços cultuais: o sacrifício matutino diário, com paramentos de tecido de ouro; o serviço daquele dia, com paramentos de linho; o carneiro dele e o carneiro do povo, com

---

[1] Núm. V, 12.

paramentos de tecido de ouro; a colher e o turíbulo, com paramentos de linho; e as oferendas cotidianas, com tecido de ouro. Entre um e outro serviço ele precisava trocar de paramentos, e mergulhar fundo na fonte, lavando as mãos e os pés antes e depois do banho, conforme as palavras do Senhor a Moisés referentes a seu irmão Aarão.[1]

"Ele fazia uma incisão na garganta da vítima seguinte. De que extensão? Diz Ula: da maior parte da traqueia-artéria e da goela. Abyi dispôs em ordem os serviços, em conformidade com uma tradição que ele tinha, e esta concorda com a de Abu Saul. O primeiro grande arranjo de lenha precede o segundo arranjo de lenha na extremidade sudoeste do altar, como será explicado no tratado *Tamid*. Isso precedia as duas medidas de lenha, e estas precediam a remoção das cinzas do altar de dentro, e esta precedia a preparação das cinco lâmpadas. Esta precedia a aspersão do sangue do sacrifício matutino cotidiano, e isto precedia a preparação das duas lâmpadas, e esta precedia a queima do incenso, a qual vinha antes da combustão dos membros, o que vinha antes da oferenda de farinha, e esta vinha antes das coisas assadas na frigideira. Isto precedia a oferenda de libações (o pão e vinho), e esta precedia os sacrifícios adicionais para o *shabat* ou festividade, e estes vinham antes das colheradas de incenso puro. Da palavra *hashlamin* ('sacrifícios pacíficos') pode-se inferir que estes completam o serviço deste dia."

Agora eles conduzem o novilho para o átrio dos sacerdotes fazendo face ao corpo dele de norte a sul, e quando ele fica de pé a norte do grande altar eles viram o rosto do animal para o ocidente. Porque assim Cristo, na cruz, voltou a sua face, desviando-o da cidade que o matou, para olhar para as nações ocidentais que, mais tarde, acolheriam o seu Evangelho. O sumo sacerdote ficava de pé defronte ao oriente, com o rosto voltado para o ocidente. Ele impunha suas duas mãos, com as palmas viradas para baixo e os polegares formando uma cruz, sobre a cabeça da vítima entre os chifres. "Sobre este sacrifício pelo pecado ele confessava os pecados pelos quais esta vítima pelo pecado tinha sido trazida; sobre o sacrifício pela transgressão, os pecados correspondentes a esta; e sobre uma oferta queimada, os pecados de impedir que os pobres se reúnam, de se esquecer dos pobres e de não deixar sobras[2]."

"Ele punha suas duas mãos sobre ele e confessava seus pecados com as palavras seguintes:

---

[1] Levít. XVI, 23, 24, etc. Ver tratado *Yoma*, p. 45, para os detalhes, etc.

[2] Levít. XIX, 9, 10.

'Suplico-Te, ó *Jehová*, eu cometi iniquidades, transgredi e pequei diante de Ti, eu e minha casa. Suplico-Te, ó *Jehová*, perdoa, eu imploro, as iniquidades, as transgressões e os pecados que cometi, que transgredi diante de Ti, eu e minha casa, como está escrito na Lei de Moisés teu servo: «Neste dia se fará a vossa expiação e a purificação de todos os vossos pecados, para que sejais purificados de todos os vossos pecados».'"[1]

Com grande clamor a assembleia toda responde: "Bendito seja o nome da glória do Seu reino para sempre."

A ganância por dinheiro os possuía. Famílias tinham monopólios dos encargos do Templo, que lhes traziam vultosas rendas, e não contavam de jeito nenhum os segredos de seus ofícios.

"E a memória dos seguintes foi mencionada com censura: os da casa de Garmo, eles se recusavam a ensinar a arte de fazer os pães da apresentação (o pão da proposição, que prefigurava a hóstia ou pão do altar); os da casa de Abtinas, que não queriam ensinar a arte de preparar o incenso; Hogros ben Levi, que conhecia um bocado de música, na qual não se dispunha a instruir os outros. Ben Kamstar não queria ensinar a arte de escrever.

"A casa de Garmo era perita em fazer os pães da apresentação. Os sábios mandaram buscar trabalhadores de Alexandria, e estes conseguiam assá-lo bem, mas não conseguiam tirá-lo do forno, porque quebrava. Eles esquentavam o forno desde fora, enquanto a casa de Garmo aquecia-o desde dentro. Os pães da apresentação dos padeiros alexandrinos costumavam ficar mofados, e os daquela família nunca ficavam assim. Então a *beit Garmo* teve de ser convidada a retomar seu posto. Os sábios perguntaram-lhes: 'Por que não quereis saber de instruir os outros?' 'Nossa família conhece por tradição que este Templo cairá um dia, e então, se o tivermos ensinado a uma pessoa imprópria, esta poderá servi-lo aos ídolos'."

"A casa de Abtinas era perita na preparação do incenso, e seus membros se recusavam a ensinar como faziam. Os sábios mandaram buscar trabalhadores de Alexandria, e estes conseguiam preparar o incenso, mas não conseguiam fazê-lo de um jeito que o fumo subisse. *Rabi* Ismael disse: 'Certa vez, estando eu na estrada, encontrei um dos netos deles e lhe disse: «Os vossos ancestrais quiseram aumentar sua própria glória, e diminuir a do Senhor.»' *Rabi* Ismael ben Luga disse: 'Eu e um dos netos deles saímos para os campos, para recolher capim, e ele chorou, dizendo: «Vejo as ervas que costumávamos pôr no incenso para fazê-lo fumegar.»

---

[1] Levít. XVI, 30; *Yoma*, VI, 9.

«Mostra para mim.» «Fizemos um juramento de não mostrar isso a ninguém.»' *Rabi* Johanan ben Nuri encontrou um ancião da família de Abtinas com um pergaminho, no qual havia uma lista com o nome das especiarias usadas para o incenso. Eu disse: «Mostra para mim.» «Enquanto nossa família vivia, não mostraram isso a homem nenhum. Mas agora que morreram todos, e que o Templo não existe mais, posso entregá-la a ti, mas toma cuidado com ela.»"[1]

"Agora o sumo sacerdote vai até a frente do altar, e um sacerdote apresenta-lhe o estojo de ouro dentro do qual estão as 'sortes', numa das quais está escrito: 'Para *Jehová*', e na outra: 'Para *Azazel*'[2]. O *segan* está à sua direita, e o chefe da família de sacerdotes servindo naquela semana, à sua esquerda. Se a de *Jehová* for tirada pela mão direita dele, o *segan* lhe diz: 'Meu senhor sumo sacerdote, levanta a tua mão direita'. Se a de *Jehová* for tirada pela mão esquerda dele, o chefe da família diz: 'Meu senhor sumo sacerdote, levanta a tua mão esquerda'. Ele punha as sortes sobre os dois bodes, dizendo: 'Para *Jehová*, um sacrifício pelo pecado'; 'Para *Azazel*, o bode expiatório'. A assembleia toda respondia com voz forte: 'Bendito seja o nome da glória do Seu Reino para sempre'.

"O *segan* andava sempre à mão direita do pontífice ou aí permanecia, para que, se este se tornasse inapto para o serviço, ele assumisse o seu posto. Ele rasgava em duas a fita de pano escarlate, atava metade ao pescoço — e uma lingueta de lã escarlate à cabeça — do bode que devia ser mandado embora, o bode expiatório, e punha-o defronte à porta através da qual devia ser conduzido; e o que ia ser sacrificado, defronte ao lugar de sua imolação."

Antigamente, a fita de lã escarlate ficava branca, como sinal de que Deus tinha perdoado os pecados deles; a lâmpada ocidental ardia sempre, e aconteciam milagres notáveis, mostrando que os sacrifícios deles eram aceitos.

"Ensinaram os *rabis*: Quarenta anos antes de o Templo ser destruído, a sorte nunca saía na mão direita, a fita de lã não ficava branca, o lume ocidental não ardia, as portas do Templo se abriam sozinhas, até o tempo em que o *rabi* Johanan ben Zaki increpou-os, dizendo: 'Templo, Templo, por que nos alarmas? Nós sabemos que estás destinado a ser destruído. Pois de ti profetizou Zacarias ben

---

[1] *Yoma*, cap. III, 53-55.

[2] *Azazel* significa "onipotente *Eloí*", o Pai Eterno; pois Cristo, prefigurado pelo bode expiatório, ofereceu-se a si mesmo na cruz a seu Pai, com os pecados da humanidade sobre si.

Ido: «Abre tuas portas, ó Líbano, e deixa que o fogo devore teus cedros».'"[1]

Esses prodígios sucederam no instante em que Cristo morreu. Então rasgou-se o véu de cima abaixo, o terremoto abalou as duas colunas que sustentavam o véu e rachou as paredes, mortos ressuscitaram e entraram na cidade e no Templo. Deus mostrou que as cerimônias tinham cumprido sua missão de apontar para o Redentor, e que ele já não aceitaria mais as funções da nação deicida. Um outro sacrifício, a Última Ceia — a Missa, realizando todos aqueles, fora instituída na noite anterior, no cenáculo, conforme estava predito: "Não encontro nenhum prazer em vós, diz o Senhor dos exércitos, e não aceitarei oferenda de vossas mãos. Pois, desde o nascente até onde o sol se põe, o meu nome é grande entre os gentios, e em todo lugar há sacrifício e se oferece ao meu nome uma oblação pura. Pois o meu nome é grande entre os gentios, diz o Senhor dos exércitos."[2]

"Seis vezes o sumo sacerdote pronunciava o nome *Jehová*, durante o dia da expiação, três vezes na primeira confissão e três vezes na segunda confissão, e uma sétima vez depois de ter deitado sortes. Ele ia até o touro pela segunda vez, impondo-lhe as mãos e proferindo a confissão com as mesmas palavras citadas na primeira confissão. E todo o Israel respondia tal como anteriormente."

Começavam então os preparativos para os sacrifícios. Um leigo imolava os animais, pois os leigos romanos crucificaram Cristo entregue pelos sacerdotes.

"Todos os dias ele juntava o incenso raspando-o com uma colher de prata e esvaziava-o numa travessa de ouro, mas neste dia ele usava travessas de ouro. Ele recolhia os carvões em brasa do altar do fogo perpétuo, enchendo uma travessa que continha 3 *qab*, e despejava-os numa que continha 3 *qab*. Todos os dias ele enchia uma que continha 1 *seah* — 6 *qab*, mas neste dia ele enchia uma de 3 *qab*. Todos os dias, era uma travessa pesada de ouro amarelo, mas neste dia era uma leve, feita de ouro vermelho, com alça comprida.

"Ele costumava oferecer todos os dias metade de um *mina*, cinquenta denários em peso de incenso, metade pela manhã e metade de tarde, mas neste dia ele adicionava um punhado extra. No dia a dia, era finamente triturado, mas neste dia era finíssimo.[3] No dia a dia, os sacerdotes subiam pela escadaria leste do altar e

---

[1] Zac. II, 1; *Yoma*, IX, 43-39-59. Ver JOSEFO, *Guerr. jud.*, L. VI, cap. X, n. 3; *Antiguid. jud.*, III, VI, 7; EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 610.

[2] Malaquias I, 10-11.

[3] Levít. XVI, 12.

desciam pela oeste, mas neste dia o sumo sacerdote subia e descia pelo meio. Todo dia o sumo sacerdote lavava as mãos na bacia das abluções, mas neste dia com o jarro dourado, o *cyanthus*. Todo dia havia quatro fogos no altar, mas neste dia havia cinco.

"Quando o touro era imolado, ele recebia seu sangue numa bacia de ouro e entregava-o a um sacerdote que estava de pé na quarta fileira de degraus de mármore, para ser misturado. Ele tomava o turíbulo, subia até o topo do altar, limpava as brasas de ambas as mãos. Enchendo o turíbulo de brasas incandescentes, ele descia novamente e punha o turíbulo sobre a quarta fileira de pedras no adro."

Embora haja quinhentos sacerdotes e quinhentos levitas, revestidos dos paramentos do Templo, de pé no átrio dos sacerdotes e diante da porta de Nicanor, ao passo que milhares de pessoas se aglomeram no Templo, o sumo sacerdote sozinho tem de exercer a função religiosa no *Santo*; não pode haver ninguém com ele, a fim de prefigurar que os apóstolos fugiram, quando Jesus sofreu sozinho sua Paixão, na expiação que ele fez, quando abriu para a humanidade o *Santo dos Santos* do Céu.

"Eles trouxeram-lhe o turíbulo e a colher de ouro; ele pegou duas mancheias de incenso e encheu a colher. Segurou o turíbulo com a mão direita e a colher com a esquerda."

Ele está prestes a entrar naquele lugar santíssimo da terra, imagem daquele céu fechado pelo pecado de Adão. Que o celebrante da Missa aprenda a inocência batismal, a pureza de alma e a vida sem pecado exigidas para entrar no santuário, a fim de oferecer orações e de sacrificar o Cordeiro de Deus, com o seguinte:

"Aconteceu certa vez, no dia da expiação, que o sumo sacerdote conversou em praça pública com um árabe cuja saliva espirrou nos paramentos do sumo sacerdote. Ele ficou impuro; esse sumo sacerdote era o *rabi* Israel, filho de Qim'hith. Então seu irmão Jeshohab entrou e assumiu o seu lugar, de modo que a mãe dele viu dois filhos seus como sumos sacerdotes no mesmo dia. Num outro dia, o sumo sacerdote falava com um nobre gentio, deu-se o mesmo, e então seu irmão José assumiu o seu lugar.[1]

"Ele dobrava seus três dedos do meio sobre a palma da mão e, com o dedo mínimo e o polegar, removia o incenso que se encontrava do lado de fora dos três, um dos serviços mais difíceis no Templo. Ele segurava o cabo da colher com a ponta dos dedos e ia subindo pelo cabo com os seus polegares, conseguindo assim não derramar

---

[1] *Yoma*, IV, 69-70.

o incenso puro até que o cabo se achasse perto de suas axilas e o topo da colher estivesse acima das palmas de suas mãos. Ele virava então a colher, esvaziando assim em suas mãos o incenso puro, formava uma pilha de incenso puro dentro do turíbulo e o espalhava em cima dos carvões em brasa.

"Ele atravessa andando o Templo, segurando na mão direita o turíbulo pendurado nas correntes, até chegar ao local entre os dois véus que separam do lugar santo o *Santo dos Santos* — de uma vara de largura."

Eles não sabiam se o véu do Templo de Salomão ficava do lado de dentro ou do lado de fora da parede que dividia o *Santo*, do *Santo dos Santos*, por isso, no segundo Templo, eles puseram dois véus, um no interior, outro no exterior da parede divisória; o espaço entre os dois véus sendo chamado *debir*.

"O que ficava do lado exterior era levantado e voltava-se para a parede sul, e o interno para a norte. Ele caminhava entre eles até chegar à parede norte, onde virava o rosto para o sul, andava de volta tendo o véu à sua mão esquerda e chegava até a arca, que estava à sua direita dentro do *Santo dos Santos*. Ali chegando, ele punha o turíbulo entre as varas e amontoava o incenso em cima das brasas, de modo que todo o recinto fosse preenchido pelo fumo do incenso. Ele saía do mesmo jeito que tinha vindo, andando para trás com o rosto voltado para o *Santo dos Santos*, e recitava uma breve oração no *Santo*, mas sem alongá-la, para não alarmar os israelitas com sua demora, senão pensariam que ele tinha sido morto por Deus."[1]

Uma corda era amarrada a ele, a fim de que se Deus o fulminasse, pudessem puxar para fora o seu corpo morto, porque ninguém podia entrar jamais naquele aposento de paredes de ouro, com sua tênue luz religiosa, onde outrora Deus, *Shekiná*, o Espírito Santo, habitou sozinho, a exprimir de maneira visível que não havia nenhum membro do gênero humano no céu.

"A arca, com a taça de maná,[2] o frasco de óleo para ungir os sacerdotes e os reis, o bastão de Aarão com suas amêndoas e botões, e a caixa que os filisteus enviaram como presente ao Deus de Israel com os vasos de ouro, não estavam no *Santo dos Santos*."[3]

Durante o reinado de Salomão, Israel violou a aliança que seus pais fizeram com Deus, pela qual haviam concordado em adorar somente a Ele, e prestaram culto aos ídolos das mulheres do rei

---

[1] *Yoma*, IV, 73.
[2] Êxod. XVI, 33.
[3] Deut. XXVIII; II Par. 35.

Salomão no monte do Escândalo, onde ele construiu templos para elas. No tempo dos profetas, eles adoraram ídolos no próprio Templo de *Jehová.*[1] Deus guiou o profeta Jeremias, e este tomou a arca da aliança junto com seus grandes querubins alados, o propiciatório de Deus, e escondeu-os numa caverna no monte Nebo, onde Moisés morreu e foi sepultado. Nunca conseguiram achar o lugar, e ali estão ainda, onde permanecerão até que Israel volte para o Messias que seus pais mataram[2] quando gritaram: "Crucifica-o". O Templo magnífico que Herodes passou quarenta e seis anos construindo não estava totalmente terminado quando Cristo adorou ao Pai Eterno em seus átrios sagrados. Seu *Santo dos Santos* estava vazio. A *Shekiná* não habitava ali. A nação tinha caído do estado de graça sobrenatural dos dias de Moisés e dos profetas. Escribas, fariseus, rabinos e o infiel sacerdócio saduceu os tinham enganado. Mas eles viviam na esperança do Messias que estava predito visitaria esse Templo.[3]

"Quando a arca foi levada, havia ali uma pedra do tempo dos primeiros profetas, a *shetiá* ('fundação'), três dedos acima do chão. Ali em cima ele colocava o turíbulo. Ao sair, ele tomava do sangue, com quem o tinha misturado, voltava e parava, ali onde parara dentro do *Santo dos Santos*, e aspergia de sua posição uma vez para cima e sete vezes para baixo,[4] mantendo aberta a palma da mão, contando uma para cima e uma para baixo, uma e duas, uma e três, uma e quatro, uma e cinco, uma e seis, uma e sete.

"Fazendo uma profunda reverência, ele se afastava para trás e punha a bacia sobre o suporte de ouro no Templo. Eles traziam-lhe o bode. Depois de imolado, ele recebia seu sangue numa bacia, ia para o lugar anterior, parando onde tinha parado, e aspergia uma vez para cima e sete vezes para baixo, mantendo aberta a palma da mão e contando uma, uma e duas, etc. Ele saía e punha a bacia sobre o segundo suporte que havia no Templo. Pegava o sangue do touro e depunha o sangue do bode. Ele aspergia o sangue do primeiro, no véu que ficava defronte à arca do lado de fora, uma vez para cima e sete vezes para baixo, assim contando ele erguia a bacia cheia de sangue do bode e depunha a que continha o sangue do touro, aspergia aquele, no véu defronte à arca do lado de fora, uma vez para cima e sete vezes para baixo. Ele esvaziava no sangue do

---

[1] Ezequiel VI.
[2] II Macab. II.
[3] Malaq. III, 1.
[4] Levít. XVI, 14.

bode o sangue do touro, misturando-os, e transferia o conteúdo para dentro da bacia vazia."[1]

No sentido místico, aquele que aspergia de cima para baixo prenunciava o Filho de Deus na sua única Personalidade descendo do céu e se fazendo homem, as sete aspersões mostravam-no repleto dos sete dons do Espírito Santo,[2] derramando o seu sangue sobre a terra e mostrando-o ao seu Pai Eterno no santuário excelso do céu. A mistura do sangue do touro com o do bode tipificava a dupla natureza dele na única Pessoa do Divino Filho, Deus e homem unidos. A arca mencionada era a arca chamada *Aron*, dentro da qual se conservavam os rolos da Lei, assim no Templo como na sinagoga. O sangue era aspergido na direção da arca, prenunciando que a sinagoga mais tarde mataria Cristo.

"Quando ele aspergia em direção do véu, ele aspergia não em cima deste, mas defronte a este, de modo que o sangue caísse no chão. *Rabi* Eliezer ben José disse: 'Eu vi o véu em Roma com as marcas do sangue do touro e do bode do dia da expiação'. Depois ele entrava no *Santo*, pelo qual tinha passado todas as vezes que entrara no *Santo dos Santos*.

"Ele saía então até o altar que se encontra diante do Senhor, que é o altar de ouro, e começava a limpá-lo de cima para baixo. Por onde ele começa? Da ponta ou córnua nordeste para a noroeste, para a sudoeste e para a sudeste, naquele ponto em que ele começa a limpeza do altar exterior é onde ele termina de limpar o altar interior. Em todo lugar ele aspergia de baixo para cima, exceto no ponto onde ele estava, em que ele aspergia de cima para baixo.

"Ele aspergia sobre a clareira do altar onde se via o ouro, sete vezes; o que sobrava do sangue ele derramava na base ocidental do altar externo, e o que restava do sangue do altar externo ele derramava na base sul. Os dois tipos de sangue mesclavam-se na vala e escoavam para a torrente do Cedron.

"Verifica-se com respeito a todos os ritos do dia da expiação, cuja ordem é prescrita pela Bíblia e declarada nas *mishnás* acima, que se forem praticados na ordem errada, nada se fez; mas quanto às cerimônias praticadas com paramentos brancos do lado de fora, isto é, as sortes, o esvaziamento do sangue remanescente ou as confissões, é verdade que se ele as fez fora de ordem, são válidas. 'E esta será para vós uma ordenação perpétua, de rezar pelos filhos de Israel e por todos os seus pecados, uma vez por ano.'[3]

---

[1] *Yoma*, IX, 76, 77, 79, 81.

[2] Isaías II, 1, 2, 3.

[3] Levít. XVI, 34; *Yoma*, IV, 82-84.

"Os dois bodes para o dia da expiação devem ser iguais em cor, tamanho e preço, e ambos comprados ao mesmo tempo. Se um deles morrer antes de serem lançadas sortes, compra-se outro para compor o par; se depois das sortes morrer um, compra-se outro par, e as sortes são tiradas novamente, o que pertence ao primeiro par sendo deixado pastando até contrair nódoa, e então é vendido, e o dinheiro se torna em donativo, porque não se abate um animal designado a expiar pela congregação."[1]

Os dois bodes ficam agora diante do altar, à vista daquela vasta assembleia de hebreus de todas as nações. O sumo sacerdote aproxima-se do bode expiatório, estende as mãos sobre sua cabeça entre os chifres e confessa os seus pecados e os pecados de todo o povo, usando as palavras que citamos por ocasião do novilho, concluindo com: "Pois naquele dia fará ele expiação por vós, para que fiqueis limpos de todos os vossos pecados diante de *Jehová*."[2]

"E os sacerdotes e o povo que estavam nos átrios dianteiros, ao ouvirem o nome de Deus, ou seja, *Jehová*, sendo pronunciado pela boca do sumo sacerdote, tinham por hábito ajoelhar-se, prostrar-se, deitar de rosto no chão e dizer: 'Bendito seja o nome da glória de Seu Reino para todo o sempre'.

"Eles entregavam o bode expiatório ao homem pagão que devia ser o seu condutor. Qualquer um estava apto a executar esta função. Aos israelitas, porém, não lhes era permitido fazê-lo. Uma passarela elevada tinha sido construída para o bode, porque os judeus alexandrinos e babilônicos tinham o hábito de puxá-lo pelos pelos, dizendo: "Toma os pecados. Toma e vai."[3]

Ali plantado sobre o alto estrado estava o bode expiatório, com os pecados de Israel sobre si, a prefigurar Cristo entregue ao pagão Pilatos, quando Jesus ficou de pé sobre o alto estrado do pretório: o verdadeiro Bode Expiatório, entregue à morte com os pecados da humanidade sobre si, pelos sacerdotes do Templo ao bradarem: "Crucifica-o".

"Mesmo que o condutor fique impuro, pode entrar no Templo e levar o bode", para prenunciar que Pilatos não foi tão culpado da morte de Cristo quanto os membros da corte suprema que sentenciaram à cruz o Salvador.

"Com brados e imprecações, as vastas multidões seguiam o bode, levado pelo condutor pagão através da porta Susan, cruzando a ponte arqueada construída sobre o Cedron pelo sumo sacerdote."

---

[1] *Yoma*, VI, 87.
[2] *Yoma*, VI, 9.
[3] *Yoma*, XL, 94.

Era a mesmíssima ponte através da qual conduziram Cristo na noite em que foi preso. Mais tarde, a multidão seguiu-O descendo pela Via Dolorosa, saindo pela porta e subindo a colina do Calvário, naquela fatídica Sexta-Feira da Crucificação.

"Alguns dos homens proeminentes de Jerusalém soíam acompanhar o bode até a primeira das dez barracas supridas com refrescos para o condutor. Havia dez barracas entre Jerusalém e Tsuk ("o rochedo"), seu destino, uma distância de noventa *ris* (dezenove quilômetros). A cada barraca, eles diziam ao condutor: 'Está aqui a comida e aqui a água.' E as pessoas da barraca acompanhavam-no de barraca em barraca, exceto até à última delas, pois até o rochedo eles não iam, mas ficavam à distância, observando o que ele, o condutor, fazia com o bode."

Os judeus não pregaram Cristo na cruz, mas ficaram observando enquanto os romanos crucificavam-nO. O condutor prefigurava Pilatos e os soldados romanos, enquanto a multidão observando o bode à distância profetizava os príncipes dos judeus, o sumo sacerdote e os levitas ao redor do Calvário, sem poderem juntar-se às fileiras romanas, enquanto o Filho de Deus era sacrificado.

"O condutor dividia a lã escarlate que estava amarrada entre os chifres dele", pois eles dividiram as vestes púrpura que o Senhor usava entre eles. "Uma metade ele amarrava ao rochedo, e a segunda metade, entre os chifres do bode", como Davi predisse de Cristo: "Eles repartem os meus vestidos entre si"[1].

"Ele empurrava-o para trás até cair lá embaixo. Ele ia rolando e caindo, não tendo chegado ainda à metade da montanha quando já estava todo destroçado."[2]

Ensanguentado, lacerado, mutilado, esmagado nas rochas lá embaixo jaz a vítima sem pecado, com os pecados de Israel sobre si, imagem impressionante do corpo ensanguentado de Cristo morto com os pecados de toda a humanidade sobre Ele.

"O condutor voltava para a última barraca, sob a qual ficava sentado até escurecer", imagem de Pilatos em seu palácio, depois que a sua sentença de morte contra o Cristo tinha sido executada. Antes da morte de Cristo, todo ano a fita escarlate, sobre o rochedo e no Templo, ficava branca em seguida à morte do bode, e mensageiros ligeiros voltavam correndo à cidade, para contar ao povo a notícia alvissareira. Mas depois da Crucificação a fita não mudou mais. Os autores judeus tentam variadas maneiras de explicar o motivo.

---

[1] Salmo XXI, 19.

[2] *Yoma*, VI, 92.

"Outrora a lingueta de lã escarlate era amarrada à porta do vestíbulo do Templo, do lado de fora, para que todos pudessem vê-la. Quando ficava branca, todos se rejubilavam. Quando não ficava branca, todos perdiam o ânimo e se envergonhavam. Aí então, isso foi mudado, de forma que passou a ser amarrada à porta do vestíbulo, mas do lado de dentro. Mesmo então, eles ainda iam verificá-la. Isso foi reformulado, pois, de modo que metade devia ser amarrada ao rochedo, a outra metade aos chifres. Eles tinham ainda outro sinal. Uma lingueta de lã costumava ser amarrada à porta do Templo, e, quando o bode chegava ao deserto, a lã ficava branca por milagre, como está dito: 'Ainda que os teus pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve, e ainda que sejam vermelhos como púrpura ou carmesim, ficarão brancos como a lã'.[1]

Assim que os corredores traziam ao Templo a notícia de que o bode tinha sido morto, eles davam início aos serviços religiosos matutinos, a imagem de uma Missa solene pontifical que descrevemos numa obra anterior (*A Tragédia do Calvário*, capítulo VIII). O sumo sacerdote reveste-se de seus magníficos paramentos. Seu *segan*, como sacerdote assistente, fica de pé à sua direita, seus doze sacerdotes, imagem dos doze filhos de Jacó, pais das doze tribos hebreias, alinham-se, seis de cada lado do pontífice, assim como durante as cerimônias da manhã e da tarde de cada dia. Era este o número de sacerdotes assistentes em todas as cerimônias do Templo, e foi por essa razão que Cristo escolheu apóstolos em número de doze.

Quinhentos sacerdotes paramentados e igual número de levitas tomavam parte nas funções. Primeiro o sacerdote escolhido por "sortes", servido por dois sacerdotes, tal como o diácono e o subdiácono da Missa solene, entravam no *Santo* e incensavam o altar de ouro, assim como nós agora incensamos o altar, no começo da Missa. Então o cordeiro é sacrificado, seu sangue jogado nas córnuas do altar em forma de cruz e sua carne posta para queimar no fogo perpétuo que arde sobre o grande altar dos holocaustos.

Diante da entrada do *Santo* ficava uma arca ornamental, chamada *Aron*, dentro da qual repousavam os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Com o cerimonial que citaremos quando formos descrever a sinagoga, os rolos santos são retirados dali em meio a orações, cantos e hinos.

"O sumo sacerdote vinha fazer a leitura. Se ele desejasse ler usando paramentos de bisso branco ou de linho, assim fazia,

---

[1] Isaías I, 18; *Yoma*, VI, 95-97.

do contrário, lia usando uma estola branca que pertencia a ele próprio. O *hazan* ("servidor" ou "funcionário" da assembleia) tira da arca os rolos da Lei e apresenta-os ao presidente da assembleia, entrega-os ao *segan*, e este último apresenta-os ao sumo sacerdote."[1]

Esta cerimônia, com pouquíssimas modificações, se vê quando o Evangelho é cantado em Missa solene. Quando o bispo pontifica, porém, é cuidadosamente observada. O coroinha ou um clérigo entrega o Missal ao subdiácono, que lê aí a Epístola, após o que o entrega ao diácono, que o depõe sobre o altar tal como eram postos os rolos na arca, e se ajoelha em oração. Ele toma-o em mãos e, ajoelhando-se, apresenta-o ao celebrante, que lhe dá a bênção. O livro é transportado pelo diácono, indo o clero à sua frente até chegarem ao local onde o Evangelho é cantado. Os judeus, nas suas sinagogas de hoje em dia, transportam os rolos da Lei com as mesmas cerimônias.

"O sumo sacerdote se levanta e recebe de pé os rolos. Ele lê a seção: (O celebrante na Missa solene, de pé diante do altar, toca no Missal que está nas mãos do diácono ajoelhado.) 'Depois da morte dos dois filhos de Aarão, quando eles foram mortos por oferecerem fogo estranho', etc.,[2] e a seção: 'No décimo dia deste sétimo mês será o dia da expiação', etc.[3] Aí então, ele enrola juntos os rolos, e mantém-nos sobre os joelhos, e diz: 'Mais do que vos li está escrito aqui'.

"A seção 'No décimo dia', etc., ele lê de cor e, com essa ocasião, pronuncia as oito bênçãos, a saber: sobre a Lei, sobre o culto, sobre as ações de graças, a expiação da iniquidade, o Templo por si mesmo, Israel por si mesmos, Jerusalém por si mesma, os sacerdotes por si mesmos e o restante das orações. Quem vê o sumo sacerdote lendo não testemunha a combustão do novilho e do bode, não porque não fosse permitido, mas porque se interpunha uma grande distância, e as duas coisas eram feitas ao mesmo tempo."

O Templo, com seus grandes pórticos, seus átrios a céu aberto, seus saguões, compartimentos e aposentos, cobria uma área de mais de 90 metros quadrados. Talvez tenha sido o mais vasto edifício religioso jamais construído, e ficava tão apinhado de gente que nem todos conseguiam ver todos os serviços do culto.

"Se ele fazia a leitura vestindo trajes de linho, ele lavava as mãos e os pés, despia-se e descia para banhar-se, saía e se secava

---

[1] *Yoma*, cap. XII, 98.
[2] Levít. XVI.
[3] Levít. XVI, 29, 30, 31, 32.

com uma esponja. Paramentos de tecido de ouro eram-lhe trazidos, ele os vestia, lavava as mãos e os pés; ele saía e executava os ritos sobre o carneiro dele, sobre o carneiro do povo e os sete cordeiros sem defeito com um ano de idade. Eram ofertados junto com o sacrifício cotidiano da manhã, ao passo que o novilho para a oferta queimada e o bode utilizado fora do Templo eram ofertados com o sacrifício cotidiano da tarde."[1]

"Ele lavava as mãos e os pés, despia-se, descia para banhar-se, subia e se secava. Paramentos brancos eram-lhe trazidos, ele os vestia, lavava as mãos e os pés e entrava para buscar a colher e o turíbulo. Lavava de novo as mãos e os pés, despia-se, descia para banhar-se, saía e se secava. Paramentos de tecido de ouro eram-lhe trazidos, ele os vestia, lavava as mãos e os pés e entrava para queimar o incenso da tarde e para preparar as lâmpadas. Aí então ele lavava as mãos e os pés, desvestia seus paramentos, vestia suas próprias roupas, que lhe tinham sido trazidas, e era acompanhado até sua casa. Ele costumava observar o dia como feriado junto dos amigos, depois que ele saía incólume do *Santo dos Santos*.

"Sabemos pela tradição que o sumo sacerdote se banhava cinco vezes e que dez vezes ele lavava as mãos e os pés. Quando o condutor do bode expiatório voltava, caso encontrasse o sumo sacerdote na rua, dizia a ele: 'Meu senhor sumo sacerdote, nós nos desincumbimos dos encargos d'Aquele que dá vida a todos os viventes. Que Aquele que dá vida a todos os viventes te dê uma vida longa, boa, ordeira e pacífica'."

O que significava todo esse complexo cerimonial do destruído Templo de *Jehová*? Apontava para o futuro, para a expiação pela Cruz, para a entrada, no céu dos céus, do Cristo Bode Expiatório carregando sobre si os pecados do mundo, primeiro depois de seu sacrifício da Última Ceia e da cruz, e sua entrada novamente depois de toda Missa.

Este mundo, e tudo nele, repercute os espíritos que não se veem e a morada de gozo acima dos céus, onde o Eterno habita em sua glória. Quando o sacerdote reza Missa ou quando pontifica o bispo, como sumo sacerdote da Igreja mais jovem e mais perfeita, rodeado de seus ministros, paramentado de púrpura, de ouro e de linho fino, oferecendo em sacrifício não vítimas cruentas, mas o "Cordeiro de Deus imolado desde as fundações do mundo",[2] nós olhamos para além do véu desse cerimonial magnífico e formamos uma imagem daquele santuário celeste, que se nos mostra dessa

[1] *Yoma*, XII, 102.
[2] [Apoc. XIII, 8.]

maneira nas formas visíveis. S. Paulo alude magistralmente ao dia da expiação, mostrando que suas cerimônias prefiguravam Cristo para o judeu e agora o comemoram para os cristãos.

"Pois foi construído o primeiro tabernáculo, no qual estavam o candelabro, a mesa e os pães da proposição, o qual se chama o *Santo*. E por detrás do segundo véu, o tabernáculo que se chama o *Santo dos Santos*. Continha o turíbulo de ouro, e a arca da aliança, coberta de ouro por todas as partes, na qual estavam a urna de ouro que continha o maná, o bastão de Aarão que tinha florescido e as tábuas do Testamento. E sobre a arca estavam os querubins ("os retidos com firmeza" ou "firmemente aderidos") da glória, cobrindo com a sua sombra o propiciatório, sobre o que, não há necessidade de falar agora particularizadamente.

"Ora, estando estas coisas assim dispostas, no primeiro tabernáculo o sacerdote entrava de fato a todo instante, oficiando as funções dos sacrifícios. No segundo, porém, entrava uma vez por ano só o sumo sacerdote, não sem sangue, que ele oferecia em reparação da ignorância dele próprio e do povo; o Espírito Santo significava, com isso, que o caminho para adentrar o santuário ainda não se tinha franqueado, enquanto o primeiro tabernáculo permanecia ainda de pé, o que é figura do tempo então presente, quando se oferecem dons e sacrifícios que não logram tornar perfeito segundo a consciência o oferente do culto, cujo ministério toca somente a comidas, e bebidas, e diversas abluções, e justificações da carne impostas a eles até o tempo da correção.

"Mas uma vez Cristo presente, sumo sacerdote dos bens vindouros, através de um tabernáculo mais grandioso e mais perfeito, não feito com as mãos, isto é, não desta criação, e não com sangue de bodes e de bezerros, mas com o seu próprio sangue entrou uma vez por todas no santuário, tendo obtido uma eterna redenção.

"Porque se o sangue de bodes, e de touros, e as cinzas duma novilha, sendo aspergidos, santificam os que estão impuros, purificando a sua carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Santo se ofereceu a si mesmo sem mácula a Deus, não purificará a nossa consciência das obras mortas para servir ao Deus vivo?

"E por isso ele é o Mediador do Novo Testamento, para que por meio de sua morte, para redenção daquelas transgressões que havia sob o Antigo Testamento, os que foram chamados recebam a promessa da herança eterna. Porque, onde há testamento (ou seja, um instrumento que distribui propriedade depois da morte),

é necessário que intervenha a morte do testador. Porque o testamento só produz o seu efeito em caso de morte, não tendo força enquanto vive o testador. Por isso nem mesmo o primeiro testamento foi consagrado sem sangue.

"Pois assim que todos os preceitos da Lei foram lidos por Moisés a todo o povo, ele tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e com lã tinta de escarlate, e com hissopo, e aspergiu o livro mesmo e todo o povo, dizendo: 'Este é o sangue do Testamento que Deus ordenou para vós.' O tabernáculo também, e todos os vasos do ministério, de igual maneira ele aspergiu com sangue. E quase todas as coisas, segundo a Lei, se purificam com sangue, e sem efusão de sangue não há remissão.

"É, pois, necessário que as figuras das coisas celestiais fossem purificadas com essas coisas, mas que as coisas celestiais mesmas o fossem por meio de uma vítima melhor do que estas. Porque Jesus não entrou em Santuários feitos por mão de homem, figuras do verdadeiro, mas entrou no mesmo céu, para se apresentar agora em presença de Deus por nós."[1]

Olhemos para além do cerimonial do Templo e da Missa, para aquele santuário celestial onde Deus reina em glória, em meio aos milhões de santos adquiridos com seu sangue. O presbitério das igrejas, copiado do *Santo dos Santos* do Templo, agora já não tem véu algum. O grande véu que cerrava o *Santo dos Santos* foi rasgado de cima abaixo, no instante em que Cristo morreu, para significar como ele, com sua morte, abriu o céu. O sumo sacerdote judaico, naquele dia no *Santo dos Santos*, estendendo as mãos pingando sangue, com os braços e o corpo formando uma cruz, prefigurava nosso Sumo Sacerdote Jesus no *Santo dos Santos* celeste, estendendo suas ensanguentadas mãos trespassadas diante do trono de seu Pai Eterno, oferecendo ali as Missas rezadas por todos os seus ministros na terra.

Pois o agente vincula aquele que o envia para agir em seu nome. Os ministros vinculam os governos que os enviam como representantes seus. Na ordenação, o sacerdote recebe o poder de agir em nome de Cristo no negócio da salvação das almas e do oferecimento do sacrifício. De pé diante do altar, sentando-se no confessionário, administrando os sacramentos, Cristo opera junto com o sacerdote e por intermédio deste. O sacerdote pode ser douto ou inculto, bom ou ruim, refinado ou bruto, simples ou elegante, mas a Missa e os sacramentos são os mesmos, porque, por meio

---

[1] Hebreus IX.

dele, é o Pontífice da humanidade quem faz todas essas coisas, tal como se Ele próprio exercesse visivelmente a função religiosa.[1]

Vejamos agora nosso Sumo Sacerdote no céu e a Liturgia daquela Igreja celestial, de que a do Templo era, e a nossa é, a imagem. João, nascido da família de Aarão, sacerdote do Templo e o mais amado dos doze, tão bem quisto que deitou a cabeça sobre o peito de Jesus, João foi salvo do martírio por milagre, e exilado para Patmos pelo cruel imperador Domiciano. Ao passar por ali o navio a vapor, tu vês aquela ilha rochosa, sombria, árida, deserta, erguendo-se do mar Egeu. Narra-nos ele ter visto o Santuário celeste que serviu de molde aos edifícios do Templo e da Igreja.

Em imagens e formas sensíveis, o último dos apóstolos contemplou a visão, mas muito aquém da realidade do mundo espiritual: "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais passou pelo coração do homem tudo o que Deus preparou para aqueles que o amam"[2]. Ninguém, enquanto vive aqui na terra, é capaz de ver as três Pessoas de Deus, os anjos ou as almas desencarnadas dos homens. Pois, assim como é por meio da luz que vemos as coisas materiais, assim também a luz da glória, que jorra de Deus Filho na visão beatífica, mostra-nos o mundo dos espíritos somente após a morte. Sob as formas visíveis que atuavam sobre seus sentidos, o Apóstolo amado viu os céus abertos.

No excelso trono celeste estava o Pai Eterno, diante d'Ele erguia-se o altar, sob o qual estavam as almas dos mártires. Ali estavam os quatro evangelistas, na forma dos animais vistos por Ezequiel.[3] Os vinte e quatro anciãos, os grandes homens de ambos os Testamentos, estavam sentados em tronos de glória. Por causa dos poderes superiores que ela tem sobre as demais dioceses, desde os tempos apostólicos a diocese de Roma constituiu seu presbitério de vinte e quatro sacerdotes, atualmente o Colégio dos Cardeais, enquanto as outras dioceses tinham somente doze membros do senado. Ali estava a mulher vestida de sol, coroada com doze estrelas — os apóstolos — enquanto os exércitos celestes cantavam a Liturgia celestial. Ali estava posta a mesa do Senhor, o grande Banquete Eucarístico para o qual todas as nações foram convidadas. O Filho do homem e Filho de Deus, como Sumo Sacerdote da humanidade, o Cordeiro de Deus, "o Anjo", estava de pé diante do altar celestial, oferecendo ao seu Pai Eterno as Missas rezadas pelos seus ministros na terra.

---

[1] Ver S. AGOSTINHO, *Tract* VI *in John.*

[2] I Cor. II, 9.

[3] Ezequiel I.

Por essas razões, em todas as Missas o sacerdote, com suas mãos fechadas repousando sobre a extremidade do altar, reza que Cristo ofereça a Oblação sobre o altar celestial, diante do trono de seu Pai Eterno, em meio às miríades de anjos e de santos daquela celestial Jerusalém, dizendo:

"Suplicantes Vos rogamos, Deus onipotente, mandeis que estas ofertas sejam levadas pelas mãos do vosso santo Anjo para o vosso sublime altar, à presença da vossa divina Majestade, a fim de que todos nós, que, comungando deste altar, recebermos o sacrossanto Corpo ✠ e Sangue ✠ do vosso Filho, sejamos cumulados de todas as bênçãos e graças celestes. Pelo mesmo Cristo Senhor nosso. Amém."

"Eu estava no Espírito, no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim uma grande voz. E voltei-me para ver a voz do que falava comigo; e voltando, vi sete candeeiros de ouro; e no meio dos sete candeeiros de ouro, alguém que se parecia com o Filho do homem, vestido de uma roupa talar, e cingido pelos peitos com uma cinta de ouro.[1]

"Depois destas coisas olhei, e eis uma porta aberta no céu. E eis um trono que estava posto no céu, e alguém assentado sobre o trono. E aquele que estava assentado era no aspecto semelhante a uma pedra de jaspe e de sardônio; havia um arco-íris em volta do trono, que se assemelhava à cor de esmeralda.[2]

"E em circunferência do trono havia vinte e quatro tronos, e sobre os tronos vinte e quatro anciãos assentados, vestidos de roupas brancas, e nas suas cabeças coroas de ouro. E do trono saíam relâmpagos, e vozes, e trovões. E sete lâmpadas ardiam diante do trono, que são os sete Espíritos de Deus. E na frente do trono havia um como mar de vidro semelhante ao cristal, e no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um novilho, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

"E os quatro animais tinham cada um seis asas, e em volta e por dentro estão cheios de olhos. E não repousavam nem de dia nem de noite, dizendo: 'Santo, Santo, Senhor Deus Onipotente, que era, e que é, e que há de vir.' E quando aqueles animais davam glória, e honra, e bênção ao que estava assentado no trono, que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante

---

[1] Apoc. I, 10-14.

[2] Apoc. IV.

do que estava assentado no trono, e adoravam ao que vive pelos séculos dos séculos, e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: 'Digno és, ó Senhor nosso Deus, de receber a glória, e a honra, e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas eram e foram criadas.'"

Na mão direita do Pai Eterno estava um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos — a inteira revelação que o Espírito Santo entregou ao homem contida na Bíblia da qual Cristo é a chave. Ele refulge de cada página de ambos os Testamentos. Removei-o, e ninguém consegue entender a Bíblia.

"Eu olhei, e eis que no meio do trono e dos quatro animais estava um Cordeiro em pé, como imolado, o qual tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra. E ele veio, e recebeu o livro da mão direita d'Aquele que estava assentado no trono. E tendo ele aberto o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um harpas, e redomas de ouro cheias de fragrâncias, que são as orações dos santos. E cantavam um cântico novo, dizendo: 'Digno és, Senhor, de receber o livro e de abrir seus selos, porque foste morto e nos remiste para Deus com o teu sangue, de toda tribo, e língua, e povo, e nação, e nos fizeste para o nosso Deus reino e sacerdotes, e reinaremos sobre a terra.'

"E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos, e era o seu número milhares de milhares, os quais diziam em alta voz: 'É digno, o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e a divindade, e a sabedoria, e a fortaleza, e a honra, e a bênção.' E a toda criatura que há no céu e na terra, e debaixo da terra, e às que há no mar, e a todas as coisas que ali há, a todas ouvi dizer: 'Àquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, bênção, e honra, e glória, e poder, pelos séculos dos séculos.' E os quatro animais diziam: Amém. E os vinte e quatro anciãos prostraram-se com o rosto em terra, e adoraram Àquele que vive pelos séculos dos séculos."

"Depois disto vi uma grande multidão que homem nenhum é capaz de contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam em pé diante do trono e à vista do Cordeiro, vestidos de roupas brancas, e com palmas nas suas mãos. E clamavam em voz alta, dizendo: 'A salvação ao nosso Deus e ao Cordeiro.' E todos os anjos estavam de pé em volta do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais, e se prostraram ante o trono sobre os seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: 'Amém. A bênção, e a glória, e a sabedoria, e a ação de graças, e a honra, e o poder, e a fortaleza ao

nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém.' Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os embranqueceram no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e servem a Ele de dia e de noite no seu Templo, e o que está assentado no trono habitará sobre eles. Não terão mais fome nem sede, nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os governará, e os conduzirá às fontes das águas da vida, e Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos."

"E, quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho que tinham dado. E clamavam em alta voz, dizendo: 'Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, dilatarás o fazer-nos justiça e vingar o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?' E estolas brancas foram dadas a cada um deles, e lhes foi dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que o número de seus conservos e irmãos, que haviam de ser mortos assim como eles, se completasse."[1]

"E apareceu um grande portento no céu, uma mulher vestida de sol, e a lua debaixo de seus pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas. E olhei, e eis que um Cordeiro estava de pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil que tinham o nome dele e o nome de seu Pai escritos nas suas testas. E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz dum grande trovão, e a voz que ouvi era como de tocadores de harpa que tocavam as suas harpas. E eles cantavam como que um cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais, e dos anciãos. E vi um como mar de vidro misturado com fogo, e os que venceram a besta e a sua imagem e o número do seu nome, estando de pé sobre o mar de vidro, tendo as harpas de Deus, e cantando o cântico de Moisés, e o cântico do Cordeiro, dizendo: 'Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus Onipotente, justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos. Quem não dará ouvidos a Ti, ó Senhor, e não glorificará o teu nome? Pois só tu és misericordioso, pois todas as nações virão e se prostrarão em adoração na tua presença, porque os teus juízos estão manifestos."

"Eu ouvi uma como voz de muitas multidões no céu, que diziam: 'Aleluia. A salvação, e a glória, e o poder ao nosso Deus. Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, que julgou a grande meretriz, a qual corrompeu a terra com as suas fornicações, e que

---

[1] Apoc. VI, 9, 11.

vingou o sangue de seus servos das mãos dela.’ E outra vez disseram: ‘Aleluia.’

“E os vinte e quatro anciãos e os quatro animais prostraram-se e adoraram a Deus, que estava assentado sobre o trono, dizendo: ‘Amém, Aleluia.’ E saiu do trono uma voz, dizendo: ‘Louvai ao nosso Deus, vós todos os seus servos e os que a Ele temeis, pequeninos e grandes.’ E ouvi uma como voz de muitas águas, e como a voz de grandes trovões, dizendo: ‘Aleluia. Pois reinou o Senhor nosso Deus, o Onipotente. Alegremo-nos, e exultemos, e demos glória a Ele, porque chegaram as bodas do Cordeiro, e sua esposa está preparada. E a ela foi dado que se vista de linho fino, resplandecente e branco. Pois este linho fino são as justificações dos santos’.”[1]

[1] Apoc. XIX, 4.

III.— O PÃO, O VINHO, A ÁGUA, O ÓLEO E O INCENSO, NO TEMPLO.

O TEMPLO judeu estava repleto de numerosos objetos que lembravam aos hebreus sua religião, excitando-os à oração e à devoção. Esses objetos não comunicavam por si mesmos a graça. Estimulados ao vê-los, entretanto, eles praticavam seus atos de religião dentro da fé, da esperança e do amor pelo seu predito Redentor. Esses objetos religiosos eram os sacramentais da Lei Antiga. Na Última Ceia, Cristo elevou os sacramentais judaicos, o pão, o vinho misturado com água, e o óleo junto com a imposição de mãos, à dignidade de serem a matéria do Sacrifício Eucarístico e das Ordens sacras. Há uma impressão geral de que quando Cristo fez isso ele tomou matérias nunca dantes usadas no culto divino. Mas ele não fez nenhuma mudança abrupta. Desde a época pré-histórica, nos tempos dos patriarcas, de Moisés e dos profetas, o Espírito Santo escolhera o pão, o vinho, a água, o óleo e o incenso, e na antiga páscoa e no Templo eles foram transmitidos pelos ritos, história e religião dos hebreus até os dias de Cristo. Vejamos essas imagens da Missa e dos sacramentos e sua história, pois mais tarde encontraremo-las na Última Ceia.

Começaremos primeiro a história do pão, "o esteio da vida". Quando da dispersão das setenta e duas famílias da humanidade, partindo das planícies da Mesopotâmia quando a linguagem de nossa raça foi mudada, os homens brancos retiraram-se para as margens sul do Mar Cáspio, onde constataram que crescia trigo (*triticum vulgare*), uma espécie da família da cevada (*hordeicae*). Ali, pouco depois do dilúvio mas muito tempo antes de emigrarem para colonizar a Europa, eles cultivaram esse trigo, que dali se espalhou pelo mundo. É mencionado como vicejante no Egito, nos dias em que o cativo hebreu José se tornou o primeiro-ministro do Faraó.[1]

A Palestina produziu grandes quantidades de um trigo superior, tão logo os hebreus se apoderaram de sua "Terra Prometida". Ainda se veem os montes da Palestina com terraços construídos até ao cimo. Longos campos estreitos e serpeantes, por vezes de não mais do que alguns pés de largura, parecem grandes degraus, seu solo sustentado por muradas de pedra, produtos do trabalho de

---

[1] Gên. XLI.

quase 4.000 anos, em que o trigo era cultivado naqueles dias em que a Terra Santa era densamente povoada. Trinta e cinco vezes se menciona o trigo no Antigo Testamento. Por que o Espírito Santo inspirou os patriarcas a assar bolos ázimos de farinha de trigo para a páscoa que celebravam? Por que os sacerdotes os ofertavam no Templo todo *shabat*, e por que Cristo mudou esse pão no Seu Corpo? Vejamos as profundas razões expostas nas investigações do nosso tempo.

Segundo as pesquisas científicas, o pão de trigo é o mais nutritivo de todos os alimentos. O corpo humano precisa de calor para fornecer energia, e de alimentação para reparar as perdas. A vida poderia sustentar-se mais tempo só com pão do que com qualquer outro alimento, sua única deficiência sendo a falta de substâncias nitrogenosas. Meio quilo de pão é mais nutritivo do que meio quilo de carne. Um homem seria capaz de viver de 900 gramas de pão por dia, por tempo indefinido, mas não de qualquer outro tipo de comida. O açúcar é o segundo alimento de maior valia, e isso explica por que as crianças gostam de pão com doces. Os açúcares no vinho, ou glicose, suprem o que falta ao pão. Por essa razão, o pão e o vinho são os alimentos mais nutritivos conhecidos pelo homem. Os patriarcas, guiados pelo Espírito Santo, escolheram para os seus sacrifícios e para a páscoa que celebravam uma comida e uma bebida que se estribam em princípios estritamente científicos.

As pessoas, a princípio, comiam os cereais sem triturá-los. Ao atravessarem as searas, esfregavam nas mãos as espigas, separando o joio, e comiam os grãos de trigo, como os apóstolos fizeram no *shabat*.[1] Nos tempos antigos, os hebreus comiam cereais dessa forma.[2]

Mais tarde, passaram a ser triturados num pilão de pedra ou de madeira, e a farinha resultante era misturada com água e transformada em bolos, assados no fogo. Estes eram postos sobre carvões em brasa, como fez Abraão quando o Senhor visitou-o junto de dois anjos.[3] Em meio às exigências de deixar os hebreus partirem feitas por Moisés, encontramos mencionada pela primeira vez a mó do moinho[4], e sete vezes o Antigo Testamento menciona a mó.

Esta antiga mó, chamada em hebraico *rechayim*, ainda usada na Palestina e no Oriente, é feita de duas pedras chatas, de cerca de sessenta centímetros de diâmetro. A de cima, chamada *pelach*,

---

[1] Mateus XII, 1, 2.
[2] Levít. XIV, 23; Rute II, 2, 3, 17, 18; II Reis XVII, 28, etc.
[3] Gên. XVIII, 6.
[4] Êxod. XI, 5.

apoiava-se sobre uma inferior, a *receb*, unidas por um eixo através de uma abertura no meio; as mulheres, sentadas no chão, giravam a pedra de cima, segurando uma manivela com a mão direita e introduzindo os grãos com a esquerda. As pedras eram eriçadas nos lados de cima e de baixo.[1]

No tempo de Cristo, eles às vezes usavam pedras grandes, giradas por animais.[2] Os reis e os nobres tinham padeiros especiais.[3] A lei proibia que uma das pedras fosse penhorada por dívida, pois nesse caso a família não teria como triturar seus cereais.[4] Trituravam-se todas as espécies de grãos nessas pequenas mós, mas dado que a farinha de trigo é que foi usada para fazer o pão da proposição do Templo, utilizado na Última Ceia, vamos nos confinar ao pão de trigo.

A palavra "pão" em inglês (*bread*) vem do hebraico *barah*: "comer", "alimentar(-se)", "nutrir(-se)"; nesse sentido, Deus disse a Adão que ele, depois do pecado, haveria de comer o seu pão com o suor de sua fronte todos os dias de sua vida,[5] e muitos textos da Bíblia mostram que "pão" significava todo tipo de alimento.

Depois de o trigo ser socado ou triturado na mó, a farinha resultante era misturada com água, transformando-se numa massa que era passada no rolo, de modo a formar bolinhos finos que eram assados sobre carvões em brasa. Os patriarcas faziam os bolos ázimos (não levedados) assim, compostos somente de farinha e de água; esses eram os bolos da páscoa hebraica, e dessa maneira têm sido feitas, desde então, as hóstias para a Missa na Igreja latina.

No relato da fuga do Egito, nós encontramos mencionado pela primeira vez o pão fermentado. Este é feito mesclando-se a massa com fermento (de "levedar", "exalar gases"). O fermento é um fungo microscópico que se alimenta de açúcar e exala os gases que fazem o pão "crescer". Diversas espécies desse fungo se utilizam na fermentação do vinho, da cerveja, etc. Verificamos que os egípcios produziam cerveja, e talvez tenha sido deles que os hebreus aprenderam a fazer pão fermentado. Nas Igrejas grega e orientais se usa pão fermentado para a Missa, mas isso não está em conformidade com as regras estritas da páscoa dos hebreus, da Última Ceia e do costume patriarcal.

---

[1] Deut. XXIV, 6; Jó XLI, 15, 16; II Reis XV, 21.
[2] Mateus XVIII, 6.
[3] Gên. XL, 2; Jer. XXXVII, 21; Oseias VII, 4.
[4] Deut. XXIV, 6.
[5] Gên. III, 19.

Nos desertos madeira é rara, e os árabes usam agora adubo orgânico ressequido, sobre o qual põem os bolos ázimos achatados, que eles viram para assar dos dois lados: a crosta tem o cheiro do estrume, mas o sabor do que tem dentro é apetecível.

Foram instalados grandes fornos em toda cidade e aldeia da Judeia, aos quais o povo levava o pão para ser assado. Subindo o monte das Oliveiras, um pouco abaixo do local da Ascensão, via-se um domo redondo, com cerca de três metros de diâmetro e dois de altura, onde havia uma fogueira de esterco dessecado. Uma mulher ali dentro, cercada de fumaça, fazia os bolos e punha-os no fogo. Ela ofereceu um, mas foi recusado com gratidão. Fornos assim podem ser vistos até hoje em todas as partes do Oriente, especialmente em meio ao povo simples, que não foi mudado pelos métodos modernos.

A dona de casa preparava e assava o pão.[1] Mais tarde isso virou trabalho dos criados.[2] Depois do tempo de Davi, quando os hebreus começaram a dedicar-se aos negócios, toda família rica tinha um padeiro.[3]

Eles usavam uma travessa de madeira, na qual misturavam a massa feita de farinha e água, mas posteriormente introduziram nela o levedo, para fazê-la crescer por fermentação. O primeiro tipo de pães, chamados *matsôt* ("não levedados"), era o único utilizado na páscoa judaica e em todos os sacrifícios do Templo.[4] O segundo chamava-se *hametz* ("fermentado").

Esses bolos eram redondos, tinham de vinte e cinco a trinta centímetros de diâmetro, os pães não fermentados sendo finos como uma faca, e os fermentados tendo mais de um centímetro de espessura. Eles nunca cortavam os pães com faca, mas partiam-no com os dedos.[5] Na páscoa e demais festividades hebraicas, o chefe da casa sempre partia o pão e o distribuía aos comensais. O chefe da casa em Sião, durante a páscoa judaica, partiu o pão e deu um pedaço ao autor.

Na Igreja, o celebrante parte a Hóstia antes de comungar e, se necessário, parte as Hóstias menores ao distribuir a Comunhão. No Rito latino, esse costume judaico de partir o pão ou as Hóstias

---

[1] Gên. XVIII, 6; Levít. XXVI, 26; II Reis XIII, 6-8; Jer. VII, 18.

[2] I Reis VIII, 8-13.

[3] Oseias VII, 4-7; Jer. XXXVII, 20; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1135, etc.

[4] Gên. XVIII, 6; XIX, 3; Juízes VI, 11; III Reis XVII, 12; Êxod. XII, 15, 85; XIII, 3; XVI, 3, 4, 8, 12; Levít. II, 4; VII, 12-13; VIII, 26, 31, 32; Deut. XVI, 3; Amós IV, 6.

[5] Isaías LVIII, 7; Lam. IV, 4; Mateus XIV, 19; XV, 36; XXVI, 26.

é seguido sempre, e o pão não fermentado da páscoa judaica e dos patriarcas é o único que se usa. No Rito grego e aparentados, com uma longa cerimônia diante da mesa chamada credência, durante a Missa, o celebrante, com uma pequena lança, corta de um pão fermentado um pedaço grande para o sacrifício, um para a Virgem, um para João Batista e um para cada um dos Apóstolos. Vejamos o pão nos lares e no Templo dos hebreus.

Fora da casa eles cavavam um buraco, como um poço, com algo entre meio metro e um metro de largura e de um a dois metros de profundidade,[1] muravam-no com pedras e então emplastravam-no por dentro com barro úmido, deixando buraquinhos para as chamas subirem nesse forno. Quando o forno ficava em brasa, removiam o fogo e punham dentro a massa, cobrindo com terra todo o exterior do forno.[2] Quando os bolos ficavam assados de um lado, viravam-nos do outro.[3] Foi este o forno fumegante mostrado a Abraão, no qual deviam ser assados os bolos pascais,[4] quando o Senhor, com um anjo de cada lado seu, visitou a tenda do patriarca. Nesse tipo de forno, Lot preparou pães ázimos para os anjos que o advertiram a fugir das perversas e condenadas Sodoma e Gomorra.

Mais tarde eles passaram a usar um forno portátil chamado *tanur*, de quase um metro de altura, feito de cerâmica e acetinado por dentro e por fora com argila branca, o qual apoiava-se sobre uma base móvel, formando a fornalha. Depois de o aquecerem com fogo por dentro, eles removiam as brasas e grudavam dos lados a massa.[5] Nesse forno eles assavam os pães da proposição (ou "pães da apresentação") do Templo, figura típica da Eucaristia.[6] Era este o pão que o corvo levava para Elias a cada dia. Alguns autores dizem que esse corvo não era uma ave, mas um membro da tribo dos Corvos, de viajores beduínos. O anjo deu ao grande profeta esse pão não levedado, que lhe deu forças para jejuar por quarenta dias e quarenta noites, até que ele chegou ao Horeb, prenunciando as graças da Comunhão.[7]

Recipientes de material e formato igual se usavam para conservar os líquidos. Eles utilizavam também um cesto de ferro, que tinha três suportes, como um tripé, ou então era deitado sobre

---

[1] Levít. XI, 35.
[2] Levít. VII, 9, 12, 3, etc.
[3] Oseias VII, 8.
[4] Gên. XV, 17.
[5] Levít. II, 4; Ecl. X, 30; Jer. LII, 18.
[6] Ver EDERSHEIM, *Temple*, 152.
[7] III Reis XIX, 6-8.

três pedras, embaixo do qual montavam uma fogueira, assando dentro dele a massa.[1] Ali eles assavam não só o pão ázimo para a sua páscoa e o pão fermentado para o seu uso cotidiano, como também outros tipos de pães e de bolos ou tortas, feitos de uma variedade de grãos.

O pão não levedado, feito somente com farinha e água desde antes do início da história, é chamado em hebraico *matsôt*, em grego *azyme*, ambas palavras que significam "sem levedo" — distinguindo-se assim do *hametz* ("levedado"), que era feito com fermento —, e foi utilizado na páscoa hebraica, oferendado no Templo e consumido em todos as festas religiosas deles. Trinta e oito vezes esse pão é encontrado no Antigo Testamento, e centenas de vezes nos escritos judaicos posteriores.

Os judeus de nossos dias preparam esse pão observando meticulosamente as práticas de seus ancestrais. A farinha é triturada a partir de trigo seleto, não pode estar mofada nem mesclada com outra farinha, e é cuidadosamente conservada. Misturada com a água mais pura, eles fazem com ela uma massa, na qual passam o rolo formando bolos bem finos, de cerca de trinta centímetros de diâmetro, que eles assam imediatamente em seguida, para que a massa não fermente. Uma vez assados, são conservados numa caixa ou lata pura de toda mácula ("*kosher*"). Eles misturam então a massa que sobra, com mel, ovos e açúcar, etc., mas não com fermento. Esta, chamada *ha-ashira* ("tortas ou bolos ricos, saborosos"), eles enviam aos amigos, aos doentes e aos cristãos. Mas os judeus mais estritos não enviam aos gentios o pão pascal ordinário.

Para o hebreu, esse pão não levedado era o "esteio da vida", não se fazia refeição sem ele; lembrava-os do pão que Melquisedec ofereceu em sacrifício quando abençoou o pai deles, Abraão; recordava-lhes o pão da proposição no Templo, o maná do deserto, e havia uma tradição de que quando viesse o Messias ele renovaria no pão o maná milagroso. Por essas razões, as bênçãos à mesa eram sempre proferidas sobre o pão[2] e o vinho, e essas bênçãos bastavam para todos os demais alimentos.

Toda véspera de *shabat*, com um cerimonial que mais adiante citaremos, os sacerdotes dispunham doze bolos finos do pão ázimo da páscoa patriarcal e, no meio deles, e com eles mesclados em sentido místico, doze frascos de ouro contendo vinho misturado com água.[3] Estes, do mais puro ouro, eram feitos como grandes copos de

[1] Levít. II, 5; VI, 14-15; Êxod. XXIX, 2-3.
[2] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, p. 206, etc.
[3] Êxod. XXV, 29, 30.

ouro.[1] O cordeiro sacrificado de manhã e de tarde todos os dias prenunciava a Crucificação, e o pão e o vinho apontavam para a Última Ceia e para a Missa. Qual era a cerimônia, no Templo, do pão e do vinho?

No início da tarde de sexta-feira, a "nova classe" de sacerdotes escolhidos para a função, representando todos os sacerdotes e levitas típicos da tribo de Levi, juntamente com os "homens a postos", emblemáticos de todo o Israel, vinham ao Templo para tomarem os seus lugares para a semana seguinte. Os homens escolhidos por "sortes" assumem seus postos para o cerimonial do pão e vinho da proposição.

Quando o sacrifício do cordeiro, que tinha começado às três da tarde, estava quase acabando, davam-se três toques com as trombetas de prata, para avisar a todos, no Templo e na cidade sagrada, que se aproximava o *shabat*, pois este tinha início ao pôr do sol. Jacó, o último grande patriarca deles, estabelecera esta hora de oração, pois era o momento em que mais tarde morreu Jesus. O imperador romano Augusto emitira um decreto de que durante essa hora os judeus estavam desobrigados de comparecer aos tribunais, para poderem comparecer ao culto do *shabat*.

As lâmpadas e velas são acesas, para prefigurar o Messias. Sacerdotes vestidos de ricos paramentos lavam o altar dos holocaustos das manchas de sangue, sendo deitadas "sortes" para ver quem devia executar as diversas funções do sacerdote e do levita. Os assim escalados começavam primeiro a preparação do pão da proposição, ou "da apresentação", ou ainda: "o pão da Face", num dos aposentos do Templo. Os rabinos chamam-no de "Pão da Face de Deus Onipotente", "Anjo da Face", "Pão Perpétuo", "Pão da exposição", "Anjo de sua Presença", etc. Eles o honravam imensamente. Sua renovação todo *shabat* era um importante serviço do Templo, pois simbolizava o pão do altar, ou hóstia, da Última Ceia e da Missa.

No *Santo*, com suas paredes cobertas de chapas do mais puro ouro, do lado setentrional, o mais sagrado, ficava a mesa chamada credência, que tinha noventa centímetros de comprimento por quarenta e cinco de largura e de altura, era feita do mais puro ouro maciço, com seus pés voltados para fora tal como as patas dos animais e conectados no meio por uma majestosa coroa de ouro. A mesa do tabernáculo era feita de madeira de acácia, árvore existente nos desertos da Arábia, e a madeira era toda folhada a ouro puro. No tempo de Cristo, a mesa do Templo era de ouro maciço, que tinha

---

[1] Êxod. XXXVII, 10, 16; XL, 4; Núm. IV, 7; XXVIII, 9-10.

sido doado pelos macabeus, para repor aquela que Antíoco Epífanes levara consigo. Josefo escreve acerca de uma mesa maior, doada por Ptolomeu Filadelfo.[1]

Do mais puro trigo cultivado na Judeia, triturado com grande cerimônia, a farinha era coada através de onze peneiras, uma com tranças mais finas do que a outra. Misturada à "água de preceito", com ela eram feitos doze bolos de pão ázimo, representando as doze tribos de Israel. Cada bolo era feito com dois quartos e meio de farinha e untado com óleo de oliva em forma de cruz.[2]

A "Casa de Garmo", uma família dos caatitas, descendentes do segundo filho de Levi,[3] possuía um monopólio sobre a feitura desses bolos, que eles depositavam sobre uma mesa de mármore no vestíbulo do santuário, onde permaneciam até começar o serviço de culto do *shabat*. O *Talmude* conta-nos a cerimônia da colocação deles sobre a mesa de ouro no *Santo*, imagem de nosso santuário.

"Quatro sacerdotes entram no *Santo*, dois deles carregando cada qual um dos montões de seis pães, e os outros dois, os dois vasos de incenso. Quatro sacerdotes os precediam: dois para remover as duas fileiras de pães velhos, e os outros dois, os vasos de incenso velho. Os que traziam o pão e o incenso ficavam do lado norte voltados para o sul, os que estavam do lado sul ficavam voltados para o norte, estes últimos removiam-nos erguendo-os, e aqueles substituíam as mãos destes, estando exatamente defronte das mãos destes, como está escrito: 'Poreis sobre a mesa o pão da Presença diante de Mim sempre'."[4]

Colocando e removendo os pães desse modo, os sacerdotes formavam com os braços uma cruz, o sinal da redenção encontrado em todas as cerimônias do Templo, para prenunciar o sacrifício do Redentor.

"Sobre uma mesa de ouro no vestíbulo do santuário, dois sacerdotes punham os pães velhos. Outros sacerdotes traziam então vinte e oito tubos de ouro, compridos como garrafas, cheios de vinho. Estes eram postos por eles sobre a mesa de ouro no *Santo*, ao lado dos pães novos."

Eles removiam então os doze frascos de ouro com vinho, esvaziavam-nos com mística cerimônia, enchiam-nos de vinho novo mesclado com água e punham-nos sobre a credência junto dos doze

---

[1] *Antiguid. jud.*, XII, II, 8.

[2] EDERSHEIM, *Temple*, p. 155.

[3] Gên. XLVI, 11; I Par. IX, 32; *Talmude*, tratado *Shekalím* ["tributos do Templo"], V, 1.

[4] *Talmude*, tratado *Menakhot*, XI, 7.

pães que ficavam diante do Senhor no seu santuário sagrado, onde permaneciam até o *shabat* seguinte. O vinho e a água são mencionados muitas vezes no Antigo Testamento sob o nome de “oferendas de libações”. Os sacerdotes bebiam desse vinho enquanto comiam os bolos.[1]

Esse pão com vinho, este último misturado com água, postos assim diante do Senhor no *Santo*, prefiguravam o pão e vinho da Última Ceia e da Missa. É por essa razão que o vinho é misturado com água, esta prenunciando a água a jorrar do lado trespassado de Cristo morto.

Os sacerdotes ministrantes daquela “classe” agora se reúnem em volta da mesa de ouro no átrio dos sacerdotes, sobre a qual o pão e o vinho são postos, e cada um recebe a sua porção.

“Três vezes por ano, as vinte e quatro ordens de sacerdotes tinham igualmente o direito de partilhar das peças dos sacrifícios do festival e do pão da proposição, e, na festa de Pentecostes, os distribuidores dizem a cada sacerdote: ‘Eis aqui pão com fermento para ti’ e ‘Eis aqui pão sem fermento para ti’.” “Se o festival cair antes ou depois do *shabat*, todas as vinte e quatro ordens partilham igualmente do pão da proposição. Se, contudo, se interpuser um dia entre o *shabat* e o festival, a ordem que estava no seu turno ordinário recebia dez dos pães da proposição, e às ociosas cabem dois pães. Nas outras épocas do ano, a ordem na qual eles entravam em serviço recebia seis.”[2]

O sumo sacerdote passa por eles, e cada sacerdote entrega-lhe uma parte do seu pão, e eles lhe dão um pouco do seu vinho, em honra do encargo pontifical dele. Então eles se postam diante da mesa de ouro e comem o pão e bebem o vinho considerados sacratíssimos, porque por uma semana haviam repousado diante do Senhor, da *Shekiná*, no seu *Santo*. Unicamente um sacerdote podia comer desse pão, e ele tinha de estar puro de toda contaminação,[3] não podendo ter coabitado com sua esposa.[4] Assim, eles prenunciavam o nosso clero celibatário e a renovação semanal da Eucaristia em nossas igrejas.[5]

Vejamos agora o vinho do Templo, da Última Ceia e da Missa. Dizem os autores que a vinha era cultivada já antes do dilúvio, e que nesse tempo eles comiam a uva assim como as outras frutas.

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Temple*, 158, 241, 242, 243; *Talmude*, etc.

[2] *Suká*, 88-91.

[3] Ver Hebreus X, 1.

[4] Livro dos Reis.

[5] Ver S. AGOSTINHO, *Contra Faustum*, L. VI, IX; L. XXXII, X, XI.

Os primeiros Padres da Igreja escrevem que Noé foi o primeiro a espremer a uva e produzir vinho, e que ele não conhecia seus efeitos intoxicantes quando bebeu em demasia.[1]

O vinho, em hebraico *yayin* ("espremido", "sumo da uva"), tipificava os sofrimentos físicos e tristeza excessivos que fazem os homens cambalear, estonteados. Daí que o Salvador, falando a seu Pai de seus sofrimentos e morte, disse: "Que passe de mim este cálice." O Espírito Santo descerrou o véu que encobre o futuro e revelou o Crucificado quando Noé abençoou e amaldiçoou as nações — as raças — nos seus três filhos. As portentosas movimentações da humanidade que então tiveram início têm continuado até nossos dias.

Noé, o segundo Adão, pai da humanidade, sumo sacerdote e imagem de Jesus Cristo, plantou uma vinha, espremeu as uvas e produziu vinho. Desconhecendo os seus efeitos, bebeu demais, deitou-se nu dentro da sua tenda,[2] uma imagem de nosso Sumo Sacerdote despojado de suas vestes, crucificado, morto na cruz. Cam, o segundo filho de Noé, zombou de seu pai tal como os judeus zombaram do Cristo agonizante. Seus dois outros filhos, Sem e Jafé, com um manto, cobriram a nudez de seu pai.[3]

Erguendo-se de seu sacrifício, Noé abençoou e amaldiçoou, tal como Cristo havia de se erguer do sepulcro depois do seu sacrifício e abençoar seus seguidores com o dom do Espírito Santo, enquanto que a maldição de seu sangue permanecia sobre a nação judaica.

"Maldito seja Canaã, será servo dos servos de seus irmãos."[4] Ele não podia amaldiçoar Cam, porque Deus havia abençoado seus três filhos, e a maldição repousou sobre os filhos de Canaã. Os filhos de Cam estabeleceram-se na Palestina, que eles amaldiçoaram com o pecado de Sodoma e Gomorra. Mas as tribos de Cam se estabeleceram na África, e encontram sua vocação como escravas e serviçais servindo ao homem branco. Amaldiçoada na paixão que o pai delas escarneceu em Noé, a raça africana ama servir como escravos das outras raças. Vivendo desde então na mais profunda degradação, entre eles nunca tiveram incremento religião, literatura, invenção, gênio nem progresso. As outras raças se recusam a receber em pé de igualdade uma raça em cujas veias corre seu sangue manchado.

---

[1] Gên. IX, 21; MIGNE, *Cursus Completus S. Scripturæ*, III, 1254-1256, etc.
[2] Gên. IX, 21.
[3] Gên. IX.
[4] Gên. IX, 25.

Palavras proféticas proferiu o Espírito Santo por intermédio de Noé sobre os filhos que o cobriram. “Bendito seja o Senhor Deus de Sem, que Canaã seja seu servo.” Assim determinou ele que o “Senhor Deus”, Jesus Cristo, nasceria da raça de Sem, os judeus. A genealogia de Cristo mostra-o como filho de Sem.[1] Ele é a glória dos semitas judeus. As outras nações semíticas se estabeleceram na Ásia, onde permaneceram estagnadas, conservadoras, não progressivas, mal se aprimorando desde os patriarcas, pois não foram abençoadas com a graça da mudança.

A Jafé (“o dilatar-se” ou “o homem branco”), Noé disse: “Que Deus dilate Jafé, e que ele habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu servo.”[2] No hebraico ocorre aqui, em vez de “Deus”, a palavra “*Shekinâ*”, o Espírito Santo, que falou por intermédio de Noé e deu aos filhos de Jafé, as raças caucasianas, aquele instinto colonizador, a civilização, o progresso, o avanço, a invenção, a superioridade — a inquietude de mentes brilhantes, que através dos tempos alçou-os aos píncaros da prosperidade, da cultura e do refinamento. É por essa razão que os homens brancos são tão superiores às outras raças. Deus previu que os judeus rejeitariam Cristo, e que os homens brancos o receberiam, e assim ele os preparou para a sua missão de receberem o Evangelho e de darem continuidade à Igreja.

Antes dessa bênção, Moisés mencionou sempre esses três irmãos em ordem de idade, Sem primeiro e Jafé por último; depois da bênção, o último é citado primeiro, como líder dos demais. Deus abençoou mais tarde os judeus, por meio de Abraão, de Isaac, de Jacó e dos patriarcas, deu-lhes o instinto de ganhar dinheiro, a fim de que usassem o poder da riqueza em trabalhos missionários. Eles rejeitaram o chamado ao Cristianismo quando mataram Cristo. Mas Deus opera sem arrependimento, a bênção repousa ainda sobre eles, enquanto as raças brancas acolhem e administram a Igreja que eles recusaram.

Essa é a primeira lição que nós lemos no vinho, que Noé foi o primeiro a produzir. Seu filho Sem, chamado Melquisedec, adicionou o pão e sacrificou o pão e o vinho da Última Ceia e da Missa em Sião. Vejamos agora esse vinho dos sacrifícios patriarcais, do tabernáculo, do Templo e do Sacrifício Eucarístico.

A Palestina, que se estende das altas montanhas do Líbano, ao norte, com seus cumes quase sempre cobertos de neve, até os vales profundos do Mar Morto, 400 metros abaixo do nível do mar, desfruta de climas variados e produz os vinhos secos dos climas

---

[1] Lucas III.

[2] Gên. IX, 27.

temperados, bem como os vinhos doces das zonas tórridas. Centenas de vezes se menciona na Bíblia a vinha ou o vinho como vicejante na Palestina.

A lei de Moisés tem regulamentações especiais. O fazendeiro hebreu estava proibido de semear qualquer outro produto na sua vinha, e não podia usar as uvas nem fazer vinho enquanto a vinha não completasse cinco anos; entretanto as viúvas, os órfãos e os estranhos que estivessem de passagem podiam comer tudo o que quisessem, mas era contra a lei levarem algo consigo. Aos sacerdotes em função no Templo, aos nazireus enquanto durasse o seu voto, aos juízes em sessão, aos essênios e aos recabitas o vinho estava proibido. Vejamos a uva e o vinho.

A uva é oriunda do Oriente, onde cresce como um arbusto que parece uma árvore nanica. Foi cultivada desde os dias de Noé, e o vinho disseminou-se por todas as nações antigas. Era de início uma planta do deserto, onde produz grandes safras quando cuidadosamente cultivada, sendo o seu fruto, na Califórnia, mais numeroso do que suas folhas. Produz madeira e folhas em climas frios, quando precisa ser sustentada com grade e estaca. Mas no seu clima de origem cresce como uma arvorezinha.

Na Palestina, especialmente no norte, as vinhas ficavam do lado setentrional dos morros, voltadas para o sul. No outono, todos os membros da família recolhiam as uvas entoando canções, salmos e cânticos, e transportavam-nas até o lagar, em geral no centro da vinha.

Numa ladeira íngreme, de pedra e cimento eles construíam o lagar e os receptáculos para as uvas, de maneira que o mosto escoasse para o receptáculo inferior, tendo cada um dos dois receptáculos cerca de um metro e oitenta de diâmetro por um metro e vinte de profundidade. No receptáculo superior, eles jogavam as uvas misturadas com as hastes, e homens descalços, por vezes nus, dançavam sobre elas até estarem todas esmagadas. Quando as uvas eram vermelhas, do tipo de que é feito o vinho tinto, eles pareciam até estar cobertos de sangue.

Seis séculos antes que ele viesse, o profeta Isaías contemplou em visão Jesus Cristo em sua agonia no Getsêmani ("o lagar de vinho"), quando, como o Bode Expiatório da humanidade, os pecados do mundo foram postos sobre ele como se ele próprio os tivesse cometido. E, dez mil vezes mais do que fazemos nós, ele corou de vergonha, até seu sangue escorrer por todos os poros, cobrindo-o de

sangue coagulado rubro, e o profeta pensou que ele tivesse pisado a uva vermelha do Lagar de Vinho, o Getsêmani.[1]

Quando o tonel superior ficava cheio de uvas e de hastes, aí então os homens, com samos, e canções, e gracejos, esmagavam-nas com os pés até que todas as bagas estivessem rompidas e o todo virasse uma massa de sementes, de cascas e de sumo da uva. Em seguida, deixa-se fermentando por cerca de dez dias. Tem de ser misturado com frequência, para que todas as partes entrem em contato com as cascas e hastes, que transportam o fungo fermentador que flutua no ar.

Em climas quentes as uvas são dulcíssimas, já em regiões frias a uva não desenvolve tanta glicose — as primeiras produzem vinho doce, e as últimas, vinho "seco". A fermentação dos vinhos doces cessa antes de o açúcar todo fermentar, e é por isso que têm um sabor tão doce. No vinho "seco", todo o açúcar se transforma em álcool — daí essas duas grandes classes de vinhos, que se subdividem nas várias famílias, que trazem nomes diversos conforme o clima, os lugares onde se cultivam, a idade, o cuidado, etc.

Vamos nos aprofundar um pouco mais, porque o vinho é um dos elementos da Missa, e poucos entendem como é feito. O fungo fermentador que mencionamos se alimenta da glicose e transforma-a em álcool etílico ("nobre"), composto de carbono, 2, oxigênio, 2, e hidrogênio, 2, e quando destilado vira conhaque. O vinho da uva é, de todas as bebidas fermentadas, a mais antiga, a melhor e a mais inofensiva. O vinho nunca cria um hábito; não importa o quanto uma pessoa o beba, jamais necessitará dele. É calmante para nervos cansados, induz o sono. Daí ter sido celebrado em todas as épocas.

O açúcar das frutas, dos cereais, etc., quando fermentado produz um outro tipo de álcool, que se encontra nos licores, nas cervejas, etc., o qual age sobre os nervos, "cozinhando a clara do ovo" de modo que não consigam funcionar, e logo evolui em mania de beber. É um veneno, lento mas letal. Nos tempos modernos foram descobertas essas bebidas fermentadas, que parecem arruinar mais gente do que as guerras ou a fome. Entre as nações que bebem vinho quase nunca se vê uma pessoa embriagada. O vinho da Missa não deve ser considerado enquanto composto de seus diversos elementos químicos, mas como um fluido único, tal como um ser humano é uma pessoa, embora composto de alma e corpo, composto de muitos elementos — a alma vivente única unindo os elementos do corpo, comunicando-lhes sua vida. Assim, a forma do vinho unia

[1] Isaías LXIII, 1-6, etc.

em uma só coisa todas os elementos e fluidos de que ele se compõe, até ser mudado no Sangue de Cristo na Última Ceia, assim como o é hoje na Missa.

Voltemos ao mundo antigo. Depois que os hebreus tinham fermentado seu vinho no tonel superior, eles o esvaziavam em um tonel inferior, deixando as cascas, as sementes, etc., no receptáculo superior de fermentação. Aqui o vinho era deixado por um tempo, cuidadosamente coberto, até ficar ainda mais purificado pela deposição, no fundo, das matérias brutas que deixavam o sabor dele áspero e grosseiro. Em seguida era posto em grandes jarros de pedra ou de cerâmica. Na primavera e no outono ele fermentava novamente, depositando no fundo substâncias lodosas. Depois de um ano ou mais, o vinho havia se purificado e estava pronto para o uso. Vinho envenenado com drogas nunca exibe um depósito, nunca se altera. Sinal de vinho bom e saudável é um depósito escuro no fundo do recipiente.

Grandes vasilhas chamadas ânforas eram armazenadas em adegas de vinho, mas os pequenos fazendeiros, os mercadores e os pobres conservavam o vinho deles em odres feitos de pele de cabra, removida por inteiro do corpo cortando apenas em redor das patas e do pescoço, a qual depois de curtida eles amarravam com barbantes. Odres de vinho e de água feitos dessa maneira podem ser vistos hoje no México, na Palestina e no Oriente. O vinho ao fermentar exala gás carbônico ácido que estouraria esses odres, e foi por isso que Cristo disse que vinho novo deve ser posto em odres novos, mas vinho velho em odres velhos.[1]

As uvas doces, quando secas, são chamadas passas.[2] Estas últimas, deixadas de molho n'água, produzem "vinho novo"[3]. Frequentemente, em nossos dias, os judeus produzem com uvas passas o vinho para a páscoa deles, especialmente quando não estão seguros da pureza do vinho à venda no mercado. Os judeus de estrita observância não gostam de usar vinho pascal comprado de gentios ou feito por estes.

Os velhos receptáculos de vinho feitos de peles são quase tão antigos quanto o próprio vinho e são mencionados com frequência na Escritura. A *Ilíada* nos informa de que os serventes transportavam sobre os ombros, para os banquetes, o vinho em odres de pele de ovelha, a partir dos quais se enchiam as taças dos convivas. Heródoto escreve que o vinho era transportado de um lugar a outro

---

[1] Jó XXXII, 19; Mateus IX, 17; Marcos II, 22.

[2] II Reis XVI, 1; I Par. XII, 40.

[3] Atos II, 13.

em peles de cabra ou de porco. Os romanos usavam odres de couro suficientemente grandes para caber um homem dentro deles, e Pompeia exibe uma representação pictórica em mural de um saco de couro enorme, como um barco sobre um carro de vinho, enquanto dois homens esvaziam o vinho dentro de ânforas. Os políticos romanos costumavam distribuir largamente vinho à sua clientela.

Os odres de couro ainda se usam na Espanha, em Portugal, Grécia, México, etc., fazendo o elo entre a produção de vinho moderna e o passado nebuloso. A estrada que vai de Atenas até Petros serpenteia por quilômetros, atravessando os grandes vinhedos gregos que se estendem ao longo do golfo, que termina em Corinto onde começa o canal, e a cujo povo S. Paulo enviou suas famosas Epístolas.

Banquetes célebres, em que o vinho jorrava como água, são citados pela história. A coroação de Ptolomeu Filadelfo superou em pompa e fausto todas as procissões de que há registro histórico. Ptolomeu queria pasmar seus súditos, para que se esquecessem dos crimes domésticos por meio dos quais ele tinha subido ao trono. Por essa razão, o festim custou mais de $ 500.000, sendo inaugurado com a figura da estrela d'alva e concluído com a do Héspero — a estrela vespertina.

O clima quente do Egito forneceu abundância de uvas e de vinho. Oitenta mil soldados — de infantaria e de cavalaria — trajando belos uniformes marcharam ao som de flautas e canções enquanto sessenta sátiros, sob a égide de Sileno, transportavam o cálice simbólico, o grande cântaro, em que os homens pisavam as uvas enchendo as ruas de mosto. Um carro de onze metros por seis metros e meio carregava um gigantesco odre de peles de leopardo com capacidade para 24.000 galões, cheio de vinho, sendo as peles reforçadas por hastes de bronze. A partir desse receptáculo colossal o populacho enchia seus jarros e bebia enquanto o carro passava.

O nome acadêmico do odre de vinho era *butis*, e um odre pequeno era chamado pelo diminutivo *buticula*, donde se originou a palavra inglesa "*bottle*" ("garrafa"). Um odre de couro preto chamado "*blackjack*" ("copo grande", "canecão") se usava na Inglaterra, algumas vezes sendo revestido de prata, estando aí a origem de recobrir com couro os cantis. Alguns deles tinham formato de bota, e os prisioneiros franceses diziam que "os ingleses bebiam das suas botas".

Com o avanço das artes, os odres passaram a ser feitos de barro, de vidro, etc. Em Pompeia se acham enormes ânforas de

cerâmica, grandes o bastante para conter mais de um barril utilizado por aquele povo desafortunado, para conservar vinho, azeite, etc. Esses grandes recipientes eram revestidos por dentro e por fora com piche, para evitar vazamentos e conservar salubres os líquidos. Os maiores eram feitos em covas cozidas por dentro com fogo, enquanto os menores eram feitos num torno de oleiro. Os maiores algumas vezes chegavam a conter até cem galões. Quando é que os barris redondos de madeira foram feitos, não sabemos. Nos países produtores de vinho, grandes tonéis redondos armazenam o vinho. Nas vinícolas da Califórnia, encontram-se alguns que contêm quase 100.000 galões. Formou-se um de cimento, escorado no flanco de um morro, com 500.000 galões de conteúdo, e depois que acabou realizou-se um baile no seu interior.

O sumo de uvas chamado "mosto" era bebido na vinha pelos trabalhadores. Os hebreus algumas vezes ficavam ébrios.[1] O cerimonial pascal hebraico prescreve que cada comensal tem de beber quatro cálices de vinho para cumprir a lei. Algumas vezes isso era demasiado, e eles misturavam o vinho com água — quando foi que isso começou, não conseguimos determinar, mas teve início assim o costume de misturar vinho e água. Embora Maomé tenha proibido seus seguidores de tomar bebidas inebriantes, ainda assim, quando eles o fazem, misturam-nas com água, recitando uma oração como faziam os judeus.

O vinagre ("vinho negro" ou "vinho acre") era também chamado vinho,[2] e, mesclado com água, era bebido.[3] Foi oferecido a Cristo na cruz, mas ele o recusou, porque, sendo nazireu, estava proibido pela Lei de tomá-lo.[4]

Vinho, água, azeite e fluidos os judeus conservavam em grandes vasos de cerâmica, que os romanos chamavam de ânforas, contendo por vezes o volume de um barril cheio. Depois de cheias com vinho, eram seladas com argila; estirava-se um pano sobre o gargalo das que continham azeite; quando cheias com água, porém, algumas ervas aromáticas eram salpicadas na superfície, para conservá-la doce. Mais tarde o gargalo da ânfora foi reduzido, e ela tornou-se o nosso cântaro. A água que Cristo mudou em vinho foi despejada em seis grandes ânforas.

---

[1] Deut. XXXII, 42; Salmo LXIV, 10; Isaías V, 11, 22; XXVIII, 1; XXIX, 9, XLIX, 26; Jer. VIII, 14; XXV, 27.

[2] Rute II, 14.

[3] Núm. VI, 3, 4.

[4] Núm. VI, 3-20; Mateus XXVII, 48.

O primeiro recipiente utilizado para beber era um simples copo ou taça, sendo adicionada mais tarde uma alça do seu lado. Uma grande taça encontrada nas ruínas de Troia, que hoje está no museu de Atenas e que pertenceu outrora a Agamenon, é de ouro sólido, maciço. Taças de vinho no formato do cálice de uma flor-de-lis podem ser vistas nos monumentos de Persépolis e outros lugares, mostrando que o cálice foi utilizado em tempos antiquíssimos.[1] Os árabes do nosso tempo usam vasilhas de beber feitas de cerâmica vermelha como um vaso, havendo quatro furos embaixo, no fundo de suas orlas, para que o fluido não jorre mais depressa do que se é capaz de beber. O cálice hoje utilizado na Missa tem aproximadamente o tamanho e o formato do recipiente utilizado na Última Ceia.

Na Escritura, o cálice é visto pela primeira vez como a taça de vinho dentro da qual o copeiro do Faraó espremeu uvas e deu de beber ao rei.[2] Sem dúvida, Noé usou um cálice desses, quando ainda não sabia dos efeitos do vinho fermentado.

O cálice do Templo e da páscoa judaica, utilizado no primeiro para recolher o sangue da vítima e nesta última para conter o vinho, era chamado em hebraico *kos*. Na páscoa hebraica, um grande cálice, denominado *gabi'a*, ficava à frente do lugar do dirigente do festim, enquanto os convivas usavam o *kos*. Depois de cada um ter bebido seus três cálices de vinho misturado com água, o dirigente enchia novamente seu grande cálice com vinho. Então, com uma bênção sobre o jarro de água, recitava uma oração e misturava o seu vinho com água. Daí a bênção e a oração serem proferidas sobre a água na Missa, e não sobre o vinho.

O dirigente bebia então de seu grande cálice e o passava em roda para cada conviva, que dele bebia. Assim se concluía a páscoa judaica. Depois de consumido esse quarto cálice de vinho, não há mais nenhuma cerimônia, e o *Talmude* afirma que era proibido comer sobremesa. Foi este o cálice que Cristo consagrou em seu Sangue e deu de beber aos seus Apóstolos na noite da Última Ceia, como descreveremos mais adiante.

A exemplo da Última Ceia, na primitiva Igreja o cálice consagrado era passado em redor para que o clero dele bebesse, e o diácono levava-o para o laicado. Esse costume ainda se vê nas igrejas orientais. Nos ritos grego e russo, é dado de beber até mesmo às criancinhas de colo. Por causa dos abusos, isso foi proibido na Igreja latina, e nossa disciplina atual predominou.

---

[1] III Reis VII, 26.

[2] Gên. XL, 11.

Vejamos agora como era honrada a água mesclada ao vinho no cerimonial do Templo, prefigurando a água misturada com o vinho da Missa.

"Não havia um átrio em Jerusalém que não fosse iluminado pelas luzes da cerimônia da retirada e transporte da água. Homens piedosos e distintos dançavam diante do povo tendo velas acesas nas mãos, e cantavam hinos e louvores religiosos na sua frente, e os levitas acompanhavam-nos com harpas, saltérios, címbalos e inúmeros instrumentos musicais. Em cima dos quinze degraus que conduziam ao átrio das mulheres, os quais correspondiam aos quinze salmos graduais, ficavam os levitas em pé, com seus instrumentos musicais, e cantavam. Diante da porta superior que desce do átrio de Israel para o átrio das mulheres, ficavam de pé dois sacerdotes com trombetas.

"Ao primeiro canto do galo, eles soavam um toque de trombeta, depois uma nota comprida, depois outro toque. Isso repetiam eles ao chegarem ao décimo degrau, e novamente, uma terceira vez, quando entravam no átrio. Eles seguiam tocando suas trombetas pelo caminho até chegarem à porta que sai para o oriente, quando se voltavam para o ocidente com o rosto olhando para o Templo e diziam: 'Nossos ancestrais que estiveram neste lugar voltaram as costas para o Templo do Senhor e o rosto para o oriente, pois adoravam ao sol fitando o oriente, mas nós erguemos nossos olhos para Deus. Pertencemos a Deus e erguemos os olhos para Deus.'[1]

"Um jarro de ouro, com capacidade para três quartilhos (*logs*) de volume, era enchido de água da torrente de Silo. (Hoje se chama Seilum, um vilarejo ao sul de Jerusalém). Quando chegavam com ele à porta das águas, eles tocavam um toque breve de trombeta, depois uma nota comprida e outro toque breve. O sacerdote subia então a escada do altar e se voltava para a esquerda. Ali ficavam duas bacias de prata. O *rabi* Judá disse que eram de gipsita, ou gesso natural, mas tinham um aspecto escuro por causa do vinho. Cada uma estava perfurada com um buraquinho no fundo como respiradouro, uma para o vinho um pouco mais larga, a outra mais estreita para a água, para que ambas pudessem ser esvaziadas de uma vez. A que ficava a oeste era usada para água, e a outra, que ficava a leste, para o vinho."[2]

"Quem não testemunhou o júbilo com a retirada e o transporte da água passou a vida toda sem testemunhar verdadeira exultação. Ao término da primeira solenidade do festival, eles desciam para

---

[1] *Talmude* babilônico, tratado *Suká*, 77.
[2] *Talmude* babilônico, tratado *Suká*, 72.

o átrio das mulheres, onde uma grande transformação se fazia. Candelabros de ouro eram postos ali com quatro bacias no topo de cada um, e quatro escadas eram encostadas a cada candelabro, sobre as quais ficavam em pé quatro rapazes da juventude sacerdotal em formação, segurando jarros de azeite contendo cento e vinte quartilhos (*logs*), com os quais eles reabasteciam cada bacia."

O *Talmude* diz que as donzelas hebreias costumavam promover um baile nos vinhedos, e os rapazes iam vê-las e escolher suas futuras esposas. Nunca houve festivais mais alegres em Israel do que no 15.º de *abib* (o dia em que Cristo foi crucificado) e no dia da expiação, pois neles as donzelas de Jerusalém costumavam sair vestidas de trajes brancos — emprestados, porém, a fim de não causar vergonha às que não tinham nenhum. A filha do rei emprestava da filha do sumo sacerdote, a filha deste último emprestava da filha do *segan* (o sumo sacerdote assistente), a filha do *segan* emprestava da filha do sacerdote ungido para a guerra,[1] e esta por seu turno emprestava da filha de um sacerdote comum. As filhas dos israelitas comuns emprestavam umas das outras, a fim de não deixarem envergonhadas as que não tinham suas próprias roupas.[2]

"Essas roupas deviam antes ser lavadas, e assim saíam as donzelas e dançavam nas vinhas, dizendo: 'Rapazes, olhai bem e observai quem estais prestes a escolher como esposa, vede não só a beleza mas olhai antes para uma família virtuosa, «porque a graciosidade é enganadora, e vã é a formosura, uma mulher que teme o Senhor será louvada»[3].'

"As belas dentre as donzelas diziam: 'Olhai para a beleza somente, porque é só para a beleza que é feita uma mulher'. As de boa família diziam: 'Olhai antes para uma boa família, pois as mulheres são feitas é para gerar filhos, e as de boa família produzem bons filhos'. As incultas diziam: 'Fazei suas escolhas só pela glória do céu, mas sede provedores que nos custeiem generosamente'."[4]

O *Talmude* diz que, a este baile nas vinhas quando terminava a fermentação do vinho feito pelos homens, pisando as uvas até ficarem vermelhos de mosto ou sumo de uva, estão relacionadas estas palavras de Salomão, que prenunciam Cristo em sua flagelação todo coberto de sangue e coroado de espinhos: "Ide, ó filhas de

[1] Deut. XXI, 2.
[2] Ver *Talmude* babilônico, *Ta'anit*, IV, 80-81.
[3] Prov. XXXI, 30.
[4] *Talmude* babilônico, tratado *Ta'anit* ("jejuns"), perto do fim.

Sião, e vede o Rei, 'o Pacífico',[1] com o diadema com que sua mãe[2] o coroou no dia das bodas dele."[3]

A lei mosaica proibia que membros de tribos diferentes se casassem entre si, mas neste dia do baile a proibição ficava suspensa, diz o *Talmude*.[4] Num baile no 15.º de *abib* na vinha, um dos ancestrais de Cristo, Joaquim, entrou por via de matrimônio na família de Aarão, pois aquele que havia de ser sacrificado neste 15.º dia de *abib* era não somente príncipe da estirpe real de Davi, como também sacerdote do Templo. Ele reunia, portanto, na sua personalidade a realeza, o sacerdócio, e unia as glórias do Templo com a dinastia dos reis hebreus.

O *rabi* Simeão, filho daquele Gamaliel que foi professor de S. Paulo, numa *Mishná* do *Talmude* cita o seguinte, como fragmento da canção das donzelas:[5]

"Dançando alegres rodas, hebreias donzelas
Veem os moços felizes a escolher entre elas.
Recorda que a beleza logo perde o charme
E busca conquistar a que de valor se arme.

Ao fenecer a graça e a beleza ora em flor,
Então será louvada a que teme o Senhor.
Deus bendiz o trabalho de suas mãos, e às portas
Há de ser proclamado que a seguem suas obras."

Vejamos agora a origem e história do óleo santo com que Cristo ungiu os apóstolos na Última Ceia, e que é empregado na administração dos Sacramentos.

Desde os tempos mais remotos provém o costume de ungir com óleo pessoas, objetos e artigos religiosos. Quando Jacó viu a escada, qual uma cruz partindo da terra até chegar ao céu, com Deus repousando em seu topo — uma visão do Crucificado —, ele erigiu em monumento a pedra que lhe servira de travesseiro "derramando óleo sobre ela"[6].

Quando Deus o abençoou, predizendo que raças e reis nasceriam dele, Jacó "erigiu um monumento de pedra no lugar onde Deus falou com ele, derramando sobre ela oferendas de libações,

---

[1] Salomão em hebraico é "o Pacífico".
[2] O povo judeu.
[3] Cânt. dos Cânt. III, 11.
[4] Ver *Talmude* babilônico, *Ta'anit*, IV, 91.
[5] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1163, sobre a poesia hebraica.
[6] Gên. XXVIII, 18.

vinho e água, e derramando óleo em cima dela, e ele chamou aquele lugar de *Betel* (‘casa de Deus’)”[1].

Deus mandou Moisés ungir o tabernáculo juntamente com todos os seus utensílios. Com um óleo santo especial, Aarão, seus filhos e os sacerdotes da família dele foram ordenados ao sacerdócio. Com óleo Samuel ungiu Saul e Davi para serem os governantes de Israel. Todo servidor eclesiástico ou estatal — sacerdote, levita, rabino ou juiz — era empossado em seu cargo mediante imposição de mãos e unção com óleo, no tempo de Cristo.

Esses servidores prefiguravam o Messias, o Cristo (“o Ungido”), Jesus (“*Jehová* Salvará”), a “Esperança de Israel, o Desejado das nações”, que havia de vir e edificar um império de religião difundido pela terra inteira.

Desde muito antes dos tempos históricos foram usados óleos, unguentos, pomadas ou compostos aromáticos para untar ou ungir o corpo,[2] embelezar a compleição e sanar máculas. Mas estes diferiam do composto santo que Moisés preparou por ordem de Deus.

O óleo sagrado do Templo era composto de mirra, cinamomo, cássia e azeite de oliva misturados de maneira mística. Com ele eram ungidos o sacerdote, o rei e toda a mobília do Templo. Em grego, essa mistura era chamada *crisma*, da palavra *chrio* (“ungir”), prenunciando o Salvador, em grego o *Cristo* e em hebraico o *Messias*, “o Ungido” não com óleo, mas com os septiformes dons do Espírito Santo.[3]

Esse composto santo era de tal maneira sagrado que eles estavam proibidos de usá-lo salvo do modo determinado na lei, e aquele que o entregasse ao estrangeiro seria morto.[4] Cento e oitenta vezes vem mencionado no Antigo Testamento. Vejamos os componentes desse crisma.[5]

A mirra, em hebraico *mor*, encontrada onze vezes no Antigo Testamento, foi um dos presentes que os sumos sacerdotes persas ofereceram a Cristo, para prenunciar a morte dele,[6] como nos indica seu nome grego, *smyrna*. A profecia se cumpriu quando os soldados

---

[1] Gên. xxxv, 14-15.

[2] MIGNE, *Cursus Comp.*, III, 1131; EDERSHEIM, *Sketches*, 47; *Life of Christ*, I, 565, 566.

[3] Isaías II, 2.

[4] Êxod. XXX, 33.

[5] MIGNE, *Cursus Comp.*, II, 1341.

[6] Mateus II, 11.

lhe ofereceram, na cruz, vinho misturado com mirra,[1] e quando esta foi usada para embalsamar o seu corpo.[2] Heródoto escreve que os egípcios, ao embalsamar, costumavam preencher o abdômen dos mortos com mirra.[3]

Segundo Heródoto,[4] a árvore que produz mirra, tanto a selvagem quanto a cultivada, cresce na Arábia. No Egito era chamada *bal*, em sânscrito *bola*, na Índia *bol*, na Arábia mirra; o que mostra quão antigo era o uso da mirra.

Os viajantes que percorreram a Arábia descrevem a resina que exsude da casca do *Balsamodendron myrrha*, árvore baixa e espinhosa, de aspecto andrajoso com folhas trifoliadas luzentes, semelhante a uma acácia do deserto. A árvore é aparentada às plantas do gênero *Citrus* por um lado, e aos abetos vermelhos por outro.

A dúctil resina amarela transpira da casca especialmente quando esta é magoada, e aí então fica seca e vermelho-escura, bege ou marrom, conforme a idade. Tem um odor aromático, dissolve-se facilmente em álcool e pode ser triturada n'água. Desde os tempos mais remotos foi usada internamente como remédio, e externamente para males de pele, chagas e úlceras. Pulverizada e misturada com vinho, tornava-se soporífico, amortecia a dor e era dada aos criminosos que estavam para ser executados, para mitigar suas dores. Foi por essa razão que os soldados ofereceram-na a Cristo, que a recusou porque não queria amainar seus sofrimentos com nenhum anestésico, e porque era nazireu, e o vinho lhe estava proibido.

O bálsamo ("resina medicinal"), ou, conforme o hebraico, *tsori* ("óleo régio"), era um dos artigos que a caravana ismaelita trazia ao Egito, quando os irmãos de José venderam-no para eles.[5] Jacó enviou um presente de bálsamo, estoraque, mirra, aguarrás, etc., a José, primeiro-ministro do Egito, sem saber que era o seu filho.[6] Este bálsamo se cultivava em Galaad, e era usado como remédio pelos hebreus. Jeremias, predizendo as calamidades que cairão

---

[1] Marcos XV, 23.

[2] João XIX, 39.

[3] EUTÉRPIO, II, 86.

[4] III, 107; DIOSCÓRIDES, I, 77; TEOFRASTO, IX, 4, Sec. 1; DEODORO, II, 49; ESTRABÃO, PLINIO, etc.

[5] Gên. XXXVLI, 25.

[6] Gên. XLII, 11.

sobre os judeus, pergunta: “Não há bálsamo em Galaad, ou não há lá um médico? Por que, então, a ferida da minha filha não fecha?”[1]

Este bálsamo, usado como remédio, foi introduzido no Egito, em Tiro e ao longo das costas do Mar Mediterrâneo. Lutero traduziu a palavra como “pomada”, “unguento”, “mástique”. Os rabinos judeus Júnio e Tremélio usam a palavra “bálsamo” e dizem que seu equivalente hebraico, a palavra *tsori*, significa a árvore chamada lentisco, cujo nome botânico é *Pistacia lentiscus*. Outros sustentam que se trata da *Amyris opobalsamum* — a opobalsameira ou bálsamo-de-meca. O Dr. Hooker identifica-a com a *Balanites*, que ele viu crescer em Jericó.[2]

Quando na primavera de 1903 o autor visitou Jericó, hoje um vilarejo com quatro hotéis, viu esse arbusto crescendo nos jardins irrigados pelas águas do grande rio que, vindo mais do alto a oeste, irrompia do deserto debaixo da Montanha da Quaresma, onde Cristo jejuou ao longo de quarenta dias. Também se observa ali o *Rhamnus*, um pequeno arbusto coberto de espinhos compridos e afiados, com que fizeram para Cristo a coroa espinhosa.

No deserto ao redor do Mar Morto e descendo pela Arábia, cresce a *Balanites Egyptiaca*, um arbusto baixo e verdejante com numerosos ramos e umas poucas folhas pequenas. Essas plantas desérticas têm uma goma resinosa em lugar de seiva, como as plantas desérticas do oeste norte-americano. Essa planta era cultivada na Palestina em Jericó (“fragrante”), em Engadi (“a fonte caprina”), nas ribanceiras a oeste do Mar Morto, nos desertos da Arábia, mas especialmente em redor de Meca e de Medina.

A madeira e as folhas estão cheias de bálsamo. As flores têm um doce perfume, o fruto é como uma pequena noz não amadurecida, revestida de casca seca, mas cheia de um fluido espesso como mel, com sabor ardido e amargo. Os árabes recolhem essas castanhas, trituram-nas num pilão e põem a polpa em água fervente. Quando o óleo vem à tona, é removido e utilizado internamente contra doenças, e externamente para tratar feridas e problemas cutâneos. Esse é o melhor e mais puro bálsamo.

Durante a estação do verão, eles cortam a casca do arbusto com vidro ou com pedra, porque as facas de aço matam a planta. A resina branca transpira, logo em seguida fica verde, depois amarelo-âmbar, e finalmente se torna como mel solidificado. Tem um aroma forte, mas agradável, e um sabor amargo e adstringente. Quando queimada, seu cheiro é admiravelmente suave e penetrante,

[1] Jeremias VIII, 22. Ver XLVI, 11; Ecl. XXIV, 20; Ezeq. XXVII, 17.

[2] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, p. 350.

enchendo o lugar todo com o seu agradável perfume. É a base do incenso empregado nas funções da Igreja.

Essas "especiarias seletas e principais"[1] — como S. Jerônimo diz ser o sentido, nas versões caldaica e septuaginta da Bíblia —, destiladas com toda a ciência então conhecida e mescladas a óleo de oliva, formavam o crisma, com que eram ungidos no tempo de Moisés todos os ministros, o tabernáculo e seu mobiliário.

O sacerdócio do Templo da época de Cristo era considerado pelo povo como inferior em dignidade aos sacerdotes do tempo de Davi e Salomão. Os rabinos da sinagoga eram tidos por alguns em mais alta estima do que os sacerdotes do Templo. O segundo Templo não possuía o frasco do santo crisma que havia sido transmitido dos dias de Aarão para o Templo de Salomão, pois Jeremias escondera a arca numa caverna no monte Nebo, onde falecera Moisés, a qual eles não conseguiram encontrar.[2] Os sacerdotes eram reservados para seu ministério mediante sua vestição nos trajes sacerdotais e a imposição de mãos sobre sua cabeça — eles alegavam que a unção de seus pais com óleo santo, no primeiro Templo, era suficiente para seus filhos no sacerdócio.[3]

Os médicos judeus costumavam ungir os enfermos com óleo de oliva misturado com vinho. O *rabi* Simeão ben Eliezer diz: "*Rabi* Meir permitia a mescla de vinho com óleo e a unção dos doentes com isto no *shabat*. Quando, porém, ele adoeceu, certa vez, e quisemos fazer o mesmo com ele, ele não quis deixar."[4] Eles ungiam a cabeça contra enxaqueca[5] e usam ainda óleo no Oriente contra furúnculos ou tumores, etc.[6] Vemos que quando S. Tiago[7] transmitiu a doutrina do sacramento da extrema-unção, a unção dos enfermos não era desconhecida dos primeiros cristãos convertidos do judaísmo.

Depois de impor as mãos sobre a cabeça do sumo sacerdote a ser sagrado, conforme descrevemos, eles derramavam o santo crisma sobre a cabeça dele, que ia usar a mitra aarônica. Os reis-sacerdotes macabeus tinham feito a mitra na forma de uma tiara com coroa tripla, da qual se originou a tiara do Papa. Eles derramavam o óleo santo sobre a cabeça dele de maneira que o óleo descesse escorrendo pela barba, para honrar este sinal de virilidade,

---

[1] Êxod. XXX, 23.
[2] [II] Macab. II, 4.
[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 81.
[4] *Talmude*, em *Hor. Heb.*, II, 415.
[5] PLINIO, XXIII, 38.
[6] *Russeger's Travels*, I, 247.
[7] V, 13-15.

que eles incensavam na páscoa judaica.[1] Desse cerimonial nos foi legado o rito de ungir a cabeça do bispo ao ser sagrado.

A primeira bênção dada por Deus à humanidade foi sobre o matrimônio.[2] Depois os patriarcas abençoavam mediante imposição de mãos. Mais tarde, óleo e crisma foram adicionados à imposição das mãos, para significar mais claramente o Espírito Santo sobre Cristo. O sacerdote, o levita, o rei, o profeta, o juiz sinedrita e o *rabi* eram assim ordenados, separados ou investidos em seus ofícios.

Em sua última enfermidade, Jacó impôs as mãos sobre a cabeça de seus dois netos, com suas mãos formando uma cruz.[3] Moisés, estendendo as mãos sobre o Egito, provocou sinais e pragas que forçaram o orgulhoso Faraó a deixar os hebreus partirem. A imposição das mãos por meio da qual se outorga poder espiritual se celebrava na ordenação dos sacerdotes do Templo.

Nos dias de Davi, haviam descendido de Eleazar, filho de Aarão, dezesseis classes de sacerdotes,[4] e de seu irmão Itamar oito famílias vieram. A esses Davi dividiu nas vinte e quatro "classes" do Templo. Dessas famílias eram escolhidos, com o maior cuidado, os sacerdotes, a fim de que o o rapaz não tivesse nenhum defeito físico ou deficiência mental.

O jovem candidato, escolhido no seu trigésimo ano de idade, depois de ter se banhado, de ter tido a cabeça raspada e de ter sido ungido com óleo de oliva, trazia seus dois bodes para o Templo e ficava de pé diante do *Santo*, tendo dois bolos de pão ázimo. O sumo sacerdote aspergia-o com água. Ele se prostrava no chão diante da *Shekiná* de seus pais, com o rosto contra o solo. Três vezes ele faz a prostração. Foi por essa razão que Cristo se prostrou no Horto, antes de oferecer seu sacrifício da Cruz. É por isso que o clero se prostra durante a cerimônia de ordenação em nossas igrejas.

O jovem sacerdote se ergue até ficar de joelhos, cruza os braços sobre o peito, e os sacerdotes do Templo impõem as mãos sobre ele, com seus braços entrecruzados como Jacó ao abençoar os filhos de José.[5] Ele põe os pecados dele sobre os dois bodes, que são sacrificados pelos sacerdotes e têm o sangue salpicado por estes sobre as córnuas do altar, para prefigurar a cruz. Eles levam a carne

---

[1] Salmo CXXXII, 2.
[2] Gên. I, 28.
[3] Gên. XLVIII, 13.
[4] Núm. [XXVI,] 60.
[5] Gên. XLVIII, 13.

a ser queimada para fora dos muros, para prenunciar Cristo sacrificado e sepultado fora de Jerusalém.[1]

Eles põem o sangue das vítimas na orelha direita do jovem sacerdote e no seu polegar direito da mão e do pé. Misturam o sangue, para manifestar as duas naturezas de Cristo, e com ele aspergem-no e às suas vestes.[2] Eles o ungem na cabeça com o santo crisma e põem nas mãos dele a carne do sacrifício, pingando sangue, e bolos de pão ázimo.[3]

Ao jovem levita, eles entregavam os emblemas do seu ministério, os vasos sacrificais e as chaves das portas do Templo. Estas últimas ele punha toda noite em cima de um estandarte de pedra na *beit ha-Moked*, onde dormia um sacerdote. É por essas razões que as chaves, o cálice, etc., são entregues para os candidatos a ordens menores e ao subdiaconato ao receberem eles essas ordens.

O Senhor foi ungido de maneira invisível pelo Espírito Santo, com seus dons septiformes.[4] Mas terá sido, porventura, ungido com óleo como eram ungidos o rei, o sacerdote, o *rabi* e o juiz que, quanto ao cerimonial e ofício, o prefiguravam? Ele foi, sim, ungido dessa maneira visibilíssima, e ungiu seus apóstolos de igual maneira na Última Ceia, quando sagrou-os bispos.

Nas férteis margens ocidentais do mar da Galileia, tão ricas que aquela localidade é chamada de "úbere da terra", num lugar onde se erguia então uma antiga torre de vigia, chamada *Migdol-El* ("torre de Deus"), ao redor da qual se estendiam campos férteis onde se cultivava o trigo com que era feito o pão da proposição para o Templo, nasceram de uma rica família judaica Lázaro, Marta e Maria, esta última mais tarde sendo chamada a Madalena, de *Magdala*, o nome grego da torre.

Ela casou-se com um fariseu estrito, Pafus, que dela se divorciou por causa de adultério com um soldado, Pandira, e com este último ela passou a residir na cidade vizinha, que Herodes tinha construído no terreno de um antigo cemitério nas margens daquele lago, a mais de duzentos metros abaixo do nível do mar, a qual ele chamou de Tiberíades, em homenagem ao imperador romano então reinante. Ali vivia ela em pecado com soldados da guarnição, até que, como a mulher pega em adultério, foi trazida perante Cristo, que dela expulsou sete demônios e lhe disse para não voltar a pecar.[5]

---

[1] Êxod. XXIX, 10-14; Levít. VIII, 2, 3, 11, 17.
[2] Levít. IV, 3, 5, 16; VI, 15; Salmo CXXXII, 2.
[3] Êxod. XXIX, 19-34; Levít. VIII, 32-36, etc.
[4] Isaías XI, 1, etc.
[5] Ver *Talmude*; João VIII, 3, 4.

Curada e arrependida ela voltou para casa, em Betânia, e ali morou com seu irmão e sua irmã. Quando o *shabat* anterior à Paixão chegou ao fim com o pôr do sol, Simão deu um banquete em honra de Cristo na sua casa, poucos quarteirões a oeste da casa de Lázaro. Assim como os outros convidados, o Senhor reclinou-se à mesa, no divã, com os pés estendidos, como era costume nos banquetes. Maria Madalena aproximou-se para ungi-lo. Com que tipo de óleo?

O espicanardo de azeite de oliva misturado com vários perfumes raros se achava à venda, em cidades do Império Romano, dentro de valiosos frascos de alabastro entalhado, mas a um preço tal que apenas membros das famílias reais e pessoas ricas podiam comprá-lo. Maria sendo de família rica e nobre, dizem alguns autores que de estirpe real, comprou uma "caixa" contendo cerca de meio quilo desse óleo e foi até os pés de Jesus, que ela primeiro lavou com lágrimas amargas pelos pecados seus e enxugou com o cabelo solto, sinal da meretriz entre os hebreus.

Os fariseus estritos viram um problema aí, porque a conheciam. Judas queixou-se do preço.[1] Cristo repreendeu-os, porque eles não ungiram a cabeça dele como era o costume em banquetes formais,[2] enquanto Maria derramou o óleo precioso sobre a sua cabeça,[3] e a casa toda ficou impregnada do odor do perfume.[4]

Desse modo, assim como o sacerdote, e o rei, e o *rabi*, e o juiz em Israel eram ungidos,[5] assim também foi ungido o Senhor, pela mulher que era uma grande pecadora. E Jesus disse: "Deixai-a em paz, que ela o guarde para o dia do meu sepultamento."[6] Elas prepararam o corpo do Senhor para a sepultura fazendo uso de especiarias: mirra, aloé, balsamodendro, resina de aquilégia, agáloco e perfumes, e esta preparação os gregos chamavam de *migma*, e os judeus de *chanat* ou *chunetto*, que significa tornar-se "vermelho como couro curtido".

Durante as festas de Israel, especialmente na páscoa israelita, a sala era perfumada com mirra, aloés e cinamomo.[7] Derramavam-se óleos preciosos sobre a cabeça dos convivas. A unção dos comensais nesses banquetes tornou-se um abuso tamanho, nos

---

[1] Lucas VII, 36-46.
[2] Lucas VII, 46.
[3] Marcos XIV, 3.
[4] João XII, 3.
[5] MIGNE, *Cursus Completus, S. Scripturæ*, III, 923-924.
[6] João XII, 7.
[7] Provérbios VII, 10-17.

dias dos profetas, que Amós recriminou-os.[1] Vinte e sete vezes no Antigo e catorze vezes no Novo Testamento o óleo de unção é encontrado.

Desde os tempos apostólicos e através dos séculos, em todas as liturgias o bispo consagra os óleos santos na Missa da Quinta-Feira Santa. Nos ritos grego e aparentados, o óleo é misturado com trinta e dois perfumes. O bispo é acolitado por clero subalterno ou coroinhas, sete subdiáconos, sete diáconos e doze sacerdotes. Com base nos costumes judaicos, nos ritos orientais e na Igreja Romana, que não se altera, somos forçados a concluir que Cristo sagrou os óleos na Última Ceia. Não há outro meio de explicar esse rito, tão antigo e universal.

"E o Senhor disse a Moisés: Toma aromas: estacte, e ônica, gálbano de bom cheiro, incenso lucidíssimo, tudo em peso igual,[2] e farás um incenso composto segundo a arte do perfumista." Era dessa maneira que eles faziam o incenso, mencionado setenta e três vezes na Bíblia. Vejamos os ingredientes que entravam na sua composição.[3]

O estacte, ou estoraque, é uma substância líquida, resinosa, gordurosa, muito odorífera, da mesma natureza da mirra líquida, e de alto valor. Vem da árvore *officinale*, da família de plantas *Styrax*, aparentada aos bálsamos canadense, peruano e de Meca. Pertence à mesma família dos abetos vermelhos balsâmicos dos Estados Unidos da América, e se parece com eles. Essa árvore cresce na Arábia e na Ásia Menor. Esse bálsamo tem grande saída de Trieste e dos portos do Oriente. Tem odor de baunilha, e é de parentesco bem próximo do benjoim. Era uma das especiarias que a caravana ismaelita transportava ao Egito quando compraram José[4], e é traduzida na Bíblia como mirra.

A ônica ou ônix é um produto da Índia, como diz Dioscórides. Exala[5] um perfume forte e doce e, quando queimada, preenche todo o edifício com uma delicada fragrância.

A cássia, ou *stacta* ("uma gota"), em hebraico *kidah* ("rachar", "rasgar ao comprido"), é produto de um junco que cresce em águas rasas. Em duas ocasiões Heródoto emprega a palavra, e diz que os árabes colhem-na em lagos rasos.[6]

---

[1] Amós VI, 4, 5, 6, 7.
[2] Êxod. XXX, 34.
[3] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 91; MIGNE, II, 869.
[4] Gên. XXXVII, 25.
[5] Lib. II, c. 8.
[6] HERÓDOTO, II, 86; III, 110.

Dioscórides menciona diversos tipos de cássia e escreve que são produzidas na “Arábia perfumosa”. Uma espécie sua, conhecida pelo nome de *mosyletis*, ou *mosylos*, é assim chamada por causa da antiga cidade de Mosyllon, na costa da África, perto da atual cidade de Cabo Guardafui, donde proveio ela, originalmente. Muito já se escreveu sobre essa planta e seus produtos, acarretando confusão considerável.

A planta pertence à família das leguminosas, é aparentada à sene e assemelha-se ao amentilho, também conhecido como “cauda-de-gato”. Cresce em lugares úmidos e assemelha-se ao cálamo. A raíz é aromática, com sabor agradável e delicado perfume. Desde tempos remotos se usa como catártico, mas a espécie chamada *fístula* fornece remédio.

O cinamomo, mencionado cinco vezes na Bíblia, vem de uma árvore natural do Ceilão. O tronco produz um óleo com forte perfume e se usava como remédio. Esse óleo é fortíssimo. Deus mandou Moisés só utilizá-lo na metade da quantia de mirra utilizada. Desde antes dos tempos históricos as caravanas da Índia já traziam todos os tipos de perfumes e de especiarias para o oeste da Ásia, para o Egito e para a Europa.[1]

O cálamo *Acorus calamus*, chamado aqui nos E.U.A. de “*sweet-flag*”, mencionado oito vezes no Antigo Testamento, é “a cana rachada que estava predito que Cristo não quebraria”[2]. Cresce em lugares pantanosos, tem raízes aromáticas e, magoado, produz o cálamo que se encontra no comércio. Na idade média, o piso das catedrais e das igrejas era espargido de cálamos, e com eles se teciam esteiras, capachos e tapetes. O cálamo tem um forte sabor aromático, é ligeiramente acre e, desde os primórdios, tem sido usado como estimulante e contra indigestão. É ainda misturado com açúcar-cande e usado pelos perfumadores.

O gálbano é uma goma resinosa da árvore *Ferula*, pertencente à espécie de plantas *umbellifera*, que cresce na Índia e no Oriente. Sua resina escoa lentamente como gotas azuis ou de um marrom amarelado, ou ainda como gotas brancas como lágrimas. Na época de Moisés, era utilizado como remédio, internamente como estimulante e externamente como pomada. Quando queimado, produz um odor pungente e agradável.

O puro incenso, chamado pela medicina de *olibanum*, é uma goma resinosa produzida pela *Boswellia serrata* da Índia e do

---

[1] Gên. XXXVII, 25.
[2] Isaías XLII, 3.

Oriente. É hoje trazido de navio de Calcutá em massas arredondadas, ou gotas, de uma pálida cor amarelecida. Seus grãos são translúcidos, mas recobertos de um polvilho embranquecido causado pela fricção. Tem um sabor amargo picante e amolece quando mastigado. Queima com odor fragrante. Maimônides diz que era utilizado como incenso no Templo para ocultar o cheiro da carne sacrificada.

Mencionados trinta e quatro vezes no Antigo Testamento, formavam estes, quando misturados, o incenso empregado no tabernáculo e no Templo. Têm sido usados nas igrejas cristãs desde o tempo dos Apóstolos.

A fumaça do incenso evolando-se até diante do Senhor, no Templo durante a páscoa judaica e na Igreja, era tipo figurativo das orações de Cristo e de seus santos, oferecidas diante do Pai Eterno. "O incenso moído até virar pó finíssimo é como nossas boas obras, moídas em nosso coração como num pilão."[1]

"O incenso nós fazemos com essências aromáticas, que queimamos em oferenda sacrifical no altar, exprimindo exteriormente uma multidão de obras de virtude."[2]

"O incenso é o corpo santificado pela temperança, uma rédea para a razão e em nosso corpo formado dos quatro elementos. O estacte, ou estoraque, relacionava-se com a água. A ônica, ou ônix, figurava tipicamente a terra ressequida nos lugares desertos, isto é, a humanidade sem a graça; o gálbano queimando com fogo, o sol escorchante aridificando o deserto."[3]

"E foi-lhe dado muito incenso das orações dos santos, para ele oferecer sobre o altar de ouro, que está diante do trono de Deus."[[4]] "E frascos de ouro cheios de odores que são as orações dos santos."[5]

O incenso do Templo era preparado com os quatro ingredientes mencionados,[6] junto aos quais, dizem os rabinos, se adicionavam sete outras substâncias e, em menor quantidade, a erva "ambaró" para fazê-lo exalar uma fumaça densa — 167 quilos dessa mistura sendo feitos de uma vez, e 227 gramas utilizadas nos serviços matutino e vespertino. A fórmula da mistura desse incenso era um segredo da família Abtinas.

---

[1] S. GREGÓRIO, *in fine, I Moral.*
[2] S. GREGÓRIO, *Lib. Moral.*, 39.
[3] S. BASÍLIO, *in Isaias*, c. I.
[4] [Apoc. VIII, 3.]
[5] Apoc. V, 8.
[6] Êxod. XXX, 34.

Enquanto o cordeiro era abatido, eles tocavam o *magrefah*, e os sacerdotes e levitas corriam até seus postos, para o seu ministério da música sacra. O sacerdote escalado para queimar incenso no *Santo*, o qual só uma vez na vida podia oficiar ali, com o turíbulo de ouro pendurado em suas correntes sobe até o grande altar dos holocaustos, enche-o de carvões em brasa e pega mais brasas acesas numa travessa de ouro, tendo de cada lado seu um assistente, como o diácono e o subdiácono junto ao sacerdote que sobe ao nosso altar; revestidos de vestes magníficas, eles sobem lentamente os degraus de mármore até ao *Santo*, e penetram detrás do véu.

O sacerdote escolhido por "sortes" para essa função, a mais sagrada cerimônia do Templo depois da do sumo sacerdote no dia da expiação, juntamente com seus dois ministros — um de cada lado seu, tal como o diácono e o subdiácono em Missas solenes — entram no *Santo*, onde espalham reverentemente sobre o altar de ouro as brasas acesas, espargem-nas no turíbulo, e os dois ministros se retiram, deixando o sacerdote sozinho no santuário sagrado do Senhor dos exércitos.[1]

O sacerdote solitário, imagem do Sacerdote da humanidade, Jesus Cristo, a oferecer enquanto esteve na terra orações ao seu Pai celeste antes de sua morte, balança o turíbulo três vezes para oeste, sobre o altar fumegante, na direção do *Santo dos Santos*, morada da *Shekiná*, o Espírito Santo, e depois sobre cada lado do altar, e nas duas pontas deste, cada movimento tendo sentido místico, dizendo:

> "Que a minha oração seja encaminhada como incenso à tua vista,
> E a elevação de minhas mãos, como sacrifício vespertino.
> Põe uma guarda, ó Senhor, à minha boca,
> E uma porta em redor de meus lábios.
> Não inclines meu coração às palavras de maldade
> Para inventar pretextos para os pecados."[2]

O sacerdote judeu assim rezava sozinho no *Santo dos Santos*, e ninguém por ele rezava, pois ele figurava Jesus Cristo, que não carece de orações, porque não tem pecado,[3] como diz S. Agostinho: "Ele é o Senhor Jesus Cristo, o único Sacerdote e o único Mediador entre Deus e os homens."[4]

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 137, 138; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 91, 92, 210, etc.

[2] Salmo CXL, 2-4.

[3] I Reis II, 25.

[4] S. AGOSTINHO, *Enar.* II *in Ps.* XXXVI; *Ser.* II, n. XX.

Sobre aquele altar de ouro, no interior de paredes douradas do *Santo* — imagem do santuário de nossa Igreja, desde o qual Cristo, por intermédio de seus sacerdotes, oferece o Sacrifício Eucarístico —, só se oferecia incenso queimado, os animais sendo sacrificados do lado de fora, no átrio dos sacerdotes, porque Cristo não é imolado agora em nossa Igreja de modo doloroso e cruento, como o foi pelo sacerdócio judaico naquela fatal Sexta-Feira. Contudo, no dia da expiação, o sumo sacerdote tingia com o vermelho do sangue das vítimas as córnuas daquele altar de ouro, para prefigurar que o sacrifício do Calvário e da Missa são idênticos.

Vamos descrever agora uma cena que teve lugar no *Santo* quando a Igreja judaica estava prestes a fazer o trânsito para as glórias da Igreja Católica.

Na manhãzinha de 24 de setembro, seis meses antes de Gabriel ("Deus é poderoso") aparecer na santa casa de Nazaré, à Virgem esposada a José, para anunciar a Encarnação, as "sortes" lançadas pelo superintendente do Templo caíram em Zacarias ("*Jehová* é renomado"), filho daquele Baraquias que Cristo disse que os judeus mataram entre o altar e o Templo.[1] Pela primeira e última vez, ele devia queimar em oblação aquele incenso sagrado. Ele pertencia à classe *abia* ("a oitava", das vinte e quatro divisões dos sacerdotes). Ele desposara Isabel ("Deus da aliança"); sua casa ficava cerca de seis quilômetros e meio a noroeste de Jerusalém, no fundo do vale na lateral da colina voltada para o norte, logo que se passa o hoje chamado vilarejo de S. João.

Os dois eram velhos e não tinham filhos, uma grande desgraça naqueles dias, em que todas as mães esperavam e rezavam que dessem à luz o tão longamente esperado Salvador. Zacarias tinha acabado de voltar de um retiro de três meses passado com os essênios, na casa destes edificada debaixo do rochedo íngreme do lado norte da ribanceira a cerca de um quilômetro e meio de subida de Jericó, no flanco da Montanha da Quaresma, onde mais tarde Cristo jejuou. Ali tinha ele passado seus dias rezando por um herdeiro. Ele retornara à cidade, pois era o tempo de a classe *abia*, que era a sua, entrar em função no Templo.

De manhã bem cedo, da torre no cimo do monte das Oliveiras, os sacerdotes anunciaram que o sol tinha iluminado os sepulcros dos patriarcas em Hebron, e depois, que o sol estava subindo sobre o monte Nebo, onde repousava o corpo de Moisés. O sumo sacerdote ordenou que o cordeiro fosse trazido da câmara da *beit ha-Moked*,

---

[1] Mateus XXIII, 35; Lucas XI, 51.

onde o tinham mantido por quatro dias; outros trazem os vasos de ouro e de prata, em número de noventa e três, examinam o cordeiro uma vez mais, à cata de defeitos, regam-no com uma taça de ouro — tudo isso para prefigurar que não haveria nenhuma mácula de pecado em Cristo, e também para prenunciar o vinagre e o fel que deram de beber Àquele que a corte judaica tinha condenado à morte quatro dias antes da fatídica Sexta-Feira da Crucificação. Eles prendem o cordeiro à segunda fileira de ganchos na coluna a norte do altar, suas patas amarradas com um cordão de modo a formarem uma cruz, sua cabeça para o sul com a face voltada para oeste, pois assim ficou o rosto de Cristo quando ele foi sacrificado. Dá-se o sinal para abrir as grandes portas, com três toques das trombetas de prata que tinham substituído as trompas de chifre de carneiro do tabernáculo, e vastas multidões de gente enchem os átrios. O cordeiro é imolado, seu sangue é colocado sobre as córnuas do altar exterior, traçando sobre este uma cruz, e o sacerdote Zacarias estava pronto para queimar o incenso cotidiano no *Santo*. Ele representava o Cristo profetizado, que havia de se oferecer a si mesmo em sacrifício, uma vez por todas, em reparação pela iniquidade da raça humana.

Zacarias, revestido de majestosos paramentos, subiu a passagem inclinada que ficava do lado sul do grande altar, segurando com a mão direita o turíbulo com suas três correntes. Removeu as brasas, raspando-as para dentro de uma travessa de ouro chamada *teni*, colocou-as no turíbulo e desceu. Enquanto assim fazia ele, seus dois assistentes preparavam as lâmpadas do grande candelabro de ouro, derramavam em cada uma óleo de oliva, arrumavam as mechas feitas de paramentos gastos e as acendiam. Mas a lâmpada central, que ficava voltada para o *Santo dos Santos*, só podia ser acesa tomando do fogo perpétuo sobre o altar dos holocaustos.

O grande órgão, o *magrefah*, deu início à música, os sacerdotes e os levitas foram assumindo seus postos — os primeiros, nos degraus que levam ao *Santo*, e os segundos, nos degraus da porta de Nicanor —, enquanto Zacarias e seus dois assistentes sobem os degraus precedidos dos dois sacerdotes, que tinham arrumado o altar de ouro e o castiçal, removido os vasos de seu ministério e retornado. Um dos assistentes espalhou sobre o altar as brasas acesas, o outro preparou o incenso, e então todos se retiraram, deixando Zacarias sozinho no interior daquele santuário diante do altar, a espelhar antecipadamente o sacerdote em pé diante de

nosso altar oficiando a Missa com suas orações, cerimônias e incenso.

Ao sinal dado pelo sumo sacerdote do lado de fora, caiu um profundo silêncio na vasta multidão de sacerdotes e de levitas, enquanto o povo se prostrava, caindo sobre o rosto e inclinando o corpo até ao pavimento. Zacarias espargiu o incenso sobre as brasas ardentes, e a fumaça elevou-se até diante do Senhor dos exércitos, profetizando as orações e os sacrifícios de Jesus e de seus santos.[1]

Assim Zacarias queimou em oblação o incenso,[2] santíssima e soleníssima função do Templo.[3] "Quando, pois," diz S. Agostinho, "o padre sacerdote, trêmulo, estava de pé ante o divino altar, o anjo Gabriel rasgando o ar de súbito pôs-se ao lado dele, que tremia agora por contemplar aquela visão, em pé, à direita do altar do incenso." "E, quando Zacarias o viu, ficou perturbado, e o medo se abateu sobre ele. Mas disse-lhe o anjo: 'Não temas, Zacarias, porque a tua oração foi ouvida, e tua esposa Isabel te parirá um filho, e pôr-lhe-ás o nome de João. E terás alegria e contentamento, e muitos se alegrarão com o nascimento dele'."[4] O anjo chamou-o de João ("o piedoso").

Conta-nos S. Agostinho que Zacarias era um velho definhado, murcho, e foi por essa razão que não acreditou nas palavras de Gabriel ("Deus é forte"), o qual, em toda a história judaica, esteve a serviço de Deus para confortar os hebreus com revelações da Encarnação.[5]

Assim, no *Santo* — o santuário dourado, com seu altar de ouro maciço, prenunciador do santuário de nossas igrejas — foi revelado o nascimento de João Batista, o último dos grandes homens do Antigo Testamento e o primeiro evangelizador do Novo Testamento. Ele foi, disse Cristo, o maior dos homens nascidos de mulher,[6] profeta, sacerdote, pregador, *rabi* e mártir, que assim como os grandes homens dos tempos antigos preparou o caminho para Cristo, pregou o perdão dos pecados e batizou o Senhor.

Quando Herodes matou as criancinhas de Belém, toda a Judeia ficou em comoção, de temor por seus filhinhos, e esconderam João numa caverna, que eles mostram atualmente debaixo da casa

---

[1] Ver Apoc. VIII, 1-4.

[2] Lucas I, 5-23.

[3] EDERSHEIM, *Temple*, 133-139.

[4] Lucas I, 12, 13, 14, etc.

[5] S. AGOSTINHO, *Sermo* LX *in Nat. Joan. Bap.*, I, n. IX; DUTRIPON, *Con. S. Scripturæ*; SMITH, *Dict.*, verbetes "Gabriel", "João Batista", etc.

[6] Lucas VII, 28.

onde moraram seus pais. Quando João tinha doze anos, eles o levaram ao Templo, os sacerdotes impuseram as mãos sobre ele revestidos de *talit* e o confirmaram, cerimônia esta que o admitia às fileiras dos homens. Então ele se retirou para o deserto a oeste de sua casa, onde viveu de gafanhotos e de mel selvagem como eremita, em vigílias, orações e jejuns, vestindo um único traje de pelo de camelo.

Aos trinta anos, João emergiu da solidão de seu ermo para pregar. Como era costume dos *rabis* daquela época, reuniu doze discípulos à sua volta — sendo um deles aquele Simão que quis comprar com dinheiro o Espírito Santo e que mais tarde fez oposição a Pedro em suas viagens e em Roma. Às margens do Jordão ele veio na forma e no espírito de Elias, que séculos antes, daquele mesmíssimo lugar, se elevara ao céu na carruagem de fogo do Senhor.

Antes de dar início ao seu ministério público, aos trinta anos de idade, Jesus foi até João, em Gálgala ("o círculo"), onde os hebreus atravessaram para tomar posse da Terra Prometida e onde Josué construiu o monumento de doze pedras em memória do milagre das águas, que corriam para o sul em direção ao Mar Morto, as quais retrocederam para deixá-los atravessar.

Ali onde o rio corre em volta formando um meio círculo, em meio aos tamarindos que se enfileiram nas suas encostas desertas, Jesus passou através das multidões e desceu, entrando nas águas. João batizou–o e disse aos seus discípulos que era este o "Cordeiro de Deus que ia tirar os pecados do mundo",[1] e os discípulos de João seguiram a partir de então o Senhor e se tornaram os apóstolos.

João continuou ainda a pregar. Certo dia, Herodes Agripa, de passagem da sua capital, Tiberíades, que se aninha nas margens ocidentais da Galileia, seguindo seu caminho rumo à sua casa de inverno, a leste do Mar Morto, passou por onde João pregava. Ele seduzira a esposa de seu meio-irmão Filipe, que naquele tempo vivia reformado em Jerusalém; divorciara-se de sua própria esposa, filha de Aretas, rei árabe; e vivia então com aquela mulher vil, Herodíades, em adultério.

Diante da multidão, João disse que ia contra a lei de Moisés coabitar com a mulher do próprio irmão. Espicaçado diante do povo até à medula, Herodes mandou que o prendessem e o levassem à fortaleza Macário, que lhe pertencia e que Josefo descreve tão

---

[1] João I, 29.

pormenorizadamente como tendo sido construída no deserto, onde fontes sulfurosas irrompem das dunas.

Na fortaleza Macário, Herodes celebrou seu aniversário com um grande festim para seus nobres e oficiais,[1] e durante o banquete sua meia-sobrinha Salomé, filha da mulher com quem ele estava morando e de seu meio-irmão Filipe, dançou semivestida a imodesta e insinuante dança egípcia, e Herodes meio bêbado, encantado com os seus atrativos, prometeu a ela diante de seus convidados o que quer que ela pedisse, ainda que fosse metade do seu reino. Instigada por sua mãe adúltera Herodíades, ela pediu a cabeça de João Batista numa bandeja.

Afetando estar pesaroso que o banquete fosse cenário de um tal assassinato sangrento, mas recordando sua promessa diante dos convidados, ele deu sinal aos seus guardas que estavam postos em torno do salão do banquete. Eles desceram até a funda masmorra, cortaram a cabeça de João, trouxeram o hediondo troféu à perversa mulher Salomé, e ela o entregou à sua mãe.

Todos os orientais honravam a barba, chamada em hebraico *zaqan*, palavra esta encontrada sete vezes no Antigo Testamento. Deus proibiu os hebreus de rapá-la. "Nem cortareis circularmente o vosso cabelo, nem rapareis vossa barba."[2] Esta lei era para todo o povo, mas uma regra especial foi estipulada para os sacerdotes: "Nem rasparão a cabeça, nem a barba, nem farão incisões na carne."[3]

Todos os hebreus usavam barbas compridas, que eles podiam aparar, mas não cortar de todo nem aparar em formatos peculiares, como os pagãos daquele tempo. Os sacerdotes egípcios cortavam redondo o cabelo. Os pagãos, quando se consagravam aos seus deuses, cortavam o cabelo em formatos peculiares, às vezes formando um círculo, conforme disse Empédocles: "Deus é um círculo, seu centro está por toda parte sem circunferência." Para exprimir essa ideia, eles muitas vezes construíam seus templos circulares, tais como o Panteão, o santuário das vestais construído por Numa e muitos outros templos daquele tempo.

Os pagãos dedicavam o cabelo a ídolos ou demônios, e os hebreus dedicavam o cabelo e a barba a Deus. Muitas cerimônias religiosas antigas nós encontramos entre os pagãos relativas à barba. Para preservar os hebreus dessas superstições, Deus proibiu-os de raspar a cabeça ou a barba.

---

[1] Marcos VI, 21, 22.
[2] Levít. XIX, 27.
[3] Levít. XXI, 5.

O leproso rapava os pelos do corpo todo,[1] como indicativo de sua doença, enquanto que o hebreu usava barba comprida, como sinal de virilidade, virtude, perfeição, fortaleza e sabedoria.

O nazireu ("separado") jamais cortava o cabelo nem a barba, para mostrar que estava consagrado a Deus. Seu cabelo e barba eram aparados diante da porta do tabernáculo, em frente à porta de Nicanor, quando seu voto tinha fim.[2] Foi esta a origem da tonsura, cerimônia que admite um homem nas fileiras do clero de nossos dias. Cristo foi o nazireu predito pelos profetas.[3] Na Segunda-Feira da Semana da Paixão, ele chegou ao Templo e recebeu a tonsura. Remonta ao uso apostólico a tonsura clerical. Na Igreja primitiva, todo o clero usava barba, como somos informados pelos escritos dos Padres.[4] O Quarto Concílio de Cartago[5] decreta: "O clérigo não cultivará seus cabelos nem rapará sua barba."

Entre os hebreus, a barba era tão honrada que ninguém jamais ousava tocá-la, salvo para beijar este que é o maior ornamento varonil, em sinal de honra. Joab tomou Amasa pela barba para beijá-la, quando feriu-o com a espada. Hanon rapou a cabeça e a barba dos embaixadores de Davi, enviados para confortá-lo pela morte de seu pai, e essa ignomínia provocou uma guerra.[6] Os árabes nos tempos antigos raspavam a barba e cortavam o cabelo em formatos arredondados, quando se devotavam a Baco, deus da embriaguez,[7] e sobre todos esses povos do Oriente, por suas superstições, a condenação de Deus foi predita.[8]

Segundo a lei mosaica, a barba era sagrada para o judeu, e no tempo de Cristo todos usavam barba. Os judeus de Jerusalém de nossos dias usam longos anéis de cabelo suspensos na frente das orelhas, e até mesmo os meninos, depois de sua confirmação aos doze anos, se adequam a esse costume. Mas como sinal de pesar eles rapam a barba e cortam o cabelo.

Os árabes, filhos de Abraão através de Ismael, têm o mais profundo respeito pela barba, que eles dizem ter sido dada por Deus a fim de distinguir os homens das mulheres. Nunca cortam a barba. O maior insulto que se faz a um árabe é cortar fora sua barba.

---

[1] Levít. XIV, 9.

[2] Núm. VI, 18.

[3] Gên. XLIX, 26; Deut. XXXIII, 46; Lament. IV, 7, etc.

[4] CLEM. ALEX., L. III, *Pedag.*, c. 3; CIPRIANO, Ep. 3 *ad Quirin.*; EPIFÂNIO, *Haeres.*, 80.

[5] Caput IV.

[6] I Par. XIX, 4; II Reis X, 4.

[7] HERÓDOTO, *Thalia*, III, n. 8.

[8] Jeremias IX, 28; XXV, 23; XLIX, 32.

Quanto mais longa a barba, mais douto e venerando o homem. Esposas e filhos até hoje beijam a barba, como sinal de respeito. Eles juram e fecham contratos pela barba, e, quando pedem um favor, dizem: “Pela tua barba; pela vida da tua barba concede-me isto.” “Digne-se Deus conservar tua barba abençoada.” “Que Deus derrame suas bênçãos sobre a tua barba.”

Tendo um árabe sofrido um ferimento grave na mandíbula, afirmou que preferia morrer a permitir que o médico raspasse sua barba para tratar melhor da ferida. Quando Pedro, o Grande, da Rússia, ordenou que todos os seus súditos cortassem a barba, provocou enorme oposição, e muitos pediram aos amigos que enterrassem junto com eles as suas barbas. Os judeus poloneses consideravam que quem raspava a barba tinha abjurado o judaísmo, e os rabinos pregavam contra tirar a barba. Os mouros da África beijam a barba ao se encontrarem.

Em nossos dias, ao se fazerem visitas cerimoniais no Oriente, um servente borrifa água de cheiro, como água-de-colônia, na barba do visitante.[1] Quando os hebreus participavam de banquetes, no tempo de Cristo, um servente, que segurava na mão direita um incensório, ia de um comensal ao outro e incensava a barba de cada conviva balançando o incensório para cima e para baixo diante dele, para que a fumaça se elevasse através de sua barba. Quando foi que esse costume surgiu, não sabemos determinar, mas era costumeiro em todos os festins, bem como na páscoa no tempo de Cristo. Foi esta a origem da cerimônia da incensação do clero na Missa solene.

[1] D’ARVIEUX, *Mœurs des Arabes*.

SEGUNDA PARTE.

A MISSA PREFIGURADA NA PÁSCOA JUDAICA.

IV.— A HISTÓRIA DA PÁSCOA DOS HEBREUS.

NA ÚLTIMA CEIA, Cristo celebrou a páscoa judaica segundo o rito hebreu histórico, que remonta aos tempos patriarcais passando por Moisés e pelos profetas, e transformou-a na Missa. Vejamos, pois, a história da antiga páscoa.

A palavra vertida em nossas traduções da Bíblia como "páscoa", "*paschah*", designa a páscoa judaica. A palavra vem do hebraico *péssach* ("passar adiante de"), porque o Senhor "passou adiante" das casas dos israelitas, no Egito, assinaladas com o sangue dos cordeiros pascais, quando ele matou os primogênitos de todas as famílias e de todos os animais, na noite em que os hebreus foram libertados da escravidão[1]. S. Agostinho e S. Jerônimo sustentaram que a palavra significa "padecer"[2] e que prenunciava a Paixão de Cristo.

Nossa Bíblia diz: "É a vítima da passagem do Senhor, quando ele passou adiante das casas dos filhos de Israel."[3] A palavra hebraica quer dizer: "ele saltou", ou: "não pisou em cima"[4]. Tem ainda outro significado, porém: "poupar" ou "usar de misericórdia com", pois o Divino Filho, naquela noite, "poupou" e "usou de misericórdia com" os hebreus[5]. A palavra "páscoa" ocorre quarenta e sete vezes no Antigo Testamento[6].

A páscoa que os judeus consideram e celebram até hoje como sua maior festa religiosa — o aniversário da libertação de seus pais da servidão egípcia — cai todo ano na tarde da 14.ª lua do mês lunar de *ab* ou *nisan* ("germinação"). Os *rabis* chamam-na de *tekufá*

---

[1] Êxod. XII, 29; S. AGOSTINHO, *Enar.* I *in Psal.* LXVIII; *Ser.* I, n. II; *Enar. in Psal.* CXX, n. V; *Enar. in Psal.* CXXXVII, n. VIII.

[2] *In Joan.*, t. LV, n. I, etc.; *Sermo* XXXI, *De Pascha,* XI, n. I.

[3] Êxod. XII, 27.

[4] S. AGOSTINHO, *ibidem.*

[5] S. AGOSTINHO, *Enar.* I *in Psal.* LXVIII; *Sermo* I, n. II, III; *Sermo* VII, *De Pascha,* n. I, etc.

[6] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, vol. II, p. 182; vol. III, 1141, etc.

("equinócio"); o mês em questão corresponde a fins de março e aos primeiros dias de abril.[1] É a Páscoa deles, a chave de seu calendário, e rege todas as suas festas móveis e jejuns tal como nossa Páscoa cristã, à qual a deles deu origem, governa nossas festas, jejuns e os tempos móveis do ano litúrgico da Igreja.

Recuando para além da história, nos tempos pré-históricos os patriarcas, munidos de cordeiro assado e de pão e vinho, celebravam páscoa. Mas na noite da fuga do Egito, quando os hebreus se tornaram uma nação, Deus proveu detalhes mais pormenorizados que prefiguravam tipicamente a Paixão do Redentor, a Crucificação e a Missa. Os profetas e santos videntes do Antigo Testamento, guiados pelo Espírito Santo na forma de *Shekiná*, fizeram adições ao cerimonial pascal até que, no tempo de Cristo, esta festa tinha se tornado um rito elaborado e admiravelmente simbólico.

Devemos ter em mente que, nos escritos bíblicos, três objetos principais eram vistos nesta festa e banquete: o cordeiro pascal da primeira noite, o pão e o vinho; e na festa dos ázimos, que durava uma semana, somente pão e vinho. O primeiro festim caiu na Quinta-Feira, a véspera da Crucificação, e está consagrado para sempre nos escritos cristãos com o nome de Última Ceia ou Ceia do Senhor, que ele consumou e transformou na Missa.[2]

Dado que a Última Ceia foi aquela páscoa hebraica com todo o seu elaborado cerimonial, nós primeiro veremos sua história, seguiremos seus vestígios ao longo das eras e então descreveremos como os judeus de Jerusalém e os samaritanos celebram esta solenidade em nossos dias.

Primeiramente, a Bíblia faz uma descrição completa da festa[3] tal como foi celebrada no Egito. Depois, o pão ázimo (sem fermento) é mencionado junto com a consagração dos primogênitos.[4] Sob o nome de festa dos ázimos, ela é unida às duas outras grandes solenidades, a de Pentecostes e a do *shabat*, em que o cordeiro (em hebraico *taleh*) é chamado de "meu sacrifício"[5]. É feita a relação entre o festival e a redenção dos primogênitos, e as palavras que especificam o cordeiro pascal[6] são reiteradas.[7] A menção ocorre

---

[1] ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. 4.

[2] Ver S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, III, q. 46, Art. 9 ad 1 et q. 74, Art. 4 ad 1, etc., etc.

[3] Êxod. XII, 1-51.

[4] XIII, 3-10.

[5] XXIII, 14-19.

[6] Êxod. XXIII, 18.

[7] XXXIV, 18-26.

novamente a propósito dos dias de convocação, e das leis relativas à oferta das primícias dos produtos da terra, os *bikurim*, junto com as ofertas que os acompanharam quando os hebreus fizeram a travessia para a Terra Prometida.[1] Uma vez mais, a *Shekiná* ("a Presença Divina") repete a lei referente à páscoa hebraica no começo do segundo ano após a saída do Egito,[2] e a segunda páscoa, um mês depois, é preceituada para os que não puderam celebrar a primeira. Regulamentações são reveladas quanto às ofertas sacrificais feitas em cada um dos sete dias do festival.[3] A última diretiva divinamente outorgada declara o local do sacrifício que o Senhor mais tarde escolherá na "Terra da Promissão", isto é, ali onde a arca permaneceu até ser posta no Templo em Jerusalém, onde a páscoa judaica era celebrada no tempo de Cristo.[4] Aqui são citados detalhes mais particularizados do cerimonial festivo.

No décimo dia do mês de *nisan* os hebreus deviam selecionar o cordeiro, pois neste dia Cristo foi condenado à morte pelo sinédrio em Jerusalém.[5] Eles tinham recebido ordens de escolher um carneirinho e conservá-lo até o décimo-quarto dia do mesmo mês ao anoitecer, porque à meia-noite depois desse dia, 1.300 anos depois, Cristo foi preso. O festival pascal durava uma semana porque, durante a Semana da Paixão, Cristo foi sacrificado, jazeu no sepulcro e ressurgiu dos mortos.[6]

Eles sacrificavam-no de tarde, constando do texto hebraico: "entre as duas vésperas". As "primeiras vésperas" entre os judeus queriam dizer do meio-dia às três da tarde, e as "segundas vésperas", das três da tarde até o anoitecer. Às três da tarde, estava-lhes prescrito sacrificar o cordeiro, porque tempos depois, às três horas da tarde, Jesus Cristo, a quem o cordeiro representava, morreu na cruz.

Encontramos essas duas vésperas mencionadas no Evangelho pela palavra "entardecer"[7]. Segundo os modos hebreus de contar os dias, era ao pôr do sol que começava o dia seguinte, e não à meia-noite.[8] Esta era a lei relativa às festas:[9] "Do entardecer ao entardecer seguinte celebrareis os vossos *shabats*."

---

[1] Levít. XXIII, 4-14.
[2] Núm. IX, 1-14.
[3] Núm. XXVIII, 16-25.
[4] Deut. XVI, 1-8.
[5] Êxod. XII, 3.
[6] Êxod. XII, 6.
[7] Mateus XIV, 15-28.
[8] Ver Levít. XXIII, 5, 6.
[9] Levít. XXIII, 32.

Pelo sacrifício e pelo sangue do cordeiro pascal dos patriarcas, os hebreus foram libertados da escravidão egípcia. O próprio Deus determinou a cerimônia desse sacrifício. O tipo de cordeiro, a hora, o lugar, o rito, a pessoa que devia matá-lo e as pessoas que podiam comê-lo são todos especificados com pormenores circunstanciados.[1]

Três instruções prescreve Deus com respeito à vítima. Esta tem de ser macho, porque Cristo era deste sexo; precisa ter um ano de idade, para significar que o Senhor foi sacrificado na força de sua juventude; não pode ter mancha nem defeito ou nódoa, para prefigurar o Cristo sem pecado.[2] Durante a noite eles fugiram do Egito; foram então libertados da escravidão egípcia, para significar como na última idade da nacionalidade hebraica na Palestina o Senhor foi preso à noite para ser sacrificado, para libertar o mundo da escravidão demoníaca.

Era primavera, o décimo dia após a lua cheia, depois do equinócio vernal, quando a Terra está entre o Sol a Lua, para todos poderem ver que o escurecimento do sol enquanto o Senhor morria não era causado por um eclipse; e as trevas daquela noite egípcia, quando os hebreus se tornaram uma nação, prenunciava as trevas durante a Crucificação.

Muito embora a ordem fosse imolar um cordeiro para prefigurar o Cristo sem pecado, contudo eles tinham permissão de sacrificar um cabrito como vítima pelo pecado, para prenunciar em sombra ou esboço sensível o Senhor carregando os pecados do mundo. Ele foi assim prefigurado tipicamente por Jacó revestido de peles de cabrito, emblemas do pecado, quando o pai deste o abençoou.[3] Todavia, também o cabrito precisa ser de um ano de idade e sem mácula.[4] Na primeira noite da páscoa judaica somente esses animais podiam ser oferecidos em sacrifício. Mas a solenidade durava do 14.º ao 21.º dia do mês de *nisan*, e podiam-se comer ovelhas e bois nos dias restantes.[5] A cada entardecer desta semana eles celebravam o festim em casa e nas sinagogas. Foi por essa razão que não quiseram entrar no pretório de Pilatos, senão ficariam impuros e não poderiam celebrar os dias restantes da sua páscoa. Eles todos tinham celebrado a cerimônia do cordeiro pascal na noite anterior, e toda noite daquela semana eles deviam ofertar as vítimas

---

[1] Êxod. XII.
[2] Êxod. XII, 3-5.
[3] Gên. XXVII, 16.
[4] Êxod. XII, 5; Levít. XXII, 19, 20, 21, 22.
[5] Deut. XVI, 2; Núm. XXVIII, 16, etc.

dos sacrifícios pacíficos, junto com vinho e com o pão ázimo (não levedado). Essa semana era chamada festa dos ázimos.

"Durante sete dias comereis pães ázimos... O primeiro dia será santo e solene, e o sétimo dia será observado com igual solenidade, neles não fareis trabalho algum, salvo aquelas coisas que pertencem ao comer."[1] Assim era a páscoa maior, uma semana que durava do dia 14 ao 21, observada pelos judeus em todas as suas gerações, para profetizar nossa Páscoa cristã. O primeiro e o último dia eram como os nossos domingos solenes do tempo pascal, o tempo mais santo do ano litúrgico da Igreja.[2]

A lei era tão severa que quem não observasse a antiga páscoa devia ser morto: "Todo o que comer algo fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo, perecerá aquela alma do meio de Israel"[3] "Quem comer pão levedado, sua alma perecerá do meio do ajuntamento de Israel, quer seja estrangeiro ou natural da terra."[4] No tempo de Cristo a pena era a excomunhão.

A circuncisão era um tipo profético do batismo. Somente o hebreu circunciso podia comer o cordeiro que apontava para Cristo, e somente o batizado devia receber a Comunhão.[5]

Se um hebreu estivesse impuro, não podia participar da festa. Ele passava pela cerimônia de purificar-se e, no décimo dia do mês seguinte, podia comer o cordeiro, pois o cristão em pecado mortal, enquanto não tiver sido purificado do pecado mediante o sacramento da Penitência, não pode receber .

Em quatro lugares o cordeiro foi sacrificado. Na noite em que os hebreus saíram do Egito, o chefe de família imolou o cordeiro em casa, porque o sacerdócio hebreu não tinha ainda sido instituído e, como nos tempos patriarcais, o pai de família era então o sacerdote.[6]

Eles ofereceram em sacrifício o cordeiro pascal seguinte no deserto do Sinai, no segundo ano depois da saída do Egito.[7] Ofertaram-no novamente depois de atravessarem o Jordão em Gálgala ("o circuito"), enquanto acampavam na baixada nos confins da estepe, com os tamarindos ladeando as margens do histórico rio onde Cristo foi batizado, para prefigurar os cristãos tomando a Comunhão.

---

[1] Êxod. XII, 15, 16.
[2] Êxod. XII, 17.
[3] Êxod. XII, 15.
[4] Êxod. XII, 19.
[5] Êxod. XII, 43, 44, 48.
[6] Êxod. XII, 3.
[7] Núm. IX.

Depois de conquistarem a Palestina, eles receberam ordens de sacrificar o cordeiro somente no tabernáculo e no Templo. “Não poderás imolar a páscoa em qualquer das tuas cidades que o Senhor teu Deus está para te dar, mas no lugar que o Senhor teu Deus (a palavra traduzida aqui como Deus é, no original hebraico, *Shekiná*) tiver escolhido, para aí habitar o seu nome. Imolarás a páscoa à tarde, ao pôr do sol, tempo em que foste agraciado com tua saída do Egito.”[1] Essa ordem foi dada porque o verdadeiro Cordeiro de Deus, tempos depois, havia de ser sacrificado em Jerusalém, onde se erguia o Templo. Até que Davi escolheu o monte Moriá, em Jerusalém, como lugar do Templo, o tabernáculo e a arca da aliança permaneceram, em diferentes épocas, em Gálgala, Siló, Nobé e Gabaon.

Na noite em que saíram do Egito, foi este o cerimonial: eles degolaram o cordeiro, recolheram o sangue “e puseram-no sobre as duas ombreiras e sobre a verga da porta das casas em que eles o hão de comer, e comerão as carnes nessa noite assadas no fogo, e pães ázimos com alfaces bravas. Não comereis dele nada cru, nem cozido em água, mas somente assado no fogo; comer-lhe-eis a cabeça, com os pés e os intestinos. Nada sobrará até pela manhã, tampouco. Se restar alguma coisa, queimá-la-eis no fogo, e deste modo comê-lo-eis: cingireis os vossos rins, e tereis as sandálias nos pés, e o bordão em mãos, e comereis às pressas, porque é a páscoa, isto é, a Passagem do Senhor. E eu passarei pela terra do Egito naquela noite, e matarei todo primogênito, desde os homens até os animais. Eu sou o Senhor, e contra todos os deuses do Egito farei justiça. Eu sou o Senhor.

“E o sangue será para vós um sinal nas casas em que estiverdes, e eu verei o sangue e passarei adiante, e não se abaterá sobre vós a praga para vos destruir, quando eu ferir a terra do Egito. E este dia será para vós um memorial, e celebrá-lo-eis como uma solenidade festiva para o Senhor, nas vossas gerações, com perpétua observância. Durante sete dias comereis pães ázimos”,[2] etc.

Quando Moisés comunicou aos hebreus a mensagem divina, inclinaram a cerviz e adoraram. Eles seguiram as instruções, imolaram e comeram os cordeiros e aspergiram o sangue. À meia-noite, na hora em que Cristo, séculos depois, era preso, quando ele começou sua Paixão para resgatar a raça humana, o primogênito de toda família e de todo animal no Egito foi morto, como profecia da morte do Primogênito da Virgem cravado na cruz. Esta é a razão pela

---

[1] Deut. XVI, 5, 6.
[2] Êxod. XII, 7-15.

qual Cristo é chamado o "primogênito" sete vezes no Novo Testamento.

A impressão geral é que Deus enviou um anjo, chamado "anjo da morte", para matar, naquela noite. Mas não é assim. Porque no texto se lê: "Eu sou o Senhor... Eu verei o sangue, e passarei adiante de vós, e a praga não se abaterá sobre vós, quando eu ferir a terra do Egito."[1]

Os autores judeus, bem como essas palavras, mostram que foi o próprio Deus que matou os primogênitos. E, lendo atentamente os escritos deles, vemos que foi o Divino Filho que passou pelo Egito naquela noite, quando libertou os hebreus como profecia do tempo em que ele, tendo se encarnado, com sua morte, libertou toda a raça humana do erro, do pecado e da escravidão demoníacos.

Os hebreus celebraram a festa no Egito na décima-quarta lua de *abib*, ou *nisan*,[2] e no dia seguinte saíram do Egito. Terminava então a escravidão deles. "Ora os filhos de Israel partiram de Ramsés no primeiro mês, no décimo-quinto dia do primeiro mês, o dia seguinte à páscoa, com mão poderosa, à vista de todos os egípcios."[3] Seguindo, pois, a história de seus ancestrais e os costumes transmitidos através dos tempos, o Senhor e seus discípulos celebraram a páscoa hebraica no décimo-quarto dia do mês, e ele morreu no décimo-quinto para libertar a raça humana da escravidão do diabo e do pecado, representada pela servidão egípcia.

Os hebreus não saíram de casa na noite em que celebraram a páscoa, porque receberam ordem de ficar dentro de casa. "Nenhum de vós saia da porta desta casa até pela manhã."[4] No dia seguinte começaram a marcha. Tudo isso prefigurava como, séculos depois, Jesus Cristo celebraria a páscoa junto com seus discípulos; que ele seria preso de noite, e que no dia seguinte, como o primogênito, ele morreu para libertar a humanidade dos laços do pecado e da escravidão do demônio.

Durante a páscoa dos hebreus,[5] Deus transmitiu instruções que eles não puderam executar naquela noite; diziam respeito às páscoas futuras. Eles não puderam observar o dia seguinte, o décimo-quinto, como dia de festa solene, porque estavam em viagem na ocasião.[6] Não puderam oferecer "as primícias dos frutos

---

[1] Êxod. XII, 12, 13.
[2] Êxod. XII, 6.
[3] Núm. XXXIII, 3.
[4] Êxod. XII, 22.
[5] Êxod. XII e XIII.
[6] Êxod. XII, 16-51.

da terra" (o *Omer*),[1] porque viajavam, por então, através do deserto, onde nada frutifica. Eles não tinham como imolar os sacrifícios especiais mencionados mais tarde,[2] tampouco, nem como aspergir o sangue sobre o altar em vez de sobre os umbrais das portas.[3]

Por essas razões, os autores judeus distinguem meticulosamente entre a "páscoa egípcia", celebrada naquela noite da fuga do Egito, e a "páscoa perpétua", celebrada mais tarde na sua história. Tanto os puros como os impuros celebraram a festa naquela noite, mas depois Deus comunicou-lhes instruções especiais[4] e restringiu o festim aos homens somente.[5] Assim, aconteceu que Cristo e seus apóstolos com ele, sem que mulher alguma estivesse presente, celebraram a festa e banquete no cenáculo, e ali ele ordenou homens somente, vindo daí a doutrina pela qual somente os homens são sujeitos válidos para o sacerdócio. Os salmos que formam o *Halel* não foram cantados naquela noite, porque só foram compostos no tempo de Davi.

O nascimento e a morte, a origem e o fim da vida eram impuríssimos para o judeu. O primeiro lembrava-os da queda do homem, de que as crianças nascem em pecado original; o último, de que desde os portões do Éden a morte, com sua mão gelada, derruba todos os membros de nossa raça.[6] Durante as errâncias pelas ermas estepes, no segundo ano depois da saída do Egito, alguns homens tocaram num cadáver, ficaram manchados de impureza cultual e não puderam celebrar a páscoa.[7] Deus mandou Moisés instituir uma segunda páscoa no décimo-quarto dia do mês seguinte, promulgando um cerimonial como o da primeira, e esses homens se purificaram e celebraram o festim. Assim como a primeira páscoa hebraica prefigurava nossa Comunhão pascal, assim também a segunda espelhava o tempo vindouro, quando os cristãos, que por causa do pecado não possam cumprir seu "preceito pascal", podem confessar-se e receber então o "Cordeiro de Deus".

Os escritores judeus chamam a primeira de "páscoa maior" e a última de "pequena páscoa", durando esta só um dia, cantando-se

---

[1] Levít. XXIII, 10-14.
[2] Núm. XXVIII, 16-25.
[3] Deut. XVI, 1-16.
[4] Núm. XVIII, 11.
[5] Êxod. XXIII, 17; Deut. XVI, 16.
[6] Gên. III, 16-19.
[7] Núm. IX.

nela os salmos do *Halel* enquanto o cordeiro era sacrificado, mas não durante a ceia, nem havia então a busca por fermento.[1]

No decurso da história dos hebreus, eles seguiram a lei que Deus mesmo preceituou. "Guardareis este negócio como uma lei para ti e teus filhos para sempre."[2] "Esta é a noite observável do Senhor em que ele os fez sair da terra do Egito, esta noite todos os filhos de Israel devem observar nas suas gerações."[3] No deserto do Sinai, quando Deus mandou-os celebrar a festa pascal, ele disse: "Os filhos de Israel façam a páscoa no tempo devido, no décimo-quarto dia deste mês ao entardecer, segundo todas as suas cerimônias e justificações."[4] Uma terceira vez repetiu o Senhor a norma referente a quebrar um osso do cordeiro ou a deixar alguma parte dele até a manhã, e conclui com estas palavras: "Eles observarão todas as cerimônias da páscoa."[5]

Os hebreus não puderam celebrar a festa da páscoa novamente até que acamparam ao redor do Sinai, no segundo ano depois de saírem do Egito, porque eles não podiam ser circuncidados enquanto estavam em marcha. Depois de serem circuncidados e de receberem a Lei e os Dez Mandamentos da ígnea *Shekiná*,[6] o Espírito Santo, que cobriu o Monte Sinai, Deus renovou o preceito referente à páscoa,[7] para prenunciar como Cristo primeiro pregou seu Evangelho e só então foi sacrificado. Eles não observaram a páscoa pelos trinta e três anos seguintes, na sua marcha através dos desertos arábicos, porque os homens não podiam ser circuncidados durante suas contínuas errâncias. Mas quando atravessaram o Jordão seco e acamparam em Gálgala, dentro da Terra Prometida, Josué ordenou o rito da circuncisão, e então eles celebraram a páscoa.[8]

Sob a égide dos Juízes, eles raramente celebraram a páscoa, porque estavam continuamente em guerra contra os idólatras ao seu redor. Mas assim que veio a paz eles celebraram a festa e banquete com grande solenidade, toda páscoa. Com o passar dos tempos, novos ritos e cerimônias foram adicionados à páscoa judaica, cada um dos quais uma revelação do sacrifício do Calvário e da Missa. Vamos descrever os mais notáveis.

---

[1] *Talmude*, *Pesahím*, IX, 3: *Lex Tal.*, col. 1766. Ver S. AGOSTINHO, *Ques. in Exod.*, L. II, Ques. XLII; *Ques. in Num.*, L. IX, Ques. XV.

[2] Êxod. XII, 24.

[3] Êxod. XII, 42.

[4] Núm. IX, 3.

[5] Núm. IX, 12.

[6] Êxod. XX.

[7] Núm. IX, 9.

[8] Josué V, 2.

Quando o bom rei Josias trouxe de volta os judeus, apartando-os da idolatria que tivera início sob Salomão, ele ordenou ao povo, dizendo: "Celebrai a páscoa em honra do Senhor vosso Deus, do modo como está escrito no livro desta aliança."[1]

Mais tarde, "o rei Ezequias enviou por todo o Israel e Judá e escreveu cartas a Efraim e a Manassés, para que viessem à casa do Senhor em Jerusalém e celebrassem a páscoa do Senhor, o Deus de Israel."[2] Conta o relato que os sacerdotes recebiam das mãos dos levitas o sangue, que era esparramado,[3] mostrando que somente sacerdotes podiam sacrificar o cordeiro nos tempos dos reis judeus. "E a páscoa foi imolada, e os sacerdotes aspergiram com a mão o sangue, e os levitas esfolavam os holocaustos."[4]

Depois do cativeiro, o rei Dario da Pérsia deu ordens de procurar na biblioteca os livros santos, e decretou o renovamento dos sacrifícios. "E os filhos de Israel do cativeiro celebraram a páscoa no décimo-quarto dia do primeiro mês."[5]

Uma vez mais, o Senhor renovou o mandamento da páscoa por meio do profeta Ezequiel, depois de o templo de Herodes lhe ser mostrado em visão.[6]

Os escritos hebraicos mostram que foi durante a páscoa que o evento principal da história dos israelitas aconteceu como aurora do Cristianismo a despontar sobre o mundo antes da Encarnação do Sol da justiça. À meia-noite da páscoa, Abraão dividiu seus exércitos e subjugou seus inimigos;[7] Sodoma junto com toda a gente perversa foi destruída, enquanto Lot, que na cidade repleta de pecadores assava os bolos ázimos pascais, foi o único a ser salvo.[8] Para Abraão, durante essa festa, apareceu o Filho de Deus com um anjo de cada lado seu.[9] Durante a páscoa, Jacó lutou com um anjo e o venceu;[10] o exército do príncipe de Haroset foi destruído;[11] o ídolo de Bel foi derrubado, e sonhos revelaram o futuro a José.

Na noite da páscoa, o orgulhoso Baltasar, rei da Babilônia, celebrou seu festim no grande palácio às margens do Eufrates;

---

[1] IV Reis XXIII, 21.
[2] II Par. XXX, 1-5.
[3] II Par. XXX, 16.
[4] II Par. XXXV, 11.
[5] I Esdras VI, 19-22.
[6] Ezequiel XLV, 21.
[7] Gên. XIV, 15.
[8] Gên. XIX, 8.
[9] Gên. XVIII.
[10] Gên. XXXII.
[11] Juízes IV.

dentro dos muros impenetráveis da cidade, ele louvou seus ídolos, zombou do Deus de Israel, pediu que lhe trouxessem os vasos sagrados do Templo de Salomão e com eles bebeu à glória de seu reinado e dos deuses da Babilônia.

Na parede do grande salão do banquete apareceu a mão de luz, escrevendo a sentença de condenação sobre ele e sobre seu reino, a qual somente Daniel conseguiu ler para o rei, os sátrapas, os governadores e as concubinas tomados de pavor, enquanto os exércitos de Ciro penetravam a cidade condenada marchando através do leito seco do rio que tinham desviado de seu curso. Naquela noite de páscoa, a Babilônia foi capturada, o rei e os nobres foram mortos. Mais tarde Ciro, vendo seu próprio nome predito por Isaías, mandou de volta os judeus para reconstruírem a cidade e o Templo destruídos.[1]

Na páscoa, as terras de Mof e Nof foram varridas da idolatria, Ester orientou os hebreus a jejuar, e Amã foi crucificado. Todos os milagres que Deus realizou pelos hebreus aconteceram durante esta festa, a fim de prenunciar a libertação do gênero humano por Cristo, que havia de ser crucificado no segundo dia desta festa.

A ordem da páscoa judaica no tempo de Cristo, tal como consignada na Escritura, era a seguinte. No décimo dia[2] o cordeiro era selecionado, lavado e amarrado a um estaca até o 14.º dia do mês lunar,[3] dia em que eles vasculhavam a casa à procura de fermento.[4] Durante esta sua grande semana santa, eles só podiam comer pão sem fermento, prefigurando nossa Semana de Páscoa e a recepção dos sacramentos.[5]

Todos os hebreus do sexo masculino, que não estivessem manchados de impureza legal, sob pena de morte deviam comparecer ao santuário nacional, o Templo santo,[6] trazendo uma oferta em proporção a seus meios, prenunciando as ofertas pascais em nossas igrejas. A toda festa se levava uma oferta, mas este era o festival principal e o mais antigo, e muitos dons valiosos eram trazidos. Parte dessas contribuições era gasta com as ofertas queimadas, e o restante, com *hagigá*, conforme diz o *Talmude*.[7]

---

[1] Daniel V.
[2] Êxod. XII, 3.
[3] Êxod. XII, 6.
[4] Êxod. XII, 15.
[5] Êxod. XII, 15.
[6] Deut. XVI, 16-17.
[7] *Hagigá*, 1, 2 etc.

Normas especiais tocavam ao primogênito.[1]

As mulheres subiam a Jerusalém junto dos homens,[2] mas não comiam então a páscoa com os homens,[3] nem tampouco pregavam ou participavam como lideranças na sinagoga. O festim era celebrado ao entardecer do décimo-quarto dia do mês, para lembrá-los de que seus pais, no Egito, celebraram-no nesta noite.

Deus mandou que eles sacrificassem um cordeiro, porque desde os tempos de Abel os patriarcas o sacrificaram, para prenunciar "o Cordeiro de Deus sacrificado desde as fundações do mundo". O cordeiro era tipo e emblema d'Aquele que havia de vir e carregar os pecados da humanidade, o qual era "como um cordeiro levado ao sacrifício".[4] O sacrifício do cordeiro nos tempos patriarcais degenerou em ritos pagãos quando a religião de Adão tinha se obscurecido, e, no Egito e alhures, Júpiter era adorado sob a forma de um carneiro. Os animais antes oferecidos a Deus tornaram-se os deuses do paganismo.

Uma figura impressionante de Cristo era aquele cordeiro pascal. Sua imolação, pela qual os hebreus foram resgatados, prefigurava o resgate de toda a raça humana pelo sacrifício de Cristo. Seu sangue, aspergido sobre os umbrais das portas, apontava para o sangue do Senhor aspergido sobre a cruz, pela qual somos redimidos do pecado e do inferno. O "Anjo da morte", Deus Filho ferindo os egípcios, indica a morte da alma pelo pecado quando não remida pelo sangue do Redentor. O cordeiro imolado de noite era tipo do Cordeiro de Deus preso à meia-noite, sacrificado nas trevas da infidelidade ao fim da nacionalidade hebreia, tipificada pelas trevas que caíram sobre o Egito e durante a Crucificação.

O cordeiro sendo sacrificado pelo povo inteiro apontava para aquela hora, mais tarde, em que a nação inteira bradou: "Crucifica-o." "O seu sangue esteja sobre nós e sobre nossos filhos." O cordeiro não podia ter mancha nem defeito, para exprimir sensivelmente um prenúncio do Salvador sem pecado. Podia-se sacrificar um cabrito na páscoa judaica, em lugar de um cordeiro, porque o bode representava Cristo carregado com os pecados do mundo, assim como o bode expiatório carregava os pecados de Israel. Jacó revestido de peles de cabrito hirsutas, quando seu pai o abençoou, prefigurava o Senhor carregando os nossos pecados. O cabrito era preparado e assado igual ao cordeiro.

---

[1] Êxod. XIII, 15.
[2] I Reis I, 7; Lucas II, 41-42.
[3] Êxod. XXIII, 17; XXXIV, 23; Deut. XVI, 16, etc.
[4] Ver S. AGOSTINHO, *Contra Littera. Petil.*, L. II, n. LXXXVII; Isaías LIII, 7.

O cordeirinho não podia ter mais de um ano, para prenunciar Cristo sacrificado na força de sua juventude, e tinha de ser sem defeito, emblema do Cristo sem pecado. Era separado do rebanho no décimo dia de *nisan*, ou *abib*, porque nessa Segunda-Feira o sinédrio ou tribunal local de Jerusalém havia de condenar à morte o Senhor, e nesse entardecer Cristo escondeu-se na Gruta no monte das Oliveiras. Esses pormenores encontramos na Lei de Moisés. Mais tarde os profetas e grandes Videntes de Israel, seguindo as instruções da *Shekiná*, adicionaram mais pormenores ao cerimonial. O líder do grupo de judeus seleciona o cordeiro; lavam-no as mulheres, assim como Cristo se abluziu com um banho antes da páscoa. Enviavam-no com perfumes para exprimir visivelmente, embora em sombra, como um presságio do odor das boas obras da humanidade do Senhor. Amarram-no a uma estaca colorida, assim como Cristo foi fixado à sua cruz. Uma vez selecionado, chamavam-no de "cordeiro de Deus", nome com que João Batista chamou o Salvador.[1] Untavam-no com óleo, assim como o Senhor foi ungido pelo Espírito Santo para ser o Messias ("o *Jehová* Ungido", em grego: "o Cristo"). Porque o sumo sacerdote, o rei, o juiz e o governante de Israel eram ungidos e mãos de ordenação impunham-se sobre ele.[2]

O cordeiro era a imagem mais impressionante de Cristo dentre todos os diversos sacrifícios do Templo. Assim, de manhã e de tarde, com um cerimonial esmerado como uma Missa solene pontifical, presidindo o sumo sacerdote, um cordeiro era sacrificado no Templo. A imolação diária do cordeiro no Templo e a manducação de sua carne faziam as vezes então do que são hoje a Consagração e a Comunhão durante a Missa. Mas o sacrifício do cordeiro pascal era ainda mais impressionantemente típico de Cristo.

O cordeiro era imolado pelos sacerdotes no Templo, para prefigurar como o sacerdócio judaico mais tarde havia de exigir de Pilatos a execução do Salvador. O sangue era aspergido sobre o grande altar dos holocaustos, tal como o sangue de Cristo foi salpicado sobre a sua cruz. O cordeiro era esfolado, assim como Cristo foi flagelado. Em seguida o cordeiro morto era levado para a casa da família judia.

Ali eles atravessavam seu corpo de cima abaixo com uma vara de romãzeira, enfiando-a por baixo até sair pelos tendões das patas dianteiras. Eles estavam proibidos de usar espeto de metal, porque o Senhor havia de ser crucificado numa cruz de madeira. Abriam cuidadosamente o corpo e enfiavam de través uma vara de romãzeira

---

[1] João I, 29.

[2] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, vol. II, 863, 873.

nos tendões das patas dianteiras, como fazem os açougueiros hoje em dia. Chamavam essa operação de "a crucificação do cordeiro", para prefigurar Cristo com as mãos e os pés pregados na cruz. A vítima, agora, eles chamavam de "o Corpo do Cordeiro", ao que Cristo aludiu na Última Ceia, quando disse: "Isto é o meu Corpo". Era desse modo que o cordeiro era preparado, séculos antes de Cristo.

Assar era a maneira original de cozinhar carne, e os patriarcas, que eram pastores, prendiam a carne na ponta de espetos, cuja extremidade oposta era fincada no solo, a fim de que a carne assasse sobre a fogueira na frente da tenda deles. Desse modo costumavam assar cordeiros, frangos e animais inteiros. Na Arábia, no Egito e no Oriente em geral, tu verás os beduínos assando carne dessa forma.

O cordeiro crucificado era em seguida colocado no forno, suspenso na sua cruz, sem deixar a carne dele tocar no forno, para prefigurar como Cristo ficou completamente pendurado na cruz. Assim o cordeiro era assado, para que seu corpo fosse penetrado pelo fogo, tal como o fogo da *Shekiná*, do Espírito Santo, enchia Cristo de amor pela raça humana, impelindo-o a morrer por nossa salvação. Depois de cozinhado, o cordeiro era posto sobre a mesa, e era um impressionante retrato profético do corpo de Cristo morto na cruz, sua pele toda arrancada pela flagelação, com o soro amarelo escoando, e ressecado, fazendo-o parecer como se tivesse sido assado.

A carne só podia ser comida dentro de casa, nenhuma parte podia ser transportada para fora,[1] porque a Comunhão só se recebe na Igreja Católica, e não nas seitas, que não têm ordens sacras — um sacerdócio ordenado. Não menos de dez nem mais do que vinte membros formavam um "grupo" para comer o cordeiro, para espelhar a assembleia reunida para a celebração da Eucaristia. No décimo dia de *nisan*[2] em que os hebreus celebraram sua primeira páscoa, eles sacrificaram o cordeiro no *shabat*, para prenunciar que no domingo, o *shabat* cristão, o verdadeiro Cordeiro de Deus seria sacrificado em nossas igrejas.

As águas do Nilo foram transformadas em sangue; no cerimonial do tabernáculo e do Templo, o sangue das vítimas era derramado sobre o altar; eles estavam proibidos de comer carne com sangue. Mesmo em nossos dias, os judeus se queixam de que a carne "*kosher*", completamente drenada de todo sangue, é sensaborona. O que esses ritos da religião judaica significavam? Destinavam-se a

---

[1] Êxod. XII, 46.
[2] Êxod. XII, 3.

propor à inteligência deles o valor da vida humana. Eles se esqueceram de todas essas coisas naquela fatídica Sexta-Feira, quando a inteira nação exclamou: “Crucifica-o!” “O seu sangue esteja sobre nós e nossos filhos!”[1]

O sangue do cordeiro pascal foi aspergido sobre os umbrais das portas de suas casas, como um tipo, uma profecia, do sangue de Cristo aspergido sobre sua cruz. Os primogênitos das famílias que moravam nas casas marcadas com o sangue foram salvos, naquela noite. E Moisés com o sangue do cordeiro aspergiu Aarão, os filhos deste e todos os utensílios do tabernáculo. “O que disseste, Moisés? Pode o sangue de um cordeiro libertar um homem? É verdade, disse ele, não por ser sangue, mas porque era um exemplo do sangue do Senhor.”[2] Magistralmente, com suas palavras eloquentes, o Arcebispo de Constantinopla explica o grande mistério do sangue.

Os hebreus estavam proibidos de comer qualquer parte crua do Cordeiro, porque o fogo do Espírito Santo preenchia completamente o inteiro corpo de Cristo. Se eles quebrassem um osso no cordeiro durante a preparação, eram castigados, na época de Cristo, com trinta e nove chibatadas nas costas e nos ombros nus. Isso era para prenunciar que os soldados não quebrariam os membros de Cristo, quando vieram remover os corpos dos crucificados, naquele dia dentro da páscoa judaica.[3] Só os hebreus circuncidados podiam comer o cordeiro pascal, tal como só os cristãos batizados deviam receber a comunhão. Unicamente em Jerusalém era sacrificado o cordeiro, assim como é na Igreja que o Cordeiro de Deus é sacrificado e consumido. O cordeiro era comido com pães ázimos, tão sem fermento como os pães de altar (as hóstias) que utilizamo para exprimir sensivelmente o Cristo imaculado, no qual não havia pecado, prefigurado este pelo fermento. Era comido com alfaces bravas mergulhadas no vinagre, para lembrar-nos do amargor do pecado, e com que pesar por nossos pecados devemos nos aproximar da mesa do Senhor.

O cordeiro inteiro era ingerido, com cabeça, patas, entranhas, etc., para indicar-nos que sob a aparência do pão e do vinho nós comungamos Cristo inteiro, recebendo ambas a sua divindade e a sua natureza humana. O que tinha sobrado após o festim não pode em absoluto ser levado para fora de casa, mas destinava-se a ser

---

[1] Lucas XXIII, 21; Mateus XXVII, 25.
[2] S. CRISÓSTOMO, *Hom.* 48, *in Joan.*, c. 19.
[3] João XIX, 33.

queimado naquela noite,[1] para prenunciar como o corpo do Senhor foi removido naquela tarde em que ele morreu.

O cordeiro era comido pelos judeus tendo eles a cinta afivelada, os pés calçados, cajado em mãos, vestidos como para viajar, porque nós, como sacerdotes, tomamos da Comunhão revestidos dos paramentos litúrgicos, em viagem rumo à nossa casa, não na Palestina como os judeus, mas no céu, o verdadeiro lar e pátria do cristão.

No décimo-quinto dia, o dia seguinte, no tempo de Cristo os hebreus congregavam-se no Templo para participar da grande celebração, faziam reuniões santas em suas sinagogas, guardavam o dia como um *shabat* e não faziam trabalho algum, salvo o necessário para preparar a comida.[2] Neste dia e nos seis dias seguintes, dois novilhos de touro, um carneiro, e sete cordeiros, de um ano de idade, eram ofertados no Templo.[3] Com farinha temperada com azeite, eles faziam bolos de pão não levedado e ofereciam-nos no Templo, para prefigurar a Missa. No décimo-sexto dia acontecia a cerimônia do *Omer*, uma figura impressionante da prisão de Cristo na noite em que foi traído.

Na história de Abraão e de sua descendência, o "Germe da mulher que havia de esmagar a cabeça da serpente", Deus compendiou em história profética o futuro das nações. Natureza, história, bênçãos, símbolos, cerimônias e graças fundem-se para dar um sentido especial à grande festa e banquete. O Novo Testamento está repleto de alusões à saída do Egito, solenidade festiva que aparece sob os nomes de "*paschah*", a páscoa, o cordeiro pascal, o pão e vinho, a Última Ceia, o Sacrifício Eucarístico.

Nas regiões que fazem fronteira com desertos, como a Palestina, as plantações são feitas no outono e a colheita se faz na primavera, e assim a páscoa dos hebreus — quando Deus reuniu consigo Israel tirando-o da escravidão na terra do Nilo, e para prefigurar quando havia Cristo de resgatar a humanidade da perdição — caía no meio do mês de *abib*, mais tarde chamado *nisan*, ambas palavras com o sentido de "germinação", "espigas verdes"[4]. Era "o princípio dos meses, o sétimo mês" — o mês sagrado, lembrando-nos dos sete dons do Espírito Santo,[5] dos sete sacramentos. A Bíblia toda é perpassada pelo símbolo sagrado sete, e em setes foram escritos os Evangelhos no original grego. Da maneira mais espantosa estão

---

[1] Êxod. XII, 8, 9, 10.

[2] Êxod. XII, 16.

[3] Núm. XXVIII, 16-21.

[4] Ester III, 7.

[5] Isaías II, 2, 3.

entrelaçados como se o primeiro Evangelista tivesse escrito por último, e o último por primeiro, e inteiramente entremeados uns com os outros sob a inspiração do mesmo Divino Espírito. Desde os tempos dos Apóstolos os Evangelhos provaram-se inexpugnáveis ante os ataques dos infiéis.

Desde os tempos de Adão que, nos Livros da Bíblia, a festa primaveril da páscoa foi celebrada pelos patriarcas com cordeiro, pão e vinho. Quando Deus instituiu o cerimonial hebraico, ele ampliou o rito pascal tornando-o no grandioso cerimonial do tabernáculo e do Templo de Salomão. A majestosa liturgia e serviço do Templo da época de Cristo nada mais era que uma extensão da páscoa dos patriarcas.

A páscoa patriarcal, com o cordeiro assado prenunciando a Crucificação e com o pão ázimo da Última Ceia e da Missa, fora transmitida desde tempos pré-históricos até chegar aos hebreus que viviam na servidão egípcia. Contudo, na noite de sua libertação, Deus ordenou que ervas amargas se adicionassem ao rito, para lembrá-los da amarga escravidão que a raça deles tinha sofrido na terra do Nilo. Mais tarde, Deus revelou-lhes as leis dele e estabeleceu o cerimonial do tabernáculo, calcado no cerimonial mais simples de seus antepassados, os patriarcas. Todavia, com a passagem das eras pelo mundo, profetas inspirados adicionaram novos ritos, novos objetos e uma riqueza de pormenores à páscoa hebraica e ao culto praticado no Templo, uma e outro repletos de tipos, figuras e emblemas da Crucificação e da Missa.

O pão não fermentado prolongou-se na festa dos ázimos, celebrada durante uma semana. Entretanto, para mostrar que a Crucificação e a Missa eram um só e mesmo sacrifício, essa série de grandes festejos foi atrelada à páscoa celebrada na primeira noite. Assim, a páscoa e a festa dos ázimos, muitas vezes chamadas pelo mesmo nome, jamais estiveram separadas, mas sempre entrelaçadas uma com a outra.[1] Vejamos agora os outros alimentos que se consumiam na páscoa judaica e o seu sentido místico, notando que a história nada diz sobre a época em que foram introduzidos.

O *beemot* ("uma fera enorme"),[2] representado durante a páscoa dos hebreus por uma travessa de carne, designava ou o hipopótamo ("cavalo fluvial"), ou o elefante ("animal principal"). O primeiro é uma variedade corpulenta da família da vaca, assim como o búfalo, e os Padres afirmam que prefigurava o demônio subjugado, não por Jó com sua doença de pele, mas por Cristo na sua Paixão e morte.

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, p. 178.
[2] Jó XL, 10.

Os escritores judeus, o *Talmude* e outras obras apresentam exageradíssimas descrições e histórias atinentes a esta fera. Segundo eles, era o maior de todos os animais quadrúpedes que Deus fez, no princípio, macho e fêmea. Ele matou a fêmea, preservando sua carne para os escolhidos, quando da vinda do Messias; o macho vive ainda e será abatido pela raça dos hebreus, quando ressurgirem dos mortos, no fim do mundo. Eles têm muitos sonhos extravagantes desse tipo, acerca desse animal.

O Senhor falou a Jó do Leviatã,[1] chamado em hebraico *Ivyathan* ("grande animal aquático"), a baleia ou outro bicho marítimo, que Jó não conseguia pescar com um anzol.[2]

O prato de carne e os peixes da mesa pascal judaica eram figura do elefante e da baleia, significando, para os hebreus, o primeiro a Assíria e a última o Egito, ambos antigos inimigos de seus ancestrais. Mas uma leitura atenta de Jó[3] mostra que não só esses países são significados, como também os demônios, inimigos da raça humana. Jó, com sua terrível doença cutânea e sua paciência nos sofrimentos, não subjugou os demônios, que na inocência dele provocaram-lhe todos esses sofrimentos, mas ele aponta para Cristo, com a pele dilacerada na flagelação, morto pelos homens, pois Cristo havia de subjugar os demônios, representados por essas enormes feras da Escritura. Nesse sentido, Isaías prediz que "O Senhor com sua espada grande e rija visitará Leviatã, a serpente fugidia, e Leviatã, a serpente tortuosa, e matará a baleia que está no mar"[4], manifestando que mesmo com toda a força e com as malignas artimanhas com que ele, na serpente do Éden, enganou a humanidade, ele seria derrotado pelo Redentor, ou seja, ele teria o seu poder arruinado.

No tempo de Cristo, cada gesto ou ação, cada rito, cada objeto e todas as cerimônias traziam à vista deles mais clara e distintamente o seu Messias, predito a vir, a morrer em expiação pela maldade do mundo, e a levar nossa raça de volta para a inocência perdida no Éden. Mas para além da Crucificação, enquanto viver a nossa raça, a história devia continuar na Missa, com seu rito e cerimonial elaborados.

A Última Ceia de Cristo e sua morte no dia seguinte haviam de realizar, consumar, encerrar a páscoa judaica, o Templo, o Antigo Testamento e tudo o que estes prenunciavam. Ora, o último dos

---

[1] Jó XL, 41.
[2] Jó XL, 20.
[3] Cap. XL.
[4] Isaías XXVII, 1.

videntes inspirados hebreus revelara o repúdio do Templo judeu e de seus sacrifícios, porque o sacerdócio judaico repudiaria Cristo, que então passou para a vocação dos pagãos, para as ofertas sacrificais do sacerdócio cristão, para a Missa em meio às nações.

"Eu não tenho prazer algum em vós, diz o Senhor dos exércitos, e não aceitarei oferenda alguma de vossas mãos. Porque desde o nascente do sol até o poente, o meu nome é grande entre os gentios, e em todo lugar há sacrifício e se oferece ao meu nome uma oblação pura. Pois meu nome é grande entre os gentios, diz o Senhor dos exércitos."[1]

Vejamos agora o que o célebre historiador judeu diz sobre a páscoa judaica.

Josefo escreve o seguinte: "Quando Deus anunciou que, com mais uma praga, ele forçaria os egípcios a deixar os hebreus partirem, mandou Moisés comunicar ao povo que eles deviam aprontar um sacrifício e que deviam preparar-se no décimo dia do mês de *xantos* em previsão do décimo-quarto, mês este chamado pelos egípcios *farmut*, e *nisan* pelos hebreus, enquanto os macedônios chamam-no *xânticos*; e que ele levaria embora dali os hebreus com tudo o que estes possuíam. Consequentemente, tendo aprontado os hebreus para a sua partida e tendo dividido o povo por tribos, ele manteve-os juntos em um só lugar. Ora, quando chegou o décimo-quarto, e todos estavam prontos para partir, eles imolaram o sacrifício e purificaram as casas com o sangue, usando ramalhetes de hissopo para esse fim, e depois de terem ceado queimaram as sobras de carne, como prontos para partir de imediato. Por isso que nós ainda imolamos esse sacrifício de igual maneira até hoje, e chamamos esse festival de *paschah* ('páscoa'), que significa festa da passagem adiante, porque nesse dia Deus passou adiante de nós e enviou as pragas sobre os egípcios. Pois a destruição dos primogênitos flagelou os egípcios naquela noite, de maneira que muitos dos egípcios, que moravam perto do palácio real, persuadiram o Faraó a deixar os hebreus irem embora.[2]

"No mês de *xantos*, que é por nós chamado *nisan* e é o princípio de nosso ano, no décimo-quarto dia desse mês lunar, quando o Sol está em Áries, porque foi nesse mês que fomos libertados da servidão sob os egípcios, a lei prescrevia que todo ano devíamos imolar aquele sacrifício que anteriormente vos narrei que imolamos quando saímos do Egito, e que se chamava páscoa. E, assim, nós celebramos essa páscoa em grupos, não deixando nada do que sacrificamos

---

[1] Malaquias I, 10-11.

[2] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. II, cap. XIV, n. 6.

sobrar até o dia seguinte. A festa dos ázimos vem em seguida à da páscoa, cai no décimo-quinto dia do mês e continua por sete dias, nos quais eles se alimentam de pães não fermentados, em cada um de cujos dias são imolados dois touros, um carneiro e sete cordeiros", etc.[1]

"Assim esses grão-sacerdotes, ao chegar a festa deles chamada páscoa, quando eles imolam seus sacrifícios desde a hora nona até a undécima — contanto que não tenha menos de dez homens o grupo a que toca cada sacrifício, porque lhes não é lícito banquetear-se cada qual sozinho, e muitos de nós chegamos a vinte em um só grupo —, verificaram que o número de sacrifícios era de duzentos e cinquenta e seis mil e quinhentos, o que, levando em conta que não menos de dez celebram juntos, resulta em dois milhões, setecentas mil e duzentas pessoas que estavam puras e santas. Pois quanto aos que têm lepra, ou gonorreia, ou as mulheres que têm seu fluxo mensal, ou os que estão de qualquer modo contaminados, não lhes é lícito ter parte neste sacrifício, nem tampouco o é, de fato, a quaisquer estrangeiros que aqui venham prestar culto."[2]

Agora veremos como os hebreus de nossos dias celebram a antiga páscoa.

Rebelando-se contra a tirania que Roboão, filho de Salomão, ameaçava instaurar, mais de mil anos antes de Cristo, os samaritanos separaram-se dos judeus, e adoravam num templo próprio, que eles construíram sobre o monte Garizim, na Samaria. Rivalizava com o Templo santo, em Jerusalém. Separados dos judeus quanto às crenças e questões religiosas, considerados por estes últimos como "mais vis do que os porcos", uma hostilidade mútua existiu entre as duas religiões através dos séculos até ao tempo de Cristo, e mesmo até o presente. Ano passado (em 1903) a última família de puro sangue samaritano extinguiu-se, cerca de 250 membros de sangue miscigenado permanecem. Eis o modo como os samaritanos celebraram a antiga páscoa nos tempos modernos. Visitando Naplusa em 1861, George Grove escreve:

"Os cordeiros — eles hoje precisam de seis para a comunidade — são assados todos juntos, abarrotando-os verticalmente, de cabeça para baixo, dentro de um forno que se assemelha a um pequeno poço, com cerca de um metro de diâmetro e um metro e meio de profundidade, toscamente fendido, dentro do qual uma fogueira tem sido alimentada por muitas horas. Depois de os os cordeiros serem forçados para dentro dali, o topo do buraco é

---

[1] Josefo, *Antiguid. jud.*, L. III, cap. x, n. 5; L. XIV, cap. ii, n. 2, etc.
[2] Josefo, *Guerr. jud.*, L. VI, cap. ix, n. 3.

recoberto com arbustos e terra, a fim de prolongar o calor até ficarem cozidos. Cada cordeiro é atravessado por uma vara ou espeto, pela qual é puxado para cima. Para evitar que o espeto despedace a carne assada, uma vara transversal é atravessada na sua ponta de baixo."[1] O autor citado não observou que os dois espetos formavam uma cruz. A vara transversal abria as costelas como se vê hoje nos açougues ao redor do mundo.

Junto do Rei Eduardo VII, então Príncipe de Gales, na páscoa hebraica de 1862, Dean Stanley chegou à Samaria. No cimo do Garizim haviam se congregado 152 pessoas, os últimos dos samaritanos. As mulheres ficaram fechadas dentro das tendas, os homens se reuniram perto do vértice do pico rochoso de sua montanha sagrada. Quinze homens e seis moços, sacerdotes e levitas, trajavam paramentos sagrados, e os outros homens estavam vestidos de trajes formais de assistir a solenidades religiosas.

"Meia hora antes do pôr do sol, eles todos se reuniram em volta de uma comprida trincheira, assumiram a postura oriental de oração e, dirigidos por um sacerdote, começaram as devoções, recitando em altas vozes o serviço pascal e o relato da páscoa dos hebreus que está na Bíblia.

"Os seis moços já mencionados chegaram guiando seis ovelhas até à congregação. Quando o sol declinara quase de todo, a recitação ficou mais violenta, e a história dos hebreus saindo do Egito e da imolação do cordeiro, como vêm citadas no Livro do Êxodo, passaram a ser entoadas mais depressa e em tom mais alto. Assim que o sol tocou as colinas ocidentais, os moços fizeram uma pausa, derrubaram as ovelhas de barriga para cima e, empunhando cutelos sacrificais, cortaram a garganta delas. Molharam os dedos no sangue, puseram-no em seu próprio nariz e testa e nos de todos os demais, inclusive as crianças. Em seguida, a lã foi arrancada, e os corpos dos cordeiros, lavados em água fervente, a recitação continuando o tempo todo.

"Eles envolveram ervas amargas em tiras de pão sem fermento, e passaram os bocados a cada um na assembleia. Após uma breve oração, os moços esfolaram os cordeiros, removeram suas patas dianteiras direitas e, junto das vísceras, queimaram-nas. Eles reintroduziram o fígado na carcaça. Em seguida, enfiaram uma vara trespassando a espinha dorsal, e com outro espeto abriram as costelas, formando uma cruz. Carregaram as vítimas até um buraco no chão, que fazia as vezes de forno, no qual uma fogueira tinha sido

---

[1] SMITH, *Dic. of Bible*, vol. III, p. 2344, nota.

acesa, abarrotaram os corpos dos cordeiros ali dentro, selaram a abertura com sebes, estacas e terra molhada, e deixaram-nos assando por cinco horas.

"Um pouco antes de meia-noite, eles voltaram a reunir-se, para o banquete. O buraco sendo aberto de súbito, uma nuvem de vapor e de fumaça eclodiu, e eles retiraram os cordeiros assados, cada um dos quais ainda espetado, cada um na sua cruz. Envolvendo-os em esteiras, eles transportaram-nos para a primeira trincheira, no meio das duas fileiras de samaritanos.

"Os quinze sacerdotes e moços revestidos de paramentos sacros, tendo já se provido de sapatos, cingem a cintura usando cordões como cintos e seguram nas mãos um cajado. Então, todos começaram as orações. De repente eles sentaram-se no chão, ao lado da trincheira, com os cordeiros assados ali no meio deles. Eles rasgaram a carne com os dedos, e rápida e silenciosamente a consumiram, enviando porções para os ausentes. Em dez minutos a carne toda tinha sido consumida. Então juntaram os restos, todos os ossos e sobras, dentro de esteiras e os queimaram, fazendo uma revista meticulosa à cata de cada pedacinho. Depois voltaram para suas habitações."

Há três mil anos, os samaritanos se separaram da monarquia e religião hebraicas e fundaram sua própria sinagoga cismática. Através dessas eras, o ódio mútuo entre Jerusalém e Samaria foi tão arraigado que mal se falavam uns com os outros. A mulher no poço ficou surpresa quando Cristo pediu-lhe um gole d'água.[1] A partir da páscoa samaritana que descrevemos, embora pareça grotesca e peculiar, podemos julgar como era celebrada nos dias de Davi e de Salomão.

O lugar é escolhido fora das portas.[2] Eram muitos os sacrifícios que eles ofereciam fora do acampamento, para prenunciar Cristo crucificado fora dos muros da cidade.

Os homens somente, com exclusão das mulheres, imolavam os cordeiros,[3] porque unicamente homens haviam de ser ordenados ao sacerdócio. A hora em que se imolava o cordeiro era de tarde, ao pôr do sol,[4] porque nessa hora morreu Cristo. A páscoa se celebrava de noite, antes da meia-noite, que foi quando Cristo celebrou a Última Ceia, e pouco antes da meia-noite ele foi preso.[5]

---

[1] João IV, 9.
[2] Levít. IX, 11, etc.
[3] Deut. XVI, 16.
[4] Deut. XVI, 6.
[5] Deut. XII, 26-27.

Eles comiam o cordeiro pascal com pães ázimos e ervas amargas, chamadas de alfaces bravas pelos hebreus.[1] O modo como era assado,[2] a cautelosa exclusão dos estrangeiros e das mulheres,[3] a pressa com que a ceia era comida,[4] e aquelas vestes, com a cabeça coberta, de cajado na mão, o cuidado de consumir tudo, a combustão das sobras e dos ossos naquela noite,[5] a volta para casa antes do amanhecer,[6] mostram-nos como a páscoa era celebrada nos dias dos reis hebreus.

Os levitas, os jovens, sacrificavam o cordeiro e entregavam o sangue aos sacerdotes.[7] Eles esfolavam o animal,[8] e a crucificação dos cordeiros, a recitação da história da páscoa dos hebreus no livro do Êxodo, as orações e a liturgia — tudo isso dá mostras de remontar aos tempos antes de os samaritanos se separarem dos hebreus.

Na praça diante da Igreja do Santo Sepulcro, no Sábado Santo de 1903, sentou-se o autor, em colóquio com um inglês e seu guia sobre sua jornada, descendo até Jericó e o Mar Morto. O guia observou: "Os judeus vão celebrar a páscoa deles esta noite." "Sim, virei buscar vocês no Caza Nova em torno das seis horas." Mas ele não veio. Contratando outro "dragomano", nós partimos rumo à casa comercial de um judeu de origem americana, ex-oficial de nossas forças armadas, que havia se reformado e ido para a terra dos seus ancestrais. "Eu sei onde ele mora", disse o guia. Partimos de carruagem, saindo pela porta de Jafa, descendo para oeste, atravessando as ruas novas onde mora quase tanta gente quanto dentro dos muros de Jerusalém; nós encontramos o americano no ato de trancar sua casa, a caminho de participar do festim.

"Sim, eu os levarei para ver a páscoa", disse ele depois de nos apresentarmos. "Por que saí dos Estados Unidos para vir para cá? Bem, há algo nesta terra que me atrai. As velhas associações de ideias. A história do meu povo é maravilhosa aos meus olhos. Mas não gosto do modo como eles fazem as coisas — as divisões profundas, os preconceitos e o ódio religioso que dividem os judeus e os gentios. Tem algo aí que não consigo entender. Um homem crucificado há quase dois mil anos dividiu o mundo religioso desde

---

[1] Êxod. XII, 8.
[2] Êxod. XII, 8-9.
[3] Êxod. XIII, 43.
[4] Êxod. XII, 11.
[5] Êxod. XII, 10.
[6] Êxod. XII, 22.
[7] II Par. XXX, 16.
[8] II Par. XXXV, 11.

então. Aqui verificamos isso em toda a sua intensidade. Como um único homem pôde fazer isso é o que não conseguimos entender. Há algo de misterioso na coisa toda. Venham.”

Apressamo-nos até à casa do rabino-chefe de Jerusalém. Ele não morava num grande palácio, como fazia José Caifás, naquela noite fatídica em que Jesus Cristo foi conduzido perante ele. Sua casa era uma choupana — um cortiço, nos quarteirões judeus fora dos muros. Os judeus são pobres e perseguidos na terra de seus ancestrais. Toda a glória de Israel se foi, como predisseram os profetas.

Mas nos esquecemos dos arredores quando ficamos em presença desse venerando personagem. Alto, de boa aparência, esbelto, de finas feições, com a inteligência escrita em cada traço de seu rosto, o sangue dos reis, profetas e videntes da raça escolhida correndo em suas veias — ele parecia um novo Abraão. Com acolhida patriarcal, recebeu-nos ele à porta trajando vestes ondulantes de suave cor de malva, com o corte e o formato exatos da túnica talar do sacerdote católico. Uma dignidade bondosa e gentil emanava de sua figura, iluminada pelas velas que ainda ardiam sobre a mesa, enquanto ele nos dizia, em francês polido, que havia acabado de terminar a páscoa. Ele ficaria contente de nos deixar assistir ao festim, mas já tinha acabado, e todos os convidados tinham ido embora.

Fomos até outra casa. Não, ele não nos deixaria ver a páscoa. Ele próprio não tinha qualquer objeção, mas a esposa dele, sim. A mesa estava toda preparada, eles estavam prestes a sentar-se. Conversamos com a esposa dele, oferecemos qualquer quantia de dinheiro, usamos de tudo quanto é argumento. “Não. Os cristãos de Port Said, no Egito, reportaram ano passado que os judeus mataram uma menina cristã e usaram o sangue dela no festim, e a história provocou um tumulto no qual judeus foram mortos, então ela tinha feito um voto de que nunca permitiria um cristão à sua mesa.” Fomos ao Hotel Jerusalém, mantido por judeus, e eles recusaram.

Estava ficando tarde; o judeu americano se recusava a andar de carruagem, mas acompanhava a pé ao lado, porque eles não andam de cavalo no *shabat*. Depois de escurecer, quando terminou o *shabat*, ele entrou, e nós voltamos depressa para a cidade, subimos a comprida rua de Davi, passando pela Torre de Davi, e paramos diante da rua que segue entre duas casas onde, numa esquina, viveu S. Tiago enquanto bispo de Jerusalém, sendo a outra esquina o local da casa do apóstolo S. Tomé. Aqui, dispensamos a

carruagem e entramos na ruela estreita, indo para o leste uns dois quarteirões. Estávamos no alto de Sião, não longe do cenáculo.

Subindo degraus de pedra do lado de fora, como os que sobem até o cenáculo, vimo-nos num amplo salão, de cerca de seis metros por quatro metros e meio, com uma mesa comprida no centro, coberta com uma branca toalha de mesa. A travessa de cordeiro assado, as ervas amargas, os três bolos de pão sem fermento e outras coisas para a páscoa judaica estavam sobre a mesa.

"Sim", disse em francês o chefe da casa, depois de sermos apresentados. "Gosto dos americanos. Tenho um irmão que opera a negócios na Broadway, em Nova York. Os americanos não perseguem os hebreus. Sejam bem-vindos. Não tirem os chapéus. Venham e sentem-se à mesa. O senhor diz que não pode participar de um festim religioso, senão como um convidado da casa. Quer observar o cerimonial que Moisés instituiu — tudo bem, ficamos contentes por terem vindo."

Ele era um jovem de uns trinta e três ou trinta e cinco anos, e doze judeus sentaram-se à mesa junto com ele. O judeu nascido nos E.U.A. sentou-se à mão direita do autor, instruindo-o enquanto este tomava notas. O chefe da casa sentou-se à cabeceira da mesa. À direita dele tomaram assento sua esposa, logo ao seu lado, depois o autor e o ex-militar. Os outros convivas tomaram seus lugares dos dois lados da mesa. Os homens tinham em mãos o cerimonial da páscoa judaica. Ao mesmo tempo que o chefe da casa e dirigente do banquete entoava as palavras, eles acompanhavam-no repetindo com ele as palavras, assim como fazem os sacerdotes ao serem ordenados, quando o bispo reza a Missa de ordenação.

Sobre a mesa ardiam quinze velas e lâmpadas. Dois vasos continham flores, um prato com os três bolos ázimos estava à mão direita do chefe, havia por perto duas garrafas de vinho palestinense, uma com vinho branco, a outra com tinto. À frente do lugar de cada comensal havia um grande copo de vidro para o vinho. No meio da mesa, mas na frente do chefe, havia uma travessa com carne assada de boi e de cordeiro junto com peixinhos. Outras travessas ou tigelas tinham ervas amargas, vinagre misturado com sal, o *hagigá*, pepino, ovos e outras iguarias da páscoa judaica.

Sentados à mesa, cada um apoiou o cotovelo esquerdo numa pequena almofada, em recordação da posição reclinada do tempo de Cristo. Enquanto liam a liturgia, eles balançavam o corpo para frente e para trás, como é costumeiro entre os judeus durante o serviço sinagogal. O festim teve início às 20h30 e durou até às 22h45, abrangendo três seções — ou seja, com dois intervalos

de descanso, durante os quais a conversa girou em torno de assuntos gerais, o chefe fumando cigarros e conversando com o autor.

Eles primeiro lavaram as mãos, depois encheram suas taças com vinho, as mulheres realizando esta função. O chefe entoou as orações da bênção sobre o vinho enquanto todos seguravam suas taças, após o que eles beberam a primeira taça. Então o chefe abençoou as luzes. O chefe corta o pepino com uma bênção, molha as ervas amargas no vinagre e passa-as para todos os comensais. Em seguida eles lavam as mãos outra vez e recitam a oração da bênção sobre os frutos da terra.

Tomando o pão, o chefe diz: “Este é o pão da aflição que nossos pais comeram no Egito”, etc. As palavras são exclamadas, enquanto eles balançam para frente e para trás, surgindo as palavras como uma explosão, um zunir de sons, as últimas palavras de toda sentença sendo prolongadas.

“Esta liturgia”, disse o judeu ao lado do autor, “remonta ao segundo Templo, ao tempo de Sedecias.[1] Está escrita no hebraico antigo de Esdras, visto que o de Moisés se perdeu. Mas a cerimônia remonta ao tempo de Moisés.”

Nesta parte da cerimônia, o chefe partiu um pedaço do pão sem fermento, pôs dentro umas ervas amargas, mergulhou o bocado no vinagre e entregou-o ao autor, dizendo: “Toma isto como sinal de amizade.” Isso se fazia sempre que um estranho sentava-se à mesa, desde o tempo de Moisés. Foi este o “pão ensopado” que o Senhor entregou a Judas. Quando João perguntou: “Senhor, quem é?”, Jesus respondeu: “É aquele a quem eu der um bocado de pão molhado, e tendo-o molhado ele o deu a Judas Iscariotes.”[2]

Depois de lerem aquela parte referente às dez pragas que Deus enviou aos egípcios, cada conviva molha o dedo no vinho e deixa cair uma gota no chão. Então eles beberam a segunda taça de vinho; a primeira seção chega ao fim, e a conversa agora gira em torno de assuntos gerais.

A primeira parte da segunda seção começa lavando-se as mãos usando água de uma jarra que estava sobre a mesa. A travessa de peixes é trazida para a mesa. O chefe toma o bolo, do prato que tem diante de si, e parte-o em duas partes iguais, tal como o celebrante da Missa parte a Hóstia, enquanto o judeu diz ao autor: “Esses bolos têm de ser feitos da mais pura farinha, triturada com trigo semeado

---

[1] Jeremias XXXVIII.

[2] João XIII, 25, 26.

para essa finalidade, recolhido durante o dia, socado e triturado por judeus, com grande cuidado, e transformado em bolos ázimos.”

A sopa, com bolos ázimos partidos dentro dela, agora é passada em redor da mesa, cada comensal recebendo à sua frente um prato com ela, enquanto eles cantam, do cerimonial, os salmos que compõem o *Halel.*[1] O chefe cobriu em seguida os bolos com um guardanapo, assim como o celebrante cobre a patena com o purificatório durante a Missa. Ele pôs o xale de oração sobre os ombros do conviva mais moço, entregou-lhe o prato que continha a metade partida de bolo, e esse moço segurou esse prato com o pão, coberto com a ponta do xale, até perto do final do festim, quando levou-o para o chefe, tal como o subdiácono segura a patena coberta com o véu de patenário durante Missas solenes. Isso pôs fim à segunda seção.

A terceira seção foi inaugurada com as orações de agradecimento. Todos começam juntos o canto, o chefe conduzindo, os doze judeus ficando mais vociferantes, todos unidos em clamorosa ação de graças a Deus. Ao término dessa oração, eles todos beberam a terceira taça de vinho. Um deles foi abrir a porta fechada, que ficou aberta pelo restante do serviço pascal. Um judeu tomou um cálice cheio de vinho e o pôs na soleira da porta, para Elias, o precursor do Messias,[2] enquanto era recitada a oração pela vinda do Redentor. Essa taça de vinho ficou em cima do degrau, na entrada da casa, até o fim. Eles não sabiam que João Batista, cheio do espírito do Elias predito, já tinha vindo como o precursor do Cristo.

O balanço dos corpos, a entonação das preces, o clamor das palavras ficam ainda mais veementes quando eles recitam juntos as orações de ação de graças do cerimonial litúrgico. Para frente e para trás, de um lado para o outro eles se movem, numa espécie de movimento comunicado ao corpo todo, segundo diziam eles para que até mesmo seus “ossos louvem ao Senhor”. Eles cantam: “Nós te rogamos, Senhor, salva-nos” como *Hosana*; e “Abençoa Jerusalém”, palavra esta que pronunciam como se se escrevesse “Barushilem”.

O chefe gesticulou, tomou nas mãos o bolo escondido pelo xale de oração sobre os ombros do moço, partiu e comeu uma parte, e deu a cada conviva uma porção. Bebeu um pouco do vinho, deu sua taça de vinho a cada um à mesa, “e eles todos beberam dela”. Então cantaram eles o hino que o Evangelho menciona ter sido cantado

---

[1] Salmos CXIII, CXIV, CXV, CXVII.

[2] Malaq. IV, 5.

por Cristo e seus Apóstolos.[1] Esse hino, que se encontra no ritual da páscoa judaica, foi mais regular e musical do que as outras orações. Eles pareciam cantá-lo do fundo da alma. O hebraico em que está escrito é tão regular como uma tabuada matemática. O chefe primeiramente cantou o hino seguindo notas musicais mais regulares, e o grupo respondeu na entonação anasalada peculiar dos orientais, com uma modulação que oscilava entre ascendente e descendente. Isso encerrou o festim.

Nós nos levantamos, agradecemos a todos eles, cumprimentamo-los com apertos de mão e saímos noite adentro. Os pensamentos remontavam àquela Última Ceia, na sala de cima do cenáculo, a pouquíssima distância de onde estávamos então neste andar superior em Sião, quando o Senhor celebrou com seus Apóstolos a páscoa conforme esse cerimonial, e transformou esse rito judaico na Missa. "E depois de terem cantado um hino, eles partiram para o monte das Oliveiras."[2] Citamos o cerimonial da antiga páscoa tal como observado hoje na Samaria e em Jerusalém; vejamos agora o que aquela obra peculiar, o *Talmude*, tem a dizer acerca da festa no tempo de Cristo.

---

[1] Mateus XXVI, 30; Marcos XIV, 26.
[2] Marcos XIV, 26.

V.— O TALMUDE SOBRE A ÚLTIMA CEIA OU PÁSCOA JUDAICA.

MUITAS vezes nos seus dias de juventude, como fariseu de estrita observância, S. Paulo tomara assento à páscoa judaica. Depois de convertido ele viu na faxina da casa, na busca pelo pão fermentado, nas preparações para a festa, na confissão dos pecados e nas cerimônias simbólicas praticadas pelos hebreus os tipos e imagens do Cristianismo e do Sacrifício Eucarístico.

Por isso escreveu ele: "Ora, estas coisas se deram em figura de nós... e foram escritas para nossa correção."[1] "Para despertar-nos das obras mortas, a fim de que sirvamos ao Deus vivo."[2] "Não sabeis que um pouco de fermento corrompe toda a massa? Expurgai o fermento velho, para serdes uma nova massa, já que sois sem fermento. Pois Cristo, nossa páscoa, é sacrificado. Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento da malícia e da iniquidade, mas com os pães ázimos da sinceridade e da verdade."[3]

O leitor enxergará um sentido mais profundo nessas palavras depois de ler as páginas a seguir. Pois abriremos aqui o *Talmude* no tratado intitulado *Pesahím* ("páscoa"), que forma um volume de 264 páginas *in-quarto*, trazendo detalhes minuciosos do festim solene que chamamos de Última Ceia. Tomaremos os textos referentes ao nosso assunto e daremos explicações à medida que avançamos. Esses detalhes, ritos e cerimônias, os judeus alegam que provêm dos dias dos reis hebreus. Foram escritos em torno do ano 150 depois de Cristo: mostram a páscoa judaica, ao menos, do tempo em que foram escritos.

Os judeus são uma raça semita, e têm o conservadorismo de todos os povos asiáticos. O judeu ortodoxo preservou incontaminada a sua religião desde que o Templo estava de pé. A sinagoga, em termos de crença e de prática, mal mudou desde a época de Cristo. O amor por Moisés e por seus livros — os cinco primeiros livros do Antigo Testamento — fez o hebreu aferrar-se até à morte aos mais

---

[1] I Cor. X, 11.
[2] Hebreus IX, 14.
[3] I Cor. V, 6, 7, 8.

minuciosos pormenores de sua religião, preservou-os como um povo peculiar em meio às nações e impediu sua conversão, a despeito da pobreza, da perseguição e da vilania.

Quando os romanos destruíram a cidade e o Templo deles, os seus infortúnios os estreitaram às suas tradições, até que puseram-nas por escrito, no *Talmude*. Procuramos, pois, nessa obra os detalhes da páscoa tal como celebrada na época de Cristo. Essa obra, pouco conhecida entre os gentios, é agora apresentada, talvez pela primeira vez, a leitores cristãos. As descrições, ritos e cerimônias nas páginas a seguir parecem revelações de um mundo extinto, que são agora trazidas à luz para mostrar quão maravilhosamente a Missa, com seu elaborado cerimonial, estava prenunciada na páscoa de Moisés, dos patriarcas, dos profetas e dos videntes hebreus.

"No *Or* ('luzir', 'crepúsculo', 'alvorada'), no décimo-quarto de *nisan*, deve ser feita a busca por pão fermentado à luz de vela, mas não é necessário vasculhar todos os lugares onde não se costuma pôr nada fermentado."[1]

"*Or*", palavra hebraica para "luz", era o nome da cidade onde Abraão vivia na Babilônia, antes de Deus chamá-lo a adentrar a Palestina.[2] Os babilônios chamavam-na Ur ("luz" da Lua, que eles adoravam). A cidade em ruínas, perto da foz do Eufrates, agora se chama *Tell el-Muqayyar* ("morro construído com betume").

Assim, ao raiar do dia, para prefigurar que na aurora da redenção que o libertará dos pecados que cometeu e que ensombrecem sua mente, o pecador acorda do sono, despertado com escrúpulos de consciência pela luz do Espírito Santo, a fim de se preparar e de vasculhar sua memória à procura de seus pecados, para livrar-se deles por meio da confissão, quando há de receber o Cordeiro de Deus na Comunhão; assim, pois, significando a luz do Espírito Santo na alma do pecador, que lhe mostra o caminho para o perdão em meio à escuridão do espírito manchado pelo pecado, com uma vela o judeu vasculhava a casa dele, à procura de fermento.

O ritual da páscoa judaica tem a seguinte rubrica:[3]

"Na tarde que antecede o décimo-quarto dia do mês de *nisan*, é necessário que todo chefe de família faça a busca por pães fermentados em todo lugar onde são guardados, recolhendo no seu caminho tudo que é fermentado. Diz-se o seguinte antes da busca:

---

[1] Ver *Talmude* babilônico, todo o tratado *Pesahím* ("páscoa").

[2] Gên. II, 28-31; XV, 7.

[3] Ver ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, capítulo 4.

'Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e nos mandaste excluir os pães fermentados.'"

Não basta confessarmos nossos pecados e estarmos pesarosos por tê-los cometido. Temos de odiar e detestar todo pecado, mesmo os que negligenciamos ou de que nos esquecemos. Não podemos ter nenhum apego ao pecado mortal, mesmo por aqueles de que nos esquecemos, que são perdoados junto com os outros, que confessamos.[1] Para prenunciar isso, a liturgia pascal judaica prossegue:[2]

"Depois de todo o fermento ser recolhido, diz-se o seguinte: 'Todo tipo de fermento que eu tenha em minha posse, que não vi nem removi, será nulo e contado como pó da terra.'"

O pecado é consumido em nossas almas com o fogo do Espírito Santo, que desceu sobre os Apóstolos como línguas de fogo inflamadas com o ardor da caridade, o amor a Deus sobre todas as coisas. Para prefigurar isso, o judeu queimava o fermento de manhãzinha, dizendo:

"Toda espécie de fermento — a saber: que esteja na minha posse, aquele que vi e o que não vi, o que removi e o que não removi, será nulo e contado como pó da terra."[3]

Seguem-se então longas explanações, opiniões e discussões acerca das regras relativas à busca pelo pão fermentado, chamado em hebraico *hametz*, enquanto os não fermentados são os *matsôt*.

"Quem sai de casa para ir até o mar ou para juntar-se a uma caravana antes dos trinta dias que antecedem a páscoa não precisa procurar pelos pães levedados, mas se partir dentro dos trinta dias que precedem a páscoa, precisa queimar os pães levedados que houver na sua casa. Disse Abayi: 'Um homem que saia de casa dentro dos trinta dias prévios à páscoa tem de queimar os pães fermentados se for sua intenção voltar na páscoa, mas, caso não seja esta a sua intenção, não precisa fazer isso.'"[4]

"Por que se especificam particularmente trinta dias? É conforme aprendemos na *boraitá*,[5] a saber: Pode-se indagar e pregar a respeito das leis da páscoa trinta dias antes deste festival.

---

[1] Ver I Cor. V, 7; João I, 17.

[2] Ver *Pesahím*, cap. I, p. 8, etc.

[3] *Cerimonial para as Duas Primeiras Noites da Festa da Páscoa*, p. 3.

[4] *Ibidem*, p. 7.

[5] *Boraitá* significa, em hebraico, "os ensinamentos dos sábios".

O *rabi* Simeão ben Gamaliel[1] (Esse Gamaliel, que foi mestre de S. Paulo, era um famoso fariseu que presidiu a uma escola em Jerusalém[2]) disse 'duas semanas antes'. Porque Moisés, no tempo da primeira páscoa, dispôs já as normas referentes à segunda páscoa, como está escrito[3].

"Renuncie então o homem ao uso do pão na quarta ou quinta hora, visto não ser este o tempo de procurá-lo nem de queimá-lo; há que temer senão que o homem venha a se esquecer de fazê-lo nesse tempo. Renuncie ao seu uso na hora sexta, quando estiver prestes a queimá-lo."

A hora sexta é o meio-dia, seis horas depois do nascer do sol; era dessa maneira que eles contavam as horas do dia. Eles procuravam pelos pães fermentados ao alvorecer, juntavam-nos e queimavam-nos ao meio-dia, geralmente começando às onze da manhã e terminando antes das orações do Templo ao meio-dia. A busca era feita com as bênçãos e orações citadas no Ritual.

"Todos estão de acordo, no entanto, que a bênção deve preceder o ato. Donde aduzimos isso? Porque o *rabi* Judá (este foi o famoso presidente do colégio de Tiberíades que nós mencionamos, o qual redigiu a *Mishná*) disse, falando em nome de Samuel: 'As bênçãos devem ser proferidas antes de cumprir cada um dos deveres religiosos'. E o discípulo de Rabh (*rabi* Ilisda) disse: 'Em todos os casos, com exceção do banhar-se: neste caso, a bênção deve ser pronunciada depois do ato'."

"Os *rabis* ensinaram que a busca pelos pães levedados não deve ser feita à luz do sol ou da lua, nem de uma chama de fogo, mas somente à luz de vela, porque a luz de uma vela é eficiente para a busca, e muito embora não tenhamos base nenhuma para essa regra, todavia temos um aceno nesse sentido, na passagem:[4] 'E acontecerá, naquele tempo, que eu esquadrinharei Jerusalém com luzes[5].' 'O espírito do homem é a lâmpada do Senhor, que perscruta todas as coisas ocultas das entranhas.'[6]"

Por que o judeu inspeciona sua própria casa com luz de vela e por que ele estava proibido de fazer essa inspeção com qualquer outra luz? Em capítulo anterior, o leitor terá visto que,

---

[1] Essas palavras hebraicas são em português as seguintes: *rabi* (meu professor), *Simeão* (escuta), *ben* (filho), *Gamaliel* (Deus é remunerador).

[2] Atos V, 34 e XXII, 3.

[3] Núm. IX, 2, 10, 11.

[4] Êxod. XII, 9; Gên. XXXIV, 12.

[5] Velas, Sofonias I, 12.

[6] Prov. XX, 27.

no simbolismo da Escritura e da Igreja Católica, a vela significa Cristo iluminando a inteligência com os ensinamentos dele. Dele, do Filho, procede o Espírito Santo, que ilumina a inteligência do pecador, dissipa a escuridão do pecado, mostra o estado de iniquidade em que o pecador vive em preguiça espiritual, e incita-o a incinerar seus pecados com o fogo do amor de Deus e do ódio à maldade. O Espírito de Deus, portanto, ilumina o pecador, impulsiona-o a ir à confissão e à Comunhão.

"Quando era feita essa procura por pão fermentado? *Rabi* Judá disse que a procura por *hametz* (pão levedado) deve ser feita ao crepúsculo, "*Or*" (luz), antes do 14.º dia, ou durante o início da manhã desse dia. Disseram, porém, os sábios: 'Se a busca não tiver sido feita naquele dia; se tiver sido preterida naquele dia, pode ser feita no festival, e se omitida então, tem de ser feita depois do festival, e todo *hametz* que tiver sobrado deve ser conservado em local bem guardado, a fim de que nenhuma busca ulterior se faça necessária.'

"Não se incorre em culpa alguma exceto se o homem que imola o cordeiro, ou o que asperge o sangue, ou um daqueles que hão de comer o cordeiro, estiverem de posse de fermento. 'Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com fermento.'[1] Se algum homem imolar o cordeiro pascal com fermento, viola assim um preceito negativo, na medida em que ele próprio, ou quem asperge o sangue, ou alguém da assembleia que há de comer o cordeiro, tenham fermento em sua posse.

"O *rabi* Judá ensinou também: 'Outrora, durante a existência do Templo, dois bolos em oferta de ação de graças (estes eram os bolos do pão ázimo da proposição, e doze bolos desses eram postos no *Santo* do Templo, todo *shabat*, junto aos frascos de metal contendo vinho, para prenunciar o pão e vinho da Missa), que tinham sido profanados, foram expostos no Templo em cima de um banco. Enquanto permaneceram ali os dois bolos, todo o povo continuou a comer pão fermentado. Quando um deles foi removido, eles se refrearam de comer, mas não os queimaram ainda; quando foram ambos removidos, o povo todo começou a queimar o *hametz*.' Diz o *rabon* Gamaliel: 'O *hametz* ordinário pode ser consumido durante as primeiras quatro horas, já as ofertas de feixes podem ser consumidas ainda durante a quinta hora, ambos contudo devem ser queimados quando começar a sexta hora.'[2]

---

[1] Êxod. XXXIV, 25.
[2] *Páscoa*, cap. I, p. 19-25.

"Se o décimo-quarto de *nisan* cair num *shabat*, todo fermento deve ser removido antes do *shabat*. No monte do Templo havia um trono de arcos duplos. Era chamado *istavanit* ("colunas"), porque uma cobertura elevava-se acima do trono, e o trono era composto de dois arcos, um interior ao outro. Dado que os bolos eram aqueles que haviam sido trazidos junto com as ofertas de ação de graças, e havendo tantos deles, não tinham como ser consumidos dentro do tempo estatuído, por isso ficavam profanados ao virarem sobras. Quando estavam ambos sobre os bancos, todo o povo comia pão fermentado; quando um era removido, cessavam de comer; quando ambos eram removidos, os pães fermentados eram queimados. Havia outro sinal: Duas vacas aravam no monte das Oliveiras. Quando as duas vacas eram vistas, todo o povo comia pão fermentado; quando uma delas era retirada dali, o povo parava de comer; e, assim que a outra fosse retirada, eles começavam a queimar os pães fermentados.[1]

"*Guemará*: Vemos, assim, que no começo da hora sexta todos concordam que o *hametz* tem de ser queimado. 'Durante sete dias não se achará fermento algum em vossas casas.[2] Mas no primeiro dia fareis desaparecer o fermento de vossas casas.'[3] Pela manhã pode-se comer pão fermentado, já de tarde isso não é permitido. E por 'primeiro dia' se entende o dia que antecede o festival. 'Não oferecerás o sangue do meu sacrifício com fermento, nem deixarás sobrar coisa alguma, da vítima da solenidade da páscoa, até a manhã seguinte.'[4]"

O primeiro prefigurava a regra que proíbe o celebrante da Missa, caso esteja em estado de pecado mortal, de oferecer em nossos altares a vítima da páscoa judaica, o Cristo Senhor, como S. Paulo diz: 'Todo aquele que comer deste pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor.'[5]

"Enquanto for lícito comer pão fermentado, pode-se também dá-lo aos domésticos, a animais selvagens ou às aves. Pode-se também vendê-lo a estranhos ou dele haurir benefícios de outro modo qualquer. Passado esse período, porém, é ilícito auferir qualquer benefício, seja qual for, do pão fermentado, ou até mesmo usá-lo como combustível ou acender com ele um forno ou fogão. O *rabi* Judá disse: 'A remoção dos pães fermentados não pode ser

---

[1] *Pesahím*, p. 25.
[2] Êxod. XII, 19.
[3] Êxod. XII, 15.
[4] Êxod. XXXIV, 25.
[5] I Cor. II, 27.

afetada senão por combustão.’ Com base no versículo citado faz pouco, o *rabi* Simeão decreta noutra *boraitá* (A *boraitá* é uma seção dos ensinamentos dos sábios[1]) que todas as coisas de santidade[2] que forem profanadas, por exemplo as carnes de sacrifícios que tenham virado sobras, têm de ser queimadas. ‘E se algo sobrar da carne consagrada, ou dos pães consagrados, até pela manhã, queimarás essas sobras com fogo. Não poderão ser consumidas, porque estão santificadas.’”[3]

Assim, os pedaços de pão sacrificado que sobravam dum *shabat* para o outro, quando eram removidos, assim como as sobras do festim pascal, se não fossem comidas pelos sacerdotes, queimavam-se, para prefigurar como o corpo de Cristo, o verdadeiro “Cordeiro de Deus”, foi sepultado no mesmo dia em que morreu. Se eles não os queimassem, eram punidos com trinta e nove chibatadas. O Texto comunica muitos preceitos positivos e negativos que, se alguém os violasse, era punido com “chibatas”. Leis severas se faziam valer sob pena de *caret* (“expulsão” de Israel, excomunhão), que S. Paulo menciona ter sido aplicada nos primórdios da Igreja e que nos foi legada nas leis relativas à excomunhão.

“Rabh disse: ‘As vasilhas de cerâmica que foram usadas ao longo do ano têm de ser destruídas antes da páscoa.’ Por que motivo? Afinal, poderiam ser conservadas até depois da páscoa e depois usadas para outros tipos de alimento, como antes. É uma medida de precaução, para prevenir a possibilidade de serem usadas para os mesmos tipos de alimento de antes. Samuel se afinca à sua teoria particular, pois disse aos vendedores de vasilhas de cerâmica para a páscoa: ‘Abaixem o preço das suas vasilhas para a páscoa, senão decretarei que prevalece a lei segundo o *rabi* Simeão.’

“O forno era untado com gordura imediatamente depois de aceso. Rabha bar Ahilayi proibiu que se comesse o pão que ali dentro fosse assado, mesmo com sal, para que não fosse comido com *kutach*[4].”

Seguem-se longas discussões acerca de como as caldeiras, as vasilhas, as travessas, os pratos, etc., têm de ser limpos esquentando-os com fogo. Dois dias antes da festa começavam os preparativos nas casas. Primeiro limpavam todos os utensílios de cozinha, para que não se percebesse o cheiro do *hametz* (“pão

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 103-105.

[2] As coisas de santidade eram as coisas ofertadas a Deus no Templo.

[3] Êxod. XXIX, 34. *Talmude* babilônico, cap. I, p. 30, etc.

[4] Um prato feito com farinha e leite que deixava impuro e interditava o uso do forno para todo o sempre.

fermentado”). Os vasos de metal eram suspensos sobre o fogo até ficarem incandescentes, e os utensílios de madeira eram escaldados em água fervente. Alguns destruíam as vasilhas de cerâmica chamadas *circenth*. A pedra de cima da mó, chamada *pelach*, e a pedra de baixo, chamada *receb*, eles desempenavam com ferramentas de ferro até parecerem novas. As prateleiras da despensa, a lata dentro da qual se guardavam os bolos, todos os utensílios de cozinha eles limpavam cuidadosamente, para prefigurar, em forma de sombra, a limpeza de nossos corações pela confissão antes de nossa Comunhão pascal.

“‘O que se deve fazer na páscoa quanto às facas?’ E ele respondeu: ‘Eu compro facas novas para a páscoa’. E Rabhina retorquiu: ‘No caso do mestre isso é apropriado, porque és rico e podes pagar por elas, mas o que um homem pobre há de fazer?’ ‘Não quero dizer exatamente facas novas, mas facas renovadas; facas cujas lâminas sejam recobertas de barro e postas no fogo, e depois de serem inteiramente queimadas são tiradas e, juntamente com seus cabos, mergulhadas em água fervente, quando ficam como novas.’

“‘Uma concha de madeira deve ser posta em água fervente que não tenha sido tirada do fogo.’ ‘Qual é a lei referente às louças de barro esmaltadas?’ Se era verde a cor do revestimento, não há dúvida: não podem ser usadas, mas referimo-nos às que foram esmaltadas de branco ou de preto. Se o revestimento estiver rachado, não há dúvida: não podem ser usadas. Observo que a gordura cozinhada nessas vasilhas transpira do outro lado, e é óbvio que elas a absorvem, e as Escrituras dizem que uma vasilha de barro jamais devolve o que ela alguma vez absorva.[1]”

Os escribas e os fariseus levavam as coisas a extremos, e vemos que existia a observância da lavagem da louça no tempo de Cristo. “Fariseu cego”, disse Cristo, “limpa primeiro por dentro o copo e o prato, para que também fique limpo o lado de fora.”[2] “Porque, deixando de lado o mandamento de Deus, observais cuidadosamente as tradições dos homens, na lavagem de vasilhas e em muitas outras coisas que fazeis semelhantes a estas.”[3] Os judeus só enxergam o sentido literal da Escritura e do cerimonial religioso. Parecem completamente cegos no que tange ao sentido típico ou simbólico. Não entenderam que, sob essas figuras, escondia-se a purificação do coração. Eles ensinavam que o pecado não está na

---

[1] Levít. VI, 21.
[2] Mat. XXIII, 26.
[3] [Marcos VII, 8; cf. Lucas XI, 38.]

mente mas no ato, que contanto que uma pessoa não cometa uma ação vista pelos outros, não tinha pecado, não importa o quão corrompido fosse o seu coração. Isso alegavam eles ter sido ensinado por suas tradições. Daí Cristo lhes ter dito: "Vós bem fazeis por destruir o mandamento de Deus, para observar vossa tradição."[1] Vejamos agora a maneira como os judeus do nosso tempo fazem os preparativos para a antiga páscoa.

Na Cidade de Nova York, no momento em que escrevo, habitam aproximadamente 800.000 judeus. A dona de casa do East Side, em acréscimo aos seus cuidados ordinários, tem dois guarda-louças, cujo conteúdo nunca pode misturar-se, e dois jogos de louças, de panos e de bacias para lavar louça. Estes não podem misturar-se jamais, ou isso trará problemas para a família ortodoxa. Um jogo de louças, o mais *kosher* ("puro"), só deve ser usado para a páscoa, enquanto o outro jogo eles usam durante o ano. Os laticínios não podem entrar em contato com os alimentos à base de carne. Nenhuma ostra, nenhum mexilhão, siri, enguia, marisco, lagosta ou outros tipos de frutos do mar entram jamais na sua cozinha, porque somente os peixes com escamas são puros para o hebreu. Mesmo estes peixes não podem ser fritos em banha ou em manteiga, mas somente em óleos vegetais. Eles parecem preferir peixes de água doce, recém-pescados ou tirados de tanques de água doce, onde são conservados para o mercado judaico.

No dia anterior à páscoa hebraica, um frenesi de limpeza da casa se apodera de todas as judias, e elas se põem a deixar a casa toda desde o sótão até aos alicerces, e tudo dentro de casa, *kosher* para o grande festival. Então a fúria de um batalhão de donas de casa da Nova Inglaterra se apossa de todos aqueles corações hebreus. Todo o lixo acumulado do ano é juntado: as roupas velhas, os utensílios de cozinha, os sapatos rasgados, chapéus surrados, colchões estragados, latas amassadas, baldes inúteis para carvão, etc., são atirados nas ruas pelas portas e janelas, com sumo perigo para todos os passantes, onde são recolhidos para ser transportados aos lixões.

O roçar do esfregão, da vassoura e da escova se ouve por todos os lados, enquanto mãe e filha, e crianças mais crescidas, são premidas e deixam de ir à escola, a fim de "tornar *kosher* todas as coisas". Cada prato sobre a mesa pascal, cada utensílio com que se cozinha o banquete têm de ser novos, ou ao menos nunca usados exceto para a páscoa. Saltam fora das caixas, dos baús e dos

---

[1] Marcos VII, 9.

esconderijos as panelas, frigideiras, pratos, louças e talheres de mesa que, na primavera anterior, haviam sido guardados ali, depois de cuidadosamente limpos e embrulhados. Mas muita coisa nova tem de ser comprada, mesmo pelos pobres; as famílias economizam dinheiro para a festa, e há uma associação de assistência pascal, fundada para ajudar os paupérrimos que, do contrário, não conseguiriam celebrar a festa em conformidade com a lei.

Ao cair do sol, os judeus acorrem todos para suas sinagogas, onde celebram serviços especiais e passam algum tempo em oração silenciosa antes de começar sua páscoa, que os judeus reformados celebram durante sete dias, os ortodoxos durante oito. Vêm depois os festejos de *Sukot*, quando eles constroem no quintal cabanas feitas de ramagens, de folhas e de barro, dentro das quais habitam, dormem e recebem ajoelhados os amigos, porque o costume é fazer visitas breves de casa em casa, ainda que seja proibido levar comida ou bebida durante essas visitas. Essas barracas a céu aberto são em memória do tempo em que os seus ancestrais habitaram em tendas durante quarenta anos, depois de terem fugido do Egito na primeira páscoa.

Mascates carroceiros de olhos escuros e feições hebraicas vão de porta em porta vendendo *matsôt*, bolos não fermentados, ervas amargas e víveres para a festa da primeira noite e para os banquetes dos entardeceres restantes. Alegria, jovialidade e contentamento iluminam todos os rostos hebreus, e se tristeza houver, é ocultada ao recordarem a libertação de seus pais da escravidão.

Há uma escola estritíssima de judeus de nossos dias, os quais se chamam a si mesmos de *hassidim* ("homens pios, devotos", "os santos"), palavra esta derivada do hebraico *perushim* ("os separados"), donde se originou a palavra "fariseus" — os *hassidim* mencionados no livro dos Macabeus pelo nome de "hassideus"[1] —; eles agarraram-se aos invariáveis costumes e tradições dos fariseus através de todas as idades até o presente. Encontram-se aqui nos E.U.A. e também no Velho Mundo, os mais ortodoxos dentre os judeus ortodoxos.

Com longas orações eles plantam o trigo, enquanto vai crescendo resguardam-no cuidadosamente de entrar em contato com uma pessoa impura ou um gentio. Com as orações prescritas eles fazem a colheita, socam e trituram a farinha, que põem em três sacos, um dentro do outro. Esses sacos eles amarram ao teto de um aposento secreto, cautelosamente guardado a chave, onde ninguém

---

[1] I Macab. II, 42.

entra até a véspera da páscoa judaica, quando eles observam um estrito jejum.

Na calada da noite, com cerimônia solene, eles vão até um rio, lago ou fonte de água corrente e, com orações, retiram a "água de preceito" em bilhas especiais que, assim que ficam cheias, eles carregam com uma vara comprida sobre os ombros, de maneira que as bilhas não encostem em ninguém que possa estar legalmente impuro, contaminando a água. Então, com as orações prescritas, eles amassam e assam os bolos para a páscoa hebraica. Esses judeus de estrita observância afirmam celebrar a festa seguindo à risca as determinações estritas do *Talmude*.

"Todas as vasilhas nas quais se conservavam alimentos fermentados antes de serem aquecidos podem ser usadas para alimentos não levedados, com exceção das vasilhas que continham o fermento mesmo, porque é muito pungente. As vasilhas nas quais os pães fermentados eram geralmente misturados com vinagre também não podem ser usadas, porque isso equivale a fermento."[1]

Na época de Cristo, os bolos ázimos eram feitos por eles de trigo cultivado especialmente para a páscoa judaica. Esse trigo era cultivado por pessoas piedosas, e o pai de Lázaro possuía trigais em Magdala, nas margens do Mar da Galileia.

Essa terra era lavrada com orações e preparada com grande cuidado. Quando chegava o tempo da colheita, os segadores eram avisados: "Quando amarrarem os feixes, tenham em mente que se destinam à preparação dos *matsôt*", por onde verificamos que ele afirma que é do princípio ao fim que se impõe a observância dos pães ázimos.

"'Não se podem assar pães espessos na páscoa.'[2] Tal é a sentença da escola da Shamai, mas a escola de Hilel permite que isso seja feito. Quão espessos devem ser eles? Disse o *rabi* Huna: 'Um palmo, porque era esta a espessura dos pães da apresentação.'" Os "pães da apresentação" eram os doze pães da proposição, colocados todo *shabat* junto ao vinho no *Santo* do Templo, para prefigurar o pão e vinho da Missa. . . . "No caso dos pães da apresentação, havia sacerdotes que estavam completamente habilitados para o seu trabalho, mas os pães da páscoa são preparados por pessoas comuns."

A família Garmo, desde tempos remotos, fazia os pães da apresentação ou pães da proposição, e eram exímios em extremo, tendo eles um modo secreto de fazer pães finíssimos, nos dois

---

[1] Ver *Talmude* babilônico, cap. II.

[2] *Talmude*, II, p. 57.

sentidos da palavra, os quais se assemelhavam às nossas hóstias. Como se recusassem a revelar o processo, foram censurados nas orações do Templo.

"Os pães da proposição eram preparados com habilidade consumada, e como podem ser comparados a pães ordinários? Para aqueles, só se usava madeira seca, enquanto para estes podia-se usar madeira levemente úmida. Aqueles eram assados em forno quente, enquanto estes muitas vezes são assados em forno mais morno. Para assar os pães da apresentação se utilizava um fogão de ferro, enquanto para os bolos pascais um forno de barro era considerado suficiente. Caso se façam bolos assim, devem ser feitos finos como folhas de massa, e não espessos como pães gordos, porque neste último caso podem acabar fermentados."

O costume de fazer pães de altar (hóstias) o mais finos possível na Igreja latina segue o antigo costume judaico. Para significar o Espírito Santo habitando na humanidade de Cristo escondido sob as espécies do pão sobre nossos altares, os judeus misturavam óleo de oliva com a farinha a partir da qual faziam os bolinhos finos.

"A quantidade de óleo misturado à massa é tão insignificante que não conta, porque um quarto de um quartilho (*log*) de óleo é utilizado para muitos e muitos bolos. A mulher não deve misturar a massa para a páscoa salvo com água *shelanu* — água "nossa",[1] ou seja, não água conservada de um dia para o outro, mas tirada naquele mesmo dia especialmente para o pão pascal."[2]

Era esta a água que o homem trazia à cidade, quando os apóstolos Pedro e João o encontraram, tal como Cristo predisse: "Eis que ao entrardes na cidade sair-vos-á ao encontro um homem levando uma bilha de água: segui-o até à casa onde ele entrar."[3]

"Uma mulher não deve misturar sua massa sob o clarão do sol, nem com água que tenha sido aquecida pelo sol. Nem, tampouco, com água que tenha sido deixada de sobra em *muliar* ("caldeira"), e ela não deve remover suas mãos, por via de regra, até que seu pão esteja cozido. Ela também precisa de duas bilhas cheias de água, uma para esfriar as mãos durante o amassamento da massa, a outra para umedecer sua massa antes de pô-la no forno."

Depois de ter passado o rolo nos bolinhos para deixá-los o mais finos possível, ela deixava a marca de seus cinco dedos em cada bolinho, supunha ela que para fazê-los assar melhor, sem saber que prefiguravam as cinco chagas no corpo morto de Cristo. Os bolos

---

[1] *Páscoa*, p. 66, 67.
[2] Ver ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. 4, nota.
[3] Lucas XXII, 10-11.

judaicos para a páscoa e para o Templo, feitos de pão ázimo, nos foram legados nas hóstias com figuras da cruz, etc., e nos biscoitos finos do comércio, no "biscoito de marinheiro" dos soldados e marujos, com suas figuras copiadas das marcas dos dedos nos bolinhos pascais. Antes de assá-los, elas untavam cada bolo com azeite na forma de uma cruz ou "X" grego.[1] "O sacrifício diário contínuo no Templo[2] era imolado meia hora depois da hora oitava e sacrificado meia hora depois da hora nona."

Eles começavam a contar as horas às seis da manhã. Isso diz respeito ao serviço vespertino, às três horas da tarde, sendo que o sacrifício matutino era oferecido às nove da manhã. Pois Cristo foi condenado à morte por Pilatos às nove horas, pregado à cruz ao meio-dia e morreu às três da tarde. O período mencionado aqui é das duas e meia às três e meia da tarde, porque durante esse intervalo de uma hora entoava-se a liturgia do Templo, o cordeiro era imolado, as orações eram cantadas.

"Mas no dia que antecedia a páscoa, quer calhasse de ser dia da semana ou *shabat*, ele era abatido meia hora depois da hora sétima e oferecido em sacrifício meia hora depois da hora oitava." Essa afirmação refere-se ao cordeiro pascal.

"A oferenda vespertina cotidiana precede o sacrifício pascal, e o sacrifício pascal precede a queima do incenso, e o incenso precede o acender das velas.[3] Não há nada que possa ser ofertado antes do sacrifício matutino cotidiano, exceto o incenso queimado antes do sacrifício diário.[4]

"*Mishná*: Se o sacrifício pascal não tiver sido abatido com a finalidade de sacrificá-lo como sacrifício pascal, ou se o seu sangue não tiver sido recebido com esse fim, ou se o sangue não tiver sido levado até o altar e aspergido com esse fim, ou se um desses atos tiver sido realizado no intento de fazer dele um sacrifício pascal, mas outro ato não tiver sido realizado com esse fim, ou vice-versa — ele não é válido." Um dos bolos era enviado aos sacerdotes do Templo como "oferta de primícias". Os três bolos restantes eram para a páscoa. A massa remanescente, depois de assados os bolos, hoje chamados *kikar* ("círculo"), eles queimavam como oferenda ao Senhor.

"Não aprendemos contudo numa *mishná* que um pouquinho mais de cinco quartos de farinha, equivalendo a cinco quartilhos

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, p. 155, etc.
[2] Núm. XXVIII, 3.
[3] Êxod. XII, 6, Deut. XVI, 6.
[4] Êxod. XXX, 7.

(*log*) em Séforis e a sete quartilhos e um pouquinho mais que se usaram no deserto, por seu turno equivalentes a uma décima (*omer*), estão sujeitos às primícias da massa? Nossas esposas assam em pequenas quantidades na páscoa, não mais de três quartilhos de farinha por vez.

"Três mulheres podem ocupar-se com a massa delas, mas da seguinte maneira: uma deve misturar a massa, outra deve lhe dar forma, e a terceira deve assá-la. A mesma mulher que mistura deve também umedecer a massa, e a que está ao seu lado deve então passar a misturá-la; enquanto a primeira assa, a última deve umedecer a massa, e a terceira mulher deve passar a misturá-la. Destarte, a primeira mulher começará a misturar, enquanto a última umedece a massa, e assim por diante, em revezamento."[1]

Este era o pão não fermentado que os gregos chamavam de ázimo, mencionado quarenta e uma vezes no Antigo Testamento. S. Mateus falava em "os ázimos"[2]. Os judeus do nosso tempo, na sua páscoa, assam um pão chamado "ázimo rico, saboroso", feito com ovos, leite, açúcar, etc., que eles dão aos doentes e aos gentios, enquanto alguns deles entregam de presente o pão pascal ordinário.[3]

"Anteriormente as peles dos animais sacrificados eram deixadas na câmara de *Parvá* (um dos aposentos do Templo mencionados no tratado *Midot*). À noite os sacerdotes que ministravam naquela semana dividiam as peles entre si. Os mais poderosos dentre os sacerdotes se apropriavam de mais do que a sua quota. Foi dada então a ordem de que se fizesse a divisão, toda véspera de *shabat*, na presença de todos os homens que compunham as vinte e quatro "classes" de vigília no Templo. Ainda assim, os sacerdotes mais poderosos se apropriavam de mais do que lhes era devido. Em consequência, as pessoas que traziam sacrifícios decidiram consagrar ao uso do Templo as peles dos sacrifícios. Foi dito que não demorou muito para que fosse possível revestir o Templo inteiro com discos de ouro, de uma vara quadrada, e da espessura de um dinar de ouro. Nos períodos dos festivais, os discos eram postos no morro do Templo para serem vistos pelos peregrinos que iam chegando a Jerusalém, porque eram ricamente trabalhados e não eram falsificados.

"Havia sicômoros em Jericó, de que os sacerdotes se apropriavam à força para seu próprio uso, e como consequência disso seus donos consagravam-nos ao uso do Templo. Acerca desses

---

[1] *Páscoa*, cap. III, p. 77.

[2] Mat. XXVI, 17.

[3] Ver ZANOLINI, *De Festis*, c. 4.

ultrajes e de tais sacerdotes, o *aba* Saulo ben Batnit, em nome do *aba* José ben Anano, disse:

“Ai de mim por conta da casa de Boeto.
“Ai de mim por conta dos cajados deles.
“Ai de mim pela casa de Anano e pelas calúnias deles.
“Ai de mim pela casa de Cantera[1] e por suas plumas de escribas.
“Ai de mim por conta da casa de Ismael ben Fiabi e dos punhos deles.
“Pois todos eles foram sumos sacerdotes.
“Seus filhos eram os tesoureiros.
“Seus genros eram os camareiros.
“E os servidores deles nos golpeavam a cajadadas.”

O Templo era famoso no mundo inteiro por ter sido coberto com aquelas chapas de ouro puro maciço, cada uma com cerca de 85 centímetros quadrados e assim espessa como uma moeda de 25 centavos de dólar. Noutra parte do *Talmude* somos informados de que eles primeiro preencheram com cera de abelha todas as fendas que havia entre as pedras de mármore branco, e fixaram as chapas com pregos de ouro. O grande edifício que continha o *Santo* e o *Santo dos Santos* era por isso chamado, nos escritos hebreus, de “a casa de ouro”. Tinha 14 metros quadrados — todas as suas paredes e teto, por dentro e por fora, revestidos de ouro.[2]

Julgue o leitor, a partir dessa declaração, qual a avareza dos sacerdotes. Outro relato diz que, a princípio, os sacerdotes eram escolhidos para o ministério semanal por ordem de entrada no Templo. Mas certa vez, enquanto subiam correndo os degraus de mármore da porta de Nicanor, um sacerdote empurrou outro para baixo, quebrando a perna dele. Noutra ocasião, enquanto eles entravam correndo, um apunhalou o outro até à morte, e o *beit din* (“os juízes do tribunal de justiça”) instituiu a praxe de escolhê-los para ministrar na semana seguinte contando nos dedos.

No poema que citamos sobre a degradação deles, a “casa de Anano” era a família de Anás, sogro de José Caifás, os quais sentenciaram Cristo à morte. Esse Anás tinha cinco filhos e cinco filhas e genros, que se tornaram, um após outro, sumos sacerdotes. Assim como ele, porém, foram eles, por seus crimes, depostos de ofício pelos procuradores romanos.

“*Mishná*: Os habitantes de Jericó tinham por hábito fazer seis coisas; três delas se faziam contrariando os desejos dos sábios, e

---

[1] *Cantera* significa “o briguento”.
[2] Ver *Páscoa*, p. 103.

três eram feitas com a sanção destes. Eles passavam o 14.º dia inteiro enxertando palmeiras, liam o *Shemá* com os versículos adicionais e amontoavam o trigo novo em feixes antes de se desincumbirem do *Omer* ("oferta de primícias") correspondente a estes.[1]

"Seis coisas foram feitas pelo rei *Hizquiáh*,[2] três das quais encontraram aprovação, e três reprovação. Ele fez com que os ossos de seu pai (o perverso Acás) fossem transportados numa liteira de cordas (o *Talmude* insere aqui a nota: "Como sinal de desrespeito"), e isso recebeu aprovação; ele fez com que a serpente de bronze fosse quebrada em pedaços (esta era a serpente de bronze que Moisés fez no deserto,[3] a qual os judeus adoravam como um ídolo), e isso também foi aprovado; ele ocultou o livro de medicina, e isso também foi aprovado. Ele removeu o ouro das portas do Templo e o enviou para o rei da Assíria, ele obstruiu a saída superior das águas de Gion, e ele interpolou o mês de *nisan*, todas coisas que não foram aprovadas.[4]

"'A partir da hora de *Min'hah*,' etc. Os estudiosos indagaram: Acaso isso se refere à *Min'hah* longa, cuja hora começa na metade da oitava hora (isto é, às 13:30), ou então à *Min'hah* curta, cuja hora começa na metade da décima hora? (Isto é, à tarde, às 15:30.) Porventura não é lícito comer a partir da hora da *Min'hah* longa porque, desse modo, se ocuparia o tempo em que importa trazer o sacrifício pascal?

"Nós aprendemos que mesmo o rei Agripa,[5] que tinha o costume de comer na nona hora do dia (às três da tarde), não devia comer na véspera da páscoa enquanto não escurecesse. Ora, se a referência era à *Min'hah* curta, depois da qual não é lícito comer, então o caso do rei Agripa é digno de nota. Se, porém, a referência era à *Min'hah* longa, qual a prova que esse caso aduz então, de que era somente porque a refeição interferiria com o sacrifício pascal, e por que o caso de Agripa é especialmente mencionado? Donde podemos inferir que a referência é à *Min'hah* curta.

---

[1] *Páscoa*, p. 99, 102, etc.

[2] Ezequias I foi o 16.º rei de Judá, nascido no ano 3309, nove anos depois da fundação de Roma, 743 antes de Cristo. A história dele se encontra em IV Reis, capítulos XV e XVI, e II Par. XXVII, 28.

[3] Núm. XXI, 9.

[4] *Páscoa*, p. 99-102.

[5] Esse Herodes Agripa (Atos II) foi neto de Herodes Magno com Mariana, descendente dos Macabeus, sendo seu pai Alexandre, que o primeiro Herodes estrangulou até a morte. Cláudio, o imperador romano, constituiu-o rei sobre a Judeia. Ele foi o último rei da família Herodes. Ver Atos XXV, 26.

"*Mishná*: Na véspera da páscoa, a ninguém é lícito comer a partir da hora de *Min'hah* enquanto não terminar de escurecer. Mesmo os piores em Israel não comerão enquanto não se tiverem posicionado na ordem conveniente e confortavelmente ao redor da mesa, nem pessoa alguma tomará menos de quatro taças de vinho, ainda que lhe tenham de ser dadas mediante fundos dedicados ao sustento caritativo dos paupérrimos. Uma pessoa não pode comer coisa alguma na véspera do *shabat* ou de um festival, desde a hora de *Min'hah* em diante, a fim de que a chegada do *shabat* ou do festival possa encontrá-la em condições de apreciar com gosto uma refeição.

"Não se deve trazer uma refeição para cada comensal separadamente, a não ser que o *Kidush* já tenha sido recitado pelo pai de família, o chefe da casa; contudo, se a comida tiver sido posta à sua frente antes de recitado o *Kidush*, aí então o comensal deve cobrir com uma toalha o prato posto diante de si e pronunciar ele mesmo a bênção."

O *Kidush* ("prece") era a oração rezada antes das refeições. A mesa sempre ficava coberta, na páscoa judaica, com toalhas de mesa feitas de linho. Em casas ricas se usavam três toalhas, uma sobre a outra. Foi esta a origem das três toalhas de altar de linho que cobrem nossos altares nas igrejas de Rito latino. Os gregos usam toalhas de altar de seda.

No nono dia do mês de *ab*, Deus mandou que os hebreus, por causa dos pecados deles, vagueassem quarenta anos pelo deserto, vivendo do maná, figura da Eucaristia. No nono dia de *ab*, quinhentos e noventa e oito anos antes de Cristo, os babilônios destruíram o magnífico Templo de Salomão. Mais de seiscentos anos mais tarde, no nono dia de *ab*, no Ano do Senhor 70, os romanos comandados por Tito destruíram o grande Templo que Herodes construíra e que Cristo tinha visitado tantas vezes. No dia nove de *ab*, caiu Betar, e os judeus foram massacrados em grande número. No nono dia de *ab*, um ano mais tarde, Adriano passou a charrua por cima das ruínas da cidade santa. Jerusalém tornou-se uma colônia romana chamada *Aelia Capitolina*, e os judeus foram proibidos, sob pena de morte, de penetrar seus muros. No decurso dos séculos desde então, os judeus jejuam no nono dia de *ab*, em memória dessas cinco grandes calamidades que se abateram sobre sua nação.

Eles também observam três outros dias de jejum em conexão com a queda de Jerusalém: o décimo dia de *tebet*, quando teve início o cerco; o décimo-sétimo de *tamuz*, quando foi feita a primeira

brecha na muralha; o terceiro dia de *tishri*, quando Godolias, o líder deles, foi assassinado — este dia sendo conhecido como "jejum de Godolias".

Durante esses dias, a começar pelo primeiro de *ab*, não se come carne alguma, não se bebe vinho, nenhum prazer está permitido. Os "Nove Dias", como são chamados, são dias de luto em todo o Israel, e as sinagogas ficam repletas de judeus em prantos, lamentos e jejum. Escurecem-se todas as casas, fecham-se as janelas e cortinas, e o lar é iluminado apenas pela luz de velas.

Descalços, com a cabeça coberta de cinzas, os hebreus de estrita observância dos nossos dias se vestem de saco, se reclinam sobre o piso ou em banquinhos e caixotes, e contam a seus filhos a história dos cercos e calamidades de Jerusalém. Eles leem as Lamentações de Jeremias para a família, e nas sinagogas são proferidos sermões sobre as dores de Israel. O *hazan* e o *rabi* entoam, em cadência plangente, as queixosas canções chamadas *kinoth*, com a assembleia cantando os sofrimentos de Israel, especialmente a *Ode a Sião*, de Judá ha-Levi. Na sinagoga de Jerusalém, os rolos da Lei, bem como o santuário sagrado, a *Aron* onde ficam depositados, são cobertos com panos pretos. Vestidos de preto, eles vão até o muro ocidental do Templo de Salomão — os grandes alicerces que permanecem ainda de pé, no vale do Tiropeon, dentro da cidade — e, virando o rosto para as antigas muradas chamadas "Muro das Lamentações", eles entoam as orações pela restauração de *Zion*. Dessa cerimônia de luto, com seus trajes pretos, copiou a Igreja os paramentos pretos e as escuras decorações de luto de nossos ritos de exéquias.

É triste de vê-los ali em Jerusalém com os rostos voltados para o muro, balançando para frente e para trás e de um lado para o outro, gemendo, chorando, lamentando a destruição de sua cidade, a dispersão de Israel, a ruína do Templo. Mas parece que Deus não os ouve, porque rezam não por coisas espirituais, mas temporais — a vinda do seu Messias para fazer deles os governantes da terra inteira. Os cristãos, junto aos maometanos, só observam, e muitos caçoaram deles.

"Os sábios, contudo, disseram que era costumeiro na Judeia trabalhar até o meio-dia, no dia que antecede a páscoa, mas na Galileia não se fazia trabalho nenhum nesse dia. Na noite anterior a esse dia, a escola de Shamai proíbe que se faça qualquer trabalho, enquanto a escola de Hilel permite-o até o nascer do sol. Disse o *rabi* Meir: 'Todo trabalho que tenha começado antes do décimo-quarto de *nisan* pode ser concluído nesse dia, mas nenhum novo trabalho

pode ser começado, mesmo que possa ser concluído nesse dia.' Os sábios, no entanto, são de opinião de que os ofícios seguintes: alfaiates, barbeiros e lavadeiras, podem exercer sua vocação até o meio-dia naquele dia.

"Os alfaiates podem exercer sua ocupação porque todo homem pode se ver na necessidade de reparar suas vestes nos dias que se interpõem entre o primeiro e o último dia do festival. Os barbeiros e as lavadeiras de roupas podem exercer sua vocação porque os que chegam de viagem pelo mar ou os que são soltos do cárcere podem aparar o cabelo e lavar suas roupas nos dias que se interpõem entre o primeiro e o última dia do festival. O *rabi* José ben Judá diz que os sapateiros podem exercer sua vocação porque os peregrinos, que fazem longa viagem até Jerusalém para o festival, consertam seus sapatos nesses dias interpostos."

Quando a páscoa hebraica caía na véspera do *shabat* ou no próprio *shabat*, para que não violassem o *shabat* com qualquer tipo de trabalho, eles enfiavam o cutelo sacrifical na lã da ovelha ou amarravam-no entre os chifres do bode, enquanto conduziam o animal até o altar.

"*Mishná*: Sob quais circunstâncias é permitido levar uma oferenda festiva em acréscimo ao sacrifício pascal? Quando o sacrifício pascal é imolado em dia de semana, quando os oferentes estão em estado de pureza legal, e se ele for insuficiente para que dele comam os designados para tanto, a oferenda festiva pode ser trazida na forma de uma manada de bois, de cordeiros ou de bodes, e podem ser tanto machos como fêmeas. A oferenda festiva, levada no décimo-quarto dia juntamente com o sacrifício pascal, preenche somente o dever de desfrutar alegremente do festival; contudo, não fica satisfeita por esse meio a injunção a não chegar ao Templo de mãos vazias. Deve-se consumi-la no decorrer de um dia e noite, e não pode ser consumida a não ser que esteja assada, nem por qualquer um, salvo os designados para comer do sacrifício pascal."[1]

Assim foram prenunciadas as contribuições que o laicado tem obrigação de fazer para o sustento da religião. As coletas em nossas igrejas remontam aos tempos apostólicos e, mais ainda, aos tempos dos reis hebreus. O seguinte tem relação com a alegria com que celebramos os domingos e festas.

"Os sacrifícios pacíficos trazidos na véspera da páscoa cumprem o dever de alegrar-se no festival, haja vista que não é preciso trazê-los no tempo em que alegrar-se já é um dever, mas

---

[1] Deut. XVI, 2.

podem ser trazidos previamente; não cumprem, porém, o dever de trazer a oferenda festiva, porque são consagrados, de modo que a oferenda festiva ainda tem de ser trazida.”

Sob orientações sacerdotais, o laicado imolava os cordeiros, prenunciando que os guardas suíços do palácio de Pilatos crucificaram Cristo, e o procurador romano, impelido pelos sacerdotes que gritavam: “Crucifica-o”, etc., condenou à morte o Senhor.

“Os sacerdotes removiam o sangue, o sacerdote mais próximo do altar esguichava o sangue sobre o altar, etc., como está escrito: ‘Somente o sangue deles derramareis sobre o altar, e a gordura deles queimareis em odor suavíssimo ao Senhor’[1].” “Não está dito: *o sangue dele* ou *a gordura dele*, mas no plural: *o sangue deles* e *a gordura deles*, o que significa que o sangue dos primogênitos, e dos primeiros dízimos, e do sacrifício pascal, deve ser aspergido, e que os pedaços que devem ser ofertados têm de ser ofertados sobre o altar.

“‘E ele imolá-lo-á do lado do altar que está voltado para o norte diante do Senhor, mas os filhos de Aarão derramarão o sangue dele em toda a volta sobre o altar.[2] E ele porá do mesmo sangue sobre as córnuas do altar, ou seja diante do Senhor, no tabernáculo do testemunho, e o resto do sangue ele derramará ao pé do altar dos holocaustos.’[3]

“O sacrifício pascal era imolado por três divisões de homens sucessivas, porque estava escrito:[4] ‘A inteira *congregação* da *assembleia* de *Israel* imolá-lo-á.’ Essas três divisões eram necessárias conforme as expressões *congregação*, *assembleia* e *Israel.* A primeira divisão entrava até o átrio do Templo ficar cheio, quando as portas do átrio eram fechadas e a trompa soava o *teki’á* (um toque), o *teru’á* (uma sucessão de toques rápidos), e *teki’á* (mais um toque). Os sacerdotes se posicionavam então em fileiras duplas, com cada sacerdote segurando em mãos um cálice de prata ou um cálice de ouro, mas uma fileira de sacerdotes tinha de segurar todos os cálices de prata e a outra todos os de ouro — não podiam ser misturados. Essas taças não tinham pés embaixo, para impedir que os sacerdotes as depusessem e deixassem coagular o sangue.

“O israelita abatia, e o sacerdote recebia o sangue e o entregava a outro sacerdote, que por seu turno passava-o para um outro, cada

---

[1] Núm. XXVIII, 17.
[2] Levít. I, 11.
[3] Levít. IV, 18.
[4] Êxod. XII, 6.

qual recebendo um cálice cheio, ao mesmo tempo que devolvendo um vazio. O sacerdote mais próximo do altar esguichava-o, de um só jato, na base do altar. A primeira divisão saía, e a segunda entrava; quando esta saía, a terceira entrava do mesmo jeito que a primeira, assim também procediam a segunda e a terceira divisões.

"O *Halel* (oração de louvor) era lido por cada divisão. Se eles o concluíssem antes de completar suas funções, recomeçavam-no, e podiam até recitá-lo pela terceira vez, se bem que nunca aconteceu de haver ocasião de recitá-lo três vezes.[1]

"'As mesmas coisas que se faziam nos dias da semana eram feitas também no *shabat*, exceto que os sacerdotes lavavam nesse dia o átrio, contrariamente aos desejos dos sábios.' O *rabi* Judá diz: 'Uma taça era enchida com o sangue misturado de todos os sacrifícios e esguichada de um só jato sobre o altar.'"

Esse cálice com sangue misturado de todos os sacrifícios apontava para o sacrifício único do Calvário. A pele do cordeiro era removida enquanto a vítima estava amarrada à coluna, para prefigurar como Cristo foi flagelado depois de ser preso a ganchos de ferro na coluna de granito no Foro de Pilatos.

"De que maneira a vítima pascal era suspensa e tinha a pele removida? Ganchos de ferro eram fixados às paredes e colunas nos quais a vítima era suspensa e tinha a pele removida. Os que não conseguiam encontrar espaço para fazer isso assim, faziam uso de espetos finos de madeira lisa fornecidos ali para esse fim, nos quais suspendiam o sacrifício pascal, apoiando os espetos entre os ombros de duas pessoas, a fim de remover-lhe a pele. Se o 14.º de *nisan* caísse num *shabat*, uma pessoa punha a mão esquerda no ombro direito da outra, e esta punha a mão direita no ombro esquerdo da primeira, e, suspendendo assim em seus braços a vítima, removiam a pele desta com suas mãos direitas.

"Assim que a vítima era aberta, os pedaços que tinham de ser sacrificados sobre o altar eram removidos, postos numa ampla travessa e ofertados junto com incenso sobre o altar. Depois que a primeira divisão saía, eles permaneciam no morro do Tempo, a segunda divisão permanecia no espaço aberto entre os muros do Templo, e a terceira divisão permanecia em seu posto. Logo que escurecia, todos eles saíam para assar seus sacrifícios.

"O sacrifício pascal não era imolado se não houvesse três divisões de trinta homens cada. Por quê? Porque está escrito: 'A inteira *congregação* da *assembleia* de *Israel*' — destarte,

---

[1] A oração do *Halel* consiste na recitação dos Salmos CXIII a CXVIII, inclusive.

'congregação' quer dizer dez homens; 'assembleia', dez homens; e 'Israel', dez homens também. Era duvidoso, entretanto, se os trinta homens tinham de ser considerados conjuntamente, ou se dez homens somente de cada vez tinham de estar presentes. Assim, foi disposto que trinta homens deviam entrar, e, tão logo dez estivessem prontos, eles saíam e outros dez tomavam o lugar deles; os dez seguintes saíam em seguida, e outros dez entravam; por fim, os trinta últimos saíam juntos — desse modo, cada divisão totalizava cinquenta homens, ou todas as três divisões, cento e cinquenta homens.[1]

"O rei Agripa, certa vez, quis saber quantos israelitas havia do sexo masculino. Mandou então que o sumo sacerdote registrasse o número de cordeiros pascais. O sumo sacerdote ordenou, pois, que se preservasse um rim de cada cordeiro pascal, e verificou-se que seiscentos mil pares de rins foram preservados, o que era o dobro do número de israelitas que saíram do Egito. Isso, naturalmente, com exclusão de todos os israelitas que, estando impuros, não tinham podido oferecer o sacrifício, e de todos aqueles que, vivendo a grande distância de Jerusalém, não tinham obrigação de estar presentes. Não havia um único cordeiro pascal que não representasse, no mínimo, mais de dez pessoas."[2]

Josefo[3] narra a mesma história da contagem dos rins, e com ele ficamos sabendo que 12.000.000 de pessoas ofereceram o sacrifício pascal naquele ano, que ficou conhecido como "a páscoa gorda". Podemos imaginar então as vastas multidões que clamaram pela morte de Cristo, e que multidão o viu morrer. Os estrangeiros costumavam acampar ao redor de Jerusalém, apinhando os campos em todas as direções, por quilômetros. Seguiam as regras que Moisés determinara para regulamentar os acampamentos deles no deserto. O monte das Oliveiras ficava coberto com as tendas de Judá e de Benjamim; ao sul, na direção de Belém, erguiam-se as tendas de Issacar e Zabulon, mesclando-se aos filhos de Simeão, Gad e Rúben; a oeste ficavam Efraim e Manassés, enquanto na planície ao norte acampavam Dan, Aser e Neftali.

Diz o *Talmude* que os cálices de ouro valiam 200 denários, e os de prata, 100; os denários equivalendo atualmente a cerca de 17

---

[1] *Páscoa*, 121.
[2] *Páscoa*, 121.
[3] *Antiguid. jud.*, L. XVII, c. IX, n. 3; *Guerr. jud.*, L. V, c. IX, n. 3.

centavos de dólar, cada cálice tinha o respeitável valor, respectivamente, de $ 34 e $ 17. O denário, em latim *denarius*, era assim chamado por causa da letra X, que significa dez.

"*Mishná*: Como deve ser assado o cordeiro pascal? Deve-se pegar um espeto feito de madeira da romãzeira e introduzi-lo na boca dele até sair pelo ânus. A vítima pascal não pode ser assada em espeto de assar de ferro nem, tampouco, numa grelha.[1]

"*Mishná*: Se alguma parte do cordeiro assado tiver encostado no forno de barro sobre o qual era assado, essa parte deve ser desbastada. Se a gordura que pinga do cordeiro tiver caído no forno e depois caído outra vez no cordeiro, essa parte do cordeiro precisa ser cortada fora. Se o gotejamento, porém, tiver caído na flor de farinha, um punhado dessa farinha deve ser retirado e queimado. Se o cordeiro pascal tiver sido untado ou regado com o óleo consagrado da oferta sacrifical de elevação, e o grupo estabelecido para consumi-lo consistir de sacerdotes, eles têm permissão de comê-lo. Todavia, se o grupo consistir de israelitas, eles têm de lavá-lo até sair o óleo, caso o cordeiro ainda esteja cru."[2]

A romã, "maçã granulada", chamada em hebraico *rimon*, era cultivada extensivamente no vale do Jordão e nas cercanias de Jerusalém, no tempo de Cristo. O espeto era estendido de forma que a sua extremidade inferior atravessasse os tendões das patas traseiras, e a peça transversal do mesmo tipo de madeira atravessasse os tendões das patas dianteiras. Essa operação era chamada de "crucificação do cordeiro". O cordeiro permanecia inteiramente suspenso na sua cruz e era assado sobre ela, prefigurando o Cristo morto pendurado na sua cruz. Vendo esse cordeiro pascal crucificado, imagem impressionante do Crucificado, os rabinos do *Talmude* deixaram de fora os detalhes acerca dos espetos que atravessavam os tendões das patas. Mas outros escritores (Justino Mártir e os primeiros Padres) descrevem o cordeiro assado dessa maneira sobre a sua cruz, um emblema da Crucificação que vinha desde os dias dos reis hebreus.

"*Mishná*: Cinco tipos de sacrifícios podem ser trazidos mesmo que seus oferentes estejam em estado de impureza ritual, mas não devem ser comidos por eles enquanto estiverem nessa condição. São eles o *Omer* ("a oferta do feixe"), os dois pães de Pentecostes, os pães da apresentação do *shabat*, os sacrifícios pacíficos da assembleia, e os bodes oferecidos em sacrifício na festa da lua nova. Esse ensinamento pode estar de acordo com os sábios, mas nesse caso

---

[1] *Páscoa*, cap. VII, *Primeira Mishná*, p. 143.
[2] *Páscoa*, cap. VII, 146.

diz respeito à comunidade toda, e não a um indivíduo, e aprendemos que uma comunidade pode imolar a vítima pascal ainda que todos os seus membros estivessem contaminados de impureza."[1]

A comunidade inteira dos judeus sacrificou o verdadeiro Cordeiro de Deus, prefigurado pela vítima pascal, quando eles bradaram: "Crucifica-o!", "Seja crucificado!", etc., no pretório de Pilatos, e isso foi prenunciado pela passagem que acabamos de citar.

"*Mishná*: Se toda a assembleia, ou sua maior parte, tiver se contaminado, ou então os sacerdotes estiverem em estado de impureza mas a assembleia estiver incontaminada, o sacrifício pode ser apresentado nesse estado de contaminação. Mas se somente uma minoria da assembleia tiver ficado impura, a maioria que está pura deve sacrificar a vítima pascal no tempo determinado, e os impuros devem imolar uma segunda páscoa no 14.º dia do mês seguinte."[2]

Os Apóstolos, os discípulos, José de Arimateia, Nicodemos, as santas mulheres e os seguidores de Cristo não pediram a morte dele, e estes eram representados pelos que são chamados de incontaminados na *mishná* que citamos. Para prenunciar o modo como o Senhor foi crucificado em Jerusalém, era a seguinte a lei revelada:

"Não poderás imolar a páscoa em qualquer das tuas cidades que o Senhor teu Deus te dará. Mas, sim, no lugar que o Senhor teu Deus tiver escolhido."[3] "Mesmo que uma única tribo esteja contaminada de impureza, e as restantes onze tribos de Israel estejam puras, os membros da tribo impura precisam trazer um sacrifício em separado, porque ele mantém que cada tribo constitui uma assembleia."[4]

"*Mishná*: Os ossos, tendões e outras partes remanescentes têm de ser queimados no décimo-sexto, e caso esse dia cair no *shabat*, devem ser queimados no décimo-sétimo, porque sua queima não sobrepuja as leis do *shabat* nem as do festival. Os ossos de um sacrifício pascal que permaneçam inteiros, no entanto, só podiam ser quebrados e ter a medula extraída depois de se tornarem 'sobra', e por isso devem ser queimados. 'Nada sobrará dele até pela manhã. Se restar alguma coisa, queimá-la-eis no fogo.'[5]

Esse descarte dos restos do cordeiro era uma profecia, no tempo de Moisés, de que o corpo de Cristo seria sepultado no dia em

---

[1] *Páscoa*, 148.
[2] *Páscoa*, VII, p. 154.
[3] Deut. XVI, 5.
[4] *Páscoa*, VII, 155.
[5] Êxod. XII, 10; *Páscoa*, VII, p. 162.

que ele morreu. Já o seguinte profetizava que, enquanto quebraram as pernas dos dois ladrões, não quebraram os membros de Cristo.

"*Mishná*: Todo aquele que quebrar algum osso do cordeiro pascal puro, incorre na pena de quarenta açoites. 'Nem lhe quebrareis osso algum', 'Numa só casa ele será comido, não levareis nada de suas carnes para fora da casa, nem lhe quebrareis osso algum'[1], e por conseguinte devemos dizer que só se for quebrado osso de um cordeiro que tem de ser comido, mas não o de um cordeiro que não tem de ser comido, é que se incorre na pena dos açoites. Eles diferem, porém, a respeito do homem que quebre a cauda do cordeiro, a qual não deve ser comida, mas oferecida em sacrifício sobre o altar.[2]

"O sótão do *Santo dos Santos* era ainda mais santo do que o próprio *Santo dos Santos*, pois enquanto neste último se entrava uma vez a cada ano, naquele se entrava apenas uma vez em sete anos, segundo outros duas vezes em sete anos, e segundo outros ainda uma só vez em cinquenta anos, e mesmo então só para ver se era necessário efetuar algum reparo.[3]

"Sobre o Templo está escrito: 'Então Davi entregou a Salomão, seu filho, uma descrição do pórtico e do templo, e da sala dos tesouros, e do andar superior, e dos aposentos interiores, e da casa do propiciatório, etc... Todas essas coisas, disse ele, vieram-me escritas pela mão do Senhor', etc.[4]

"Quando dois grupos comerem seu sacrifício pascal na mesma casa ou na mesma sala, cada qual com os rostos voltados para uma direção diferente enquanto o comem, e o bule de aquecimento contendo a água que será misturada ao vinho estiver no centro, o copeiro, ou servente, deve manter a boca fechada, ou seja não comer, enquanto serve ao outro grupo vertendo o vinho para eles. Aí então ele deve voltar o rosto para o grupo junto do qual está comendo, e não pode comer enquanto não se juntar ao seu próprio grupo."[5]

Será que é porque os servidores entravam, dessa maneira, entre uma mesa e outra e entornavam o vinho, que os acólitos, o diácono, o subdiácono ou os coroinhas derramam a água e o vinho no cálice durante a Missa? O rito grego e os ritos orientais prescrevem água morna misturada ao vinho na Missa.

---

[1] Êxod. XII, 46.
[2] *Páscoa*, VII, 165, 167, etc.
[3] *Páscoa*, VII, p. 169.
[4] I Paralip. XXVIII, 11-20.
[5] *Páscoa*, VII, p. 170.

"*Mishná*: Se o marido imolasse um sacrifício pascal para a esposa, e o pai dela também imolasse um, ela deve comer o do marido. Se ela foi passar na casa de seu pai o primeiro festival após seu casamento, e o pai dela e o marido dela imolaram cada qual um sacrifício pascal para ela, ela pode comê-lo onde preferir. Se diversos guardiães de um órfão tiverem sacrificado vítimas pascais para ele, o órfão pode ir comê-la na casa que ele preferir.[1]

"*Mishná*: Se um homem disser a seus filhos: 'Imolo a páscoa para aquele de vocês que chegar primeiro em Jerusalém', então o primeiro deles, cuja cabeça e maior parte do corpo aparecer primeiro na porta da cidade, adquire assim direito à sua própria porção, e adquire o mesmo para seus irmãos."

As páginas a seguir explicam e definem as regras relativas aos benefícios ou graças obtidas por aqueles para os quais era imolado o cordeiro. Isto mostra que eles ofereciam sacrifícios por pessoas e por famílias específicas. Temos assim um costume, que remonta aos Apóstolos, de oferecer Missas por pessoas, por famílias ou por intenções particulares.

"*Mishná*: Se alguém que, tendo um problema de fluxo, houver observado esse corrimento duas vezes no mesmo dia, e o sétimo dia depois de cessar essa sua enfermidade cair no décimo-quarto de *nisan*, quando já não está mais manchado de impureza, pode mandar imolar a vítima pascal para si naquele dia. Se, porém, tiver observado o fluxo três vezes em um dia, o sacrifício só poderá ser imolado para essa pessoa caso o oitavo dia, quando ela voltar a ficar pura, cair no décimo-quarto de *nisan*.[2]

"*Mishná*: Para um enlutado que perdeu um parente pelo qual está obrigado a permanecer de luto no décimo-quarto de *nisan*, para uma pessoa que está desenterrando de um amontoado de ruínas desabadas as pessoas ali soterradas, para um prisioneiro que tem garantia de soltura em tempo de comer a páscoa e para as pessoas idosas e doentes, é lícito imolar o sacrifício pascal enquanto forem capazes de dele ingerir uma quantidade, no mínimo, do tamanho de uma azeitona."[3]

O leitor verá aqui a origem do costume de dar a Comunhão para os que não podem vir à igreja.

O que vem a seguir mostra que só Cristo e seus Apóstolos formaram o "grupo" para comer a páscoa. Só podiam sentar-se à mesa os homens, quando isentos de impureza, e sendo todos

---

[1] *Páscoa*, VIII, *Primeira Mishná*, p. 173.
[2] *Páscoa*, VIII, p. 185.
[3] *Páscoa*, VIII, p. 187.

circuncisos, para prefigurar os batizados. Os não batizados são incapazes dos outros sacramentos. Por essas razões, Cristo ordenou somente homens.

"Mas aprendemos em nossa *mishná* que um grupo não deve ser formado de mulheres, escravos ou menores, isto é, de nenhum dos três. E Rabha replicou: 'Não, isso quer dizer que um grupo não deve ser formado dos três juntos.'

"*Mishná*: Um enlutado pode comer da vítima pascal na véspera, depois de tomar seu banho ritual legalmente exigido, mas não deve comer dos outros sacrifícios santos."

Isso mostra que todos os que celebravam a páscoa judaica estavam obrigados a tomar um "banho ritual" semelhante ao dos sacerdotes que entravam em serviço no Templo. O ato de lavar o corpo era um tipo profético do batismo, e Cristo elevou-o à dignidade deste sacramento que apaga todos os pecados e infunde as três virtudes que são: a fé, a esperança e a caridade.

O *Talmude* cita aqui muitas normas e regulamentações relativas à "segunda páscoa", celebrada no décimo-quarto dia do mês seguinte, que observavam todos os que não pudessem celebrar a primeira. Se um judeu não celebrasse nem uma nem outra, tornava-se réu de *caret* ("excomunhão"). Era expulso da sinagoga e excluído de todas as relações com todo o Israel, como diz a Lei de Moisés: "Mas se alguém está puro, e não estava em viagem, e não fez a páscoa, essa alma será expulsa de seu povo."[1] "Quem comer pão fermentado, sua alma perecerá do meio do ajuntamento de Israel, quer seja estrangeiro ou natural da terra."[2]

"As seguintes pessoas estavam obrigadas a observar uma segunda páscoa: homens e mulheres acometidos de corrimento, com feridas abertas, mulheres sofrendo de menstruação e os que com elas tiveram relações sexuais durante esse período, mulheres em repouso (mulheres em trabalho de parto), os que negligenciaram a observância da primeira páscoa, quer por erro ou por compulsão, os que a negligenciaram propositalmente e os que estavam em viagem distante. 'E o Senhor falou a Moisés, dizendo: Dize aos filhos de Israel: O homem que estiver impuro por ocasião de um morto, ou que se achar em jornada distante na sua nação, faça a páscoa do Senhor no segundo mês, no décimo-quarto dia do mês, ao entardecer comê-la-ão, com pães ázimos e alfaces bravas.'[3]

---

[1] Núm. IX, 13.
[2] Êxod. XII, 19.
[3] Núm. IX, 10-11.

"*Caret* é a pena para a não-observância da primeira e também da segunda. Assim, a conclusão é a seguinte: Se um homem preterisse propositalmente a primeira e a segunda páscoas, todos concordam que ele incorre na pena de *caret*. Se ele inadvertidamente preteriu ambas, todos estão de acordo que ele não é réu.

"Mas a pessoa que, tendo sua impureza sobre si, tiver comido da carne do sacrifício pacífico, que pertence ao Senhor, também essa pessoa deve ser expulsa de seu povo. Donde inferimos nós que, se uma pessoa impura comer da carne que só pode ser comida por pessoas puras, incorre na pena de *caret*; se, porém, tiver comido da carne que não era apropriada para uma pessoa pura, isto é, da carne impura, aí então não é ré de *caret*. Podemos dar como certo que se pessoas com problema de fluxo tiverem entrado, nesse estado de impureza, no santuário enquanto se oferecia o sacrifício, incorrem assim na pena de *caret*; com esse fito está escrito: 'Manda aos filhos de Israel que expulsem do acampamento todo leproso, e todo o que padece corrimento, ou que esteja contaminado por cadáveres. Quer seja homem ou mulher, expulsai-os do acampamento, para que o não contaminem,[1] habitando eu convosco'."[2] Esse *caret* ("expulsão", ou excomunhão da igreja judaica) é, em hebraico, *Anathema*, *Maranatha* ("Vai para trás quando vem o Senhor"). Isso Cristo disse a Pedro.[3]

Se uma pessoa não conseguir fazer sua desobriga pascal durante a Semana Santa ou no Domingo de Páscoa, a Igreja estende o período dentro do qual o preceito pascal pode ser satisfeito até ao sábado que precede o Domingo da Trindade, término do Tempo Pascal; se um cristão não fizer sua confissão e Comunhão pascal durante esse período, ele como que se torna um *caret* ("expulso", "excomungado"). A Igreja, ao fazer essa lei, tinha o exemplo e sanção do próprio Deus, que havia estipulado a mesma pena para os hebreus.

"O que se deve considerar uma jornada 'distante'? Segundo o *rabi* Áquiba é para além de *Moodayim*, e para além de todos os lugares em redor de Jerusalém situados na mesma distância. Qualquer distância além do umbral do pátio do Templo deve considerar-se contemplada por essa expressão."[4]

---

[1] Núm. V, 2, 3.

[2] Ver EDERSHEIM, *Temple*, 43; *Jewish Cyclopedia* ["Enciclopédia Judaica"], etc.

[3] Marcos VIII, 33.

[4] *Páscoa*, IX, 194.

"Disse Ula: 'De *Moodayim* até Jerusalém a distância é de vinte e quatro quilômetros.' Qual a distância que um homem consegue viajar em um dia? Dez *parsaot*."

Moodayim, em tradução Modin,[1] era a cidade e o monte onde nasceu Matatias, o pai dos Macabeus.[2] Continha os sepulcros de sua família, que Simão ali construíra[3] erigindo sete pirâmides de pedra polida, respectivamente, para seu pai, sua mãe, ele próprio e seus quatro irmãos. "*Parsaot*" é o plural de *parsá*, "uma medida de seis quilômetros e meio", chamada em hebraico "*milin*".

"Ao comer o primeiro sacrifício pascal deve-se recitar o *Halel*, mas não enquanto se come o segundo, da passagem: 'Entoareis um cântico como na noite da santificada solenidade, e tereis alegria do coração como quando se caminha ao som da flauta para entrar no monte do Senhor até ao Forte de Israel. E o Senhor fará ouvir a glória da sua voz'[4]. Por onde, na noite que introduz um festival deve-se recitar o *Halel*, mas na noite da segunda páscoa, quando não se segue nenhum festival, a recitação do *Halel* não é necessária. Ambas a primeira e a segunda páscoas exigem que o homem que oferece em sacrifício o cordeiro pascal passe a noite em Jerusalém.[5]

"Qual a diferença entre a páscoa tal como celebrada pelos israelitas no Egito, e aquela observada pelas gerações posteriores? A vítima pascal egípcia, havia ordens específicas de que fosse adquirida no 10.º dia de *nisan*, e que seu sangue fosse aspergido com um ramalhete de hissopo sobre a verga da porta e sobre seus dois batentes, e também que fosse comida com pães ázimos na primeira noite da páscoa, às pressas, enquanto que nas gerações posteriores a lei da páscoa se aplica a todos os sete dias do festival. Os votos e os sacrifícios voluntários não devem ser sacrificados em um festival.

"Os que tiverem ouvido o *Kidush* ser pronunciado na sinagoga não têm de recitá-lo em casa, mas só precisam pronunciar a bênção costumeira sobre o vinho. Por que um homem deveria recitar o *Kidush* em casa? Para dar a seus familiares uma oportunidade de ouvi-lo. Por que o *Kidush* deveria ser recitado na sinagoga? Para proporcionar aos convivas, que comem, bebem e dormem nas sinagogas, uma oportunidade de ouvi-lo. Se uma pessoa ouvir a

---

[1] I Macab. XIII, 25.

[2] I Macab. II, 9, 13, 16; II Macab. XIII, 14.

[3] I Macab. XIII, 27-30; SMITH, *Dict.*, vol. 3, verbete "Modin"; JOSEFO, *Antiguid. jud.*, XIII, VI, 6.

[4] Isaías XXX, 29.

[5] *Páscoa*, IX, p. 200.

recitação do *Kidush* numa casa, não deve comer em outra; quanto aos aposentos de uma mesma casa, entretanto, não faz diferença."

O *Kidush* consistia nas orações sinagogais feitas antes de eles se sentarem à mesa pascal. Eram rezadas ou na sinagoga ou em casa. Como o cenáculo era uma sinagoga, Cristo e seus Apóstolos começaram os serviços sinagogais da Quinta-Feira no *Bimá* antes da ceia, como explicaremos mais adiante.

"O *rabi* Huna é do parecer de que o *Kidush* deve ser recitado somente no lugar onde se consome a refeição. Abayi disse: 'Quando eu estava na casa do Mestre, ao mesmo tempo que ele recitava o *Kidush*, ele dizia aos convidados: Comam alguma coisa desta ceia antes de irem para vossas casas, porque se fordes para casa e encontrardes as velas extintas, não podereis recitar o *Kidush* nos vossos lares, e assim não vos desincumbireis do dever a não ser comendo alguma coisa onde foi recitado o *Kidush*.'"

Eles estavam proibidos de comer o cordeiro se não houvesse velas ardendo. Nunca se realizavam quaisquer serviços religiosos em Israel sem velas acesas. Daí derivou a Igreja o costume de acender velas em todas as funções religiosas.

"Não se devem proferir duas bênçãos sobre uma mesma taça. Quando um homem entra em casa ao término do *shabat*, ele pronuncia a bênção sobre o vinho, a luz, o incenso, e então a benção da *Habdalá* (A *Habdalá* era a bênção pronunciada no encerramento dos serviços do *shabat*) sobre uma taça, e se ele não tiver outra de vinho em casa, pode deixar esta taça para depois de terminar de comer sua refeição vespertina, e então recitar a bênção após a refeição sobre a mesma taça de vinho. Rabh menciona todas essas bênçãos, mas omite a da estação, sendo de presumir que quando ele fala do festival ele se refira ao sétimo dia da páscoa, porque nesse dia a bênção da estação não se diz, e nessa data é possível que um homem beba somente uma taça de vinho.

"Quando isso é possível? No primeiro dia de um festival, quando um homem decerto bebe mais vinho; ainda assim, Abyi proferia sobre uma mesma taça a bênção do vinho, o *Kidush* da estação da luz, e a *Habdalá*, e finalmente a da estação, etc.

"Quando chegou o momento da oração *Habdalá*, o criado de Rabha acendeu várias velas e juntou-as em uma única chama. Disse-lhe o *rabi* Jacó: 'Por que acendeste tantas velas?', e Rabha replicou: 'O criado fez isso por sua própria iniciativa.'

"Aprendemos numa *boraitá*: Que aquele que tem o costume de incorporar muitas bênçãos na oração *Habdalá* pode incorporar quantas ele quiser.

“Como se há de observar a ordem da *Habdalá*? Como segue: ‘O Qual fez uma distinção entre o santificado e o ordinário, entre luz e trevas, entre Israel e as outras nações, entre o sétimo dia e os dias de trabalho, entre puro e impuro, entre o mar e a terra seca, entre as águas superiores e as inferiores, entre sacerdotes, levitas e israelitas’, e ele concluía com: ‘Bendito seja Ele, que dispôs a ordem da criação.’”

O que vem a seguir diz respeito às sete bênçãos e orações que se encontrarão mais adiante no *Séder* pascal:[1]

“Não é lícito começar a comer antes das orações. Nenhuma interrupção é permitida durante a cerimônia. Se o *shabat*, que tinha início ao pôr do sol, se introduzisse enquanto eles estavam à mesa pascal, eles paravam de comer e recitavam a *Habdalá* do *shabat*, e, depois de aduzirem leis e costumes, seguem-se as oito coisas seguintes.

“Primeira: Quem tiver incluído a *Habdalá* na sua oração vespertina, ainda assim, deve recitá-la novamente, sobre uma taça. Segunda: A bênção após as refeições deve ser feita sobre a taça de vinho. Terceira: A taça usada na bênção deve ser de um conteúdo prescrito, i.e., de um quarto de um *log* (quartilho), porque do contrário não se poderia dividi-la, empregando parte dela para a *Habdalá*, e a outra parte para a bênção. Quarta: Quem pronuncia a bênção sobre a taça de vinho precisa experimentar um pouco deste. Quinta: Assim que parte do vinho tiver sido provada após uma bênção, a taça de vinho fica imprópria para qualquer outra bênção. Sexta: Mesmo que se coma uma refeição inteira ao término do *shabat*, e que a santificação do dia tenha passado, haverá o dever de recitar a *Habdalá*. Sétima: Dois graus de santificação podem ser outorgados a uma mesma taça de vinho. Última: Toda esta *boraitá* está em conformidade com a escola de Shamai e com a interrupção do *rabi* Judá.”

Citamos essas coisas porque se referem ao quarto cálice de vinho, que cada um dos presentes à mesa deve beber. Foi este o cálice que Cristo abençoou e consagrou em seu Sangue. Segundo as regras que citamos, tem de ser um cálice grande. Quem pronunciava “a bênção sobre o cálice de vinho precisa experimentar um pouco deste”, diz o *Talmude*. Cristo bebeu então do cálice consagrado antes de entregá-Lo a seus Apóstolos, e esta é a razão pela qual o celebrante toma a Comunhão primeiro, antes de distribuí-La aos outros. As bênçãos sobre o cálice deram origem às bênçãos ou

---

[1] No Cap. XII, da presente obra.

cruzes que são traçadas sobre os Elementos depois da consagração. Vêm a seguir muitas regulamentações minuciosas dao ritual.

"Nem o *Kidush* nem qualquer outra bênção se devem fazer com outra coisa que não vinho. Os ensinamentos dos *rabis* relativos às outras bênçãos significam que o cálice, entregue para a bênção após as refeições, deve ser de vinho somente.

"Ao comer os pães ázimos, na noite pascal, é preciso reclinar-se em posição confortável, mas não se exige isso ao comer as ervas amargas. Ao beber o vinho, foi ensinado em nome do *rabi* Na'hman que é preciso assumir uma posição reclinada, e também que isso não é preciso. Todavia, essa contradição aparente não apresenta dificuldade. A declaração citada do *rabi* Na'hman de que é necessária a posição reclinada ao beber vinho refere-se às duas primeiras taças, e a declaração de que não é necessária refere-se às duas últimas taças. As primeiras duas taças simbolizam o começo da liberdade para os judeus anteriormente escravizados, enquanto as últimas duas taças não têm essa significação.[1]

"Recostar-se não é considerado reclinar-se, nem inclinar-se sobre o lado direito é considerado reclinar-se em posição confortável. A mulher que se senta junto com o marido não precisa se reclinar enquanto come, mas, se for uma mulher proeminente, deve fazê-lo. Um filho que se senta junto ao pai deve reclinar-se.

"Cada taça deve conter vinho que, depois de mesclado a um quarto de água, seja vinho bom. Se vinho não mesclado tiver sido bebido, o dever também foi cumprido, não obstante isso. Se todas as quatro taças tiverem sido despejadas numa só e bebidas, o dever também foi cumprido. Se o vinho tiver sido bebido sem mescla, o dever de beber o vinho foi cumprido, mas sua feição simbólica não foi realizada. A taça deve conter a cor e o sabor de vinho tinto. O dever de beber as quatro taças recai igualmente sobre todos.[2]

"É dever de todo homem fazer com que o seu lar, família e filhos se regozijem no festival, como está escrito: 'E te alegrarás nesta tua festa'[3]. Os homens com a coisa de que mais gostam, e as mulheres com o que mais lhes apraz. A coisa de que os homens mais gostam, claro, é vinho. Mas o que é que mais agrada às mulheres? Na Babilônia, vestidos multicoloridos, e na Judeia, roupas de linho prensado. Peixes pequenos devem ser consumidos, como se ensina na *Mishná*:[4]

---

[1] *Talmude* babilônico, 225.
[2] *Talmude* babilônico, X, p. 226.
[3] Deut. XVI, 14.
[4] *Talmude*, X, p. 227.

“Quando a primeira taça é enchida, a bênção referente ao festival deve ser proferida, e então a bênção sobre o vinho tem de ser pronunciada.

“As ervas e os vegetais são trazidos em seguida, as alfaces devem ser então mergulhadas, e partes delas consumidas, e o que sobrar deve ser deixado para depois de consumida a refeição preparada para esta noite; depois os bolos ázimos devem ser postos diante dele, bem como as alfaces, o *harósset* (salsa) e dois tipos de comidas cozidas, embora não seja estritamente obrigatório usar as mesmas. Durante a existência do Templo santo, o sacrifício pascal era posto diante dele. São necessárias duas imersões: uma quando o alface é mergulhado, a outra ao serem molhadas as ervas amargas. O peixe junto com dois ovos podem também servir como os dois tipos de alimento cozido. Um homem não deve pôr as ervas amargas no meio dos bolos ázimos e comê-los desse jeito. Por quê? Porque a manducação dos bolos ázimos é um preceito bíblico, enquanto a manducação de ervas amargas neste dia é somente uma disposição rabínica. Foi dito de Hilel (que viveu no século II antes de Cristo) que ele tomava um pedaço do sacrifício pascal, um bolo ázimo e algumas ervas amargas, e comia-os juntos, como está escrito: ‘Comê-lo-ão com pães ázimos e alfaces bravas.’[1] O rito prescrito deve ser pronunciado sobre os pães ázimos, e um pedaço deles deve ser consumido; então outra bênção deve ser proferida sobre as ervas amargas, e um bocado delas deve ser provado, e finalmente os pães ázimos e as ervas amargas devem ser juntados e comidos ao mesmo tempo, dizendo: ‘Isto é em memória das ações de Hilel quando o Templo existia ainda’.[2]

“Quando alguma coisa é mergulhada na salsa, as mãos devem estar perfeitamente limpas, isto é, devem ter sido previamente lavadas. Por onde, inferimos nós que as alfaces devem ser mergulhadas por inteiro na salsa *harósset*, porque do contrário que necessidade haveria de lavar as mãos, que só assim tocariam na salsa? Se um homem tiver lavado as mãos antes de mergulhar as alfaces pela primeira vez, ainda assim deve lavar as mãos novamente ao mergulhá-las pela segunda vez. Os pães ázimos, as ervas amargas e a *harósset* devem ser distribuídos a cada homem separadamente, mas imediatamente antes de a *Hagadá* ser lida.”

A *Hagadá* é o *Séder* ou liturgia da páscoa judaica. Algumas vezes eles punham à cabeceira do divã uma mesa separada para cada pessoa. Na Última Ceia, porém, havia várias mesas, dispostas

---

[1] Núm. IX, 11.

[2] *Talmude* babilônico, X, p. 237.

em forma de “U”. O pai de família, ou o mestre do grupo, recitava o ritual, os demais segurando em mãos o rolo com a liturgia, e todos recitavam-no junto com ele, assim como os sacerdotes recém-ordenados recitam a liturgia de ordenação junto com o bispo que os ordena. A salsa chamada *harósset* era uma espécie de salada feita de maçãs, castanhas, amêndoas, especiarias, etc., misturadas com vinagre.

“A que fins religiosos serve a *harósset*? Serve como lembrança das macieiras. Serve como lembrança da argamassa que os israelitas foram forçados a fazer no Egito. Por isso, a *harósset* deve ser feita de maneira que tenha sabor ácido, em memória das macieiras, e também seja espessa, em memória da argamassa. As especiarias usadas na preparação da *harósset* eram em recordação da palha usada na preparação da argamassa. Os vendedores de especiarias em Jerusalém ficavam bradando pelas ruas: ‘Venham comprar especiarias para fins religiosos’.

“Uma segunda taça é enchida, e o filho deve então indagar do pai a razão da cerimônia. Onde um grupo, e não uma família, celebrasse a páscoa, o mais jovem à mesa fazia as vezes do filho e formulava a pergunta: ‘Qual a razão destas cerimônias?’

“O *rabon* Gamaliel (o professor de S. Paulo) soía dizer: ‘Todo aquele que não mencionar as três coisas seguintes na páscoa não cumpriu o seu dever. São elas o cordeiro pascal, os bolos ázimos e as ervas amargas. O sacrifício pascal se oferece porque o Senhor passou adiante das casas de nossos ancestrais no Egito, como está escrito: ‘Vós lhes direis: É a vítima da passagem do Senhor, quando ele passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito, ferindo de morte os egípcios e livrando nossas casas.’[1] Os pães não fermentados são consumidos porque nossos ancestrais foram remidos do Egito, como está escrito: ‘O povo tomou, pois, a massa antes que levedasse e, atando-a nas suas capas, pô-la sobre os ombros.’[2] E as ervas amargas são ingeridas porque os egípcios amarguraram a vida de nossos ancestrais no Egito, como está escrito: ‘E tornaram-lhes a vida amarga com trabalhos pesados, que envolviam barro e tijolos, e com todo tipo de serviços, com que eles eram sobrecarregados nos trabalhos do campo.’[3]

“É incumbência, portanto, de toda a gente em todas as idades considerar como se tivesse saído pessoalmente do Egito, conforme está escrito: ‘E contarás a teu filho naquele dia, dizendo: Isto é o que

[1] Êxod. XII, 27.
[2] Êxod. XII, 34.
[3] Êxod. I, 14.

o Senhor fez por mim quando eu saí do Egito.'[1] Sejamos, pois, fiéis ao dever de agradecer, louvar, adorar, glorificar, enaltecer, honrar, bendizer, exaltar e reverenciar a Ele, que fez todos esses milagres por nossos ancestrais e por nós. Pois Ele libertou-nos da servidão para a liberdade; Ele mudou nossa tristeza em alegria, nosso luto em solenidade festiva. Ele nos conduziu da escuridão para a luz, e da escravidão para a redenção. Por isso, digamos em sua presença: *Haleluia*, entoemos a oração do *Halel*."

Haleluja é em hebraico: "louvai a *Ja*" (*Jehová*, "louvai a *Jehová*"). Nas cerimônias litúrgicas da Igreja é: *aleluia*.

"Os pães ázimos e as ervas amargas têm de ser erguidos quando estiverem para ser comidos, mas a carne não precisa ser levantada, e além disso, se a carne fosse erguida, pareceria haver manducação de coisas consagradas fora do Templo."

Esta elevação, chamada nos escritos judaicos de "agitação", era feita da seguinte maneira. Primeiro o pão e depois o vinho eram, cada um por seu turno, erguidos e oferecidos ao Senhor, e então abaixados e "agitados" para o norte, sul, leste e oeste, traçando-se com eles uma cruz. Isso se fazia com todos os sacrifícios no Templo, o que deu origem à cerimônia da elevação e oblação do pão e do vinho, abaixados em seguida traçando-se com eles uma cruz, no Ofertório da Missa. Provavelmente também foi esta a origem da elevação da Hóstia quando é dito: "Eis o Cordeiro de Deus, eis O que tira os pecados do mundo!" antes da distribuição da Comunhão. Não se erguia a "carne", ou o cordeiro pascal, durante a ceia pascal, porque já tinha ocorrido sua elevação e "agitação" durante a sua imolação no Templo, como descreveremos mais adiante.

"O cântico nas Escrituras[2] foi cantado por Moisés junto com todo o Israel, ao subirem para fora do mar. Quem recitava o *Halel*? Os profetas mandaram que em todas as ocasiões em que eles fossem libertados da aflição, deviam recitá-lo, em virtude de sua redenção.

"Todos os louvores proferidos no Livro dos Salmos foram proferidos por Davi, como está escrito: 'Aqui terminaram as orações de Davi, filho de Jessé.'[3] Meu filho Eleazar diz que foi Moisés, juntamente com Israel, quem o disse ao sair do mar, mas seus colegas diferem dele, defendendo que foi Davi quem o disse, mas para mim a opinião do meu filho parece mais razoável, pois como pode ser que os israelitas imolassem os seus cordeiros pascais e pegassem nos seus ramos de palmeira sem que cantassem uma canção de louvor?

---

[1] Êxod. XIII, 8.
[2] Êxod. XV.
[3] Salmo LXXI, 20.

"Todos os cânticos e hinos do Livro dos Salmos, segundo a sentença do *rabi* Eleazar, foram cantados por Davi visando a si próprio. O *rabi* Josué, todavia, diz que ele cantou-os em vista da assembleia como um todo, e os sábios dizem que alguns foram articulados por ele visando a assembleia como um todo, enquanto outros somente a si próprio, a saber: os que ele enunciou no singular visavam a si mesmo, e os exprimidos no plural visavam a comunidade como um todo. Os salmos que contêm os termos *nitzua'ch* e *nigon* significavam o futuro, os que contêm o termo *maskil* foram proclamados por meio de intérprete. Onde o salmo começa: '*Le-Davi Mizmor*', a *Shekiná* repousou sobre Davi, e então ele cantou o salmo; mas quando começa: '*Mizmor Le-Davi*', ele primeiro cantou o salmo, e depois a *Shekiná* repousou sobre ele. Por onde se pode concluir que a *Shekiná* não repousa sobre quem está em estado de ociosidade, ou de tristeza, ou de risadas, ou de cabeça vazia, nem sobre quem dá vazão a palavras vãs, mas somente sobre quem se alegra com o cumprimento de um dever, como está escrito:[1] 'Mas agora trazei-me cá um menestrel (um músico). E, enquanto o menestrel tocava, a *jand* (inspiração) do Senhor desceu sobre ele.'

"Eles disseram: 'Não a nós,[2] Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória'. E o Espírito Santo respondeu:[3] 'Por amor de mim, por amor de mim é que o farei'. 'Josué e Israel disseram isso quando combateram contra os reis dos cananeus.' Israel disse: 'Não a nós', etc., e o Espírito Santo disse: 'Por amor de mim', etc. Débora e Barac disseram isso quando Sísara moveu guerra contra eles. Eles disseram: 'Não a nós', etc., e o Espírito Santo respondeu: 'Por amor de mim', etc. O rei Ezequias e seus companheiros disseram isso quando Senaqueribe moveu guerra contra eles. Eles disseram: 'Não a nós', etc., e o Espírito Santo respondeu: 'Por amor de mim', etc. Ananias, Misael e Azarias disseram isso quando Nabucodonosor estava prestes a jogá-los na fornalha ardente. Eles disseram: 'Não a nós', etc., e o Espírito Santo respondeu: 'Por amor de mim', etc. Mardoqueu e Ester disseram isso quando o perverso Amã ergueu-se contra eles. Eles disseram: 'Não a nós', etc., e o Espírito Santo respondeu: 'Por amor de mim', etc."[4]

Nós fizemos essa citação do *Talmude* para mostrar que eles tinham uma certa noção do Espírito Santo. Essas palavras, juntamente com outras que ocorrem centenas de vezes no Antigo

---

[1] [IV Reis, XIII, 15.]
[2] Salmo CXIII, 1.
[3] Isaías, XLVIII, 11.
[4] *Talmude* babilônico, X, pp. 744 a 246.

Testamento e nos escritos judeus, mostram-nos que eles tinham uma vaga noção das Três Pessoas da Trindade.

"Até onde se deve recitar o *Halel*? Segundo a *beit Shamai*, até: 'A mãe alegre de seus filhos'[1]; segundo a *beit Hilel*, até: 'Que converte a rocha em um lago de águas'[2]; segundo outros, até: 'Quando Israel saiu do Egito'[3]."

A *beit Shamai* ("casa de Shamai") e a *beit Hilel* ("casa de Hilel") eram duas escolas de pensamento, fundadas por esses famosos líderes de Israel que viveram no século II antes de Cristo. *Hilel* em hebraico significa "rico em louvores", e *Shamai* é "desolado".

"Na leitura do *Shemá*" (citaremos a oração mais adiante) "e do *Halel*, a redenção de Israel deve ser referida no tempo pretérito, a saber: 'Que redimiste', etc.; já na oração que abarca as dezoito bênçãos, porém, importa referi-la no tempo futuro: 'Que redimirá', etc., deve apontar para o futuro, não para o passado. Na prece pela redenção, a sentença: 'Ele faz brotar o fundamento do socorro' deve ser proferida, e a bênção, pronunciada, depois da recitação da *Haftará* (os Profetas), que deve concluir-se depois da bênção pela redenção com o 'Escudo de Davi'.

"Uma terceira taça é enchida então, e se pronuncia a bênção após as refeições. Depois de encher a quarta taça, sobre ela deve-se concluir o *Halel* e devem recitar-se as bênçãos das canções de louvor. Uma pessoa pode beber o quanto quiser entre a segunda e a terceira taças, mas não entre a terceira e a quarta. Com a quarta taça o *Halel* se conclui, e o grande *Halel* deve ser recitado também depois disso.

"Se é necessário recitar o grande *Halel*, por que o pequeno *Halel* precisa ser recitado na ceia pascal? Porque o pequeno *Halel* contém as cinco coisas seguintes: o êxodo do Egito, a divisão do Mar Vermelho, a entrega da Lei aos israelitas, a ressurreição dos mortos e os sofrimentos do Messias. O pequeno *Halel* é recitado por mais uma razão, a saber, porque contém orações para que as almas dos justos sejam transportadas da *Geena* (o purgatório, não o inferno dos condenados) para o céu, como está escrito: 'Ó Senhor, livrai a minha alma'[4].

"Depois que a refeição e as bebidas tiverem sido consumidas, o Senhor entregará o cálice, que foi usado para a bênção após as refeições, a Abraão, e Abraão dirá: 'Eu não sou digno, pois de mim

[1] Salmo CXII, 9.
[2] Salmo CXII, 5.
[3] Salmo CXIV, 1.
[4] Salmo CXIV, 4.

saiu Ismael ("Deus ouve")'; Isaac ("riso") será então chamado a pronunciar a bênção, mas ele se recusará, por dele ter saído Esaú ("hirsuto, peludo"); a Jacó ("o suplantador") será oferecido então o cálice, mas ele o recusará, por se ter casado com duas irmãs, o que mais tarde foi proibido pela lei. Moisés ("eliciador") será então requisitado a dizer a bênção, mas ele se recusará, em virtude de não ter sido destinado a entrar na Terra Prometida nem antes nem depois de sua morte; a Josué (em grego: Jesus, "*Jehová* salvará") se pedirá então que aceite o cálice, e também ele o recusará, dizendo: 'Eu não sou digno, porque morri sem filhos'. Finalmente, a Davi ("amado") será oferecido o cálice, e ele o aceitará, dizendo: 'Sou digno, sim, e recitarei a bênção', como está escrito:[1] 'Eu tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor'."

O *Talmude* diz: "A taça da salvação eu erguerei." O Davi citado aqui não é o rei Davi que seduziu a esposa de Urias, matou o marido dela, homem de sangue e de batalhas a vida toda, ao qual Deus não permitiu edificar o Templo, honra esta que estava reservada a seu filho Salomão. O Davi inocente segundo o coração de Deus mesmo era o Messias, que na páscoa ou Última Ceia tomou em suas santas e veneráveis mãos o seu quarto cálice com essas palavras, e o consagrou em seu próprio Sangue.[2]

"É ilícito concluir a manducação da vítima pascal com uma sobremesa. O cordeiro pascal depois da hora da meia-noite torna impuras as mãos. Os sacrifícios que são rejeitados, ou que se conservaram além do tempo prescrito, também deixam impuras as mãos."

(Ver o volume *Pesahím*, "páscoa", do *Talmude* babilônico, que depois se encerra com umas poucas explicações sem importância.)

O tratado *Yoma* ("dia da expiação") traz como Apêndice a seguinte carta escrita por Marco Ambíbulo, terceiro cônsul romano da Síria, cuja administração estava sediada na Cesareia. O quarto cônsul da Judeia foi Ânio, o quinto foi Galério Grato e o sexto foi Pôncio Pilatos, nomeado no ano 25 a.C., tendo sido o primeiro ato importante de sua administração transferir sua sede, de Cesareia para Jerusalém.[3] As cenas descritas a seguir, portanto, aconteceram perto do tempo em que Cristo nasceu:

"RELAÇÃO ESCRITA ENVIADA POR MARCO,
CÔNSUL DE JERUSALÉM, A ROMA."

---

[1] Salmo CXV, 13.
[2] *Talmude* babilônico, X, p. 256.
[3] Ver JOSEFO, *Antiguid. jud.*, XIV, XI; *Guerr. jud.*, I, X, etc.

(Apêndice ao tratado *Yoma*, “dia da expiação”.)

“Quanto ao culto praticado no Templo, esses judeus estavam relutantes em me informar a seu respeito, por declararem que vai contra a lei deles informar um gentio sobre a maneira como servem a Deus. Eles me esclareceram acerca de dois assuntos apenas, que em parte vi com meus próprios olhos, e me alegrei muito com o que vi. Um foi o sacrifício, que eles trouxeram na festa que chamam de páscoa; e o segundo é a entrada do sumo sacerdote, o que nós chamamos de *sacerdos major*, no Templo no dia que é para eles, quanto à santidade, pureza e fortalecimento da alma, o mais importante de todos os dias do ano.

“O sacrifício pascal que parcialmente presenciei, como também me foi descrito, a sua cerimônia toda acontece da seguinte maneira. Ao chegar o começo do mês que eles chamam *nisan*, por ordem do rei e dos juízes, céleres mensageiros visitaram a todos, nas imediações de Jerusalém, que possuíam rebanhos de ovelhas e manadas de gado, e os mandaram apressar-se em ir com eles para Jerusalém, a fim de que os peregrinos tivessem animais suficientes para os sacrifícios e como alimento; porque o povo era então numerosíssimo, e todo aquele que não se apresentasse no tempo designado tinha suas posses confiscadas em benefício do Templo. Consequentemente, todos os donos de rebanhos e de manadas vieram às pressas, e os conduziram a um riacho perto de Jerusalém, onde os lavaram e limparam de toda sujeira. Acreditam eles que foi tendo isso em vista que Salomão disse: ‘Como rebanhos de ovelhas que estão tosquiadas, que vem subindo do lavatório, todas com gêmeos.’[1]

“Quando eles chegaram às montanhas que circundam Jerusalém, a multidão era tão grande que já não se via mais o gramado, dado que tudo se embranquecera em razão da cor branca da lã. Quando chegou o dia décimo — já que no décimo-quarto dia do mês se trazia o sacrifício —, todos saíram para comprar o seu cordeiro pascal. E os judeus emitiram um decreto dispondo que ao sair com essa missão ninguém podia dizer ao seu próximo: ‘Abre alas’, ou então: ‘Deixa-me passar’, mesmo que quem viesse atrás fosse o rei Salomão ou Davi. Quando observei aos sacerdotes que isso não era apropriado nem polido, responderam eles que isso fora assim disposto para mostrar que, perante os olhos de Deus, mesmo na hora dos preparativos para servir a Ele e, mais especialmente,

[1] Cânt. dos Cânt., IV, 2.

durante o serviço de culto mesmo, nessa hora todos eram iguais no recebimento de Sua bondade.

"Quando chegou o décimo-quarto dia do mês, eles todos foram para a torre mais alta do Templo, que os hebreus chamam *Lul*, cuja escadaria foi feita como as das torres dos templos nossos, e seguraram em mãos três trombetas de prata, que eles tocaram. Depois de tocarem, eles proclamaram o seguinte:

"'Povo de Deus, escutai: Chegou a hora de sacrificar o cordeiro pascal, em nome d'Aquele que repousa na grande e santa morada.'

"Ao ouvir a proclamação, o povo vestiu seus trajes festivos solenes, porque a partir do meio-dia era um dia santo de festa para os judeus, sendo o tempo de sacrificar.

"Na entrada do grande edifício, do lado de fora, estavam a postos doze levitas com bordões de prata nas mãos, e no interior doze levitas com bordões de ouro nas mãos. As obrigações dos de fora consistiam em dirigir e admoestar o povo que entrava, para que com sua pressa enorme não machucassem uns aos outros nem empurrassem a fim de passar à frente em meio à multidão, para evitar brigas; porque aconteceu, numa das festas da páscoa anteriores, que um homem idoso trazendo sua vítima sacrifical foi esmagado por consequência da grande correria. Os do lado de dentro tinham de manter a ordem entre o povo que saía, para que não esmagassem uns aos outros. Deviam também fechar as portas do pátio quando vissem que sua capacidade tinha sido preenchida.

"Ao chegarem ao lugar do abate, fileiras de sacerdotes estavam de pé com cálices de ouro e de prata nas mãos: uma fileira tinha todos os cálices de ouro, a outra fileira tinha os cálices de prata. Isso era feito para exibir a glória e o esplendor do lugar. Cada sacerdote que estava em pé à testa da fileira recebia um cálice cheio do sangue da aspersão. Ele passava-o para seu vizinho, e este para o seu, até chegar ao altar. E o sacerdote que estava ao lado do altar devolvia o cálice vazio, que retornava de igual maneira, de modo que todo sacerdote recebia um cálice cheio e devolvia um vazio.

"E não ocorreu nenhum tipo de embaraço, visto estarem eles tão acostumados com o serviço que os copos pareciam voar de um lado para o outro como flechas nas mãos de um herói. Durante os trinta dias antecedentes eles treinaram aquele serviço, e descobriram assim onde é que havia possibilidade de ocorrer erro ou acidente. Havia também duas altas colunas, nas quais havia dois sacerdotes de pé com trombetas de prata nas mãos, os quais tocavam quando cada divisão dava início ao sacrifício, para alertar aos sacerdotes que, estando de pé no seu cume, dessem início ao

Halel, em meio a exultações de júbilo e ações de graças, e acompanhados por todos os instrumentos musicais deles. O sacrificador também rezava o *Halel*. Se o sacrifício não tivesse terminado, repetia-se o *Halel*.

"Depois dos sacrifícios, eles entravam nos saguões, onde as colunas estavam cheias de ganchos e de forcados de ferro: ali eram pendurados e esfolados os sacrifícios. Havia também grande número de fardos e de varas, pois quando não havia mais nenhum gancho vazio eles punham uma vara sobre os ombros de dois dos seus, penduravam nela o sacrifício, esfolavam-no e saíam jubilosos, como quem foi para a guerra e voltou vitorioso.

"Aquele que não tivesse trazido o cordeiro pascal no tempo designado ficava eternamente desgraçado. Durante as funções, os sacerdotes usavam vestes escarlate, para que não fosse notado o sangue que acidentalmente espirrasse neles. O traje era curto, descendo só até o tornozelo. Os sacerdotes ficavam em pé descalços, e as mangas só chegavam até os braços, para que eles não fossem incomodados durante o serviço. Sobre a cabeça eles traziam uma mitra, ao redor da qual era amarrada uma fita que tinha três varas de comprimento, mas o sumo sacerdote, segundo me contaram eles, tinha uma fita que ele podia amarrar em torno da mitra quarenta vezes. A dele era branca.

"Os fornos, nos quais assavam os cordeiros pascais, ficavam diante das portas deles, a fim de, segundo me contaram eles, dar publicidade às suas cerimônias religiosas, bem como em razão das alegrias do festival. Depois de assar, eles comiam-nos em meio a exultações de júbilo, canções e ações de graças, de sorte que se ouvia de muito longe o seu vozerio. Nenhuma porta de Jerusalém era fechada durante a noite da páscoa, por causa dos que iam e vinham constantemente, que eram em número considerável. Contaram-me também os judeus que o número dos presentes na festa da páscoa foi o dobro dos que saíram do Egito, porque eles quiseram dar notícia do número ao rei.

"A segunda função era a entrada do sumo sacerdote no santuário. Sobre o serviço mesmo, eles não me falaram, mas, sim, da procissão de ida e de saída do Templo. Algo disso eu vi também com os meus próprios olhos, e me surpreendeu enormemente, a ponto de eu exclamar: 'Bendito seja Aquele que comunica a Sua glória à Sua nação.'

"Sete dias antes daquele dia, que eles chamam dia da expiação e que é o mais importante do ano todo, eles preparam um lugar na casa do sumo sacerdote, e cadeiras para o presidente dos tribunais,

o *nassi* (em hebraico, “o príncipe”), para o sumo sacerdote ou seu substituto (o *segan*), e para o rei, e além dessas também setenta cadeiras de prata, para os setenta membros do sinédrio. O decano dos sacerdotes levantou-se e proferiu um discurso cheio de fervorosa súplica, em presença do sumo sacerdote. Disse ele:

“‘Considera bem diante de quem tu entras, e sabe que se perderes a devoção de tua mente, de imediato cairás morto, e o perdão dos israelitas será baldado. Eis que os olhos de todos os israelitas estão voltados para ti. Investiga tuas obras, acaso cometeste algum leve pecado. Porque há pecados cujo peso iguala ao de muitas boas obras, e somente Deus Todo-Poderoso conhece seu peso. Investiga também as obras dos sacerdotes, teus irmãos de ofício, e faz com que se arrependam. Cale fundo em ti que estás para aparecer diante do Rei de todos os reis, que se assenta sobre o trono do juízo, que enxerga tudo. Como ousas aparecer quando tens o inimigo dentro de ti?’

“O sumo sacerdote dá então como resposta: que já se investigou a si mesmo e se arrependeu de tudo o que lhe parecera pecaminoso, que também já reuniu todos os sacerdotes, seus irmãos de ofício no Templo, e os conjurou, por Aquele cujo nome repousa ali, a que cada um confessasse as transgressões de seus irmãos de ofício assim como as suas próprias, e que ele já prescreveu a cada transgressão uma penitência correspondente. O rei lhe falou também com amabilidade, e prometeu cobri-lo de honrarias, assim que ele saísse são e salvo do santuário. Depois disso, foi publicamente proclamado que o sumo sacerdote estava em vias de tomar posse de seu aposento no Templo.

“Após o que, aprestou-se o povo em acompanhá-lo, desfilando à sua frente na seguinte ordem, que testemunhei pessoalmente. Primeiro foram os cuja ascendência remontava até aos reis de Israel, em seguida os que estavam mais próximos no sacerdócio, depois seguiram os que eram da casa real de Davi, aliás na mais perfeita ordem, um após o outro, e diante deles se exclamava: ‘Honrai à família de Davi.’ Seguiram-se então os levitas, diante dos quais se exclamava: ‘Honrai à família de Levi.’ Eram em número de 36.000. Nesta ocasião, os levitas substitutos trajaram vestes de seda violeta, mas os sacerdotes, em número de 24.000, se revestiram de vestes de seda branca.

“Vieram a seguir os cantores, os músicos, os tocadores de trombeta, depois os fechadores de portas, os preparadores de incenso, os preparadores dos santos véus, os vigias, os guardiães do tesouro, e depois um bando, que era chamado “dos cartofilácios”,

depois todos os que estavam empregados no Templo, depois os setenta membros do sinédrio, depois uma centena de sacerdotes com bastões de prata nas mãos para abrir caminho, depois o sumo sacerdote e, atrás dele, os sacerdotes mais antigos, em pares.

"Na esquina de cada rua estavam os diretores dos colégios, que lhe falaram assim: 'Sumo sacerdote, entra em paz. Roga ao nosso Criador por nossa preservação, para que possamos nos ocupar do estudo da sua Lei.'

"Quando a procissão chegou ao monte do Templo, fizeram uma parada e rezaram pela preservação dos membros da casa de Davi, depois pelos sacerdotes e pelo Templo, em vista do que, a exclamação do 'Amém' foi tão alta, por causa da grande multidão, que as aves que ali sobrevoavam se precipitaram ao chão.

"Depois disso o sumo sacerdote inclinou-se perante todo o povo muito respeitosamente e, aos prantos, separou-se de todos eles, e dois sacerdotes substitutos conduziram-no ao seu aposento, onde ele se despediu de todos os sacerdotes, seus irmãos no ministério.

"Tudo isso aconteceu durante a procissão até o Templo. Todavia, na procissão que saiu do Templo (após a cerimônia toda ter acabado, sete dias depois), ele foi duplamente honrado, porque a população inteira de Jerusalém desfilou à frente dele, e a maioria com velas ardentes de cera branca, e todos vestidos de branco. Todas as janelas estavam enfeitadas com lenços multicolores e iluminadas de modo deslumbrante, e, segundo me contaram os sacerdotes, durante muitos anos o sumo sacerdote, por causa das grandes multidões e correria, não conseguiu chegar à casa dele antes da meia-noite, porque embora todos eles jejuassem, contudo não iam para casa antes de se persuadirem de que podiam beijar a mão dele.

"No dia seguinte, ele preparou um grande banquete, para o qual convidou seus amigos e parentes, e fez desse dia um feriado, por ocasião de seu retorno, são e salvo, do santuário. Depois disso, ele mandou um ourives fazer uma tabuleta de ouro gravada com a seguinte inscrição: 'Eu, fulano de tal, sumo sacerdote, filho de sicrano e beltrana, e no grande e santo Templo a serviço d'Aquele que ali faz repousar o seu nome, no ano da criação assim e assado. Que Aquele que me agraciou com o exercício daquela função favoreça também o meu filho depois de mim, a desempenhar a função diante do Senhor.'"

VI.— A FESTA DOS ÁZIMOS NA PÁSCOA JUDAICA.

A páscoa e a festa dos ázimos mesclaram-se uma à outra, entrelaçaram-se para prenunciar que a Crucificação e a Última Ceia — a Paixão de Cristo e a Missa haviam de ser não dois, mas um só e o mesmo idêntico Sacrifício.[1] No primeiro dia da festa eles celebravam a ceia pascal, e a festa dos ázimos durava uma semana, da tarde da décima-quarta lua à tarde da vigésima-primeira. O último dia era a oitava da páscoa e encerrava a série de festejos com um grande banquete. Isso deu origem às oitavas de nossas festas da Igreja.

A semana inteira era chamada de páscoa. Toda noite eles celebravam um festim chamado *hagigá*. Foi por essa razão que eles não quiseram entrar no pretório de Pilatos: "para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa."[2]

Os judeus, divididos em grupos de não menos de dez nem mais de vinte homens, celebravam esses festins durante essa semana; toda tarde eles encerravam o dia com um grande banquete, o mais célebre sendo o realizado no cenáculo ("o salão de banquetes"). Eles chamavam esses banquetes de *mishteh*, ou *shatah* ("beber"), porque o vinho era a bebida principal. Em tempos mais antigos, chamava-se "*yayin*" ("vinho" ou "suco da uva")[3].

Os festins dessa semana celebraram-se a partir da época de Moisés. Jesus filho de Sirac, no seu conselho a um governante, escrevendo mais de duzentos anos antes de Cristo, menciona "a coroa" que usava à mesa o ancião que presidia o banquete, "o concerto de música em banquete regado a vinho", "o anel de ouro com sinete usado no dedo", "a melodia da música e o vinho bebido moderadamente", "na companhia de grandes homens", "quando os anciãos estão presentes".[4] Vejamos agora esses banquetes, pois os detalhes revelam-nos como foi celebrada a Última Ceia.

---

[1] Ver Lucas XXII, 1; Marcos XIV, 12.

[2] João XVIII, 28; Levít. XXIII, 5-6.

[3] Cânt. dos Cânt. II, 4; Eclo. XXXII, etc.

[4] Eclo. XXXII, etc.

Em memória da libertação de seus pais da escravidão egípcia na páscoa, eles costumavam pedir a libertação de um prisioneiro condenado à morte.[1] O *Talmude* alude a esse antigo costume, que prevaleceu até mesmo entre os romanos.[2] A história do Evangelho entesourou para sempre, nos corações humanos, o incidente quando os judeus pediram a Pilatos que libertasse para eles um criminoso em lugar do Senhor, naquela fatídica Sexta-Feira da Crucificação, no segundo dia de páscoa judaica. Muitos manuscritos antigos do Evangelho,[3] respaldados pela versão armênia citada por Orígenes,[4] defendidos por Tischendorf na sua segunda edição mas rejeitados mais tarde, afirmam que o nome desse latrocida era Jesus Barrabás. Daí ter sido esta a pergunta feita por Pilatos: “Quem quereis que eu vos solte, Jesus Barrabás ou Jesus que é chamado Cristo?”

A páscoa, celebrada na primeira noite, e a festa dos ázimos, celebrada em todas as noites seguintes durante aquela semana,[5] eram emblemáticas da Igreja, o reino do Messias, e da Eucaristia.[6] No tempo de Cristo, os *rabis* prometiam aos seus seguidores que eles passariam toda a eternidade comendo à “mesa do Senhor”, assim eles entendiam as profecias da Eucaristia.

Durante as noites dessa semana, as sinagogas e as casas onde se celebravam os banquetes eram iluminadas com lâmpadas de terracota e com tochas; e punham-se velas de cera de abelha sobre a mesa. Os átrios do Templo eram iluminados brilhantemente, o castiçal de sete ramos, que ficava apagado durante as outras noites, ardia a noite toda no *Santo*, e as portas do Templo eram deixadas abertas.

Naquela época, as ruas não tinham lâmpadas, e fora das casas havia trevas exteriores e ranger de dentes, imagem do inferno, para os que estavam sob *caret* (“excluídos”) — por causa de pecado ou de impureza ritual.[7]

No segundo entardecer acontecia a cerimônia do *Omer*, o feixe de cevada que prenunciava a prisão de Cristo.[8] Na Palestina, na Arábia, na Califórnia e em regiões desérticas, os grãos são semeados

---

[1] Mateus XXVII, 15; Lucas XXIII, 17; João XVIII, 39.

[2] LÍVIO, V, 13; *Pesahím*, VIII, 6.

[3] Mateus XXVII, 17.

[4] *Comentário a Mateus*, V, 35.

[5] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 190, 204, e II, 434, etc.

[6] Lucas VII, 32-39; XIII, 25, 26-29.

[7] Prov. IX, 2; Amós VI, 4; Isaías V, 12; Mateus XXVI, 20, 26; Lucas VII, 46-49; João XII, 2.

[8] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 201; EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 205-210, etc.

no outono, crescem durante as chuvas de inverno e são respigados na primavera. Por isso, Deus mandou-os oferecer como sacrifício os feixes de cevada, o *Omer*, no Templo, antes de começarem a colheita. O *Omer* eram as "primícias" da colheita.

"E o Senhor falou a Moisés, dizendo... Quando tiverdes entrado na terra que vos darei e fizerdes a ceifa dos vossos cereais, trareis feixes de espigas, as primícias de vossa colheita para os sacerdotes."[1] Ao longo da história deles desde Moisés, fizeram-se adições a essa cerimônia anual da páscoa, de sorte que no tempo de Cristo ela havia se tornado um rito elaborado,[2] pois prefigurava Jesus Cristo, primícias da humanidade, oferecido em sacrifício ao seu Pai Eterno.

No "dia seguinte ao *shabat*",[3] o dia da Crucificação, todos os sacerdotes do Templo estavam tão envolvidos naquela cerimônia que não se opuseram ao pedido feito por José a Pilatos, de que lhe cedesse o corpo morto de Jesus pendurado na cruz.

Josefo[4] e outros autores judeus mostram que o rito efetuava-se depois do pôr do sol na noite do décimo-quinto de *nisan*, o dia em que Cristo morreu. No entardecer do décimo-quarto, o dia em que Cristo foi preso, delegados do Templo desceram ao vale do Cedron, logo ao norte do Getsêmani, até o local exato onde Cristo foi preso, transportando dinheiro do tesouro do Templo, o *corban*, assim como eles tiraram do mesmo *corban* o dinheiro que deram a Judas. Ao dono do campo eles entregaram as trinta moedas de prata pela cevada estirada, que enfeixaram ainda estirada no exato lugar onde ataram as mãos de Jesus.

O tempo de cortar o feixe era o dia seguinte, o décimo-quinto dia de *abib*, enquanto o corpo de Jesus pendia morto. Mesmo que o dia caísse num *shabat*, realizava-se a cerimônia. Enquanto o sol poente minguava, guardas do Templo e levitas formando um ruidoso bando liderado pelos sacerdotes e os fariseus — os homens mesmos que, no dia anterior, haviam prendido o Senhor —, saíram pela porta das ovelhas, descendo o vale do Cedron bem a leste das muralhas do Templo. A arraia-miúda da cidade e os vadios seguiam-nos todo ano, assim como fizeram naquela fatídica noite da prisão de Cristo.

Só depois do pôr do sol eles podiam cortar a cevada, porque foi à noite que prenderam o Salvador. Não trigo, mas cevada eles podiam cortar, porque o grão inferior prefigurava o Senhor naquela

---

[1] Levít. XXIII, 10.
[2] Levít. XXIII, 14.
[3] Levít. XXIII, 11.
[4] *Antiguid. jud.*, III, 10, 5, 6; FÍLON, *Op.* II, 294.

noite, carregado com os pecados da humanidade na sua Paixão. Eles se reuniam em torno do feixe atado estirado, assim como cercaram Cristo. Nenhum salmo era cantado, nenhuma oração recitada enquanto aguardavam o ocaso do sol poente, porque este prenunciava aquela aliança com o inferno que eles fizeram com Judas,[1] para a traição do Mestre naquele mesmíssimo lugar.

Três vezes o líder perguntava aos circunstantes: "O sol já se pôs?" Três vezes respondiam eles: "Sim, já se pôs". Três vezes ele repetia: "Devo segar com esta foice?", ao que respondiam eles três vezes que sim. Três vezes diz ele: "Para dentro deste cesto?", e a cada uma eles respondem que sim. Novamente, três vezes ele pergunta: "Neste *shabat*?", ou então: "Neste dia da páscoa?", e a cada pergunta berram eles: "Sim!" Por último, ele indaga: "Devo segar?", e eles exclamam: "Sim!"

Então eles cortavam os feixes atados de cevada estirada, o bastante para encher um *efá*, três *seah*, dez *omer* e quase meio alqueire. Cruzando a ponte que se estende sobre o Cedron, sobre a qual conduziam ordinariamente todos os animais para o sacrifício e através da qual levaram Cristo atado na noite em que O prenderam, eles traziam os feixes de cevada atados, que entregavam aos sacerdotes no Templo, assim como entregaram Cristo aos sacerdotes naquele noite histórica.

Os sacerdotes estendiam as mãos sobre a cevada fazendo orações, impondo seus pecados sobre ela assim como faziam sobre as vítimas sacrificais, em seguida ofereciam-na ao Senhor mediante "agitação". Quer isto dizer que erguiam-na ao céu e moviam-na em direção dos quatro pontos cardeais, traçando uma cruz, porque ela prefigurava a Vítima da cruz, que carregou sobre si os pecados da humanidade.

Os servidores do Templo socam os grãos com bastões assim como o Senhor foi flagelado, até separarem do joio os grãos, assim como o Salvador foi despojado de suas vestes.

Num tacho perfurado com muitos buracos, eles tostam os grãos, assim como o Redentor foi preenchido pelo fogo do Espírito Santo. Eles trituram os grãos, porque o corpo de Cristo foi quebrantado, eles passam a farinha por treze peneiras, uma mais fina do que a outra, e um dos *cizbarim* ("tesoureiros") ficava mergulhando suas mãos durante a peneiração enquanto houvesse alguma farinha que aderisse a elas.[2] Dos dez *omers* só restava agora um, pouco mais de dois quartos de fina farinha de cevada.

---

[1] Isaías XXVIII, 18.
[2] *Men.*, VI, 6, 7.

Isso eles misturam com cerca de meio litro de azeite de oliva e com uma mancheia de incenso, prenunciando o Messias, ungido pelo Espírito Santo, rezando pelo gênero humano durante sua vida e Paixão, e o seu corpo preparado para o túmulo com incenso; um punhado da farinha assim preparada eles queimavam sobre o grande altar dos holocaustos, para mostrar que o *Omer* estava unido a todas as vítimas ali sacrificadas.

Esse cerimonial anual de seus ancestrais, eles chamavam de "apresentação do primeiro feixe de agitação". Não se podia começar a colheita antes dessa cerimônia. A partir dela, eles calculavam todas as suas festas móveis e jejuns, assim como hoje na Igreja nós calculamos as festas móveis a partir da Páscoa cristã. Os judeus do presente seguem ainda essa prática. O Livro de Orações judaico conta cada dia desde o *Omer* até Pentecostes. Mas desde a destruição de Jerusalém que eles não realizam a cerimônia da apresentação do *Omer*.[1]

"No mesmo dia em que o feixe for consagrado, um cordeiro sem defeito será imolado em holocausto ao Senhor, e junto com ele serão ofertadas as libações, dois décimos de farinha amassada com azeite, em oferenda queimada, de odor suavíssimo, para o Senhor; e também libações de vinho, a quarta parte de um *hin* (sextário)."[2] Assim o *Omer* prenunciador da morte de Cristo, o cordeiro sacrificado, o pão e o vinho da Última Ceia eram ofertados, e faziam o elo de união entre o tabernáculo, o Templo, a Crucificação, a páscoa hebraica e a Missa.

Os últimos dias da festa dos ázimos eram chamados *Mo'ed Katan* ("festividades menores"), e o *Talmude* fixa muitas regulamentações a seu respeito.[3] No tempo de Cristo eram chamados também de *hagigá* ("festival"), do hebraico *hag* ("bailar"), por causa das cerimônias; não percebendo a sacralidade da festa, por vezes mocinhas dançarinas se exibiam diante dos comensais, como fez Herodíades perante Herodes e seus convidados, quando ela pediu a cabeça de João Batista.[4]

Muitos textos das Escrituras mencionam esses banquetes, com ocasião dos quais eles deviam soar a trombeta;[5] os víveres deviam ser comprados com o dinheiro recebido da venda das dízimas;[6]

---

[1] Ver ZANOLINI, *De Festis, Judæorum*, c. 4; Livro de Orações Judaicas, etc.
[2] Levít. XXIII, 12, 13.
[3] *Talmude*, *Mishná*, tratado *Mo'ed Katan*.
[4] Mateus XIV, 8. Ver MIGNE, III, 850-855; XXIII, 1024, 928, etc.
[5] Núm. X, 10.
[6] Deut. XIV, 25, 26.

deviam ser consumidos diante da *Shekiná*, que habitava no Templo.[1] A palavra traduzida no texto como "Senhor" é *Shekiná* no original hebraico.

Sob o reinado do piedoso rei Ezequias, os levitas se banquetearam durante os sete dias da páscoa;[2] "imolando as vítimas dos sacrifícios pacíficos e louvando ao Senhor, o Deus de seus pais", com os sacrifícios mencionados na lei.[3] *Ônquelos*, aqui, entende o cordeiro pascal.[4] O bom Ezequias e seus príncipes proveram ao povo, nessa grande páscoa, 2.000 novilhos, 17.000 ovelhas. Noutra páscoa, Josias doou, além do cordeiro "para os sacrifícios pascais, 3.000 bois", prenunciando os governantes, os príncipes e as famílias ricas que dão amparo à Igreja, nos tempos cristãos.

Essas passagens revelam-nos que *hagigá*, ou últimas dias da páscoa, celebravam-se com grande e santa solenidade. Se o décimo-quinto dia caísse no *shabat*, o cordeiro podia ser sacrificado, mas não as outras vítimas, porque eram imoladas no dia anterior, para não violar o descanso solene do *shabat*.[5]

Essas vítimas para *hagigá* podiam ser assadas ou cozidas.[6] O cordeiro, prefigurando Cristo crucificado, era assado sempre, e a Lei proibia que fosse cozido em água.[7] "E eles assaram a páscoa ao fogo, conforme o que está escrito na lei, mas as hóstias dos sacrifícios pacíficos eles cozeram em caldeirões, em caldeiras e em panelas, e distribuíram-nas celeremente entre todo o povo."[8]

Os dias restantes da semana da páscoa judaica eles celebravam como dias solenes de festa e banquete. Todo dia eles imolavam sacrifícios especiais.[9] Depois de oferecidos os sacrifícios matutinos no Templo,[10] os indivíduos particulares, os pais de família ou os chefes de tribo traziam vítimas, macho ou fêmea, sem defeito nem mancha, e punham as mãos sobre a cabeça delas, carregando-as com os pecados deles e com os pecados da família ou tribo. Então o oferente imolava a vítima e entregava aos sacerdotes o sangue, para ser esparramado sobre o altar. Esses sacrifícios privados podiam ser imolados a qualquer dia no Templo por devoções particulares,

---

[1] Deut. XIV, 23, 24.
[2] II Par. XXX, 22.
[3] Deut. XVI, 2.
[4] II Par. XXXV, 6, 7, 8.
[5] *Pesahím*, IV, 4; X, 3.
[6] II Par. XXXV, 13.
[7] Êxod. XII.
[8] II Par. XXXV, 13.
[9] Núm. XVIII, 16 até o fim; Levít. XXIII, 8.
[10] Núm. XVIII, 17 até o fim.

em qualquer dia do ano, mas, durante essa semana pascal, as vítimas com pão e vinho eram oferecidas em sacrifício com maior devoção. Prenunciavam os estipêndios e ofertas, atualmente entregues ao clero, por Missas pelos vivos e pelos defuntos, costume que vem desde os tempos apostólicos.

O sangue da vítima era aspergido sobre as córnuas do altar, mas a cauda, a gordura e os rins eram queimados sobre o altar. O peito era entregue ao sacerdote, que o "agitava", oferecendo-o a Deus em forma de cruz, com a espádua direita como oferta de elevação.[1] Os restos da vítima eram entregues ao oferente, que formava com seus convidados um banquete, e eles comiam-nos no mesmo dia ou no dia seguinte. Se alguma parte sobrasse até o terceiro dia, era queimada.[2]

Os hebreus, cheios de devoção por sua religião e Templo, copiaram o cerimonial de Moisés, e os banquetes deles estavam sempre saturados de religião. Ao sul do grande altar do Templo ficava a grande bacia de bronze das abluções, que se assentava sobre doze bois de bronze. Nela os sacerdotes banhavam o corpo inteiro antes de tomarem parte nas ações litúrgicas. Eles tinham, logo ali ao lado, muitos banheiros no Templo. Antes de celebrarem a páscoa, cada um banhava o corpo todo, dizendo enquanto mergulhava n'água:

"Rogo-te seja a tua vontade, ó Deus, Senhor meu, que me faças entrar e sair em paz, que me faças voltar ao meu lugar em paz e me salves deste e de semelhantes perigos neste mundo e no mundo futuro."[3]

O sacerdote, o levita e o povo, vindo ao Templo para tomarem parte no seu grande cerimonial, precisam banhar-se e estar limpos como convém na presença de seu Rei. Isso era figura do batismo, que viria para lavar do pecado as almas dos homens. Foi essa a origem da água benta na entrada de nossas igrejas. Em toda mesquita muçulmana tu encontras pessoas banhando os pés antes de entrarem no edifício, costume este oriundo do Templo.

Os judeus no tempo de Cristo eram conhecidos por seus festins.[4] Tinham por hábito convidar seus parentes e amigos e dividir-se em grupos de não menos de dez nem mais do que vinte pessoas, pois era este o número de pessoas nos grupos durante a páscoa judaica. Homens e mulheres não celebravam juntos o festim.

---

[1] Levít. III, 1-5; VII, 29-34.
[2] Levít. VII, 17, 18; *Pesahím*, VI, 4.
[3] *Talmude*, Dia da Expiação.
[4] MIGNE, *Cursus Comp. S. Theologiæ*, II, p. 117.

A senhora da casa convidava suas amigas, e com elas celebrava um banquete, mas os homens não participavam com elas. A separação dos sexos ainda é respeitada no Oriente. Um rico cristão de Belém deu um jantar em homenagem ao autor que durou mais de duas horas, mas nem uma única mulher da casa foi vista.

O pai de família ou o chefe da casa, no tempo de Cristo, recebia na porta cada hóspede convidado dizendo a palavra *salama* ("paz" ou "A paz seja com esta casa"), ao que o convidado respondia: "Dilate-se o teu coração". Eis aí o *marhaba* dos herbeus, o *alaik* do *Talmude*, a saudação oriental aos amigos. Ainda se vê no Ritual Romano.

Deixando seus sapatos ou sandálias à porta, os convidados entravam na casa descalços. Antes de se reclinarem à mesa, os criados ou o chefe da casa lavavam os pés deles. Esse costume é oriundo dos patriarcas.

Abraão lavou os pés dos três anjos que o visitaram na sua tenda.[1] Labão preparou água para lavar os pés de Eliezer, quando este chegou à Mesopotâmia à procura de uma esposa para Isaac.[2] O intendente de José trouxe água para lavar os pés dos onze filhos de Jacó, quando eles voltaram à casa dele depois de encontrarem o dinheiro dentro de seus sacos.[3] Abigail pediu a Davi somente o privilégio de lavar os pés dos servos dele.[4] Davi mandou Urias entrar em casa e lavar os pés como preparação para a ceia e para dormir.[5] Quando Tobias foi lavar os pés, saiu um peixe para devorá-lo.[6] Jó lavou seus pés em manteiga.[7] A Esposa, falando à Igreja, diz, da noite da Última Ceia: "Eu me despojei da minha túnica. Como a vestirei? Eu lavei os meus pés, como hei de sujá-los?"[8]

Nas famílias ricas os criados executavam esse serviço, na classe média faziam-no os filhos e filhas, mas se o pai quisesse mostrar especial deferência por seus visitantes, ele mesmo lavava os pés deles. Sendo trabalho de quem serve aos outros, nós entendemos como foi que Cristo pegou uma toalha, cingiu-se com ela e foi de discípulo em discípulo, lavando os pés deles com água numa bacia. Pedro não conseguiu entender por que é que o Mestre faria

---

[1] Gên. XVIII, 4.
[2] Gên. XXIV, 32.
[3] Gên. XLIII, 24.
[4] I Reis XXV, 41.
[5] II Reis XI, 8.
[6] Tobias VI, 2.
[7] Jó XXIX, 6.
[8] Cânt. dos Cânt. V, 3.

um trabalho de serviçal, protestou e recebeu ordem de obedecer, ou sua recusa lhe faria perder o seu chamado ao apostolado. Todos tinham já se banhado, como era o costume antes de celebrar a páscoa judaica, mas seus pés estavam sujos de andar pelo piso, e Cristo disse:[1] "Aquele que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, pois todo ele está limpo."

A limpeza de corpo significava a alma purificada do pecado. Eram todos inocentes exceto Judas, sobrinho de Caifás, que tinha agido o tempo todo como espião para os sacerdotes do Templo e recebido dinheiro deles, em segredo, por sua promessa de traição, "e Jesus disse: 'E vós estais limpos, mas não todos'. Porque ele sabia qual era o que o ia entregar, por isso disse: 'Não estais todos limpos'."[2] Antes de se acomodarem à mesa eles lavaram as mãos, pois mergulhavam-nas dentro das travessas para pegar os bocados de comida.

O dirigente ou "rei do banquete" trinchava a carne com um facão, dando a cada um sua porção, costume este seguido ainda hoje. O facão era muitas vezes semelhante a uma lança, e deu origem à nossa faca trinchante. Não havia nenhuma outra faca sobre a mesa. Facas de mesa foram introduzidas no século X, e o garfo mais tarde ainda. Banquinhos foram introduzidos no tempo de Carlos Magno, na idade média se adicionaram encostos, e assim tornaram-se cadeiras. Nas refeições ordinárias, as pessoas se sentavam no piso, em volta da mesa, com seus membros dobrados debaixo de si. Já nos banquetes formais, entretanto, reclinavam-se em divãs.[3]

Diversos copeiros serviam aos convivas nas casas abastadas, enquanto entre os pobres eram a esposa e as filhas que cozinhavam a comida e serviam à mesa. Sara e suas servas prepararam o alimento e serviram aos anjos que visitaram Abraão. Samuel advertiu aos hebreus que se insistissem em ter um rei em lugar de Deus, que era então seu Governante, ele tomaria as filhas deles para lhe fazerem unguentos e para servirem como cozinheiras na cozinha dele,[4] tal como os criados serviam no palácio do Faraó como eunucos, copeiros e padeiros.[5]

O dirigente do banquete, chamado *arquitriclino* ("senhor dos três leitos", sobre os quais as pessoas se reclinavam), servia aos

---

[1] [João XIII, 10.]
[2] João XIII, 11.
[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1170.
[4] I Reis VIII, 13.
[5] Gên. XL, 1.

comensais como faz em nossos dias o trinchante, a pessoa que corta a carne na mesa. Quando eram muitas as mesas, cada uma era presidida por um dirigente ou trinchante. Quando José deu um jantar em honra de seus irmãos,[1] ele sentou-se a uma mesa separada, porque era primeiro-ministro do Faraó e tinha de preservar sua dignidade. A comida foi posta primeiro diante de José, que a serviu aos irmãos. Quando Elcana subiu com suas duas esposas ao tabernáculo do Senhor para adorá-Lo e, seguindo o costume, celebrou um banquete em família, ele serviu à mesa, dando a cada membro da família sua porção, mas a de sua esposa Ana ele deu com pesar, porque era infecunda.[2] Mais tarde ela deu à luz Samuel, o grande profeta.

Homero conta-nos que os gregos tinham cada qual uma mesa, e o senhor da mesa servia aos convivas. Os banquetes dos reis persas eram elaborados; as mesas eram postas ao longo das laterais do grande pátio, em redor do qual o palácio tinha sido erigido, ou no "salão das cem colunas", cujas ruínas permanecem até hoje sobre a grande plataforma de Persépolis.

A mais suave das carnes era a do cabrito, e foi por isso que Rebeca mandou Jacó imolar um cabrito quando ele recebeu a bênção de seu pai moribundo. As palavras de Jacó não foram mentira, mas mistério, como explica S. Agostinho. Coberto com pele de cabrito, ele tipificava o bode expiatório com os pecados de Israel, e prefigurava Cristo com os pecados da humanidade sobre si na sua Paixão. Jacó não mentiu a seu pai, Isaac em seu leito de morte, porque tinha comprado de seu irmão, Esaú, o direito à primogenitura, e eximiamente os grandes Padres explicam toda essa ação em referência à Igreja e a Cristo — eram profecias em cada ação.

Eram famosos os festins de Salomão. Todos os dias eram postas sobre sua mesa trinta medidas de flor de farinha, sessenta medidas de farinha de outros cereais que não trigo, trinta gados gordos, cem carneiros, além de veados, corças, aves, etc., com produtos da caça.[3] Davi dava a cada israelita um bolo e um pedaço de carne assada quando eles subiam a Jerusalém, enquanto a arca permaneceu na casa dele antes de o Templo ser construído.[4]

Quando Isaac abençoou Jacó, quando marido e mulher se reconciliavam, quando Davi tomou refeição junto com Saul e quando o profeta jantou com Jeroboão, eles sentaram-se no chão, diante de

---

[1] Gên. XLIII, 32.
[2] I Reis I, 4-5.
[3] III Reis IV, 22, 23.
[4] II Reis VI, 19.

uma mesa baixa, com os membros dobrados debaixo de si à moda oriental, e era dessa maneira que o povo simples comia, no tempo de Cristo. Nos dias dos reis de Israel, quem presidia à mesa sentava-se num pequeno tamborete,[1] como sinal de distinção. Foi esse o modo primitivo de tomar refeição em todas as nações. Durante a idade heroica na Grécia, eles sentaram-se à mesa.[2] Paredes em ruínas em Korsabad, Níneve, Calne, etc., mostram os reis à mesa, sentados em cadeiras altas.

No transcurso do tempo, os reis e os nobres introduziram o divã, sobre o qual reclinavam-se durante as refeições. Acha-se pela primeira vez nas palavras do profeta: “Vós que repousais em leitos de marfim, e vos estendeis languidamente nos vossos divãs”[3]. “Tu te assentaste num leito de luxo, e uma mesa foi preparada diante de ti, sobre a qual puseste o meu incenso e o meu óleo.”[4]

A mesa era colocada na “sala de visitas”[5] ou no aposento que chamavam de “quarto dos leitos”[6]. Na Pérsia, era chamado de “o aposento do rei”[7]. Os romanos chamavam-no *triclinium* (“três divãs”), porque os divãs ocupavam três lados da sala que tinha a mesa no meio.

Era essa a disposição da mesa e dos divãs no cenáculo durante a Última Ceia.

Nas festas dos ázimos, os convivas eram posicionados conforme o escalão e a dignidade, o lugar de honra situando-se à cabeceira ou à mesa transversal, onde se reclinava o dirigente do banquete, ou arquitriclino. Assim, Samuel pôs Saul à cabeceira da mesa quando convidou os trinta homens para conhecerem o futuro rei de Israel.[8] O lugar ficava geralmente pegado à parede, onde Saul assentou-se na sua cadeira presidencial, quando tentou matar seu rival Davi.[9] Nos dias dos reis eles sentavam-se, mas mais tarde aprenderam com os gregos ou os romanos a reclinar-se à mesa.[10] O costume de reclinar-se foi introduzido no tempo dos profetas,[11] quando pela primeira vez se mencionam os divãs nas Sagradas

---

[1] IV Reis IV, 10.
[2] HOMERO, *Il.*, X, 578; *Od.*, I, 145.
[3] Amós VI, 4.
[4] Ezequiel XXIII, 41.
[5] I Reis IX, 22.
[6] IV Reis XI, 2.
[7] Ester II, 13.
[8] I Reis IX, 22.
[9] I Reis XX, 25.
[10] Prov. XXIII, 1.
[11] Amós VI, 4-6; Tobias II, 3; Ezeq. XXIII, 41.

Letras. Os escribas e fariseus, cheios de orgulho, procuravam os primeiros lugares nos festins[1] e queriam ser os primeiros em todos os lugares públicos.[2]

O rei Assuero, com Ester, sua rainha, e seu primeiro-ministro, Amã, reclinaram-se em divãs durante o banquete, e, quando Amã implorou pela própria vida, caiu no divã da rainha para suplicar-lha, e o rei pensou que ele quisesse violar a rainha e ordenou que fosse crucificado.[3]

Os divãs ou coxins eram colocados com sua cabeceira próxima à mesa, e Cristo e seus Apóstolos reclinaram-se sobre o cotovelo esquerdo numa pequena almofada e pegaram a comida com a mão direita. Os divãs eram tão amplos que mais de uma pessoa podia reclinar-se sobre cada um. Amigos íntimos reclinavam-se juntos num divã, muitas vezes deitando a cabeça no peito do amigo. Reclinando-se desse modo, trocavam-se confidências.[4] João deitou a cabeça sobre o peito de Jesus, e o Senhor confidenciou-lhe que Judas estava prestes a traí-lo.[5]

As mesas formavam um "U", de modo que os servidores podiam entrar no meio delas, um dos lados ficando aberto. O Senhor reclinou-se à cabeceira, como Mestre do "grupo" que celebrava a páscoa. Ao longo do lado exterior das outras mesas reclinaram-se os Apóstolos — seis olhando de frente para os outros seis. A mesa transversal em que estava Cristo formava o altar, sobre o qual ele ofereceu o Sacrifício Eucarístico; conhecida como "a mesa do Senhor", deu origem ao altar nas igrejas em todos os ritos cristãos. Essa mesa estava na biqueira da ferradura, e os Apóstolos à sua direita e esquerda em suas posições deram origem àquele costume pelo qual, na Igreja primitiva, o celebrante rezava Missa de frente para o povo. Isso pode ser visto na posição do altar principal da Basílica de S. Pedro, em Roma, que se ergue sobre o corpo do apóstolo. Os seis apóstolos, assim, nos lados da ferradura uns defronte aos outros, deram origem às cadeiras no coro de nossas igrejas e ao posicionamento do clero em nosso presbitério ou santuário.

Lavar as mãos, por serem mergulhadas nas travessas, tornou-se um ato de religião entre os fariseus. "Quem não lava as mãos antes de comer é culpado de um crime tão grande quanto o de comer

---

[1] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, CIV, 11, 9.
[2] Lucas II, 43.
[3] Ester VII, 8.
[4] Plinio, *Epist.* IV, 22.
[5] João XIII, 23-25.

carne de porco." "Quem deixa de lavar as mãos é digno de castigo aqui e na outra vida."[1] "Há de ser exterminado do meio do mundo, porque na lavagem das mãos estão contidos os Dez Mandamentos." "É réu de morte." "Três coisas trazem pobreza, e fazer pouco caso de lavar as mãos é uma delas."[2] "Quem come o pão sem lavar as mãos é como se tivesse frequentado uma meretriz."[3] "É melhor andar seis quilômetros até a água do que incorrer em culpa por não fazer caso de lavar as mãos."[4] "Quem não lava as mãos depois de comer é tão ruim quanto um assassino."[5] "O demônio Schulchan senta-se junto a mãos não lavadas e sobre os pães."[6]

Numerosas citações dessas podem ser aduzidas para mostrar a importância atribuída por eles à lavagem das mãos antes das refeições. Cristo e seus discípulos não seguiram todas essas regras disparatadas, e os fariseus repreenderam-nos: "Então aproximaram-se dele uns escribas e fariseus de Jerusalém, dizendo: 'Por que os teus discípulos violam as tradições dos antigos? Pois não lavam as mãos quando comem pão.'"[7]

Antes de sentar-se à mesa eles lavavam as mãos, costume este que sobreviveu aos séculos. Pois antes de começar a Missa o celebrante lava as mãos na sacristia. No decorrer do banquete, eles lavavam-nas novamente em diversos momentos; o celebrante lava-as depois de pôr vinho e água no cálice e novamente no pós-comunhão. Como a comida deixava as mãos sujas após o banquete, eles lavavam as mãos no final, tal como faz o celebrante depois da Missa.

Depois de lavarem as mãos, os pés e concluírem outros preparativos, eles tomavam seus lugares ao redor da mesa, cada um postando-se de pé na frente do seu lugar. Toda refeição começava e terminava com orações. A páscoa judaica tinha início com as orações sinagogais que citaremos mais adiante. Durante as orações todos ficavam de pé, porque o judeu ficava em pé no Templo e na sinagoga ao rezar, o costume de ajoelhar-se vindo do exemplo de Cristo, que em sua agonia ajoelhou-se no horto.[8] É por essa razão que os cristãos rezam antes e depois das refeições de pé diante da

---

[1] *Livro do Zohar*, Gên. F. LX 2.
[2] *Mishná*, *Shabbath*, 62, 1.
[3] *Rabi* José.
[4] *Talmude*, *Calla* F., LVIII, 3.
[5] *Talmude*, *Tanchuma* F., LXXIII, 2.
[6] *Joma* F., LXXVII, 2, Glos.
[7] Mateus XV, 1, 2.
[8] Lucas XXII, 41.

mesa, e é por isso que o clero fica de pé diante do altar enquanto reza Missa. Depois de tomarem os seus lugares à mesa, o senhor da casa ou líder do grupo começava assim:

O líder. "Demos graças.

Os outros. "Bendito seja o nome do Senhor desde agora e para sempre.

O líder. "Com a sanção dos aqui presentes.

Os outros. "Bendito seja o nosso Deus, de cuja liberalidade estamos para nos alimentar e pela bondade do qual nós vivemos.

Os outros. "Bendito seja o seu nome, sim, a ser bendito continuamente pelos séculos dos séculos."

O líder repete a mesma oração e então recita orações diversas conforme as diversas festas.

Antes de começar a comer cada prato, o mestre-sala ou chefe da mesa tomava o prato e oferecia-o ao Senhor, tal como eram oferecidos no Templo os sacrifícios. Ele erguia-o até a altura de seus olhos, então o "agitava" em direção dos quatro pontos cardeais, traçando com ele uma cruz, dizendo: "Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que fazes brotar..." (aqui ele mencionava o tipo de comida que estava na travessa) "...da terra". Foi dessa maneira que Melquisedec fez oblação do pão e do vinho, uma cerimônia do Templo que eles tinham grande cuidado em observar, especialmente na páscoa. O celebrante faz o mesmo quando faz oblação do pão e do vinho na Missa.

Os egípcios sempre rapavam a barba, como mostram as múmias de seus mortos. Quando José foi solto da prisão, antes de poder comparecer diante do Faraó, ele rapou a barba.[1] Heródoto afirma que eles deixavam a barba crescer enquanto estavam de luto, mas rapavam-na em todas as demais ocasiões.[2] Às vezes usavam barba postiça. Fazer a barba tornou-se um rito religioso entre eles, e os hebreus usavam barba como protesto contra as superstições egípcias e pagãs, porque os sacerdotes pagãos cortavam o cabelo e se barbeavam de formas peculiares em honra de seus deuses, donde a ordem do Senhor sobre "as pontas da barba"[3].

Com o escoar dos tempos, a barba veio a ser grandemente honrada entre os hebreus, e no tempo de Cristo todos usavam barba, costume visto ainda hoje no Oriente. S. Agostinho diz: "A barba é um sinal de perfeição";[4] "A barba de Cristo era sinal de seu

---

[1] Gên. XLI, 14.

[2] HERÓDOTO I. 36.

[3] Levít. XIX, 27; XXI, 5. Ver MIGNE, *S. Scripturæ*, II, 1157.

[4] *Enar. in Ps.* CXXXII, *in* XII.

poder divino";[1] "é um sinal de virilidade".[2] Os judeus de nossos dias, nos países antigos, usam barbas compridas, quais chefes árabes, como sinal de maturidade e de autoridade.

Vestindo preciosos trajes brancos, por vezes de tecido de ouro, ricamente bordados[3], eles celebravam esses festins com pompa e cerimônia, e as famílias ricas exibiam suas riquezas nos aposentos decorados, nas roupas suntuosas,[4] na quantidade de comida e na variedade dos pratos.[5] Havia velas e vasos de flores sobre a mesa, que ficava cheia de comestíveis até às bordas.

Dos gregos e romanos eles copiaram o costume de usar coroas de flores, coisa que o profeta condena.[6] A cabeça e os pés do comensal mais venerável era ungida com perfume valioso, como fez Maria Madalena durante o banquete dado por Simão, o leproso, em honra de Cristo, naquela tarde de *shabat*, em Betânia.[7]

Recitavam-se poemas, música era tocada, grupos de moçoilas dançarinas apresentavam-se, enquanto os discursos, charadas, trocadilhos, piadas e todos os tipos de diversão predominavam.[8] O grande profeta fala dos adornos dos "sapatos", "lúnulas", "correntinhas", "gargantilhas", "braceletes", "gorros", "pingentes", "enfeites de tornozelo", "amuletos", "chocalhos", "brincos", "anéis", "joias pendentes sobre a fronte", "toaletes", "túnicas curtas", "vestidos de gala", "alfinetes de encaracolar o cabelo", "espelhinhos", "xales", "mantilhas", "caixinhas de perfumes", "cintos", "cabelos ondulados", "corpetes", etc.,[9] usados nessas festas e banquetes.

Os festejos duravam às vezes a semana inteira, e mesmo duas semanas.[10] Os casamentos de virgens duravam dias e deram origem às celebrações de casamento do nosso tempo. O noivado era soleníssimo, realizava-se no Templo, onde o sacerdote abençoava o casal, como quando José e Maria se desposaram.[11]

---

[1] *Enar. in Ps.* XXXIII, *Ser.* II, *in* IV.

[2] *De civit. Dei*, L. XXII, cap. XXIV, *in* IV.

[3] Ecl. IX, 8; Mateus XXII, 11, 12.

[4] Gên. XVIII, 6; XXVII, 8-9, 43-44; Jó XXXVI, 16.

[5] Amós VI, 4-5; Ester I, 5-8, 7-9; II Esdras V, 18-24.

[6] Isaías XXVIII, 1; Sabedoria II, 7.

[7] Lucas VII, 38-46; João IX, 11.

[8] S. AGOSTINHO menciona os abusos dos banquetes romanos, *De civit.*, L. III, CXXI; Sabedoria II, 6, 8; II Reis XIX, 35; Isaías V, 12, 25-6; Juízes XIV, 12; II Esdras VIII, 10; Eclesiastes X, 19; Mateus XXII, 11; Amós VI, 5, 6; Lucas XV, 25.

[9] Isaías III, 18-24.

[10] Gên. XXIX, 27; Juízes XIV, 12; Tobias XI, 21.

[11] Lucas I, 27.

Mel, sal, azeite e manteiga sempre se usavam nesses banquetes. Não encontramos registro de condimentos, tendo estes chegado mais tarde ao mundo ocidental, oriundos da Índia.[1] O vinho jorrava em abundância. O açúcar não sendo conhecido, usava-se mel em seu lugar. A mãe presidia à preparação da refeição,[2] sendo bife o prato principal.[3] Naquele clima quente, o vinho era diluído bastante com água, e era bebido perto do fim do festim. Com frequência era misturado a substâncias aromáticas, cuja fragrância enchia o salão do banquete.[4] Os vinhos feitos de frutos da palmeira, chamados *sekar*, eram muito populares, especialmente entre os pobres, mas eram proibidos aos sacerdotes durante o seu ministério.[5]

Perto do fim do banquete, um servente punha carvões em brasa num turíbulo, espargia incenso sobre eles, entrava no meio das mesas e, indo de conviva em conviva, agitava o incenso diante de seus rostos, para honrar a barba de cada um, sinal de sua virilidade. Todos ficavam em pé durante essa incensação, em memória do incenso do Templo e das orações que ali se ofereciam a *Jehová* de seus pais, porque todos ficavam de pé quando rezavam no Templo. Esse rito chega até nós na cerimônia da incensação do clero e do povo durante Missas solenes.

A modéstia e a temperança predominavam, conforme as palavras do Senhor: "E comerás na presença do Senhor teu Deus, no lugar que ele escolher para aí ser invocado o seu nome"[6]. A palavra vertida aqui como "Senhor", no original hebraico, é *Shekiná*: "a Presença Santa".

Eles enviavam da mesa alimento para os pobres, seguindo as ordens do Senhor. "Não faltarão pobres na terra da tua habitação, por isso eu te ordeno que abras a mão para o teu irmão necessitado e pobre"[7].

Repletos de sentimento religioso, governados por regras estritas, esses festins eram tipos ou figuras do grande banquete pascal. Os escritores talmúdicos contam-nos que não havia alimento posto sobre a mesa que fosse honrado como o pão. Esse pão não era misturado com nenhum outro alimento, nem jogado num prato,

---

[1] Cânt. VI, 5, 13.
[2] Provérbios IX, 2, 5, etc.
[3] Mateus XXII, 4.
[4] Ester V, 6; Cânt. VIII, 2.
[5] Levít. X, 9; Núm. VI, 3; Deut. XIV, 26, etc.
[6] Deut. XIV, 23.
[7] Deut. XV, 11.

nem dado para um cão, pois era como o pão posto diante do Senhor, todo *shabat*, no Templo. Assado para a páscoa judaica, era recebido com os mais elevados sentimentos religiosos. Prenunciava o pão utilizado como hóstia na Missa. Seguindo o costume pascal, enchia-se uma taça de vinho para Elias, João Batista predito pelos profetas a vir e preparar o caminho para o Messias.

Eles acreditavam que Elias, tipo profético de Cristo, estava presente a todo banquete; sem ser vistos, anjos rodeavam a mesa, porções eram reservadas para eles, e no fim os fragmentos eram cuidadosamente recolhidos. Depois de alimentar cinco mil com cinco pães, Cristo seguiu esse costume, quando disse a seus discípulos: “Recolhei os fragmentos que sobraram, para que não se percam.”[1]

Terminado o banquete, eles punham de parte, com cuidado, a faca de trinchar e as louças, e dobravam os guardanapos pondo cada um diante do seu prato, e todos juntos, seguindo o costume pascal, recitavam o Salmo LXVI: “Deus tenha piedade de nós, e nos abençoe”, etc. O mestre de mesa, tendo purificado seu copo, ou cálice de metal precioso, com água, enche-o de vinho, derramando dentro dele um pouco d’água, toma o pão sem fermento em suas mãos, parte um pedacinho e o distribui a cada um. Tomando o cálice de vinho, dele bebe e passa-o para cada conviva beber, dizendo:

O mestre. “Amigos, bendigamos Aquele de cuja bondade nos alimentamos.”

Os outros. “Bendito seja Ele, que nos cumulou de seus dons e em cuja bondade vivemos.”

Depois de todos terem bebido dele, o mestre bebe o que resta no seu cálice e recita uma longa oração, que variava conforme a solenidade. Levantando-se então da mesa, eles lavam as mãos, dando graças a Deus, que alimenta todos os animais e os homens, que fez seus pais saírem do Egito e adentrarem a Palestina e firmou a aliança com eles para serem o seu povo. S. Jerônimo diz que eles rogavam ao Senhor que enviasse Elias, a fim de preparar o caminho para o tão aguardado Messias, a fim de restaurar a dinastia de Davi e recebê-los todos no banquete paradisíaco nos céus, etc.

Depois do banquete, o que sobrava era entregue às crianças, aos criados e aos pobres. Essas sobras eram chamadas de “migalhas que caíram da mesa”. Assim, Adonibezec gloriava-se de que “setenta reis, com os polegares das mãos e dos pés mutilados, recolhiam as sobras que caíam da mesa” dele[2]. Cristo e a mulher cananeia

---

[1] João VI, 12.
[2] Juízes I, 7.

conversaram sobre as migalhas que caíam da mesa e que eram dadas às crianças e aos cachorrinhos.[1] Lázaro as recebia da mesa de Dives,[2] os sacerdotes de Bel tomavam-nas à mesa do ídolo quando se introduziam à noite em seu templo.[3] A partir desses exemplos, ficamos sabendo que a mesa no tempo de Cristo estava acima do piso quase tão alta quanto as mesas em nosso tempo.

Os hebreus celebravam certos banquetes no Templo, onde eles se reuniam em adoração diante do Senhor. "E comerás na presença do Senhor teu Deus, no lugar que ele escolher para aí ser invocado o seu nome, o dízimo do teu trigo e do teu vinho, e do teu azeite, e dos primogênitos do teu gado e do teu rebanho, para que venhas a temer o Senhor teu Deus a todo o tempo."[4] "Tomarás as primícias de todos os teus frutos, e as porás num cesto, e irás ao lugar que o Senhor teu Deus tiver escolhido, para que aí seja invocado o seu nome", etc.[5] A palavra hebraica, traduzida aqui como "Senhor", é *Shekiná*.

Estes, os judeus chamavam de "festins de devoção". Eles celebravam no Templo um banquete santo na primavera, depois de recolhidas as primícias dos frutos da lavoura e depois de pagos os dízimos aos sacerdotes.

As famílias também celebravam banquetes no Templo, aos quais eram convidados seus parentes, amigos, os sacerdotes, os levitas e os pobres.

Seguindo esse costume, os primeiros cristãos celebravam os banquetes chamados por eles de *ágapes* (do grego para "amar"), os quais eram conhecidos como "banquetes do amor" ou "festins da amizade", em memória da Última Ceia do Senhor.[6] Eles realizavam esses banquetes nas igrejas, depois das orações vespertinas[7] e do sermão. Primeiro celebravam a Missa, recebiam a Comunhão, depois realizavam o banquete. Naquela era apostólica, antes de serem construídas as igrejas, seguindo o exemplo de Cristo eles ofereciam o Sacrifício Eucarístico nas casas particulares, ao entardecer, jejuando o dia todo antes de tomarem a Comunhão. Mas alguns chegavam embriagados, atraídos pelo banquete, e surgiram abusos entre o povo de Corinto, aos quais escreveu S. Paulo:

---

[1] Mateus XV, 20.
[2] Lucas XVI, 21.
[3] Daniel XXIV.
[4] Deut. XIV, 23.
[5] Deut. XXVI, 2.
[6] Ver *Dic. Arch. et Philos. de Bible*, CALMET.
[7] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 800.

“Quando vos reunis, pois, num mesmo lugar, não é já para comer a Ceia do Senhor. Porque cada um toma antes a sua própria ceia para comer, e de fato, um tem fome, e outro está embriagado. O que, não tendes casas para lá comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus, e envergonhais os que não têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo.

“Porque eu recebi do Senhor, isto que também vos entrego a vós, que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse:

“Isto é o meu corpo, que será entregue por vós. Fazei isto em memória de mim.

“De igual maneira também o cálice, depois de ter ceado, dizendo:

“Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue. Isto fazei todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

“Porque todas as vezes que comerdes este pão, ou beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor até que ele venha. Portanto, todo aquele que comer este pão ou beber este cálice indigno, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se a si mesmo o homem, porém, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque quem o come e bebe indignamente, come e bebe para si a condenação, não discernindo o corpo do Senhor.”[1]

Nada pode ser mais claro do que essa doutrina da presença real de Cristo na Eucaristia. Esses “banquetes do amor” continuaram sendo celebrados nas igrejas por séculos. Mas tornaram-se tamanha fonte de escândalo e de desordens que, no Ano do Senhor 397, o Concílio de Cartago proibiu-os, e caíram em desuso. Os franceses, porém, com suas maneiras que não sofrem mudança, e outros povos europeus continuam com uma sombra daqueles, no “pão bento” que distribuem na igreja aos domingos, e em algumas das grandes solenidades festivas.

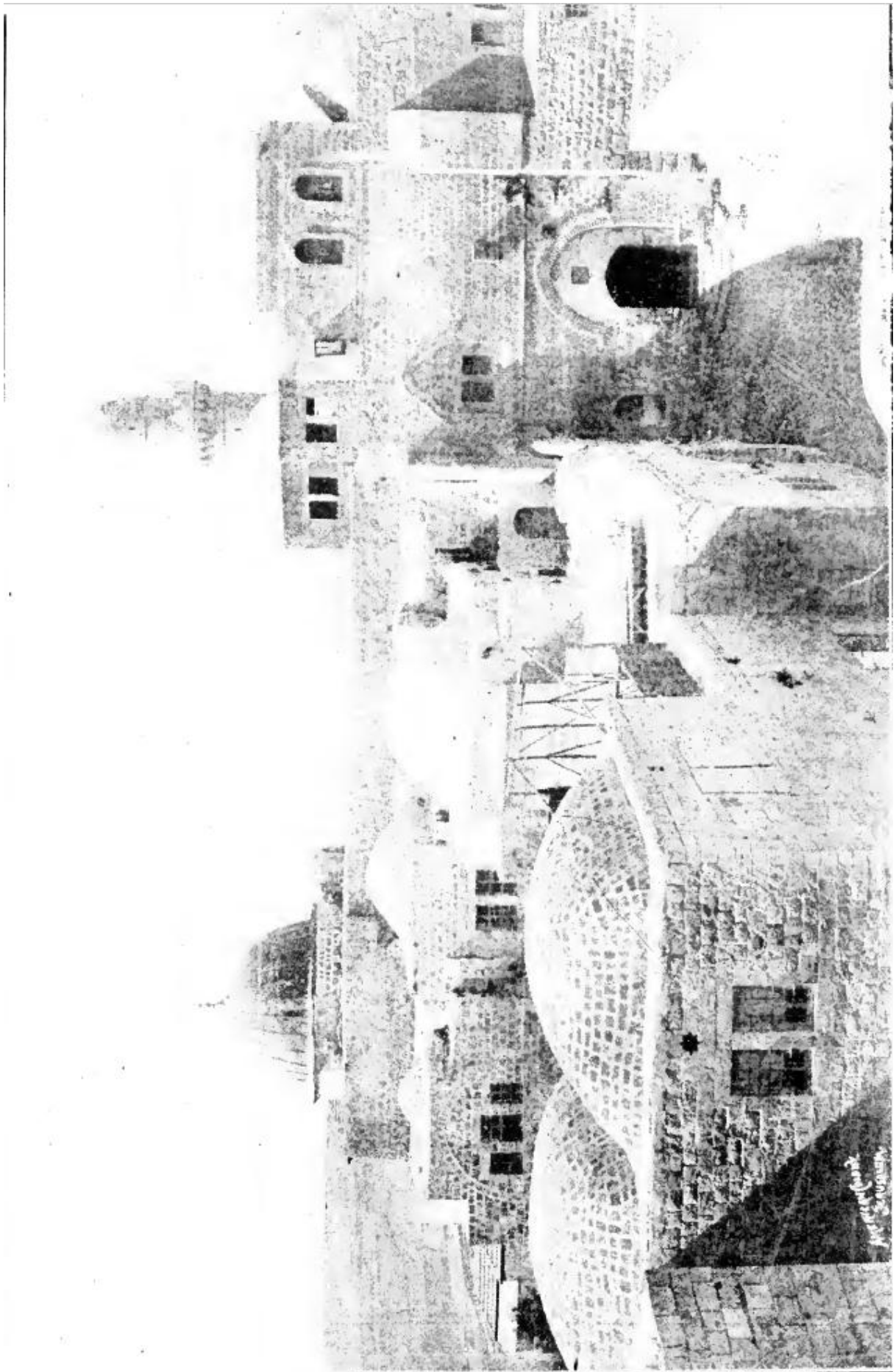
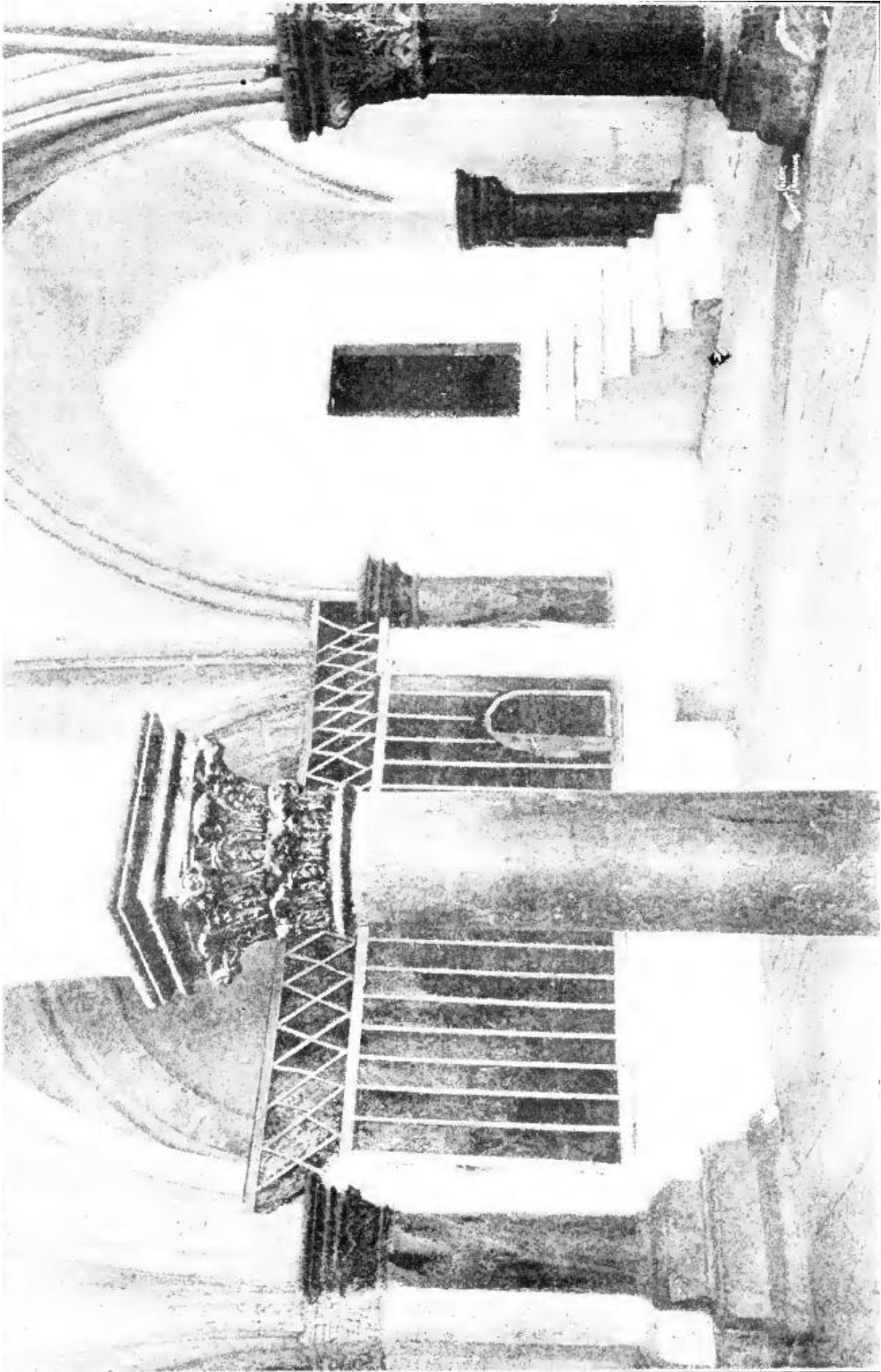
---

[1] I Cor. XI, 20 a 29.

Explicação das Fotos nas Páginas 215 e 216.

Estas fotos mostram o lado de fora e o interior do cenáculo em seu estado atual, mal tendo mudado desde o tempo de Cristo.

Os degraus de pedra que levam ao terraço estão à tua direita, mas não foram enquadrados pela fotografia. Tu caminhas por cima do terraço de pedra e entras na histórica "sala superior", iluminada pelas janelas que aparecem na foto.

A foto do interior mostra o *Bimá*, ou santuário, fechado por uma grade de ferro. No fim do aposento, à tua direita, está a escadaria de pedra que conduz ao catafalco que fica sobre as relíquias de Davi, de Salomão e dos Reis. A mesa da Última Ceia estava no meio desta sala, entre as duas grandes colunas que aparecem na foto.

TERCEIRA PARTE.

COMO A MISSA ESTAVA PREFIGURADA NO CENÁCULO.

VII.— A HISTÓRIA DE MELQUISEDEC, DE SIÃO E DO CENÁCULO.

CRISTO escolheu o cenáculo para nele celebrar a páscoa, porque ali viveram, morreram e foram sepultados Melquisedec, Davi, Salomão e todos os reis da família de Davi anteriores ao cativeiro babilônico.

Melquisedec entra na história com este nome na narrativa dos quatros reis mesopotâmicos que foram à Palestina, capturaram Lot, sobrinho de Abraão, e partiram em demanda de sua terra de origem. Abraão instigou seus servos, arremeteu contra eles à noite, resgatou Lot, tomou os despojos deles e, no caminho de volta, passou por Salém, que era como Jerusalém era chamada então.

"Mas Melquisedec, o rei de Salém, trazendo pão e vinho, pois era sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou-o e disse: 'Bendito seja o Deus Altíssimo, graças a cuja proteção teus inimigos estão em tuas mãos.' E deu-lhe o dízimo de tudo."[1]

Aqui, pela primeira vez nas Sagradas Letras, encontramos um sacerdote "do Deus Altíssimo" a ofertar o "pão e vinho" da páscoa judaica e da Missa. Passam-se oito séculos de silêncio e, 1.100 anos antes de Cristo, Davi escreveu acerca do sacerdócio de Cristo: "És sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec."[2] Depois, esse grande rei-pontífice não aparece mais na Sagrada Escritura, até que S. Paulo, na sua Epístola aos Hebreus, menciona-o oito vezes como tipo de Cristo.[3]

Nos tempos patriarcais, o chefe da tribo ou o rei uniam na sua própria pessoa os dois encargos, o de sacerdote e o de governante.

---

[1] Gên. XIV, 18-20.

[2] Salmo CIX, 4.

[3] Hebreus V, 6-10; VI, 20; VII, 1-10, 11, 15-17.

Abraão era sacerdote, e sacrificou animais sofredores, pois da sua raça nasceram os sacerdotes da família de Aarão — os sacerdotes hebreus que instaram a morte de Cristo — assim como tinham imolado, no tabernáculo e no Templo, as vítimas que prefiguravam a Crucificação.

Mas aqui, pela primeira vez na história, surge uma outra ordem de sacerdotes, esse misterioso Melquisedec a ofertar o pão e o vinho da Última Ceia e da Missa. Para ele Abraão pagou o dízimo — a décima parte dos frutos de sua vitória. Portanto, o sacerdócio de Melquisedec era superior ao de Abraão; estava destinado a ser eterno; apontava para o sacerdócio de Cristo, da Última Ceia e da Igreja Católica. A inteira cena profética, naquele vale junto à cidade sagrada, foi emblemática do futuro.

Aparecem vagamente, a princípio, o pão e o vinho nos sacrifícios patriarcais, mas já com mais nitidez no cerimonial do Templo, e mais claramente ainda na páscoa judaica. Magistralmente S. Agostinho explica o profético Noé, nu na sua tenda depois de beber vinho, imagem do Cristo crucificado quase desnudo. Seu filho Cam, insultando-o, prefigurou o povo judeu zombando do Senhor agonizante.[1] Ao vinho, outro filho seu, Melquisedec, adicionou o pão, e daí por diante o pão e o vinho foram ofertados sempre com os sacrifícios cruentos do Templo hebreu.

Quem foi Melquisedec? Os hereges antigos afirmam que era o próprio Espírito Santo, que em forma humana apareceu como o "Rei Justo". Mas isso está errado. Orígenes, Dídimo e outros daquela época dizem que era um anjo, mas isso não podemos sustentar.[2]

É certeza que ele foi um homem. Ele era o rei de Salém, que assim Jerusalém era chamada então, o qual oferecia em sacrifício pão e vinho.[3] Outros consideram-no um dos reis cananeus, que viveu uma vida santa em meio às tremendas corrupções daquela época.[4]

Entrando na história para abençoar Abraão, para receber a décima parte de tudo o que este tinha, sem que se diga nada de concreto sobre donde ele veio, sua história, seus pais, sua origem e fim, dele diz S. Paulo: "Sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas assemelhado ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre."[5]

---

[1] S. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, L. XVI, c. I e II.

[2] S. AGOSTINHO, *Quest. in Gen.*, Quest. LXXII.

[3] EPIFÂNIO, *Heres.*, 56; S. CIRILO, etc.

[4] TEODORO, EUSÉBIO, etc.

[5] Hebreus VII, 3.

Não segundo o sacerdócio de Aarão, matando incontáveis animais prefigurando a morte horrenda do Redentor, mas segundo a ordem desse grande sumo sacerdote é que Jesus Cristo na Última Ceia oferendou pão e vinho.

Melquisedec ("rei de paz"), reinando naquela Palestina onde os reis eram então chamados de Abimelec — como no Egito se nomeavam Faraó e, mais tarde, Ptolomeus —, na sua inocência e justiça foi uma impressionante figura de Cristo, o Rei espiritual e Sumo Sacerdote do gênero humano. Inácio de Antioquia[1] e outros Padres dizem que ele foi virgem, sem pai nem mãe, prenunciando o Redentor que não teve mãe no céu, pai na terra nem posteridade.[2]

Muitas obras doutas sobre o assunto trazem diversas soluções. Mas as tradições orientais e os escritores judeus e samaritanos aclaram a dificuldade. Os *Targuns* do Pseudo-Jônatan e de Jerusalém,[3] as obras cabalistas judaicas,[4] os autores rabínicos,[5] os samaritanos[6] dos tempos antigos juntamente com Lutero, Melancton, Lightfoot, Selden, etc., dizem que Melquisedec era o patriarca Sem, único sobrevivente do dilúvio, filho mais velho de Noé e seu herdeiro, rei e sumo sacerdote do mundo.[7]

Noé estabeleceu o direito de primogenitura, segundo o qual o filho mais velho devia suceder o pai na sua propriedade, realeza e sacerdócio, costume este que chegou até nossos dias. Nas monarquias, o filho mais velho se assenta no trono de seu pai, ou torna-se dono dos bens da família. Disso cantou Virgílio: "O rei Ânio era realmente o rei dos homens e o sacerdote de Febo"[8]. Portanto, Sem era o herdeiro de Noé.

Qual o significado da palavra Melquisedec? A palavra hebraica para rei é *melek*, e para justiça, *tsadiq*, esta última derivada do babilônico *sadyk* ("o justo"). Logo, o nome desse Pontífice-Fundador de Jerusalém é "meu rei é justo". Em nossos dias, em *Tell el-Amarna* no Egito, foram descobertas tabuletas de terracota inscritas na língua babilônica, uma língua diplomática das nações, cem anos antes de Moisés guiar os hebreus a saírem da terra do Nilo. Ao morrer Melquisedec, Adoni-Zedeque, seu sucessor como rei de

---

[1] *Epist. ad Philadel.*
[2] S. AGOSTINHO, *De Doct. Christ.*, L. IV, XLV; *Epist.* CLXXXII, V.
[3] RASHI, *in Gen.* XIV.
[4] Apud BOCHART, *Phaleg*, Parte I, L. II, sec. 69.
[5] SCHOTGEN, *Hor. Heb.* II, 645.
[6] Citado por S. EPIFÂNIO, *Her.* LV, 6.
[7] Ver *Bereshith Rabbah*, S. 9, etc.
[8] *Eneida*, III, V. 80.

Jerusalém, mandou essas tabuletas para o rei egípcio, contando do grande rei Melquisedec, seu predecessor, que fundara a cidade, declarando que ele tinha cinco filhos. Encontra-se grande cópia de tradições judaicas e árabes relativas a esse personagem. Smith, no seu *Dicionário*, sob o verbete "*Shem*", afirma:

"Presumindo-se que os anos atribuídos aos patriarcas nas cópias atuais da Bíblia hebraica estejam corretos, resulta que Matusalém, que nos seus primeiros 243 anos foi contemporâneo de Adão, tinha, após *Shem* nascer, quase 100 anos de sua longa vida ainda a percorrer. E, quando *Shem* morreu, Abraão tinha 148 anos de idade, e Isaac estava casado fazia nove anos. Logo, há apenas dois elos — Matusalém e *Shem* — entre Adão e Isaac. De maneira que os relatos primitivos da Criação, e da Queda do homem, que chegaram até Isaac, provocariam, independentemente de sua inspiração, a mesma confiança que se concede prontamente a um conto que chegue até o leitor por meio de duas pessoas, bem conhecidas dele, interpostas entre ele próprio e o ator principal original dos acontecimentos relatados. Não há improbabilidade cronológica nessa antiga tradição judaica, que reúne pessoalmente Sem e Abraão."

Sem ou *Shem* ("nomeada", "renome", ou "amarelo"), pai dos asiáticos de pele amarela, nasceu antes do dilúvio, quando Noé tinha 500 anos de idade.[1] "Ele (Sem) gerou Arfaxad dois anos depois do dilúvio, e Sem viveu depois de gerar Arfaxad quinhentos anos."[2] Quando este último estava no seu trigésimo-quinto ano, gerou Salé. E, quando Salé tinha trinta anos de idade, seu filho Héber nasceu.[3] Héber tornou-se pai de Faleg aos trinta e quatro anos. Este último teve um filho aos trinta anos que recebeu o nome de Reu, ao qual, aos trinta e dois anos, nasceu um filho chamado Sarug. Esse Sarug no seu trigésimo ano gerou Nacor, e este, aos vinte e nove anos, teve um filho, Taré, que no seu septuagésimo ano tornou-se pai de Abraão.[4]

De acordo com essa relação, Abraão nasceu 352 anos depois do dilúvio, quando Sem tinha 450 anos de idade. "Sem viveu depois de gerar Arfaxad quinhentos anos"[5]. Nascido 92 anos antes do dilúvio, Sem viveu até Abraão chegar ao seu quadragésimo-sexto ano. Josefo diz o seguinte: "Abraão, que consequentemente foi

---

[1] Gên. V, 31.
[2] Gên. XI, 10, 11.
[3] Gên. XI, 12-15.
[4] Gên. XI, 12-26.
[5] Gên. XI, 11.

o décimo depois de Noé, nasceu no ducentésimo-nonagésimo-segundo ano depois do dilúvio”[1]. Donde se segue que Sem morreu quando Abraão tinha noventa e dois anos, e oitenta anos antes do nascimento de Isaac.

Logo, Sem morreu quando Abraão tinha ou quarenta e seis, ou noventa e dois, ou cento e quarenta e oito anos de idade, e pode ter sido aquele grande pontífice da humanidade, sumo sacerdote das nações, que os cananeus chamavam de Melquisedec. As tradições hebraicas e orientais trazem a seguinte solução, que pensamos ser a melhor, para a dificuldade. Mas não dizemos que as assertivas seguintes sejam todas verdadeiras. Julgue por si mesmo o leitor.

Adão moribundo disse a seu filho Set: “Agora eu morro pelo meu pecado, mas não me sepultes enquanto Deus não te mostrar o lugar onde dormirei até que venha o ‘Germe da mulher’, que esmagará a cabeça da serpente[2].” Eles embalsamaram o corpo, legaram-no adiante os patriarcas, Noé trouxe o crânio na arca e, antes de morrer, 350 anos depois do dilúvio, entregou-o a Sem, seu filho mais velho, comunicando-lhe a tradição.

Nasceu da família de Cam seu neto Nemrod (“valente”, ou “o rebelde”), que se transmitiu entre as nações pagãs como Baal, Bel, o deus Júpiter, Hércules, Thor, etc. “Ele foi neto de Cam e homem atrevido com grande força nas mãos. Persuadiu-os a não a atribuir a Deus, como se eles serem felizes não proviesse dele, mas a crer que era a coragem deles mesmos que lhes assegurava aquela felicidade. Ele também mudou o governo, transformando-o em tirania, por não ver outra maneira de apartar os homens do temor de Deus e de os tornar permanentemente dependentes do poder dele próprio. Disse também que se vingaria de Deus caso este cogitasse inundar o mundo novamente. Para tanto, construiria uma torre alta demais para ser alcançada pelas águas, e ficaria vingado de Deus por este ter destruído os ancestrais deles.”[3]

Esse Nemrod afastou a humanidade da religião de Adão; ensinou que o céu era um teto de cristal; que os seus ancestrais, os patriarcas, foram para o céu e se tornaram os planetas; que as forças naturais eram deuses, e assim ele fundou o paganismo. Guiadas por ele, as setenta e duas famílias, nascidas dos netos de Noé, construíram a Torre que chamaram *Bab Il* (“porta de Deus”, na língua babilônica) — que os hebreus mais tarde mudaram para

[1] *Antiguid. jud.*, L. I, c. VI, n. 5.
[2] Gên. III, 15.
[3] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. I, c. IV, n. 2.

Babel ("confusão") —, daí chamarem a cidade vizinha de Babilônia ("cidade da porta de Deus").[1]

A infidelidade, o culto de adoração a seus pais-patriarcas, a degradação da mulher, a imoralidade e a irreligião grassavam pelo povo, tiranizado por esse perverso Nemrod. Antes, porém, que a Torre de Babel fosse concluída, Deus mudou a língua deles de modo que cada família falasse uma língua diferente, e já não conseguisse entender as outras famílias, então elas tiveram de se separar. Os filhos de Jafé migraram para as costas meridionais do Mar Cáspio; os filhos de Sem permaneceram na casa de seu pai, a Ásia, porque era ele o mais velho; as tribos escuras de Cam foram para a África, excetuando-se as tribos que se tinham rebelado contra Sem por conta da divisão dos continentes. Estas permaneceram nas ricas planícies entre o Tigre e o Eufrates, onde fundaram o império babilônico, de que Nemrod foi o primeiro rei. Dessas setenta e duas famílias ou tribos vieram as grandes nações da antiguidade.

Sem, pai de numerosas tribos, filho mais velho e herdeiro do poder civil e do poder sacerdotal de Noé, foi despojado de toda autoridade nessa revolta. Abandonado sozinho em idade avançada, tendo seus filhos partido, um anjo mandou-o vir, que lhe mostraria onde enterrar o crânio de Adão. Por muitos dias cheios, rumaram os dois para o ocidente até chegarem a um outeiro, no qual sepultou ele a relíquia de nosso primeiro pai, e chamou-o *Gólgota*, palavra babilônica que significa "o lugar do crânio". Os gregos traduziram-na mais tarde como *Cranion*, e os romanos como *Calvaria* — Calvário. Ali o anjo mandou-o resguardar a relíquia do primeiro homem.

As *Revelações de Moisés*, um livro antigo tido em alta conta pelos judeus, faz uma longa narrativa de como os anjos embalsamaram o corpo de Adão. "E Deus disse a Adão: 'Eu te instalarei no teu reino, sobre o trono daquele que te enganou, e ele será derrubado neste local (o Calvário), para que te assentes por cima dele'. Ao seu lado foi enterrado o corpo de Abel, e ali deitaram Eva quando morreu, seis dias depois de Adão. Assim, os trinta filhos de Adão sepultaram nossos primeiros pais com o sacerdote Abel a seu lado. E o arcanjo Miguel disse a Set: 'Sepulta assim todo homem que morrer, até o dia da ressurreição'."

Citamos isso como um espécime de numerosas tradições orientais duvidosas. A caminho de Damasco, não longe das vastas ruínas de Baalbek, em meio às montanhas do Líbano eles te mostram os sepulcros de Noé e dos patriarcas. Talvez Adão tenha sido sepultado

---

[1] DUTRIPON, *Concord. S. Scripturæ*, verbete "Babel".

ali e, mais tarde, seu crânio tenha sido subtraído e guardado como relíquia do primeiro pecador e santo. A Igreja, ao honrar as relíquias dos santos, segue os costumes das raças antigas, especialmente dos hebreus. Na Igreja do Santo Sepulcro eles mostram o túmulo de Melquisedec.

Pouco menos de um quilômetro ao sul erguiam-se picos rochosos escarpados, cercados em três lados por vales profundos, que Sem fortificou e chamou de Sião ("a protuberante"). Ali erigiu ele seu palácio, em redor do qual ergueu-se uma cidadezinha que ele chamou de Salém ("paz"), da saudação oriental *salama* ("paz"), palavra usada até hoje nesses países, assim como dizemos: "Como vai você?"

Nas migrações das tribos, os filhos amaldiçoados de Canaã,[1] os jebusitas, os hititas, que os gregos chamavam de fenícios, haviam colonizado a terra, onde tinham construído muitas cidades e vilarejos. Não conhecendo Sem, quem era ele nem donde vinha, chamaram-no de "o Rei Justo", o Rei de Salém, na língua deles: Melquisedec.

Último dos grandes patriarcas pais das nações, herdeiro da paternidade, da realeza e do sacerdócio de Noé, remontando a antes do dilúvio até Abel e Adão, no seu palácio em Sião, no lugar exato onde Jesus Cristo celebrou a Última Ceia, esse grande rei e sumo-sacerdote oferendou pela primeira vez o pão e vinho da Missa.

Ele era então o último elo com o mundo antediluviano. Não sobreviveu qualquer escrito, registro ou monumento dos tempos anteriores a Deus haver eliminado a maldade do mundo mediante as águas de sua ira, salvo Sem, que os preservara segundo os costumes patriarcais daquela época, quando o filho mais velho era o herdeiro e depositário único de todo o saber, propriedade e sacerdócio de seu pai.

Na Caldeia, em Ur ("luz do luar"), onde a Lua era adorada, cidade que é hoje a decaída *Tell el-Muqayyar* ("morro construído com betume"), vivia Abraão. O pai dele ganhava a vida fabricando ídolos e os vendendo, diz o *Talmude*. Mas seu filho não acreditava neles, e Deus lhe deu fé sobrenatural e mandou-o ir para a Palestina, onde ele encontraria esse grande rei-pontífice, do qual aprenderia a religião de Adão, a história da criação, do pecado original do homem, a profecia do Redentor, a história do mundo antes do dilúvio. Conforme o costume patriarcal essas verdades foram legadas a

---

[1] Gên. X. 16.

Isaac, a Jacó, aos hebreus como tradições, até que Moisés as coligiu todas no livro do Gênesis.

Dizem os rabinos judeus que Sem chamou a cidadezinha de *Salém* ("paz");[1] que, depois de oferecer Isaac em sacrifício no monte Moriá, Abraão nomeou a cidade *Jiréh* ("posse"); que os dois grandes patriarcas disputaram acerca do nome da cidade, mas afinal chegaram a um acordo que consistia em unir as duas palavras, resultando em *Jerusalém* ("a cidade da paz"),[2] palavra encontrada seiscentas vezes no Antigo Testamento, e setenta vezes no Novo.

Os hebreus chamavam-na de *Ariel* ("leão de Deus" ou "lareira de Deus");[3] os judeus helenistas diziam que era a *Agia Pólis* ("a cidade santa");[4] quando a destruiu Adriano, os romanos nomearam-na *Ælia*, em homenagem ao primeiro nome dele.[5] Era a mais santa de todas as cidades da terra, por causa d'Ele, que fora predito viria e ali redimiria a nossa raça.

Quando Omar, primo de Maomé, capturou-a, os muçulmanos chamaram-na *el-Kuds* ("a santa"), *beit-el-Makdis* ("a casa do santo santuário"); *es-Sherif* ("a venerável" ou "a nobre"). Para eles Jerusalém é um lugar sacratíssimo, onde viveram os profetas que eles retêm inspirados, e aos olhos deles Jerusalém só perde em santidade para Meca, onde nasceu Maomé, e Medina, onde ele viveu.

Sem, portando o nome de Melquisedec, viveu em Sião, estando o seu palácio construído no exato local onde Herodes erigiu o cenáculo onde Jesus Cristo rezou a primeira Missa.[6] Esse grande "rei-profeta do Deus Altíssimo",[7] "trazendo pão e vinho",[8] ofereceu esse sacrifício em ação de graças pela vitória que Deus concedeu a Abraão; ofertou esse pão e vinho a Deus como imagem da Missa, e não, como escreveu Calvino, como alimento para as tropas de Abraão.

E Abraão "deu-lhe o dízimo de tudo"[9]. Por que fez isso? Para mostrar que viria um sacerdócio, a oferecer o sacrifício da Missa com o pão e o vinho, que seria superior ao sacerdócio aarônico oferecedor

---

[1] S. AGOSTINHO, *Enar. in Ps.* XXXIII, *Ser.* 1, V.

[2] YOUNG, *Concord. of the Bible*; EDERSHEIM, *Temple*, 3; SMITH, *Dic. of Bible*, verbete "*Jerusalem*", etc.

[3] Isaías XXIX, 1, 2, 7; Ezeq. XLIII, 15.

[4] Mateus IV, 5; XXVII, 53.

[5] *Ælius Hadrianus*.

[6] Ver JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. VII, c. III, n. 2.

[7] Em hebraico, *vehu cohen*.

[8] *Hotseti mincha*.

[9] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, v. 47; Gên. XIV, 20.

de sacrifícios cruentos, animais sofridamente imolados no Templo pelo corpo sacerdotal que havia de nascer da raça de Abraão.

Abraão deu o dízimo a Melquisedec porque era este o costume naqueles tempos. Os pagãos davam o dízimo, ou seja, a décima parte dos despojos de suas vitórias, para seus sacerdotes.[1] Diz Xenofonte[2]: "Pois desse dinheiro coletado dos cativos, a décima parte consagrada a Apolo ou a Diana de Éfeso recebiam os pretores." Agesilau escreve: "As oferendas, ou seja os frutos da terra, a cada duzentos anos cem talentos ou mais, os efésios dedicam a décima parte disso a Deus."

Cristo era, então, sacerdote segundo a ordem de Melquisedec quando ofereceu pão e vinho na Última Ceia e sacerdote segundo a ordem de Aarão quando trouxe o cordeiro pascal ao Templo para ser sacrificado.[3]

Sem e Abraão adormeceram com seus pais e foram sepultados, um em Sião, o outro em Hebron, sessenta anos se passaram que a história silencia, e os jebusitas, filhos do terceiro filho daquele malvado Canaã, capturaram Sião, fortificaram suas muralhas, e suas moradas ergueram-se em volta da fortaleza de Melquisedec. Eles chamaram a cidade de Jebus ("espezinhada"), em memória de seu pai.

Era um lugar de extraordinária fortaleza. Escavações recentes em Jerusalém expuseram as antigas muralhas, que se estendiam desde perto da porta de Jafa, descendo ao fundo do vale do Tiropeon, a separar Sião de Moriá, e que continuavam ao longo dos declives ao sul e para o oeste, ladeando o vale do Hinom até chegarem ao ponto inicial. Revelam que Sião deve ter sido, naquele tempo, uma acrópole ("uma cidadela"). Chamavam-na então de "a pedra enxuta". O vale do Tiropeon era então oito, dez e e vinte e quatro metros mais baixo do que hoje, enquanto que ao sul e a oeste erguiam-se as muralhas muitas dezenas de metros acima dos vales do Hinom e do Cedron. Num local um fragmento do antigo muro de Sião ao norte foi construído rente ao penhasco e, embora subisse só até o topo do rochedo atrás de si, tinha ainda assim quase doze metros de altura defronte ao desfiladeiro frontal.[4] Isso ficava do lado norte de Sião em face da cidade atual. Ali o terreno era mais plano, onde hoje a longa rua de Davi sobe suavemente da cidade moderna até Sião.[5]

---

[1] LÍVIO, L. 6.
[2] *Cyro.* L. 6.
[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, XXV, 319 a 325, v. 47, etc.
[4] Recentes escavações em Jerusalém.
[5] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1474, etc.

No repertório de imagens do Antigo Testamento, Sião era protótipo da Igreja com seu Sacrifício Eucarístico, enquanto Jerusalém era emblemática do Céu, e esses sentidos se encontram em centenas de textos.[1]

Quando os hebreus vitoriosos sob a liderança de Josué varriam a Palestina, os gabaonitas ("habitantes de colina") possuíam quatro cidades um pouco ao norte de Jerusalém — sendo uma delas "A cidade sobre a colina que não tem como ser escondida"[2], que ainda pode ser vista cerca de oito quilômetros ao norte de Jerusalém. Eles enganaram Josué,[3] e foram condenados a ser "cortadores de lenha e carregadores de água". Seus descendentes viviam em Ofel e davam alojamento e serviam refeições aos sacerdotes judeus enquanto estes serviam no Templo. Os hebreus não conseguiam tomar Jerusalém, por causa de suas poderosas fortificações. O vale do Hinom dividia então as tribos de Judá e de Benjamim, e mais tarde a linha divisória estendeu-se através do centro do Templo.

Por 824 anos os filhos jebusitas de Canaã possuíram Jerusalém, até Davi ("o amado") consolidar-se firmemente no seu trono em Hebron. A cidade ficava no elevado contraforte da cordilheira central que cruzava o centro do reino hebreu, e era um lugar de força extraordinária. Depois de ele reinar sete anos em Hebron, todos os chefes das doze tribos juraram lealdade a Davi, consolidando firmemente a dinastia dele.

Saindo de Hebron, trinta e dois quilômetros ao sul, sobre essas colinas da Judeia, Davi fez suas tropas marcharem, cercou Jerusalém e prometeu tornar general de seus exércitos ao primeiro que escalasse as muralhas. Apesar dos defensores cegos e aleijados que haviam sido postos nas muralhas para zombar dos soldados de Davi, Joab ("*Jehová* é pai"), filho de Sárvia ("bálsamo"), sobrinho de Davi, escalou as muralhas.[4] "E Davi tomou a fortaleza de Sião, que é a cidade de Davi."[5]

"Depois que Davi expulsou da cidadela os jebusitas, ele reconstruiu Jerusalém, nomeou-a Cidade de Davi e ali habitou durante todo o tempo de seu reinado... Ora, depois que escolheu Jerusalém como sua capital real, seus negócios prosperaram cada vez mais pela providência de Deus, que cuidou que se aprimorassem e tivessem incremento. Hirão ("o de nobre estirpe"), rei dos tírios,

---

[1] S. AGOSTINHO, *Enar. in. Ps.* XCVIII, n. IV; *Epist.* CLXXXVI, n. VIII.
[2] Mateus V, 14.
[3] Josué IX.
[4] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. VII, c. III, A. I.
[5] II Reis V, 7.

enviou-lhe embaixadores e formou com ele uma aliança de amizade e apoio mútuo. Enviou-lhe também presentes, mudas de cedro e máquinas, e homens peritos em construção e arquitetura, a fim de construírem para ele um palácio real em Jerusalém. Ora, Davi erigiu edifícios em redor da cidade baixa. Anexou também a cidade baixa, formando com ela um só corpo. E, depois de tudo circundar de muralhas, nomeou Joab para tomar conta delas. Foi Davi, portanto, quem primeiro expulsou os jebusitas de Jerusalém e chamou-a pelo seu nome único de Cidade de Davi, porque sob a égide de nosso antepassado Abraão ela era chamada de Solima ou Salém."[1]

O palácio de Davi ficou célebre. Foi construído no mesmo terreno do palácio de Melquisedec. Ali Davi preparou um lugar para a arca; ali se realizaram as grandes cerimônias mosaicas, até que Salomão construiu o seu famoso Templo sobre Moriá, outro monte, um pouco a nordeste. Desde então, Sião tornou-se um lugar sagrado na história dos hebreus, aí celebraram eles as festas solenes nos dias de Davi, e chamaram Sião de "a montanha santa".

Nas paredes do palácio, as notificações da administração de Davi, suas leis, etc., eram afixadas. A fortaleza era chamada de *Melo* ("multidão"), e vistosas casas e palácios se erguiam ao redor do cimo da Cidade de Davi, de Sião e de Melquisedec.

Descendo fundo nos lisos rochedos calcários onde Melquisedec foi sepultado, Davi escavou passagens, aposentos e sepulcros. Ali escondeu ele vastos tesouros, para a construção do Templo que Deus lhe disse que seu filho Salomão edificaria — o ouro e a prata totalizando US$ 19.349.260 atuais, juntamente com bronze, metais e outros tesouros de valor muito mais inestimável. O túmulo dele interessa-nos pelas razões mencionadas mais adiante.

"Ele foi sepultado por seu filho Salomão em Jerusalém, com grande majestade e com todas as outras pompas fúnebres com que soíam ser sepultados os reis. Além disso, ele teve sepultadas consigo grandes e imensas riquezas, cuja vastidão pode-se conjecturar facilmente pelo que direi agora. Pois mil e trezentos anos depois, o sumo sacerdote Hircano, quando cercado por Antíoco, o qual era chamado 'o piedoso', abriu um aposento do sepulcro de Davi, tirou trezentos talentos e entregou parte dessa soma a Antíoco, conseguindo por esse meio que o cerco fosse levantado, como informamos ao leitor noutra parte. Depois dele, e isto muitos anos mais tarde, o rei Herodes abriu outro aposento e tirou grande quantidade de dinheiro, e contudo nenhum dos dois chegou até os túmulos dos

---

[1] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. VII, c. III, n. 2.

reis mesmos, porque os corpos deles foram sepultados debaixo da terra com arte tal, que não apareciam nem para os que entrassem nos seus mausoléus."[1]

Salomão ("o pacífico") estendeu uma ponte de pedra atravessando o profundo vale do Tiropeon que separa Sião de Moriá, sob a qual passava aquela que no tempo de Cristo era chamada de *Rua dos fabricantes de queijo*. Herodes, com sua mania de construção, ampliou essa ponte, que ficou assim com quinze metros e meio de largura e cento e sete metros de comprimento, sua entrada situando-se a sudoeste da área do Templo. Foi através dessa ponte que Cristo e seus apóstolos passaram, quando carregaram o cordeiro para a páscoa ou Última Ceia. Parte da imposta oriental é hoje chamada de *arco de Robinson*.

Salomão ampliou e fortificou a antiga fortaleza edificada por Melquisedec e Davi. Ali permaneceu a arca da aliança, desde o tempo em que Davi colocou-a no palácio dele, até Salomão terminar seu famoso Templo sobre o monte Moriá.[2] Agora, no terreno do palácio de Melquisedec e do palácio de Davi, erguia-se o grande palácio de Salomão, que levara treze anos para ser construído.[3] Era famoso por sua majestade e magnitude. Os aposentos da corte, as prisões, os corredores e os salões — era tudo de fino mármore da Judeia e de cedro do Líbano. Foi incendiado e totalmente destruído pelos babilônios, quando capturaram Jerusalém."[4]

No liso e fundo rochedo judaíta de cor branco-amarelecida que há debaixo daquele palácio, ao lado do sepulcro de Davi foram escavadas outras catacumbas e galerias, e ali Salomão e todos os reis da Judeia foram sepultados junto com a profetisa Holda ("a felina").[5] Quando Jerusalém foi reedificada, depois do cativeiro da Babilônia, Sião foi outra vez fortificada como cidadela da cidade. Os macabeus ampliaram a fortaleza de Sião e ali viveram como sumos sacerdotes guerreiros. Reforçaram a *birah* ("fortaleza" no rochedo), a noroeste da área do Templo, que Herodes depois reformou e chamou de Antônia. Ali morou Pilatos, e ali Cristo foi julgado e sentenciado à morte.

---

[1] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. VII, c. XV, n. 3. Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, 11, 783, etc.

[2] II Reis VI; III Reis VIII.

[3] III Reis VII.

[4] IV Reis XXV.

NOTA.— O leitor encontrará as diversas opiniões acerca dessa vasta soma acumulada por Davi em MIGNE, *Cursus Completus Sacræ Scripturæ*, vol. II, pp. 637 a 650.

[5] *Talmude* babilônico, *Ebel*, 60.

Herodes, o idumeu, nascido da tribo de Judá, o último dos reis hebreus, que estava predito reinaria até que viesse o Messias,[1] tendo ouvido falar dos imensos tesouros de Davi escondidos em seu sepulcro, antes de começar a construir seu famoso Templo vinte anos antes de nascer Cristo, fez uma busca pelos tesouros que Davi escondera debaixo do seu palácio.

"Quanto a Herodes, despendera ele vastas somas com as cidades tanto dentro como fora do seu próprio reino. E tendo ele sabido que Hircano, que fora rei antes dele, abrira o sepulcro de Davi e dali tirara três mil talentos de prata, e que uma quantia muito maior tinha sido deixada para trás, o bastante aliás para cobrir todas as suas necessidades, ele teve durante um bom tempo intenção de tentar a mesma jogada. E então ele abriu aquele sepulcro durante a noite e ali penetrou, e procurou que não se ficasse sabendo disso na cidade, mas só levou consigo seus amigos fiéis. Dinheiro mesmo, ele não encontrou nenhum, como fizera Hircano, mas o mobiliário de ouro e os bens preciosos que ali tinham sido deixados, todos estes ele os levou. Contudo, ele tinha grande desejo de fazer uma busca mais diligente e adentrar ulteriormente, mesmo indo até aos corpos de Davi e de Salomão, quando dois de seus guardas foram mortos por uma labareda de fogo que irrompeu sobre os que entravam, conforme diz o relato. Aí então, ele ficou terrivelmente amedrontado, saiu dali e construiu um monumento propiciatório, memorial daquele pavor em que estivera, e este de pedra branca, na boca do sepulcro, também isso com grandes despesas."[2]

Assim, por sobre os sepulcros dos grandes reis foi erguida a pilha de edificações que os romanos chamaram de cenáculo[3] ("o salão de banquetes"), porque ali se celebravam banquetes públicos. Os gregos chamaram-no de *huperoon* ("alto") ou de *anageon* ("formoso"), e os judeus de *aliyah* ("câmara"), porque era o aposento mais alto e mais amplo, o melhor e mais santo, excetuando-se o Templo, dentre todos os lugares da cidade sagrada no tempo de Cristo. Estava ricamente mobiliado com tapetes, capachos e tapeçarias — suas paredes eram todas decoradas, e sua mobília, suntuosíssima, como convinha àquele edifício em cima dos sepulcros dos reis que dormem nas catacumbas de pedra ali embaixo. Celebravam-se ali os serviços sinagogais, e era a maior e melhor das 480 sinagogas de Jerusalém no tempo de Cristo.

---

[1] Gên. XLIX, 10.
[2] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. XVI, c. VII, n. I.
[3] Ver MIGNE, *Cursus S. Scripturæ*, III, 909.

Mencionamos os mortos que dormem debaixo de Sião. As relíquias de reis e de profetas ali repousavam na noite em que Cristo celebrou sobre elas a primeira Missa, e disse: “Fazei isto em memória de mim”[1]. Todos os incidentes daquela noite — a sala, os arredores, as funções — imprimiram-se na mente dos apóstolos.

Quando saíram para implantar a Igreja em meio às nações, eles rezaram Missa sobre os restos mortais dos santos e dos mártires. Perseguidos em Roma, eles ofereceram o sacrifício nas catacumbas. Eles mais tarde puseram as relíquias em pedras de altar, e assim, através das idades, esse costume prevaleceu até nossos dias em todos os ritos e liturgias da Cristandade.

O clero de Rito latino usa uma pedra, para pôr sobre ela o Cálice e a Hóstia, e nessa pedra, como num pequeno sepulcro, as relíquias dos santos são postas e como forradas ou lacradas, assim como o foram as relíquias dos profetas e reis debaixo do cenáculo. Os cristãos orientais, que só usam seda para as toalhas de altar, põem as relíquias dos santos nas duplas pregas de seda que formam o revestimento do altar, sobre o qual descansam os Elementos Eucarísticos.

Todos os cristãos orientais seguem o mesmo costume. Seguimos seu rastro no passado remontando até aos tempos apostólicos, para além das perseguições romanas e antes mesmo do que as catacumbas. Alguns autores dizem que se originou nas catacumbas, mas indo mais fundo descobrirão que provém da Última Ceia.

Quando os apóstolos saíram para fundar igrejas, em muitas terras eles encontraram costumes de sepultar os mortos venerandos dentro de pirâmides (“com formato de labareda”) e de túmulos (“montículos”), enquanto os gregos chamavam seu cemitério de necrópole (“cidade dos mortos”). Os cristãos seguiram as lições de Sião e da Última Ceia. Em galerias, debaixo das igrejas, os primeiros cristãos enterraram seus mortos. O costume foi seguido até os tempos modernos na Europa, onde personagens históricos dormem ainda nas igrejas. Aqui nos E.U.A., sepultam-se os bispos debaixo das catedrais. Esses costumes remontam a Sião e ao cenáculo.

Sião é um monte mais elevado que o de Moriá, a nordeste, onde se erguia a “casa de ouro” do grande Templo, refletindo sobre a cidade a luz do sol. Sião fica 800 metros acima do nível do mar, e 1.200 metros acima do Mar Morto. O Templo, com seu sacerdócio e sacrifícios, devia cessar. A Igreja, com seu sacerdócio e Sacrifício

---

[1] Lucas XXII, 19.

Eucarístico, havia de ser eterna. Por isso, ao longo do Antigo Testamento, 177 vezes os profetas, com palavras candentes, manam as glórias de Sião, imagem da Igreja, ao mesmo tempo que condenam Moriá, com seu sacerdócio judaico desviado.

No tempo de Cristo, em torno do cenáculo erguiam-se as casas dos judeus mais abastados, dos ricos fariseus, dos doutos escribas, dos juízes do sinédrio. José Caifás e seu sogro Anás tinham ali palácios dignos de príncipes. Sião era o quarteirão residencial aristocrático de Jerusalém. Logo, quando nós escolhemos os bairros mais ricos e mais abastados de nossas cidades como terrenos para nossas catedrais e igrejas, nós seguimos, talvez sem pensar, o exemplo de Cristo quando celebrou a primeira Missa em Sião.

O cenáculo pertencia à família de Davi. A Mãe do Senhor era Princesa da família real e herdeira de Davi. Por isso, Cristo, Príncipe da Casa de Davi, tinha direito ao edifício. José de Arimateia e Nicodemos eram os líderes da assembleia sinagogal que prestava culto no cenáculo. Ali reuniram-se os apóstolos, os discípulos e os seguidores de Cristo para os serviços sinagogais, naquela histórica noite da Quinta-Feira, e também naquela véspera de *shabat* enquanto o corpo do Senhor jazia no sepulcro. Ali permaneceram eles durante essas quarenta horas, até que ele ressurgiu dos mortos. Daquele lugar, seguiram-no 500 pessoas, descendo o vale do Tiropeon, atravessando o Cedron e subindo as encostas do Olivete, no dia da Ascensão. Ao subir o monte das Oliveiras, que os árabes chamam hoje de *gebel et-tur*, o Senhor, antes de subir aos céus, mandou Tiago tomar conta dos discípulos em Jerusalém.

Dia após dia eles se reuniam ali para os serviços sinagogais, preparando-se para a festa de Pentecostes, à espera do prometido Paráclito. Eles estavam no cenáculo nesse dia, quando, às nove da manhã, o Espírito Santo — a nuvem de fogo da *Shekiná* da sarça ardente, do Sinai, do tabernáculo, do Templo e do Tabor — encheu a sala da Última Ceia e choveu línguas de fogo sobre eles, dando a cada apóstolo ciência da língua da nação para a qual havia de pregar.

“Naquela quarta-feira”, diz um escritor antigo,[1] “S. Tiago primeiro rezou a Missa segundo sua Liturgia, que ele declarou ter recebido do Senhor, sem mudar palavra.” Os apóstolos utilizaram o cenáculo como igreja enquanto permaneceram em Jerusalém. Ao mesmo tempo que o exército romano, sob a égide de Tito, descia em marcha, do norte, para sitiar a cidade santa, no Ano do Senhor 70,

---

[1] DION. BARSILIBUS, *Hist. da Liturgia de S. Tiago.*

Simeão, que fora eleito bispo depois de Tiago ter sido jogado do pináculo do Templo e morto com uma pedra de pisoeiro, pregou sobre as palavras do Senhor que prediziam o terrível cerco e destruição da cidade, e avisou-lhes que fugissem. Numa ribanceira a leste do Mar da Galileia, aninhava-se então a cidadezinha de Pela, e ali encontraram eles um lar enquanto perdurou a guerra, após o que retornaram, para encontrar Jerusalém como um amontoado de ruínas.

Em redor da torre Antônia e do Templo, havia se travado o combate renhido que Josefo descreve tão vividamente.[1] Os romanos ignoravam de todo o grupelho de cristãos que exercia o culto no cenáculo, e o edifício sofreu poucos danos. Depois da guerra, a Liturgia da Missa de S. Tiago voltou a ser seguida. O cenáculo foi chamado de "Igreja dos Apóstolos" ou "Igreja de Sião". Os peregrinos nos primeiros tempos fizeram referência a ela.

Uma vez mais os judeus se rebelaram, e Adriano arrasou a cidade e as muralhas, passou a charrua sobre ela e proibiu os judeus, sob pena de morte, de entrar nela, exceto uma vez por ano para celebrarem a páscoa. O santo edifício da Última Ceia sobrevivera às calamidades de duas guerras. Os clérigos sírios hoje chamados de maronitas serviam então ao povo. Eusébio, o afamado historiador, cita uma lista de quinze bispos de origem hebreia, e vinte e quatro de família gentia, que governaram a Sé de Jerusalém.

Um século e meio se passou, e Silvestre sentou-se no trono da suprema Sé Apostólica, que Pedro estabelecera em Roma, de cujos bispos Eusébio menciona vinte e nove nomes começando por Pedro e trazendo-os até o Concílio de Niceia, em 325. A imperatriz Helena, mãe de Constantino, depois da conversão do filho, foi até Jerusalém.

Era fácil descobrir onde dormiam os famosos reis, e o edifício em que o Senhor rezou a primeira Missa ainda estava de pé. Jerusalém, então como agora, era feita de pedras, com todas as salas e tetos arqueados. Não dava para queimar as edificações, porque a madeira está somente nas portas e janelas. Apenas o homem ou um terremoto poderiam arruinar Jerusalém.

Seguindo as ordens de Helena, o cenáculo foi purificado, consagrado, e nele se rezou Missa novamente. Tornou-se sede de um arcebispo — uma Sé patriarcal que só perdia em importância para a de Roma e a de Alexandria. No cenáculo eles rezavam Missa segundo a Liturgia de S. Tiago, e segundo a Missa que S. Pedro compôs em Antioquia. A primeira está escrita em grego, a segunda

[1] *Guerr. jud.*

em siro-caldeu, a língua do povo da Judeia no tempo de Cristo. A Igreja de Jerusalém, tendo o cenáculo como catedral, floresceu até o Ano do Senhor 636, quando chegaram com fogo e espada os fanáticos seguidores do falso profeta da Arábia. Omar, primo de Maomé, veio e negociou com o patriarca Sofrônio a rendição da cidade santa. Tratou os cristãos com benevolência, deu-lhes a Igreja do Santo Sepulcro e o cenáculo, retendo para os maometanos o lugar do Templo.

Sacerdotes maronitas ministraram para os cristãos até que vieram os cruzados, depois do que, a pedido de seu fundador, S. Francisco, que foi a Jerusalém, o cenáculo caiu em mãos dos padres franciscanos, que o conservaram por mais de 200 anos. Aí então uns maometanos, alegando descendência direta da família de Davi, expulsaram os frades e até hoje servem de guardiães do cenáculo, chamando-o de *bab neby Daud* ("a casa do profeta Davi").

Era um dia claro de abril em 1903, quando começamos a subir a rua de Davi, que escala pelo sul a santa montanha. À direita passamos pela escura e fortificada Torre de Davi, um pouco a sul da porta de Jafa, usada hoje como quartel turco. Suas pedras enormes parecem bastante envelhecidas e enegrecidas para terem sido postas ali pelo régio profeta. Do lado oposto ficam o *Cook's office*, uma escola protestante, e mais acima o local da casa do apóstolo Tomé. Mais adiante à tua esquerda chegas à igreja armênia, construída sobre o local onde eles afirmam que morou S. Tiago, o primeiro bispo de Jerusalém. Próximo ao trono do bispo, no santuário, eles te mostram seu sepulcro. Fora dos muros, a leste da área do Templo, escavado na rocha natural o sepulcro dele permanece ainda. Por que o sepultaram no interior da cidade não sabemos, uma vez que as leis judaicas proibiam sepultamentos dentro dos muros sagrados. Talvez as relíquias dele tenham sido trazidas até a igreja que fica em Sião.

O terreno agora é plano, e, continuando na direção sul, tu chegas ao lugar da mansão ou palácio de Caifás, onde Cristo foi julgado e condenado à morte duas vezes. Uma igrejinha ocupa o terreno. Tem seis metros e meio por oito metros, construída com a pedra calcária cinzenta da Judeia. Seis colunas quadradas, três de cada lado, sustentam o teto de pedra abobadado. As inscrições te informam de que seis bispos foram sepultados sob o edifício. Na parte oriental fica o santuário, sua pedra de altar sendo a pedra de rolamento chata e redonda com que fecharam a porta do sepulcro do Cristo morto. À direita, ou a sul do altar, no interior do presbitério há um pequeno aposento de pedra acima da cela no porão, no qual

eles aprisionaram Cristo naquela noite até poderem reunir o tribunal de manhãzinha a fim de sentenciá-lo legalmente, porque eram proibidas pela lei judaica as sessões noturnas do tribunal.

A igreja ocupa apenas uma pequena parte do palácio do sumo sacerdote. No jardim detrás da igreja eles haviam escavado e removido um pouco dos detritos dos séculos, descobrindo um belo e amplo pavimento em mosaico, feito de pequenos mármores quadrados coloridos, trabalhados com arte, formando flores e lindos tracejados — talvez o piso da casa de Caifás. O trabalho de metade de um dia teria revelado quase todo o jardim e o restante das figuras. Mas os turcos proibiram novas escavações, para não acontecer de os cristãos descobrirem o sepulcro e o tesouro de Davi.

Agora, na encosta sul, no cume e nos subúrbios de Sião, os detritos das muradas e das casas destruídas séculos atrás recobrem os campos e os jardins. Tu verás os homens escavando os terrenos das ricas moradas dos escribas, dos fariseus, dos sacerdotes e dos juízes que sentenciaram o Deus-Homem à morte, realizando as palavras do profeta, que Jeremias cita: “Vós que edificais Sião com sangue, e Jerusalém com a iniquidade. Os príncipes dela têm juízes a soldo de subornos... Por isso, por vossa causa Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém tornar-se-á um montão de pedras, e a montanha do Templo, como os lugares da floresta.”[1]

Tu atravessas os muros e sais pela antes chamada porta de Sião, que agora os muçulmanos nomeiam *bab en neby Daud* (“porta do profeta Davi”); à tua direita, circundado por um muro, está o cemitério armênio, e mais adiante o cemitério protestante. Tu andas um pouco para oeste, até onde o palácio de Melquisedec ergueu-se um dia, e lá embaixo avistas o fundo vale do Hinom, a cinquenta metros abaixo de ti, onde vês a fonte de Gion parcialmente cheia de água. À tua esquerda, a leste, está o vale do Tiropeon, depois vem o monte onde ficava Ofel, embaixo a área do Templo, depois o Cedron e o Getsêmani — de todos os lados à tua volta se erguem túmulos, e a leste fica o monte das Oliveiras —, tudo a inspirar memórias de incidentes históricos.

Percorrendo com os olhos a terra ali embaixo, estirada como um mapa diante de ti, histórias maravilhosas do passado acorrem à mente. Ali Salomão foi coroado. Ali defronte está o monte, com o seu íngreme lado leste voltado para ti, no qual Judas se enforcou, naquela fatídica manhã da Sexta-Feira da Crucificação, quando o corpo dele caiu de uma altura de vinte e dois metros na estrada

[1] Jeremias XXVI, 18; Miqueias III, 10-12.

lá embaixo, e suas entranhas vazaram para fora. É o local exato onde os perversos Acab e Manassés queimavam criancinhas para o deus-fogo Moloc, naquele maldito *Tofet*, onde eram evacuados os esgotos da cidade, onde fogueiras perpétuas eram alimentadas para consumir o lixo, carcaças animais e criminosos. Bem se fez de nomeá-lo *Tofet* e *Geena*. É uma imagem daquele inferno aonde desceu a alma do apóstolo infiel ao Mestre.

Uns oitocentos metros ao sul, os dois vales, do Hinom e do Cedron, se juntam formando a garganta que leva as suas águas, no inverno e na primavera, por uma descida de uns seis quilômetros e meio até o Mar Morto. Quase suspensos aos penhascos ocidentais do monte do Mau Conselho, no qual Salomão erigiu templos para os deuses de suas esposas pagãs, tu vês as casas e os túmulos vazios dos muçulmanos, indigentes em sua ignorância, pobreza e imundície — muitos deles acometidos de lepra. Aquela é Siloé ("piscina de pulgas"), pois naquela piscina à tua frente eles lavavam os cordeiros para o Templo e para a páscoa judaica. Ali Cristo mandou o homem untar seus olhos cegos com a lama da piscina, quando recuperou a vista.

Sião, imagem da Igreja universal, cujas glórias foram cantadas pelos profetas, hoje fora dos muros, tornou-se um descampado. Quem cultiva esses campos? Vem comigo, gentil leitor, e vê um espécime de seus habitantes. Estamos subindo o barranco do Cedron, saindo do lugar ali embaixo onde Judas se enforcou. À nossa direita, as miseráveis casas de pedra e sepulcros de Seilum agarram-se à colina íngreme. À nossa esquerda está a Fonte da Virgem, chamada agora de *ed derez* ("fonte com degraus"), que jorra ainda dos reservatórios subterrâneos que Salomão escavou debaixo do Templo e da cidade.

Acima de nós, a uns três metros de distância quase em cima de nós, ali como uma aparição, de súbito aparece uma mulher de uns vinte e cinco anos, com seus pés descalços quase na mesma altura de nossas cabeças. Sobre uma massa emaranhada de cabelos pretos, que formam uma almofada sobre a cabeça dela, apoia-se um vaso d'água arredondado de cerâmica, com formato similar aos da época dos reis de Judá. Ela tinha acabado de tirar aquela água da Fonte da Virgem. Sua única veste, de pele de carneiro, áspera e espessa como um tapete, está tão coberta e permeada de sujeira, por tê-la usado dia e noite por anos a fio, que as crostas sujas se podiam raspar com uma enxadinha. Mal chega até os joelhos, e as pontas esfarrapadas estão penduradas em filetes imundos. Seus seios estão desnudos, e há furos enormes rasgados na roupa

debaixo dos braços. Se ela lavasse o traje, este se esfacelaria, porque a sujeira ressequida é que o mantém numa só peça.

A pele dela é da cor do cobre antigo. Fanatismo, sujeira, degradação e feminilidade aviltada estão escritos em cada traço e gesto seu, enquanto ela fica ali plantada como uma estátua de bronze e, através de dentes pretos apodrecidos, berra em arábico a alguém na povoação de Seilum, do outro lado do vale do Cedron. Ela é a esposa ou filha de um fazendeiro que cultiva os campos de Sião, ora desolados e desabitados.

Um pouco ao sul do cimo do monte Sião, mas fora das muralhas da cidade edificadas pelos muçulmanos no século VII, cerca de cento e vinte metros ao sul do terreno do palácio de José Caifás ergue-se a antiga pilha de edifícios do cenáculo, enegrecidos pelo tempo e com o aspecto de terem sobrevivido às borrascas de vinte séculos. Compõe-se de vários edifícios, empenas e laterais, alguns de um andar, outros de dois. Ali, guardada por muçulmanos, tu encontras a sala superior onde Cristo rezou a Primeira Missa.

Do lado de fora, uma escadaria de pedra de uns três metros e meio leva ao terraço do edifício adjacente; subindo e passando para a esquerda, tu caminhas em cima das pedras cimentadas que formam o terraço que cobre os aposentos abobadados abaixo e atravessando uma porta tu entras na "sala superior" do Evangelho e da história. Quatro janelas ao sul iluminam a sala.

O aposento tem cerca de quinze metros por nove metros, e duas colunas quadradas de pedra no centro sustentam o teto arqueado. O piso é de pedras lisas irregulares cimentadas juntas. A leste fica uma alcova semelhante ao presbitério ou santuário de uma igreja, fechada por uma grade de ferro. No tempo de Cristo, formava o *Bimá* ou santuário, e deu origem ao santuário de nossas igrejas. Ligada à parede à tua direita há uma escada de degraus altos de pedra subindo até outro aposento, cerca de três metros mais alto do que o piso do cenáculo. Tu sobes, entras e, à tua esquerda, através de uma cancela de ferro bloqueando a porta, tu vês um catafalco coberto com um baldaquino de seda desbotado, recordando-te do catafalco utilizado em nossas igrejas nas Missas de réquiem sem corpo presente. No fundo dos penhascos de Sião repousam, sob estes aposentos, os corpos de Melquisedec, de Davi, de Salomão e dos reis da dinastia de Davi.

As paredes de todas as salas estão enegrecidas pela passagem das eras. As decorações da sinagoga, da Última Ceia e das Missas dos tempos apostólicos já não aparecem. O teto arqueado, os capitéis ornados das duas colunas, as grandes pedras das paredes

e tetos, as ogivas esculpidas do *Bimá* onde repousava a "arca" da sinagoga — tudo deixa transparecer grande antiguidade. Eles te indicam o lugar exato onde Jesus Cristo reclinou-se com seus discípulos naquela noite histórica.

À tua esquerda ao entrares no cenáculo, no canto, uma escada de degraus de pedra desce aos aposentos inferiores. A porta debaixo estava aberta, e o autor começou a descer. O muçulmano correu à sua frente, fechou a porta e o proibiu. Eles não deixam um estranho entrar nos seus dormitórios femininos. O autor esteve em negociações com eles para entrar no sepulcro de Davi antes de ir embora da cidade; surgiram empecilhos, foi pedida uma grande soma como adiantamento, exigiu-se firma do sultão — que era quase impossível de obter, a fim de que não se encontrasse o tesouro de Davi —, as escavações iam levar semanas e poderiam ser interrompidas a qualquer momento, e o projeto foi abandonado.

A prática de ocultar com arte os corpos dos defuntos os hebreus trouxeram consigo do Egito. Tu verificarás que Quéops, na sua pirâmide perto do Cairo, usou meios notáveis para esconder seu corpo na urna de pedra no interior do "aposento do rei", e diversos meios se usavam para encobrir as múmias, os restos mortais dos nobres, nos ermos sepulcros deles ao longo do vale do Nilo.

Em 1839, foi permitido a alguns judeus ver os sepulcros dos seus reis em Sião. Mais tarde, Miss Barclay desceu até o que ela julgou ser o sepulcro de Davi, e diz ela:

"A sala é insignificante em suas dimensões, mas está decorada belissimamente. O sepulcro é aparentemente um imenso sarcófago de pedra bruta e está revestido de uma tapeçaria verde ricamente ornada de ouro. Um pavilhão acetinado de listras vermelhas, azuis, verdes e amarelas cobre o sepulcro, e outra peça de tapeçaria de veludo preto, bordado com prata, reveste a porta numa extremidade do aposento, que eles dizem levar a uma caverna subterrânea. Há dois castiçais de prata diante dessa porta, e uma lamparina pendurada em cima da janela próxima, a qual é mantida ardendo ininterruptamente."[1]

O catafalco que o autor viu não era tão enfeitado como o que ela descreve, e os revestimentos estavam desbotados.

[1] *City of the Great King* ("A Cidade do Grande Rei"), p. 212.

VIII.— OS SERVIÇOS SINAGOGAIS NO CENÁCULO.

AFIRMAM os autores que, no tempo de Cristo, os serviços sinagogais celebravam-se em 480 prédios escolares e edifícios públicos de Jerusalém.[1] O mais excelente desses edifícios públicos, excetuando-se o Templo, era o cenáculo sobre os sepulcros de Davi e dos reis. Ali, no *shabat*, na páscoa e nas demais festas hebraicas, eles se reuniam para o culto matutino, à tarde para o *Minkhá* ("vésperas") e para as orações da noite. Mantêm os *rabis* que essas horas de oração remontam a Abraão, Isaac e Jacó, Moisés e os profetas havendo-as desdobrado nos cerimoniais do Templo e da sinagoga do tempo de Cristo.

Moisés guiou os hebreus até avistarem a Terra Prometida, mas ele próprio não entrou. Josué — ou, como era chamado em grego, Jesus — liderou-os Palestina adentro, depois da morte de Moisés. Um mistério está inscrito nisso. Pois alguém maior do que Moisés, Jesus Cristo, estava predito conduziria o mundo a penetrar os mistérios do Cânon da Última Ceia, a Missa com a Consagração, o Sacrifício Eucarístico e a Comunhão. Os serviços sinagogais levavam a Missa até o fim do Prefácio. Aí se detinha o culto celebrado pela Igreja judaica. Mas Cristo e os Apóstolos levaram a Última Ceia até o fim da Missa. A primeira parte da Missa se estriba no culto praticado no Templo judeu e na sinagoga, pouco modificado. Mas a fé cristã sobrenatural permite-nos enxergar as maravilhas celestes da Presença Real. Vejamos, pois, a sinagoga e o culto aí exercido no tempo de Cristo. Então entenderemos melhor os ritos, cerimônias e orações daquela noite histórica.

Quando os hebreus foram transportados à Babilônia, em todo lugar onde dez homens, chamados *batlanim*, formando um grupo chamado *kehilá*, vivessem, eles adoravam a Deus segundo o cerimonial do Templo arruinado, excetuando-se o sacrifício, que estava proibido fora de Jerusalém.[2] Assim, eles construíram edifícios voltados para a cidade sagrada, para lembrá-los da Palestina,

---

[1] *Talmude* de Jerusalém, *Meguilá*, III, 73; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 119, 432.

[2] Deut. XVI, 5, 6, etc.

dos esplendores do arruinado Templo de Salomão, e do Messias que estava profetizado nasceria da raça deles, e, segundo eles pensavam, a fim de fundar para eles um reino de incomparável esplendor estendendo-se sobre a terra inteira.[1]

Nesses edifícios eles adoravam ao Deus de seus pais, que tinha punido a sua raça pelos pecados de idolatria. Então começaram eles a estudar melhor seus livros sagrados, e as tradições que provinham de tempos imemoriais. Desde essa época, os judeus nunca mais caíram em idolatria, a sinagoga tendo-os conservado na fé judaica.[2]

Uma tradição perpetuou-se e cristalizou-se no *Talmude* segundo a qual Moisés subiu o Sinai na quinta-feira, onde permaneceu quarenta dias e recebeu a Lei, e retornou na segunda-feira, quando os encontrou adorando o bezerro de ouro,[3] e eles separaram as segundas e quintas-feiras em acréscimo ao *shabat* como dias de jejum e de oração. Disso se gloriava o fariseu: "Eu jejuo duas vezes por semana"[4]. Nesses dias, por eles chamados de *shabats*, os fazendeiros entravam nas cidades para vender seus produtos, o sinédrio ou tribunal reunia-se em sessão, e serviços especiais eram celebrados nas sinagogas.[5]

Durante o cativeiro, Daniel, Ezequiel e outros profetas consolaram-nos com oráculos de Deus que prediziam que eles voltariam para a Palestina, que o Templo seria reconstruído e que viria o Messias. Vendo o seu próprio nome na profecia de Isaías, sendo informado de que eles adoravam ao mesmo Deus Todo-Poderoso que ele adorava sob o nome de Ahura Madza, e que o zoroastrianismo ensinado pelos magos sacerdotes persas era similar ao culto hebreu de adoração a *Jehová*, Ciro mandou que eles voltassem para reconstruir a cidade e o Templo.[6]

Quando, sob a liderança de Esdras, os judeus exilados retornaram, em toda cidade e aldeia da Terra Santa eles construíram um lugar de culto que chamaram em hebraico *beit ha-Knesset* ("casa de reunião"), em siro-caldeu *bet kenishta* ou *bet ha-Tefilat* ("casa de oração"), em grego *sinagoga* ("congregação") e em hebraico *assefat* ("assembleia").[7] Suas ruínas ainda se veem, espalhadas por toda

---

[1] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 81, 174 a 187; II, 614.

[2] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 19 a 30, 433 a 456.

[3] Êxod. XXXII, 19.

[4] Lucas XVIII, 12.

[5] Marcos I, 21; III, 2; VI, 2; Lucas IV, 16; XIII, 10; Atos XIII, 14; XV, 21; XVI, 13; XVII, 2; XVIII, 4, etc.

[6] Isaías XLIV, 26, 28, 45; Daniel X.

[7] S. AGOSTINHO, *Enar. in Psal.* LXXVI, n 11.

a Palestina. O Capitão Wilson examinou os restos de sete sinagogas na Galileia, a maior com vinte e sete metros e meio por treze metros e meio, a menor com catorze metros e oitenta por dez metros e oitenta. Em Roma, Alexandria, Atenas, Antioquia e por todos os lugares pelos quais se espalharam os judeus a fim de dedicar-se aos comércios antes do tempo de Cristo, eles tinham sinagogas para os membros de cada ramo de negócios, profissão e corporação de trabalhadores, onde as funções litúrgicas eram em hebraico, e os sermões, na língua do povo. Ali os hebreus adoravam ao *Jehová* de seus pais, em meio à horrenda degradação do paganismo, esperando a vinda do Messias, que eles pensavam iria reuni-los novamente na Judeia e fazer deles os governantes da terra inteira. Assim entendiam eles as profecias referentes a Cristo e à Igreja.

Deus entregou sua revelação à humanidade por intermédio da raça judaica, Cristo era judeu e seguia todos os costumes e ritos religiosos de seu povo.[1] A Igreja é a filha do judaísmo. Não encontramos cerimônia alguma da Igreja que tenha sido copiada do paganismo, como sustentam alguns escritores. Por vinte séculos a Igreja e a sinagoga caminharam lado a lado, inteiramente separadas, mas tendo muita coisa em comum. Vejamos a sinagoga, para conseguirmos entender a Última Ceia e a origem do cerimonial da Missa.

A palavra “sinagoga” se encontra uma vez no Êxodo, quatro vezes em Números, o mesmo tanto nos Salmos, uma vez nos Provérbios, seis vezes no Eclesiástico na Bíblia Vulgata latina. Poucos autores tratam da sinagoga de maneira exaustiva; talvez o preconceito tenha sido um obstáculo ou o judeu perseguido se recusasse a dar informações. Oitenta vezes a palavra se acha na Bíblia como reunião ou congregação. Ao verem o rosto de Moisés “cornudo”, eles voltaram, tanto Aarão como os dirigentes da assembleia[2] — a palavra traduzida aqui como “assembleia” é “sinagoga”. Noutros lugares, entretanto, a palavra “sinagoga” se conserva nas traduções da Bíblia.

Comecemos pelo vocábulo. Sinagoga é o equivalente grego do vocábulo hebraico *moed* (“lugar de encontro marcado”). Posteriormente foi chamada de *beit Knesset* (“casa de reunião”). Autores clássicos como Tucídides[3] e Platão[4] usaram a palavra “sinagoga”. A Bíblia Septuaginta traduz vinte e uma palavras hebraicas com o termo

---

[1] S. AGOSTINHO, *Enar. in Psal.* XLIV, n. XII.
[2] Êxod. XXXIV, 31.
[3] II, 18.
[4] *Repub.* 526.

“sinagoga”, implicando em reunião. Emprega-se 130 vezes para um encontro marcado, vinte e cinco vezes para uma reunião (“re-união” ou “convocação”), e “Igreja” e “assembleia” (ou “congregação”) aparecem no mesmo versículo.[1]

No Novo Testamento, a palavra é aplicada frequentemente ao tribunal onde tomavam assento os juízes,[2] ou à corte.[3] Mas enquanto casa de culto ela era chamada de *beit ha-Knesset* (“casa de reunião”). Durante os dias da semana, o edifício era usado como edifício escolar para as crianças, e era chamado de *beit ha-Midrash* (“casa de estudo”).

O Novo Testamento cita a palavra vinte e quatro vezes, frequentemente designando os lugares de reunião dos convertidos apostólicos. S. Inácio de Antioquia usa a palavra para designar a Igreja,[4] assim como faz Clemente de Alexandria.[5] Mais tarde, quando a divisão entre judeus e cristãos ficou mais saliente, os últimos passaram a usar exclusivamente a palavra “Igreja”.

Os autores judeus reclamam grande antiguidade para a sinagoga, sustentando que todo lugar onde os hebreus “apareciam diante do Senhor”, ou “rezavam juntos”, era uma sinagoga. O *Targum* de Ônquelos, e o de Jônatan, julgam encontrá-la em Jacó habitando em tendas[6] e na convocação de reuniões ou ajuntamentos.[7] Onde é que rendiam culto os hebreus que viviam em lugares distantes do Templo, a muitos quilômetros da cidade sagrada? Onde observavam as festas, jejuns e luas novas, quando não podiam subir até Jerusalém? Dizem os autores judeus que nas sinagogas, construídas em todas cidades em tempos remotos, muito antes do cativeiro babilônico.[8]

Quando, além dos sacerdotes do Templo e dos levitas, os profetas se ergueram para instruir o povo e prenunciar o Messias, eles estabeleceram escolas de profetas para cantar os louvores de Deus. Em diversas partes da Palestina havia casas purificadas, ou sinagogas, onde os filactérios ou *terafim*, chamados “frontais”, eram quase adorados. Os anciãos de Israel, sentados diante de Ezequiel[9]

---

[1] Prov. V, 14. Ver S. AGOSTINHO, *Ques. in Evang.*, L. II, VIII; *Enar. in Psalm.* LXXXIV; *in Psalm.* LXXIII, 1; *Enar. in Psalm.* LXXX, 11; *Enar. in Psalm.* LXXXII, 1.

[2] Mateus X, 17.

[3] Mateus XXIII, 34; Marcos XIII, 9; Lucas XII, 11; XXII, 11.

[4] *Epist. ad Trall.* c. 5.

[5] *Stroma*, VI, 633.

[6] Gên. XXV, 27.

[7] Juízes V, 9; Isaías I, 13, etc.

[8] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1233, etc.

[9] Ezeq. VIII, 1; XIV, 1; XX, 1; XXXIII, 31.

para saber do profeta os oráculos de Deus, mostram que a sinagoga foi revivida durante o Exílio. O grande Vidente disse-lhes que Deus estava na Babilônia assim como na Judeia, e que Ele os reuniria — de volta outra vez para a Palestina.[1]

Toda a história do tempo de Esdras supõe sinagogas, senão existentes antes, ao menos do tempo dele, e muitos escritores citam-no como o seu fundador.[2] Naquela época, a sinagoga foi ou instituída ou revivida. As palavras de S. Tiago Apóstolo: "Porque desde os tempos antigos Moisés tem em cada cidade os que o pregam nas sinagogas, onde ele é lido todo *shabat*",[3] parecem datar a sinagoga a partir de Moisés. Mas os Macabeus mencionam somente Masfa como lugar de oração,[4] talvez porque Jerusalém estivesse então em ruínas.

Os autores judeus dizem que a sinagoga do tempo de Cristo existia desde os dias de Moisés, desenvolveu-se durante o cativeiro babilônico, foi fomentada por Esdras, desenvolveu-se ulteriormente sob a égide do sumo sacerdote João Hircano, e que, nos dias de Cristo, toda cidadezinha e aldeia na Judeia onde vivessem 120 famílias tinha uma sinagoga, e que a área rural circundante estava dividida em distritos, cada qual tendo sua própria sinagoga. Os apóstolos copiaram a Igreja judaica e dividiram os distritos em dioceses, pondo à testa de cada uma um bispo, com seus doze sacerdotes ou presbíteros.

Durante o cativeiro babilônico, a sinagoga exerceu profunda influência sobre os hebreus, uniu-os para combater sob a liderança dos Macabeus, adestrou-os na fé de Israel e estabeleceu escolas para as crianças, para que elas jamais abandonassem depois o judaísmo. Quando os sacrifícios cruentos foram restabelecidos no Templo reconstruído, os serviços sinagogais, com sua profunda devoção, culto edificante e a majestosa liturgia do Templo, uniam o povo, atraíam conversos do paganismo e satisfaziam os anseios do coração humano por religião pura.

Os profetas haviam cessado de ensinar, e paralelamente aos ministros do Templo despontava uma outra ordem de mestres religiosos: o escriba e o *rabi*, não necessariamente nascidos da tribo de Levi e da casa de Aarão. Floresciam as escolas e colégios onde esses homens eram instruídos, depois do que, eram ordenados com

---

[1] Ezeq. XI, 14 até o fim.

[2] I Esdras VIII, 15; II Esdras VIII, 2; IX, 1; Zac. VII, 5.

[3] Atos XV, 21.

[4] I Macab. III, 46.

imposição de mãos. A sinagoga e o rabino chegaram até nossos dias substancialmente os mesmos que no tempo de Cristo.

Enquanto que a planta do tabernáculo e do Templo veio do céu, nenhum tamanho fixo foi estipulado para o edifício da sinagoga; este variava de acordo com o tamanho e as posses da assembleia. Mas o edifício ficava sempre numa parte proeminente da cidade, sobre um monte próximo, ou então se elevava um alto poste do seu telhado, para indicar o lugar aos passantes. O edifício era erigido mediante a cobrança de impostos do povo do distrito circundante, por contribuições espontâneas dos judeus ricos[1] ou por algum convertido amigável. Geralmente ficava ao lado do sepulcro de um *rabi* célebre ou de algum judeu de destaque.

Assim que concluído, sua dedicação era celebrada com grande cerimônia, como o Templo de Salomão — para sempre consagrado a Deus; assim como nossas igrejas consagradas, não podia ser usado para outros fins, e os atos comuns da vida, tais como comer, beber, dormir, etc., estavam proibidos ali. Havia apenas uma exceção a esta regra. A páscoa hebraica sendo um banquete religioso, podia-se celebrá-lo na sinagoga, e geralmente se fazia isso. Ninguém podia atravessá-la como atalho; caso deixasse de ser sinagoga, não podia ser dedicada a nenhum outro uso, como casa de banhos, lavanderia, curtume, etc. À frente da porta ficava uma espécie de capacho, no qual eles limpavam os pés; ali deixavam eles suas sandálias ou sapatos, mas usavam seus turbantes dentro do edifício o tempo inteiro.[2]

O edifício da sinagoga era construído tendo como modelo o Templo. Entrando neste último, primeiro se topava com o *chol* ("o profano"), o lugar onde os pagãos podiam cultuar, para além do qual estavam proibidos de passar, sob pena de morte. O *chol* representava os gentios sem fé. Circundava todo o edifício. O lugar seguinte chamava-se *chel* ("o sagrado"). Em seguida vinha o átrio das mulheres, para além do qual mulher nenhuma podia penetrar, para lembrá-las do pecado de Eva. Adentrando mais, ficava o átrio de Israel, onde os homens adoravam. Era separado do átrio dos sacerdotes por um parapeito baixo de mármore, para além do qual ficava o átrio dos sacerdotes, em cujo meio se erguia o grande altar dos holocaustos. A oeste ficava o *Santo*. Dentro da "casa de ouro" ficava o *Santo dos Santos*. Cada um desses espaços e átrios era mais alto do que os espaços exteriores que descrevemos, e a eles se chegava por magníficas escadarias de pedra.

---

[1] Lucas VII, 5.
[2] *Talmude* babilônico, *Meguilá*, Cap. IV, *Guemará*, p. 77.

As divisões da sinagoga eram três: o vestíbulo, a nave e o santuário. Os edifícios das igrejas, tendo sido copiados da sinagoga, têm sempre essas três divisões: o vestíbulo representa os infiéis; a nave, os cristãos; e o santuário, o céu, copiado do *Santo* do Templo ou do santuário do cenáculo. Vejamos a sinagoga particularizadamente.

No vestíbulo da sinagoga havia caixas para pôr dinheiro, como os cofres do Templo — estes últimos sendo chamados de *corban*. Numa delas, eles punham dinheiro para as despesas da sinagoga; noutra, ofertas para os pobres da assembleia; noutra, esmolas para os pobres de Jerusalém; e noutra, doações para as obras de caridade locais, das quais escreve S. Paulo.[1] Surgiu daí o costume de haver caixas dos pobres nas nossas igrejas. Nas paredes eram afixados os avisos de festas, de jejuns, os nomes dos que estavam sob *caret* ("expulsos", excomungados) e os nomes dos defuntos para os quais seus amigos pediam orações. Ali por perto havia uma caixa na qual eram guardados os instrumentos musicais usados pelo coro.

No batente direito da porta ficava dependurada uma caixinha, a *mezuzá*, contendo um pergaminho com uma oração escrita, que eles recitavam ao entrar. Recordava-os do sangue do cordeiro pascal sobre os umbrais das portas, quando seus pais deixaram o Egito. À esquerda da escadaria que sobe até o *Santo* do Templo, havia um grande "mar" de bronze, no qual os sacerdotes se banhavam antes de entrar em função.[2] Este reservatório e aquela caixinha deram origem às pias de água benta junto à entrada de nossas igrejas, e ao costume de benzer-se com água benta e rezar ao entrar, para recordar aos cristãos o batismo, através do qual entram na Igreja.

A nave da sinagoga tem galerias em três lados, o lado defronte à porta sendo ocupado pelo santuário. Uma sinagoga do presente é tão parecida com uma igreja católica que quase nenhuma mudança, exceto pôr um altar dentro dela, seria necessária para transformá-la numa igreja. Assim, os edifícios das sinagogas e das igrejas não mudaram durante vinte séculos.

No tempo de Cristo, nem todas as sinagogas tinham essas galerias, a nave dividia-se em divisões iguais, os homens ocupando a parte à tua direita, e as mulheres a outra, com uma partição de cerca de um metro e meio de altura correndo pelo meio. Uma separação dos sexos ainda mais estrita vigora hoje entre os judeus orientais e ortodoxos, as galerias sendo separadas por treliças. Os orientais consideravam as mulheres mais profundamente maculadas

---

[1] I Cor. XVI, etc.

[2] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 273, etc.

pelo pecado de Eva — isso prepondera especialmente entre os muçulmanos. O judeu de nossos dias reza: "Ó Senhor, te dou graças por não me teres feito mulher", e a mulher diz: "Ó Senhor, te dou graças por me teres feito como eu sou."[1]

Eles arquitetavam a sinagoga de maneira que o santuário ficasse voltado para Jerusalém; e, nesta última cidade, o santuário ficava voltado para o Templo, direção esta chamada em hebraico *kedem* ("à frente", "adiante"). O santuário do cenáculo ficava voltado para o oriente, vindo daí o antigo costume de direcionar o santuário de nossas igrejas para o oriente.

No tempo de Cristo o santuário era chamado pelos judeus helenistas de *Bimá*, ao passo que os judeus romanos chamavam-no de *rostro* ("plataforma"),[2] tal como os palcos dos teatros e as tribunas dos edifícios públicos. Unicamente os homens podiam ocupar o santuário durante os serviços divinos; e as mulheres não tinham permissão de participar do culto público jamais.[3] Daí S. Paulo dizer: "As mulheres estejam caladas nas igrejas... Porque é vergonhoso para uma mulher o falar na igreja."[4] Como sinal de sujeição, elas sempre tinham a cabeça coberta ao rezar. "É decente que uma mulher faça oração a Deus sem estar coberta?", diz S. Paulo;[5] daí que as mulheres até o presente nunca descubram a cabeça durante os serviços na igreja ou na sinagoga.

À tua direita, mas no interior do santuário, havia um rostro ou púlpito chamado *darshan*, do qual o pregador proferia o *midrash* ("sermão"), sobre a parte da Lei ou dos Profetas que havia sido lida. Veio daí o costume de pregar sobre a Epístola ou o Evangelho, e o púlpito de nossas igrejas. À medida que os homens liam as lições da Bíblia, um deles, chamado *meturgeman*,[6] ficava de pé ao lado e ia traduzindo as palavras na língua do povo, que no tempo de Cristo não entendia hebraico antigo.

Antes do cativeiro da Babilônia, o povo da Palestina falava o puro hebraico chamado *lashon hakodesh* ("língua sagrada") ou *lashon hakamim* ("língua dos sábios"). Durante os setenta anos de exílio, porém, o hebraico foi por eles mesclado com palavras babilônicas, e, quando retornaram, o povinho simples falava o siro-caldeu,

---

[1] Livro de Orações judaico.

[2] Na Liturgia de S. Crisóstomo o santuário é chamado de *Bimá.*

[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1432, etc.

[4] I Cor. XIV, 34.

[5] I Cor. XI, 13.

[6] EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 10, 11, 436, 444, 445.

que alguns autores chamam de língua aramaica.[1] Depois da conquista grega, muitos vocábulos gregos foram adotados. Quando vieram os romanos, introduziram grande número de termos em latim, de sorte que, no tempo de Cristo, predominava uma mistura de línguas, especialmente na Galileia, que quer dizer "o círculo dos gentios" — de *gelil* ("círculo") e *hagoím* ("gentios"). Essa parte da Palestina era tão rica que era chamada "o úbere da terra", e as muitas famílias gentílicas, que se haviam instalado ali, romperam o isolamento do judeu. Daí Cristo ter convertido muitos galileus e escolhido os seus apóstolos dentre eles, sendo Judas, sobrinho de Caifás, o único judeu estrito entre eles.[2]

Os sermões desses antigos pregadores chegaram até nós sob o nome de *targuns* e de *midrashes*. Mas eles não fizeram mudança alguma no hebraico antigo de Moisés e do Templo, e os serviços sinagogais continuam até o presente em puro hebraico, que apenas os judeus doutos hoje entendem. As pessoas que veem defeito em rezar-se a Missa em latim, em grego e em línguas que o povo não entende, não se dão conta de que Cristo frequentou o culto nas sinagogas, onde as funções eram em língua morta.[3]

No interior do santuário, diante da arca que continha os rolos santos, ficava pendurada uma lâmpada perpétua, alimentada com óleo de oliva, recordando-os da *Shekiná*, "uma nuvem durante o dia e um fogo durante a noite", no tabernáculo e no primeiro Templo. Essa lâmpada hoje se vê na nossa lâmpada do santuário diante do Santíssimo Sacramento. Ao longo dos dois lados do santuário, havia cadeiras para os ministros que celebravam os serviços para o *knesset* ("a assembleia"). Essas cadeiras são vistas nas cadeiras e bancos no coro de nossas igrejas. Nas sinagogas abastadas, esses assentos eram finissimamente esculpidos e ornamentados, tal como os assentos no coro das catedrais e das grandes igrejas da Europa. Citemos o seguinte, do *Talmude* babilônico:

"Quem não viu o *diplostoa* ('pórtico duplo') de Alexandria, no Egito, não viu a glória de Israel. Dizia-se que era uma grande basílica ('palácio com colunatas'), e o palácio podia abrigar o dobro dos homens que saíram do Egito. Havia setenta e uma cátedras ('cadeiras de braço com escabelo'), para os setenta e um sábios do grande *sanedrim*, e cada cátedra era feita de não menos que vinte e uma miríades de talentos de ouro. E havia um *Bimá* de madeira no meio do palácio, onde ficava o *hazan* ou sacristão da assembleia, em pé

---

[1] MIGNE, *Cursus Comp.*, II, 1346; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 10, 130.
[2] EDERSHEIM, *Sketches*, 40.
[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, I, 529 a 600, etc.

com uma bandeira nas mãos, e quando chegava o momento, na oração, de responder 'Amém', ele erguia a bandeira, e o povo todo dizia: 'Amém'. E eles não tomavam assento promiscuamente, mas separadamente. As cadeiras de ouro eram separadas, e as cadeiras de prata eram separadas, os ferreiros sentavam-se à parte, os carpinteiros à parte, e todos os diversos ofícios tinham assento separadamente, e quando um pobre entrava, reconhecia quem eram seus colegas de ofício e ia até eles, e assim conseguia trabalho para o sustento de si próprio e de sua família.[1] O relato diz que Alexandre da Macedônia matou todos eles, por violarem o mandamento[2] que proibia os israelitas de voltar para o Egito.

"O átrio das mulheres antes não tinha balcão, mas eles cercaram-no com um balcão e ordenaram que as mulheres deviam sentar-se em cima, os homens embaixo. Antes as mulheres tinham assento nos aposentos internos e os homens nos externos, mas desse modo se originava muita leviandade, e ordenou-se que os homens tivessem assento interiormente e as mulheres externamente. Mas ainda assim leviandades se produziram, por isso foi ordenado que as mulheres se sentassem acima e os homens embaixo."[3]

O relato trata então dos dois messias que eles achavam que os profetas tinham predito, um que havia de nascer da tribo de José, e que seria o Messias sofredor, citando-se aí as profecias dos seus padecimentos e morte referentes ao Cristo, e o outro o Messias glorioso, nascido da família de Davi, que devia vir triunfalmente e consolidar seu reinado sobre a terra toda, concluindo-se com estas palavras: 'E o Senhor me mostrou quatro carpinteiros[4]'. "Quem são os quatro carpinteiros? O Messias filho de Davi, e o Messias filho de José, Elias e o Sacerdote Sedec."[5]

A palavra "carpinteiros" no original hebraico na versão de *Douay* está "ferreiros", mas na versão *King James* está "carpinteiros". Destarte foi transmitido, nessas tradições judaicas, que o Messias havia de ser carpinteiro. Os Evangelhos e os escritos daquele tempo nos informam de que Cristo trabalhou como carpinteiro antes de dar início à sua vida pública.

Uma grade, copiada das lâmpadas de ouro que formavam uma balaustrada entre o átrio dos sacerdotes e o *Santo* do Templo,

---

[1] *Talmude* babilônico, tratado *Suká*, c. V.
[2] Deut. XVII, 16.
[3] *Talmude* babilônico, *Suká*, 78. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 58 a 64.
[4] Zac. I, 20.
[5] *Suká*, 79 a 82.

separava o santuário da sinagoga da nave, ocupada pelo povo. Foi essa a origem da grade de altar em nossas igrejas.

À tua direita no interior do santuário havia um grande candelabro de sete lâmpadas, que teve como modelo aquele famoso de ouro que havia no Templo, chamado *tsemath* ("rama"). Lembrava-os do "ramo" ou "rebento" da família de Davi: o Messias ("o Ungido", "o Cristo"), predito a vir repleto dos sete dons do Espírito Santo[1] e a encher o mundo de verdades celestes, de raios refulgentes, os ensinamentos do seu Evangelho. Eles pensavam que ele devia fundar um reino sem rival, cobrindo a terra inteira. Os escribas, os fariseus e os *rabis* julgavam que somente os judeus seriam governantes nesse reino.

Desde os dias de Moisés, eles conservavam no Templo as *yachas* ("genealogias"), os registros de nascimentos e de matrimônios da família de Aarão, que eles consultavam ao elegerem o sumo sacerdote e o clero subalterno.[2] Nessa mesma linha, em toda sinagoga eles mantinham registros meticulosos dos nascimentos, matrimônios, mortes e confirmações dos meninos. O tribunal ou sinédrio local, encontrado por toda parte onde vivessem 120 famílias, conservava esses registros. S. Mateus e S. Lucas puderam então encontrar nas sinagogas de Belém e de Nazaré a genealogia de Cristo, conservada nos seus Evangelhos. Daí provêm, nas igrejas paroquiais, os registros dos nascimentos, mortes, confirmações, funerais, etc.

O professor da sinagoga, o *darshan*, era chamado de *rabi*, *raban* ou *raboni*. A palavra *rab* na língua babilônica significa "senhor" ou "mestre". Assim, Nabuzardan é chamado *rab tabachim* ("mestre do exército")[3]. Assuero pôs um *rab* ou "mestre" para presidir a cada mesa, no seu grande festim.[4] Asfenez era *rab*[5] dos eunucos. Um *rab* dos *saganim* ("sátrapa") era governante de cada província, e um *rab* dos *chartunim* era "chefe dos que interpretavam sonhos"[6]. O primeiro a ser chamado *rabi* foi o filho daquele Hilel que ficou tão famoso como fundador da *beit Hilel* ("escola de Hilel"). Esse filho foi, segundo alguns, aquele santo Simeão que segurou nas

---

[1] Isaías II, 1, 2, 3; Zac. III, 8, 9; VI, 12.
[2] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 9; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 51.
[3] IV Reis XXV, 8.
[4] Ester I, 3.
[5] Daniel I, 3.
[6] Daniel I, 2.

mãos o Menino Jesus quando apresentado no Templo. O título de *rabi* não foi amplamente utilizado antes de Herodes Magno.[1]

O diretor de uma escola ou de um colégio era um *hakham* ("sábio" ou "doutor"). Quando ficava famoso como professor, era um *cabar rabin* ("companheiro dos mestres"), que dirimia disputas acerca da Lei,[2] casava as pessoas, outorgava divórcios, dava aulas, presidia às grandes sinagogas, punia os maus e podia excomungar.[3]

Esses doutos *rabis* viajavam pelo país pregando, e reunindo discípulos em número de doze, dado que o sumo sacerdote era servido por doze sacerdotes em seu ministério no Templo, em memória dos doze filhos de Jacó, os pais das doze tribos de Israel. Esse costume Cristo seguiu, quando viajou pela Judeia com seus doze apóstolos.

João Batista, desde o dia em que foi confirmado, aos doze anos, até completar trinta anos de idade, viveu no deserto. Então, seguindo os costumes dos *rabis*, ele reuniu discípulos em torno de si — muitos deles seguiram Cristo depois que João o apontou como o "Cordeiro de Deus" que ia tirar os pecados do mundo.[4]

Além dos doze seguidores imediatos, esses *rabis* tinham setenta e dois seguidores, imagens dos netos de Noé, os pais e fundadores das nações.[5] Muitas vezes, ricas senhoras seguiam esses *rabis* para aprender a Lei e para servir a eles.[6] Grupos de judeus, cada qual liderado por um *rabi*, costumavam subir a Jerusalém para a festa da páscoa, assim grandes multidões seguiram Jesus ao Templo no Domingo de Ramos.

Cristo era conhecido pelos nomes aplicados a esses *rabis*. O texto grego dos Evangelhos mostra-nos do que é que o chamavam. Ele chama-se pelas designações:

didaskalos ("professor"): Mateus X, 24; XXVI, 18;
kathegetes ("líder", "guia", no sentido de *rabi*): Mateus XXIII, 8-10;
grammateus ("escriba", "douto", "jurista"): Mateus XIII, 52.

Ele é chamado de:

---

[1] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 6, 26, 77, 169, 170, 215 a 248, etc.
[2] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1189.
[3] GEIKIE, *Life of Christ*, II, p. 178. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 11.
[4] João I, 29.
[5] Gên. X. Ver Edersheim, *Life of Christ*, II, 135 a 142.
[6] Lucas XXIII, 27.

didaskalos ("mestre ensinante"): Mateus VIII, 19; IX, 11; XII, 38; XVII, 23; XXII, 24;
rabi ("grande homem", "professor"): Mateus XXVI, 25-49; Marcos XIV, 45; IX, 4; XI, 21; João I, 38-49; III, 2, 26; IV, 31; VI, 25-92;
raboni ("meu *rabi*", "meu senhor"): Marcos X, 51; João XX, 16.

Rabi, "meu mestre", ou "meu senhor", atribuiu-se pela primeira vez aos professores de religião no tempo de Herodes Magno,[1] quando os *rabis* tiveram as ideias mais extravagantes acerca de sua própria importância.[2]

No seu Evangelho S. Lucas emprega o grego *didaskalos* como equivalente de *rab* ou *rabi* ("meu senhor"), aplicado muitas vezes a Cristo. A ordem mais baixa dos *rabis* era o *rab*, depois vinha o *rabi*, e o mais alto era o *raboni*, títulos que se perpetuaram na Igreja como *Rev.*, *Revmo.* e *Excia. Revma.*, aplicados aos dirigentes espirituais. Em inglês é "milorde"; em francês, "monsenhor"; em italiano, "*monsignore*", etc., títulos estes aplicados na Europa aos bispos. É o equivalente do título com que designavam Cristo naquele tempo, em que não era respeitoso chamar um professor pelo nome próprio.[3]

Os fariseus, os escribas e os *rabis* gostavam de ser chamados de "pai", tal como os sacerdotes são hoje chamados "padre". Mas a tal ponto eles tinham exagerado sua própria importância, que Cristo mandou seus apóstolos chamarem a "Deus seu Pai no céu, e Cristo seu Pai na terra"[4]. O costume de chamar de "Padre" a um sacerdote ou bispo vem desse título que Nosso Senhor aplicou a si mesmo.

Ninguém daria ouvidos a um *rabi* antes de ele ser ordenado com a imposição de mãos dos *rabis* quando fizesse trinta anos de idade. Se começasse a pregar antes desse tempo, todos caçoariam dele. É por essa razão que Jesus viveu ocultamente, trabalhando como carpinteiro em Nazaré depois da morte de José, sustentando sua Mãe viúva, até ele completar trinta anos. Então ele chamou membros do grupo de João Batista e pescadores da Galileia para serem seus seguidores, selecionando dentre estes os seus doze apóstolos. Por mais de três anos eles percorreram a Judeia, tal como muitos grupos liderados pelos *rabis* daquele tempo.

---

[1] Ver *Palestine in the Time of Christ*, 305.

[2] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 69-70; II, 19, 20, 161; II, 585, etc.; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1189.

[3] NORK, 192.

[4] Mateus XXIII, 9, 10.

Nos declives e nos vales, nas ruas das aldeias, onde quer que a noite os surpreendesse, eles faziam as orações do Templo e da sinagoga, depois das quais estendiam as duas cobertas e a palha que cada um trazia num cesto e, tendo uma pedra como travesseiro, assim como Jacó,[1] eles adormeciam ao lado da sagrada forma de Jesus Cristo.

Por que o Senhor passou sua vida pública vagando de lugar em lugar? Ele queria treinar seus apóstolos como soldados, acostumá-los às fadigas, exercitá-los mediante um severo noviciado, endurecer seus músculos, fortalecer a vontade deles, a fim de que estivessem preparados mais tarde para viajar pelas nações enquanto pregavam o Evangelho dele, e para capacitá-los a suportar todos os tipos de provações e fadigas, mesmo o martírio destinado a todos eles, exceto S. João.[2]

A Judeia era então densamente povoada, e os *rabis*, com seus grupos, costumavam atravessar os campos e as cidades, sendo seguidos por multidões de gente. Quando entravam numa cidade, toda a população comparecia. Nos distritos rurais, o *rabi* muitas vezes se sentava num alto rochedo, ou no topo de uma colina ou monte, tal como fez Cristo quando proferiu o Sermão da Montanha. O *rabi* punha seus estudantes mais avançados a seus pés, cercando-o como os apóstolos ao redor de Cristo; os ouvintes menos avançados abaixo dos primeiros, como os setenta e dois discípulos abaixo dos apóstolos; e o povo mais embaixo, sentado em esteiras ou no chão.

As crianças honravam enormemente ao *rabi* professor da *beit ha-Midrash* ("escola"). Ele sussurrava as palavras dele, que um estudante avançado repetia de forma que todos os alunos conseguissem escutar.[3] Os judeus daquele tempo diziam a seus filhos: "Esfregai-vos na poeira dos pés de vossos mestres." As crianças costumavam lavar os pés de seus professores como sinal de amor e veneração. Para mostrar-lhes o amor que lhes tinha, Cristo inverteu o costume quando lavou os pés dos apóstolos, na Última Ceia.

Declaram os judeus que há treze classes de *rabis* (mestres): Moisés, Josué, Eleazar, os setenta homens que Moisés escolheu para ajudá-lo a governar, os Juízes, os membros do sinédrio daquela época, os profetas, os vinte e seis grandes mestres depois do cativeiro babilônico, os tanaítas mencionados na *Mishná* talmúdica,

---

[1] Gên. XXVIII, 18.

[2] João XXI, 22.

[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 231 a 235.

os amoraítas que comentaram a *Mishná*, os *giours* ("doutores excelentes"), os saboreus ("questionadores") e, por último, os gaonitas, mestres do nosso tempo.

Os *rabis* chamados *maguidim* percorriam o interior campestre ensinando nas sinagogas, cada um seguido pelo seu grupo de discípulos. "Jesus percorria toda a Galileia ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as doenças e enfermidades que havia entre o povo."[1]

"E, tendo partido dali, ele chegou à sinagoga."[2] "E, chegando à sua terra, ele ensinou-lhes nas suas sinagogas."[3] "E em dia de *shabat*, entrando na sinagoga, ele lhes ensinava."[4] Mais oito textos dos Evangelhos dizem que ele entrou nas sinagogas, ensinou e fez milagres diante dos judeus ali congregados. O sermão dele referente a comer seu Corpo e beber seu Sangue foi pregado numa sinagoga de Cafarnaum,[5] "cidade do profeta Naum", palavra esta que significa "o confortador".

Um *rabi* presidia a uma pequena sinagoga. Já as assembleias grandes e prósperas eram dirigidas por um colégio de doze *rabis*,[6] chamados em hebraico *parnasim* e em grego *presbyteri*: "homens amadurecidos". Os presbíteros, mencionados pela primeira vez em Esdras,[7] se encontram vinte e quatro vezes na Bíblia, traduzidos como "os anciãos" na *King James Bible* e como "os antigos" na versão de *Douay*. Ao dirigente ou presidente desse senado, os gregos chamavam *archisynagogos* ("dirigente da sinagoga"). Ele governava a assembleia, cuidava do edifício e da propriedade, e podia punir os membros rebeldes com a pena de *caret* ("expulsão", "excomunhão"). Esse senado era uma imagem do sumo sacerdote junto com seus doze sacerdotes, que exerciam o cerimonial do Templo.

Cristo atuou como *rabi* durante a sua vida pública, doze vezes esse nome é aplicado a ele no Evangelho, e ao escolher os seus doze apóstolos ele seguiu a praxe do Templo e da sinagoga. Os apóstolos fundaram dioceses ("residência" ou "administração") no meio das nações, assim como a Judeia estava dividida em distritos, tendo cada um uma sinagoga com aqueles doze dirigentes à sua testa. Em toda cidade eles ordenavam doze sacerdotes, chamados presbíteros,

---

[1] Mateus IX, 35.
[2] Mateus XII, 9.
[3] Mateus XIII, 54.
[4] Marcos I, 21.
[5] João VI, 60.
[6] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 595.
[7] I Esdras VI, 8.

e como seu superior eles punham um bispo ("superintendente"), para governar a igreja junto do seu senado de doze sacerdotes, semelhantemente à constituição da Igreja judaica. Na Igreja primitiva só encontramos a diocese. A paróquia teve origem e incremento em Roma, quando a cidade foi dividida em distritos, nos dias de Pedro. Alexandria logo seguiu o exemplo, as outras cidades copiaram, mas paróquias rurais, cada uma das quais tendo à sua testa um sacerdote como pastor, só foram fundadas no século XII.

Na época de Cristo, o arquissinagogo era sempre um *rabi* ordenado, assim como o eram os membros do senado, ou *parnasim*. Mais tarde, porém, o cargo pôde ser ocupado por um leigo, e hoje ele é chamado de "presidente da assembleia", ou *rosh ha-Knesset* ("dirigente da casa de reuniões"). Ele convocava os membros a reunir-se, presidia a todas as reuniões, tomava assento no *Bimá* durante os serviços de culto, convidava os pregadores, chamava os sete homens a subir para lerem a Lei, e cuidava dos negócios. O *rabi* tinha pouca voz nas finanças, mas zelava pelas doutrinas do judaísmo.[1]

Um importante oficial da sinagoga era o *sheliash*, em hebraico, ou *apostolos*, em grego, que significa "ser enviado". Os apóstolos transportavam as coletas, recolhidas na Babilônia e nas colônias judaicas do Império Romano, até Jerusalém, para sustento do Templo, com os meio-siclos que todo judeu estava obrigado a entregar todo ano, para custear as despesas da religião — o Templo e seus sacrifícios.[2]

Os sacerdotes do Templo também enviavam todo ano apóstolos de Jerusalém às diversas sinagogas do mundo, para levar saudações de seus irmãos na Judeia e para garantir que o culto sinagogal se observasse corretamente nessas terras distantes.[3] Quando, por conseguinte, os seguidores de Cristo saíram de Jerusalém para ir às nações, no intento de pregar o Evangelho aos pagãos, foram chamados de apóstolos, nome e missão que eram já bem conhecidos no judaísmo, muito antes de Cristo.

Toda sinagoga tinha um comitê de sete "homens a postos", que costumavam jejuar às vezes quatro vezes por semana, de segunda a quinta-feira inclusive. No *shabat*, os "homens a postos" liam as seções da Bíblia que começam por: "No princípio Deus criou", etc.;[4] na segunda-feira, liam: "Faça-se o firmamento", etc.; na terça:

---

[1] Marcos V, 22, 35, 36, 38; Lucas VIII, 41; XIII, 14; Atos XVIII, 8-17; EDERSHEIM, *L. C.*, I, 63.

[2] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1328.

[3] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 828, 829.

[4] Gên. I, 1 a 5.

"As águas, etc."[1]; na quarta-feira: "Sejam feitos luzeiros", etc.[2]; na quinta: "Produza a terra, etc."[3]; e na sexta-feira: "Assim foram acabados", etc.[4]

"A seção longa era lida por duas pessoas, e a breve por uma, o que se fazia entretanto durante a manhã e durante as preces adicionais, mas à tarde eles entravam na sinagoga e recitavam as seções de cor, tal como se recita o *Shemá*. Na sexta-feira eles não iam à sinagoga em absoluto, em honra do *shabat*."[5]

Esses homens eram convocados a subir ao interior do *Bimá*, ou santuário da sinagoga, para ler as seções da Escritura. Chama-se isso a leitura dos rolos da Lei. Nas sinagogas de nossos dias, na páscoa e solenidades deles, se leem cinco lições; na véspera do banquete pascal e *shabat*, sete lições da Lei e uma dos Profetas. O *rabi* e o *hazan* leem também cada qual uma seção, totalizando nove lições. Foi esta a origem das nove lições de Matinas. As lições da Semana Santa, assim como as dos judeus, não têm o "Ordena... O Senhor abençoe", etc., como as lições dos ofícios comuns.[6]

Os sete homens que liam a Lei eram os principais membros da assembleia, e por vezes eles cuidavam das viúvas, dos órfãos e dos pobres. Quando os apóstolos selecionaram e ordenaram os sete diáconos, eles seguiram o antigo costume da sinagoga.[7] O leitor era chamado de *maftir*[8] e era posto na mesma classe de Moisés, dos patriarcas e dos profetas.

Os sacerdotes do Templo e os levitas eram homens nascidos da família de Aarão e de Levi, mas qualquer homem podia se tornar um *rabi*. Por isso, Cristo escolheu seus apóstolos e discípulos não entre os sacerdotes do Templo, mas entre os galileus, sem fazer violência ao costume. O *rabi* quando menino frequentava a escola de seu torrão, e subia a Jerusalém para completar seus estudos. Os pré-requisitos e os talentos eram os mesmos que S. Paulo determina para a seleção de um bispo.[9] Antes de o ordenarem, ele tinha de ser douto, atuante, pai de família, apto a ensinar, bom cantor e não

---

[1] Gên. I, 6.

[2] I, 14.

[3] I, 24.

[4] II, 1 a 4.

[5] *Talmude*, *Ta'anit*, cap. IV, 79-81, 62, 63, etc.

[6] Ver *Talmude* babilônico, Cap. IV, para as regulamentações relativas aos "homens a postos". O *Talmude* babilônico, no tratado *Meguilá* ("Livro de Ester"), traz regras minuciosas atinentes às cerimônias de leitura dos Livros sacros.

[7] Atos VI.

[8] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 967.

[9] I Tim. III, 1-7; Tit. I, 6-9.

envolvido com negócios. Ainda se exigem essas coisas dos rabinos de nossos dias.

O personagem seguinte era o *shazan*,[1] chamado hoje pelos judeus de *hazan* ("ministro"), em grego *diakonos* ("operário"), em hebraico *shemash*. Essa palavra é mencionada no relato de Cristo na sinagoga: "E, depois de fechar o livro, ele restituiu-o ao ministro"[2] — o *hazan*. Desempenhava este, assim, os encargos dos nossos diácono e subdiácono, quando servia ao *rabi*.[3] As mesmas regras eram observadas na escolha dele que na do *rabi*. Ele abria as portas da sinagoga, preparava as coisas para o serviço, atuava frequentemente como professor escolar, cantava os serviços e respondia ao *rabi* durante o culto divino. Os bons cantores e *hazans* atuantes, no presente, recebem salários polpudos, por vezes de $ 2.000 a $ 3.000 por ano. Com o *rabi* ele era ordenado, no tempo de Cristo, com longa cerimônia e imposição das mãos dos *rabis* e dos *hazans* sobre sua cabeça. Isso deu origem ao costume de impor as mãos do clero junto com as do bispo sobre a cabeça do clérigo, no dia da ordenação deste último.

Além desses ministros, em toda assembleia havia dez homens chamados *batlanim* ("homens com tempo livre"). Estes não estavam obrigados a trabalhar para ganhar a vida, por isso podiam frequentar não somente o *shabat*, como também os serviços religiosos das segundas e quintas-feiras. Nenhuma assembleia estava completa nem função religiosa alguma podia ser celebrada sem eles. Numa sinagoga que o autor visitou, todos tiveram de esperar, antes de dar início ao culto, até que dez homens estivessem presentes, as mulheres não sendo contadas, já que não podem oficiar nenhuma função religiosa. Sete desses homens, chamados *Stationarii*, ou *viri Stationis*, na sinagoga do Império Romano, coletavam as esmolas da sinagoga para os pobres, liam a Lei durante os serviços de culto, e deram origem ao clero de Ordens Menores na Igreja. Eles são por vezes chamados de pastores, em hebraico *hazans*, em grego *hiepeus* ("sacerdote"), ao passo que o *rabi* era chamado às vezes de *apostolos* ("enviado", "legado" da assembleia). Estas palavras se encontram nos decretos dos imperadores romanos mais recentes, acerca dos judeus depois da destruição do Templo.

Cada sinagoga tinha cinco ou sete *gabai zedakah* ("coletores de doações de caridade"), que recolhiam donativos durante o serviço religioso. O povo ofertava ou dinheiro ou comes e bebes. Isso ocorria

---

[1] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 178.
[2] Lucas IV, 20.
[3] EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 231, 438, 443.

depois da leitura da Lei e dos Profetas. O costume foi continuado na Igreja primitiva, quando as pessoas traziam suas ofertas e punham-nas sobre uma mesa no santuário, e essa parte da Missa é chamada Ofertório.

Dois judeus recolhiam as doações, e quatro ou cinco as distribuíam. Eram os principais homens da assembleia e cuidavam das viúvas e dos órfãos. Fazemos, pois, os coletores da Igreja remontarem até a sinagoga. Alguns autores julgam que os apóstolos tinham em mente esses sete homens, quando ordenaram os sete diáconos.[1]

Os judeus do tempo de Cristo tinham uma ordem de exorcistas, "que percorriam o país e tentavam invocar sobre os que tinham espíritos malignos"[2]. Quando Cristo deu poder sobre os espíritos imundos, ele seguiu as regulamentações da sinagoga.

O leitor verá nesses quatro ministros da sinagoga as ordens menores da Igreja, que vêm desde os tempos apostólicos. São mencionadas nos registros mais antigos e se encontram em todas as liturgias apostólicas. Os sacerdotes que preparavam o pão e o vinho no Templo figuravam os acólitos; os homens que liam as Escrituras, os leitores; os *hazans* que abriam as portas do Templo e da sinagoga, os porteiros; e os homens que expulsavam demônios, os exorcistas.

O serviço sinagogal era sempre cantado, nos dias de Cristo. Desde o tempo em que Jubal inventou os instrumentos musicais,[3] a canção, o tamborim e a harpa[4] se usaram nos casamentos, nas reuniões religiosas e nos alegres festins comemorativos. Música e poesia caminhavam de mãos dadas. Os poetas compunham e cantavam suas canções, acompanhando-se a si mesmos com instrumentos musicais. Esse costume vingou entre todos os povos primitivos.[5]

Moisés cantou seu hino de glória ao Senhor.[6] Todo o Israel, formando um coro possante, externou sua alegria em louvor a *Jehová* quando encontraram água no deserto.[7] Deus mandou

---

[1] Atos VI; EDERSHEIM, *Sketches*, p. 283.

[2] Atos XIX, 13; Mateus XII, 27; Marcos III, 15-30; Lucas VI, 18, VIII, 29, XI, 24.

[3] Gên. IV, 21.

[4] Gên. XXXI, 27.

[5] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1029.

[6] Êxod. XV, 1.

[7] Núm. XXI, 17.

Moisés compor, antes de morrer, um glorioso cântico de louvor e profecia.[1]

Através da história dos hebreus encontramos o hino, o "canto sacro" e o cântico de "louvor" durante o culto religioso. Setenta e quatro vezes o cântico se acha no Antigo Testamento. Quando Moisés construiu o tabernáculo, partes das funções eram cantadas pelos coros de sacerdotes e de levitas, e foi esta a ordem das cerimônias até que o Templo substituiu o tabernáculo.[2]

Davi, sétimo filho de Jessé, enquanto apascentava os rebanhos de seu pai sobre as colinas de Belém, movido pelo espírito da poesia, compôs canções com louvores ao Deus de seus pais. Rei escolhido em lugar de Saul, após trazer a arca para Jerusalém Davi organizou os sacerdotes e os levitas em vinte e quatro classes, para o melhor serviço do Templo que o seu filho Salomão havia de construir. Foi então que teve início a composição do Livro dos Salmos, o hinário do Templo. Mais tarde, outros poetas-profetas adicionaram salmos ("canções de louvor"), até que o hinário dos hebreus, o Livro dos Salmos, se constituiu tal como nos foi legado.

Escrito em puro hebraico, em versos por vezes de métrica impecável, com figuras contundentes, repleto de história da nação, unindo o passado, o presente e o futuro, contando a história do Davi rei e do Davi Cristo, da Igreja dos hebreus e da Igreja Católica, das tristezas de Davi e dos sofrimentos de Cristo, do cativeiro da Babilônia, da pregação dos Apóstolos e da conversão dos pagãos, das glórias do reino do Redentor e do triunfo dos Santos — os Salmos provêm dos reinados de Davi e de Salomão como as mais notáveis composições de qualquer tempo ou povo.

Sempre utilizado, desde então, como hinário do Templo, cantado duas vezes por dia por dois coros, de sacerdotes e de levitas, cada um formado de mais de 500 membros, os Salmos eram cantados nas sinagogas depois da destruição do Templo. Até hoje, em suas sinagogas, espalhadas pelo mundo aonde quer que tenham vagueado, os judeus cantam ainda esses esplêndidos cânticos religiosos e hinos proféticos devocionais. Eles consideram Davi seu maior rei, e o mais santo. Mas como podem agora defender que esses hinos digam respeito a um rei, adúltero e assassino que morreu faz 3.000 anos, especialmente quando em centenas de lugares é mencionado o Messias, objeto de tamanha expectação? É de ficar perplexo.

---

[1] Deut. XXXI, 19, etc.

[2] Ver MIGNE, *S. Scripturæ*, II, 1129, 1131, 1132, 1155, etc.

A flauta, em hebraico *mashroquita* ("soprar"), sob formas diversas era usada no Egito 2.000 anos antes de Cristo. Era instrumento de predileção dos pastores gregos e romanos, e se usava nas bandas militares e em festivais e funerais. Seu nome em latim vem de *fluta*, uma enguia das águas sicilianas, com sete aberturas de cada lado quais buracos de flauta.[1]

O flautim é uma oitava mais agudo, e muitas flautas, afinadas em uníssono, tornaram-se o órgão, que se utilizava antes do dilúvio.[2] Davi introduziu nas funções do Templo o órgão,[3] traduzido como "instrumentos musicais".

Os músicos às vezes tocavam duas flautas ao mesmo tempo, uma delas uma oitava mais aguda do que a outra, como vemos em esculturas e pinturas de pastores e de sátiros. Os pagãos tocavam flauta tanto nos festins como nos funerais. Os rabinos ensinavam que não menos de duas flautas devem ser tocadas num funeral, tendo os judeus aprendido esse costume com os gregos e os romanos.

Vários tubos de flauta reunidos para formar um só instrumento deram origem ao órgão hidráulico, inventado por Ctesíbio de Alexandria no século II antes de Cristo. No Templo havia um grande órgão, chamado por eles de *magrefah*, sendo de pele de elefante os seus foles.[4] Dava sustentação ao canto. Escrevem os rabinos que se podia ouvi-lo até em Jericó, mas é coisa incrível, porque a distância é de vinte e quatro quilômetros. Quando emitia uma nota específica, o sacerdote, detrás do véu no *Santo*, espargia o incenso sobre o altar de ouro. Desde o princípio se utilizou órgão em nossas igrejas.

No tempo de Davi, 4.000 cantores formavam os coros dos levitas sob a direção de Asaf, Hemã e Iditun, e cantavam o serviço religioso do Templo. Asaf teve quatro filhos; Iditun, seis; e Hemã, catorze; cada filho sendo posto na direção de um coro ou banda, e assim Davi dividiu os levitas em vinte e quatro bandas ou "classes". Cada filho desses grandes professores de música tinha sob sua direção onze professores de música vocal e instrumental. Eles ensinavam os sacerdotes e os levitas a cantar as glórias de *Jehová*. Famílias ficaram famosas por suas habilidades musicais. No tempo de Cristo, esses filhos de Caat ficavam no centro, com os filhos de Merari à esquerda, e os descendentes de Gerson à direita. Ao passo

---

[1] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1002.

[2] Gên. IV, 21.

[3] I Par. XV, 16.

[4] EDERSHEIM, *Temple*, 137; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 338.

que a família de Iditun, nos dias de Davi, tocava a cítara chamada *kinôr*, a família de Asaf tirava música do saltério, chamado em hebraico *nebel*, e a de Hemã tocava os *mesiltaim* ("os tímbales"), ditando o ritmo. Foram estes os três principais instrumentos musicais utilizados no templo desde o tempo de Davi, e são chamados pelos autores judeus de viola, saltério e címbalos.

"E estando agora livre de guerras e perigos, e desfrutando para o futuro de profunda paz, Davi compôs canções e hinos a Deus com diversos tipos de metro, estando algumas de suas composições em trímetros e algumas em pentâmetros. Ele também fez instrumentos de música e ensinou os levitas a cantar hinos a Deus, tanto no dia chamado *shabat* como noutros festivais. Agora, a construção dos instrumentos se dava da seguinte maneira. A viola era um instrumento de dez cordas, e era tocada com arco. O saltério tinha doze notas musicais, e era tocado com os dedos. Os címbalos eram instrumentos grandes e largos, e eram feitos de latão."[1]

Segundo Josefo, Davi compôs o Livro dos Salmos, não em épocas diferentes como geralmente se supõe, mas perto do fim da vida, e só ele é o seu autor. Diz ele que Moisés compôs seu Cântico no Mar Vermelho e o seu outro Cântico em hexâmetros. Mas os Salmos eram de métrica diversificada.

Os hebreus transportaram sua música, instrumentos e liturgia do Templo destruído até a Babilônia, e usavam-nos nas sinagogas. Quando voltaram e reconstruíram o Templo, eles prolongaram o serviço do Templo nas sinagogas que tinham construído em todas as cidades da Judeia e pelas cidades e vilarejos do mundo aonde se tinham espalhado no tempo de Cristo. Os serviços sinagogais eram sempre cantados pelos sacerdotes, pelos levitas e pelos membros da assembleia.[2]

Os coros dos levitas no Templo de Salomão trajavam túnica branca de bisso e linho fino, para distingui-los dos sacerdotes, que usavam vestes litúrgicas de tecido de ouro; nas festas solenes eles vestiam paramentos com ornatos magníficos. Algum tempo depois da morte de Cristo, Herodes Agripa deu aos levitas permissão de se paramentarem com túnicas semelhantes às usadas pelos sacerdotes no seu ministério, o que Josefo afirma ter sido contrário à lei.

Sacerdotes e levitas formavam dois coros, um respondendo ao outro, usando como hinários os Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiástico e o Cântico dos Cânticos — o Livro dos Salmos sendo o mais empregado. Seguindo o exemplo de Maria irmã de Moisés e das

---

[1] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. VII, c. XII, n. 3.
[2] Ver MIGNE, *S. Scripturæ*, III, 915-2, 1345.

mulheres que cantaram e dançaram junto com ela,[1] as mulheres cantavam nas sinagogas. Não verificamos que alguma vez as mulheres tenham formado um coro no Templo, talvez cantassem no átrio das mulheres assim como faziam nas assembleias.

O coro dos sacerdotes dava início ao salmo, cantava até o asterisco em nossos breviários, e os levitas cantavam o restante do versículo como em resposta. É por essa razão que a parte final dos versículos ecoa o pensamento da parte inicial, pois os Salmos foram escritos para o serviço litúrgico do Templo. Os dois coros do Templo e da sinagoga transformaram-se nos dois coros da Igreja, ou no coro dos sacerdotes que fica no santuário e no coro leigo na galeria onde fica o órgão. Da Igreja judaica vieram os versículos e respostas, e partes proferidas pelo celebrante da Missa, e essas coisas se veem nos missais, breviários, rituais, livros litúrgicos, e se encontram não somente em latim, como em todas as igrejas orientais.

Os ofícios de hinos e músicas sacras do Templo foram introduzidos na sinagoga muito antes do tempo de Cristo e continuam até nossos dias, tanto entre os judeus como entre os cristãos. Os serviços pascais hebraicos eram sempre cantados, em imitação do culto praticado no Templo. Muitas razões compelem-nos a concluir que as funções religiosas da Última Ceia foram cantadas. O Evangelho afirma que eles cantaram um hino antes de saírem do cenáculo.[2]

A páscoa judaica que o autor presenciou em Jerusalém foi cantada pelos treze judeus com a entoação e melodia peculiares deles. Os cristãos orientais cantam a Missa com a rústica entoação anasalada deles, lembrando-nos da música vocal judaica. Os católicos-romanos cantam os ofícios da Semana Santa ao redor do sepulcro de Cristo em Jerusalém, e é tão impressionantemente superior à música oriental, que acorrem grandes multidões. As profecias referentes à Paixão e morte do Salvador são lidas nessa ocasião no local onde se cumpriram.

Na semana seguinte os cristãos orientais, armênios, coptas, gregos, nestorianos, jacobitas, etc., reúnem-se na Igreja do Santo Sepulcro, cada grupo sendo liderado por seu clero e bispo, o laicado indo à frente, depois os clérigos e por último o bispo. A um grupo segue-se outro, até contarem seis ou oito, e cada grupo tendo uma língua, rito e método de canto diferentes, todos juntos produzem a mais tremenda dissonância jamais ouvida na terra.

---

[1] Êxod. XV, 20, 21.

[2] Mateus XXVI, 30; Marcos XIV, 26.

O Papa Gregório I reformou a rústica música judaica e oriental, e ele é o autor do que hoje é chamado de canto gregoriano ou cantochão — a música oficial da Igreja. S. Agostinho diz que S. Atanásio condenava certas maneiras de modular a voz ao cantar os Salmos, as quais ele próprio não condena, o que mostra que nossas funções litúrgicas eram cantadas nos primórdios da Igreja.[1]

No *Santo dos Santos* do Templo, a arca, com a *Shekiná* a repousar sobre o seu propiciatório, contendo as tábuas da Lei, era santíssima para o hebreu. A arca da sinagoga, que contém *Torá* ("a Lei") e *Haftará* (os "Livros Proféticos"), era o objeto mais sagrado. Era uma caixa de cerca de 0,3 metro quadrado e pouco menos de 1 metro de altura, e, coberta por um véu, ficava perto da parede mais afastada, no meio do santuário, e a ela se tinha acesso por degraus. Na Igreja primitiva, o altar era feito do mesmo tamanho e formato da arca judaica. Os cristãos gregos e os cristãos orientais têm altares do mesmo tipo, que se erguem no meio do santuário cortinado, o trono do bispo ficando detrás, sobre o qual ele se assenta virado para o povo. Os orientais cobrem o altar com toalhas de altar feitas de seda e não permitem sobre ele nada além dos livros litúrgicos — o Missal no centro, o livro dos Evangelhos à tua esquerda e o das Epístolas à tua direita, repousando sobre a mesa do altar coberta de seda. Mesmo as velas têm de ficar sobre uma pequena prateleira, no Rito eslavo. Os judeus não permitem nada além dos rolos da Lei dentro da arca.

Os judeus aqui nos E.U.A. configuram a arca como um nicho decorativo resguardado por cortina e tendo duas portas que abrem para fora, atrás das quais eles guardam os rolos, o lugar sendo acessado por degraus. A arca da sinagoga veio lá do Templo, porque Deus mandou Moisés pôr a Lei, ou seja, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, dentro da arca.[2] No tempo de Cristo, uma outra caixa recebia *Haftará* ("os Profetas"), porque só foram escritos depois do tempo de Moisés.

O autor examinou diversos rolos da sinagoga, que os judeus alegam estarem escritos hoje exatamente como nos dias de Moisés. Estão escritos nas peculiares letras hebraicas angulares, traçadas com pena de junco. A última linha de um parágrafo tem as letras espaçadas de forma que todas as linhas fiquem do mesmo tamanho. Esses rolos vêm da Europa, onde são produzidos por doutos escribas — em geral homens de idade avançada, versados nas tradições bíblicas e talmúdicas. A *Torá* utilizada nas sinagogas

---

[1] S. AGOSTINHO, *Confes.*, L. XC, XXXIII.
[2] Deut. XXXI, 25, 26.

jamais era impressa com tipografia, mas era sempre copiada com extremo cuidado e labor, como nos antigos tempos de Cristo e dos profetas.

Os judeus dizem que é difícil de ler esses rolos, porque eles têm de se lembrar das vogais e de inseri-las ao longo da leitura da Lei na sinagoga. Há muitos séculos as vogais foram introduzidas em alguns escritos. Noutros escritos em hebraico as vogais foram adicionadas, e aparecem como pequenos pontos e sinais. Mas nenhuma mudança jamais foi feita nos rolos dos cinco livros de Moisés, que são copiados até hoje no mais puro hebraico.[1] O *Talmude* de Jerusalém foi escrito no hebraico de Moisés e do Templo, enquanto o *Talmude* babilônico foi escrito no hebraico mesclado com babilônico formando uma língua chamada siro-caldeu, do tempo de Cristo. Os judeus do nosso tempo publicam obras e jornais em suas línguas vernáculas, tais como alemão, russo, etc., usando as letras hebraicas nos rolos, nos *Talmudes* e nas publicações modernas destes.

Os judeus chamam esses cinco primeiros livros da Bíblia de "os cinco livros de Moisés", os gregos chamaram-nos de Pentateuco ("os cinco livros"). Mas seu antigo nome hebraico é *Torá* ("a Lei"), palavra encontrada mais de seiscentas vezes na Bíblia. Por vezes a palavra Lei designa esses cinco livros que Moisés escreveu, noutros textos refere-se à Lei com o cerimonial do Templo, ao passo que frequentemente significa toda a religião hebraica, com o Antigo Testamento, o Templo, a sinagoga e a fé dos judeus. Contudo, quando os judeus do presente mencionam a *Torá* ou a Lei, referem-se a esses cinco livros que Moisés escreveu nos rolos e colocou no Templo dentro de uma arca especial, e os quais eles alegam terem sido transmitidos na sinagoga até o dia de hoje na forma exata como Moisés os escreveu nos rolos de pergaminho.

Essas peles de ovelha têm cerca de 0,2 metro quadrado, cada uma tendo sido cortada de uma pele inteira, raspada até ficar quase tão fina quanto uma folha de papel e tingida de branco; são chamadas "velo", de *vel* ("pele"), donde se originou nossa palavra "volume". São então costuradas numa só peça usando entranhas de ovelha, de modo a formarem uma faixa de vários metros de comprimento. No meio de cada pedaço quadrado de velo vêm escritas duas ou três colunas dos escritos hebraicos, não da esquerda para a direita como nossos livros, mas da direita para a

---

[1] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 553; II, 607, 608, etc.

esquerda como todos os escritos semitas. Começa-se pelo que seria a capa de trás dos nossos livros.

As longas páginas de velo são enroladas em duas varas, suas extremidades tendo cilindros para que o velo não encoste na mesa. As extremidades das varas e cilindros são ornadas de prata, ouro ou outros ornamentos, decoradas e magnificamente rematadas conforme as posses da assembleia. O rolo da Lei, com seus adornos, é coberto por um rico estojo ornamental, quando é posto dentro da arca. Durante o serviço sinagogal, ministros paramentados como nosso clero subalterno sobem até a arca, afastam de lado o véu e retiram a Lei. Formando uma procissão, eles vão até o púlpito de leitura, onde ela é lida em tom alto e cantado. Isso deu origem à cerimônia de cantar o Evangelho. O diácono, tomando o Missal, põe-no sobre o altar e ajoelha-se em oração. Retirando o Missal do altar, ele recebe a bênção do celebrante e vai junto com os outros ministros até o lugar onde o Evangelho é cantado. O leitor encontrará em Zanolini[1] descrições exatas do culto sinagogal no tempo de Cristo. Os autores judeus e protestantes que citamos tratam amplamente do assunto.

O serviço sinagogal[2] começava com salmos, orações e doxologia ("louvor"). Em seguida, eles liam a parte da Lei, ou *Torá* de Moisés, relativa à festa. Durante essa leitura, todos sentavam-se, salvo o leitor, e é por essa razão que hoje na igreja todos se sentam durante a leitura da Epístola na Missa.

Como as Escrituras estavam em hebraico antigo, que o povo não entendia, alguém ficava em pé ao lado do leitor e traduzia as sentenças na língua do povo: em siro-caldeu, na Palestina, ou em babilônico, grego, latim, etc., conforme o lugar onde ficasse a sinagoga.[3] O leitor, ou *maftir*, cobria a cabeça com o xale ritual de oração chamado *talit*, ao qual alude S. Paulo.[4] Como os judeus se consideravam uma nação de sacerdotes, qualquer um podia levantar-se na sinagoga e ler as Escrituras.[5]

Depois de lerem a porção dos "livros de Moisés" relativa à festa, eles liam uma parte das profecias. Geralmente ficavam de pé enquanto eram lidas as profecias, e isso deu origem ao costume de ficar de pé durante o Evangelho em nossas igrejas. Depois disso eles se sentavam, enquanto o leitor, o *rabi* ou alguém da assembleia

---

[1] *De Festis et Sectis Judæorum.*
[2] Ver *Palestine*, 338-343.
[3] Atos XV, 21; Lucas IV, 16.
[4] Rom. IV, 7.
[5] Lucas IV, 16; Atos XIII, 15.

pregava do púlpito o sermão. As partes eram selecionadas de sorte que a inteira *Torá*, ou Pentateuco, se lesse no decurso de três anos. Mais tarde, mas antes de Cristo, dispôs-se de forma que eles lessem a *Torá* inteira em um ano. Isso deu origem, na Igreja primitiva, à leitura de uma parte de cada um dos livros da Bíblia durante o ano.

Na Escritura e escritos judeus, a palavra *shabat* ("repouso") significa não somente o sábado, que é o dia feriado judaico de culto religioso, mas qualquer solenidade, festival ou festa.[1]

Durante as solenidades do *shabat* e da páscoa judaica, sendo esta última seu principal dia santo, todo trabalho era interrompido, aliás eles só podiam andar oitocentos metros. Eles adoravam a Deus com culto solene no Templo e na sinagoga durante a páscoa. O respectivo tratado do *Talmude*,[2] em trinta e nove capítulos, cita as coisas proibidas no *shabat*. Três coisas principais se faziam no *shabat* e nas festas solenes: soavam as trombetas, preparavam-se as mesas, acendiam-se as lâmpadas e velas, celebravam-se os serviços sinagogais e liam-se a Lei e os Profetas. Mas os preparativos e os serviços da páscoa judaica eram elaboradíssimos.

As Leis de Moisés eram lidas primeiro, no que os gregos chamavam de *parashá* ("seção"), e seu apêndice, a profecia, era também entoado, assim como primeiro lemos a Epístola e depois o Evangelho. Recitavam-se as orações usuais, e se adicionavam duas para a páscoa judaica, sendo a última uma oração pelo rei a quem serviam.[3] S. Paulo, pedindo que os cristãos rezem por seus príncipes e lhes obedeçam,[4] seguia a sinagoga e o Templo, onde dia após dia se ofereciam sacrifícios pelo imperador romano. Depois dessas funções religiosas, eles sentavam-se ou reclinavam-se à mesa para comer.[5] Alegam alguns autores que o costume de ler seções da Escritura veio de Moisés, outros que veio de Esdras, mas o Concílio de Jerusalém define com estas palavras: "Desde os tempos mais antigos, Moisés tinha em cada cidade homens que pregavam a Escritura nas sinagogas, onde todo *shabat* ela era lida."[6]

Na Babilônia, no tempo de Cristo, eles liam na íntegra a Lei, ou Pentateuco, uma vez por ano. Ainda é esta a prática dos judeus modernos, mas na Judeia eles leem a íntegra dos livros de Moisés

---

[1] ZANOLINI, *Disp. de Fest. Judæorum*, Cap. Prim.
[2] *Shabat*, Cap. VII, Sec. 2.
[3] ZANOLINI, Cap. I.
[4] Tito, III, 1.
[5] ZANOLINI, *Ibidem*. Ver sua Nota referente às três seções da sessão à mesa.
[6] Sín. de Jerusalém, C. 15, V. 21.

em três anos. Dividiam-se estes em seções[1] não assinaladas nos rolos, mas cada parte estava fixada pelo costume. Enquanto o leitor lia o hebraico, alguém ficava de pé ao seu lado com um ponteiro, para que o leitor não saltasse nenhuma palavra. Num *shabat* comum, seis homens da assembleia eram convocados a subir, e, nos dias de festa, sete homens, cada um lendo uma porção. Em seguida, dois outros homens, chamados pelo *hazan*, liam duas lições dos Profetas. Isso deu origem às nove lições da Semana Santa, e do Breviário. As funções da Semana Santa permaneceram quase inalteradas desde as origens da Igreja. Na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, estas lições são lidas olhando para a porta do túmulo, e as profecias são impressionantes quando ouvidas no exato lugar em que acontecem. Pessoas de todas as nações da terra enchem o antigo edifício que S. Helena erigiu no Ano do Senhor 312.

O *Talmude* conta-nos como eram lidas no tempo de Cristo. "Quando do vencimento do *shabat* de *shekalím* (a época da coleta do meio-siclo na páscoa judaica), a porção própria desse *shabat* é a *tetsavé*. Seis pessoas devem ler do versículo 20 do XXVII até o versículo 11 do XXX, e uma do 11 de XXX até o versículo 17." "Disse Abyi que o povo vai achar a porção comprida demais, e não perceberá que foi lida a porção *shekalím*, e por isso diz ele que seis devem ler do 20 do XXVII até o 17 do XXX, *tetsavé*, e depois um outro deve vir e repetir do 11 do XXX até o 17. Quando o primeiro dia do mês de *adar* cair na véspera do *shabat*, diz Rahb, a porção *shekalím* deve ser lida no *shabat* anterior, porque as mesas dos trocadores de dinheiro são montadas duas semanas depois da leitura", etc. Eram estes os cambistas que Cristo expulsou do Templo. Os sacerdotes do Templo auferiam um desconto de $ 45.000 das transações.

"Três homens são convocados[2] para ler os Rolos santos nas segundas e quintas-feiras, e, na tarde de *shabat*, nem mais nem menos do que esse número podem ser chamados, nem seção alguma dos Profetas pode ser lida então. Quem começa a leitura dos Rolos santos deve pronunciar a primeira bênção antes de lê-los, e quem conclui a leitura deve pronunciar a última bênção depois de lê-los. Em todos os dias em que um sacrifício adicional estiver prescrito, que não sejam porém festivais, quatro homens são chamados, cinco nos festivais, seis no dia da expiação e sete no *shabat*."

O serviço sinagogal da tarde era constituído principalmente de salmos, e isso deu origem à nossa função de Vésperas, quando

---

[1] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 584.
[2] *Talmude* babilônico, *Meguilá*, 57-89.

não se lê o Evangelho. "Não se dá o mesmo com a leitura da *Torá* (a Lei), que só pode ser lida quando a assembleia se senta.

"Os rolos do Pentateuco devem ser lidos por um, e outro deve interpretar, mas não um ler e dois traduzirem; já os Profetas, porém, um deve ler e dois interpretar. Ninguém pode ler menos de dez versículos na casa de oração. A que correspondem esses dez? Aos dez homens desempregados na sinagoga. O principiante pronunciará a bênção antes da leitura, e o último leitor depois."

Eles beijavam as palavras sagradas dos rolos antes e depois de lê-los. No nosso tempo, eles esfregam no texto a ponta do xale ritual de oração usado sobre os ombros e beijam isso. O rito judaico de beijar os rolos da Lei vemos nós quando o celebrante da Missa beija o início do Evangelho depois de lê-lo, e pronuncia a bênção sobre o diácono ajoelhado. Esse rito provém da bênção judaica antes da leitura da Lei.[1]

O serviço litúrgico do Templo era mais elaborado que o da sinagoga. Doze sacerdotes serviam ao sumo sacerdote, seis de cada lado, e o *segan* à sua direita, como sacerdote assistente. "Os seis homens que leem no dia da expiação, a quem correspondem eles? Disse ele: 'Aos seis que ficavam de pé à direita e aos seis à esquerda de Esdras, como está escrito,[2] com os nomes dos seis homens que ficavam de pé à direita e dos seis que ficavam de pé à esquerda.'"

A Missa, tendo vindo da páscoa judaica ou Última Ceia e só indiretamente do Templo, segue aquela no número de seus ministros e cerimônias. Daí que o bispo, o sumo sacerdote da Igreja, é servido não por doze sacerdotes como o pontífice no Templo, mas por sete ministros como o *rabi* era servido na sinagoga. "A *Torá* era lida por sete homens." Encontramos isso reiterado em muitos lugares do tratado *Meguilá* do *Talmude*:

"Não menos de três versículos dos Rolos santos podem ser lidos na sinagoga por cada pessoa. Somente um versículo da Lei pode ser lido por vez para o intérprete. Dos Profetas, contudo, também se podem ler três, mas se cada versículo formar uma seção separada, cada um deve ser lido separadamente. Podem-se saltar passagens, na leitura dos Profetas, mas não na dos Rolos santos. Duas semanas antes da páscoa serão feitas prédicas acerca da páscoa. No primeiro dia da páscoa, a porção do Levítico relativa ao festival tem de ser lida.[3] Na páscoa devem ser lidas as porções referentes ao festival, e

---

[1] Ver *Talmude* babilônico, *Ta'anit*, cap. II, 41, 75, etc., onde é elencada a ordem das bênçãos.

[2] II Esdras VIII, 4.

[3] Levít. XXIII, 5-22.

as porções dos Profetas devem ser tomadas a Josué, V, 9, sobre *Guilgal* (Gálgala em nossas traduções), etc.; e presentemente no exílio, quando observamos dois dias como festivais, o primeiro dia deve ser sobre *Guilgal*; o segundo dia, a partir de IV Reis, XXIII, sobre Josias; e, no último dia da páscoa, devem ser escolhidas pequenas porções, nas quais se fale acerca da páscoa."

Em todas as festas judaicas, partes da Bíblia relacionadas às festas eram lidas no Templo e nas sinagogas, e foi derivado daí o costume de ler na igreja porções da Bíblia relacionadas com as festas.

"Cumpre abrir os Rolos Santos e neles deitar os olhos, pronunciar a bênção e então ler. Quem junta os Rolos Santos, enrolando-os, deve fazê-lo de maneira que os pergaminhos costurados fiquem no meio, para fazê-lo facilmente. Eles só podem ser enrolados desde o exterior, de maneira que as letras não possam ser vistas de fora."

Seguem-se então detalhes sobre o modo de enrolar e de segurar os rolos. Os livros foram escritos a princípio em longos pergaminhos enrolados, donde veio talvez nossa palavra "volume" ("enrolado"). Durante os serviços sinagogais, o *rabi* e os ministros sempre ficavam de pé, assim como o celebrante e seus ministros ficam em pé enquanto celebram as funções da Igreja. No Templo ou na sinagoga, o povo prostrava-se treze vezes contra o chão, ao ouvir o nome de *Jehová* e durante as partes mais solenes das funções sacras. Vemos resquícios disso no final do Evangelho, quando a assembleia que está de pé se ajoelha. O celebrante lê a Epístola e o Evangelho, antes de serem cantados. Era desse jeito também na Igreja primitiva. Conta-nos S. Agostinho que "Enquanto Lázaro, o diácono, lia os Atos que diziam respeito à vinda do Espírito Santo e entregava o livro ao bispo, Agostinho, disse o bispo: 'Desejo ler, porque a leitura dessas palavras me dá mais prazer do que pregar'."[1]

Quando foi que eles começaram a ler os Profetas? Quando o rei grego Antíoco proibiu todos os sacrifícios e toda leitura, em público e em privado, das Escrituras, sob pena de morte, os judeus dividiram os livros proféticos em seções e começaram a lê-las nas sinagogas.[2] Os Macabeus restauraram o culto sinagogal e dotaram-no de maiores esplendores. Os Atos dizem: "Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga mandaram-lhes Paulo e

[1] S. AGOSTINHO, *Sermo* CCCLVI, *de Vita Cler.*
[2] ZANOLINI, *Opere citato*; I Macab. I, 52.

Barnabé, pedindo-lhes que pregassem ao povo."[1] O próprio Cristo leu o profeta Isaías na sinagoga de Nazaré.[2]

Foi o texto do profeta[3] que dizia respeito a ele o que ele leu naquele dia, perto do fim de agosto. Cristo leu a *nitsavim* ("seção") daquele dia. Mas os judeus, vendo-o predito nela, trocaram-na mais tarde por outra seção, que eles leem no presente naquele dia, para que o povo não veja o Redentor que ela profetizou. A leitura da Lei e dos Profetas nas igrejas, portanto, foi-nos legada pela Igreja judaica, que desde tempos remotos seguiu o costume sinagogal.[4]

Como aconteceu de Cristo ter sido chamado a subir naquele dia, para a leitura das palavras de Isaías referentes a ele mesmo? Qualquer homem na assembleia podia ser convidado a ler se tivesse mais de trinta anos de idade. Depois de seu jejum de quarenta dias na Montanha da Quaresma, Cristo, em seu trigésimo ano, deu início ao seu ministério público. "E ele foi a Nazaré, onde tinha crescido, e entrou na sinagoga segundo o seu costume no dia do *shabat*, e levantou-se para fazer a leitura. E o livro do profeta Isaías lhe foi dado. E, quando desenrolou o livro, encontrou o lugar onde estava escrito:

'O Espírito do Senhor está sobre mim, donde me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres, enviou-me para sarar os contritos de coração, para proclamar aos cativos a redenção, e aos cegos a vista, para pôr em liberdade os oprimidos, para pregar o ano favorável do Senhor, e o dia da retribuição.'[5] E, tendo enrolado o livro, entregou-o de volta ao ministro, e sentou-se. E os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele."[6]

Enquanto um dos homens lia os rolos no original hebraico, que o *Am ha-Aretz* ("povo da terra") não entendia, outro ficava em pé a seu lado e o traduzia para o siro-caldeu falado por eles. Então o pregador falava-lhes sobre o texto. O nome do homem que traduziu o texto de Isaías para Cristo naquele dia não é citado. Mas Jesus pregou então, ao povo na sinagoga, o seu primeiro sermão. "E maravilhavam-se das palavras de graça que procediam da sua boca, e diziam: Não é este o filho de José?"[7]

---

[1] Atos XIII, 15.

[2] Lucas IV, 16.

[3] Isaías LXI, 1, etc.

[4] Ver *Constituições Apost.*, Livro 8; *"Recognitiones" Clementinas*, etc. Quanto ao culto sinagogal, ver MIGNE, II, 1346-1368; *Talmude* babilônico, *Meguilá*, o tratado inteiro.

[5] Isaías LXI, 1, etc.

[6] Lucas IV, 16-20.

[7] Lucas IV, 22.

Se um judeu não pudesse estar presente aos serviços sinagogais, por motivo de enfermidade, etc., ele se vestia com o *talit* ("xale de oração"), punha seus filactérios sobre a testa e no braço esquerdo, ficava em pé ao lado da cama, num canto silencioso de casa ou em seu local de trabalho, e recitava as orações enquanto as funções eram celebradas de manhã, ao meio-dia e de tarde na sinagoga ou no Templo. A isto os rabinos chamavam "Atiçar dentro deles o reino de Deus" ou "do céu".[1] Essas cerimônias recordavam-lhes o longamente esperado reino do Messias, que o Príncipe de Davi havia de estabelecer para eles sobre a terra toda. Desses costumes nos foram legadas as orações da manhã e da noite.

Durante os serviços litúrgicos da sinagoga e do Templo, os sacerdotes ao rezar estendiam as mãos, seguindo o exemplo de Moisés ao rezar pela vitória sobre os inimigos de Israel, quando Aarão e Hur seguraram os braços dele erguidos.[2] Mas durante essas orações era-lhes proibido conservar as mãos mais alto do que os filactérios que traziam na testa.[3] "Por que então", diz o *Talmude*, "é presentemente costume os sacerdotes erguerem as mãos na oração da tarde no dia de jejum? Por ser rezada bem perto do pôr do sol, a oração da tarde é considerada equivalente à oração de encerramento."[4]

Isaías na sua descrição profética da Última Ceia[5] predisse o Senhor durante a primeira Missa em Sião, como mais adiante explicaremos. Ele prossegue: "Enquanto ele estenderá as mãos no meio deles, como o nadador estende a mão para nadar", etc.

Na sequela do Templo, da sinagoga e da Última Ceia, na Missa o celebrante estende ainda as mãos, com seu corpo formando uma cruz. Porque a cerimônia judaica referia-se ao Crucificado, que estendeu as mãos na cruz, quando viria a redimir nossa raça. E o celebrante que hoje oferece o sacrifício da Missa como memorial da Crucificação estende ainda as mãos durante as orações. Como não pode ficar o tempo todo com as mãos estendidas em forma de cruz, ele as mantém próximas ao seu corpo.

Em todas as Missas nós rezamos pelo repouso das almas dos mortos. Terá Cristo rezado pelos mortos na Última Ceia? Não encontramos registro algum, mas era costume do Templo e da sinagoga no tempo dele.

---

[1] Mateus VI, 5.
[2] Êxod. XVII, 12; EDERSHEIM, *Temple*, 141.
[3] Levít. IX, 28.
[4] Tratado *Ta'anit* ("jejuns") do *Talmude* babilônico, 81.
[5] Isaías XXV, 6 até o fim do capítulo.

Orações pelo repouso das almas dos mortos se encontram nas mais antigas crônicas do Templo e da sinagoga. Mesmo Maomé rezava pelos mortos, assim como todas as facções maometanas fazem ainda. Foi mostrada ao autor uma mesa ornamental, sobre a qual, toda sexta-feira, o quediva do Egito põe o Corão e, ao seu lado, ajoelha-se e reza pelo repouso das almas de suas duas filhas, ali onde os corpos delas repousam dentro da mesquita, que se ergue à tua esquerda enquanto sobes até a cidadela do Cairo. Os judeus de Nova York chamaram a atenção do autor, em diversos momentos, para as orações solenes pelos mortos durante os serviços sinagogais. A crença deles com respeito ao purgatório, às almas ali detidas e ajudadas pelos jejuns e orações de seus amigos na terra, é a mesma que a da Igreja.

Citemos as palavras de um douto escritor protestante que investigou a questão.[1] "Seja qual for a explicação que se dê para isto, é certeza que as Orações pelos Mortos aparecem no culto da Igreja já nos primeiros vestígios deste de que dispomos em seguida aos monumentos imediatos da idade apostólica. Isso foi descrito por um autor, do qual ninguém pode suspeitar de tendências romanistas, como 'uma prática imemorial'. Ainda que 'a Escritura silencie, todavia a antiguidade fala com clareza'. Essas orações 'encontraram um lugar em todas as mais antigas liturgias do mundo'."[2] De fato, como (perguntamos nós) poderia ter sido diferente? O forte sentimento manifestado no tempo dos Macabeus, de que era "um santo e salutar pensamento orar pelos mortos"[3], seguramente estava debaixo da influência dos escribas farisaicos predominantes, para chegar a aparecer, como fez, nas devoções da sinagoga. Até onde rastreamos no passado essas devoções, podemos dizer que também aí a prática é "imemorial", no mínimo tão antiga quanto as tradições dos padres rabínicos.[4] Há uma probabilidade indefinidamente grande de que as orações pelos finados, o *Kadish* do judaísmo posterior, fossem bem conhecidas das sinagogas da Palestina e de outros países, de que os primeiros crentes cristãos não se espantaram com elas como se foram uma inovação, de que passaram sem ser condenadas por nosso Senhor mesmo. O autor citado enxerga uma provável referência a elas em II Tim. I, 18. S. Paulo, recordando Onesíforo como alguém cuja "casa" tinha

---

[1] Rev. E. H. PLUMPTRE, M. A., Prof. de Teologia no King's College, Londres, in SMITH, *Dic. of Bible*, vol. IV, p. 3137.

[2] ELLICOTT, *Destiny of the Creature*, Ser. VI.

[3] II Macab. XII, 43 a 46.

[4] BUXTORI, *De Synagog.*, p. 709, 710; MCCAUL, *Old Paths*, c. 38.

ficado enlutada por causa dele, roga que ele encontre misericórdia do Senhor "naquele dia". Logo, as orações pelos mortos dificilmente podem ser consideradas contrárias às Escrituras.[1]

Em todas as Liturgias apostólicas, e em todos e cada um dos Ritos orientais, encontramos prece pelos mortos, ofertas por orações, estipêndios entregues pelo laicado por Missas pelo repouso das almas dos defuntos. Pelas paredes das catacumbas, nas lápides, nos monumentos da idade apostólica, nas paredes dos edifícios das igrejas hoje transformadas em mesquitas, em Constantinopla, etc., o autor viu: "Descansem em paz", "Rogai pelo repouso da alma de fulano", etc. Essas inscrições estão em grego, em latim e noutras línguas antigas. O Livro de Orações dos judeus, utilizado no mundo todo, copiando os serviços litúrgicos do Templo e da sinagoga, tem orações pelo repouso dos parentes e dos amigos defuntos, e nenhum serviço sinagogal está completo sem o *Kadish*, chamado de "Orações pelos Mortos". Os abusos nas ofertas de Missas pelos mortos e nas indulgências, que grassavam antes da Reforma, induziram os reformadores a ir longe demais e abolir essas orações e doutrina referentes ao purgatório.

Os judeus de nossos dias creem que seus mortos vão para um lugar como o purgatório, onde permanecem por um tempo e são ajudados pelas orações de seus amigos. As crianças rezam pelos pais no dia da morte destes, no terceiro, no sétimo e no décimo-terceiro dias, e no aniversário da morte. Esses costumes, que vieram do Templo e dos serviços sinagogais, deram origem ao sepultamento dos mortos no terceiro dia, à Missa de trigésimo dia, de aniversário da morte e às Missas pelos mortos.[2]

Os judeus observavam um costume fúnebre peculiar, sendo o terceiro, o sétimo e o décimo-terceiro dia considerados como dias de luto especiais, mas, quando esses dias caíam em dias de festa, tinham regras especiais.[3] A coabitação, o uso de sapatos, etc., eram proibidos nesses dias.[4] Somente os parentes próximos rasgavam as vestes e tomavam "a refeição de luto"[5]. "Quando um caixão está sendo removido de um lugar para outro, os presentes devem ficar em pé formando uma fileira e pronunciar a bênção de luto e as

---

[1] Citado em SMITH, *Dic. of Bible*, art. *Synagogue* ("sinagoga").

[2] Ver *Sketches of Jewish Life*, 173; GEIKIE, *Life of Christ*, II, 605. Ver todo o tratado *Ebel Rabá* ("grande luto") no *Talmude* babilônico.

[3] Tratado *Mo'ed Katan* ("festividades menores"), *Mishná*, p. 36.

[4] Ibid. 39.

[5] Ibid. 40.

palavras de consolação."[1] Um douto estudioso, ou um *rabi*, pronunciava a oração funeral, por vezes em versos.[2] As "mulheres enlutadas" se lamuriavam nestes dias, mas não batiam palmas.[3]

No tempo de Cristo os judeus rezavam[4] pelo repouso das almas dos mortos. Os judeus de nossos dias não continuam por um ano inteiro a rezar por eles, para não dar a entender que tenham permanecido um ano no purgatório.[5] O Livro de Orações judaico usado hoje na sinagoga[6] traz, na oração pelos mortos, as palavras seguintes:

"Digne-se Deus lembrar-se da alma de meu venerado pai (mãe), que partiu para o seu repouso. Que sua alma esteja em ligação estreita com o elo da vida. Que seu repouso seja glorioso, com a plenitude do júbilo na tua presença, e com deleites para todo o sempre, à tua mão direita. Pai de misericórdia, em cuja mão estão as almas dos vivos e dos mortos, alegre-nos o teu consolo ao recordarmos (neste dia santo) nossos amados e honrados parentes que partiram para o seu repouso... E que suas almas repousem na terra dos vivos, contemplando a tua glória e regozijando-se na tua bondade", etc.

Eles seguiam o exemplo de seus ancestrais, que ofereciam sacrifícios no Templo pelo repouso dos mortos, como fizeram os Macabeus: "Pois é um pensamento santo e salutar o de rezar pelos mortos, para que eles sejam libertados de seus pecados."[7]

Os *rabis* do tempo de Cristo faziam uma distinção entre o *onen* ("o sofredor") e o *avel* ("o enlutado"). O primeiro aplicava-se ao dia do funeral e aos sete dias seguintes; o último, ao mês subsequente ao funeral. As orações pelos mortos eram recitadas na sinagoga ou alhures. Uma regulamentação estrita estava preceituada ao sumo sacerdote.[8] Era o costume dizer: "Sejamos nós a tua expiação", ou: "Soframos nós o que devia ter caído sobre ti", ao que ele respondia: "Benditos sejais para sempre", ou: "Sede benditos pelo céu". No velório, os amigos tomavam uma "refeição de luto", na qual não se deviam beber mais de dez taças de vinho.[9] O *Meguilat Ta'anit* ("rolo das festas") traz as datas em que o luto estava proibido.

---

[1] Ibid. 41.
[2] Ibid. 42, 43.
[3] Ibid. 45.
[4] Ver SMITH, *Dic. of Bible*: *Synagogue Worship* ("culto sinagogal"), n. 4.
[5] EDERSHEIM, *Sketches of Jewish Life*, p. 174, 180.
[6] *Daily Prayer Book* ("Livro de Orações Diárias"), p. 326.
[7] II Macab. XII, 46.
[8] Levít. XXI, 10-12.
[9] *Ter. Ber.* III, 1.

Eles também rezavam para os Santos no céu, nos seguintes termos: “Que eles no céu patenteiem o nosso merecimento para uma pacata preservação, e recebamos nós uma bênção do Senhor e justiça do Deus de nossa salvação, e boa compreensão aos olhos do homem.” As Orações aos Santos nas funções da Igreja foram copiadas da Igreja judaica no tempo de Cristo.

O gueto de Nova York tem muitas transações curiosas, sendo uma delas a recitação do *Kadish* pelo repouso das almas dos mortos. Os filhos ou os membros da família recitam-no de manhã, de tarde e de noite, todos os dias, durante um ano depois do enterro, enquanto viver um membro varão do falecido. O *Kadish* deve ser recitado numa reunião de *minyan* (“dez homens ou mais”), na sinagoga ou em casa. Se nenhum descendente masculino lhe tiver sobrevivido, um grupo profissional de rezadores de *Kadish* é pago para fazer as orações.

Muitas vezes os judeus fazem provisões, em seu leito de morte, deixando dinheiro para “um *Kadish* para si”, tal como os cristãos legam parte de sua herança por Missas pela sua alma. Em geral, um amigo do doente é designado para garantir que se façam essas orações, e ele é especialmente lembrado no testamento. Essa provisão por orações pelo repouso da alma é o desejo pio de todo judeu.

Os recitadores de *Kadish* profissionais, chamados “*batlanim*”, são, em sua maioria, estudantes mendicantes da *Torá* e do *Talmude* que desejam tornar-se rabinos, alunos de faculdade de direito ou ingressar em profissões doutas, mas não têm dinheiro para custear sua instrução e tiram proveito desse meio para continuar seus estudos das Leis de Moisés, sua “esposa dileta”.

Não há um estipêndio fixo, e eles oferecem seus serviços à família que não foi abençoada com filhos, durante o tempo de luto, e acertam de rezar pela alma do defunto desde o purgatório até à entrada no Paraíso. Essas orações se transmitiram no judaísmo desde muito antes dos dias de Cristo, e nelas se basearam as Missas, estipêndios e orações pelo repouso dos mortos.

23 de novembro de 1905, parecia que quase toda a população judaica de Nova York comparecera a uma vasta procissão pelas ruas do East Side, para chorar os massacres de seus irmãos na Rússia. Por quarteirões, em redor da sede na Grand Street, as ruas ficaram cheias, razoavelmente abarrotadas, com uma massa de humanidade hebraica movendo-se como ondas, empurrando, gesticulando, enquanto quatro homens passavam pelo meio, carregando sobre os ombros um caixão vazio, coberto com uma mortalha de veludo preto

bordado em prata, representando os mortos tal como faz o catafalco nas nossas igrejas em Missa de exéquias sem corpo presente. Esse é um dos mais antigos dos cerimoniais judaicos, remontando a Moisés ou aos reis. Essas orações viveram lado a lado, em ambos os credos cristão e judaico, cujos membros muitas vezes foram hostis na idade média.

Todos os ramos da raça semita estavam bem representados. Judeus da Alemanha, Polônia, Rússia, Turquia, Espanha e dos países do Oriente ali estavam, apinhando as calçadas, aglomerando-se no meio das ruas, subindo os degraus dos comércios e das habitações particulares — todos unidos de coração e mente enquanto a língua de todos recitava as orações pelo repouso das almas de seus irmãos russos assassinados.

Patriarcas com solidéus de veludo, de barbas brancas descendo até à cintura, cada fio de cabelo das quais era precioso, empurravam e conversavam com as gerações mais jovens, com as mulheres de peruca e xale mostrando sua viuvez, com as moças emplumadas, produtos das oficinas de costura clandestinas que exploram sua mão de obra barata, e com os rapazes nascidos em liberdade, que mal manifestavam as qualidades judaicas.

Mas o porte dessas vastas multidões era diferente daquele dos que costumam comparecer a paradas e desfiles. Não havia risos, não se ouviam piadas, nada de cutucadas amigáveis enquanto marchavam, encabeçados por bandeiras pretas, por estandartes vermelhos de sindicato, todos usando distintivos pretos nos braços, ou drapejados em luto profundo. Andavam lado a lado quatro pessoas, seguidas de mais quatro, e assim abrangendo cinco quarteirões, deslocando-se eles como uma vasta maré humana que logo se avoluma em poderosa torrente, enchendo as ruas como se fossem elevar-se pelas paredes altas dos edifícios, pelos quais passavam como através de um cânion.

Com música pesarosa eles entoaram o hino fúnebre e orações pelas almas dos defuntos, acompanhados por bandas de música. À medida que o som da banda se projetava adiante, subiam as janelas, mulheres com a cabeça coberta com xale de oração preto de luto surgiam, erguiam as mãos com o rosto contorcido, os olhos cheios de lágrimas, e misturavam seus choros com as vastas multidões nas ruas. Do coração de todo israelita irrompia o brado: *El male rachamim* ("Deus tenha piedade de suas almas"), repetido vezes sem conta.

Quando eles chegaram a uma sinagoga, a procissão toda se deteve diante dos degraus lotados de gente. No local reservado,

o *rabi* e os príncipes da assembleia conduziram as preces pelo eterno repouso dos falecidos, parte canção, parte cântico, parte gemido de dor: "Deus tenha piedade de suas almas:" "Deus tenha piedade de suas almas:" "Deus tenha piedade de suas almas." A banda tocou o *kim alel eclun* ("a canção lutuosa de Salomão"), e eles recomeçaram, uma vez mais, as comoventes orações pelo repouso dos mortos. Eles se detiveram mais longamente diante da *beit ha-Medrish* ("a casa de oração"), a sinagoga onde costumava pregar o famoso *rabi* José, aquele líder em Israel, versadíssimo no *Talmude*, cujo funeral quase produziu um levante contra os judeus. Ali os homens e as mulheres cantavam em fileiras separadas, porque eles não julgam apropriado que os sexos se misturem no culto divino, mesmo em nossos dias. Era um estranho cântico o produzido por aquela cantoria. As diferenças de entonação e de timbre se encontravam no meio e formavam um som meio áspero, meio estridente, totalmente estranho, que se elevava e despencava, aumentava e diminuía numa cadência tão diferente do coro cristão como o canto árabe. Citamos esse incidente do nosso tempo, com costumes da antiga sinagoga, para mostrar que em toda a sua história o judeu rezou pelo repouso das almas de seus defuntos, e que foi dele que a Igreja herdou essa doutrina — o grito do coração humano pelos mortos que amamos em vida — que tem sido, talvez, a mais atacada.

Vejamos agora a origem de nossos costumes matrimoniais e da Missa nupcial.

O *Talmude* proibia o matrimônio em caso de homem com menos de treze anos e um dia, e em caso de moça com menos de doze anos e um dia. A quarta-feira era o dia do desposório de uma virgem, e a quinta-feira, da viúva.[1] Os judeus modernos designam a quarta e a sexta-feira para a primeira, e a quinta para a última. Os pais escolhiam esposa para o filho. Os judeus modernos muitas vezes empregam um casamenteiro, um *shadshen*, que age como amigo entre as partes.[2]

Uma vez obtido o consentimento da noiva e dos pais, seguia-se o desposório. Não era como o nosso "noivado"; era, sim, um contrato muito solene e formal, ratificado por meio de presentes para a noiva chamados *mohar*, palavra que ocorre três vezes na Bíblia hebraica.[3] O pai dela dava a ela um dote, que depois do cativeiro babilônico era outorgado por escrito mediante uma *ketuvá* ("uma escritura"), dote que era controlado pelo marido dela.

---

[1] *Mishná*, *Ketuvot*, I, seção 1.
[2] Gên. XXIV, 12.
[3] Gên. XXIV, 10-22; Êxod. XXII, 17; I Reis XVIII, 25.

O desposório, chamado pelos romanos de esponsais, era celebrado com uma grande festa, em que o noivo punha a aliança de casamento no dedo dela, como penhor de fidelidade e de adoção na família dele. Ela agora era considerada uma esposa.[1] Se ela fosse infiel, em meio aos hebreus na frente da casa do pai dela, ela era lapidada até a morte,[2] mas o homem podia dispor dela desembaraçando-se dela discretamente, se não quisesse que ela fosse morta. Foi isso que José pensou em fazer quando descobriu a Virgem grávida.[3]

A essência do matrimônio estava na mudança da noiva para o seu futuro lar. Essa era uma grande cerimônia pública. O noivo vestia sua roupa de gala e punha sobre a cabeça o belo turbante que o profeta chama de pera[4] em forma de diadema.[5] Queimava-se diante dele uma oferta de mirra com incenso puro, ou então ele era incensado por um servidor, tal como o clero é incensado em Missa solene. A noiva se preparava no dia anterior com um banho,[6] punha seu vestido de noiva e, pouco antes do tempo marcado, cobria toda a sua pessoa com o véu de noiva chamado *tsa'iph*; os romanos o chamavam de *nubere* ("velar"), porque cobria não só o rosto, mas toda a sua pessoa;[7] era sinal de submissão ao marido. Os gregos chamavam o véu de noiva de *exoysia* ("autoridade"). Ela cingia a cintura com uma cinta de grande valor, chamada *kishshurim* ("o adorno"), a que os romanos deram o nome de *zona*. Sobre a cabeça, ela punha a *callah* ("filó de fundo"), uma coroa de ouro puro ou dourada, caso a família fosse rica, mas de flores de laranjeira, se a família fosse pobre. Depois da destruição do Templo sob Tito, A. D. 70, essa coroa de ouro foi proibida, como sinal de humilhação.

Se a noiva fosse uma virgem, ela usava o cabelo escorrido pelas costas;[8] já uma viúva prendia o cabelo. O vestido de noiva da virgem era branco, muitas vezes bordado com fio de ouro; a viúva usava vestido colorido, e o cerimonial era breve e simples.

Quando chegava a hora combinada, geralmente tarde da noite, o noivo ia à casa dela com o seu séquito de padrinhos, chamados em hebraico *mere'im*, assistido pelo seu *paraninfo* (chamado hoje em

---

[1] PHIL., *De Spec. Leg.*, p. 788.
[2] Deut. XXII, 23, 24.
[3] Mateus I, 19.
[4] Isaías LXI, 10.
[5] Cânt. III, 11.
[6] PICART., I, 240.
[7] Gên. XXIV, 65; XXXVIII, 14, 15.
[8] *Ketuvot*, II, seção 1.

inglês seu "*best man*") e precedido de uma procissão; rodeados de uma banda de músicos e de cantores, com homens segurando tochas, eles iam para a casa da noiva, que os aguardava com suas virgens. A noiva, seus pais e amigos, mais o noivo, formavam uma grande procissão e, com música e cantoria, voltavam em marcha para a casa do noivo, perto da qual um grupo de virgens, dez com lâmpadas acesas, encontrava-os na rua, e desfilavam todos em cortejo para dentro da casa.[1] Dentro de casa, eles celebravam uma grande festa, a que compareciam todos os amigos das duas famílias, cada convidado trajando fato branco de casamento.[2] Se ela fosse uma virgem, distribuíam-se cereais e trigo seco — a origem do arroz nos nossos casamentos —, como sinal de prosperidade e de felicidade para o casal. Os festejos duravam sete dias, algumas vezes uma quinzena; mas, no caso de uma viúva, só uma noite.

Do casamento hebreu nós copiamos: o anel do bispo, porque ele se casa com a sua diocese; as flores de laranjeira, o véu de noiva, a Missa nupcial e a bênção da noiva. Mas a viúva não recebe bênção no seu segundo matrimônio. Entre os cristãos orientais, a noiva e o noivo usam coroas de metal durante as cerimônias de bodas.

A festa de casamento era elaboradíssima nas famílias ricas, o cerimonial e a etiqueta sendo os mesmos que na festa dos ázimos.

Moisés firmou uma aliança, o Antigo Testamento, entre Deus e os israelitas, que violaram essa aliança quando caíram em idolatria sob seus reis. Mas o profeta predisse que "os dias virão, diz o Senhor, e eu farei uma nova aliança com a casa de Israel, e com a casa de Judá. Não segundo a aliança que fiz com seus pais, aliança esta que eles invalidaram", etc.[3] Moisés firmou a aliança com sangue de animais, prenunciando o Novo Testamento, a aliança feita com o sangue da Vítima do Calvário,[4] "do Novo e eterno Testamento — o mistério da fé". O texto grego diz: *diathekn* "no sangue dele". "E eles não partirão o pão, ao que está de luto, para confortá-lo pelos mortos, nem lhes darão a beber da taça, para confortá-los, por seu pai e sua mãe."[5] "Assim diz o Senhor: Eis que eu profanarei o meu santuário, a glória do vosso reino."[6] Com a morte de Cristo, o Antigo Testamento expirou, começara o Novo. A sinagoga foi repudiada, a Igreja foi consolidada em Pentecostes.

---

[1] Mateus XXV, 6.
[2] Mateus XXII, 11.
[3] Jeremias XXXI, 31, 32.
[4] Êxod. XXIV, 8.
[5] Jeremias XVI, 7.
[6] Ezeq. XXIV, 21.

O Senhor partiu o pão eucarístico para os discípulos que duvidavam, em Emaús, e foi somente então que eles o reconheceram.[1] Os apóstolos saíam de casa em casa, partindo o pão eucarístico da Missa com orações;[2] "diariamente, perseverando concordemente na frequência ao Templo e partindo o pão de casa em casa, eles tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração"[3]. "No primeiro dia da semana, quando nos reuníamos para partir o pão",[4] "subindo e partindo o pão e jejuando". As palavras gregas do original, "*eulogia*" e "*eucharistia*", mostram que a fração ou o partir do pão era o Sacrifício Eucarístico da Missa. A primeira palavra, *eulogia* ("louvor"), mostra que eles começavam com os louvores e orações da sinagoga, seguindo o exemplo de Cristo na Última Ceia, e terminavam com a consagração e distribuição da Eucaristia.[5]

Seguindo o exemplo da Última Ceia, as reuniões se faziam ao entardecer, nas sinagogas, no *shabat*, e as instruções ocupavam o tempo até depois da meia-noite.[6] Cantavam-se os salmos e as preces da sinagoga, e os membros da Igreja nascente saudavam uns aos outros com um ósculo santo.[7] S. Paulo menciona quatro vezes[8] o beijo de amizade e de amor, costume hebraico continuado na Igreja e que esteve na origem da cerimônia do "beijo da paz" dado pelo clero durante a Missa.[9]

Os apóstolos, seguindo o exemplo do Senhor, entraram nas sinagogas em todas as terras onde os judeus se encontrassem, e pregaram primeiro para os hebreus. Como na sinagoga o serviço do *shabat* no sábado era o mais frequentado, eles pregavam nesse dia, e ao anoitecer rezavam Missa. As funções litúrgicas prolongavam-se noite adentro, e mais tarde a Missa foi rezada nas primeiras horas da manhã de domingo. Daí que, nos tempos apostólicos, o domingo tomou o lugar do sábado dos judeus. Quando afinal a Igreja rompeu com a sinagoga, foi chamado de "o dia do Senhor", em comemoração

---

[1] Lucas XXIV, 30, 35.

[2] Atos II, 42.

[3] Atos II, 46.

[4] XX, 7.

[5] I Cor. II, 20, 21, etc.; S. INÁCIO, *Epist ad Smyr.*, c. 4; SOZOMENO, *Hist. Eccl.*, VII, c. 19; Concílio de Cartago, Cân. XLI.

[6] Atos XX, 7.

[7] I Cor. XVI, 20; II Cor. XIII, 12.

[8] Rom. XVI, 16; I Cor. XVI, 20; II Cor. XIII, 12; I Tess. V, 26; I Pedro V, 14.

[9] TERTULIANO, *De Orat.*, c. 14; JUSTINO MÁRTIR, *M. Apol.*, 11; MIGNE, *Cursus Comp.*, II, 1348.

da Ressurreição e da vinda do Espírito Santo no Domingo de Pentecostes.[1]

Milhares de velas iluminavam os átrios do Templo, ardiam lumes nas sinagogas durante os serviços de culto, numerosos lumes tu encontrarás na sinagoga do presente, assim como velas iluminaram o cenáculo durante a Última Ceia; "e havia grande número de lâmpadas na sala superior onde nós estávamos reunidos", dizem os Atos.[2] A Missa sendo rezada à noite nos dias dos Apóstolos, sobre os altares ardiam velas. As velas ardendo sobre nossos altares foram legadas, não das catacumbas, como afirmam alguns autores, mas do Templo, da sinagoga e da Última Ceia.

Esse serviço sinagogal — o canto dos Salmos, a leitura da Lei e das Profecias antes do Sacrifício Eucarístico — prolongou-se nas matinas e laudes, com seus salmos, noturnos, orações, versículos, responsórios, vésperas e os ofícios de nossos breviários. Seus arranjos e divisões peculiares mostram que são oriundos da era apostólica. A Última Ceia começou com os serviços sinagogais que sempre eram recitados à noite antes de dar início ao festim da páscoa judaica, e esta é a razão daquele antigo costume de rezar o ofício, até a tércia, antes de rezar Missa.

Foram muitas as disputas entre cristãos e judeus referentes ao Crucificado; por fim, a sinagoga excluiu os apóstolos, que então passaram a ir às casas dos convertidos. Eles constataram que o serviço sinagogal não servia para o Sacrifício Eucarístico. Novos elementos, a divindade de Cristo, a Presença Real, o sistema sacramental e grande número de outras verdades haviam sido acrescidas ao judaísmo.

Sobre a base da liturgia da Última Ceia, eles alicerçaram novos ritos — liturgias da Missa que se transmitiram de viva voz, até que, mais tarde, foram postas por escrito. Estas eram ditas nas línguas do povo. Os cristãos orientais afirmam que as suas liturgias chegaram até nós inalteradas desde os apóstolos. Numerosos termos hebraicos incorporam eles nessas liturgias, tais como: *Amém* ("assim seja"); *Aleluia* ("louvai a *Jehová*"); *Hosana* ("salva, eu te rogo"); *Sabaot* ("exércitos"); "o Senhor esteja convosco"; "a Paz seja convosco", etc.

Mostramos como o Espírito Santo inscreveu uma verdade religiosa em cada objeto e gesto do culto praticado no Templo e na páscoa judaica. A liturgia e o cerimonial da páscoa judaica estavam carregados de tipos, de imagens e de símbolos do Messias, de sua

---

[1] Atos II.

[2] Atos XX, 8.

Paixão e do Sacrifício Eucarístico. Quando os apóstolos instituíram as liturgias da Missa, eles seguiram a lição que Deus ministrara no culto e no cerimonial judaicos. Cada objeto, movimento e cerimônia da Missa ensinam às pessoas verdades que estão embutidas nas funções litúrgicas, de maneira que a Missa é um livro escrito pelo próprio Deus por meio dos apóstolos. Esses ritos e cerimônias nós explicamos em uma obra anterior.[1]

Os apóstolos exerciam as funções sinagogais, liam a Lei e as Profecias, e em seguida pregavam, exortando o povo a levar uma vida reta. A "Mesa do Senhor" era preparada com velas, flores e enfeites.[2] Os doze sacerdotes liam junto com o apóstolo as orações da liturgia, e desse modo celebravam eles a Eucaristia. Eles faziam uma coleta para o sustento da religião.[3] Algumas vezes essas ofertas eram enviadas para os convertidos pobres de Jerusalém.[4]

O apóstolo permanecia junto deles instruindo, fazendo conversões, até que se formasse uma assembleia. Então, escolhia doze dentre eles e ordenava-os sacerdotes, chamados em grego "presbíteros". Ele impunha as mãos sobre um deles e ungia-o bispo, sagrando-o com os óleos santos, como era costume na ordenação dos *rabis* e dos juízes de Israel, muito antes do tempo de Cristo. Muitas obras da Igreja primitiva mencionam esses fatos.

Assim, as *Homilias Clementinas*[5] dizem que Pedro fundou uma igreja em Tiro e pôs à sua testa como bispo um dos presbíteros, e então partiu para a Sidônia,[6] onde fez o mesmo,[7] assim como em Beirute e em Laodiceia.[8] "E tendo-os batizado nas fontes que ficam perto do mar, e tendo celebrado a Eucaristia, e tendo nomeado Maroones como bispo deles, e tendo separado doze presbíteros, e tendo designado diáconos e disposto as questões relativas às viúvas, e tendo pregado acerca do bem comum o que era proveitoso para o ordenamento da Igreja, e tendo recomendado a eles obedecer ao bispo Maroones, três meses inteiros havendo se passado já, ele (Pedro Apóstolo) disse adeus aos de Trípoli da Fenícia e fez sua

---

[1] *Teaching Truth by Signs and Ceremonies* ("Ensinando a Verdade com Sinais e Cerimônias").

[2] Atos XX, 7-11.

[3] II Cor. IX, 1-15; JUSTINO MÁRTIR, *Aplogo.*, I.

[4] *Ibidem.*

[5] Esta obra, de autenticidade duvidosa, é mencionada por Orígenes, Cap. 22, *Filocalia* e outros escritores como existente no começo do século III.

[6] Hom. VII, Cap. V.

[7] Cap. VIII.

[8] Cap. XXII.

viagem até Antioquia da Síria, acompanhando-o o povo todo, com a honra devida."[1]

Essa curiosa obra da antiguidade afirma que eles se reclinavam à mesa ao comer,[2] e mostra-nos que Pedro se paramentava como os bispos de nossos dias. Quando Clemente pediu permissão para ir junto com ele, Pedro respondeu sorridente: "Pois quem mais há de tomar conta destas várias túnicas esplêndidas, com todas as minhas trocas de anéis e de sandálias?"[3]

A *Constituição Apostólica* diz:[4] "Agora, no tocante àqueles bispos que foram ordenados contemporaneamente a nós, nós vos damos a conhecer que são eles os seguintes: — Tiago, bispo de Jerusalém, irmão do Senhor;[5] o segundo foi Simeão, filho de Cléofas,[6] depois do qual o terceiro foi Judas, filho de Tiago. De Cesareia da Palestina, o primeiro foi Zaqueu,[7] depois do qual foi Cornélio, e o terceiro foi Teófilo. De Antioquia, Evódio ordenado por mim, Pedro; e Inácio, por Paulo. De Alexandria, Aniano foi o primeiro ordenado por Marcos, o evangelista. Da Igreja de Roma, Lino, filho de Cláudia, foi o primeiro,[8] e Clemente depois da morte de Lino, o segundo ordenado por Pedro. De Éfeso, Timóteo ordenado por Paulo, e João por mim, João. De Esmirna, Aristo o primeiro,[9] depois do

---

[1] *Homilias Clementinas*, Hom. XI, Cap. XXXVI. Ver J. IAHN, *Archæologia Biblica. De Liturgia Apostolica*, etc.

[2] *Ibidem*, Hom. X, Cap. XXVI.

[3] Hom. XII, Cap. VI.

[4] Alguns, como Whiston, Bunsen, etc., julgam que com poucas corrupções estas venham da era apostólica — outros, que vêm do segundo ou terceiro século. Livro VII, seção IV.

[5] Ele era seu primo que, segundo o costume judaico, era chamado seu irmão.

[6] Cléofas era irmão de S. José, o esposo da Virgem. Ele se casou com Maria irmã da Virgem, da qual teve quatro filhos e duas filhas. Seu filho mais velho recebeu o nome de José; o segundo, Tiago chamado Alfeu; o terceiro, Judas Tadeu; e o quarto, Simão. Sua primeira filha recebeu o nome Maria, o mesmo de sua mãe; a segunda, Salomé, casou-se com Zebedeu, do qual teve Tiago e João apóstolos. Era Cléofas quem ia para Emaús junto de outro discípulo depois da crucifixão, a quem o Senhor encontrou no caminho. Ver DUTRIPON, *Concordantia S. Scripturæ*, verbete Cléofas.

[7] Este era o rico publicano de Jericó, um coletor de impostos "de baixa estatura" (Lucas XIX, 2-6), que escalou o sicômoro para ver o Senhor, quando ele passava pela cidade a caminho de Jerusalém para morrer. Hospedou o Salvador naquela quinta-feira à noite, e a ele Jesus disse: "Neste dia a salvação entrou nesta casa" (Lucas XIX, 9). Os escritos rabínicos mencionam um Zaqueu que vivia em Jericó nessa época, que fora outrora publicano.

[8] Mencionados por S. Paulo, II Tim. IV, 21.

[9] Isto é um erro, pois Policarpo foi o primeiro bispo de Esmirna.

qual Estráteas, filho de Loide.[1] De Pérgamo, Gaio. De Filadélfia, Demétrio, por mim. De Atenas, Dioniso. De Trípoli, Maratones, etc., — Estes são os bispos aos quais nós confiamos as dioceses no Senhor."[2]

Ao dizer: "Crescei e multiplicai-vos",[3] Deus abençoou o homem e os animais, a fim de que propagassem sua espécie. Seguindo esse exemplo, o patriarca abençoava seu filho mais velho, fazendo dele o herdeiro de sua propriedade e sacerdócio, e no seu leito de morte abençoava todos os membros da família. Ao fim do cerimonial do Templo, o sumo sacerdote abençoava as multidões, e o rabino despedia com sua bênção a assembleia.

Em conformidade com essas cerimônias da Igreja judaica, ao subir ao céu Cristo abençoou seus discípulos. "E erguendo as mãos ele os abençoou. E sucedeu que enquanto os abençoava ele partiu, subindo ao céu."[4] Seguindo esses exemplos, o celebrante abençoa a assembleia no fim da Missa. Isso encerrava a Missa na Igreja primitiva, e mais tarde se adicionou o Evangelho de S. João. Logo, quando as pessoas pedem a bênção do padre ou do bispo, estão seguindo o antigo costume da Igreja hebraica. Essa bênção tem sua forma mais alta na Bênção Apostólica do Papa, que remonta aos dias dos Apóstolos e dos Patriarcas.

Vejamos agora as vestes litúrgicas que Cristo e os Apóstolos usaram na Última Ceia, pois nelas encontraremos a origem dos paramentos da Igreja.

---

[1] Era avó de Timóteo, II Tim. I, 5.

[2] *Const. Apost.*, L. VII, Sec. IV, XLVI. Citamos isso como um espécime desta obra antiga peculiar, sem garantir a sua autenticidade.

[3] Gên. I, 22; VIII, 17; IX, 1.

[4] Lucas XXIV, 50.

IX.— OS PARAMENTOS QUE CRISTO E OS APÓSTOLOS USARAM NO CENÁCULO.

POR QUE os clérigos usam paramentos diante de nossos altares? Por que a Igreja reveste seus ministros daqueles trajes tão peculiares? Cristo e os apóstolos usaram alguma roupa distinta, na Última Ceia? As vestes litúrgicas da Igreja, quanto ao material, ao formato e a cor, podem ter o seu rasto seguido até àquela noite da Última Ceia? As pessoas muitas vezes perguntam essas coisas, porque poucos autores fazem as vestimentas e hábitos clericais remontarem até sua origem no Templo e na páscoa judaica. Vejamos as razões e a origem dos paramentos da Igreja.

As roupas mostram a posição de uma pessoa na comunidade; um vagabundo sujo andrajoso provoca repulsa, enquanto uma pessoa bem vestida inspira respeito. As roupas que um indivíduo veste, seu formato, cor e material chamam a atenção e causam a primeira impressão. Daí que a mulher geralmente receba mais honras do que o homem, não porque seja superior a ele, mas por ser mais bem vestida.

Em todos os tempos as vestimentas mostraram a posição social daquele que as usa, e desde o princípio as autoridades usaram roupas e insígnias distintivas de seu ofício. No mundo antigo, o rei revestia-se de túnicas imponentes. Quando nos tempos patriarcais o rei-sacerdote oferecia sacrifícios, ele punha vestes sacerdotais. As ruínas esculpidas da Assíria, da Pérsia, do Egito, etc., mostram os reis vestidos como sumo sacerdote da nação, usando sandálias, alva, casula, cíngulo, mitra e outras vestes, a oferecer sacrifícios, enquanto nas ruínas babilônicas uma figura misteriosa mostra a ele o fruto proibido, e bem ao lado está a árvore da vida. É surpreendente ver a figura do rei-pontífice desses impérios revestida de paramentos do mesmo tipo e formato dos que se usam hoje diante de nossos altares, o que mostra que as vestes litúrgicas quase não mudaram nada desde os tempos anteriores a Abraão.

As modas mudam, roupas antigas são abandonadas, novos estilos são adotados; é difícil de encontrar dois homens ou duas mulheres com roupa igual. Mas a Igreja nunca muda os seus

paramentos, que remontam ao Templo e à Última Ceia. Nenhum Papa, Concílio ou poder sobre a terra poderia proibi-los, porque são de origem divina.

Quando os reformadores ignorantes e fanáticos do século dezesseis varreram o norte da Europa, sem entender a natureza do Sacrifício Eucarístico, eles desmantelaram as igrejas de seus sinais, símbolos e emblemas religiosos, e os ministros deles pregavam trajando vestes ordinárias. Mas uma reação ocorreu; ressurgiu o ritualismo, as túnicas clericais foram vistas, uma vez mais, nos púlpitos acatólicos; as disputas ficaram acaloradas; a cor, o formato e o número dos paramentos eclesiásticos dividiram as denominações, e as igrejas-altas ritualistas introduziram paramentos. Vejamos a origem dos paramentos.

Desde as origens da civilização, a necessidade de uma vestimenta distintiva se sentiu, a fim de que a ocupação de um homem pudesse ser vista no seu vestuário. O oficial, o soldado, o marinheiro, o chofer de cavalos, o bombeiro, a enfermeira, o juiz, o governante, o rei usam indumentária distinta para dar na vista a vocação, a posição e o ofício de quem a usa.

Quando Deus chamou Aarão e seus filhos ao sacerdócio da religião hebraica, e os filhos de Levi para serem seus ministros, com riqueza de detalhes e impressionante minúcia ele estipulou o material, a cor, o formato e a ornamentação dos paramentos usados no culto público, e proibiu-os em toda e qualquer ocasião diversa. Através dos tempos, no Templo até sua destruição pelos romanos sob Tito, o sacerdote e o levita revestiram-se desses paramentos ao oficiarem diante do Senhor. Cento e setenta e seis vezes se os menciona no Antigo Testamento, e cinquenta e nove textos do Novo Testamento fazem referência a eles.

Sempre se usaram na Igreja. Era um grande pecado sacrificar sem eles. Os Papas proibiram vesti-los fora das funções da Igreja. Os escritores da era apostólica os mencionam. As imagens nas catacumbas mostram-nos. Os grandes Padres da Igreja escrevem a seu respeito. Zombavam deles os pagãos. Todas as igrejas orientais ainda os utilizam. Mil provas tiradas dos Padres poderiam ser aduzidas para patentear que foram trajados desde o princípio do Cristianismo.

"O que há, pergunto eu, de ofensivo a Deus", escreve S. Jerônimo, "se eu vestir uma túnica incomumente bela, ou se o bispo, o sacerdote, o diácono e outros ministros da Igreja aparecerem com vestidos brancos ao ministrarem o sacrifício?"

"Não devemos entrar no santuário como quisermos e com nossas roupas ordinárias, maculadas pelos usos da vida comum, mas com uma consciência limpa e com vestes limpas é que devemos manusear os sacramentos do Senhor."

Os paramentos da Igreja, suas toalhas de altar, etc., são de linho e não de bisso, palavra esta que ocorre em traduções da Bíblia. Os paramentos do Templo, suas toalhas de mesa, guardanapos, etc., utilizados na páscoa judaica no tempo de Cristo eram de linho. Desde esse tempo, no Rito latino, o linho sempre se usou para as toalhas de altar, os purificatórios, as alvas, etc., nas funções da Igreja. Por que foi usado linho e não algum outro material?

S. Agostinho, explicando o trabalho da mulher sábia do Livro dos Provérbios,[1] diz que a fibra do linho, da qual o linho é feito, é emblemática do nosso corpo, no qual vive a alma. A fibra do linho é preparada batendo-a fortemente e depois trançando-a para formar o linho, assim como nossa carne é purificada pelo sofrimento. Eles diz que as roupas das pessoas do povo e as vestes litúrgicas eram então de linho.[2]

Durante o cativeiro babilônico, os hebreus viram os reis e os nobres vestidos de seda, e esse material, proveniente da China, os israelitas levaram consigo de volta à Palestina. Quando Alexandre conquistou esses países, encontrou as mesmas roupas de seda, seus soldados trouxeram a seda para a Grécia, e as vestes de seda se espalharam pelo mundo grego muito tempo antes de Cristo. Quando os apóstolos difundiram a Igreja pelo império grego, fizeram as toalhas de altar de linho, e as vestes litúrgicas desse material sedoso, e esta é a razão pela qual se usa exclusivamente seda nos ritos orientais e por que os nossos paramentos mais suntuosos são de seda, enquanto que as toalhas de altar, as alvas, os purificatórios, etc., são de linho.

Deus revelou a Moisés os detalhes mais exatos do material, da forma e da cor dos paramentos sacerdotais. Deviam ser feitos somente de linho formado da fibra de linho batida, para significar que a perfeição do sacerdote só vem com suportar pacientemente as tribulações desta vida. As cores eram branco, vermelho, violeta e verde, significando a inocência, o sofrimento, a penitência e a juventude. Mais tarde, o preto, tipificando a tristeza, foi adicionado. Josefo escreve que essas cores das vestes litúrgicas do seu tempo eram emblemáticas das cores do santuário do Senhor dos exércitos,

---

[1] Prov. XXXI, 13.

[2] S. AGOSTINHO, *Sermo* XXXVII *in Prov.*, n. V, VI; *Contra Faust.*, L. VI, n. 1.

e que eram embelezadas com lindos bordados. São hoje as cinco cores dos paramentos da Igreja.

Arame de ouro era trançado no tecido. “E ele cortou finas folhas de ouro, e reduziu-as a fiozinhos para poderem ser entrelaçados com a trama das cores sobreditas.”[1] Aqui, pela primeira vez nas Letras Santas, deparamo-nos com o famoso “tecido de ouro”, que ainda se encontra em vestes, insígnias, etc. O tecido de ouro é raro aqui nos E.U.A., onde é substituído por arame de prata dourada, chamado “*half fine*” (“meio fino”), e bronze dourado ou envernizado.

O linho, mencionado trinta vezes sob o nome de bisso, tingido nessas diversas cores, era utilizado para os paramentos, véus, etc., no Templo.[2] O linho é feito de fibra de linho, enquanto o bisso é formado das longas e delicadas fibras sedosas com que o *Pinna nobilis*, um molusco das águas mediterrâneas orientais, prende-se aos rochedos. Um cuidadoso exame microscópico e químico do antigo bisso bíblico revela que é linho, provando que a Igreja está certa em fazer suas toalhas de altar, alvas, etc., de linho e não de bisso.

Ao redor da ilha rochosa onde os filhos de Canaã erigiram Tiro (“a rocha”), que o exército de Alexandre capturou depois de uni-la ao continente, nas águas azuis do Mar Mediterrâneo cresce até hoje o *murex*, um molusco gastrópode que, ferido, emana as belas cores escarlate e púrpura com que eram tingidas as vestes dos sumos sacerdotes e dos imperadores, dos reis e dos governantes da antiguidade. Atualmente, águas indômitas arremetem fragorosamente contra aquela costa rodeada de penhascos, onde se erguia Tiro com o poder do comércio e da arte. Por seus pecados ela caiu, como predisse o profeta.[3] A púrpura de Tiro já não reveste mais os reis, pois esta cor se obtém dos derivados do alcatrão.[4]

Surpreende como certas cores distinguiam as famílias. Na idade média, a heráldica exprimia-se nas cores dos campeões. No Oriente, o verde é a cor sagrada de um falso Profeta; os membros da família de Maomé estão sempre vestidos de verde, da cabeça aos pés, e tu encontrarás muçulmanos beijando as mãos deles, em sinal de respeito. Os chefes árabes usam ainda turbantes coloridos, cada chefe de tribo tendo sua cor própria.

---

[1] Êxod. XXXIX, 1-3.

[2] Êxod. XXXVI, XXXIX, LX, etc.

[3] Isaías XXIII.

[4] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 278.

Os levitas no Templo vestiam-se de simples linho branco,[1] até que Herodes Agripa II lhes deu permissão de usar vestes sacerdotais, o que, diz Josefo, "era contrário às leis de nosso país"[2].

O sacerdote e o sumo sacerdote do Templo usavam quatro vestes litúrgicas cujo formato e cor eram comuns a um e outro. Hoje o sacerdote e o bispo, ao rezarem Missa, vestem igualmente amito, alva, cíngulo, estola, manípulo e casula. Mas o pontífice hebreu usava quatro outros paramentos característicos de seu múnus, e o bispo, em acréscimo aos paramentos do sacerdote, usa tunicela, dalmática, cruz peitoral, luvas, mitra e anel. Vejamos a história das vestes litúrgicas do Templo e da Última Ceia, donde vieram as vestes litúrgicas da Igreja.

Ter nascido na família de Aarão, com o sangue azulíssimo dos gloriosos sumos sacerdotes correndo em suas veias, ser versado na *Torá* — os livros de Moisés —, versado nos Profetas e na história de Israel, ser de mente brilhante, de corpo incólume: eram estes os requisitos do candidato ao sumo sacerdócio do tempo de Cristo. Maimônides menciona cento e quarenta defeitos que barrariam para sempre o candidato, e vinte e dois que este podia superar com o tempo. S. Paulo cita as qualidades exigidas num bispo, tiradas das normas do Templo relativas ao ofício de sumo sacerdote.[3]

Se ele fosse aprovado no severo exame, sua ordenação durava sete dias, cada dia devotando-se a uma parte do cerimonial. No primeiro dia, eles derramavam o santo crisma na cabeça dele na forma da ✠ grega (sem saberem eles que isso prenunciava a Cruz), o óleo escorrendo por sua barba.[4] Anteriormente, fora este o óleo santo com que Moisés consagrara seu irmão Aarão e os filhos deste, o qual era preservado no santuário.

Com esse óleo foram consagrados Saul, Davi, e os reis da linhagem de Davi, quando não havia disputa acerca da sucessão, bem como os sacerdote comuns. A taça que continha esse óleo santo, preservada desde os dias de Moisés, Jeremias escondeu junto com a arca, numa caverna do monte Nebo. Desde então, alegaram os *rabis* que o óleo não era necessário, já que a sagração de seus pais tinha sido suficiente para os sacerdotes do tempo de Cristo. O óleo era posto sobre a cabeça do pontífice e nas mãos do sacerdote. É nesses lugares que o bispo e o sacerdote são ungidos em nossos dias.

---

[1] II Par. V, 12.

[2] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, XX, IX, 6.

[3] I Tim. III; Tito I.

[4] EDERSHEIM, *Temple*, 71; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 84 a 87, 523, 524.

O sacerdote e o pontífice, antes de sacrificarem as vítimas ao Senhor dos exércitos, vestiam o calção interno de linho. Em cima deste, eles usavam uma túnica de linho branco sem costura, com mangas e escorrendo até os pés. Quanto ao material, o formato e a cor, era exatamente igual à alva do nosso tempo. Só os descendentes da família de Aarão podiam usá-la. O avô de Cristo, Joaquim, entrara por matrimônio na família de Aarão,[1] e a Mãe de Cristo fizera essa túnica inconsútil para seu Filho, porque ele era Sacerdote assim como Príncipe da linhagem de Davi. Cristo usou esta alva branca a vida inteira e na Última Ceia. Foi a túnica sobre a qual os soldados lançaram sortes, porque não podiam dividi-la entre si sem destruí-la. Foi esta a origem da alva que se usa diante dos nossos altares.

O sacerdote e o pontífice prendiam essa túnica sem costuras com um cíngulo, ao sacrificarem no Templo e ao celebrarem a páscoa judaica. "Deste modo comê-la-eis", disse o Senhor acerca da páscoa, "cingireis os vossos rins",[2] e a palavra hebraica que ocorre nesse texto é *chagar* ("prender"). Quando foi que o homem prendeu pela primeira vez uma cinta em redor da cintura, não descobrimos, pois o cinto ou cíngulo remontam à história mais remota e foram encontrados entre todos os povos antigos.

O povo contemporâneo de Cristo usava longas cintas chatas que davam muitas voltas em torno do corpo, servindo as dobras muitas vezes de bolsos. O cíngulo do bispo de nosso tempo é chato, similar ao dos sacerdotes do Templo, ao passo que os sacerdotes atuais usam sobre a alva um cordão cilíndrico de linho.

A mitra do sacerdote do Templo era chamada de *mygboath* ("em forma de empunhadura"), ou seja aberta, semelhante à mitra do bispo no Rito latino, e tinha o formato de um cálice de flor invertido. A mitra do sumo sacerdote era mais alta e mais enfeitada, como a mitra de nosso bispo. As pessoas estavam sempre de turbante dentro do Templo, na sinagoga e na páscoa judaica, porque descobrir a cabeça seria mostrar desrespeito durante o culto divino. Esses costumes da Igreja judaica se prolongam na primeira parte da Missa, durante a qual os bispos e os sacerdotes usam mitra e barrete. O calção interno, a alva, o cíngulo e a mitra eram os quatro paramentos comuns aos sacerdotes e ao pontífice, no Templo.

Vejamos agora as quatro vestes litúrgicas do sumo sacerdote, chamadas pelos autores judeus de "as vestes douradas", porque o

---

[1] Lucas II.
[2] Êxod. XII, 11.

ouro, símbolo de pureza e de autoridade, era trançado nelas de lado a lado.[1]

O *efó*, "peça de vestuário", também chamado *meil*, inteiramente feito de "trabalho trançado", da cor púrpura escura, sem mangas, cobria-o até os joelhos. Na orla, estava ornado de botões de romã alternadamente violáceos, purpúreos e vermelhos, tendo entre eles setenta e dois sinos de ouro, que tilintavam quando ele andava, em memória das setenta e duas famílias descendentes dos netos de Noé, que se tornaram as grandes nações da antiguidade. Esse paramento, quanto ao material e ao formato, era semelhante ao roquete do bispo, ao qual deu origem.[2]

Ele usava sobre o peito o "racional", ostentando doze pedras preciosas, cada qual representando uma das doze tribos de Israel. Eram engastadas num trabalho de ouro maciço, arranjadas em quatro fileiras, com três delas por fileira, cada gema tendo gravada[3] uma das letras hebraicas. Antes de eles caírem em idolatria no tempo de Salomão, dizem os autores judeus que as pedras brilhavam com uma luz sobrenatural uma depois da outra, permitindo-lhes ler os decretos de *Jehová*.[4] Depois da destruição do primeiro Templo, o racional se perdeu, e o Deus de seus pais deixou de falar por meio das joias do racional. Nove vezes o Antigo Testamento menciona o racional.

Sobre os ombros ele usava duas grandes pedras ônix, cada uma gravada com o nome de seis das doze tribos dos hebreus. Eram chamadas de *urim* e *tumim*: "luz e perfeição", "saber e virtude" — teologia dogmática e teologia moral, para prenunciar a fé e os costumes do futuro corpo sacerdotal da Igreja.

A mitra de Aarão, chamada *misnefet*, Moisés a fez de finíssimo linho branco com trabalhos bordados e rendas, cobrindo sua cabeça como uma coroa.[5]

Deus mesmo mandou os hebreus se revestirem de trajes sagrados ao celebrarem sua páscoa: "E deste modo comê-la-eis: cingireis os vossos rins, e tereis as sandálias nos pés, e o bordão em mãos, e comereis às pressas, porque é a páscoa, isto é, a Passagem

---

[1] Êxod. XXXIX, 1-3; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 97, 98; VI, 374, IX, 137, etc.

[2] S. AGOSTINHO, *Ques. in Jud.*, L. VII, Ques. LXI.

[3] S. AGOSTINHO, *Ques. in Exod.*, CXVI e CXXIX.

[4] EDERSHEIM, *Temple*, 112.

[5] Ver MIGNE, III, 924, 925. Ver *Talmude* babilônico, *Yoma*, 105; 72 sinos? MIGNE III, 931.

do Senhor."[1] Neste relato da primeira páscoa celebrada pelos hebreus como nação, nós encontramos, prescritos pelo próprio Deus, os sapatos do bispo, o cíngulo e o báculo episcopais.

Entretanto, com o decorrer dos tempos, os hebreus passaram a copiar os paramentos dos sacerdotes do Templo, e deles se revestiam para a páscoa hebraica, de modo que no tempo de Cristo eles celebravam essa festa e banquete trajando as vestes elaboradas que Cristo usou na Última Ceia.

Mas Cristo vestiu todos os paramentos de um bispo de nossos dias? Precisamos levar em consideração o clima peculiar da Judeia. Sião fica 800 metros acima do nível do mar, enquanto o fundo do vale do Jordão e o Mar Morto estão 400 metros abaixo do nível do mar. Em abril Jerusalém é realmente gelada, enquanto as planícies do Jordão são excessivamente quentes. O povo da Judeia precisa estar preparado para essas mudanças climáticas quando viaja saindo do abafado Jordão para subir a Jerusalém. Por essas razões, Cristo e seus apóstolos usaram muitas vestes na sua estadia em Jerusalém, e ao celebrarem a Última Ceia. Eis a razão pela qual o bispo se reveste de tantos paramentos diferentes ao pontificar.[2] Dez trajes são mencionados como tendo sido usados pelos judeus daquela época. O primogênito dentre os hebreus sempre vestia roupas caras, e se ele pertencesse a uma família real, eram púrpura.[3]

Na época de Cristo, todo hebreu usava filactérios na testa e no braço esquerdo.[4] Eram cápsulas de couro cru de novilho, contendo quatro pequenos pergaminhos quadrados, nos quais estava escrita uma parte da lei de Moisés que eles recitavam nas orações da noite e da manhã.

No primeiro pergaminho se lia, em hebraico: "Consagra-me o primogênito, etc."[5] No seguinte: "E quando o Senhor tiver te introduzido na terra do cananeu, etc."[6] No terceiro se lia: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, etc."[7] No quarto: "Se vós, portanto, obedecerdes aos meus mandamentos",[8] etc.

---

[1] Êxod. XII, 11.

[2] Ver *Talmude* babilônico, tratado *Ebel*, 38, 40, 41.

[3] MIGNE, *Cursus, S. Script.*, 5, 942.

[4] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1347; III, 1005, 1155.

[5] Êxod. XIII, 2 a 10 inclusive.

[6] Êxod. XIII, 11 a 16 inclusive.

[7] Deut. VI, 4 a 9 inclusive.

[8] Deut. XI, 13 a 21 inclusive. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 76, 228; II, 408.

No presente, esses quatro pergaminhos são embutidos em caixinhas quadradas de couro cru formando duas cápsulas quadradas de 7/8 de uma polegada quadrada; a destinada à cabeça sendo chamada de *tefilin-schel-rosh* ("*tefilin*-da-cabeça"), e eles usam-na no alto da cabeça enquanto rezam. As fitas de couro que a atravessam prendem-na à cabeça, escorrem pelas costas, e as pontas são trazidas para a frente para ficarem suspensas ao peito. Cada lado da cápsula tem a letra hebraica *S*. O nó atrás da cabeça é amarrado em forma de quatro quadrados, formando uma cruz, que eles dizem que representa a letra *D*.

A cápsula do outro *tefilin* se usa no braço esquerdo, acima do cotovelo e perto do coração, e uma longa fita é enrolada sete vezes em volta do braço, trazida para baixo e enrolada três vezes ao redor dos dois dedos do meio da mão esquerda; o nó que o amarra ao braço representa também a letra *D*, mas não fica em formato de cruz.

Tomando-se as duas letras do hebraico *Sh* e *D*, e inserindo vogais, temos a palavra *Shadai* ("Deus Onipotente" ou "o Deus mais grandioso"), palavra que implica em grandeza, majestade, poder, etc., a quem sempre se dirigem as orações na sinagoga em que *Elohim* representa Deus na sua justiça estrita, e *Adonai*, Deus enquanto Senhor ou Governante Supremo.

Ao pontificar, o sumo sacerdote usava no meio da testa uma fita de ouro como filactério ou *tefilin*, em que estava gravado: "Santidade para *Jehová*", e as tiras que o prendiam ficavam pendentes, o que deu origem às duas faixas penduradas detrás da mitra episcopal. No dia da expiação ele não usava fita de ouro na testa ao pontificar. Os fariseus usavam filactérios enormes. Por causa do modo ostentatório com que o usavam, Cristo censurou o espírito de orgulho deles.[1]

Há uma disputa acerca da origem dos filactérios. Dizem os autores judeus que nos dias de Moisés todos os tipos de enfeites, braceletes, anéis, etc., se usavam como talismãs e encantamentos, muitas vezes contendo dizeres, imagens, estampas, etc., imodestos; e que Deus ordenou a Moisés fazer os filactérios para os hebreus a fim de desapegá-los das superstições egípcias, como diz a Lei: "E será como um sinal na tua mão, e como uma coisa pendurada entre os teus olhos para recordação."[2] Os autores hebreus antes do cativeiro babilônico não mencionam os filactérios.

---

[1] Mateus XXIII, 5.
[2] Êxod. XIII, 9-16; Deut. VI, 8, 9.

O museu do Cairo, que contém a coleção mais rica do mundo de relíquias e raridades do antigo Egito, mostra que eles observavam todo tipo de práticas supersticiosas assim. Há deuses e deusas de todos os lados, e as estátuas mostram os reis e os nobres segurando formas de deuses. Pequenos escaravelhos, deuses diversos, insígnias, joias de ouro e de prata moldadas em forma de amuletos, talismãs e emblemas religiosos enchem muitas prateleiras, provando que eles eram muito inclinados a práticas supersticiosas. Os judeus de tendências liberais de nosso tempo condenam os filactérios e chamam os judeus estritos que os usam de "asnos com rédeas".

Mas os judeus ortodoxos sustentam que os filactérios vieram de Moisés. Eleazar, que Ptolomeu Filadelfo enviou como embaixador perante o rei do Egito, afirmou que vieram de Moisés. S. Jerônimo e os Padres de sua época escrevem que no seu tempo eram muito comuns. Todos os judeus contemporâneos de Cristo usavam-nos no Templo, nas sinagogas e durante suas orações, especialmente na páscoa judaica. Pensam alguns que Cristo e os apóstolos usaram-nos na Última Ceia. Mas não temos certeza disso. A exemplo desses sumos sacerdotes judeus, S. João e alguns dos outros apóstolos usavam plaquetas de ouro na fronte ao rezarem Missa, semelhantes ao filactério de ouro que o sumo sacerdote usava ao pontificar no Templo. Os primeiros cristãos usavam esses filactérios. Mas com o passar do tempo o costume degenerou em abuso, porque eram usados como talismãs, amuletos, sinetes, apetrechos pagãos e davam azo a práticas supersticiosas. Os Papas Gelásio e Gregório I condenaram o abuso, e o Concílio de Laodiceia proibiu-os. Então os cristãos começaram a usar cruzes, medalhas, etc., e multiplicaram-se os emblemas e pinturas religiosos, os crucifixos, etc.

Sobre a época em que os homens pela primeira vez puseram sandálias para proteger os pés, a história silencia. Os monumentos egípcios mostram os nobres e os sacerdotes calçados com sandálias de couro, de folha de palmeira ou de papiro, ao passo que as sandálias dos soldados eram de ferro ou de bronze. Correias passando entre o dedão e o dedo seguinte, e ao redor do calcanhar, seguravam a sola. Mais tarde evoluíram para tornar-se a parte de cima do sapato de nossos dias. No México e no Oriente os pobres ainda usam alparcatas.

Do Egito os hebreus trouxeram o sapato. As pessoas abastadas de ambos os sexos usavam sapatos ricamente ornamentados, que cobriam todo o pé. Os monumentos babilônicos, assírios, persas e outros mostram que os reis usavam sandálias e sapatos antes do

tempo de Abraão. Isaías menciona "o cadarço dos sapatos deles"[1], e numerosos textos do Antigo Testamento mostram que eram comuníssimos.[2]

Às vezes eram de material barato.[3] Mas as nobres senhoras hebreias usavam sapatos sofisticados[4] de cor violeta,[5] com grevas entrelaçadas que subiam quase até chegar aos joelhos. Calçavam-se ao andar fora de casa, mas eram tirados na porta ao entrar no Templo ou em casa, seguindo o exemplo de Moisés, a quem Deus mandou tirar os sapatos ao aproximar-se da sarça ardente.[6] Nas planícies de Jericó, Josué tirou os sapatos às ordens do anjo.[7] Fugindo de Absalão, Davi tirou os sapatos em sinal de penitência.[8] As mulheres ricas usavam os sapatos caros de que falam os Cânticos,[9] que Deus mencionou para o profeta.[10] Judite usou esses belos sapatos, ou sandálias, quando cortou a cabeça de Holofernes.[11] Posteriormente as noivas presenteavam suntuosos sapatos a seus noivos.

Os judeus pobres do tempo de Cristo usavam sandálias ou sapatos feitos de palha, de caniços, etc., atados com barbantes, e são estes os "sapatos do pobre" do profeta Amós.[12] Mas os sapatos geralmente eram feitos de couro, sendo colocado este último na rua, para ser pisado até ficar curtido. Podem-se ver esses couros, nas ruas de Jerusalém hoje, sendo pisados pelas pessoas que passam.

Costumes peculiares surgiram. A esposa calçava e descalçava os sapatos do marido à porta. A viúva cujo cunhado se recusasse a casar-se com ela "tirará do pé dele o sapato"[13]. Os criados e os discípulos vestiam e desvestiam os pés de seu mestre,[14] e seguiam-no carregando seus sapatos.[15] Como sinal de contrato, o vendedor

---

[1] Isaías V, 27.

[2] Judite X, 4; Mateus III, 11; X, 10; Marcos I, 17; VI, 9; João I, 27; MIGNE, *S. Scripturæ*, III, 918.

[3] Amós II, 6.

[4] Judite X, 3.

[5] Ezeq. XVI, 10.

[6] Êxod. III, 5.

[7] Josué V, 16.

[8] II Reis XV, 30.

[9] Cânt. dos Cânt. VII, 1.

[10] Ezeq. XXIV, 23.

[11] Judite X, 3; XVI, 11.

[12] Amós II, 6.

[13] Deut. XXV, 9; Isaías XX, 2.

[14] Marcos I, 7.

[15] Mateus III, 11.

entregava seu sapato ao comprador.[1] Depois de tirados os sapatos, os pés eram lavados à frente da porta pela esposa, pelo filho pequeno ou pelo serviçal. Mas se o chefe da casa quisesse homenagear seu convidado, ele mesmo fazia isso, seguindo o exemplo de Abraão quando os anjos visitaram sua tenda.[2] Andar descalço era sinal de tristeza, daí dizer o profeta: "Evita que o teu pé fique descalço."[3]

Deus proibiu o profeta de tirar os sapatos como sinal de tristeza quando a esposa dele morreu, e mandou Isaías ir descalço. Os sacerdotes do Templo sempre oficiavam descalços, e queixavam-se continuamente dos pisos frios. Vemos assim como os sapatos figuraram na história dos hebreus.

Sustentam alguns autores que Cristo andava descalço, outros que ele usava sandálias, ainda outros que ele usava sapatos. Esta última parece ser a opinião mais provável, pois ele se vestia como um judeu nobre do seu tempo, e João Batista protestou não ser digno de desatar os "cadarços dos sapatos" dele. Os judeus, ao celebrarem a páscoa, deviam usar sapatos, por ordem do próprio Deus.[4] Essa lei era seguida à risca no tempo de Cristo. Logo, concluímos nós que o Senhor e seus apóstolos calçaram os sapatos antes de darem início à páscoa judaica. Talvez seja esta a razão de o bispo pôr os sapatos na Igreja antes dos seus outros paramentos, quando vai pontificar. Sandálias e sapatos eram usados comumente pelos primeiros cristãos, e Clemente de Alexandria[5] condena severamente os homens e mulheres que os usavam enfeitados em extremo.[6]

Os judeus contemporâneos de Cristo usavam roupas copiadas dos paramentos do Templo ou então seguiam os estilos gregos e romanos. Revestiam-se de muitas vestes distintas, por causa das mudanças de clima.[7]

Por que Deus mandou os sacerdotes usarem calção de baixo? Temos de voltar até aqueles dias em que grassava pelas nações o paganismo, pelo qual os hebreus eram tão afeitos. Toda sexta-feira, sacerdotes e povo pagãos adoravam a deusa Vênus com cerimônias vis, pois era a padroeira do amor imodesto. Heródoto escreve que

---

[1] Rute IV, 7, 8.

[2] Gên. XVIII, 4.

[3] II Reis XV, 30; Jeremias II, 25; Rute IV, 7, 8.

[4] Êxod. XII, 11.

[5] *In Padog.*, Livro II, Cap. II.

[6] Ver MIGNE, *S. Scripturæ*, II, 1153, 1157, 1158; III, 918; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 624, 626, faz uma descrição das roupas que Cristo vestiu.

[7] GEIKIE, *Life of Christ*, I, pp. 151, 152, 179, 180, etc; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, p. 1025, etc.

toda mulher da Babilônia tinha de cultuá-la cometendo adultério uma vez na vida. Chamavam-na ali de Beltis; na Síria ela era Astarte; na Grécia, Atena; em Roma, Vênus; mas era conhecida por outros nomes, e perversidades inomináveis se cometiam em honra dela. Ao subirem e descerem os degraus de seus altares, seus devotos erguiam a roupa, mostrando-se por inteiro.[1] Em protesto contra essas cerimônias públicas imorais, Deus mandou Moisés vestir os sacerdotes hebreus, que tiveram de subir até o alevantado altar dos holocaustos usando calções íntimos de linho, e o costume disseminou-se entre o povo e chegou até nossos dias.

Os judeus da época de Cristo se revestiam de um longo vestido sem costuras, qual uma batina, chamado por eles de *cutoneth* e pelos gregos de *xiton*.[2] Josefo escreve que era feito de uma só peça de tecido sem costuras, com ou sem mangas, e era fechado no pescoço com um barbante. Os sacerdotes usavam-no sempre sem costuras, e era esta a túnica inconsútil de Cristo.

Uma modificação sua de linho fino vestida rente ao corpo tornou-se a camisa. Feita de lã, cobrindo a pessoa do pescoço aos pés, tinha uma abertura na frente, mas era fechada com botõezinhos e juntada na altura da cintura com o cíngulo. Era do mesmo formato que a sotaina sacerdotal do nosso tempo. Todos os homens do Oriente usam-na nos dias de hoje, e tem exatamente o mesmo formato do hábito clerical.

Os governantes usavam essa túnica de diversas cores. A do sumo sacerdote era branca, e ele tinha-a vestida o tempo todo, pondo sobre ela seus paramentos sacerdotais. É por essa razão que a batina do Papa é branca, pois ele é o Sumo Sacerdote do gênero humano. Os rabinos judeus usam ainda uma sotaina branca no dia da expiação.

O hábito talar do imperador romano era de um vermelho brilhante, e esta cor se vê na batina vermelha cardinalícia. Os reis e os membros das famílias reais vestiam uma túnica talar púrpura — púrpura sendo sinal de autoridade e domínio. Por isso os altos oficiais das cortes usavam púrpura. Os membros das famílias reais vestiam-se de púrpura mesmo que sua dinastia não se assentasse sobre o trono. Cristo, sendo Príncipe da Casa de Davi, dentre os reis hebreus aquele que recebeu as mais altas distinções, usou essa veste púrpura. Ele é representado muitas vezes pela arte vestindo um hábito púrpura, o *cutoneth* ou *xiton*. É por essa razão que os

---

[1] Geikie, *Life of Christ*, I, 26, etc.
[2] Farrar, *Life of Christ*, II, 281; Edersheim, *Temple*, p. 73.

bispos usam batina púrpura, pois era esta a cor da túnica talar de Cristo na Última Ceia.

A sotaina do sacerdote do Templo era feita de linho. Mas os leigos vestiam uma sotaina de lã branca chamada *simeháh*. Os árabes do deserto, que nunca mudam, usam-na ainda como veste cotidiana. Isso deu origem à alva branca que o sacerdote usa na Missa; vestia-se sempre como sinal de alegria nas festas e ao celebrar a páscoa judaica. Cristo e seus apóstolos, segundo parece provável, usaram-na como veste na Última Ceia. Esta sotaina era vestida por ambos os sexos no tempo de Cristo. Algumas vezes era branca ou de várias cores. Era a veste nupcial mencionada no Evangelho.[1]

Os homens do Império Romano vestiam-na cobrindo toda a sua pessoa. Na Idade Média ela recebeu um corte curto, descendo até os joelhos, e tornou-se a sobrecasaca (ou "*Prince Albert*") de nossos dias. Os botões nas costas eram usados para prender a espada, quando quase todos os homens andavam armados. Mas se bem que a espada tenha sido aposentada, permaneceram os botões. A sotaina feminina tornou-se o vestido ou fato. As mulheres do Oriente ainda usam-na, tendo por cima uma saia que elas erguem, cobrindo com ela a cabeça e a parte de cima do corpo, quando aparecem em público.[2]

Para proteger os ombros contra o tórrido sol do deserto, eles deixavam as pontas do turbante caírem para trás sobre as costas. Tu encontrarás os filhos do deserto usando até hoje essa veste caindo para trás dessa forma. O calor do deserto é tão grande, e o sol refletido na areia seca das dunas tão intenso, que a pele se empolaria se não fosse coberta. É o que se vê no boné escocês, no chapéu de marinheiro, e talvez nas faixas da mitra do bispo.

Eles vinham banquetear-se com a cabeça e a parte de cima do corpo protegidas dessa maneira.[3] Era um resquício do período patriarcal, quando seus ancestrais, como xeques pastores, pastoreavam seus rebanhos nas bordas do deserto. Os hebreus, ao celebrarem festas religiosas, civis e festas em família, vestiam-no sobre os ombros. Depois do banquete tiravam-no.[4] Os governantes e as pessoas abastadas usavam esses amitos feitos de valiosos

---

[1] Mateus XXII, 11.

[2] BENTO XIV, na sua grande obra *De Missæ Sacrificio*, do Livro I, Cap. VII até o Livro II, trata primorosamente das vestes litúrgicas e de seus sentidos místicos.

[3] Gên. XXVII, 27; Salmo XLV, 9; Cânt. dos Cânt. IV, 11.

[4] Ezeq. VII, 20.

materiais.[1] Algumas vezes era feito largo como uma túnica, e cobria a parte de cima do corpo até os joelhos. Foi esta a origem do amito.

Quando o cinto começou a ser usado não sabemos. Encontramo-lo pela primeira vez na consagração dos filhos de Aarão ao sacerdócio.[2] Dentro de casa os hebreus no tempo dos reis o tiravam e punham-no ao saírem. Mas com o tempo os judeus passaram a usá-lo o tempo todo.[3]

Usavam-se dois tipos de cíngulos na Ásia, um deles sendo uma cinta de cerca de quinze centímetros de largura, que era presa com colchete na frente, suas extremidades ficando penduradas. Era de couro,[4] lã, linho ou outro material. João Batista vestia-se de túnica de pele de camelo presa com um cíngulo de couro, tal como hoje em dia vemos vestido o beduíno dos desertos. Os ricos usavam cintos de lã, de linho ou de algum material valioso, às vezes tecidos de seda, bordados e amarrados na frente ou do lado.[5]

As mulheres usavam cinturão preso na frente com fivela, broche ou outro ornamento,[6] muitas vezes feito de material valioso.[7] Como era largo, as dobras serviam de bolsos. Os árabes espetam espadas, adagas, etc., nos cinturões.[8] Esses artigos de vestuário podem ser vistos nas figuras esculpidas sobre a grande plataforma de Persépolis, onde ficavam os palácios dos grandes reis persas antes de Alexandre conquistar aquele país. O cíngulo sobrevive nos coses e nos cintos que as mulheres usam em nossos dias.

O cíngulo sacerdotal chamado *abnet* era uma faixa de linho de três dedos de largura, longuíssima, com borlas ornadas de variados e coloridos trabalhos bordados.[9] Tendo-o amarrado em volta do corpo durante seu ministério, o sacerdote atirava-lhe as pontas sobre os ombros, tal como os clérigos dos ritos orientais fazem ainda hoje.[10] Josefo diz que “as pontas eram atadas na frente com um laço, e escorriam até aos pés”, tal como o celebrante ata o cíngulo em nossos dias. Os homens da Palestina cingem ainda o cíngulo dando muitas voltas com ele em redor da cintura.

---

[1] IV Reis V, 5; Mateus X, 10; Tiago V, 2.
[2] Êxod. XXIX, 8.
[3] Ver MIGNE, *S. Scripturæ*, III, 908.
[4] IV Reis I, 8.
[5] Jeremias XIII, 1.
[6] Cânt. VII, 3.
[7] I Reis XXV, 13; II Reis XVIII, 11, etc.
[8] II Reis XX, 8.
[9] Ver MIGNE, III, 908.
[10] Êxod. XXVIII, 8; XXXIX, 29.

O cíngulo e a alva são vestes religiosas fundamentais da terra e do céu. O apóstolo predileto viu o Filho de Deus vestido assim. “E no meio dos sete candelabros de ouro, alguém que se parecia com o Filho do homem, vestido de uma roupa que caía até os pés e cingido perto dos mamilos com uma cinta de ouro.”[1] “E os sete anjos saíram do templo portando as sete pragas, vestidos de linho puro e branco, cingidos pelos peitos com cintas de ouro.”[2] A Igreja, Esposa do Cordeiro, destarte traja o seu clero, ante seus altares, assim como ela está vestida no céu. “E a ela foi dado que se vista de linho fino, resplandecente e branco. Porque linhos finos são as justificações dos santos.”[3] Assim, através de todos os tempos as vestes brancas representam a pureza e inocência dos que ministram ante nossos altares.

A túnica chamada em hebraico *chaluk* ou *kethoneth*, em grego *chiton*, se encontra pela primeira vez na história como o traje de peles que Deus fez para Adão e Eva após a queda no pecado original.[4] Depois de inventada a tecelagem, ela foi feita de lã ou de linho trançados e presa em volta com cinto. A túnica dos sacerdotes do Templo era tecida sem costuras e vestida rente à pele como camisa, cobrindo o calção de linho e escorrendo até os joelhos. Os sapatos que eles usavam nos dias de Moisés tinham cadarços que eram amarrados até os joelhos, e os jovens de ambos os sexos usavam túnicas compridas que escorriam até o chão, tal como a sotaina de um padre. O Evangelho grego de João diz que Cristo usava uma túnica que ele chama de *quitão*, que ficava debaixo da veste inconsútil.[5]

As primeiras túnicas não tinham mangas, mas logo foram acrescentadas mangas curtas, e mais tarde foram feitas de modo que cobrissem os braços até o pulso. Os babilônios, os persas, os judeus, etc., usavam a túnica como camisa, e em cima dela outra veste de material mais caro como uma sotaina.[6]

Os *rabis*, os líderes em Israel e as pessoas abastadas da Judeia usavam duas túnicas, a de baixo fazendo as vezes de camisa. A túnica de cima era chamada de *sharbalin*. Não encontramos registro algum, mas parece razoável supor que Cristo tenha se conformado a este costume e usado duas túnicas durante a Última Ceia, pois

---

[1] Apoc. I, 13.
[2] Apoc. XV, 6.
[3] Apoc. XIX, 8.
[4] Gên. III, 21.
[5] João XIX, 23.
[6] Prov. XXXI, 21; Mateus X, 10; Lucas IX, 8; Marcos VI, 9.

quatro vezes os Evangelhos mencionam as duas túnicas, traduzidas como "mantos". Talvez seja esta a razão pela qual o bispo usa duas túnicas ao pontificar. A veste de dentro agora é chamada túnica, e a de fora, dalmática, porque os dálmatas usavam esta última como traje distintivo nacional.[1]

Por cima das duas túnicas eles usavam uma grande veste quadrada flutuante chamada *talit* em hebraico, ou *imatian* em grego. Foi uma das vestes mais antigas usadas pelo homem, e está representada nos monumentos da Babilônia, da Assíria, da Pérsia, etc., como um traje sacerdotal que os reis vestiam quando ofereciam sacrifícios.

Os judeus ricos e nobres usavam-no com algo entre um metro e meio e um metro e oitenta de largura, e ficava escorrido detrás, formando uma cauda. Era preso ao pescoço com colchete. Com clima ameno, as extremidades dianteiras eram atiradas para trás sobre os ombros e escorriam pelas costas, sendo chamadas de flancos.[2] Frequentemente jogavam eles as duas pontas ou ângulos dianteiros sobre o ombro esquerdo, e carregavam a cauda sobre o braço direito.

Esta veste foi usada pelos hebreus ao deixarem o Egito, e lemos que eles carregaram em seus mantos a massa da páscoa.[3] As dobras desse grande manto ou capa se usavam muitas vezes como bolso.[4] Os pobres se embrulhavam em suas amplas dobras, dobravam seu cinto, punham-no sobre uma pedra para servir de travesseiro e assim dormiam ou sobre o piso, ou no chão a céu aberto — costume este seguido ainda na Palestina e noutras partes da Ásia. Por essa razão, Deus proibiu os prestamistas de conservar consigo essa veste da noite para o dia, quando ela servia de penhor para um empréstimo.[5] "Mas tu lha devolverás logo antes do pôr do sol, para que ele durma na sua própria veste."[6]

Nas traduções do Antigo Testamento, essa peça de roupa é traduzida pelas palavras: capa, manto, vestimentas, etc., e é mencionada centenas de vezes. No tempo de Cristo, os prestamistas contornavam a lei tomando como garantia a túnica.[7]

---

[1] BENTO XIV, *De Sacrificio Missæ*, c. VII, n. 6; MIGNE, *Cursus Completus S. Scripturæ*, v. III, 1250.

[2] Ageu II, 13; Zac. VIII, 23; II Reis XV, 20.

[3] Êxod. XIII, 34.

[4] IV Reis IV, 39.

[5] Êxod. XXII, 26.

[6] Deut. XXIV, 13.

[7] Mateus V, 40.

Este grande manto, ou capa, mudou de tamanho e de formato com o passar do tempo, de modo que quando Cristo caminhou sobre a terra e o vestiu, havia se tornado o *meil*, uma veste que cai até os joelhos, com aberturas para os braços e para a cabeça.

Formado de duas partes que cobriam as costas e o peito, era preso dos lados, com colchetes de ouro adornados de joias.[1] Mais tarde adicionaram-se mangas à veste. Embora pertencesse ao sumo sacerdote, com o passar do tempo os homens nobres e famosos começaram a usá-la.[2] Ezequiel menciona-a ornada de trabalhos bordados.[3] Essa veste se usava nos dias dos profetas, pois Daniel diz que uma modificação sua era vestida como camisa interior, e as esculturas da Babilônia comprovam as palavras dele.[4]

Era este o manto do profeta, que os hebreus chamaram de *talit*, e os gregos de *imatian* ou *elisus*. Era um grande manto que escorria dos ombros até o chão e cobria a pessoa inteira, como a capa usada em Vésperas.[5]

Era este o distintivo do múnus profético daqueles videntes de antanho, que precederam o Senhor trajando essa vestimenta, muitas vezes feita de peles, percorrendo a Judeia e derramando palavras inflamadas do Espírito Santo referentes ao Redentor, de que o mundo não era digno.[6] Com ela, Elias ("meu Deus é *Jehová*") dividiu as águas do Jordão.[7] Muitas vezes, era feita de saco, como sinal de penitência.[8]

Cristo usou esse manto profético na Última Ceia? Foi a borda da casula dele que a mulher tocou, quando ficou curada.[9] Os enfermos tocaram sua casula nas margens da Galileia e foram curados.[10] Na transfiguração, sua casula, traduzida como vestiduras, ficou branca como a neve.[11] Quando terminaram de escarnecer dele, depois da flagelação, vestiram-no com a planeta dele,[12] as vestes mesmas que os soldados dividiram entre si no Calvário.[13]

---

[1] Êxod. XXVIII, 6, 7, etc.
[2] Jó XXIX, 14; I Reis XVIII, 41; I Reis VI, 14.
[3] Ezeq. XXVI, 16.
[4] Daniel III, 21.
[5] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 180, 549.
[6] Hebreus II, 36, 37.
[7] Em 896 a.C. IV Reis II, 8.
[8] Zac. XIII, 4.
[9] Mateus IX, 20, 21.
[10] Mateus XIV, 36.
[11] Mateus XVII, 2.
[12] Mateus XXVII, 21.
[13] Mateus XXVII, 35.

O *talit* do profeta, ou em grego *imatian*, modificado tornou-se o *sindon* grego, que os hebreus ricos usavam como uma ampla sobretúnica, mencionada muitas vezes no Antigo Testamento[1] e nos Evangelhos em grego. Feita em geral de linho fino, era vestida rente ao corpo pelos ricos como camisa de dormir, e tornou-se o sudário. Foi a mortalha ampla na qual os ricos Nicodemos e José envolveram o corpo do Cristo morto.[2]

Em conformidade com o costume de um judeu nobre ao celebrar a páscoa judaica, Cristo vestiu este manto do profeta, em latim *pluvial*, em grego *imatian*, em hebraico *talit*,[3] tendo suas quatro pontas revestidas de ornamentos chamados *tsitsiot* ("franjas"), para lembrá-los da Lei de Moisés. "Fala aos filhos de Israel, e lhes dirás que façam-se franjas nos cantos da sua veste, pondo nelas fitas azuis. De modo que, quando as virem, eles se lembrem de todos os mandamentos do Senhor."[4] Foi esta a origem dos bordados e adornos dos paramentos da Igreja. Esses ornamentos nas nossas vestes litúrgicas representam Cristo, sua Paixão, etc., para recordar ao povo a Crucificação e as verdades religiosas.

Esta grande veste cobria a pessoa inteira, como um manto, e tinha mais ou menos o desenho e o formato do pluvial ou capa de Asperges. Nesse formato é usada até hoje pelo clero grego, russo e oriental em geral, como casula. Era esta a sua forma nos primórdios da Igreja latina. O diácono tinha de levantar essa peça de roupa para o celebrante conseguir tirar as mãos para fora. Em torno do século XII, porém, fenderam-se os lados dela, porque eles nem sempre tinham um diácono para acolitar na Missa. Tem sido esta a forma da casula até nossos dias. No entanto, como resquício do diácono que erguia a grande casula, os acólitos e ministros na Missa levantam ainda a casula durante a incensação do altar e durante a Consagração. A tunicela e a dalmática amarradas ou presas com alfinetes ou broches durante a Quaresma são uma reminiscência daquele costume da idade média.

O povo, especialmente as mulheres daquele tempo, usavam uma veste semelhante a um manto, a qual os gregos chamavam de *stole* e os romanos de *stola*.[5] A frente dela era uma fita decorativa ornada de trabalhos bordados. Frequentemente enviavam eles essa fita aos amigos que queriam honrar, que a costuravam na estola

---

[1] Juízes XIV, 12; Prov. XXI, 24; Isaías III, 23.
[2] Lucas XXIII, 53.
[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 567, e II, 386.
[4] Núm. XV, 38, 39.
[5] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 568.

deles. Com o passar do tempo, e por usarem tantas outras vestes, essa fita passou a ser usada sozinha e tornou-se a estola. Dado que os hebreus usavam isso na páscoa e demais festas suas, sucedeu que o clero da Igreja primitiva sempre a usou durante as funções religiosas. Esta é a estola de nossos dias, que o alto clero usa no seu ministério.

No siro-caldeu falado pelo povo simples dos tempos de Cristo, chamava-se *arba kanfot* ("os quatro cantos"). Conforme as palavras de Deus a Moisés, ela também tinha franjas: "Farás cordõezinhos na borda, nos quatro cantos do teu manto."[1] As "franjas" ou "cordõezinhos", chamadas *sissit* ou *tsitsit*, serviam para lembrá-los da Lei. Por essa razão, foram de início azuis, a cor do pacto entre Deus e Israel. Mais tarde, os autores talmúdicos permitiram que fossem feitas de fazenda branca.[2] Estas tiveram influência nos bordados, ornatos e figuras de nossos paramentos.[3]

A cinco centímetros do canto dessa veste, fazia-se uma fenda, e sete fios de lã de cordeiro com cerca de meia jarda de comprimento eram atravessados e dobrados. Uma linha era então enrolada sete vezes ao redor das outras e amarrada. A seguinte era enrolada nove vezes e amarrada, a seguinte onze vezes, a seguinte treze vezes, etc., até que sete nós estivessem atados em volta dos fios, formando uma pequena fita de sete fios, com sete nós pendurados como pequenas borlas. Foi esta a origem das borlas em nossas estolas e manípulos. Essas franjas, que sobrevivem nos paramentos da Igreja e no xale de oração judaico, mostram-nos como permaneceu inalterado o costume proveniente do próprio Deus por meio de Moisés.

Os fariseus costumavam usar "franjas" enormes, a fim de chamar atenção para sua grande piedade e respeito pela Lei. Para não contraírem impureza tocando no corpo, eles providenciavam que o xale tivesse um bolso, dentro do qual transportavam-nas quando não estivessem em oração na sinagoga e no Templo.[4]

O homem é espírito e matéria, uma alma vivente em um corpo animado, e recebe a verdade por meio dos sentidos. Por isso Deus, desde o princípio, ensinou-lhe através de seus cinco sentidos. Deus ordenou "as franjas" no vestuário deles, para lembrá-los da Lei, e todos os objetos do Templo e da sinagoga inculcavam verdades na mente deles. Os primeiros cristãos usavam os emblemas, sinais e

---

[1] Deut. XXII, 12; Núm. XV, 38.
[2] *Talmude*, *Mem.* IV, 1.
[3] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 180.
[4] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 180.

símbolos religiosos da Igreja judaica, e S. Agostinho[1] conta-nos que não estavam proibidos. Mas os emblemas judeus gradualmente cederam o passo aos símbolos cristãos, daí que as estátuas, as pinturas, o sinal da cruz, as medalhas, os escapulários, os terços, etc., podem-se dizer, de certo modo, terem emergido ou evoluído daqueles emblemas judaicos tão comuns no tempo de Cristo.[2] Nas sinagogas que o autor visitou, os judeus mostraram-lhe essas franjas e explicaram seus significados. Ele notou que eles as seguravam na mão direita enquanto faziam suas orações, para lembrá-los da Lei, tal como os cristãos seguram suas contas de rosário.

Ao se revestirem dos "xales de oração" ou "xales rituais", que assim esta veste agora é chamada, mas era conhecida então como *tsitsit*,[3] os judeus primeiro põe-na sobre a cabeça, depois deixam-na cair sobre os ombros, tal como o celebrante da Missa põe o amito sobre a cabeça e depois deixa-o cair sobre os ombros. Ao vestirem-na, diziam eles: "Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e que nos deste o mandamento das franjas."

O menino judeu de doze anos é confirmado até hoje pondo-se sobre sua cabeça e ombros esse xale de oração, e os *rabis* e ministros da sinagoga ou do Templo impunham as mãos sobre ele. Esta era a confirmação judaica, imagem do Sacramento da Confirmação na Igreja. Mediante esta cerimônia, o menino atinge a maioridade, participa de todas as reuniões dos homens e usa o xale ritual nas sinagogas, ao rezar e também na páscoa judaica. Esta cerimônia se celebrava no Templo, na época de Cristo, que foi assim confirmado quando estava no seu décimo-segundo ano de idade. Ele permaneceu no Templo junto dos homens, conversando e disputando com eles por três dias. Antes desse rito, um menino era tratado em Israel como criança, mas depois dele, já era um homem. Maria, sua Mãe, e José seguiram viagem por três dias; os homens e as mulheres viajavam em grupos separados, e sua Mãe supôs que ele estivesse com os homens, e José, que ele estivesse com as mulheres, e foi por isso que não notaram sua falta.

Depois de ser confirmado, o menino judeu faz um discurso à assembleia, do púlpito ou rostro da sinagoga. Um menino confirmado certo dia que o autor visitou uma sinagoga, ficou eloquente recitando as glórias dos hebreus, sua história, religião e influência exercida sobre o mundo, e falou do quão fiel ele ia ser ao judaísmo.

---

[1] *Contra Faustum*, L. XIX, n. XVI.
[2] S. AGOSTINHO, *Contra Faustum*, L. XXII, n.; XCI, XCII.
[3] *Talmude*, *Suká*, VI.

A inteligência brilhante, as bênçãos dos patriarcas sobre a raça refulgiram nas ideias, na elocução e no entusiasmo. Alguns dos judeus ricos ornam o xale com tecido de ouro.

Eles costumavam usar em volta do pescoço uma faixa estreita, que os gregos do tempo de Cristo chamavam de *xlamos* ou *diplois*, e que os romanos nomearam *pallium* — palavras ambas que significam uma coberta. As pontas ficavam penduradas na frente ou de um dos lados, caindo até aos joelhos. A dos oficiais romanos tinha por vezes o formato de uma capa, sendo vermelha ou púrpura. Foi este o traje púrpura de escárnio, chamado *paludamentum*, com que vestiram Cristo depois da flagelação.[1] Ezequiel menciona que essa veste chegava a Tiro em fardos.[2]

Usada como vestimenta pelos ricos de ambos os sexos, era enrolada em volta do corpo e presa ao ombro direito com um broche, ou então era jogada sobre o ombro esquerdo, tinha suas pontas puxadas pelas costas até debaixo do braço direito, e era jogada novamente sobre o ombro. Sendo sinal de autoridade, Cristo, como Príncipe da Casa de Davi, nós supomos ter vestido isso na Última Ceia.[3] Numerosos autores tratam do pálio, mas não vão além da Igreja primitiva, admitindo eles que não são capazes de determinar sua origem. Desde os tempos mais antigos foi insígnia do arcebispo, do primaz ou do bispo com jurisdição sobre outros bispos. Os orientais chamam-no de *omophorion*. O Papa envia o pálio, tomado ao sepulcro de Pedro, ao arcebispo como sinal de sua autoridade sobre os bispos de sua província.

Os mestres naquele tempo usavam sobre os ombros esta faixa, presa do lado direito com uma prega que ficava suspensa à frente, tendo cômodos vincos.[4] Eusébio de Cesareia descreve uma estátua de Cristo que ele viu em Pânias, também chamada Cesareia de Filipe, onde Cristo curou a mulher afligida por corrimento de sangue.[5] "Diante dos portões da casa dela, sobre um alto pedestal, há uma imagem de bronze de uma mulher de joelho dobrado, com as mãos estendidas à frente como quem suplica. Defronte a ela está a imagem de um homem ereto, feita do mesmo material, usando um pálio completo, estendendo a mão à mulher."[6]

---

[1] Mateus XXVII, 28; Marcos XV, 17.

[2] Ezeq. XXVII, 24.

[3] BARÔNIO, L. 5 *An. Ed. Rom.*, p. 631; e CHARDON, *Hist. des Sacraments*, in MIGNE, *Theo. Cursus Comp.*

[4] GEIKIE, *Life of Christ*, v. I, p. 567.

[5] Lucas IX, 20; Mateus VIII, 43, 44.

[6] GEIKIE, *Life of Christ*, v. I, p. 428.

S. Agostinho, escrevendo sobre Cícero, diz que os professores nas academias usavam pálio,[1] e os filósofos usavam-no como sinal de seu saber.[2] Como mestre em Israel, portanto, devemos concluir que Cristo usava pálio, e que é por essa razão que este tornou-se insígnia dos altos hierarcas da Igreja.

Os broches com que as vestes eram presas ao corpo eram muitas vezes valiosíssimos. No segundo andar do museu do Cairo, à esquerda no alto da grande escadaria na sala dedicada às joias, tu encontrarás os broches, anéis, etc., de ouro e de prata, ornados de pedras preciosas, que foram descobertos nos túmulos egípcios, e que enfeitavam o corpo de gente que viveu muito tempo antes de Moisés. Os desenhos são belíssimos, e os materiais, preciosos.

No museu de Dublin, tu encontrarás colchetes de ouro puro maciço, em forma de "U", usados pelo clero da Igreja irlandesa em suas origens, para prender a casula e o pluvial. Alguns deles devem pesar mais de um quilo, e brilham como o dia em que foram feitos.

O broche se vê ainda no colchete do pluvial. Quando o broche chamado encólpio desenvolveu-se na cruz peitoral dos bispos, não descobrimos. Os sacerdotes da Igreja primitiva usavam uma cruz simples no peito, pendurada ao pescoço com cordão ou laço. Os sacerdotes dos ritos grego e russo continuam a usá-las. É provável que a cruz episcopal seja um prolongamento dessas cruzes que se usavam nos tempos antigos. Os judeus de ambos os sexos andavam com um lenço, ou amarrado à cinta ou pendurado no braço esquerdo.[3] Colocavam-no sobre o rosto dos mortos. No original grego é o *soudarion*, em latim *sudarium*,[4] que é uma "toalhinha de enxugar o suor". Amarravam-no formando uma bolsa, e nela transportavam seu dinheiro.[5] Amarravam o lenço em volta do pescoço ou usavam-no como avental: os lenços usados pelos apóstolos operavam milagres.[6] Foi esta a origem do cachecol e da gravata de nossos dias. Durante as funções eclesiásticas, o lenço era amarrado ao braço esquerdo e, com o passar do tempo, adquiriu a cor e os ornatos das vestes litúrgicas, tornando-se o manípulo. Nos ritos grego, esclavo, russo e ritos orientais em geral, se usavam dois manípulos, um em cada braço, entre o cotovelo e o pulso, ambos repousando horizontalmente sobre os braços.

---

[1] *Contra Acad.*, L. III, c. VIII.
[2] *De civitate Dei*, L. XIV, c. XX.
[3] IV Reis V, 23; Isaías III, 18 a 25.
[4] João II, 44; XX, 7.
[5] Lucas XIX, 20.
[6] Atos XIX, 12.

Os príncipes em Israel e os governantes do mundo antigo usavam uma veste púrpura que descia até aos joelhos. Algumas vezes era feita sem mangas e do mesmo formato e cor que o roquete do bispo. Originou o roquete do bispo e a sobrepeliz do nosso clero. Sendo Príncipe da Casa de Davi, Cristo usou essa veste, tal como Daniel o contemplou em visão,[1] porque todos os membros da realeza usavam púrpura naquele tempo, mesmo que sua família não se assentasse no trono. Os filhos de Davi eram honradíssimos nos dias de Cristo. Conta-nos o *Talmude* que somente eles tinham o direito de se sentar no átrio dos sacerdotes e que, quando eles entravam no santuário, os arautos bradavam: “Honrai à família de Davi”. Parece provável que Cristo tenha vestido esse roquete purpúreo.

Nos tempos antigos, as pessoas de ambos os sexos amarravam um barbante em volta da cabeça, para manter o cabelo no lugar. Isso tornou-se a tirinha que se vê representada na arte antiga. Nos dias dos patriarcas, um pano era posto sobre a cabeça, como proteção contra o sol e para fazer sombra nos olhos; caindo sobre os ombros, servia de abrigo contra o tórrido calor do deserto. Os beduínos do deserto, os filhos de Ismael, que jamais mudaram desde que vivia Abraão, usam esse pano, chamado *keffiyeh*,[2] que eles mantêm sobre a cabeça mediante duas tirinhas coloridas de pele de camelo, de cerca de dois centímetros e meio de diâmetro, amarradas em redor da fronte. O corpo militar do Exército turco usa uma cobertura desse tipo para a cabeça. No decorrer das idades, essa cobertura para cabeça se prolongou no chapéu, e a fita de pôr na cabeça, com seu nó em forma de laço, é reminiscência da tirinha atada com nó.

No tempo dos patriarcas, a cobertura de cabeça ficando maior, e passando a ser enrolada em volta da cabeça, deu origem ao turbante ou *kerbela* do Oriente. Quando isso aconteceu não sabemos. Os reis e os governantes usavam turbantes elaborados, que mais tarde transformaram-se no diadema e na coroa real. Mardoqueu resplandecia com vestes régias, de cor violeta e azul celeste, levando uma coroa de ouro na cabeça, e coberto com um manto de seda e de púrpura.”[3] Mesmo as pessoas simples vestiam-se bem naquele tempo, haja vista lermos que os três hebreus foram atirados na fornalha ardente “com seus mantos, e seus gorros, e seus sapatos, e suas vestes”[4].

---

[1] Daniel X, 2-5.
[2] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 179.
[3] Ester VIII, 15.
[4] Daniel III, 21.

Depois de voltarem do cativeiro babilônico, os hebreus remodelaram o turbante de linho branco formando a mitra alta, qual a do sumo sacerdote.[1] Ao pontificar nas grandes festas de Israel, o sumo sacerdote usava uma magnífica mitra de tecido de ouro engastada com pedras preciosas, mas no dia da expiação ele usava mitra simples de linho branco com a forma do cálice de uma flor.[2]

O turbante, em hebraico *megba'ah*, em siro-caldeu *mecnefet*, palavras semíticas que significam "prender ao redor", e que segundo S. Jerônimo remonta aos primórdios da história, ainda se usa no Oriente, na África, na Índia, etc., onde o povo não mudou desde os dias de Abraão. A mitra do sumo sacerdote e do bispo, a coroa real e a tiara papal nada mais são do que modificações suas.

Enquanto os sapatos ou sandálias eram deixados à porta de casa e à porta do Templo, o turbante sempre se usava durante os serviços divinos e dentro de casa. Descobrir a cabeça ainda é sinal de desrespeito no Oriente. O dirigente do banquete pascal judaico usava um turbante alto e largo, semelhante ao do juiz que preside à suprema corte dos judeus, e este foi copiado da tiara do sumo sacerdote. Os reis-sacerdotes macabeus puseram três círculos na sua mitra, transformando-a na tiara usada por Caifás, no tempo de Cristo. É por essa razão que o Papa, o sumo sacerdote da Igreja, usa uma tiara-mitra diferente da dos outros bispos.[3]

Antes de os judeus se reclinarem à mesa para celebrar sua páscoa, eles removiam as coberturas de suas cabeças, porque não dava para usá-las enquanto se reclinavam. Eis a razão pela qual o bispo e o clero removem a mitra e o barrete quando sobem ao altar, durante a celebração da Missa.

Com o passar do tempo, a mitra foi ficando mais ornamental e passou a ser usada por ambos os sexos nas famílias nobres ou ricas.[4] Os reis desenvolveram coberturas de cabeça ainda mais elaboradas, que se tornaram a coroa de ouro ornada de pedras preciosas.

O *rabi*, o *hazan* e os ministros da sinagoga usavam solidéus pretos de quatro pontas, muito semelhantes aos barretes do nosso clero. No presente, eles usam essas coberturas de cabeça durante os serviços de culto, tanto ao ficarem de pé como quando se sentam.

---

[1] JOSEFO, *Antiguid. jud.*, L. III, c. VII, n. 7; Êxod. XXVIII, 40; XXIX, 9; XXXIX, 26; Baruc V, 2.

[2] Ver Êxod. XXVIII, 4; XXIX, 9; XXXIX, 26, 30; Levít. VIII, 13.

[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 437.

[4] IV Reis IX, 30.

Nos tempos antigos, usavam-nas somente quando se sentavam. Deram origem aos barretes do clero, que se usam quando este se senta durante a Missa e as funções eclesiásticas.

Na França, os juízes usam coberturas semelhantes para a cabeça, quando estão em sessão no tribunal. Os juízes de outros países europeus seguem regulamentos que remontam a tempos imemoriais, vestindo-se eles de longas togas, semelhantes à sotaina sacerdotal.

Os magistrados ingleses usam peruca e toga de seda. Esta foi introduzida depois da Restauração, mas a peruca ou touca judicial recua até às cortes inglesas — ao tempo em que os advogados eram sacerdotes. Antes de a peruca adquirir seu presente formato, uma pequena peça rendada chamada coifa também se usava, e mais tarde os juízes fizeram uma abertura na peruca para deixar ver a coifa. Na hora presente, o juiz supremo da Inglaterra tem um espaço redondo na peruca, revestido de seda preta, no lugar onde a antiga coifa, ora abandonada, geralmente aparecia. Ao pronunciar a sentença capital, o juiz inglês cobria sua coifa com uma touca preta, cerimônia que até hoje é seguida.

Com a morte da filha de Jaime II, as cortes de justiça entraram em luto, e os advogados, chamados "*barristers*", vestiram togas de seda preta, que conservaram desde então. Via de regra, eles prestavam seus serviços gratuitamente, mas um pedaço de pano triangular, pendurado detrás como o capuz de um monge, formava um bolso no qual os clientes costumavam depositar os honorários enquanto o homem da lei não estivesse olhando, muito contra a vontade do advogado, podemos ter certeza.

As cortes inglesas já faz muito, muito tempo superaram seu pesar pela morte da filha do rei, mas são tão conservadoras dos costumes antigos que os juízes e advogados ainda usam togas pretas e peruca, ao se assentarem no "*woolsack*", como é chamado o tribunal. Os "*barristers*", como são chamados os advogados, têm de vestir-se de preto ao pleitearem no Canadá e nas colônias. Uma gravata peculiar distingue o "*barrister*" inglês, que comparece ao tribunal, do simples jurisconsulto, o advogado que prepara o caso; e observam-se todos os babados, arrebiques e cerimônias dos tempos antigos, poucos sendo capazes de dizer a origem ou a razão das numerosas cerimônias tribunalícias.

Somente nos tribunais da Colúmbia Britânica é que os juízes dos Estados Unidos da América usam peruca, mas em 1905 foi promulgada uma lei abolindo-a. Alguns anos atrás, os juízes da Suprema Corte dos E.U.A. vestiram a toga comprida de seda, e juízes

dos tribunais tanto federais como estaduais têm seguido o exemplo. Citamos esses detalhes para mostrar como é natural para o homem vestir-se de trajes emblemáticos de seu ofício.

Mas por que o bispo, o juiz e o sacerdote cobrem a cabeça no tribunal e na igreja, enquanto todos os outros homens devem descobrir a cabeça? Nos tempos antigos se cobria a cabeça como sinal de respeito. Quando Moisés aproximou-se da sarça ardente, Deus mandou-o tirar os sapatos, e Moisés "escondeu seu rosto, pois não ousava olhar para Deus"[1]. Para mostrar respeito pelo santuário sagrado, os sacerdotes sempre usavam mitra dentro do Templo, durante as orações sinagogais e antes de se reclinarem à mesa da páscoa judaica. Durante a primeira parte da Missa — ou seja, desde o início até ao cânon —, calcada nos serviços litúrgicos do Templo judeu, o bispo e o sacerdote cobrem a cabeça com mitra e barrete, ao se sentarem durante a Missa. Mas os tempos e os costumes mudaram desde os dias de Cristo, e para mostrar respeito nós agora tiramos o chapéu. Mas qual foi a origem do anel do bispo?

O anel, mencionado trinta e uma vezes no Antigo Testamento, de início um simples aro de cobre, marfim, bronze, prata, ouro ou outro material precioso, encontra-se em muitas ruínas, sepulcros e monumentos do mundo antigo. Mais tarde foi ornado com a figura de um deus, de um escaravelho, de um emblema sacro ou de alguma legenda estimada, e usado como selo para certificar documentos oficiais.

Tamar tomou o anel e o cajado de Judá como caução.[2] O Faraó tirou do dedo seu anel e deu-o a José, para que este o usasse como sinal de autoridade, quando fez dele seu primeiro-ministro.[3] Judite pôs seus anéis quando saiu para encontrar Holofernes.[4] Assuero entregou seu anel oficial a Amã, como sinal de autoridade[5] e para selar as cartas de extermínio contra os hebreus. Quando o rei descobriu o complô, tirou dele o anel e deu-o a Mardoqueu, que o pôs para selar as cartas revogando o decreto.[6] Os reis hebreus selavam com seu anel oficial seus documentos governamentais.[7] O profeta diz aos hebreus que os seus ornamentos de anéis e de joias

---

[1] Êxod. III, 6.
[2] Gên. XXXVIII, 18.
[3] Gên. XLI, 42.
[4] Judite X, 3.
[5] Ester III, 10.
[6] Ester VIII, 8-10.
[7] III Reis XXI, 8.

lhes serão tirados.[1] Salomão escreve do "sinete de esmeralda em trabalho de ouro",[2] usado como anel.

O anel, muitas vezes de material precioso, era passado de pai para filho.[3] As damas hebreias do tempo de Cristo tinham anéis engastados com pedras preciosas, rubis, esmeraldas, sendo muito comum o crisólito. A arte de cortar diamantes era conhecida, e se usavam anéis de diamante naquele tempo. Na época de Sólon, todo homem livre grego usava um anel de sinete, feito de ouro, prata ou bronze; mas os espartanos orgulhavam-se de um simples anel de ferro chato. Os anéis se tornaram tão comuns que os atenienses e os lacedemônios fizeram leis contra eles.

Plinio diz que os romanos herdaram dos gregos o costume de usar anel. Floro escreve que os etruscos foram os primeiros a usá-lo na Itália, enquanto Tito Lívio atribui isso aos sabinos. Anéis de ouro foram mais tarde entregues aos embaixadores como parte de suas vestes oficiais. Os senadores e os juízes desfrutavam do que eles chamavam de "*jus annuli aurei*" (o direito de usar anel de ouro). Aníbal enviou a Cartago três *modii* de anéis de ouro, tirados dos dedos dos oficiais romanos que tinham sido mortos.[4] Durante o Império Romano, os imperadores reservavam o direito de usar anel às altas patentes, aos magistrados e aos governadores das províncias, e conferiam-no como condecoração a pessoas que eles desejavam homenagear. No tempo de Tibério, que reinava quando Cristo foi executado, muitos se safavam, sob pretexto de que usavam anel, da pena por violar as leis, e uma lei foi feita restringindo-o aos homens livres cujos pais possuíssem não menos de $ 400.000 em propriedades.

Aureliano estendeu esse direito a todos os soldados, e Justiniano a todos os cidadãos. Os romanos, como os gregos, os egípcios e os orientais, tinham o hábito de revestir os dedos com muitos anéis preciosos. Marciano diz que Carino usava dez em cada dedo, somando oitenta, e os janotas tinham anéis para as diversas estações.

Do antigo Egito, da Babilônia, etc., veio o costume de gravar nos anéis imagens de animais, lemas, representações dos deuses, dos heróis, etc., e usá-los como sinetes e brasões. Por vezes eram de valor imenso, e um que a imperatriz Faustina usava valia $ 200.000, enquanto que o anel de Domícia tinha custado $ 300.000.

---

[1] Isaías III, 21.
[2] Eclo. XXXII, 8.
[3] Lucas XV, 22.
[4] S. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, L. III, c. XIX.

Os sumos sacerdotes, os sacerdotes comuns, os levitas, os rabinos, os líderes em Israel e as pessoas ricas da Judeia no tempo de Cristo usavam anéis.[1] Terá Cristo usado anel? Não conseguimos encontrar registro algum. Mas como ele se conformou a todos os costumes de seu povo, como ele era o Leão da tribo de Judá, Príncipe da Casa de Davi e Guia dos homens, nós julgamos que ele seguiu o costume universal e usou anel. Dado que fazemos remontarem à Última Ceia todos os paramentos episcopais, nós perguntamos: donde terá vindo o anel do bispo, senão da mesma origem das demais vestes sacras? Desde o início da Igreja, os bispos usaram o anel episcopal. A pedra é geralmente uma ametista violácea, mencionada três vezes na Bíblia,[2] como uma das pedras do peitoral do sumo sacerdote[3] e como formando uma das pedras fundamentais da Nova Jerusalém.[4]

Quando preparavam-se para uma festa e banquete como a páscoa judaica, quando lavavam as mãos, eles tiravam o anel, para não acontecer de o dedo não ficar limpo debaixo do aro. Como na páscoa eles usavam luvas, colocavam o anel por cima delas, porque a luva era pequena demais para encobrir o anel e também a fim de exibir os seus belos anéis de sinete, sinais de sua riqueza e autoridade. É por essa razão que o bispo usa o seu anel por cima da luva, ao pontificar. Nós mencionamos a luva, vejamos agora sua origem e história.

A luva como cobertura da mão dotada de um revestimento distinto para cada dedo, escreve Homero, era usada por Laertes para proteger as mãos quando trabalhava em seu jardim. Xenofonte diz que Ciro às vezes saía sem suas luvas. Nos tempos mais remotos, entregava-se a luva como caução ao fechar um contrato, e isso deu origem ao ato de jogar a luva como desafio para um duelo. A luva não é mencionada na Bíblia, mas por outras obras ficamos sabendo que na época de Cristo os reis, os príncipes e os chefes de seu tempo usavam-nas, muitas vezes ornadas de rendas douradas e de pedras preciosas.

O *Talmude* conta-nos a história de Issacar de Kefar, que foi membro da suprema corte judaica que sentenciou Cristo à morte. Depois da Ascensão, ele foi eleito sumo sacerdote, mas quando pontificava no Templo usava luvas, para não sujar suas delicadas mãos com o sangue dos sacrifícios. Um dia, ergueu-se uma disputa

---

[1] EDERSHEIM, *Temple, Sketches of Jewish Life*, p. 217, etc.
[2] Êxod. XXVIII, 19.
[3] Êxod. XXXIX, 12.
[4] Apoc. XXI, 20.

entre Herodes e sua mulher sobre se cabrito ou cordeiro assado era a melhor comida, e os dois concordaram em deixar o veredito a cargo de Issacar, que era um glutão. Este último, entrando na sala do trono, fez um gesto de mão desrespeitosamente para com Herodes, que mandou seu guarda pessoal decepar-lhe a mão. Issacar subornou o guarda, para que cortasse fora sua mão esquerda, mas quando Herodes soube disso, mandou que também a outra fosse amputada, já que tinha sido com a direita que ele o havia insultado, e assim perdeu ele ambas as mãos que tinha erguido contra Cristo. Cristo usou luvas na Última Ceia? Não há registro algum. Mas donde vêm as luvas do bispo se ele não as usou, já que os bispos as têm vestido desde a idade apostólica?

Os pastores patriarcais carregavam um cajado — em hebraico, *makel* ("bastão") — que tinha a ponta superior recurvada, para reconduzir ao rebanho as ovelhas desgarradas,[1] e vinte e sete vezes menciona-o o Antigo Testamento. O bastão era sinal de poder e de autoridade, naqueles dias em que todos os objetos tinham sentido místico referente ao Cristo esperado. Jacó fugindo de seu irmão, ao rezar por socorro, disse: "com meu bastão passei adiante deste Jordão"[2]. O anjo que apareceu para Gedeão carregava um cajado, como também o fazia Davi, quando saiu para combater Golias.[3]

Em hebraico, outra palavra para bastão é *shebet* ("vara", "cajado"), e em grego *skemtron* ("cetro"). O bastão de autoridade se prolongou no bastão religioso dos profetas e no cetro do rei.[4] Os chefes em Israel carregavam bastão, como sinal de autoridade.[5] O bastão foi feito primeiramente de madeira, e era desse tipo o bordão ou cajado que Moisés carregava como sinal de autoridade e com o qual infligiu as pragas sobre o Egito. Já o cetro do rei persa era de ouro maciço,[6] e quando ele o inclinava na direção de um súdito, era sinal de predileção, e este último beijava o cetro, como sinal de reverência.[7] Um cetro de marfim burilado foi descoberto em Nimrud[8] e outro entre as ruínas egípcias.[9]

---

[1] Gên. XXXII, 10; XXXVIII, 18-25.

[2] Gên. XXXII, 10.

[3] [Juízes VI, 21; I Reis XVII, 40.]

[4] Levít. XXVII, 32; Miq. VII, 14.

[5] Juízes V, 14; Gên. XLIX, 10; Núm. XXIV, 17; Salmo XLV, 7; Isaías XIV, 5; Amós I, 5; Ezeq. XIX, 11; Sabedoria X, 14, etc.

[6] Ester IV, 11; XENOFONTE, *Cyrop.*, VIII, 7, Sec. 13.

[7] Ester IV, 11, V. 2.

[8] LAYARD, *Nim. and Babyl.*, 195.

[9] WILKINSON, *Anc. Eg.*, I, 276.

Os patriarcas e os profetas, com seu bastão de autoridade, prefiguravam Cristo, que havia de entrar no mundo com seu poder divino, empunhando seu bastão na Última Ceia, e na Eucaristia dar vida à natureza humana morta pelo pecado de Adão. Citemos o grande bispo de Hipona, S. Agostinho:

"Deus Filho enviou a lei do Antigo Testamento por intermédio de Moisés, seu servo, mas era ele próprio quem dava a graça. Vede Eliseu, no grande e profundo mistério, não só com palavras, mas com ações prenunciando o futuro. Morrera o filho de sua anfitriã. O que significa esse menino morto, senão a raça humana, morta em Adão? Foi dada notícia ao santo profeta, estando contida na sua profecia um tipo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele enviou seu bastão por meio do seu servo, e disse: 'Vai, coloca-o sobre a criança morta.' Este foi, qual servo obediente. O profeta sabia o que devia fazer. Ele pôs o bastão sobre o menino morto, mas este não reviveu. 'Pois se tivesse sido dada uma lei que pudesse ter dado a vida, verdadeiramente a justiça teria sido pela lei.'[1] A lei judaica era incapaz de dar a vida. Então o grande profeta foi até a criança morta — o vivo foi até o morto. Ele foi, e o que fez ele? Subiu e deitou-se em cima da criança, e pôs sua boca sobre a boca dela, e seus olhos sobre os olhos dela, e suas mãos sobre as mãos dela, e inclinou-se sobre ela.[2] 'Ele', o Filho de Deus, 'rebaixou-se, assumindo a forma de servo, sendo feito semelhante aos homens e em aspecto sendo reconhecido como homem.'[3] 'O qual reformará o corpo de nossa baixeza, fazendo-o semelhante ao corpo da glória dele.'[4] Desse modo, nesse tipo profético de Cristo estavam prefiguradas a morta raça humana trazida de volta à vida por Cristo, e os maus que haviam de ser justificados. Isso prenunciava a graça, esta é a graça de cristãos conquistada pelo Homem, o Mediador, que padeceu, morreu, ressurgiu dos mortos, subiu ao céu, levou cativo o cativeiro e distribuiu dons pelos homens."[5]

Usado de início como apoio para caminhar, depois para manter a ordem no rebanho, depois como sinal do poder divino de Moisés, depois em mãos dos profetas, depois como tipo da Lei entregue a Israel, o bastão era empunhado por todo hebreu enquanto comia a páscoa, como ordenara o Senhor: "Deste modo comê-la-eis", "cingireis os vossos rins", "tereis as sandálias nos pés, e o bordão

---

[1] Gálatas III, 21.
[2] IV Reis IV, 34.
[3] Filip. II, 7.
[4] Filip. III, 21.
[5] S. AGOSTINHO, *Sermo* XXVI, *de Verb.*; *Ps.* XCIV, n. XI.

nas mãos"[1], "pois é a páscoa do Senhor"[2]. Dessa maneira ficaram de pé ao redor da mesa da ceia pascal o Senhor e seus apóstolos, cada um segurando o bastão dos patriarcas, dos profetas e dos santos videntes do passado. O bastão do Senhor era tipo do divino poder, manifestado por Moisés em sua Lei, e imagem de todas as profecias enunciadas pelo Espírito Santo. A Lei e a Profecia estavam então prestes a cumprir-se na Primeira Missa e na Crucificação.

Quando Cristo enviou seus apóstolos pela Judeia antes de lhes dar poder sobre os espíritos imundos, mandou que não levassem bastão,[3] mas quando lhes deu esse poder de exorcistas, mandou que levassem o bastão deles.[4] Os judeus daquele tempo, especialmente os líderes em Israel, sempre traziam esses bastões como sinal de sua autoridade, mas estavam proibidos de levá-los para dentro do Templo.[5] No cerimonial da páscoa judaica no Templo, duas longas fileiras de sacerdotes seguravam bastões, um para cada sacerdote — uma fileira tendo bastões de ouro, os da outra fileira sendo de prata, e eles usavam-nos para manter a ordem entre as multidões de povo. Hoje, como reminiscência desse costume, os pastores na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, na Páscoa cristã trazem longos bastões ornamentais, com os quais golpeiam o piso e mantêm a ordem, ao irem à frente do clero em procissão ao redor do Sepulcro de Cristo. Na França e noutros países, o sacristão leva um bastão quando vai à frente do clero, com o qual mantém a ordem durante as sagradas funções.

---

[1] Em hebraico, *makel* ("bastão").
[2] Êxod. XII, 11.
[3] Mateus X, 11.
[4] Marcos VI, 8.
[5] EDERSHEIM, *Temple*, 42.

QUARTA PARTE.

COMO CRISTO E OS APÓSTOLOS REZARAM A MISSA.

X.— COMO CRISTO E OS APÓSTOLOS SE PREPARARAM PARA A PRIMEIRA MISSA.

SE um repórter tivesse estado presente quando o Senhor e seus apóstolos se preparavam para a primeira Missa e a rezaram, com que avidez não leríamos hoje o seu relato! Com exceção dos Evangelhos, porém, não foi registrado o mais mínimo detalhe, e temos de apelar para os ritos e costumes judeus da época.

Nos escritos hebreus, nos serviços sinagogais e do Templo, nas obras dos Padres, nos escritos católicos e acatólicos referentes à páscoa judaica encontramos uma profusão de fatos e tradições, que agora nós costuramos para contar a história da primeira Missa. Não sustentamos que estejam absolutamente exatos, mas chegam tão perto da verdade quanto possível depois da passagem dos séculos.

Era a véspera da páscoa judaica, o 13.º dia da lua do mês de *abib* ou *nisan*,[1] depois do equinócio da primavera, correspondente ao nosso 6 de abril; no Ano do Senhor 34; 4.088 anos depois da criação de Adão, 788 depois da fundação de Roma,[2] no nono ano do governo de Pilatos, tendo Herodes Antipas governado a Galileia por trinta e três anos, o pai do imperador, Pompônio Flaco, sendo o governante da Síria, tendo Tibério se assentado por vinte anos sobre o trono de César, tendo José Caifás pontificado durante dezesseis anos, quarenta e quatro anos depois de haver Herodes dedicado seu famoso Templo, quando tem início nossa história. Um mês antes começavam os judeus os preparativos que eles chamavam de *parasceve*.[3] Eles tinham consertado as estradas que subiam até a

---

[1] *Talmude* babilônico, tratado *Pesahím*, c. I.
[2] STAPFER, *Palestine*, p. 474.
[3] Mateus XXVII, 62; Marcos XV, 42; Lucas XXIII, 54; João XIX, 14, 31, 42.

cidade sagrada, caiado de branco os sepulcros, limpado as ruas e arrumado suas casas, para receber as grandes multidões de estrangeiros, vindos de todas as nações, que acorriam a Jerusalém para celebrar a páscoa judaica. A Lei de Moisés exigia de todo hebreu num raio de vinte e cinco quilômetros da cidade, que fosse maior de idade e estivesse livre de impureza legal, "aparecer diante do Senhor" no seu santuário, neste dia que eles chamavam de *hagadá* ("comparecimento"), porque todo judeu tinha de subir a Jerusalém e "apresentar-se" no Templo, como o Senhor ordenara.[1] Essa lei vinculava todo hebreu que não estivesse manchado de impureza ritual nem doente, nem tivesse razão legal para não vir. Os que não podiam vir nesse dia deviam vir e comparecer à segunda páscoa, celebrada para eles um mês depois.

Eles se dividiam em "grupos" de dez a vinte membros, cada um trazendo seus dons para a festa. Geralmente o líder de cada "grupo" carregava sobre os ombros o cordeiro até o Templo. Um comprava o vinho, outro a farinha para os bolos, um outro as ervas amargas, outro as velas, e os outros a comida necessária. Esse costume foi continuado na Igreja primitiva, e todo domingo eles traziam dons e punham-nos sobre uma mesa no santuário durante o Ofertório da Missa; daí o nome "ofertório", das ofertas do povo, que eram assim divididas em diversas partes: uma para o sustento do clero, outra para a manutenção dos edifícios religiosos, e outra para o sustento dos pobres, das viúvas e dos órfãos.

Nos dias de Cristo, Jerusalém era muito maior do que é hoje, estendendo-se para o sul e incorporando o amplo quarteirão de Sião. A população fixa da cidade era de aproximadamente cem mil habitantes, com famílias inteiras vivendo em um único aposento pequeno. Mas durante a páscoa judaica quase três milhões de estrangeiros, de todas as nações nas quais os judeus haviam se espalhado e explorado o comércio, costumavam subir à Cidade Santa, conforme as Leis de Moisés, para celebrar a festa. Acampavam nas colinas e enchiam os vales por toda a circunferência em redor da cidade sagrada, cobrindo a região por quilômetros, em todas as direções.

Desde o tempo de Moisés que eles tinham escolhido o cordeiro no décimo dia do mês lunar de *abib* ou *nisan*,[2] e condenado a vítima à morte. Havia nisto uma profecia. Porque neste ano o dia 10 caía na segunda-feira, e neste dia o sinédrio local ou tribunal judaico de

---

[1] Êxod. XIII, 8; EDERSHEIM, *Temple*, 183; *Life of Christ*, I, 229 a 246, 366, 378; II, 479 a 619, etc.

[2] Êxod. XII, 3-6.

Jerusalém reuniu-se e comunicou um decreto de execução da sentença capital em Jesus, pronunciada um mês antes pelo grande tribunal nacional de setenta e um juízes.[1]

A sentença era dar-lhe a morte assim que possível sem incitar o povo. Mas as profecias declaravam — e o cerimonial do Templo mostrava — que ele havia de morrer, não naquele dia, mas na seguinte Sexta-Feira. Por isso, Cristo não voltou para Betânia naquela noite, pois o encontrariam na casa de Lázaro e o matariam. Onde ele se escondeu?

Um pouco abaixo do cimo do monte das Oliveiras, donde ele mais tarde subiu aos céus, havia uma caverna no penhasco de pedra calcária ressequida, sua entrada naquele tempo ficando escondida por arbustos, dentro da qual os vigias que guardavam os rebanhos e olhavam os jardins se escondiam durante as tempestades e dormiam à noite. A caverna se estendia por doze metros a norte e sul e tinha quase cinco metros de largura. Dentro dela havia quatro mesas, cadeiras, leitos, etc. Ali o Senhor passou com seus apóstolos as três noites que precederam sua morte. Ali ele ensinara aos seus apóstolos o Pai-Nosso. Ali, antes de se separarem após a Ascensão, eles compuseram o *Credo dos Apóstolos*. Atualmente é chamada de *Gruta do Credo*. No mesmo recinto, um pouco mais acima, ergue-se hoje uma grande construção erigida por uma condessa francesa, com o Pai-Nosso entalhado nas trinta e cinco línguas das grandes nações em suas paredes. Os primeiros bispos de Jerusalém mencionam a *Gruta do Credo*, muitos autores a visitaram, e nos primeiros tempos se costumavam fazer peregrinações até lá. Algumas dezenas de metros abaixo, ergue-se a Igreja do *Dominus Flevit* (“O Senhor chorou”), onde Jesus chorou sobre Jerusalém. Medindo com instrumentos, constatou-se que o piso da igreja estava no mesmo nível da imposta do arco da mesquita de Omar, de maneira que diante dos olhos dele, do outro lado do vale do Cedron, erguiam-se então as grandes construções do famoso Templo. Um pouco ao sul da Gruta, tu podes entrar nos sepulcros dos profetas hebreus, que predisseram com detalhes minuciosos a vida e morte do Salvador. Mas por terem repreendido publicamente os hebreus pelos seus pecados, em sua maioria, foram assassinados. Cavadas fundo no penhasco de pedra calcária, tu encontrarás galerias em semicírculo, com lugares para trinta e um corpos; mas hoje estão vazios.

As grandes multidões estavam ocupadíssimas naquela segunda-feira; tudo era tumulto, burburinho e agitação, porque

---

[1] João XI, 47-53.

naquele dia eles selecionavam os cordeiros para a páscoa. Os homens dos grupos primeiro compravam e lavavam o cordeiro, e chamavam-no de "Cordeiro de Deus" ao sentenciarem-no à morte.

Primeiro eles lavavam a vítima, para simbolizar o banho pascal que o Senhor e seus apóstolos tomaram antes da Última Ceia. Perfumavam o animal com aromas de grande valor,[1] para prefigurar o perfume de santidade e de boas obras realizadas por Jesus. Atavam então a pequena vítima num espeto colorido,[2] emblemático de Jesus preso à sua cruz salpicada de sangue. Era desse modo que o cordeiro era preparado desde os dias de Moisés, para profetizar a futura Paixão do "Cordeiro de Deus", que havia de tirar os pecados do mundo.[3] Cento e quarenta vezes o Antigo Testamento menciona o cordeiro enquanto tipo de Cristo, e trinta e quatro vezes chama o Senhor de "o Cordeiro".

Toda manhã o Senhor, liderando seu grupo de doze apóstolos, saía de seu esconderijo na Gruta, descia a colina, abarrotada de judeus nascidos da tribo de Judá, e passava o dia no Templo, instruindo, pregando, curando todas as doenças, e ao cair da noite voltava para seu esconderijo. Os sermões no Templo, sua censura inflamada aos escribas e fariseus se encontram nos Evangelhos. Os cambistas costumavam arrecadar para o tesouro do Templo, em ágio, $ 380.000 por ano, e $ 45.000 disso iam para os bolsos dos sumos sacerdotes. Quando Cristo os expulsou do átrio das mulheres, que eles perturbavam durante o serviço divino, ele provocou nos sacerdotes a mais intensa fúria. Mas eles temiam o povo durante o dia e não conseguiam encontrá-lo à noite no monte das Oliveiras.

A véspera da páscoa judaica, a de pentecostes e a do dia da expiação eram dias de jejum e de oração,[4] e esse costume nos foi legado nos jejuns e orações das vigílias de nossas festas.[5] Assim, Cristo passou com seus apóstolos a Quarta-Feira na Gruta em jejum e oração, preparando-se para a sua morte, e esse retiro foi o modelo desses retiros que as pessoas fazem antes da ordenação ou antes de empreenderem obras importantes.

Desde os dias de Esdras, a quinta-feira era dia de jejum e de oração,[6] porque nesse dia Moisés começou seu jejum no Sinai, antes

---

[1] EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 343.
[2] ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. 4.
[3] João I, 29.
[4] *Talmude* babilônico, tratado *Ta'anit* ("jejuns"), pp. 80, 88, 89, etc.
[5] S. AGOSTINHO, *Enar. in Psalm.* LXXXV, n. XXIV.
[6] *Palestine in Days of Christ*, p. 381.

de receber os Dez Mandamentos e a Lei.[1] Os judeus que não podiam comparecer às funções do Templo jejuavam em casa ou nas sinagogas por quatro dias antes da páscoa, sem tomar alimento ou bebida até o pôr do sol.[2]

Em memória do livramento dos primogênitos do hebreus, quando o Anjo da morte matou os primogênitos de todas as famílias egípcias na noite da fuga da servidão egípcia, os primogênitos de todas as famílias através dos tempos observaram um jejum ainda mais estrito no dia da páscoa judaica. Esse jejum os judeus observam até hoje, e seu Ritual da Páscoa do presente traz a seguinte rubrica: "Todos os primogênitos jejuam em comemoração da libertação dos primogênitos dos israelitas, quando Deus feriu de morte todos os primogênitos dos egípcios" (p. 3).

Cristo e seus apóstolos estavam, pois, obrigados a jejuar, porque era véspera de festa e por ser quinta-feira.[3] O Senhor estava vinculado pela lei dos primogênitos, e eles chegaram em jejum à Última Ceia. Por isso, em todos os tempos desde os apóstolos, prevaleceram o costume e a lei da Igreja pelos quais o celebrante da Missa e os que recebem a Comunhão precisam estar de jejum, excetuando-se unicamente os enfermos. Isso continua a ter força de lei em todas as igrejas orientais.

A lei e o costume faziam valer não apenas o jejum, como encaminhavam todos os hebreus, na véspera dos dias da expiação e da páscoa judaica, a participar no Templo do cerimonial de preparação para a festa. Ali eles rezavam e confessavam seus pecados, assim como hoje as pessoas vêm à igreja para confessar-se e preparar-se para nossas festas solenes. Vejamos o que os autores judeus dizem desses preparativos, aos quais nós imaginamos que Cristo e seus apóstolos estiveram presentes, porque seguiam todas as leis e costumes de seu glorioso Templo.[4]

O tratado inteiro do *Talmude*[5] dedicado a este assunto do jejum traz detalhes minuciosos acerca dos jejuns judaicos antes das grandes festas e em tempos de calamidade pública. Os detalhes são numerosos demais para citar aqui. Eles também estavam proibidos de fazer qualquer tipo de trabalho, de acender uma fogueira ou

---

[1] *Talmude* babilônico, *Baba Kama*, vol. 82-1; EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 291; Levít. XVI, 29; Joel I, 14; Atos XIII, 2, etc.; Juízes XX, 26; I Reis VII, 6, etc.

[2] EDERSHEIM, *Temple*, 300; ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. 4.

[3] *Talmude* babilônico, tratado *Ta'anit*, cap. IV, p. 78, etc.

[4] Ver *Páscoa*, cap. III, pp. 95, 97; tratado *Ta'anit*, pp. 36, 42, 75.

[5] *Ta'anit* ("Jejuns").

mesmo de preparar alimento, e os judeus de nossos dias observam algumas dessas normas.[1]

Esta véspera, da páscoa judaica e do *shabat*, era chamada pelos judeus helenistas de *parasceve* ("preparação")[2]. S. Agostinho diz que no tempo dele os cristãos chamavam a vigília da nossa Páscoa de "pura ceia"[3]. A antiga páscoa sendo a maior das festas judaicas, assim como a Páscoa cristã é a principal festa da Igreja, os hebreus começavam os preparativos solenes no Templo e nas sinagogas na tarde anterior — ou seja, na véspera da páscoa hebraica. S. Agostinho escreve que a véspera da nova Páscoa, hoje chamada Sábado Santo, é a mãe de todas as vigílias das festas da Igreja.[4] Vejamos o que diz o *Talmude* acerca dos preparativos para a páscoa judaica.

"*Mishná*: Os seguintes atos religiosos podem-se fazer durante o dia todo no qual são obrigatórios: a leitura do *meguilá*, o *halel*, o toque da trombeta, o manejo do *lulab*, a oração quando do sacrifício adicional, o sacrifício adicional, a confissão dos pecados durante o sacrifício dos touros novos, a confissão que se deve fazer ao trazer o segundo dízimo, a confissão dos pecados por parte do sumo sacerdote no dia da expiação, a imposição de mãos sobre os sacrifício, a imolação de um sacrifício, a agitação da oferenda (em forma de cruz, como já explicado), sua condução até o altar, o ato de pegar o punhado de farinha[5] e o de queimar com incenso a gordura de um sacrifício sobre o altar."[6]

O *Talmude* entra nos mínimos detalhes dos serviços e cerimoniais da igreja judaica do tempo em que foi escrito; muitas dessas cerimônias nós encontramos com quase nenhuma mudança nas cerimônias da Igreja. Não podemos citá-las todas, porque só elas já preencheriam um livro espesso. Mas vamos mostrar aqui como eles faziam os preparativos para a páscoa hebraica na *parasceve* ("preparação")[7].

"Na véspera do dia da expiação (ou na da páscoa judaica), é proibido comer e beber, lavar, untar, amarrar os cadarços dos sapatos ou ter relações sexuais.[8] Quem violasse essas leis incorria

---

[1] *Talmude* babilônico, cap. X, p. 224.
[2] DUPREON, *Concor. S. Scripturæ*, *Paraceve*.
[3] *Sermo* CCXXI, *In Vegel Pas.*, III.
[4] *Sermo* CCXIX, *in Vigil Paschæ* 1.
[5] Levít. I, 15.
[6] *Talmude* babilônico, tratado *Meguilá*, cap. II, 55.
[7] Ver *Talmude* babilônico, *Páscoa*, XI, 210.
[8] Deut. VIII, 3.

em *caret* ("excomunhão"). As crianças pequenas não precisam jejuar, antes de um a dois anos precisam, para irem se acostumando a obedecer aos mandamentos religiosos. Se alguém comeu ou bebeu por descuido, precisa levar um sacrifício pelo pecado; se comeu e trabalhou, precisa levar dois. A partir do raiar do dia (Isto na Quarta-Feira da Semana da Paixão) eles precisam dar início ao jejum, mas permitia-se à mulher grávida que tem vontade de comer e aos doentes comerem um pouco, sendo-lhes dado alimento sob orientação médica."

Na véspera da festa, o povo acorria ao Templo, para confessar seus pecados, cada um trazendo diversas oferendas e vítimas para serem sacrificadas pelos diversos pecados.[1] Eles se incitavam a fazer atos de arrependimento e de contrição e eram verdadeiramente penitentes, muitas páginas sendo dedicadas a este assunto. Tomemos como exemplo uma passagem:

"Grande é a penitência, para que traga redenção. 'E virá um Redentor a Sião, e aos que voltarem atrás da iniquidade em Jacó, diz o Senhor',[2] o que quer dizer: 'Por que veio o Redentor?' Porque Jacó regressou da transgressão. Sendo a penitência grande, mesmo os pecados que foram cometidos intencionalmente são considerados como cometidos inadvertidamente, como está escrito: 'Volta, ó Israel, ao Senhor teu Deus, pois foi por tua iniquidade que caíste em ruína'[3]. Grande é o arrependimento. 'Quando o ímpio se apartar da sua impiedade, e fizer julgamentos e justiça, neles encontrará a vida.'[4] Um provém do amor, o outro do temor. Grande é a compunção, faz com que um homem viva longos dias, como está escrito: 'ele encontrará a vida'. Os caminhos do Santo, bendito seja Ele, não são como os caminhos do homem."[5]

Eles entravam no Templo e confessavam seus pecados aos sacerdotes, assim como hoje os cristãos vão à confissão nas igrejas, um dia antes da festa da Páscoa. Eles se humilhavam diante do Eterno de seus ancestrais, e os sacerdotes imploravam perdão por eles em suas orações.

"Ensinaram os *rabis*: Os pecados que alguém confessou em um dia da expiação não precisam ser confessados no dia da expiação seguinte. Este é o caso se ele não tiver repetido seu pecado, mas, caso tenha-o repetido, deve repetir a confissão. Se ele, sem ter

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Temple*, p. 87.
[2] Isaías LIX, 20.
[3] Oseias XIV, 2.
[4] Ezequiel XXXIII, 19.
[5] *Yoma*, VIII, 136.

pecado novamente, se confessasse novamente, então a ele se aplica o versículo: 'Assim como o cão retorna ao próprio vômito, assim é o louco que repete sua loucura.'[1] O *rabi* ben Jacó disse, em contrapartida: 'Tanto mais se pode louvá-lo, como está escrito:[2] «Porque eu conheço a minha iniquidade, e o meu pecado está sempre diante de mim».'"[3]

"Quando ele se confessar, precisa especificar seu pecado, como está escrito: 'Este povo cometeu um grave pecado, e fabricaram para si deuses de ouro'[4]." Senão, por que Moisés especificou o pecado?

Os *rabis* ensinaram que o dever da confissão é na véspera do dia da expiação (e na da páscoa judaica), ao escurecer. Ainda assim, disseram os *rabis*, cumpre confessar-se antes da refeição, porque se algo lhe acontecer durante sua refeição, ele terá ficado sem confissão. Mas, embora alguém tenha se confessado antes da refeição, deve se confessar novamente ao entardecer, e uma vez mais na manhã seguinte, e na prece *Minkhá* adicional e na oração de encerramento *Neilá*.[5]

"Em que ponto da oração ele deve confessar-se? Um indivíduo, no final da oração; e o leitor da assembleia, no meio da oração. O que deve dizer? Deve começar assim: 'Tu conheces os segredos do mundo'. 'Das profundezas do coração'. 'Na tua Lei assim está escrito'. 'Senhor do Universo, não é por nossos méritos que rogamos Tua misericórdia'. 'Nossas transgressões são numerosas demais para serem contadas, e nossos pecados muito graves para serem narrados'. 'Meu Deus, antes que eu fosse criado eu não fora digno de ser feito, e agora que fui criado sou o mesmo que dantes. Sou terra durante a minha vida, e bem mais ainda quando estiver morto. Rogo-te seja a Tua vontade que eu não volte a pecar. Sou diante de Ti um vaso cheio de desgraça e de vergonha.'"

Como sinal de pesar eles batiam no peito, tal como o celebrante e seus auxiliares fazem ainda, na Confissão Geral na Missa. "A lamentação se faz batendo no peito, pois assim está escrito.[6]"

Aquela vasta assembleia, formada de judeus dos mais longínquos confins da terra, naquela tarde da Quarta-Feira inclinaram eles profundamente seus corpos, diante do véu que encerrava o temível *Santo dos Santos* do Senhor dos exércitos, onde

---

[1] Prov. XXVI, 11.
[2] Salmo L, 5.
[3] *Yoma*, VIII, 137.
[4] Êxod. XXXII, 31.
[5] *Yoma*, VIII, 140, 141.
[6] Isaías XXII, 12; Lucas XVIII, 23-48.

outrora, na forma de *Shekiná*, o Deus Eterno, seu Rei, habitou. Era a estrela d'alva do Cristianismo despontando sobre a humanidade. Em silêncio caminhavam os levitas, acendendo com archotes os milhares de velas para iluminar os átrios, com a oração:

"Bendito és tu, ó Senhor, Rei do Universo, que nos santificaste com os Teus mandamentos, e nos ordenaste acender o lume pascal."

Eles começaram as orações vespertinas com o *Shemá*: "Ouve, ó Israel", etc., e então recitaram as seguintes orações:

"Tu nos escolheste de entre todos os povos", etc.

"Ó nosso Deus, e Deus de nossos pais, que a nossa lembrança se eleve, chegue à Tua presença e seja aceita diante de Ti, junto à recordação de nossos pais; do Messias Filho de Davi, teu servo; de Jerusalém, a cidade santa, e de todo o Teu povo, a casa de Israel, trazendo libertação e conforto, graça e amorosa benevolência, perdão, vida e paz a este dia da expiação.[1] Lembra-te de nós, ó Senhor nosso Deus, para nossa felicidade; vela sobre nós para abençoar-nos, e salva-nos para que tenhamos vida; por Tua promessa de salvação e de misericórdia poupa-nos, e sê benigno conosco. Tem piedade de nós e salva-nos, pois nossos olhos estão voltados fixamente para Ti, porque és um bondoso e misericordioso Deus e Rei."

Graça invisível oriunda dos méritos futuros do Crucificado jorrou do céu naquela noite para dentro dos corações arrependidos dos filhos de Israel, despertando-os a perceber a maldade do pecado. Com mais brilho despontou a aurora, a estrela matutina do Cristianismo, desde Moisés, proveniente do conhecimento antecipado do verdadeiro Dia da Expiação, aquela terrível Sexta-Feira Santa da Crucificação. Nos dias de que estamos tratando, durante os dez dias de penitência, na lua nova, nos sete dias de páscoa judaica, na vigília do dia da expiação, grandes multidões acorreram ao Templo e inclinaram-se de corpo e alma diante do *Santo dos Santos*, enquanto aquele grito de angústia desabafou o seguinte, diante do Senhor dos exércitos:

[1] Ou da páscoa hebraica.

	Nós pecamos diante de Ti,
	Não temos outro Rei senão Tu.
	Trata conosco por amor do Teu nome.
	Que um ano feliz comece para nós.
Ó	Anula todos os decretos perversos contra nós.
	Anula os planos dos que nos odeiam.
	Torna sem efeito a deliberação dos nossos inimigos.
Pai	Livra-nos de todos os opressores e antagonistas.
	Cala as bocas dos nossos adversários e acusadores.
Nosso,	Da peste, da espada, da fome, do cativeiro e da destruição livra os filhos da Tua aliança.
	Aparta da Tua herança o flagelo.
	Perdoa e absolve todas as nossas iniquidades.
Nosso	Risca os nossos pecados e faze-os desaparecer da Tua vista.
	Apaga, por Tuas abundantes misericórdias, todos os registros de culpa.
Rei.	Reconduze-nos com perfeito arrependimento a Ti.
	Envia cura completa aos doentes do Teu povo.
	Que a Tua lembrança de nós seja para o bem.
	Inscreve-nos no livro da vida bem-aventurada.
	Insere-nos no livro da redenção e salvação.
	Que a salvação logo desabroche para nós.
	Exalta o Chifre de Israel, Teu povo.
	Ouve nossa voz, poupa-nos, e tem piedade de nós.
	Abre os portões do paraíso à nossa oração.
	Nós Te rogamos não nos mandes de volta vazios da Tua presença.

Os coros dos sacerdotes e dos levitas, formados de 1.000 homens, cantavam as primeiras palavras: “Ó Pai nosso, nosso Rei”, e a vasta assembleia que preenchia os grandes átrios ia cantando as quarenta e três respostas. O sumo sacerdote terminou a ladainha com estas palavras:

“Ó Pai nosso, nosso Rei, sê benevolente conosco e responde-nos, pois não temos nenhuma boa obra que nos seja própria, usa conosco de caridade e de bondade, e salva-nos.

“No livro da vida, com bênção, paz e bom sustento, sejamos nós lembrados e inscritos diante de ti, nós e todo o teu povo, a casa de Israel, para uma vida feliz, e para a paz. Bendito és Tu, ó Senhor, que concedeste a paz.

“Ó nosso Deus, e Deus de nossos pais, compareça diante de Ti nossa oração; não te afastes desgostoso de nossas súplicas, porque não somos arrogantes e obstinados, para dizermos diante de Ti, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, que nós não somos justos, nós pecamos; verdadeiramente pecamos.

"Nós prevaricamos; fomos infiéis; roubamos; falamos com baixeza; cometemos iniquidade; operamos injustiças; fomos presunçosos; praticamos violência; forjamos mentiras; aconselhamos o mal; falamos falsamente; zombamos; revoltamo-nos; blasfemamos; agimos perversamente; transgredimos; fomos rebeldes; fomos obstinados; atuamos com malícia; corrompemo-nos; cometemos abominações; desencaminhamos; fomos desencaminhados.

"Nós nos apartamos dos Teus mandamentos e bons juízos, e assim fazer não nos aproveitou em nada. Mas justo és Tu em tudo o que se abateu sobre nós, porque agiste dentro da verdade, porém nós hemos cometido injustiça.

"Que diremos nós diante de Ti, ó Tu que habitas nas alturas, e o que contaremos a Ti, que tens morada nos céus? Não conheces porventura todas as coisas, tanto as encobertas como as reveladas?

"Tu conheces os segredos da eternidade, e os mistérios mais ocultos de todos os viventes. Sondas os esconderijos mais recônditos, e perscrutas os rins e o coração. Nada está oculto de Ti nem escondido dos Teus olhos.

"Seja então a Tua vontade, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, perdoar-nos todos os nossos pecados, perdoar-nos todas as nossas iniquidades, e conceder-nos perdão por todas as nossas transgressões.

<table>
<tr><td>Pelo

pecado

que

nós

cometemos

diante

de

Ti.</td><td>Sob coação ou de nosso próprio arbítrio.
Com endurecimento de coração.
Inadvertidamente.
Com a elocução dos lábios.
Por falta de castidade.
Aberta e secretamente.
Ciente e enganosamente.
Por palavra.
Fazendo o mal ao nosso próximo.
Pela meditação pecaminosa do coração.
Por cumplicidade com a impureza.
Pela confissão só da boca para fora.
Desprezando pais e mestres.
Com presunção ou em erro.
Mediante violência.
Com profanação do Nome divino.
Por lábios impuros.
Por desvario da boca.
Pela má inclinação.
Premeditadamente ou sem premeditação, etc.</td></tr>
</table>

As petições eram em número de cinquenta e quatro, das quais citamos as vinte primeiras. Ao final de cada petição, o sumo sacerdote rezava com pesarosa entoação cantada, enquanto choros e soluços enchem o edifício sagrado de *Jehová*.

"Por todas essas coisas, ó Deus de perdão e de indulgência, concede-nos remissão."

Terá Cristo pronunciado sobre seus apóstolos as palavras de absolvição, perdoando-os pelos pecados deles, a fim de que recebessem em estado de graça os dois sacramentos, de Ordens Sacras e da Comunhão, no dia seguinte durante a páscoa judaica? Não encontramos registro. Mas é provável, pois Ele perdoou os pecados de outros.[1] Esses sacramentos devem ser recebidos hoje em estado de graça. Depois da Ressurreição, Ele lhes deu o poder de perdoar os pecados, dizendo: "Aqueles cujos pecados perdoardes, ser-lhes-ão perdoados; e aqueles que retiverdes, ser-lhes-ão retidos."[2] Não havia para eles nada de surpreendente ou singular na confissão dos pecados, pois tinham visto multidões irem à confissão, toda véspera do dia da expiação e da páscoa judaica, sempre que eles foram ao Templo nesses dias. Cristo simplesmente elevou a confissão sacramental, feita no Templo, do Antigo Testamento, que remonta a Moisés, à dignidade superior de um sacramento do Novo Testamento.

A ladainha do Templo que citamos foi a origem da Confissão Geral ou *Confiteor* que se reza no começo da Missa, e foi o modelo das ladainhas da Igreja. A Grande Petição da Liturgia de S. Crisóstomo, que hoje seguem os cristãos gregos, esclavos e orientais, assemelha-se a esta ladainha do Templo.

O *Talmude* entra em detalhes minuciosos acerca dessa confissão geral no Templo, e os judeus seguiram esse costume nas sinagogas até nossos dias.

A Confissão foi ferozmente atacada por gente que não conhece os costumes do Templo no tempo de Cristo. O judeu confessava seus pecados com arrependimento por sua malvadez, e era vivificado pelo amor a Deus quando recitava todos os dias o *Shemá*: "Amarás ao Senhor", etc.[3] Os que tinham perfeito amor a Deus sobre todas as coisas recebiam o perdão, porque o amor perfeito — chamado caridade perfeita — apagou os pecados em todos os tempos. Era desse modo que os patriarcas, os santos profetas, os sacerdotes e os santos do Antigo Testamento recebiam o perdão de seus pecados.

---

[1] Mateus IX, 2; Marcos II, 5-9; Lucas V, 20; VII, 48.
[2] João XX, 23.
[3] Deut. VI, 5.

Os judeus do nosso tempo não praticam todos esses ritos referentes à confissão na véspera da páscoa judaica. Contudo, no dia da expiação, eles se reúnem em suas sinagogas e observam muitas dessas normas. As comunidades religiosas contam continuamente as suas faltas e infrações da Regra diante de toda a comunidade, ou então para o superior. Mas estão proibidas de contar os seus pecados, exceto para um sacerdote devidamente autorizado. Muitas vezes, em reuniões de oração, os membros de denominações protestantes contam seus pecados e as graças que receberam — costume este que remonta a antes da reforma protestante.

Os exercícios de preparação para a Páscoa na Igreja primitiva no Sábado Santo, copiados desses costumes do Templo, eram longuíssimos. S. Agostinho conta-nos que ficou tão cansado depois desses exercícios numa Páscoa, que só conseguiu pregar um breve sermão de apenas onze linhas.[1]

Os sacerdotes, os levitas, os homens e as mulheres não somente confessavam seus pecados em público no Templo, mas pediam que os outros rezassem por eles, e o sumo sacerdote e o sacerdote proferiam orações de absolvição sobre eles, tal como o celebrante da Missa diz ainda palavras de absolvição sobre o povo depois da Confissão Geral durante a Missa.

Seguindo essa cerimônia do Templo, os primeiros cristãos confessavam seus pecados ao bispo e aos seus doze sacerdotes, formando uma corte de justiça — daí a confissão ser chamada de tribunal —, e o bispo e os sacerdotes pronunciavam sobre eles as palavras da absolvição. Diante dessa corte, em público, os homens e as mulheres confessavam seus pecados diante da assembleia, e estes chocavam tanto o povo que a Igreja fez uma lei pela qual, para o futuro, os pecados deviam ser confessados em privado ao bispo e ao tribunal dele. Mais tarde, prevaleceu o costume de confessar a um sacerdote em privado, e começou assim nossa presente disciplina relativa à confissão.[2]

O sumo sacerdote canta em chorosa escala menor:

"E também pelos pecados pelos quais ficamos sujeitos a qualquer das quatro penas de morte infligidas pelo tribunal — lapidação, fogueira, decapitação e estrangulamento, pela violação de preceitos positivos ou de preceitos negativos, quer estes últimos admitam ou não admitam remédio pelo cumprimento subsequente

---

[1] S. AGOSTINHO, *Sermo* 320, *die Paschæ*. Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1052.

[2] Ver CHARDON, *Histoire des Sacraments*, in MIGNE, *Cursus Com. S. Theolog.*

de um mandamento positivo,[1] por todos os nossos pecados, quer nos sejam manifestos ou não o sejam. Os pecados que nos são manifestos, nós já os declaramos e confessamos a Ti, enquanto aqueles que nos não estão manifestos[2] são de Ti conhecidos, conforme a palavra que foi dita: 'As coisas secretas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as coisas que estão reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre', a fim de que pratiquemos todas as palavras desta Lei. Pois Tu és o perdoador de Israel, e o absolvedor das tribos de *Jeshurun* em todas as gerações, e além de Ti não temos outro rei, que absolva e perdoe."

Todas as noites as portas de bronze maciço do Templo eram fechadas, trancadas, e as chaves eram postas num nicho debaixo de uma pedra na câmara da *beit ha-Moked* ("a casa das pedras"), sobre a qual dormia um sacerdote. Mas nesta noite da Quarta-Feira as portas foram deixadas abertas, porque grandes multidões iam e vinham continuamente, atravessando-as. Os átrios ficaram cheios de gente, alguns de pé, outros ajoelhados, alguns prostrados contra o solo, outros passaram a noite fazendo inclinações até suas testas tocarem o pavimento de mármore. Quando tu entras numa igreja hoje em dia, na véspera da Páscoa, e vês as pessoas ali reunidas em oração e meditação, e confessando seus pecados, podes remontar com o pensamento até ao Templo de *Jehová* e imaginar aquela cena quando Jesus Cristo, junto de seus apóstolos na "Casa de seu Pai"[3], preparou-se para a Última Ceia e para as cenas horríveis de sua Paixão.

Quando foi que Cristo e seus apóstolos partiram do Templo para a Gruta no monte das Oliveiras? Ele terá passado a noite toda no Templo em orações, como muitos judeus piedosos faziam antes da páscoa judaica? Não encontramos resposta alguma para essas perguntas.

No dia seguinte, a Quinta-Feira, às nove da manhã, eles sacrificaram o cordeiro, com o cerimonial diário, e deram início ao sacrifício do serviço vespertino, não às três da tarde, como era costume nos dias comuns, mas às duas e meia, a fim de se prepararem para os sacrifícios dos cordeiros pascais que eles haviam de comer ao entardecer, na sinagoga e nos lares de Jerusalém.

---

[1] Uma Nota no formulário litúrgico diz: "Tais são, por exemplo, as leis que proíbem o trabalho no *shabat* e que se coma pão fermentado na páscoa, a cada uma das quais se aplica o que foi declarado."

[2] Isto é, que foram esquecidos.

[3] João II, 16.

Às duas horas da tarde daquela Quinta-Feira, o *hazan*-chefe do Templo notificou os sacerdotes estacionados na torre do Templo, na extremidade sudeste da área do Templo, que soassem as trombetas[1] para avisar ao povo congregado que eles estavam prontos para sacrificar os cordeiros pascais.[2] Naquele momento, Jesus Cristo com seus apóstolos saiu da Gruta, e eles desceram a encosta oeste do monte das Oliveiras. Seguindo o costume, Jesus, como Mestre do grupo, carregou o cordeiro nos ombros da maneira como está representado nas Catacumbas e na arte cristã.

Eles sabiam de cor os salmos do hinário do Templo, e desceram cantando o que os judeus chamaram de *maalot* ("os salmos dos peregrinos"). Isso faziam sempre os hebreus, a caminho da grande festa de Israel. Cristo, o Mestre, do "grupo" entoou o primeiro versículo, os apóstolos responderam com o segundo versículo, e assim desceram eles o monte das Oliveiras, louvando a Deus com as palavras do pai dele, o profeta real Davi.[3]

> "Ergui os meus olhos para as montanhas", etc.[4]
> "Louvai ao Senhor, pois ele é bom", etc.[5]

Eles passam à direita da casa de verão de Anás, chamada *beit Ini* ("casa dos figos"), sombreada por dois grandes cedros, com pombais, onde esse judeu avarento tinha quatro lojas para venda de artigos religiosos para os serviços do Templo. Ali, mais de trinta e quatro anos antes, a Mãe do Senhor, Maria, comprara os dois pombinhos que ela ofereceu em sacrifício no Templo no dia de sua purificação.

O caminho desce rumo a norte dos muros do Getsêmani, cruza a estrada que sai daquela que é hoje chamada de porta de Santo Estêvão, atravessando pelo meio do vale do Cedron, depois por sobre a encosta sul do monte das Oliveiras, passando por Betânia, descendo até Jericó. Eles transpuseram a ponte que os sumos sacerdotes, muito tempo antes, tinham estendido sobre a torrente do Cedron; sobre esta ponte eram conduzidas as vítimas para os sacrifícios do Templo e sobre esta ponte eles arrastaram o Senhor, naquela meia-noite depois de sua prisão, para cumprir esses tipos proféticos.

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, 151.
[2] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 221, 222; II, p. 436.
[3] Salmos CXX a CXXXV.
[4] Sl. CXX.
[5] Sl. CXXXV.

Eles sobem a colina a leste da área do Templo, passam pela estrada que leva até a porta dourada, entrando no recinto sagrado. Aquela parte, a leste do Templo fora dos muros, era então coberta de mansões, que pertenciam aos ricos Nicodemos, José de Arimateia e José Caifás, o sumo sacerdote.

Eles entram nos recintos da porta onde os juízes entravam em sessão, e sobem os degraus que levam para dentro da área do Templo. Essa porta agora está fechada, porque o profeta predisse[1] que o Senhor Conquistador entraria por ela, e os muçulmanos pensam que algum futuro conquistador entrará por ela e capturará a cidade.

Vastas multidões preenchiam a grande área do Templo, de mais de 90 metros quadrados.[2] Haviam se reunido ali provenientes de todas as nações para as quais seus antepassados foram exilados desde o cativeiro babilônico. Ali estavam príncipes mercadores da África, estrangeiros de Cirene, hoje parte da Tunísia, aonde Ptolomeu exilara 110.000 de seus ancestrais; membros da família Scaramella de banqueiros de Alexandria, cujos antepassados tinham enviado os bronzes magníficos da porta de Nicanor, que os autores judeus dizem terem naufragado, mas sido salvos por milagre; viam-se xeques árabes com veneráveis tufos de cabelos brancos, suspensos debaixo de seus brancos turbantes; líderes das tribos do deserto, cercados de suas famílias, com filetes escuros de pele de camelo fixando o turbante; judeus citas do norte da Ásia, trajando peles de lobo ou de urso; nobres assírios vestidos de púrpura e de ouro; greco-hebreus de porte nobre, penetrados das artes dos filhos de Javan, junto aos quais foram criados e educados; israelitas da Alemanha, chamados por seus irmãos de judeus asquenazis; comerciantes da Roma imperial e das cidades italianas, cobertos com toga e ornados de joias raras — hebreus de todas as nações estavam ali naquele dia, divididos em grupos de dez homens ou mais, cada líder de grupo com um cordeirinho.[3]

Todos conversavam ou iam e vinham pelos grandes pórticos, preenchendo o *chol*, misturando-se aos pagãos e apinhando o *chel*, onde podiam entrar unicamente os israelitas. Eles parlamentavam, disputavam, argumentavam acerca dos pontos mais minuciosos da Lei, das Profecias, da Páscoa, do Templo e de seus serviços sagrados. Sacerdotes e ministros do Templo passavam pelas multidões,

---

[1] Ezeq. XLIV, 2.

[2] EDERSHEIM, *Temple*, 184.

[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 470.

examinando os cordeiros e emitindo selos de autenticação para os líderes cujos cordeiros eles verificassem não terem defeito.[1]

Os itens de notícia mais interessantes diziam respeito ao *rabi* carpinteiro de Nazaré, que por mais de três anos vinha percorrendo a Judeia com doze apóstolos e setenta e dois discípulos, seguido por grandes multidões de povo que ele havia curado de doenças diversas. Ele afirmava ser o Messias predito pelos profetas. Mas eles não tinham certeza. Quantos falsos messias já se não tinham erguido e os conduzido à morte? Contudo, argumentavam eles, esse homem era diferente. Havia operado maravilhas. Ele tinha até ressuscitado dos mortos Eleázaro, que os gregos chamavam Lázaro, de Betânia, sepultado no túmulo descendo vinte e oito degraus no rochedo em Betânia, depois que estivera morto por quatro dias. O grande profeta da família de Davi, Isaías, não disse porventura que "o próprio Deus virá e vos salvará. Então serão abertos os olhos dos cegos, e desobstruídos os ouvidos dos surdos. Então o manco saltará como o cervo, e a língua do mudo se soltará."[2]

Esse novo *rabi* da Galileia havia repreendido publicamente os escribas e fariseus, predito a destruição da cidade e a ruína do Templo. Os sacerdotes tinham-no lançado fora do santuário, porque ele expulsara dos átrios os cambistas, etc. Eram estas as discussões e disputas que se ouviam por toda parte, em meio às vastas multidões que se apinhavam na área do Templo.

Eram quase três e meia da tarde quando Cristo, liderando seu grupo de doze apóstolos, entrou pela grande porta de bronze coríntio dita de Nicanor. O cordeiro havia sido sacrificado, o incenso fora queimado no *Santo*, e os sacerdotes e levitas estavam prontos para imolar os cordeiros pascais. Vinte e quatro levitas formavam duas longas fileiras subindo até a grande porta. Uma fileira tinha bastões de ouro, e a outra, bastões de prata nas mãos, para manter a ordem. Cada um golpeia o piso com seu bastão, como manifestação de autoridade, enquanto o *hazan*-chefe exclama: "Povo do Senhor, ouvi, a hora de sacrificar o cordeiro pascal chegou, em nome d'Aquele que tem pousada nesta santa morada."[3]

Juntamente com dois outros grupos, entram o Senhor e seus apóstolos no átrio dos sacerdotes, Cristo carregando o cordeiro em seus ombros como o chefe.[4] A norte do grande altar, com seus três fogos perpétuos no topo, eles passam, e Cristo deposita o cordeiro.

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Temple*, 183; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 470.
[2] Isaías XXXV, 4-6.
[3] *Talmude*, *Yoma*, Apêndice.
[4] Êxod. XXIII, 15; Deut. XVI, 17; *Mishná*, *Hagigá* 1, 2, etc.

Um sacerdote dá um passo à frente e recebe o selo que o examinador tinha entregue a eles fora dos átrios, atestando que o cordeiro não tinha defeito.

Eles derramam um cálice de vinho sobre o cordeiro, emblema da Eucaristia, unindo aos sacrifícios do Templo a páscoa judaica e a Missa. Amarram suas patas com uma corda, a pata dianteira direita à pata traseira esquerda, e a pata dianteira esquerda à pata traseira direita, formando com a corda uma cruz, unindo o cordeiro à cruz do Calvário.[1] Eles lavam novamente a vítima com água perfumada, exprimindo sensivelmente o odor dos milagres da humanidade de Cristo. Dão-lhe um gole d'água, para profetizar o vinagre e o fel que ofereceram à Vítima na cruz.[2]

Os membros de cada grupo agora se aproximam e põem as mãos sobre a cabeça do cordeiro, enquanto os sacerdotes em função põem sobre esta as suas mãos — todas as mãos se estendem com os polegares cruzados e as palmas para baixo, enquanto juntos eles recitam:[3]

"Ah, *Jehová*, eles cometeram a iniquidade — eles transgrediram; eles pecaram — o Teu povo, a casa de Israel. Oh, então encobre, *Jehová*, eu Te suplico, encobre as transgressões deles e os pecados deles, que eles perversamente cometeram, transgrediram e pecaram diante de Ti — o Teu povo, a casa de Israel, como está escrito na Lei de Moisés, dizendo: 'Porque naquele dia isso será acobertado para vós, para deixar-vos limpos de todos os vossos pecados, diante de *Jehová* sereis purificados.'"

Eles põem as mãos debaixo do cordeiro, erguem-no até a altura de suas cabeças e oferecem-no ao Senhor como vítima de seus pecados. Assim, desde o tempo de Moisés, as vítimas prenunciavam Cristo erguido na cruz.[4] Descendo-o um pouco, eles "agitam-no" para o norte, sul, leste e oeste, fazendo com ele uma cruz, para prenunciar a Vítima do mundo crucificada. Essas duas cerimônias eram realizadas com todas as oferendas sacrificais do Templo e da páscoa judaica, e são ainda hoje continuadas na Missa, quando o celebrante oferece o pão e o vinho.

Em cima dos degraus da porta de Nicanor, que leva do átrio das mulheres subindo até o átrio de Israel, com suas grandes portas de bronze doadas pela família Scaramella de banqueiros de Alexandria, ora escancaradas, está de pé um coro de 500 levitas,

---

[1] Ver *Talmude* babilônico, *Páscoa*, 255.

[2] Ver *Palestine*; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 378; GEIKIE, *Life of Christ*, etc.

[3] Ver *Talmude* babilônico, pp. 119, 120, 155.

[4] Levít. IV, 15; XIV, 24; XVI, 21; III, 3-8; EDERSHEIM, *Temple*, 88, 92, 230.

paramentados de alvas brancas, presas com amplos cinturões, com mitra na cabeça e o Livro dos Salmos nas mãos. Seus filhos estão de pé a seu lado e muitos seguram flauta, trombeta, harpa e címbalos, enquanto do grande órgão com foles de pele de elefante irrompe a melodia, dentro do diapasão, e começam os homens a cantar o baixo, os moços o tenor, os meninos o soprano.

No átrio dos sacerdotes, estão de pé 500 sacerdotes da classe *abia* ("a oitava"), revestidos de ricos paramentos de tecido de ouro, bordados de branco, verde, violeta e vermelho, as cores sagradas do santuário do Senhor dos exércitos, que Deus mandou Moisés fazer para Aarão e seus filhos. Eles têm mitras na cabeça, as frontes circundadas por *tefilin*, filactérios no seu braço esquerdo perto do coração, com a correia amarrada em volta do braço sete vezes e circundando seus dois dedos, mas seus pés estão descalços, porque o solo onde Abraão ofereceu Isaac em sacrifício é santo.

Todos dão as costas para o oriente, para mofar dos pagãos adoradores do sol nascente, da lua e dos astros. Eles olham na direção do *Santo* e do *Santo dos Santos*, onde a *Shekiná*, o Espírito Santo, habitava antigamente, nos dias de seus pais. Ficam voltados para o ocidente, em espera, oração e expectativa pelo Messias, que estava predito a vir, acabar, lacrar e cumprir esses tipos sacrificais. Eles não sabiam disto, mas estavam voltados para aquele Calvário, trezentos metros a oeste, fora dos muros, onde no dia seguinte havia de morrer seu Salvador.

O sacerdote escalado para esta finalidade, revestido de vermelho, agora dá um passo à frente e, com uma faca sacrifical encastoada de pedras preciosas, corta a garganta do cordeiro. Duas longas fileiras de sacerdotes, paramentados de vestes vermelhas magnificamente bordadas de branco, verde, púrpura e vermelho, alinham-se desde o cordeiro no lado norte do grande altar até ao lado sul, os sacerdotes de uma fileira tendo em mãos cada qual um *kos* ou cálice de ouro, e os sacerdotes da outra fileira segurando cálices de prata. Nenhum *kos* tinha pedestal, de forma que não era possível depô-los, a fim de não coagular o sangue. O sacerdote mais próximo recolhe o sangue, que jorra da garganta ferida do cordeiro, dentro de seu *kos*, que ele segura com a mão direita; vira-se para trás, passa-o para a mão direita do sacerdote seguinte e dele pega o cálice vazio. Para assim fazer, cada um tem de cruzar os braços. O que recebe o cálice cheio vira-se para trás e, de igual maneira, entrega-o para o seguinte, destarte formando uma cruz com seus braços, tal como Jacó, prestes a morrer, abençoou os dois filhos de

José;[1] o sangue vai passando, por essa fileira de sacerdotes, até à passagem sul que sobe até o grande altar. Desse modo, a cerimônia prenunciava o sacrifício da cruz.

O último sacerdote das fileiras a receber o cálice dirige-se para o altar, subindo pela passagem inclinada no lado sul, atravessa a balaustrada e, sobre a córnua sudeste do altar, ele salpica o sangue de cima para baixo, depois outro salpico transversal. Ele faz o mesmo nas córnuas nordeste, noroeste e sudoeste — assim assinalam eles as quatro córnuas do grande altar, traçando uma cruz de sangue, para prenunciar a cruz do Calvário.[2]

Rapidamente eles executam o cerimonial que ensaiaram durante um mês, pois há milhares de cordeiros a sacrificar antes do pôr do sol. O cordeiro agora é pendurado num gancho da coluna de mármore, tendo a pele removida, tal como o Senhor no dia seguinte foi inclinado sobre uma coluna e teve a pele arrancada pelos açoites. As vísceras e a gordura são removidas, com a cauda salgada e queimada sobre o altar em oblação ao Senhor. O corpo do cordeiro é embrulhado na pele, Cristo toma-o novamente sobre os ombros, e eles saem, seus lugares sendo ocupados por outro grupo.

Durante essa cerimônia sacrifical, sobre os degraus da porta de Nicanor ficam de pé 500 levitas, que junto com os moços, e filhos da tribo, e com o povo, cantam o *Halel.*[3] Começam pelo hebraico *Halelu-ja*, que hoje pronunciamos *Aleluia* ("louvai a *Jehová*").

Os Levitas.	*Halelu Ja.*
O Povo.	*Halelu Ja.*
Os Levitas.	Louvai, ó servos de *Jehová.*
O Povo.	*Halelu Ja.*
Os Levitas.	Louvai o nome de *Jehová.*
O Povo.	*Halelu Ja.*
Os Levitas.	Quando Israel saiu do Egito.
O Povo.	Quando Israel saiu do Egito.
Os Levitas.	A casa de Jacó, do meio dum povo bárbaro.
O Povo.	Judá tornou-se o seu santuário, Israel o seu domínio, etc.

Assim eles cantaram até o fim o Salmo CXIII, depois o Salmo seguinte.

"Amei porque o Senhor há de ouvir a voz da minha oração", etc.[4]

[1] Gên. XLVIII, 14 a 19.
[2] EDERSHEIM, *Temple*, p. 88.
[3] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 373.
[4] Salmo CXIV.

"Acreditei, por isso falei:"
"Mas fui humilhado excessivamente", etc.[1]
"Oh, louvai ao Senhor, vós todas as nações", etc.[2]
"Dai louvor ao Senhor, porque ele é bom", etc.[3]

Ao chegaram eles ao vigésimo-quinto versículo deste salmo, suas palavras hebraicas, *Ahna Adonai hoshiahna* ("Ó Senhor, salva-me: Ó Senhor, dá prosperidade"), são exclamadas num *Hosana* com som clamoroso vindo dos coros dos sacerdotes, dos levitas e do povo. Essa palavra é cantada pelo coro em toda Missa solene, no *Sanctus*, antes de o "Cordeiro de Deus" ser sacrificado.

Os autores hebreus dizem-nos que era este o grande *Halel* egípcio, que diferia do *Halel* comum formado dos Salmos CXIX até CXXXV e salientava cinco verdades religiosas: a Libertação dos hebreus do Egito, a Passagem através do Mar Vermelho, a entrega da Lei no Sinai, a vinda do Messias e a ressurreição universal dos Mortos.

O Filho de Deus, carregando o cordeiro nos ombros, junto de seus apóstolos passa através do átrio das mulheres descendo os degraus da porta de Nicanor, descendo para o interior do *chel*, descendo e adentrando o *chol*. Pela última vez sai do Templo de seu Pai, que ele visitara e onde adorara tantas vezes desde que fora confirmado aos doze anos, com a imposição das mãos dos sacerdotes do Templo, quando ele debateu com os doutores.[4]

O Templo de Moriá ("*Jehová* provê"), cujo sacerdócio deveria ter formado os alicerces da Igreja dele, rejeitara-o e condenara-o à morte. O majestoso cerimonial do Santuário do Senhor, que o prefigurava, havia de ser completado e acabado, tornando-se as cerimônias da Igreja. Ora, o sacerdócio hebreu devia chegar ao fim, como os profetas tinham predito. Mas ele não ia deixar o mundo sem um corpo docente oficial, do contrário o mundo moderno teria sido inferior aos dias antigos.

Ele estava a ponto de fundar um sacerdócio que não havia de cessar como o de Aarão, que sacrificava vítimas agonizantes no Templo. O novo sacerdócio seria uma ordem eterna de sacerdotes, segundo aquela de Melquisedec, a oferecê-lo em sacrifício sob as formas do pão e do vinho, em meio às nações, até o fim.

---

[1] Salmo CXV.
[2] Salmo CXVI.
[3] Salmo CXVII.
[4] Lucas II, 42.

Uma grande ponte levava então de Moriá, com seu Templo, até aqueloutro e mais alto e santo monte, Sião, mencionado cento e setenta e uma vezes no Antigo Testamento. Os patriarcas, os profetas e os antigos videntes de Israel parecem esgotar as palavras predizendo o futuro glorioso de Sião, porque ali havia de ser celebrada a primeira Missa. São numerosos os textos escriturísticos dos profetas que prenunciam, com centenas de anos de antecedência, Cristo naquele dia, conduzindo seus apóstolos a Sião, para rezar a primeira Missa e ordená-los bispos, a fim de que eles se assentassem sobre seus tronos episcopais em meio aos pagãos. Citaremos somente dois textos.

> "O Senhor preparou o seu braço,
> Aos olhos de todos os gentios.
> Retirai-vos, saí daí,
> Não toqueis nenhuma coisa impura.
> Saí do meio dela.
> Estai puros, vós os que transportais
> Os vasos de *Jehová*.
> Porque *Jehová* irá adiante de vós,
> E o Senhor, o Deus de Israel,
> Vos ajuntará."[1]
>
> "Porque o Senhor escolheu Sião,
> Ele a escolheu para sua morada.
> Este é o meu repouso pelos séculos dos séculos;
> Aqui habitarei, porque eu a escolhi.
> Revestirei de salvação seus sacerdotes,
> E exultem de alegria os teus santos.
> O Senhor jurou a verdade a Davi,
> E ele não a tornará sem efeito.
> Um fruto do teu corpo porei sobre o teu trono.
> Os filhos deles para sempre se sentarão sobre o teu trono."[2]

Foi predita aí a Igreja dele, na qual o Príncipe da Casa de Davi permanece agora entronizado em nosso tabernáculo e sacrificado pelos sacerdotes segundo a ordem de Melquisedec, o sacerdócio patriarcal dos pais de nossa raça proveniente de Abel e de Adão.

O que Cristo fez quando o corpo sacerdotal do Templo o rejeitou? Ele remontou a antes do cerimonial do Templo e a antes do sacerdócio judaico até à páscoa patriarcal, e mudou-a no novo e

---

[1] Isaías LII, 10.
[2] Salmo CXXXI, 8-14.

eterno sacrifício. Ele não alicerçou sua Igreja e o corpo sacerdotal dela no Templo e no sacerdócio deste, porque estes haviam de se extinguir. A Missa com seu cerimonial vêm diretamente da antiga páscoa e só indiretamente do Templo, porque este último nada mais era que uma extensão, um desenvolvimento da páscoa antiga. Embora encontremos as cerimônias do Templo na Missa e em nosso cerimonial da Igreja, contudo fazemo-los remontar diretamente à Última Ceia, que Cristo e seus apóstolos celebraram naquela noite como páscoa hebraica.

Os apóstolos se perguntaram onde haviam de celebrar o festim, e enquanto cruzavam a grande ponte eles perguntam a Jesus: 'Onde queres tu que vamos fazer os preparativos para comer a páscoa?'[1] E ele disse a Pedro e João: 'Ide e preparai-nos a páscoa, para a comermos.' Eles, porém, disseram: 'Onde queres tu que a preparemos?' E disse-lhes ele: 'Eis que ao entrardes na cidade, sair-vos-á ao encontro um homem levando uma bilha de água, segui-o até a casa em que ele entrar, e falareis ao dono da casa, dizei a ele que o Mestre disse: 'O meu tempo está próximo. Vou celebrar a páscoa na tua casa, com meus discípulos.'[2] 'O Mestre te diz: 'Onde está a sala de convidados onde eu possa comer a páscoa junto com meus discípulos?' 'E ele vos mostrará uma grande sala de jantar mobiliada, e ali fazei-nos os preparativos.' E seus discípulos se puseram a caminho e entraram na cidade, e encontraram tudo como ele lhes dissera, e prepararam a páscoa."[3]

Eles atravessavam a ponte, quando Jesus enviou seus dois apóstolos principais à frente. Herodes Magno construíra essa ponte para substituir aquela que Salomão estendera através do vale do Tiropeon, que separa Moriá de Sião. No meio do vale lá embaixo, separando os montes sagrados dentro da Cidade Santa, corria então de norte a sul a Rua dos fabricantes de queijo, onde os fazendeiros reuniam-se às segundas, quintas e dias de festa, para vender seus produtos. A ponte era de pedra calcária amarela da Judeia, ficava a 38 metros acima da rua, era sustentada por arcos de 12 por 15 metros de largura a leste e a oeste, e a extensão da ponte, que era de 105 metros de comprimento, ligava Moriá e Sião, sua extremidade leste desembocando na parte sul da área do Templo. Algumas das pedras tinham de 6 a 12 metros de comprimento, pesando mais de 109 toneladas. O autor mediu uma das pedras postas por Salomão nas fundações do Templo, perto de onde terminava essa ponte, e

---

[1] Marcos XIV, 12.
[2] Mateus XXVI, 18.
[3] Lucas XXII, 11; Marcos XIV, 16.

verificou que ela tinha mais de 5 metros de comprimento e quase 1 metro de altura — até onde ela ia, adentrando a parede, ele não soube dizer.[1] A imposta oriental quebrada da ponte caída é hoje chamada de *arco de Robinson*.

Pedro e João correram na frente, atravessaram a ponte até a rua de Davi, viraram para o sul, passaram os palácios de Anás e Caifás e, perto da porta de Sião, encontraram o homem com a bilha de "água de preceito" para a páscoa hebraica. Esse homem, cujo nome não é dado por nenhum autor, tirara aquela água de um poço cavado bem fundo na pedra calcária, na extremidade leste de uma ponte que os sumos sacerdotes haviam estendido por sobre o veio do Cedron, um pouco ao sul do Getsêmani, onde o poço pode ser visto até hoje.

O homem trazia aquela água ao cenáculo, a fim de misturá-la com a farinha para fazer o bolo da páscoa judaica. Eles comunicaram-lhe a mensagem do Mestre, depois seguiram-no até o sepulcro de Davi e disseram ao guarda do cenáculo aquilo que o Senhor lhes tinha mandado dizer.

Jerusalém pertencia a todo o povo de Israel. A linha divisória entre as terras da tribo de Judá e as terras dos benjaminitas passava pelo centro do Templo e continuava em direção oeste até dividir o Calvário no exato lugar onde, no dia seguinte, foi plantada a cruz. Essa divisão visava a que nenhuma tribo pudesse reivindicar a Cidade Santa como propriedade sua. Daí que ninguém fosse dono de sua casa, em Jerusalém, porque ela pertencia a todas as tribos.[2] As famílias que moravam nas casas tinham somente o direito de ocupação. Estavam proibidas de alugar uma casa, e as moradias e terras eram distribuídas por sorteio. Na páscoa judaica, todas as casas estavam abertas aos estrangeiros, a ninguém se recusavam jamais uma cama e refeições nessa época do ano, e a hospitalidade era enorme durante os festins.[3] O homem que recusasse a um peregrino pascal judeu o uso de sua casa exporia a sua família à execração de toda a população.[4]

Ao célebre aposento que fica em cima dos sepulcros dos reis, os gregos chamavam *anageon*, os hebreus *aliyá*, que quer dizer "alto" ou "belo", e os romanos *cenáculo* ("o salão de banquetes"). O Evangelho grego de S. Lucas traz as palavras: "E ele mostrar-vos-á

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Temple*, p. 19.

[2] *Talmude*, *Yoma*, 12a.

[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, vol. II, 918, 1172, etc.

[4] EDERSHEIM, *Temple*, p. 17; *Life of Christ*, II, p. 484; Atos XII, 13; GEIKIE, *Life of Christ*, II, 116, 484, 578.

o grande cenáculo mobiliado, ali fazei os preparativos."[1] A palavra é *estromenon* ("mobiliado"), e são palavras que têm o mesmo sentido de quando falamos em "uma casa mobiliada" pronta para ser ocupada. O cenáculo ou sala superior tinha o *Bimá* ou santuário para os serviços sinagogais, a *Aron* ("arca") com os rolos sagrados, o cordeiro pendurado diante da Lei, as velas sobre a arca, o castiçal de sete ramos, o púlpito, a mesa no meio da sala, os divãs para reclinar-se e todas as coisas necessárias para a grande solenidade de Israel.

O cenáculo estava cheio de gente fazendo preparativos para a festa, e, conforme o costume, os dois apóstolos disseram ao entrar: *shalom lachem* ("A paz seja convosco"[2], ou: "A paz esteja com esta casa"), e as pessoas responderam: "Dilate-se o vosso coração". Este era o *marhaba* dos hebreus, o *alaik* do *Talmude*, o *salama* dos tempos antigos de Melquisedec e de Abraão, o nome com que este último chamou Sião: *Salém* ("Paz"), o cumprimento de amigos, como quando dizemos: "Como vai você?" Eles tinham por hábito cumprimentar-se uns aos outros com as palavras: "A paz seja convosco", como diz ao povo o bispo pontificante; ou com: "O Senhor esteja convosco", como o sacerdote diz sete vezes durante a Missa, enviando ao povo o Espírito Santo com seus dons septiformes[3] — saudações estas que remontam, quanto ao sentido ao menos, aos dias em que o grande sumo sacerdote Melquisedec fundou Jerusalém.

Ao guardião do cenáculo os apóstolos comunicaram a mensagem do Mestre. Cristo era Príncipe da Casa de Davi, herdeiro dos grandes reis que dormiam nos sepulcros rochosos subjacentes, e o palácio pertencia à sua família. Através de sua Mãe ele era representante direto da família real de Davi, tinha o mais alto título ao edifício, e foi por essa razão que o cenáculo lhe foi entregue, para ali celebrar o festim pascal com seus apóstolos.

Todos no local se reúnem ao redor dos dois apóstolos, pois neste dia da páscoa hebraica os de fora recebiam maiores honras do que o senhor da casa. Fazia dias que eles vinham efetuando preparativos para o grande banquete. Haviam limpado e lavado os pisos do grande salão do cenáculo, onde as festas e o *shabat* da sinagoga eram celebrados desde que Herodes construíra a grande sala, em cima dos sepulcros dos famosos reis de Judá. Pedro e João, seguindo as palavras de seu Mestre: "E ali fazei-nos os

[1] Lucas XXII, 12.
[2] Juízes XIX, 20.
[3] Isaías II, 2.

preparativos",[1] puseram-se a trabalhar, ajudando nas preparações para a páscoa judaica.[2]

O Mestre, com seus dez apóstolos ao seu redor, em pouco tempo chegou com o cordeiro sacrificado e esfolado, enrolado na própria pele, trazendo-o sobre seus ombros, enquanto os outros transportavam farinha, vinho, ervas amargas, sal, vinagre, maçãs, castanhas, amêndoas, as velas e coisas necessárias para o festim. À porta, o Senhor entregou ao guardião do cenáculo a pele do cordeiro, conforme o costume.[3]

Eles puseram o cordeiro sobre uma mesa e introduziram uma vara de romãzeira, chamada *mechna*,[4] penetrando o corpo dele, passando ao longo da espinha e atravessando os tendões de sua pata traseira. Com cuidado eles abrem o peito, como os açougueiros fazem às vezes, e inserem outra vara da mesma madeira nos tendões e ossinhos da pata dianteira, escancarando o corpo, para assar melhor.[5]

Eles tomam muito cuidado de não quebrar nenhum osso, ou serão punidos com trinta e nove chibatadas.[6] Foi dessa maneira que o cordeiro foi crucificado através das eras, desde os dias de Moisés, para profetizar o corpo do Cristo crucificado e morto, suspenso pelos pregos que atravessaram seus pés e mãos. Os judeus, não querendo ver um símbolo tão chamativo do Cristo morto, deixaram de fora do *Talmude* esses detalhes. Mas os autores antigos mencionam o cordeiro crucificado e o modo como era preparado.

Cuidadosamente eles carregam o cordeiro para fora até o quintal e põem-no dentro do forno de cerâmica, que tinha o formato de uma vetusta colmeia redonda e estava cheio de brasas incandescentes. Eles deitaram completamente o cordeiro em sua cruz, porque Jesus no dia seguinte ficou inteiramente pendurado pelos pregos. Se alguma parte do cordeiro tocava os lados ou a porta do forno, era cortada fora como contaminada de impureza.[7]

Um deles ficou ao lado e ia virando o cordeiro, para a carne ficar bem assada. O fogo penetra todas as partes, assim como o fogo do Espírito Santo preencheu Cristo, inspirando nele o amor por toda

---

[1] Lucas XXII, 12; Marcos XIV, 15.

[2] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 132 a 207; II, 434 a 475, etc.

[3] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, 492-505, para a descrição da Última Ceia.

[4] *Talmude*, *Pesahím*, VII, 12.

[5] JUSTINO MÁRTIR, *Dialog. cum Trypho.*, *Maimon.*, etc.; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 206, etc.

[6] Êxod. XII, 46.

[7] Êxod. XII, 9; II Parap. XXXV, 13, etc.

a raça humana, impelindo-o a morrer pela nossa salvação. O cordeiro esfolado e assado parecia-se, quando pronto, com o corpo morto de Cristo, sua pele rasgada pelos açoites, suas feridas amarelecidas de soro ressequido. Ao jazer morto, seu corpo aparentava ter sido assado. Desse modo a vítima da páscoa judaica foi preparada, sacrificada, esfolada, crucificada, assada e consumida através dos tempos, para prefigurar o Senhor condenado à morte, preso, flagelado, crucificado e tomado como alimento na Eucaristia.

Com a “água de preceito” que o homem tirara do poço profundo no vale do Cedron, as mulheres misturam a farinha, fazendo uma massa que chamam de *matzôt*. Elas passam o rolo na massa, deixando-a o mais fina possível, formando com ela quatro bolinhos chamados *ashishah*, cada qual grande como um travessa de jantar. Elas imprimem neles, com os dedos, cinco furos, *halot*; segundo pensavam, para fazê-los assar melhor, sem saber que prenunciavam as cinco chagas no corpo do Senhor quando estava morto.[1]

Talvez essas cinco marcas de dedo nos bolos da páscoa judaica deem origem às figuras em nossas hóstias. Os melhores exemplos que vemos hoje desses bolos ázimos são as hóstias nas igrejas de rito latino. Os bis-coitos (“cozidos duas vezes”), as bolachas, etc., são feitos de modo mais ou menos semelhante ao pão ázimo e têm desenhos como esses bolos antigos.

Eles preparam as três mesas e suas guarnições, pois três toalhas de mesa eram estendidas sobre a mesa transversal, com suas pontas escorrendo até o chão, como se veem escorrer para baixo as pontas daquela, dentre as três toalhas de altar, que fica por cima.

Eles aprontam os castiçais para as velas de cera de abelha, porque nunca se celebravam serviços religiosos em Israel sem essas velas, para lembrá-los do Messias, predito a vir iluminá-los com os seus ensinamentos. Alguns, sem se aprofundar nos ritos judaicos, pensam que as velas sobre nossos altares vieram das Catacumbas. Mas os primeiros cristãos de Roma, quando usavam os sepulcros dos mártires como altares, punham velas sobre estes porque era o costume na páscoa judaica e por terem sido usadas na Última Ceia.

Depois de assados os quatro bolos, são untados com óleo de oliva em forma de cruz grega, segundo o costume antigo, para torná-los emblemáticos do esperado Messias, palavra hebraica para “o Ungido”, em grego “o Cristo”. Esses bolos eram feitos em geral um dia antes, cada um dos quatro bolos sendo chamado de *kikar* (“círculo”). Um dos bolos, de nome *halá* (“dízimo da massa”) ou *matanot*, eles

[1] MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, II, 1335, 1045.

enviavam aos sacerdotes do Templo, como oferta. Os outros três bolos eles afumavam com incenso,[1] para representar o corpo do Senhor, preparado com incenso para o sepulcro.

Eles misturam salva, uvas passas, castanhas, figos, maçãs, vinagre, etc., que socam num pilão até formar uma espécie de salada, a que eles chamavam *harósset*, para lembrá-los da argamassa que seus ancestrais foram forçados a fazer no Egito, sob o mando dos faraós. É dessa maneira que o prato é preparado em nossos dias. Eles também usavam ovos, *ziz-sadai*, e carne, para lembrar-lhes o *leviatã*, "o elefante", e o *beemot.*[2] Muitas estranhas ficções traz o *Talmude* sobre esses animais.[3]

Eles preparam os divãs ao redor das mesas para os membros do "grupo", chamados *mezavim* ("os reclinadores"), e aprontam todas as coisas necessárias para este grande festim de Israel, de que Moisés escreveu: "A manteiga das vacas, e o leite das ovelhas, com a gordura dos cordeiros, e dos carneiros, das manadas de Basan, e dos cabritos, com a medula do trigo, e para que bebesses o mais puro sangue da uva."[4]

Sobre a mesa eles põem lâmpadas de terracota[5] e velas de cera de abelha, porque o banquete acontece à noite, e precisam ter luz para ler as palavras do *Séder* ("seção") pascal. Eles decoram a mesa com vasos de flores, o que se perpetua até hoje nas velas e decorações de nossos altares.[6] Dois jarros, um de vinho, outro de água, ficam numa mesinha, à esquerda do lugar do Mestre, mas à tua direita, porque o Mestre ficou voltado para a assembleia, estando essa mesa ali em memória da mesa de ouro no *Santo* do Templo, sobre a qual repousavam os doze bolos e os doze jarros de ouro do vinho da proposição.

Eles enfeitam as paredes do cenáculo com arcos verdes, ramos de palmeira e cortinas suntuosas, em recordação dos treze véus do Templo. Sobre o piso, estendem raros tapetinhos da Pérsia, e com tapetes cobrem o piso de pedra.[7] Preparam a mesa com os *bachelim naim* ("belos vasos" ou "vasilhas"), mas à frente do lugar do Mestre há uma grande travessa para os três bolos, e outra para a *harósset.*

---

[1] EDERSHEIM, *Temple*, 333; ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. 4, nota.

[2] Jó III, 8; XL, 20; Isaías XXVII, 1, etc.

[3] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 873-1071.

[4] Deut. XXXII, 14.

[5] MIGNE, *Cursus Completus S. Scripturæ*, III, 1061.

[6] MIGNE, *Cursus Compl. S. Scripturæ*, III, 806.

[7] ZANOLINI, *De Festis Jud.*, c. 4, p. 41.

"Com o fogo da lâmpada perpétua, que ficava suspensa diante dos rolos santos — o Pentateuco, chamado *Torá* ("a Lei") pelos judeus —, eles acendem as lâmpadas do candelabro de sete braços, no *Bimá*, as velas sobre a mesa e as outras velas à volta do aposento. Eis a razão pela qual ardem velas nas paredes de uma igreja, durante as cerimônias de sua dedicação.[1] Eles acendem cada vela com as palavras:

"Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e que nos mandaste acender as luzes do festival."

Quantas velas eles acenderam? Depois do pôr do sol, toda sexta-feira na véspera do *shabat*, e na páscoa judaica, eles acendiam seis candeias ou velas. A cada candeia ou vela, eles estendiam as mãos e rezavam pelo repouso das almas dos mortos. Os judeus daquele tempo criam piamente que, enquanto ardessem as velas do *shabat* e da festa, Deus permitiria às almas no purgatório refrigerar-se em água fria, nela permanecendo enquanto as velas ardessem.[2] Logo, concluímos nós que seis velas de cera ardiam na Última Ceia, as quais se prolongam nas seis velas da Missa solene e pontifical.

As mulheres acendiam as lâmpadas e as velas naquele tempo, porque, como dizem os judeus, os homens estavam ocupados com os preparativos fora de casa, enquanto as mulheres faziam os preparativos dentro de casa. Eles dão uma outra razão esquisita, que o leitor pode aceitar ou não. Quando Eva ofereceu a maçã a Adão e ele recusou-se a comer, ela o golpeou e espancou a bastonadas, até ele concordar em comer do fruto proibido, que trouxe tantas e tamanhas desgraças à raça humana. Por conseguinte, as mulheres tinham de acender os lumes, como sinal do profetizado Germe da mulher, que devia vir para iluminar o mundo com seus ensinamentos.[3] As mulheres cobriam a mesa com suas três toalhas de linho, os cálices e as travessas. Numa travessa elas punham os três bolos de pão ázimo, um em memória do maná de seus pais, o segundo para lembrar-lhes a dupla porção que caía no *shabat*, e o terceiro para o banquete pascal.[4]

De acordo com o costume imemorial copiado do Templo, cada um tomava um banho antes de começar a páscoa judaica. O banho era emblemático da inocência de alma, necessária para tomar como

---

[1] EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 165, 445, etc.

[2] ZANOLINI, *Disp. et Sectis Jud.*, Cap. I, em Nota.

[3] ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. I, nota 4. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 150 a 160.

[4] *Ibidem*, nota 3.

alimento o Cordeiro na Comunhão, e era profético do batismo cristão. Os *rabis* daquele tempo praticavam três tipos de banhos: para o "banho do deserto", usando cinco galões e meio de água; tomando o "banho de Jerusalém" com oito galões e meio; e o de Séforis ("o banho legal"), às vezes, com até sessenta galões. Jarros de pedra, chamados *metretas*, que a bíblia *King James* traduz como "barris", continham a água.[1]

Foi por essa razão que Jesus disse na Ceia: "Aquele que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, pois todo ele está limpo: e vós estais limpos, mas não todos. Porque ele sabia qual era o que o ia entregar."[2] Os pés deles tinham ficado sujos de andar pelo piso, e, com um jogo de palavras, Cristo aplicou o banho à inocência de alma que todos eles tinham, exceto Judas com o assassinato em mente, porque fizera um acordo com os sacerdotes para entregar-lhes seu Mestre, para que nele infligissem uma morte horrível.

A páscoa hebraica tinha início *ben ha-arbaim* ("entre as duas vésperas"), conforme as palavras de Deus a Moisés determinando o lugar e a hora: "No lugar que o Senhor escolherá para que o seu nome ali habite, imolarás a páscoa de tarde, ao pôr do sol, tempo em que foste agraciado com a tua saída do Egito."[3] O hebraico diz "entre as duas vésperas".

Qual o significado de "primeiras" e "segundas" vésperas? Os judeus daquele tempo chamavam a tarde — isto é, depois das três horas da tarde, hora em que o cordeiro era sacrificado — de "primeiras vésperas", e no nosso Evangelho essas palavras são traduzidas como "ao entardecer" ou "ao cair da tarde"[4]. Durante essas "primeiras vésperas", o Senhor alimentou a multidão com pães e peixes milagrosos, e nas "segundas vésperas" ele saiu para rezar. Discordam os autores acerca da hora exata em que as "segundas" vésperas tinham início, mas a opinião mais provável é a do *rabi* Aben Esra, citado no *Talmude*, de que era entre o declinar do sol e a escuridão, ou seja, no crepúsculo, que essas segundas vésperas tinham início. Na primeira noite de páscoa, portanto quando a escuridão caiu sobre a terra, os judeus deram início às orações pascais nas sinagogas no tempo de Cristo. Os judeus de nossos dias não começam a páscoa judaica enquanto não escurece. Vejamos agora essas orações e cerimônias no cenáculo.

---

[1] João II, 6.
[2] João XIII, 10, 11.
[3] Deut. XVI, 5, 6.
[4] Mateus XIV, 15-23.

XI.— AS CERIMÔNIAS E ORAÇÕES DA PRIMEIRA MISSA ATÉ O FIM DO PREFÁCIO.

NA torre alta na extremidade sudeste da área sagrada, está de pé agora o principal *hazan*, ou porteiro-chefe, do Templo, com uma trombeta de prata nas mãos, observando o sol que declina detrás dos morros ocidentais.

Fitando o céu atentamente, ao avistar a primeira estrela ele toca com força a trombeta, toque este emblemático da vinda do esperado Messias, e todo o povo no campo parte em direção da cidade. Ao avistar a segunda estrela, ele toca novamente, este som significando a providência com que Deus rege o mundo, e todo o povo vai para casa. Ao avistar a terceira estrela, ele soa novamente a trombeta, para lembrá-los do clangor do Juízo Final, e então começou a páscoa judaica, "entre as duas vésperas".

Assim, ao escurecer, eles deram início aos serviços sinagogais, às orações vespertinas, com salmo, petição, versículo e resposta, à leitura do Antigo Testamento relativa à festa — às funções que descrevemos já, quando tratamos da sinagoga.

Aos sábados, segundas e quintas-feiras eles celebravam essas funções com devoções especiais, no Templo e na sinagoga, e estas se prolongavam de maneira que a páscoa judaica durasse até perto da meia-noite.[1] Este ano, a páscoa caiu na Quinta-Feira e, portanto, eles tiveram devoções especiais com o inteiro serviço sinagogal.

O *hazan* do Templo, na época chamado *shazan*, foi o primeiro a ver a estrela vespertina, que os gregos chamavam de *Hesperos*, os romanos de Vênus, ou qualquer astro brilhante, e aquela hora eles chamavam de "vésperas" ("tarde"); foi dessa hora de oração do Templo que veio o ofício de vésperas da Igreja Católica.

Nas errâncias pelo deserto, o chifre de carneiro usado como trompa convocava o povo às orações, mas com o passar do tempo

---

[1] *Talmude*, *Berakhot*, XII, 2, etc.

foi substituído pela trombeta de prata, e todas as funções do Templo eram reguladas pelo som da trombeta. Lemos no *Talmude* babilônico o seguinte:[1]

"*Mishná*: No Templo, eles nunca tocavam a trombeta menos de vinte e uma vezes por dia, nem mais de quarenta e oito vezes. Eles tocavam a trombeta diariamente vinte e uma vezes, três vezes ao abrir das portas, nove vezes quando do sacrifício diário matutino, e nove vezes por ocasião do sacrifício diário vespertino. Quando se traziam sacrifícios adicionais, eles tocavam nove vezes mais. Em véspera de *shabat*, eles tocavam seis vezes mais, três vezes para proibir as pessoas de fazer trabalhos e três vezes para separar o dia santo do dia de trabalho. Mas na véspera do *shabat* ou durante um festival eles tocavam quarenta e oito vezes: três vezes à abertura das portas, três vezes ante a porta de cima, três vezes ante a porta inferior, três vezes na retirada e transporte da água, três vezes sobre o altar, nove vezes no sacrifício matinal cotidiano, nove vezes no sacrifício vespertino cotidiano, nove vezes nos sacrifícios adicionais, três vezes para proibir as pessoas de fazer trabalhos e três vezes para separar o dia santo do dia de trabalho."

Fizemos essa citação para mostrar como o som da trombeta, ressoando da torre do Templo sobre a cidade sagrada, regulava os movimentos dos preparativos para a páscoa judaica. Foi dessa maneira que os sacerdotes notificaram as multidões, na tarde daquela Quinta-Feira, de que estavam prontos para sacrificar os cordeiros pascais. O clangor soou de novo, pela última vez naquele entardecer ("entre as duas vésperas"), quando os vigias avistaram a terceira estrela.

Naquele momento, Cristo com seus apóstolos, os discípulos e as multidões que o seguiam subiram os degraus de pedra, do lado de fora, que levam até ao cenáculo, caminharam sobre o terraço de pedra do edifício contíguo, viraram à esquerda e entraram na sala histórica sagrada. Transpondo a porta, cada um toca na *mezuzá*, o pequeno estojo pendurado no batente direito da porta.[2] Cada um recita a seguinte oração, escrita no pergaminho embutido:

"Que o Senhor conserve tua entrada e saída daqui por diante e para sempre."[3]

Eles sempre recitavam essa prece ao entrar no Templo ou na sinagoga, para lembrá-los do sangue do cordeiro pascal sobre as

---

[1] Tratado *Suká* ("tenda"), 85.

[2] Deut. IV, 9; XI, 13-21; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 76; o *Talmude*, JOSEFO, etc.

[3] Salmo CXX, 8.

ombreiras das portas de seus ancestrais, na noite em que os hebreus foram libertados da escravidão egípcia, quando tornaram-se uma nação, mediante o sacrifício do cordeiro pascal. Os cristãos tocam na água benta à porta da igreja e fazem o sinal da cruz ou se persignam, recitando uma oração, para lembrá-los de sua libertação, por meio do batismo, da servidão do demônio.

Eles passam pela mesa preparada no meio da sala e andam em direção ao *Bimá* ou santuário, onde se devem celebrar os serviços sinagogais. De acordo com o costume do Templo, o menor em dignidade vai primeiro, depois os outros conforme o escalão, vindo por último o Príncipe da Casa de Davi. Dessa procissão judaica adveio o costume, que se acha em todos os ritos cristãos, de o mínimo em dignidade marchar na frente, e o maior ou o celebrante vir por último.

O cordeiro imolado de Abel e dos patriarcas antediluvianos, os sacrifícios feitos por Abraão, Isaac e Jacó, os rios de sangue que tingiram de vermelho o Templo, o cerimonial da sinagoga, os sentidos místicos da religião hebraica e as palavras proféticas dos grandes homens do Antigo Testamento estão todos prestes a ser cumpridos, consumados e realizados na horrenda Tragédia do Calvário, no dia seguinte. Então o Templo terá cumprido sua missão, e dentro de trinta e seis anos Tito e seus exércitos romanos tomarão a cidade e destruirão aquele santuário.[1] Mas, por providência de Deus, o cerimonial do Templo com todos os seus ritos simbólicos havia sido introduzido na sinagoga, e Cristo estava a ponto de imprimir seu sinete sagrado, a sanção de sua divindade, nesses ritos do Templo e da sinagoga e incorporá-los ao cerimonial perpétuo do Sacrifício Eucarístico. Daí que, embora o edifício do Templo tenha deixado de existir, seu impressionante e imponente cerimonial nos foi legado de duas formas, uma na sinagoga e outra na Missa. As cerimônias do Templo estavam prenhes de tipos, imagens e figuras do Messias, esperado por tão longo tempo — cada gesto de seus ministros e cada objeto falavam d'Ele, que estava por vir, assim como hoje na Missa todas as cerimônias e objetos nos mostram que ele veio e realizou-os.

Eles começaram a páscoa judaica com o serviço sinagogal, Cristo atuando como *rabi* ou presidente da assembleia. As palavras da liturgia eram entoadas em forma de cântico, resposta, versículo e oração, como na Igreja primitiva,[2] quando havia em cada cidade

---

[1] Daniel IX; JOSEFO, *Guerr. jud.*, VI, 4, 5.
[2] S. AGOSTINHO, IX. *De Decim Chor.*

um bispo com seus doze sacerdotes, imagens de Cristo com seus doze apóstolos na Última Ceia.

"Sem dúvida", diz S. Agostinho, "que há de ser feito especialmente o que pode ser provado pelas Escrituras, como o canto de hinos e de salmos, porque temos os documentos, o exemplo e os preceitos do Senhor a respeito dessas coisas."[1]

Numerosas citações dos Padres e dos escritores dos primórdios da Igreja mostram que a Missa sempre foi cantada pelo bispo e pelos sacerdotes. Tempos depois, quando os cristãos tinham já se multiplicado, um sacerdote foi posto à testa de uma igreja como pastor. Não tendo muitas vezes ministro nenhum para ajudá-lo, prevaleceu o costume de celebrar Missa rezada.

A Última Ceia foi, portanto, uma Missa solene pontifical com Cristo como Celebrante, servido pelos apóstolos. Hoje, quando o bispo pontifica com seus ministros, com o coro e o clero a lhe servir, ele reza Missa mais consoante a Última Ceia do que quando o sacerdote celebra uma Missa rezada. Desse modo, os bispos preservaram melhor os costumes e ritos da Igreja primitiva.

Quando o bispo pontifica rodeado de seus ministros, por todos servido, quando todo o cerimonial exterior parece referir-se a ele, quando suas honras visam elevá-lo às dignidades mais altas que possam ser concedidas a um simples homem, retorne o leitor em pensamento àquele cenáculo, àquela noite que estamos a descrever, quando o Celebrante da Missa era o Verbo Encarnado. Ali todo o cerimonial da Missa encontra sua origem e sua plenitude.

Como Deus opera no vértice, assim Cristo rezou a primeira Missa não como simples sacerdote, mas como "o Pastor e Bispo de nossas almas"[2]. Ele pontificou como Bispo, naquela noite, e sagrou bispos os apóstolos, para que rezassem junto com ele a Missa e para que sagrassem bispos nas igrejas que haviam de implantar.

Quando eles saíram para o meio das nações, quando formaram grupos de convertidos, eles sagraram bispos e puseram um à testa de cada igreja. Logo, nos primeiros tempos, toda igreja tinha um bispo. Estes ordenavam doze sacerdotes, formando o presbitério da diocese, imagem do colégio apostólico, e mais tarde esses sacerdotes tornaram-se o capítulo da catedral. Quando foi que o sacerdócio se destacou do episcopado, não descobrimos. Mas, séculos depois, os monges foram ordenados sacerdotes.

---

[1] *Opera omnia*, edição de Mellier, Paris, 1850, vol. 28, p. 521.

[2] I Pedro II, 25.

S. Agostinho diz que Cristo na páscoa celebrou as orações vespertinas do primeiro dia dos ázimos.[1] Era este o serviço sinagogal, que vamos citar.

O próprio Senhor revelou o lugar mesmo da Última Ceia, o monte Sião, e as graças da Comunhão, o alimento espiritual das almas no meio das nações. Isaías, o maior profeta de Israel, enunciou estas palavras: "E o Senhor dos exércitos fará para todos os povos nesta montanha um banquete de carnes gordas, um banquete de vinho, de carnes gordas cheias de medula, e vinho depurado das borras."[2]

Os grilhões dos erros gentílicos, a escravidão dos sacrifícios idolátricos ele destruirá, a Missa tomará o lugar do culto pagão, diz o profeta no versículo seguinte: "E ele destruirá nesta montanha a presença do laço com que todos os povos estavam ligados, e a teia que o demônio iniciou sobre todas as nações. Ele derrubará a morte para sempre" etc.[3]

Agora penetremos no sentido profundo desta profecia.

A palavra que Isaías emprega para montanha é *har* ("um outeiro"); a palavra traduzida como "Senhor" é *Jehová*, e a vertida como "exércitos" é *saba* ("vida militar", "serviço militar", "um exército disciplinado"). A palavra traduzida como banquete é *mishteh* ("libação", "festim"), banquete este com pão e vinho, os elementos da Última Ceia e da Missa. O vocábulo traduzido como "morte", a qual "ele derrubará para sempre",[4] é o hebraico *muth* ("morte violenta", "assassinato",[5] que o demônio introduziu na humanidade, por causa do pecado de Adão); é a palavra que Deus utilizou quando proibiu sob pena de morte que nossos primeiros pais comessem do fruto proibido.[6] A palavra hebraica traduzida como "vitória" é *netsach* ("proeminência", "preeminência"), prenunciando o poder do Príncipe da Paz profetizado, que estava prestes a celebrar a Última Ceia.

A primeira parte da Última Ceia, isto é, as orações sinagogais, teve lugar no interior do *Bimá* (o "presbitério" ou "santuário"); este nome ainda é usado pelos cristãos gregos e orientais, para designar o santuário. A este santuário do cenáculo se tinha acesso por degraus, assim como degraus sobem até a grade de altar numa igreja. Quantos degraus havia? Não sabemos. O *Bimá* do cenáculo é hoje

---

[1] *Ibidem*, t. 41, p. 242.
[2] Isaías XXV, 6.
[3] Isaías XXV, 7, 8.
[4] *Ibidem*, 8.
[5] Núm. XXXV, 31.
[6] Gên. III, 3, 4.

quase um metro mais alto do que o piso da nave. S. Agostinho usa duas vezes a palavra *Bimá* para designar o santuário. Aos maniqueus, escreveu ele: "Eu costumava perguntar-vos, naqueles tempos, por que razão vocês tinham por hábito comemorar a Paixão do Senhor em quase toda parte com uma celebração morna ou quase inexistente, sem vigílias, sem longos jejuns, sem nenhuma solenidade festiva, ao passo que no dia em que foi morto Maniqueu o vosso *Bimá*, ao qual se chega por cinco degraus, é enfeitado com linhos preciosos colocados diante dos adoradores, onde vocês manifestam a ele tantas honras."[1]

O Salvador e seus apóstolos entram no santuário, para a celebração das orações vespertinas prescritas para antes da ceia pascal. Os setenta e dois discípulos e os convertidos do Senhor reúnem-se na nave do cenáculo, a fim de tomar parte nas funções, antes de se separarem em "grupos" para celebrar o banquete.

Precisamos nos lembrar de que a Igreja judaica, com seu Templo e sinagoga, seu Antigo Testamento, seus ritos religiosos que vêm desde Moisés e os patriarcas, suas tradições e o único culto puro de adoração a Deus em meio aos ritos pagãos, era a verdadeira esposa de Jesus Cristo.[2] Os sacramentais da Igreja judaica que descrevemos não comunicavam por si mesmos a graça. Eram somente imagens das glórias e das graças maiores que estavam preditas dos sacramentos cristãos. Esses sacramentais hebreus Cristo elevou a serem matéria dos sete sacramentos da Nova Lei. A graça e a salvação do povo hebreu dependiam das piedosas disposições dos adoradores (*ex opere operantis*), enquanto que os sacramentos da Igreja produzem por si mesmos os seus efeitos na alma se o recebedor não puser nenhum obstáculo (*ex opere operato*).

O *Talmude* refere o horário, as orações e o cerimonial da páscoa judaica antes de eles tomarem assento à mesa.[3] Eles sempre começavam a páscoa com as orações sinagogais. Era quinta-feira, quando funções especiais se celebravam em todas as sinagogas; era a tarde da páscoa judaica; era a hora das devoções especiais em todos os domínios da judiaria, quando cada grupo de judeus tinha seu próprio dirigente, que presidia aos serviços.

Vejamos como o Filho de Deus, o Verbo que se fez carne, a *Memra*, o *Logos*, a "Sabedoria", celebrou a primeira parte da Missa. Estava previsto — isto conforme o costume da sinagoga de seu

---

[1] S. AGOSTINHO, *Contra Epist. Manichæi*, L. I, n. IX.

[2] S. TOMÁS, III, q. 8, Art. 5 ad 3, etc.

[3] *Berakhot*; *Palestine in the Time of Christ*, p. 386; GEIKIE, *Life of Christ*, I, p. 204; EDERSHEIM, *Life of Christ*; *Talmude*, *Meguilá*, etc.

tempo, tal como fazem ainda hoje os judeus — que ele escalaria sete homens para ajudá-lo com o cerimonial.

"A Sabedoria edificou para si uma casa, talhou sete colunas. Imolou as suas vítimas, misturou seu vinho e dispôs sua mesa. Enviou suas criadas para convidar à torre, e às mansões da cidade: 'Todo o que é pequenino venha a mim.' E aos insensatos disse: 'Vinde e comei do meu pão, e bebei do vinho que preparei.'"[1]

Qual era a casa que a Sabedoria, o Verbo Divino, havia de "edificar", senão a Igreja universal? Quais eram as vítimas que ele havia "imolado", senão o cordeiro pascal que estava então assando no forno? Qual era a "torre" predita, senão o cenáculo, que se elevava nos vértices de Sião? Quais eram "o pão e o vinho" preditos, senão aqueles que descrevemos?

Cristo, portanto, agindo como *rabi* prestes a presidir ao serviço sinagogal, escolheu sete homens para assisti-lo. Quem foram estes? A história não diz palavra. Pedro, o líder do grupo apostólico, a quem, depois da ressurreição, o Senhor deu plenos poderes para apascentar e governar seus cordeiros e suas ovelhas, como nos diz o Evangelho no grego original,[2] serviu-lhe talvez à sua direita. Tiago e João eram sacerdotes do Templo. O sacerdote sempre recebia o lugar de honra na sinagoga, eles talvez ficaram de pé à direita e à esquerda do Senhor. Quem foram os que fizeram as vezes dos dois diáconos de honra e dos dois mestres de cerimônia? Não sabemos. Parece que esses sete ministros da sinagoga eram figuras típicas — ou estiveram na origem — do sacerdote assistente, do diácono, do subdiácono, dos diáconos de honra e dos mestres de cerimônia da Missa pontifical. Só propomos isso como sugestão, visto que esses ministrantes se encontram em todos os ritos quando o bispo pontifica, assim como na Igreja primitiva o arcipreste, o arquidiácono e o subdiácono-chefe — "colunas" da diocese — serviam ao bispo quando este rezava Missa.

Muitas vezes o banquete era celebrado na nave do edifício da sinagoga, ou então num aposento anexo, mas nunca no santuário mesmo. O santuário do cenáculo era um lugar cercado, separado da sala maior por uma cancela, copiada da balaustrada do Templo que separava o *Santo* do átrio dos sacerdotes. Neste santuário se fizeram as orações, depois das quais eles reclinaram-se às mesas, dispostas na grande sala chamada cenáculo, sendo o arranjo semelhante ao de uma igreja com seu santuário.

---

[1] Prov. IX, 1-5.
[2] João XXI, 15-17.

Primeiro eles meditam silenciosamente na lei relativa aos *tefilin*, chamados pelos gregos de *filactérios*,[1] cada um dizendo: "Ele mandou-nos pôr os *tefilin* sobre a mão, como memorial do Seu braço estendido; defronte ao coração, para assinalar o dever de submeter os anseios e intentos do nosso coração ao Seu serviço, bendito seja Ele; e sobre a cabeça, defronte ao cérebro, ensinando por esse meio que a mente, cuja sede é o cérebro, juntamente com todos os sentidos e as faculdades devem ser subordinados aos Seus serviços, bendito seja Ele, etc."

Cada um deles põe no braço um de seus *tefilin*, dizendo: "Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e nos mandaste pôr os *tefilin*." Ao enrolarem a *retsuá* ("tira de couro") em volta do braço e dos dedos, eles dizem:

"E eu te esposarei para sempre comigo, sim, comigo te esposarei em justiça, e em juízo, e em amorosa complacência, e em misericórdia, e mesmo te esposarei comigo na fidelidade, e conhecerás o Senhor." E, ao pôr um dos *tefilin* na testa:

"Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e nos deste um mandamento concernente ao preceito dos *tefilin*. Bendito seja o nome d'Ele, cujo reino glorioso é pelos séculos dos séculos."

Eles meditam sobre o mistério do *talit* ("xale de oração"), dizendo cada um, em voz baixa:

"Aqui estou eu, envolvendo-me neste manto franjado, em cumprimento do preceito do meu Criador, como está escrito na Lei: 'Farás cordõezinhos na borda, nos quatro cantos do teu manto.'[2] E, tal como me cubro com o *talit* neste mundo, assim mereça minha alma ser revestida de uma formosa vestidura espiritual no mundo futuro, no jardim do Éden, Amém." Ao pô-lo, eles dizem: "Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do universo, que nos santificaste com teus mandamentos, e mandaste-nos revestirmo-nos da veste franjada."

Eles primeiro puseram o *talit* sobre a cabeça, depois deixaram-no cair sobre os ombros, do mesmo jeito que o celebrante veste o amito. Os judeus até hoje põem os xales de oração dessa maneira.

A crença comum na época era que quando o Messias viesse ele reuniria os patriarcas e todos os membros do povo judeu para um

---

[1] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 181, 214; II, 121, 293. Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 277; Mateus XXIII, 5; Lucas VIII, 44; Núm. XV, 38; Deut. XXII, 12; *Palestine*, 397; *Sketches*, 221 a 224, etc.

[2] Deut. XXII, 12.

grande festim que fora predito pelo profeta: "E o Senhor dos exércitos fará para todos os povos, sobre esta montanha, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinho, de carnes gordas cheias de medula, e vinho depurado das borras."[1]

Os rabinos cultivavam as ideias mais exageradas e extravagantes acerca dessas palavras que profetizavam a Última Ceia. Todos os animais utilizados como alimento estariam ali presentes. E o Leviatã,[2] e também o Beemot,[3] mais o gigantesco pássaro Yokni.[4] E o vinho que o Messias usará será feito de uvas conservadas desde as origens do mundo.

Dos dias dos profetas proveio uma tradição, que se cristalizou nos escritos judaicos do tempo de Cristo, de que o Messias se paramentaria com sete vestes cerimoniais: a primeira, de honra e glória, na criação;[5] a de majestade, no Mar Vermelho;[6] a de força, ao entregar a Lei, ou *Torá*, no Sinai;[7] a branca, quando ele cancelaria os pecados de Israel;[8] a de zelo, quando ele os vingaria de seus inimigos;[9] a de justiça, quando ele se revelaria;[10] e a vermelha, quando ele fosse tirar vingança de Edom." Esta última foi a visão do Senhor que o profeta contemplou: quando Jesus suou sangue no Getsêmani.[11]

O comentário prossegue: "Mas o traje de que Ele revestirá o Messias, seus esplendores se estenderão de uma extremidade à outra do mundo, como está escrito: 'Como um noivo com adorno sacerdotal na cabeça'[12]. E Israel pasmará com a luz dele, e dirá: 'Bendita é a hora em que vem o Messias. Bendito o ventre donde ele saiu. Bendita a geração que há de vê-lo. Bendito o olho digno de contemplá-lo.'

"O abrir de seus lábios é bênção e paz. Sua fala é apaziguamento do espírito. Glória e majestade estão nas suas vestes, e há confiança e tranquilidade nas suas palavras, e em sua língua a compaixão e o perdão. Sua oração é perfume de suave odor, e sua

---

[1] Isaías XXV, 6.
[2] *Talmude*, *B. Bath.* 75 a.
[3] *Ibidem*, Pirke, d. Eliez. II, etc.
[4] *B. Bath.* 73 b; *Bekhor.* 57 b.
[5] Salmo. CIV, 1.
[6] Salmo XCII.
[7] XCIII, 1.
[8] Daniel VIII, 14.
[9] Isaías LIX, 17.
[10] Isaías LIX, 20.
[11] Isaías LXIII, 1 a 4.
[12] Isaías LXI, 10.

súplica, santidade e pureza. Feliz de Israel por estas coisas lhe estarem reservadas", etc.[1] As revelações que nos foram transmitidas não só na Bíblia, como nas palavras sagradas dos profetas, videntes e santos da raça dos hebreus, estão a ponto de ser realizadas no Messias, que os judeus helenistas chamavam *Epxomenos* ("Aquele que há de vir").

Os serviços sinagogais eram cantados não só pelo *rabi* e por seus ministros, mas o povo também tomava parte no canto da assembleia. Havia uma noite predita pelo grande profeta de Israel, quando o Messias Senhor viria e entoaria a liturgia da páscoa hebraica. No original hebraico é: "Entoareis um cântico como na noite do Festival solene,[2] e tereis alegria do coração como quando se caminha ao som da flauta, para entrar no monte do Senhor (Sião), até ao Forte de Israel (Cristo). E o Senhor fará ouvir a sua voz (*gol*, 'som') gloriosa (*hod*, 'belo')."[3] Um trecho mais adiante do presente capítulo mostra que o profeta anteviu Cristo cantando o serviço litúrgico da Última Ceia. Provas sem conta compelem-nos a acreditar que a Última Ceia foi uma Missa solene pontifical cantada pelo Senhor, pelos seus apóstolos e pelo povo participando em cantoria congregacional.

Dissemos nós que a palavra usada por Isaías em hebraico é *hag* ("baile sagrado"), que vem traduzida como "festival solene" em nossa Bíblia. Terá havido na Última Ceia um baile, uma dança, em nossa acepção da palavra? Por certo que não. Por que, então, o profeta profetizou um baile? Observe o leitor uma Missa solene pontifical, à medida que o bispo, com seu diácono, subdiácono, diáconos honoríficos e ministros, revestidos de gloriosos paramentos, vão executando o cerimonial. O órgão toca, os sacerdotes cantam, o coro canta, e o laicado, em adoração, enche o edifício. O bispo e o clero, treinados durante anos nas funções, passam cada um indo e vindo, seguem as regras, observam as formas e os ritos, praticam as cerimônias próprias de seu ofício, assemelhando-se de certa maneira aos movimentos de uma dança, e assim descreveu o profeta a Última Ceia. Daí S. Agostinho dizer:[4] "Tu ouves os cantores, mas vamos ouvir os dançarinos, entender as práticas dos dançarinos com o movimento de seus membros. O desejo é expulso, a caridade toma o seu lugar." Ele compara a Missa a um baile santo, inspirando-se na ideia judaica de que o culto do Templo, da páscoa

---

[1] *Pesiqta*, ed. Ruber, p. 149, A, B.
[2] *Hag*, "um baile santo".
[3] Isaías XXX, 29-30.
[4] *Sermo* CCCXI, *in Nat. Cyp. M.* in VII.

judaica e da sinagoga era um solene festival de alegria para o Senhor. A palavra *hag* ("solenidade") é empregada no Antigo Testamento certo número de vezes para designar a páscoa hebraica.[1]

Eles estão prestes a começar as orações da sinagoga no cenáculo, como era o costume naquele tempo. "Para que fim o *Kidush* deve ser recitado na sinagoga? A fim de possibilitar que os convivas, que comem, bebem e dormem nas sinagogas, tenham uma oportunidade de ouvi-lo. Samuel se aferra assim à sua teoria de que o dever de ouvir a recitação do *Kidush* só pode ser cumprido no local onde a pessoa toma suas refeições."[2]

O Senhor deu ordens especiais no tocante ao vestuário que eles deviam usar durante a páscoa egípcia: "E deste modo comê-lo-eis: cingireis os vossos rins, e tereis as sandálias nos pés, e o bordão em mãos"[3]. Com o tempo, estes se desenvolveram nas vestes cerimoniais da páscoa judaica. O Senhor estava vestido de púrpura, pois ele era o Príncipe da dinastia de Davi. Sem desvestir sua túnica talar púrpura, ele se revestiu dos paramentos de um *rabi*, enquanto os sete apóstolos se paramentaram com os trajes sagrados da páscoa hebraica. Todas as vestes rituais eram bordadas de branco, vermelho, verde e violeta, as cores do Templo, como era então o costume.

Tendo eles se revestido das vestimentas que descrevemos em um capítulo anterior, Cristo, tendo ao seu lado seus sete apóstolos, aproxima-se dos degraus que sobem até à arca — a *Aron*, ou *tebah* ("o cofre"), ou ainda: o "pequeno Templo" (*hekal*) ou "Templo em miniatura" —, contendo os livros santos de Moisés. Ali eles se detêm e juntam as duas mãos, olhando para o chão como convém a suplicantes, na presença de seu Deus e Criador. Eram estas as posturas usuais no tempo de Cristo,[4] como ainda se veem no início da Missa. Primeiro eles fazem uma profunda inclinação diante dos rolos santos na arca, tal como o celebrante da Missa se curva perante o altar.[5] Assim começaram eles as orações da sinagoga que sempre se faziam antes da celebração da páscoa hebraica.

É conforme o costume do Templo que eles recitam o versículo e o salmo: o Mestre começando, os ministros respondendo.

---

[1] Salmos LXXLII, 4, e LXXXI; Isaías XXX, 29; II Esdras VIII, 18; Ezeq. XLVI, 11; Zac. XIX, 16, 18, 19.

[2] *Talmude* babilônico, Cap. X, p. 212.

[3] Êxod. XII, 11.

[4] EDERSHEIM, *Temple*, 127.

[5] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 167 a 190; MIGNE, *Cursus Completus S. Scripturæ*, III, 1242.

“Subirei ao altar de Deus, ao Deus que alegra a minha juventude.

“Julga-me, ó Deus, e distingue, da nação que não é santa, a minha causa”, etc.[1]

Cristo começando e os apóstolos respondendo, assim recitaram eles o salmo inteiro. Na Liturgia que S. Pedro compôs em Antioquia, seguida ainda pelos maronitas, eles seguem essa praxe do Templo e do cenáculo, começando esse salmo ao entrarem no santuário. Mas o celebrante da Missa latina reza-o ao pé do altar.

“Subirei ao altar de Deus, etc.

“Bendizei ao Senhor, que há de ser bendito.

“Bendito é o Senhor, que há de ser bendito pelos séculos dos séculos.

“Bendito, louvado, glorificado, exaltado e enaltecido seja o nome do supremo Rei dos reis, o Santo, bendito seja ele, que é o primeiro e o último, e além dele não há outro Deus. Enaltecei a ele que domina sobre os céus com seu nome *Ja*, e exultai diante dele. O nome dele é exaltado acima de toda bênção e de todo louvor. Bendito seja o nome dele, cujo reino glorioso é pelos séculos dos séculos. O nome do Senhor seja bendito desde agora e para todo o sempre.

“Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que formaste a luz, e criaste as trevas, que concedeste a paz e criaste todas as coisas.

“Quão vistosas são tuas tendas, ó Jacó, e tua morada, ó Israel! Quanto a mim, na abundância de tua amabilidade, eu entrarei na tua casa. Adorarei voltado para o teu Templo santo com temor de ti. Senhor, eu amei a morada da tua casa, e o lugar onde tua glória habita. Adorarei e me curvarei. Dobrarei o joelho diante do Senhor, meu Criador. Que as minhas orações a ti, ó Senhor, sejam em tempo aceitável. Ó Deus, na abundância da tua amabilidade, atende-me com a verdade de tua salvação.”

Cheios de tristeza por seus pecados, como as hostes penitentes de Israel na véspera do dia da expiação, eles batem no peito, segundo nos conta o *Talmude*: “Eles golpearão o peito em lamentação. Palmadas se dão com as mãos, e golpes se dão com os pés.”[2] É evidente que desse costume do Templo e da sinagoga veio a cerimônia de bater no peito, no *Confiteor* (“a Confissão Geral”), durante a Missa.

---

[1] Salmo XLII.
[2] Tratado *Ebel*, *Talmude* babilônico, p. 37.

Foi este o costume desde o princípio da Igreja. “Quem faz penitência está irado consigo mesmo. Porque se não for sincero, bater no peito para quê? Se não estás irado, por que o fazes? Quando pois bateres no peito, está irado no teu coração para poderes satisfazer ao teu Senhor, e é assim que se podem entender estas palavras: ‘Irai-vos e não pecai.’”[1] “E o publicano, conservando-se à distância, não ousava nem ainda levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Ó Deus, tem piedade de mim pecador.’[2] Bater no peito é contrição do coração. O que significa a batida no peito? ‘Ó Deus, tem piedade de mim pecador.’ E qual foi a sentença do Senhor? ‘Em verdade vos digo, esse publicano desceu de volta para a casa dele justificado, e não o outro.’”[3] Esse grande doutor nos diz que quando o povo ouvia a Confissão Geral na Missa, batiam no peito.[4] Ele conta que no seu tempo o bispo e o clero batiam no peito, na Confissão. Terão Cristo e seus apóstolos, em conformidade com essa cerimônia do Templo, batido no peito assim como fazem hoje o clero e o povo no início da Missa? Não encontramos registro.

Depois das orações ao pé da escada, Cristo com seus dois ministros subiram até a arca e beijaram o local onde repousavam os rolos santos — era esta uma cerimônia sinagogal, um sinal do seu amor à Lei. Isso o celebrante da Missa faz hoje.

O Senhor toma o turíbulo, põe incenso nos carvões em brasa pronunciando uma bênção e, com um apóstolo de cada lado seu, faz uma profunda reverência diante dos rolos de Moisés e dos Profetas, *Torá* e *Haftará*. Primeiro ele incensa no meio a *Torá*, depois de cada lado onde repousam os outros livros santos do Antigo Testamento.[5] Durante a afumação com incenso ardente, eles iam recitando as palavras do salmo rezado no Templo desde os dias de Davi:

“Que a minha oração seja encaminhada como incenso à tua vista, e a elevação de minhas mãos, como sacrifício vespertino. Põe uma guarda, ó Senhor, à minha boca, e uma porta em redor de meus lábios. Não inclines meu coração às palavras de maldade, para inventar pretextos para os pecados junto aos obreiros da iniquidade, e não terei parte alguma nem com os melhores dentre eles.”, etc.[6]

---

[1] Salmo IV, 5; *Sermo* XIX *in Ps.* L, n. 11.

[2] Lucas XVIII, 13.

[3] Lucas XVIII, 14; S. AGOSTINHO, *Enar.* II *in Ps.* XXXI, n. XI.

[4] S. AGOSTINHO, *Enar. in Ps.* CXII, n. I; *Enar. in Ps.* cxxxvii. n. 11; *De Disciplina Christiana*, n. XI, etc.

[5] Ver EDERSHEIM, *Temple*, 139 a 141, etc.

[6] Salmo CXL.

Entregando o turíbulo a um dos apóstolos, do lado direito da arca, este último incensa-o como *rabi*, e então eles vão até o meio, fazem uma profunda reverência diante dos rolos santos, e descem de volta ao pavimento do *Bimá.*

A cerimônia da incensação dos rolos, e dos pergaminhos dos Profetas, e da arca na sinagoga, era em memória do incenso queimado em oblação no *Santo* do Templo, antes do sacrifício do cordeiro duas vezes ao dia, às nove da manhã e às três da tarde, com o salmo que citamos. Essa cerimônia é, sem qualquer alteração, realizada na Missa solene.

Quando Israel combateu contra os amalecitas, Moisés manteve erguidas as mãos — suas mãos e o corpo formando uma cruz — prefigurando a Crucificação. Enquanto ele as mantinha dessa maneira, os hebreus tinham a vantagem. Quando ele se cansava e deixava tombar as mãos, Amalec tomava a dianteira. Aarão e Hur seguraram as mãos dele erguidas, e a batalha de Rafidim foi vencida.[1] Deus mandou Moisés escrever a história dessa batalha num livro, porque prefigurava que num tempo futuro o Senhor no Calvário estenderia suas mãos, pregado na Cruz, com paciência sobre-humana até à morte, com a qual subjugou o inimigo da humanidade, o demônio.[2]

Ao recitar as orações no Templo, o sumo sacerdote estendia as mãos como Moisés, abençoando o povo. Conta-nos o *Talmude*: "Em três períodos do ano os sacerdotes devem erguer as mãos a cada oração, e durante esses períodos há dias em que isto se faz quatro vezes ao longo do dia, a saber: nas orações da manhã, e nas adicionais, nas orações da tarde e nas orações finais. Em todas as quatro orações acima mencionadas os sacerdotes devem elevar as mãos."[3]

Terá Cristo estendido as mãos, com seu corpo formando uma cruz, assim como estirou as mãos quando foi crucificado, e assim como o celebrante da Missa mantém as mãos elevadas? O *Talmude* diz que eles estendiam as mãos dessa maneira nas orações no Templo e na sinagoga, e que eles estavam proibidos de esticá-las mais alto do que o filactério na sua fronte. Isaías, ao predizer Cristo celebrando a Última Ceia, diz: "E ele estenderá suas mãos no meio deles, assim como o nadador estica as mãos para nadar."[4] Logo, concluímos nós que Cristo estendeu as mãos durante as orações

[1] Êxod. XVII, 8 a 15.

[2] Ver *Talmude* babilônico, *Ta'anit*, IV.

[3] *Talmude*, tratado *Ta'anit* ("jejuns"), *Guemará*, 81.

[4] Isaías XXV, 11.

tal como hoje o celebrante da Missa entende as mãos durante as orações.

As orações seguintes são tiradas quase palavra por palavra do Antigo Testamento. A palavra *Seláh*, mencionada setenta e uma vezes nos Salmos e nos livros proféticos, se acha somente em obras poéticas hebraicas e no final de um verso. Dizem os autores judeus que ela significa “por toda a eternidade” ou “no mundo futuro”. Traduz-se na Missa Latina: “*Per omnia sæcula sæculorum.* — “Para todo o sempre” ou “Pelos séculos dos séculos”. Os Padres da Igreja e muitos autores trataram dessa questão. Pensam alguns que signifique que a música deve cessar, que deve mudar a entonação ou que se devem pegar os instrumentos. Mas parece ser um sinal para erguer as mãos em oração, mesmo que os autores rabínicos, guiados pela tradição acima referida, ofereçam o significado mais razoável. O Senhor e seus apóstolos continuam as orações como segue:

“Bendito sejas Tu, ó Senhor, Rei do Universo, que formaste a luz e criaste a escuridão, que concedes a paz e criaste todas as coisas, que na Tua misericórdia provês luz à terra e aos que nela habitam, e na Tua bondade dia após dia renovas as obras da criação. Bendito seja o Senhor nosso Deus pela glória da obra de Suas mãos e pelos luzeiros luzentes que Ele fez para Sua glorificação. *Seláh*. Bendito seja o Senhor nosso Deus, que formou os luzeiros.

“Com amor imenso nos amaste, ó Senhor nosso Deus, e transbordando de muita misericórdia Te compadeceste de nós, ó nosso Pai e nosso Rei. Por amor de nossos pais, que em Ti confiaram, Tu lhes ensinaste os estatutos da vida; apieda-te de nós e ensina-nos. Ilumina os nossos olhos com a Tua Lei, faze que nossos corações adiram aos Teus mandamentos, une nossos corações em amor e temor do Teu nome, e não seremos envergonhados pelos séculos dos séculos. Porque Tu és um Deus que preparaste a salvação, e nos escolheste dentre todas as nações e todas as línguas, e em verdade nos aproximaste do Teu grande nome — *Seláh* — para que louvemos amorosamente a Ti e à Tua Unidade. Bendito seja o Senhor, que por amor escolheu Israel, Seu povo.”

A cada oração os apóstolos respondiam: “Amém” (“Assim seja”). A primeira oração era recitada pela manhã, e deu origem à oração pela paz, nas liturgias cristãs; a segunda oração foi adicionada ao serviço vespertino.

“A oração *shemoné esré* (‘dezoito bênçãos’) foi composta nos anos 348-342 antes de Cristo.” Dizem os judeus que foi Esdras

seu autor.[1] Creem todavia alguns que a 14.ª e a 17.ª petições foram adicionadas posteriormente. A prece inteira era recitada em voz baixa pela assembleia e ratificada pelo *rabi*. Três vezes por dia todo israelita a repetia depois de recitar o *Shemá* (‘escuta!’), de manhã e de tarde. Durante essas orações, a assembleia ficada levantada, imóvel, voltada para o santuário, de pés juntos, com a mente concentrada em devoção. No começo e no fim da primeira e da décima-sexta bênçãos, todos dobravam o joelho e inclinavam a cabeça para baixo, na direção da terra. Parece ser essa a razão pela qual a assembleia em nossas igrejas fica de pé durante o Evangelho, e dobra o joelho no final.[2]

AS DEZOITO BÊNÇÃOS.

“Louvado sejas Tu, ó Senhor nosso Deus, Deus de nossos pais, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o grande, forte e terrível Deus, o Ser Supremo, Despenseiro dos benefícios e dos favores, e Criador de todas as coisas. Tu Te lembraste da piedade dos Patriarcas, e enviarás um Libertador aos seus filhos para glorificar o Teu nome, para manifestar o Teu amor, ó Rei, auxílio nosso, nossa fortaleza. Louvado sejas Tu, ó Senhor, escudo de Abraão.

“Tu vives para sempre, Senhor Onipotente. Ressuscitas os mortos, és todo-poderoso para socorrer. Fazes soprarem os ventos e cair a chuva. (Só se dizia isso em períodos de mau tempo, da festa dos tabernáculos até a páscoa judaica.) Sustêns a todos os viventes com Tua graça. Fazes os mortos ressurgirem por Tua grande misericórdia. Sustentas os que caem. Saras os doentes. Libertas os prisioneiros e manténs de pé as Tuas promessas aos que dormem nas entranhas da terra. Quem é forte como Tu, ó Senhor? Quem se pode comparar a Ti? Ó nosso Rei, és Tu que matas e que fazes viver; de Ti provém todo o nosso auxílio. Tu cumprirás a Tua promessa de ressuscitar os mortos. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que ressuscitas os mortos.

“Tu és santo. Os Teus Santos Te glorificam dia após dia. *Seláh*. Louvado sejas Tu, ó Senhor, o Deus Santo.

“Tu dás sabedoria ao homem, e o enches de entendimento. Louvado sejas Tu, ó Senhor, o Despenseiro da sabedoria.

---

[1] Ver COHEN, p. 191; JOS. V. I, p. 39, V. II, 262, etc.

[2] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, p. 183.

“Reconduze-nos à tua lei, ó nosso Pai; reconduze-nos, ó Rei, ao Teu serviço, traze-nos de volta a Ti pelo arrependimento verdadeiro. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que acolhes o nosso arrependimento.

“Perdoa-nos, ó nosso Pai, porque nós pecamos. Absolve-nos, ó nosso Rei, porque transgredimos contra Ti. És um Deus que perdoas e que absolves. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que em Tua misericórdia perdoas muitas vezes e para sempre.

“Considera a nossa miséria, ó Senhor, e sê Tu nosso Defensor. Livra-nos depressa, para Tua glória, pois és um Libertador Todo-Poderoso. Louvado sejas Tu, ó Senhor, o Libertador de Israel.

“Cura-nos, ó Senhor, e seremos curados. Socorre-nos, e seremos socorridos. Tu és o objeto de nossos louvores. Trarás, então, cura eficaz para todos os nossos males? Tu és o Rei Todo-Poderoso, nosso verdadeiro Médico, cheio de misericórdia. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que saras os enfermos dentre os filhos do Teu povo.

“Ó Senhor nosso Deus, abençoa este ano e essas colheitas, dá o orvalho e a chuva (essas palavras se adicionavam no inverno), dá tua bênção ao solo. Sacia-nos com a tua bondade, e faze que este ano seja como os anos bons. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que abençoas os anos.

“Soa a trombeta da libertação, ergue o estandarte que reunirá os dispersados de nossa nação e traze-nos todos depressa, outra vez, dos confins da terra. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que reúnes os desterrados de Israel.

“Que nossos juízes sejam restaurados como dantes, e nossos magistrados, como nos tempos passados. Livra-nos das aflições e da angústia. Reina Tu sobre nós, ó Senhor, pela Tua graça e misericórdia, e não deixes que os Teus juízos caiam sobre nós. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que amas a verdade e a justiça.

“Sejam envergonhados os caluniadores, sejam destruídos todos os obreiros da iniquidade e os rebeldes, seja humilhada a força dos orgulhosos. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que espezinhas os Teus inimigos, e que humilhas os orgulhosos. (Isso se dizia duas vezes.)

“Que a Tua misericórdia, ó Senhor, refulja sobre os probos, sobre os humildes e sobre os governantes do Teu povo, Israel, e que os mestres sejam favoráveis aos estrangeiros piedosos em nosso meio, e a nós todos. Concede uma boa recompensa aos que sinceramente confiam no Teu nome, de modo que nos seja dado participarmos da sua sorte na outra vida, a fim de que nossa esperança não seja baldada. Nós também pomos nossa confiança em Ti.

Louvado sejas Tu, ó Senhor, que és a esperança e a confiança dos fiéis.

“Retorna, em Tua misericórdia, a Jerusalém, a Tua cidade. Faz dela a Tua morada, como prometeste. Seja ela outra vez edificada em nossos dias. E que nunca seja destruída. Restaura depressa o trono de Davi. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que reconstróis Jerusalém.”

O que vem a seguir diz respeito à destruição da cidade santa quando os israelitas foram arrastados para a Babilônia. Na festa do 9.º dia do mês de *ab*, as palavras seguintes eram adicionadas:

“Ó Senhor nosso Deus, conforta os que choram por Jerusalém e por Sião. Tem piedade desta cidade que está cheia de luto, desolação e desonra. Ela sofre de aflição pelos filhos que perdeu. Seus palácios estão desmoronados, sua glória se extinguiu. Ela está derrotada, desolada e sem habitantes. Está abandonada, de cabeça coberta como uma mulher estéril, porque não gerou filhos. As legiões do inimigo assolaram-na, dela se apossaram os idólatras. Eles mataram o teu povo de Israel. Imolaram sem compaixão os santos do Altíssimo. Por isso Sião chora lágrimas amargas, e Jerusalém eleva a sua voz. Meu coração, meu coração sangra por esses mártires; minhas entranhas, minhas entranhas se revolvem por esses massacres. Mas Tu, Deus meu, que consumiste esta cidade com fogo, Tu a reedificarás pelo fogo, pois assim está escrito (Zac. II, 5): ‘Porque eu, diz o Senhor, serei para ela uma muralha de fogo ao derredor, e serei a glória no meio dela.’

“Faz brotar depressa o rebento de Davi, e torna-o glorioso pela Tua força, pois em Ti nós esperamos o dia todo. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que tornas gloriosa a Tua salvação.

“Ouve nossas súplicas, ó Senhor nosso Deus, protege-nos, tem piedade de nós. Ouve nossas orações com Tua amabilidade, pois Tu és o Deus que ouve as orações e as súplicas. Não nos despeças, ó nosso Rei, enquanto não nos tiveres ouvido. Tu acolhes com benevolência as preces de Israel, Teu povo. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que escutas as orações.

“Que o teu povo, Israel, e suas orações Te sejam aceitáveis. Restaura os serviços de culto nos átrios da Tua casa. Recebe favoravelmente as oferendas sacrificais de Israel e suas orações, e seja-Te sempre aceitável o culto de adoração do Teu povo. Que os nossos olhos vejam o dia em que, na Tua misericórdia, retornarás a Sião. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que estabelecerás a Tua morada em Sião.

“Nós confessamos que Tu és o Senhor nosso Deus, e o Deus de nossos pais, pelos séculos dos séculos. És o rochedo de nossa vida, o escudo de nossa salvação, de geração em geração. Seja bendito e louvado o Teu grande e santo nome, pela vida que nos deste, por nossas almas que susténs, pelos milagres cotidianos que operas em nosso favor, pela admirável e amável ternura com que nos envolves a todo momento — de manhã, ao meio-dia e ao entardecer. Ó Deus de toda bondade, Tua misericórdia é infinita, Tua fidelidade não falha, nós esperamos em Ti para sempre. Por todos esses Teus benefícios seja o Teu nome louvado pelos séculos dos séculos. Que todos os viventes Te glorifiquem. *Seláh*. Que exaltem o Teu nome com sinceridade. Louvado sejas Tu, ó Senhor, unicamente o Teu nome é bom, e somente Tu és digno de ser louvado.

“Ó nosso Pai, que a paz e a prosperidade, a Tua bênção, o Teu favor, a Tua graça e misericórdia estejam sobre nós, e sobre Teu povo de Israel. Abençoa-nos a todos com o brilho da Tua face, pois foi por esse brilho, ó Senhor nosso Deus, que Tu nos deste uma lei eterna, o amor da justiça e da retidão, a bênção, a misericórdia, a vida, a paz. Praza a Ti abençoar Israel, Teu povo, a todo momento e em todo lugar, e dar-lhes a paz. Louvado sejas Tu, ó Senhor, que dás a paz ao Teu povo, Israel.

“O hálito de todos os viventes há de bendizer o Teu nome, ó Senhor nosso Deus, e o espírito de toda carne glorificará e exaltará continuamente o Teu memorial, ó nosso Rei, de eternidade em eternidade Tu és Deus, e além de Ti não temos nenhum Rei, que redimes, salvas, libertas e livras, que sustentas e tens piedade em todos os momentos de perturbação e de aflição, sim, não temos Rei senão Tu.

“Ele é Deus do primeiro e do último, o Deus de todas as criaturas, o Senhor de todas as gerações, que é enaltecido com muitos louvores, e guia o mundo com amorosa ternura, e suas criaturas com tenras mercês. O Senhor não dormita nem dorme; ele desperta os dormentes, e acorda os dormitantes. Faz falarem os mudos, solta os cativos, sustém os que caem e levanta os encurvados.

“A Ti somente damos graças. Ainda que nossas bocas estivessem repletas de canções como o mar; e nossas línguas, de exultações como a multidão de suas ondas; e nossos lábios, de louvores como o vasto firmamento; ainda que nossos olhos refulgissem brilhantes como o sol e a lua, e nossas mãos se levantassem como as águias do céu, e nossos pés fossem ligeiros como corças, ainda assim, seríamos incapazes de Te dar graças e de

bendizer o Teu nome, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, por um milésimo, ou mesmo por uma parte infinitesimal dos benefícios que conferiste a nossos pais e nós.

“Tu nos remiste do Egito, ó Senhor nosso Deus, e nos libertaste da casa da servidão; durante a fome nos alimentaste, e na fartura nos sustiveste, da espada nos resgataste, da peste nos salvaste e da doença dolorosa e duradoura Tu nos livraste. Até aqui, tuas carinhosas mercês nos socorreram, e tua amável bondade não nos deixou; não nos abandones, ó Senhor, nosso Deus, para sempre.

“Por isso os membros com que nos formaste, e o espírito e o sopro que insuflaste em nossas narinas, e a língua que puseste dentro de nossa boca, oh!, hão de agradecer-te, bendizer-te, louvar-te, glorificar-te, enaltecer-te, honrar-te, santificar-te e atribuir a Realeza ao teu nome, ó nosso Rei. Pois todas as bocas te darão graças, e todas as línguas te invocarão, todo joelho se dobrará a ti, e tudo o que é alto se prostrará diante de ti, todos os corações te temerão, e todas as entranhas e rins cantarão ao teu nome, segundo a palavra que está escrita: ‘Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem é semelhante a ti?’[1]

“Louvado seja o teu nome para sempre, ó nosso Rei, o grande e santo Deus, e Rei no céu e na terra. Pois a ti, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, cânticos e louvores assentam bem; hinos e salmodia, força e domínio, vitória, grandeza e poder, fama e glória, santidade e soberania, bênçãos e ações de graças, d’ora em diante, sempre e por toda a eternidade. Bendito és tu, ó Senhor, Deus, e Rei, de extensos louvores, Deus de ações de graças, Senhor dos milagres, que fizeste sortimento de cânticos e de salmos, ó Rei, e Deus, vida de todos os mundos.

“Ó Senhor, abre os meus lábios, e minha boca declarará teus louvores.

“Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, o grande, forte e venerado Deus, o Deus Altíssimo, que fizeste uso de amorosa benevolência e possuíste todas as coisas, que te lembraste das ações piedosas dos patriarcas, e com amor trarás um Redentor aos filhos de seus filhos, em honra do teu nome.

“Nós santificaremos o teu nome neste mundo teu, assim como o santificam eles nos mais altos céus, como está escrito pela mão do teu profeta: ‘E um chamou o outro, e eles disseram:

---

[1] Salmo XXXIV, 10.

"Santo, santo, santo, é o Senhor dos exércitos, a terra inteira está repleta da sua glória.'[1]

"Digam os que estão na frente deles: Bendita, etc.

"Bendita seja a glória do Senhor desde a sua morada.

"E nas Santas Letras está escrito, dizendo:

"O Senhor reinará para sempre, o vosso Deus, ó Sião, por todas as gerações. Louvai ao Senhor.

"Por todas as gerações declararemos tua grandeza, e por toda a eternidade proclamaremos tua santidade, e os teus louvores, ó nosso Deus, não se apartarão de nossa boca para sempre, pois és um grande e santo Deus e Rei. Bendito és tu, ó Senhor, o Deus Santo.

"Faz depressa com que floresça o rebento de Davi teu servo, e que o seu chifre seja exaltado pela tua salvação, porque nós esperamos por tua salvação o dia todo. Bendito és tu, ó Senhor, que fazes florescer o chifre da salvação.

"Ó nosso Deus, e Deus de nossos pais, que a nossa lembrança se eleve, chegue à Tua presença e seja aceita diante de Ti, junto à recordação de nossos pais, do Messias Filho de Davi teu servo, de Jerusalém, tua cidade santa, e de todo o teu povo, a casa de Israel, trazendo libertação e conforto, paz e amorosa benevolência, misericórdia e harmonia a este dia da festa dos ázimos."

Eles sobem os degraus até a arca e fazem uma profunda inclinação diante da Lei. Abrem a arca e retiram reverentemente os rolos da Lei, todos juntos dizendo:

"'E acontecia, quando a arca se punha em movimento, que Moisés dizia: Levanta-te, ó Senhor, e teus inimigos serão dispersados, e aqueles que te odeiam fugirão diante de ti.'[2] 'Pois de Sião sairá a Lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.'[3] Bendito seja ele, que em sua santidade entregou a Lei a Israel, seu povo."

Como Chefe, o Senhor toma o rolo da Lei, dizendo:

"Engrandecei ao Senhor junto comigo, e enalteçamos juntos o seu nome.

"Tua, ó Senhor, é a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade, pois tudo o que há no céu e na terra é teu. Teu, ó Senhor, é o reino, e a supremacia como cabeça sobre todas as coisas. Exaltai ao Senhor nosso Deus, e adorai no seu monte santo, porque o Senhor nosso Deus é santo.

---

[1] Isaías VI, 3.
[2] Núm. X, 35.
[3] Isaías II, 3.

“Que o Pai de misericórdia tenha piedade do povo que foi conduzido por ele. Que ele se lembre da aliança com os patriarcas, livre nossas almas das horas más, refreie a má inclinação naqueles que conduziu, conceda-nos a graça de um eterno livramento, e com o atributo de sua bondade satisfaça os nossos desejos com salvação e misericórdia.”

Eles põem os rolos sobre o púlpito de leitura, e o Senhor desenrola-os até chegar à passagem que deve ser lida, dizendo:

“E o seu reino seja logo revelado, e manifestado a nós visivelmente, e ele seja benigno com a casa de Israel, concedendo-lhes graça, benevolência, misericórdia e favor, e digamos nós: Amém. Referi a grandeza ao nosso Deus, vós todos, e rendei honra à lei.”

“Bendito seja ele, que em sua santidade entregou a Lei a Israel, seu povo. A Lei do Senhor é perfeita, restaurando a alma, o testemunho do Senhor é fiel, tornando sábios os simples. Os preceitos do Senhor são retos, alegrando o coração. O mandamento do Senhor é puro, iluminando o olhar. O Senhor dará forças ao seu povo. O Senhor abençoará seu povo com a paz. Quanto a Deus, o seu caminho é perfeito. A palavra do Senhor é experimentada. Ele é um escudo para todos os que nele confiam.”

Os encarregados da leitura dizem: “Bendizei ao Senhor, que há de ser bendito”, ao passo que todos os outros respondem: “Bendito seja o Senhor, que há de ser bendito pelos séculos dos séculos.” Os outros respondem:

“Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos escolheste dentre todos os povos, e nos entregaste a tua Lei. Bendito sejas tu, ó Senhor, que entregas a Lei”.

Às segundas e quintas-feiras, eram lidas três seções da Lei. Na páscoa e demais festas dos hebreus, entretanto, eles liam sete seções, mais duas seções dos Profetas, perfazendo as nove lições, tal como as nove lições de matinas. Se um sacerdote ou levita estivesse presente na assembleia, ele lia a última seção, em honra ao sacerdócio de Aarão e à tribo de Levi. Tiago e João eram da família sacerdotal, e talvez ficaram de pé ao lado do Mestre, tal como o diácono e o subdiácono ficam de pé ao lado do bispo,[1] e leram as últimas seções.

Eles liam as partes das Escrituras relativas à festa, assim como a Epístola se lê agora em nossas igrejas. Esse costume, os autores hebreus fazem remontar aos tempos de Davi e de Samuel. Cada um dos homens subia e lia uma parte, ficando um deles de pé ao lado e

---

[1] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 184; II, 581, etc.

lhe apontando as palavras, para que ele não saltasse nenhuma parte. Depois de ler a sua parte, o leitor beijava os rolos sagrados, no lugar onde começara a ler. É por isso que o celebrante beija o Evangelho depois de lê-lo. Nas sinagogas de nossos dias, eles esfregam o texto sagrado com a ponta do xale de oração ritual e beijam-na.

Quem foram os nove apóstolos que leram naquele dia, não sabemos. Como *rabi* que presidia ao serviço, Cristo leu primeiramente o texto inteiro, assim como o celebrante faz hoje na Missa. Terá alguém ficado de pé ao seu lado e traduzido o texto hebraico para o siro-caldeu que era falado na Judeia naquele tempo? Não sabemos.[1] Desenrolando os pergaminhos até chegarem à história da páscoa dos hebreus chamada *Meguilá*, eles dizem: "Bendito seja Ele, que em sua santidade entregou a Lei a Israel, seu povo."

A MEGUILÁ.[2]

"E o Senhor disse a Moisés e a Aarão na terra do Egito: Este mês será para vós o princípio dos meses; será o primeiro dos meses do ano. Falai a todo o ajuntamento dos filhos de Israel e dizei-lhes:

"No décimo dia deste mês, cada um tome um cordeiro por família e por casa. Mas se o número for menor que o que pode bastar para comer o cordeiro, tomará o seu vizinho que estiver mais próximo da sua casa, segundo o número de almas que podem bastar para comer o cordeiro. E será um cordeiro sem defeito, macho de um ano; com o mesmo rito tomareis também um cabrito. E o guardareis até o dia catorze deste mês; e toda a multidão o sacrificará à tarde. E pegarão do seu sangue, e pô-lo-ão sobre as duas ombreiras e sobre a verga da porta das casas em que eles o hão de comer.

"E comerão as carnes nessa noite assadas no fogo, e pães ázimos com alfaces bravas. Não comereis dele nada cru, nem cozido em água, mas somente assado no fogo. Comer-lhe-eis a cabeça, os pés e os intestinos. Nada ficará dele até pela manhã. Se restar alguma coisa, queimá-la-eis no fogo. E comê-lo-eis deste modo: cingireis os vossos rins, e tereis os bordões na mão, e comereis à pressa, porque é a páscoa, isto é, a Passagem do Senhor.

---

[1] Ver *Talmude* babilônico, *Meguilá*, Cap. IX, p. 85-87.

[2] Êxodo XII.

"E eu passarei pela terra do Egito naquela noite e matarei todo primogênito na terra do Egito, desde os homens até os animais; e contra todos os deuses do Egito farei justiça. Eu sou o Senhor. E o sangue será para vós um sinal nas casas em que estiverdes, e eu verei o sangue e passarei adiante, e não se abaterá sobre vós a praga para vos destruir, quando eu ferir a terra do Egito.

"E este dia será para vós um memorial, e celebrá-lo-eis como uma solenidade festiva para o Senhor, nas vossas gerações, com perpétua observância. Durante sete dias comereis pães ázimos. Desde o primeiro dia não se achará fermento em vossas casas; todo o que comer algo fermentado, desde o primeiro dia até o sétimo, perecerá aquela alma do meio de Israel. O primeiro dia será santo e solene, e o sétimo dia será observado com igual solenidade, não fareis trabalho algum neles, exceto aquelas coisas que pertencem ao comer. E observareis a festa dos pães ázimos, porque nesse mesmo dia vos farei sair da terra do Egito, e guardareis este dia nas vossas gerações com perpétuas observâncias.

"No primeiro mês, no dia catorze do mês, à tarde, comereis os ázimos até à tarde do dia vinte e um. Durante sete dias não se achará fermento em vossas casas; quem comer pão fermentado, sua alma perecerá do meio do ajuntamento de Israel, quer seja estrangeiro ou natural da terra. Não comereis nada fermentado; em todas as vossas casas comereis pães ázimos.

"E Moisés convocou todos os anciãos dos filhos de Israel, e disse-lhes: 'Ide e tomai um cordeiro por cada uma das vossas famílias, e sacrificai a páscoa. E mergulhai um ramalhete de hissopo no sangue que está à porta, e aspergi com ele a verga da porta, e os dois umbrais da porta; nenhum de vós saia da porta de sua casa até pela manhã. Porque o Senhor passará fulminando os egípcios, e quando vir o sangue sobre a verga e sobre os dois batentes, ele passará adiante da porta da casa e não permitirá que o exterminador entre em vossas casas e vos fira.

"'Guardareis este negócio como uma lei, para ti e teus filhos, para sempre. E, depois que tiverdes entrado na terra, que o Senhor vos há de dar, como prometeu, observareis estas cerimônias. E quando os vossos filhos vos disserem: «Que significação tem este rito?» Vós lhes direis: «É a vítima da passagem do Senhor, quando ele passou adiante as casas dos filhos de Israel, ferindo os egípcios e salvando nossas casas.»' E o povo prostrando a si mesmo adorou.

"E os filhos de Israel, tendo saído dali, fizeram como o Senhor tinha mandado a Moisés e Aarão. E aconteceu, à meia-noite, que o Senhor matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o

primogênito de Faraó, que se assentava no trono, até o escravo primogênito que estava na prisão e todos os primogênitos dos animais.

"E Faraó levantou-se naquela noite, e todos os seus servos, e todo o Egito, e irrompeu um grande clamor no Egito, porque não havia casa onde não jazesse um morto. E Faraó, chamando Moisés e Aarão naquela noite, disse: Levantai-vos e saí do meio do meu povo, vós e os filhos de Israel; ide sacrificar ao Senhor, como dizeis que sacrificais ao Senhor em tempo propício."

Terá o Filho de Deus, ao presidir esse solene serviço sinagogal, explicado à assembleia, no sermão, que a manducação do cordeiro junto com o pão e a libação do vinho prenunciavam, desde os tempos patriarcais, o Calvário e a Eucaristia? Não sabemos; a história cala sobre os pormenores daquela Última Ceia. Mas o sermão dele na sinagoga de Cafarnaum preparara-os para a mudança que ele estava prestes a fazer na páscoa hebraica. Pedimos a indulgência do leitor e citamos as palavras dele[1] como o Evangelho desta que foi a primeira Missa.

"'Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo, que desci do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente: e o pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo.' Os judeus, pois, debatiam entre si, dizendo: 'Como pode esse homem dar-nos a comer a sua carne?'

"Então Jesus disse-lhes: 'Em verdade, em verdade, vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. O que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei ao último dia. Porque a minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida. O que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.

"Assim como o Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim o que me comer a mim, esse mesmo também viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não como vossos pais, que comeram o maná e morreram. O que come deste pão viverá eternamente.'

"Estas coisas disse ele ensinando na sinagoga em Cafarnaum."[2]

Quando eles liam as Escrituras no Templo ou na sinagoga, os clérigos ficavam de pé, enquanto a assembleia ficava sentada. É por

---

[1] João VI.

[2] João VI, 51-60.

essa razão que o celebrante e os ministros ficam em pé e o povo se senta durante a leitura da Epístola em todos os ritos cristãos. Mas quando eles recitavam o *Shemá*, o *Credo* judaico, seja na sinagoga ou em privado, eles sempre ficavam em pé. Talvez seja por essa razão que ficamos de pé durante o *Credo*. A assembleia levanta-se e permanece de pé enquanto todos recitam o *Credo* judaico.

O *Credo* judaico era o *Shemá*, que os judeus agora pronunciam *Sh'ma*: "Escuta!", a palavra inicial. Essa oração se compõe de palavras de Moisés,[1] e foi a proclamação de fé da Igreja hebreia em sinal de protesto contra o paganismo com sua multidão de deuses e seu culto vil. Duas vezes ao dia, no Templo e na sinagoga, esse *Credo* era cantado, desde muito tempo antes de Cristo, segundo diz o *Talmude*.[2] Era recitado também durante as orações da manhã e da noite, por todo homem na beira de sua cama, vestido de seus filactérios, em pé ao lado de seu leito. Esta oração todo judeu ortodoxo recita até hoje, vestido de seus filactérios na testa e no braço.

Depois da unidade da Divindade vem o amor a Deus sobre todas as coisas, que os autores cristãos chamam de caridade, que perdoa os pecados quando não há meio de receber os sacramentos. Com este amor e por meio dele, os santos do Antigo Testamento tiveram suas almas salvas por Deus em previsão da expiação operada por Cristo.

Enquanto eles recitavam essa proclamação de fé do Templo — não conseguimos determinar a que momento exato da oração —, eles trouxeram para dentro o cordeiro assado e deitaram-no sobre a mesa como vítima principal do culto patriarcal e do culto do Templo. Quem trouxe o cordeiro? Convinha que um sacerdote do Templo trouxesse a vítima deste, para fazer a ligação entre os patriarcas, o Templo, a sinagoga, a Última Ceia e a Eucaristia. Tiago era um sacerdote do Templo. Ele foi, como explicamos, o quase-diácono da Última Ceia, enquanto seu irmão João atuou como subdiácono. O diácono durante a Missa representa a Igreja Católica, enquanto o subdiácono tipifica a Igreja judaica.

Era justo e adequado, portanto, que Tiago, sacerdote do Templo, trouxesse o cordeiro para dentro, nesta páscoa hebraica que havia de realizar e consumar as páscoas celebradas através dos tempos, porque agora a grande solenidade anual estava prestes a transmudar-se na Páscoa eterna, o Sacrifício Eucarístico, o grande Antítipo de todas elas.

---

[1] Deut. VI, 4-9, e XI, 13-21, com Núm. XV, 37-41.

[2] *Ber.* I, 3.

Enquanto eles cantavam o *Credo*, Tiago foi até a mesa chamada credência, onde, juntamente com o vinho e a água, jazia na sua cruz o cordeiro assado. Ele pega e levanta o prato no qual este repousa, passa por onde Senhor e seus ministros estão no santuário, faz uma profunda reverência diante de seu Senhor e Mestre, e vai até a mesa no meio do cenáculo. Sobre a mesa ele estende uma toalha de linho, põe em cima desta a travessa com o cordeiro, volta a entrar no santuário, faz uma inclinação diante do Senhor e toma assento em seu lugar, ao lado do Mestre.

Hoje esta exata cerimônia é vista em todas as Missas solenes enquanto o *Credo* é cantado. O diácono curva-se ante o celebrante, vai até a credência, pega a bursa com seu corporal, curva-se ante o celebrante, vai e estende o corporal sobre o altar, volta, curva-se ante o celebrante e senta-se no seu lugar.

Mas o *Shemá*, ou *Credo* da Igreja judaica, não podia bastar para a Igreja cristã, porque novos elementos, a Divindade de Cristo, a doutrina do Espírito Santo, o batismo e outras verdades tinham sido adicionadas à religião hebraica.

Depois da vinda do Espírito Santo, os apóstolos se reuniram na Gruta no monte das Oliveiras, onde haviam se escondido com o Mestre desde a Segunda-Feira até à tarde da Quinta-Feira antes da Crucificação. Ali eles deram forma ao que hoje é chamado de *Credo dos Apóstolos*, cada um deles formulando, segundo se diz, uma de suas doutrinas. Esse *Credo*, ligeiramente modificado pelos concílios antigos depois de seus artigos terem sido atacados, tornou-se o *Credo* cantado hoje em todas as Missas solenes, assim como o *Credo* judaico foi cantado na Última Ceia.

O SHEMÁ.

DEUT. VI, 4-9.

"Escuta, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma e com toda a tua força. E estas palavras que eu te ordeno neste dia estarão dentro do teu coração. E tu as ensinarás a teus filhos, e as meditarás sentado em tua casa e andando pelo teu caminho, ao dormir e ao despertar. E as atarás como um sinal na tua mão, e elas estarão e mover-se-ão entre os teus olhos. E escrevê-las-ás no limiar e nas portas da tua casa."[1]

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 268.

DEUT. XI, 13-21.

“Se vós, portanto, obedecerdes aos meus mandamentos, que vos prescrevo neste dia, de amar o Senhor vosso Deus, e de o servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma, ele dará à vossa terra as chuvas temporãs, e as chuvas serôdias, para que recolhais o vosso trigo, e o vosso vinho e o vosso azeite, e o vosso feno dos campos para sustentar os vossos gados, e para que vós tenhais o que comer e com que vos saciar. Tende cuidado que o vosso coração não seja seduzido e vos aparteis do Senhor e sirvais a deuses estranhos e os adoreis; e o Senhor, irado, feche o céu, e não caiam as chuvas, nem a terra dê os seus frutos, e vós pereçais depressa da excelente terra que o Senhor está para vos dar. Ponde estas minhas palavras nos vossos corações e nas vossas almas, e trazei-as suspensas nas vossas mãos como um sinal, e colocai-as entre os vossos olhos. Ensinai a vossos filhos que as meditem quando estiverdes sentados em vossa casa, ou andando a caminho, e quando vos deitardes e vos levantardes. Escrevê-las-eis sobre os batentes e as portas da vossa casa. Para que se multipliquem os vossos dias, e os dias de vossos filhos na terra que o Senhor jurou a vossos pais que lhes daria, enquanto os céus estiverem sobre a terra.”

NÚM. XV, 37-41.

“O Senhor disse também a Moisés: Fala aos filhos de Israel e lhes dirás que se façam franjas nos cantos de suas vestes, pondo nelas fitas de cor azul. Para que, vendo-as, eles se recordem de todos os mandamentos do Senhor e não sigam seus próprios pensamentos e olhos, extraviando-se correndo atrás de coisas diversas. Mas que, pelo contrário, atentando para os preceitos do Senhor, eles cumpram-nos e sejam santos perante o seu Deus.”[1]

Cristo: “Escuta, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é Um.

Apóstolos: “Um é o nosso Deus, grande é nosso Senhor: santo é o seu nome.

Cristo: “Exaltai o Senhor comigo e enalteçamos juntos o seu nome. Vossa, ó Senhor, é a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade, porque tudo o que há no céu e na terra é vosso. Vosso, ó Senhor, é o reino, e a supremacia como cabeça de todas as coisas.

---

[1] *Berakhot*, Capítulo I.

Exaltai o Senhor nosso Deus, e adorai ante o seu escabelo, ele é santo. Exaltai o Senhor nosso Deus; e adorai no seu monte santo, porque o Senhor nosso Deus é santo.

"Sê bendito, ó nosso Rochedo, nosso Rei e Redentor, Criador dos seres santos, louvado seja o teu nome para sempre. Ó nosso Rei, Criador dos espíritos ministrantes, todos os quais estão de pé nos vértices do universo, e proclamam alto e em uníssono, com veneração, as palavras do Deus vivo e eterno Rei. Eles todos são amados, puros e fortes, eles todos com reverência e temor fazem a vontade de seu Mestre, e eles todos abrem a boca em santidade e pureza, com cânticos e salmodia, enquanto abençoam, louvam, glorificam, reverenciam, santificam e atribuem soberania. O nome do Divino Rei, o grande, forte e terrível, o Único, ele é santo. E eles tomam sobre si, uns dos outros, o jugo do reino dos céus, e ratificam-se uns aos outros a reverenciar seu Criador com tranquila alegria de espírito, com palavra pura e santa melodia, eles todos respondem em uníssono e exclamam com admiração:

"Santo, santo, santo, é o Senhor dos exércitos, a terra toda está repleta da sua glória."[1]

"E os *ofanim* e as santas *haiot*,[2] soerguendo-se com clamores de grande ímpeto na direção dos serafins, assim defronte a eles, prestam louvor e dizem:

"Bendita seja a glória do Senhor desde a sua morada."

Estes serviços sinagogais trouxeram a Primeira Missa até o final do Prefácio de nossa Missa latina.

Essa oração do Templo e da sinagoga, com poucas modificações, chega até o presente no Prefácio da Missa. Até aqui e não além, a sinagoga levou a Missa tal como a vemos hoje na Liturgia latina, até ao final do Prefácio. Logo, a Missa no Rito romano segue em linhas gerais o culto praticado no Templo, culto este instituído por Moisés. Ele guiou os hebreus até avistarem a Terra Prometida, mas ele próprio não a adentrou. Quando do cimo do monte Nebo ele avistou a Palestina, a ocidente, estendendo-se na sua frente, ele tinha cumprido sua missão e então faleceu. O judeu chega até vislumbrar as maravilhas sobrenaturais da Missa, com sua Consagração e Sacrifício Eucarístico. Um maior do que Moisés estava predito viria, para guiar o mundo a adentrar a fé cristã.

Depois de o Senhor e seus sete ministros concluírem as funções sinagogais, eles sentaram-se no interior do *Bimá* ou

---

[1] Isaías VI, 3.

[2] Esses nomes hebraicos de serafim e de querubim não se encontram na Bíblia.

santuário, tal como o bispo se assenta em seu trono, cercado de seus ministros, durante a primeira parte da Missa.[1]

Em seguida o Senhor e seus ministros levantaram-se de seus assentos, inclinaram-se profundamente diante da *Torá* ("a Lei"), e então marcharam processionalmente do santuário até à mesa no meio do cenáculo. De acordo com o rito do Templo, eles marcham à frente dele por ordem de distinção, assim como o clero até hoje sobe adiante do bispo até ao altar, simbolizando os patriarcas, profetas, sacerdotes e homens santos do mundo antigo que precederam Cristo, para preparar o caminho à sua vinda, em pessoa, em profecia e em cerimonial. Eis a razão pela qual, em todas as cerimônias da Igreja, o celebrante vem por último, e o bispo sobe de seu trono até ao altar durante o Ofertório da Missa.

Revestidos dos paramentos sacros que descrevemos, cada um carregando seu bastão, eles marcham até à mesa, como o Senhor lhes tinha ordenado, para comer o cordeiro pascal: "E deste modo comê-lo-eis: cingireis os vossos rins, e tereis sandálias nos pés, e o bordão em mãos."[2] Primeiro vieram os cinco apóstolos que tinham acolitado para ele, depois os sete que tinham lido as sete seções da Lei, e por último veio o Príncipe da Casa de Davi, revestido de púrpura real e vestes de tecido de ouro bordadas de branco, vermelho, verde e violeta — as cores sagradas do Templo do Senhor dos exércitos.

A regra era que cada um participasse do culto vespertino antes de celebrar a páscoa, e até o presente momento enchiam o cenáculo os setenta e dois discípulos e as pessoas que ele convertera que o tinham seguido desde a Galileia para assistir à páscoa — estando os homens e as mulheres separados por uma balaustrada baixa que atravessava o meio da sala.

No entanto, como a lei estipulava que não menos do que dez nem mais do que vinte pessoas podiam formar um grupo para celebrar a páscoa judaica, todos saíram e deixaram-no a sós com seus apóstolos, formando um grupo de treze.[3] Os outros formaram "grupos" e celebraram sua páscoa nos vários aposentos em que os edifícios do cenáculo se dividiam.[4]

---

[1] Ver S. TOMÁS, *Sum. Theol.*, III, q. 22, a. 3 ad 3, etc.

[2] Êxod. XII, 11.

[3] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 191 a 210, 445 a 475.

[4] *Ibidem*, vol. II, 120; Lucas VIII, 1; EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 572.

Simão Cananeu.

Tiago de Alfeu.

Bartolomeu, chamado Natanael.

Mateus, chamado Levi.

Primero Lugar de Judas.
Segundo Lugar de Pedro.

Espaço aberto, para os serviçais e para quem entrava e incensava a barba de cada um depois de enchido o quarto cálice de vinho e água.

Seis Velas de Cera de Abelha.

Tadeu, chamado Judas.

Tomé.

Filipe.

André.

Primeiro Lugar de Pedro.
Segundo Lugar de Judas.

João.

JESUS CRISTO.

Tiago.

Água. Vinho.

Grande *Gabi'a*, ou

Cálice e prato.

A Credência, copiada da Mesa do Pão da Proposição no Templo.

1. *Aficomán.* 2. *Harósset.*
3. Alface. 4. Rabanete.
5. Peixinhos. 6. Prato de carne.
7. Pão não fermentado.
8. Sal e Vinagre.
9. Treze taças de vinho.
10. Treze pratos.
11. Cordeiro Assado Crucificado.

Disposição das mesas, dos divãs, posição de Cristo e dos apóstolos durante a primeira parte da Última Ceia. Depois da manducação do cordeiro, seus restos foram removidos, e eles deram início à festa dos ázimos, que Cristo transformou na Missa.

Simão Cananeu.

Tiago de Alfeu.

Bartolomeu, chamado Natanael.

Mateus, chamado Levi.

Pedro.

Espaço aberto, para os serviçais e para quem entrava e incensava a barba de cada um depois de enchido o quarto cálice de vinho e água.

Seis Velas de Cera de Abelha.

Grande Cálice.

Aficomán.

Tadeu, chamado Judas.

Tomé.

Filipe.

André.

Judas.

João. JESUS CRISTO. Tiago.

Água. Vinho.

A Credência, copiada da Mesa do Pão da Proposição no Templo.

O *aficomán* era o pão ázimo (não fermentado) no prato diante de Cristo e que ele consagrou.

O grande cálice era enchido com vinho misturado com água.

Na Igreja primitiva eles rezavam Missa de frente para o povo. Mais tarde eles passaram para o lado oposto da mesa, assim as costas do celebrante ficaram voltadas para a assembleia, e este costume prevalece em nossos dias.

Disposição das mesas, dos divãs, posição de Cristo e dos apóstolos no princípio da segunda seção da Última Ceia, chamada festa dos ázimos, durante a qual só se usavam Pão e Vinho.

XII.— AS ORAÇÕES E CERIMÔNIAS DO CÂNON DA PRIMEIRA MISSA.

REVESTIDOS dos paramentos sagrados que descrevemos, com cintas cingindo seus rins, sandálias nos pés, turbantes sobre a cabeça, bastões nas mãos, o Senhor e seus apóstolos se aproximaram da mesa, para comer a páscoa conforme os ritos que Deus determinou, por intermédio de Moisés, a seus ancestrais.[1]

Visto não poderem segurar bem os seus bastões enquanto estivessem reclinados, eles entregam-nos aos servidores, tal como o bispo entrega o báculo a um de seus clérigos, antes de subir ao altar para sacrificar e consumir o verdadeiro Cordeiro de Deus, na Eucaristia. Eles não usaram turbantes ao reclinar-se à mesa, e supomos que os tenham removido tal como o bispo depõe sua mitra antes de subir ao altar.

Diante do *Bimá* ou santuário, no meio do cenáculo, três mesas tinham sido preparadas; estavam arrumadas em forma de “U”, com uma delas ligando transversalmente as cabeceiras das outras duas, de modo que os serventes pudessem entrar no meio delas e servir aos comensais. Essas mesas, os romanos chamavam de *triclinium* (“três leitos”)[2].

As mesas para a páscoa judaica eram sempre cobertas com toalhas de mesa feitas de linho, tendo a mesa transversal três coberturas, com as pontas da toalha de cima escorrendo até o chão,[3] tal como visto em nossas igrejas, nas três toalhas de altar feitas de linho, com a de cima escorrendo das bordas do altar.

O dirigente do banquete, que era chamado de *arquitriclino*[4] (“o mestre dos três leitos”), reclinava-se no meio da mesa transversal, seu lugar sendo chamado de o *medius* (“do meio”). Ele tinha à sua mão direita, no lugar chamado *summus* (“o mais elevado”), um de seus parentes ou seu amigo favorito, e à sua esquerda, no *immus* (“o lugar inferior”), outro amigo. Na celebração da páscoa judaica,

---

[1] Êxod. XII, 11.

[2] EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 115, 491; GEIKIE, *Life of Christ*, II, 114; SMITH, *Dic. of Bible*, art. *Feasts* (“Festas”), etc.

[3] *Talmude* babilônico, c. X, p. 211, etc.

[4] João II, 8-9.

para simbolizar o sumo sacerdote com seu *segan* a seu lado na cerimônia do Templo, o presidente do banquete punha a seu lado, à sua direita, um *rabi* proeminente, “o presidente da sinagoga”, ou alguém que ele quisesse homenagear.

Algumas vezes os leitos ou divãs era amplérrimos, e um amigo reclinava-se ao lado do outro, tendo eles a cabeça sobre a mesa, o cotovelo esquerdo apoiado na almofada, os pés esticados quase tocando o chão. Repousando dessa maneira perto um do outro, lado a lado eles conversavam entre si em voz baixa e trocavam confidências.

Um largo divã ficava em paralelo com a mesa transversal, e nove pequenos divãs tinham suas cabeceiras dando para as duas mesas arranjadas para os demais apóstolos. No meio do largo divã, na mesa principal, reclinou-se o Senhor com seus amigos mais estimados. Quem eram estes? Na história dos Evangelhos, Pedro, Tiago e João são apresentados como os amigos mais queridos de Jesus. Antes chamado Simão, Cristo mudou o nome dele para Pedro (“o Rochedo”), a pedra angular da sua Igreja, e ele sempre é citado primeiro, como Príncipe dos Apóstolos. Vinte e três vezes Mateus menciona-o, dezenove vezes Marcos cita seu nome, vinte vezes Lucas escreve acerca dele no seu Evangelho, e João trinta vezes, enquanto a história da Igreja nascente — os Atos dos Apóstolos — tem cinquenta e cinco versículos com o nome dele.

Tiago e João, filhos de Zebedeu, pescadores da Galileia, eram da família de Aarão e, portanto, sacerdotes do Templo. É o que dizem alguns autores. Dezenove vezes o nome de Tiago se encontra nos Evangelhos e nos Atos, mas seu irmão João não o menciona; ele foi nomeado, dizem alguns que pelo próprio Cristo, como primeiro bispo de Jerusalém. Renomado por sua santidade mesmo entre os judeus e os pagãos, mataram-no os judeus, e o grande historiador deles, Josefo, diz que as calamidades do horrendo cerco e destruição do Templo e da cidade, pelos romanos sob a égide de Tito, foram uma visitação — um castigo — de Deus aos judeus, por causa do martírio de Tiago.

João (“o piedoso”), o mais jovem do grupo apostólico, era amado por Jesus mais do que os outros, por ser virgem, e aos seus cuidados ele confiou sua Mãe. De seu trono em Éfeso, João governou as igrejas na Ásia. Escreveu seu Evangelho para defender a divindade de Cristo, atacada pelos primeiros hereges. Dezenove vezes encontramos o nome dele no Evangelho e nos Atos. Ele não cita seu próprio nome, mas refere-se a si mesmo como “aquele discípulo que Jesus amava”.

A esses três, Jesus tinha na mais alta estima, em virtude do que representavam eles na sua futura Igreja. Pedro, o primeiro bispo de Roma, figurava aquela longa linhagem de Pontífices que ensinaram ao mundo a religião. Tiago, o primeiro apóstolo a ter uma sé fixa, como primeiro bispo de Jerusalém, o primeiro a formar uma liturgia, o primeiro bispo a morrer mártir, representava os bispos do mundo. João simbolizava a Igreja judaica, o Templo com seus sacrifícios, a sinagoga com seus serviços de culto, os patriarcas que foram os pais das nações, os profetas com suas palavras e escritos inspirados que constam do Antigo Testamento, toda a história e a religião dos hebreus.

Por isso, quando Cristo ressuscitou a menina morta,[1] quando se transfigurou no Tabor e quando entrou nas terríveis agonias do Getsêmani, quando ele mostrou seus poderes como Deus e quando ele sofreu no Horto, ele chamou esses três — Pedro, Tiago e João — para estarem com ele.[2] Por onde, nós inferimos que ele os chamou para estarem ao seu lado quando celebrou a Última Ceia.

Assim sucedeu que o Senhor juntamente com Pedro, Tiago e João reclinaram-se à mesa transversal, voltados para os outros apóstolos, que se reclinaram do lado externo das duas mesas paralelas, uma defronte à outra. A Igreja primitiva, copiando cuidadosamente cada detalhe daquele festim, pôs o bispo atrás do altar, onde ele rezava Missa de frente para o povo. Ali ficava o trono do bispo, na abside da catedral, tal como hoje se vê na Basílica de S. João do Latrão, a catedral do Papa, em Roma, e nas catedrais antigas, costume este seguido ainda pelos cristãos orientais. Os apóstolos reclinando-se no lado externo das mesas paralelas voltados uns para os outros deram origem às cadeiras no coro da catedral e aos assentos para o clero em nosso santuário.

Recostado próximo ao Senhor à sua direita estava Pedro, seu líder, assim como hoje o sacerdote assistente fica ao lado do bispo que pontifica, assim como o *segan* ficava ao lado do sumo sacerdote do Templo quando este sacrificava. À sua direita estava Tiago, servindo ao Mestre, como hoje se vê o diácono ao lado do bispo, à sua direita. Do outro lado estava João, como o subdiácono fica à esquerda do bispo.

Reclinados nos divãs, Jesus está de frente para Tiago e de costas para João, e foi fácil, assim, para este último deitar a cabeça sobre o peito de Jesus ao seu lado, e perguntar em sigilo, sussurrando, quem era o traidor, e também para o Senhor

---

[1] Lucas VIII, 51.
[2] Mateus XXVI, 37.

mergulhar o bocado de pão na *harósset*, ou molho, e entregá-lo a Judas do outro lado de Tiago.

Sobre a mesa transversal, perante o Senhor e seu "grupo" de apóstolos que diante dela se reclinavam, ardiam as seis velas de cera de abelha da páscoa hebraica, juntamente com os diversos pratos que descrevemos. Diante dele estava o cordeiro assado crucificado, jazendo imóvel na sua cruz, imagem impressionante d'Aquele que havia de ser crucificado no dia seguinte. O Mestre, como Senhor da Páscoa, presidindo ao banquete, havia de trinchar "o Corpo do Cordeiro", cortando porções da carne para cada um, a fim de que a vítima, chamada de "o Cordeiro de Deus" desde que fora escolhida na Segunda-Feira, prefigurasse tão impressionantemente aquele que João Batista chamou de "o Cordeiro de Deus que havia de tirar os pecados do mundo."[1] Ele havia de dar-se a eles na Comunhão, para realizar a imagem patriarcal e do Templo: o cordeiro sacrificado.

Através dos tempos, desde os dias de Adão e de Abel, o cordeiro foi sacrificado e consumido como figura típica do Redentor, no sacrifício e cerimonial proféticos patriarcais, com todas as suas significações simbólicas e místicas. Por isso ele, que era o verdadeiro "Cordeiro de Deus", o grande Antítipo para o qual tudo apontava, havia de se doar a eles na Eucaristia, para que, assim como o corpo foi alimentado pela carne do cordeiro no Antigo Testamento, assim as almas cristãs fossem alimentadas pelo Corpo e Sangue do verdadeiro Cordeiro de Deus, Cristo. Porque se ele não estivesse realmente presente na Eucaristia — na Comunhão —, aí então os tipos da Igreja judaica jamais se teriam cumprido, a sombra nunca teria sua realidade, e o próprio Deus teria enganado a humanidade.

Sempre adiante, para cima, mais alto, contendem as almas humanas. Os mais profundos instintos de nossa razão mesma são de tender para a verdade e para a perfeição eternas em Deus. O sonho e aspiração de nossa raça apontam para o céu, para a união com Deus em felicidade eterna para além dos céus. A união com a Divindade! Que outra coisa senão esta é capaz de satisfazer aos perenes anseios instintivos de nossas almas? Agora o Deus-Homem está prestes a realizar os tipos, a satisfazer esta fome da alma, este anseio inato a todos nós. Ele, que estava em vias de morrer pelos homens, ia se doar a si mesmo para nós, doar todo o seu ser — seu Corpo, Sangue, alma e Divindade — para os milhões dos redimidos terem como alimento de sua vida espiritual a ele, fonte única do

---

[1] João I, 29; *Talmude* babilônico, *Pesahím*, X, 3; GEIKIE, *Life of Christ*, I, 391; II, 447.

sobrenatural, único elo de união entre Deus e os homens. O cordeiro assado do Antigo Testamento, com todo o seu cerimonial místico, foi unido ao pão e vinho do Novo Testamento, prestes a ser transmudado no Corpo e no Sangue dele. Por isso, quando eles chegaram à mesa, olhando em retrospectiva para o passado repleto de tipos e de emblemas proféticos desta grande Ceia, e penetrando com um olhar o futuro, a outra vida no céu, quando tudo seria consumado, Cristo exprimiu os sentimentos profundos de seu coração pleno de amor.

"Ardentemente desejei comer esta páscoa convosco antes de sofrer. Porque vos digo que de agora em diante não mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus."[1]

Com desejo ardente ele quis realizar os sentidos da páscoa hebraica, para que assim como ele tinha unidas a divindade com a nossa humanidade em sua única pessoa de Divino Filho, ele pudesse então ligar-se a todos os membros de sua Igreja na Comunhão, e assim estreitar-se na mais íntima união possível a cada um dos membros de sua Igreja, e desse modo satisfazer aos anseios de nossa natureza por união com a Deidade.

Assim como no Templo e nos dias dos profetas e dos patriarcas, assim também todos os objetos e cerimônias eram simbólicos na páscoa hebraica. Nos tipos, imagens, emblemas, objetos religiosos e Escrituras Sagradas, Deus revelara aos pais deles o futuro. A profecia, o mistério e a história escondidos na antiga páscoa desde bem antes dos tempos históricos estavam agora prestes a ser realizados, revelados, terminados, completados, santificados, desvelados e a encontrar as razões de sua revelação. Iam ser abençoados pelo próprio Filho de Deus. Até então somente sombras, tinham de se tornar na substância que tão admiravelmente prefiguravam.

Por isso, vamos pedir a indulgência do leitor e recordar uma vez mais a mística da páscoa judaica. À frente do lugar do Senhor, no meio da mesa transversal, numa grande travessa, o cordeiro sacrificado, esfolado e assado estava suspenso sobre sua cruz. Dos tempos pré-históricos, de antes do dilúvio ele viera e era preparado e consumido todo ano na Páscoa, para prefigurar, muito melhor do que quaisquer palavras, pregações e escritos, o Senhor que logo mais seria preso, julgado, condenado, flagelado, crucificado e morto, ficando coberto do soro amarelo que lentamente escoava de si. Seu corpo, esfolado pelos açoites, quando morto parecia como se ele

---

[1] Lucas XXII, 15.

tivesse sido assado, para mostrar que ele, repleto do fogo invisível da *Shekiná*, do Espírito Santo que o inspirava com o amor, havia de morrer para redimir-nos e ser tomado como alimento, como "o Cordeiro de Deus", na Eucaristia.

Os três bolos ázimos de farinha de trigo misturada com água, azeite e incenso, untados com uma cruz, com cinco furinhos de dedo e assados no fogo, prefiguravam o corpo do Senhor com suas cinco chagas, quebrantado na sua Paixão, como que cozido no fogo da *Shekiná*, ungido pelo Espírito Santo, o verdadeiro Maná que os cristãos consomem na Comunhão. O vinho na galheta era emblemático do sangue dele, derramado nos seus sofrimentos pelos pecados dos homens.

As ervas amargas simbolizavam aquela amarga escravidão que seus pais sofreram no Egito, e os hábitos amargos do pecado que escravizam as almas cristãs. O vinho azedado torna-se vinagre, os prazeres da vida representados pelo vinho ficaram ácidos pelo pecado e pelos hábitos viciosos, que acorrentam a alma em escravidão demoníaca.

A carne como alimento representativo do Leviatã, o hipopótamo do Nilo, era emblemática do Egito para o judeu, e típica do demônio para o cristão. A fera é citada no Livro de Jó, acometido de uma terrível doença de pele provocada nele pelo demônio. Jó não conseguia entender, em sua inocência, por que era tão afligido, mas ele representava o futuro Cristo, com toda a sua paciência, sofrendo os horríveis açoites no fórum de Pilatos. O Leviatã, para a mente judaica, era emblemático do Egito, o inimigo de seus pais, mas o cristão vê nessa fera o demônio, do qual não Jó, mas Cristo triunfou.[1] Daí que Deus falou a Jó:

"Poderás pescar o Leviatã com anzol, ou atar-lhe a língua com uma corda?", isto é, pôr um freio na boca dele e dominá-lo? Porque um personagem maior do que Jó, o Messias, havia de vir e resgatar a humanidade da escravidão do diabo. A carne tomada como alimento lembrava-os também do elefante, que eles chamavam de *beemot* ("fera enorme"), típico da Babilônia, onde ao longo de setenta anos os seus pais estiveram escravizados, e era emblemático da Antiga Serpente, que desde os portões do Éden escravizara a raça de Adão e que Cristo havia de subjugar com a sua morte.

Na páscoa judaica, o mestre dirigente usava um cálice maior chamado *mezrak*, porque ao final do banquete ele oferecia o seu cálice a cada conviva, "e todos bebiam dele",[2] como sinal de amizade

---

[1] Jó III, 8; MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 978.
[2] Marcos XIV, 23.

antes de partirem. A lei e o costume prescreviam que cada um devia tomar não menos de quatro taças de vinho. As mulheres, as pessoas de constituição débil e as crianças nem sempre conseguiam tomar quatro cálices cheios de vinho puro, e já nos tempos pré-históricos misturavam o vinho com água, para poderem tomar as quatro "taças de preceito". É por essa razão que a água é misturada ao vinho na Missa, o que alguns autores dizem ser prefigurado pela água que jorrou do lado de Cristo morto.

O Príncipe da dinastia de Davi usou naquela noite um grande cálice de prata, o famoso *gabi'a* ("cálice"), que seus ancestrais predisseram que o Messias usaria, segundo as palavras de Davi: "Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor."[1]

Uma curiosa tradição dos judeus naquele tempo afirmava que este era o cálice que fora usado por Noé quando ele abençoou as raças caucasianas no pai delas, Jafé, e amaldiçoou em Canaã os filhos de Cam.[2] Seu filho Sem, chamado Melquisedec, utilizou-o quando ofereceu pão e vinho e abençoou os hebreus em seu pai, Abraão.[3] Chegara até as mãos dos reis hebreus. Quando os babilônios saquearam a cidade, perdeu-se. Mas no ano 12 antes de Cristo, quando Herodes começou a construir o Templo, foi encontrado em meio às ruínas e guardado, por segurança, no cenáculo. Julgue por si mesmo o leitor acerca da veracidade dessas afirmações. A seu respeito escreve o Ven. Beda (o Martírio que ele menciona sendo então as ruínas do palácio de Pilatos e o Gólgota/Calvário):

"Na rua que leva do Martírio até o Gólgota, havia um santuário que abrigava o Cálice do Senhor, e através do gradeado costumava-se tocá-lo e beijá-lo. O cálice era de prata e tinha duas alças, e dentro dele estava a esponja que foi oferecida ao Senhor para beber dela."[4]

Esse cálice, portanto, era uma espécie de "taça de amor" (i.é, uma taça grande, do tipo que se passa em volta dum banquete, para todos beberem), com duas alças para que os comensais pudessem tomá-la em mãos ao beber — sendo essa cerimônia a prova derradeira do amor e da estima que tinham pelo dirigente do banquete, a cuja mesa hospitaleira haviam se banqueteado. Quando o Senhor consagrou esta que é a última ou quarta taça de vinho e passou-a entre seus apóstolos, ele realizou o sentido do antigo rito do cálice de amor e de amizade da páscoa judaica.

---

[1] Salmo CXV, 13, etc.

[2] Gên. IX, 21-27.

[3] Gên. XIV, 18, etc.

[4] *De Locis Sacris*, Cap. 2.

Junto ao grande Cálice havia um prato de prata, pertencente ao jogo utilizado por Melquisedec quando ofereceu em sacrifício o pão e o vinho. Essa patena sustinha os três bolos de pão sem fermento. Cálice e prato eram cobertos com guardanapos, tal como são cobertos os vasos sagrados sobre os nossos altares. Diante do lugar de cada apóstolo havia uma pequena taça ou cálice, que se chamava *kos* ou *sepil*. Seguindo o rito judaico, os primeiros cristãos usavam mais de um cálice, até que surgiram abusos e começou nossa disciplina atual.

Perto da ponta da mesa transversal, à esquerda do Mestre, havia uma mesinha, copiada da mesa de ouro do Templo sobre a qual os sacerdotes punham, todo *shabat*, o pão e o vinho da proposição diante do Senhor.[1] Na páscoa judaica, eles punham nessa mesa o cálice que o dirigente do festim usava, o prato que sustinha os três bolos de pão ázimo e os dois jarros contendo vinho e água.[2] Portanto, supomos nós que nessa mesa repousou o antigo e histórico *gabi'a* ("cálice"), com seu prato de prata segurando os três bolos e os dois recipientes, um de vinho e outro de água. Depois de o dirigente do banquete pascal partir o *aficomán* em duas metades, uma metade é devolvida a esta mesa, a outra repousa sobre a mesa à frente do dirigente. Essas duas partes do bolo do meio são mencionadas frequentemente durante as cerimônias.

Na páscoa hebraica, os amigos do dirigente do festim, ou "os homens a postos" da sinagoga, enchiam os cálices dos convivas com vinho e mesclavam-no com água desse jarro, e usavam também dessa água para lavar as mãos deles. Atualmente, no santuário, ao lado do altar fica a mesa chamada credência, que provém do Templo, sobre a qual, nas Missas solenes, tu vês o cálice e a patena ou pratinho com o pão, ficando estes cobertos como durante a páscoa dos hebreus, e ao seu lado as galhetas de vinho e de água.[3] Pedro, Tiago e João fazendo as vezes dos "homens a postos" da Igreja judaica, verteram talvez o vinho e a água dentro do cálice para o Senhor. Hoje o sacerdote assistente fica em pé ao lado do bispo, enquanto o diácono e o subdiácono preparam e despejam o vinho e a água dentro do cálice.

A parte mais antiga da páscoa hebraica era o cerimonial à mesa quando eles comiam a carne do cordeiro, e a festa dos pães ázimos quando eles consumiam o pão e vinho com orações, salmos e hinos. Os serviços sinagogais ou orações vespertinas foram adicionados

---

[1] *Talmude*, *Hagagá*, 53.
[2] Ver S. TOMÁS, *Sum. Theo.*, III, Q. 74, A. 6-8, etc.
[3] Ver GEIKIE, *Life of Christ*, II, 191, 514, etc.

depois do cativeiro da Babilônia, mas este serviço à mesa foi transmitido pelos patriarcas, ou então por Moisés e os profetas.

O serviço sinagogal era cantado em voz alta, ao passo que o *Séder* à mesa era recitado em voz mais baixa. O culto sinagogal levava a antiga páscoa até o final do que chamamos de Prefácio da Missa. Durante esta primeira parte da Missa, o celebrante canta-a em voz alta, enquanto que o Cânon ele recita em voz baixa. Por que isso? Dizem alguns autores que o Cânon é rezado assim, em voz baixa, por causa das perseguições do Império Romano, e que então eles rezavam Missa em lugares secretos, e em voz baixa para os inimigos não os escutarem.

Mas os inimigos teriam ouvido a primeira parte da Missa, que sempre foi cantada desde o início, quando possível. Os orientais, que não foram perturbados pelas perseguições romanas, cantaram a Missa desde os tempos apostólicos, e por isso esta não parece ser uma razão válida para o Cânon ser recitado em voz baixa. Este Cânon, encontrado somente na Liturgia latina, a Missa que S. Pedro instituiu em Roma, é a parte mais sagrada da Missa, e corresponde ao sagrado *Séder* da páscoa hebraica recitado à mesa pelos judeus em voz mais baixa. S. Pedro, chefe do grupo apostólico, fixou portanto a Liturgia latina, com seu Cânon, em maior conformidade com o ritual da páscoa judaica do que os outros apóstolos, que estabeleceram Liturgias da Missa em diversas línguas.

Dois intervalos de descanso dividem o *Séder* pascal judaico em três sessões. Eles afirmam que uma seção prenunciava os sofrimentos do Messias; a segunda, os sofrimentos no inferno; e a terceira, as guerras contra Gog ("montanha", "o alto") e Magog, o país dele, que estava predito combateria contra Israel. Ele era figura daquele Anticristo que foi profetizado combaterá contra os cristãos perto do fim do mundo.[1]

Cada pessoa que celebrava a páscoa judaica segurava em mãos o rolo da liturgia e lia o serviço litúrgico junto com o mestre da cerimônia, com este último conduzindo. Portanto, cada apóstolo segurou em mãos seu pergaminho ou livro da liturgia pascal, e junto com Cristo recitou as orações. Por essa razão o sacerdote ao ser ordenado, ou o bispo na sua sagração, rezam a Missa junto com o bispo ordenante ou pontificante.

---

[1] Ver ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. I, nota 6. Referimos o leitor a esta obra, a BENTO XIV, *De Festis D. N. Jesu Christi*, MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, e aos vários autores judeus, ao *Talmude*, às Vidas de Cristo, etc., para numerosos detalhes das páginas seguintes.

Ao chegarem à mesa eles se reclinaram nos divãs, lembrando da liberdade de seus pais depois da escravidão egípcia, e emblemáticos do repouso da humanidade com respeito às provações e tribulações do Antigo Testamento. Assim começaram eles aquela parte da liturgia pascal judaica que corresponde ao Cânon da Missa latina. Em recordação dessa posição reclinada, quando o celebrante começa o Cânon com estas palavras: "A Vós, pois, Pai clementíssimo", etc., ele ergue as mãos, desce-as até a beirada da mesa de altar e faz uma profunda inclinação, descansando as pontas dos dedos na beirada da mesa, em rememoração de Cristo e de seus apóstolos reclinados na Última Ceia.

Os Evangelhos citam somente as palavras e os incidentes que não faziam parte da páscoa judaica: as palavras do Senhor, o lava-pés, a profecia da traição de Judas, a Consagração, a Comunhão, as palavras de advertência, a promessa de rezar por Pedro contra os ardis do demônio — estes não faziam parte da festa e banquete judaicos, e são citados nos Evangelhos.

Por que não foram citados todos os detalhes da primeira Missa? Porque teriam sido supérfluos. Todo judeu celebrava a páscoa. Reclinara-se à mesa desde que fora confirmado aos doze anos; conhecia o cerimonial e a liturgia pascal, e teria sido inútil encher os Evangelhos com liturgia e cerimonial, porque todos os hebreus, bem como os pagãos em sua maioria, conheciam ou podiam aprender tudo sobre a páscoa judaica.

A páscoa judaica dos dias de Cristo pode ser colocada diante dos olhos do leitor? Vamos citar o rito, tal como o vimos ser celebrado em Jerusalém, e pôr Cristo como o chefe deste grupo de doze apóstolos. Não dizemos que o que se segue esteja absolutamente correto, mas é tão próximo da Última Ceia quanto é possível reconstituí-la depois do intervalo de quase vinte séculos.

Os Evangelhos em grego dizem que "ele reclinou-se" à mesa, nossa Bíblia diz que ele "sentou-se". "E, chegada que foi a hora, ele reclinou-se, e os doze apóstolos com ele."[1]

A Liturgia da páscoa judaica, com as orações, salmos, cânticos, hinos, instruções, rubricas, etc., que a compunham, foram os fundamentos com base nos quais os apóstolos, os homens apostólicos e os grandes santos formaram as cinquenta e quatro diferentes Liturgias da Missa. A mais famosa, o Rito Romano, foi fixado por Pedro na Cidade Eterna, e com pouca mudança nos foi legado sob o nome de Missa latina ou Missa romana.

---

[1] Lucas XXII, 14.

Esses serviços à mesa, os judeus chamam de *Séder* (“seção”), para distingui-los dos serviços e orações sinagogais já citados e que eram proferidos no *Bimá* ou santuário. Donde proveio essa Liturgia da páscoa hebraica, ou *Séder*? Alguns escritores judeus dizem que é Moisés o seu autor; outros, que Moisés sentou as bases, e que os profetas e grandes homens Israel lhe acrescentaram coisas; mas concordam todos que teve origem remota, em tempos imemoriais, anteriores ao cativeiro da Babilônia. O judeu palestinense quase não mudou um iota de sua religião desde esses dias longínquos, e repele a ideia de quaisquer adições de monta feitas ao *Séder* desde que viveram os profetas. Nada se iguala ao conservadorismo do hebreu jerosolimitano com respeito à sua fé.[1] Citaremos as catorze divisões do formulário litúrgico pascal hebraico, debaixo de títulos distintos, com as traduções livres que os judeus modernos fazem desses títulos hebraicos.

---

[1] Ver EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 438; II, 137, 138; GEIKIE, *Life of Christ*, etc.

A LITURGIA DA ÚLTIMA CEIA DO SENHOR.

SANTIFICAÇÃO DA *PÉSSACH*
(A PÁSCOA HEBRAICA).

1. O *KADÊSH*, "SANTIFICAI". (RECITAR A SANTIFICAÇÃO.)

Eles derramam o vinho nos cálices, misturam-no com água, recitando esta oração como bênção sobre o vinho:

"Bendito és tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha.

"Bendito és tu, ó Eterno, nosso Deus, Soberano do Universo, que nos escolheste de entre todos os povos, e nos exaltaste acima de todas as nações, e nos santificaste com os teus mandamentos; e com amor tu nos deste, ó Eterno, nosso Deus, dias solenes para jubilosos festivais, e estações para a alegria, este dia da festa dos ázimos, a estação de nossa liberdade, uma santa convocação, um memorial da saída do Egito. Pois tu nos escolheste e nos santificaste acima de todos os povos; e festividades santas fizeste-nos herdar, com amor, e favor, alegria e júbilo, ó Eterno, que santificaste Israel e as estações.

"Bendito és tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que nos preservaste vivos, nos sustiveste, e nos trouxeste até aqui para desfrutar desta estação."

Eles bebem a primeira taça de vinho. Enquanto lavam as mãos a rubrica determina que eles não devem dizer a bênção.

2. *URCHATS*, "LAVAI". (LAVAR AS MÃOS.)

Depois de tomarem a primeira taça de vinho, todos se levantam e lavam as mãos. Antes, durante e depois da páscoa judaica eles lavavam as mãos. Seguindo esse rito, o celebrante da Missa lava as dele antes, duas vezes durante, e depois da Missa. Em seguida, eles se reclinaram novamente e começaram a Ceia.[1]

---

[1] EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 9, 10, 152, 205, 215. Para as regras da lavagem das mãos, ver GEIKIE, *Life of Christ*, I, 207, 451; *Talmude*, etc.

3. *KARPÁS*, “A SALSA.” (PEGAR A SALSA.)

Jesus pega a salsa que a Escritura chama de “ervas amargas”, molha-a no vinagre, e entrega uma porção a cada um. Segurando-a em mãos, todos juntos dizem:

“Bendito és tu, ó Senhor nosso Deus, Rei do Universo, Criador dos frutos da terra.”

4. *IACHATS*, “ELICIAÇÃO.” (PARTIR O BOLO DO MEIO.)

Jesus descobre os três bolos da páscoa hebraica, que estão no prato em cima da mesa chamada credência, cobertos com guardanapo. “Eliciando”, ele pega o bolo do meio e parte-o em duas partes iguais, assim como o celebrante da Missa parte a Hóstia em duas partes iguais depois da Consagração. A metade menor ele põe de volta no prato, escondendo-a debaixo de um guardanapo até perto do final do festim.

Essa parte do bolo do meio era chamada *aficomán* ou *aficômen* (“o maná celestial”, “o pão celeste”, “Alimento dos Anjos”), e recordava-lhes o maná que caiu do céu para alimentar seus pais no deserto. Era tão sagrado que ficava escondido até perto do fim do banquete. Isso os profetas ordenaram, a fim de mostrar que os mistérios da Missa estavam encobertos na páscoa judaica. Seguindo esse rito, o pão e o vinho são sempre cobertos depois de serem ofertados sobre nosso altar. Metade do *aficomán* ficava coberta sobre a mesa junto dos outros bolos, e a outra metade era coberta com o xale de oração, como descreveremos mais adiante.

5. *MAGUID*, “EXPOSIÇÃO”. (DIZ O CERIMONIAL).

O Mestre descobre o bolo de pão ázimo e eleva a travessa com bolo. Com os olhos levantados para o céu, eles recitam esta prece, que parece ter vindo dos dias do cativeiro babilônico, quando predisseram os profetas e esperava Israel que eles voltariam para seu país.

“Eis que este é o pão da aflição que nossos pais comeram na terra do Egito. Entrem todos os famintos e dele comam. Por agora celebramo-lo aqui, mas ano que vem esperamos celebrá-lo na terra de Israel. Neste ano somos servos, mas ano que vem esperamos ser homens livres na terra de Israel.”

Eles enchem novamente os cálices, com vinho tirado da grande galheta que está sobre a credência, e misturam-no com água. Eles

cobrem os cálices com guardanapos, assim como haviam coberto o pão.

6. *ROCHTSÁ*, "LAVAI". (TODOS À MESA LAVAM AS MÃOS.)

Eles lavam as mãos outra vez, para evitar que tenham ficado sujas. Os serviços da páscoa judaica prescreviam essa segunda lavagem das mãos antes de tomar o alimento das travessas comuns com os dedos, porque eles não usavam facas e garfos de mesa nos dias de que escrevemos. Eram muito cuidadosos em seguir a Lei atinente às lavagens.[1]

Eles elevam e mantêm erguido o pão ázimo, enquanto o mais jovem faz a pergunta. Quando este termina, eles põem o pão ázimo sobre a mesa. Explicam então as significações da cerimônia, seguindo as orientações que Deus deu a Moisés: "E quando os vossos filhos vos disserem: Que significa este rito? Vós lhes direis: É a vítima da passagem do Senhor, quando ele passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito, ferindo os egípcios e salvando nossa casa."[2] A rubrica da páscoa judaica diz: "O mais jovem no grupo pergunta", etc. Logo, foi João quem fez a pergunta:

"Por que esta noite se distingue de todas as outras noites? Em todas as outras noites nós comemos ou pão fermentado ou pão sem fermento, mas nesta noite só sem fermento; em qualquer outra noite podemos comer todos os tipos de ervas, mas nesta noite só ervas amargas; em todas as outras noites nós não as mergulhamos nem uma só vez, mas nesta noite duas vezes; em todas as outras noites nós comemos ou bebemos quer sentados ou reclinados, mas nesta noite nos reclinamos todos?"

7. *MOTSI* E *MATSÁ*, "TRAZEI OS PÃES". (PARTIR O BOLO).

O Mestre faz sinal de que lhe tragam a travessa, que está sobre a credência, contendo os dois bolos de pão não fermentado. Ele pega nos bolos e mostra-os ao que faz as perguntas; quando o cordeiro pascal é mencionado, ele aponta para este; quando o vinho é mencionado, todos pegam suas taças de vinho e as ficam segurando erguidas nas mãos. Lendo no formulário litúrgico, todos juntos eles respondem às perguntas de João:

"Porque nós éramos escravos do Faraó no Egito, e o Eterno, nosso Deus, tirou-nos dali com mão forte, a mão estendida do

---

[1] Levít. XV e XVI.

[2] Êxod. XII, 26-27.

Altíssimo, bendito seja ele. Se ele não tivesse tirado nossos ancestrais do Egito, nós, e os nossos filhos, e os filhos de nossos filhos, teríamos continuado na servidão aos Faraós no Egito. Por isso, mesmo que sejamos todos sábios, todos nós homens de entendimento e de experiência, todos nós tendo ciência da Lei, ainda assim incumbe-nos discorrer acerca da saída do Egito, e todos os que discorrem amplamente sobre a saída do Egito são considerados dignos de louvor."

Pouco mais de uma página desta parte do formulário litúrgico está escrita na língua, na forma e no estilo do *Talmude*, citando os nomes e as ideias dos célebres *rabis* que viveram em meados do século II depois de Cristo. Essas partes foram evidentemente adicionadas em torno dessa época. Não temos certeza no tocante a certas porções menores imediatamente subsequentes, visto que a crítica interna parece sugerir que não existiam no tempo de Cristo; citamo-las, porém, deixando que o leitor julgue por si. As palavras "está dito" referem-se a afirmações bíblicas, mas não há aspas no formulário litúrgico.

"Bendito seja o Onipotente, bendito seja ele que entregou sua Lei ao seu povo, Israel, bendito seja ele cuja Lei fala nitidamente de quatro filhos de diferentes disposições, a saber: o *mau*, o *simples* e *o que não tem capacidade de indagar*.

"O filho sábio se expressa deste modo:[1] O que querem dizer esses estatutos e juízos, que o Senhor nosso Deus nos prescreveu? Então deves instruí-lo sobre todas as leis da páscoa, e também sobre não se poder trazer sobremesa à mesa depois do cordeiro pascal.

"O filho mau se expressa deste modo: O que vós quereis dizer com este rito? Com a expressão 'vós', está claro que ele não se inclui a si mesmo, e, como ele se subtraiu ao corpo coletivo da nação, é apropriado que lhe dês uma réplica mordaz, e, por conseguinte, responde a ele deste modo: Faz-se isto pelo que o Eterno fez *por mim* quando saí do Egito; isto é, por mim, mas não por ele, porque se ele tivesse estado lá, não teria sido considerado digno de ser redimido.

"O filho simples observa inabilmente:[2] O que é isto? Então responder-lhe-ás: Porque com mão forte o Eterno tirou-nos do Egito, da casa da servidão.

"Porém, quanto àquele que não tem a capacidade de indagar, és tu quem deve começar a discursar, como está dito:[3] E exporás

---

[1] [Deut. VI, 20.]
[2] [Êxod. XIII, 14.]
[3] [Êxod. XIII, 8.]

ao teu filho naquele dia, dizendo: Faz-se isto pelo que o Eterno fez por mim quando saí do Egito.

"Possivelmente se venha a pensar que ele (o pai) esteja obrigado a explicar isso já desde o primeiro dia do mês de *nisan*, por isso que está dito: *naquele dia*; todavia, como está dito *naquele dia*, poder-se-ia inferir que deva ser enquanto é dia; porém, como está dito: *Faz-se isto pelo que* etc., daí se deve concluir que não em outro momento, mas, sim, quando o bolo ázimo e as ervas amargas forem postos à tua frente.

"Nossos ancestrais foram antigamente idólatras, mas agora o Senhor acercou-nos do Seu serviço, como está dito:[1] E Josué falou a todo o povo: Assim diz o Eterno, o Deus de Israel: Vossos ancestrais habitaram do outro lado do rio (Eufrates) no passado, mesmo Taré, pai de Abraão e pai de Nacor, e serviram a deuses estranhos.

"E eu tirei vosso pai Abraão do outro lado do rio, e o conduzi através de toda a terra de Canaã, e multipliquei a sua descendência, e dei-lhe Isaac, e a Isaac dei Jacó e Esaú, e a Esaú dei o monte Seir para ser sua propriedade, ao passo que Jacó e seus filhos desceram ao Egito.

"Bendito seja ele, que preserva rigorosamente sua promessa a Israel, bendito seja o Santíssimo que premeditou o fim do cativeiro, para que ele realize o que havia prometido ao nosso pai Abraão entre as partes." (Nota no formulário litúrgico: "A aliança feita com Abraão, quando ele recebeu ordem de dividir a novilha, a cabra e o carneiro, pelo meio dos quais passaram uma fornalha fumegante e uma lâmpada flamejante, pelo que foi firmada a aliança entre Deus e Abraão, e por isso que esta é chamada de aliança feita entre as partes"), como está dito:[2] E ele disse a Abraão: Sabe com certeza que a tua descendência viverá como estrangeiros numa terra que não lhes pertence, e lhes servirão como escravos, e eles os afligirão durante quatrocentos anos. E também que uma nação, a quem eles servirão como escravos, eu julgarei, e eles depois sairão dali com grandes riquezas.

"Erguei a taça de vinho e dizei:

"E essa mesma promessa é que foi o amparo de nossos ancestrais e também nosso, porque não foi um só que se insurgiu contra nós, mas em todas as gerações há alguns que se insurgem contra nós para aniquilar-nos, mas o Altíssimo, bendito seja ele, livrou-nos da mão deles.

---

1 [Jos. XXIV, 2-4.]

2 [Gên. XV, 13-14.]

"Pousai a taça sobre a mesa novamente.

"Investigai e indagai o que Labão,[1] o sírio, queria fazer a nosso pai Jacó, pois o Faraó decretou a destruição dos meninos somente, mas Labão queria erradicar a todos, como está dito:[2] Um sírio quase fez perecer meu pai, e ele desceu ao Egito, e habitou temporariamente ali com poucas pessoas, e ali tornou-se uma nação grande, forte e populosa.

"*E ele desceu ao Egito*, impelido para ali pela palavra de Deus, *e habitou temporariamente ali*, com o que ficamos sabendo que ele não desceu para estabelecer-se definitivamente ali, mas somente para habitar temporariamente, como está dito:[3] E eles (os irmãos de José) disseram ao Faraó: Para habitar temporariamente na terra viemos, pois os teus servos não têm pasto para seus rebanhos, porque a fome é extrema na terra de Canaã, agora, pois, te suplicamos que permitas aos teus servos habitar na terra de Gessém.

"*Com poucas pessoas*, como está dito:[4] Com setenta almas, teus ancestrais desceram ao Egito, e agora o Eterno, vosso Deus, tornou-os tão numerosos como as estrelas do céu.

"*E ali ele tornou-se uma nação*, com o que somos informados de que os filhos de Israel distinguiam-se mesmo no Egito como um povo peculiar.

"*Grande e forte*, como está dito:[5] E os filhos de Israel foram fecundos e proliferaram abundantemente, e tornaram-se extremamente fortes, e o país ficou repleto deles.

"*E populosa*, como está dito:[6] Eu te fiz multiplicar como a vegetação do campo, e fizeste-te considerável e grande, e ornada de muitas belezas, teus peitos estão formados, e crescidos os teus cabelos, mas estás nua e exposta.

"E os egípcios nos maltrataram, nos afligiram, e impuseram sobre nós uma dura servidão.[7]

"*E os egípcios nos maltrataram*, como está dito:[8] Vinde, tomemos sábias medidas contra eles, para que não se multipliquem e não suceda que, se sobrevier alguma guerra, eles se bandeiem para

---

[1] Gên. XXVII; Gên. XXXI.
[2] [Deut. XXVI, 5.]
[3] [Gên. XLVII, 4.]
[4] [Deut. X, 22.]
[5] [Êxod. I, 7.]
[6] [Ezeq. XVI, 7.]
[7] [Deut. XXVI, 6.]
[8] [Êxod. I, 10.]

os nossos inimigos, combatam contra nós, e assim expulsem-nos do país.

"*E eles nos afligiram*, como está dito:[1] E estabeleceram sobre eles intendentes de obras para os afligir com suas cargas, e eles construíram para Faraó cidades-depósito, precisamente Pitom e Ramsés. *E eles impuseram um jugo pesado sobre nós*, como está dito:[2] E os egípcios impuseram aos filhos de Israel uma servidão rigorosa.

"E nós clamamos ao Eterno, o Deus de nossos ancestrais, o Eterno ouviu a nossa voz, e observou nossa aflição, nossa faina e nossa opressão.[3]

"*E nós clamamos ao Eterno*, o Deus de nossos ancestrais, como está dito:[4] E sucedeu, no decurso do tempo, que o rei do Egito morreu, e os filhos de Israel suspiraram em razão de sua escravidão, e eles clamaram, e o seu clamor subiu até Deus, em razão de sua escravidão.

"*E o Eterno ouviu a nossa voz*, como está dito:[5] E Deus ouviu os seus gemidos, e lembrou-se de sua aliança com Abraão, Isaac e com Jacó.

"*E ele viu nossa aflição*, isso denota sua privação da companhia de suas esposas a fim de evitar a proliferação, como está dito:[6] E Deus considerou os filhos de Israel, e Deus tomou conhecimento da aflição deles.

"*E nossa aflição*, isso denota a destruição dos filhos meninos, como está dito:[7] Todo menino recém-nascido lançai-o ao rio, mas de toda filha poupai a vida.

"*E nossa opressão*, isso denota fadiga, como está dito:[8] E eu também vi a opressão com que os egípcios os atormentam.

"E o Eterno nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, com terror e com sinais e portentos.[9]

"*E o Eterno nos tirou do Egit*o não por meio de um anjo, nem por meio de um serafim, nem por meio de um mensageiro, mas o Altíssimo, bendito seja ele, é Ele mesmo a sua glória,

---

[1] [Êxod. I, 11.]
[2] [Êxod. I, 13.]
[3] [Deut. XXVI, 7.]
[4] [Êxod. II, 23.]
[5] [Êxod. II, 24.]
[6] [Êxod. II, 25.]
[7] [Êxod. I, 22.]
[8] [Êxod. III, 9.]
[9] [Deut. XXVI, 8.]

como está dito:[1] E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo primogênito na terra do Egito, desde os homens até os animais, e contra todos os deuses do Egito farei justiça, eu sou o Eterno.

"*E passarei pela terra do Egito*, eu mesmo e não um anjo, *e matarei todos os primogênitos*, eu mesmo, e não um serafim, *e contra todos os deuses do Egito farei justiça*, eu mesmo, e não um mensageiro, eu sou o Eterno, eu sou Ele e nenhum outro.

"*Com mão forte*, isso denota a peste, como está dito:[2] Eis que a mão do Eterno estará sobre os teus gados, que estão nos campos, sobre as tuas casas, sobre os asnos, sobre os bois, e sobre os rebanhos, uma pestilência perniciosíssima.

"*E um braço estendido*, isso denota a espada, como está dito noutra parte[3] em ocasião semelhante: E uma espada desembainhada na mão dele se estendeu contra Jerusalém.

"*E com grande terror*, isso denota a aparição da Divina Presença, como está dito:[4] Porque Deus tentou vir tomar para si uma nação do meio de outra nação, com provas, sinais e portentos, com guerra e mão forte, com braço estendido, e grande terror, conforme tudo o que o Eterno, vosso Deus, fez por vós no Egito, diante dos vossos olhos.

"*E com prodígios*, isso denota os milagres realizados com o bastão, como está dito:[5] Tomarás na tua mão esta vara, com a qual operarás os prodígios.

"*E com portentos*, isso denota a praga do sangue, como está dito:[6] E eu farei sinais maravilhosos nos céus e, na terra, sangue e fogo e colunas de fumaça em turbilhão.

"Pode-se também explicar assim: 'Com mão forte' denota duas pragas; 'com um braço estendido', duas pragas; 'com grande terror', duas pragas; 'com prodígios', duas pragas; 'com portentos', duas pragas.

"Há dez pragas que o Altíssimo, bendito seja Ele, fez cair sobre os egípcios no Egito, a saber:

[1] [Êxod. XII, 12.]
[2] [Êxod. IX, 3.]
[3] [I Par. XXI, 16.]
[4] [Deut. IV, 34.]
[5] [Êxod. IV, 17.]
[6] [Joel II, 30 (ou III, 3).]

<table>
<tr><td>SANGUE,
MOSQUITOS,
UMA MISTURA,
TUMORES,
GAFANHOTOS,</td><td>RÃS,
PESTE NOS ANIMAIS,
ANIMAIS NOCIVOS,
GRANIZO,
ESCURIDÃO,</td></tr>
<tr><td colspan="2">e
O MORTICÍNIO DOS PRIMOGÊNITOS.”</td></tr>
</table>

Quando cada praga é mencionada, os judeus de nossos dias deixam cair uma gota de vinho no chão. O leitor notará que a matança dos primogênitos eleva o número a onze pragas, e que o morticínio dos primogênitos no Egito é citado como, de per si, uma categoria especial, porque foi o último castigo, e o maior, que Deus infligiu no Egito. Assim se destaca singularmente, porque prefigurava a imolação do Primogênito da Virgem no Calvário.

“Que favores abundantes o Onipresente conferiu a nós!

“Pois se ele só nos tivesse feito sair do Egito, e não tivesse infligido castigos aos egípcios, teria sido suficiente.

“Se ele tivesse infligido castigos a eles, e não tivesse feito justiça contra os deuses deles, teria sido suficiente.

“Se ele não tivesse feito justiça contra os deuses deles, e não tivesse matado os primogênitos deles, teria sido suficiente.

“Se ele tivesse matado os primogênitos deles, e não nos tivesse conferido as riquezas deles, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse entregue as riquezas deles, e não tivesse dividido o mar por nós, teria sido suficiente.

“Se ele tivesse dividido o mar, e não nos tivesse feito atravessar em terra seca, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse feito atravessar pela terra seca, e não tivesse submergido os nossos opressores no meio dele, teria sido suficiente.

“Se ele tivesse submergido os nossos opressores no meio dele, e não nos tivesse provido das coisas necessárias para a vida no deserto, quarenta anos, isso teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse provido das coisas necessárias para a vida no deserto por quarenta anos, e não nos tivesse alimentado com o maná, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse alimentado com o maná, e não nos tivesse dado o *shabat*, teria sido suficiente.

“Se nos tivesse dado o *shabat*, e não nos tivesse levado ao Monte Sinai, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse levado para perto do Monte Sinai, e não nos tivesse entregue a sua lei, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse entregue a lei e não nos tivesse feito chegar à terra de Israel, teria sido suficiente.

“Se ele nos tivesse feito entrar na terra de Israel, e não tivesse construído o Templo, teria sido suficiente.

“Quão grandemente devedores não somos então, pelos múltiplos favores que nos conferiu o Onipresente? Ele tirou-nos do Egito, executou julgamentos contra os egípcios e seus deuses, matou seus primogênitos, entregou-nos as riquezas deles, dividiu o mar para nós, fez-nos atravessá-lo sobre terra seca, no meio dele submergiu nossos opressores, proveu-nos das coisas necessárias para a vida no deserto por quarenta anos, deu-nos o maná como alimento, deu-nos o *shabat*, levou-nos para perto do Monte Sinai, entregou-nos a lei, fez-nos entrar na terra de Israel, construiu o Templo santo escolhido, para fazermos reparação pelos nossos pecados.

“Todo aquele que não fizer menção às três coisas que se usam na páscoa não cumpriu o seu dever, e são estas: o cordeiro pascal e as ervas amargas, o bolo ázimo.

“O cordeiro pascal, que nossos ancestrais comeram durante a existência do Templo santo, o que denotava? Denotava que o Santíssimo, bendito seja ele, passou adiante das casas de nossos pais no Egito, como está dito:[1] E vós direis que é a páscoa do Senhor, porque ele passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito, quando ele flagelou os egípcios, e livrou as nossas casas, e o povo curvou a cabeça e adorou.”

O Mestre toma os bolos da travessa que está sobre a mesa, mostra-os aos apóstolos como memorial da liberdade deles, e continua a liturgia:

“Esses bolos não levedados, por que motivo os comemos? Porque não havia tempo suficiente para a massa de nossos ancestrais fermentar, antes de o Santo e Sumo Rei dos reis, bendito seja ele, aparecer para eles e resgatá-los, como está dito:[2] E eles assaram bolos ázimos com a massa trazida do Egito, porque ela não estava fermentada, pois eles foram postos para fora do Egito e não podiam se demorar, nem tinham feito quaisquer provisões para si mesmos.”

Agora o Mestre pega no alface, com o topo verde do rabanete, e mostra-o ao grupo, como memorial da escravidão egípcia, enquanto ele continua:

---

[1] [Êxod. XII, 27.]

[2] [Êxod. XII, 39.]

"Esta erva amarga, por que nós a comemos? Porque os egípcios amarguravam a vida de nossos ancestrais no Egito, como está dito:[1] E eles amarguraram a vida deles com cruel servidão, que envolvia tijolos, argamassa e todo tipo de trabalho no campo, todo o trabalho deles era-lhes imposto com rigor.

"Incumbe, portanto, a todo israelita, em todas as gerações, considerar-se a si mesmo como se efetivamente tivesse saído ele próprio do Egito, como está dito:[2] E declararás ao teu filho naquele dia, dizendo: Faz-se isto pelo que o Eterno fez por mim quando saí do Egito. Não foram só os nossos ancestrais que o Santíssimo, bendito seja ele, resgatou do Egito, mas também a nós ele resgatou junto com eles; como está dito:[3] E ele tirou-nos de lá, para nos levar à terra que ele prometeu a nossos pais."

Eles bebem o vinho, e a cerimônia continua.

"Por isso temos o dever de agradecer, louvar, adorar, glorificar, enaltecer, honrar, bendizer, exaltar e reverenciar a ele, que realizou todos os milagres por nossos ancestrais e por nós. Porque ele tirou-nos da servidão para a liberdade, da tristeza para a alegria, do luto para os dias santos de festa, das trevas para uma grande luz, e da escravidão para a redenção, e por isso cantemos a ele uma canção nova, *Halelu-Ja* ("louvai a *Jehová*").

"Bendito és tu, ó Eterno, nosso Deus!, Soberano do Universo, que nos resgataste do Egito, a nós e aos nossos ancestrais; e nos fizeste chegar a desfrutar desta noite, a nela comer bolos ázimos e ervas amargas. Ó Eterno!, nosso Deus, e Deus de nossos ancestrais, que tu nos faças chegar a outras estações e festivais solenes, que se aproximam de nós, para que nos regozijemos na edificação da tua cidade, e exultemos no teu serviço, e para que ali comamos dos sacrifícios e dos cordeiros pascais, cujo sangue será borrifado sobre as córnuas do teu altar, para serem aceitáveis: então nós daremos graças a ti com um cântico novo por nossa libertação e redenção. Bendito és tu, ó Eterno, que resgataste Israel.

---

[1] [Êxod. I, 14.]

[2] [Êxod. XIII, 8.]

[3] [Deut. VI, 23.]

O PEQUENO *HALEL*.

Eles cantam os Salmos que compõem o que era então chamado de Pequeno *Halel*. O Mestre começava, os outros respondiam.

Cristo. "Louvai ao Senhor, ó vós seus filhos.

Apóstolos. "Louvai o nome do Senhor, etc. (Salmo CXII.)

Cristo. "Quando Israel saiu do Egito.

Apóstolos. "A casa de Jacó, do meio dum povo bárbaro, etc. (Sl. CXIII.)

Este era chamado de *pequeno Halel*, para distingui-lo do *grande Halel*, que será encontrado mais tarde na páscoa judaica, este último sendo cantado no Templo e durante a procissão que subia para os grandes festivais judaicos. Os membros da Escola de Shamai paravam no final do Salmo CXIII, mas os fariseus estritos cantavam outros salmos e então faziam o primeiro intervalo.

8. *MARÓR*, "AMARGAS". (COMER AS ERVAS AMARGAS.)

Ele toma as ervas amargas, as alfaces, molha-as no vinagre, embrulha com elas uma porção de *embama*, também chamada de *harósset*, a salada, formada de maçãs, amêndoas, frutos, etc., e entrega uma porção a cada um, dizendo:

"Bendito és Tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e que nos mandaste comer as ervas amargas."

Enquanto recitam essa oração, eles comem as ervas amargas, recordando a amarga escravidão de seus pais no Egito e exprimindo em sombra a amarga escravidão do pecado, bem como um presságio do arrependimento dos cristãos, cheios de tristeza e pesar, a preparar-se para a Comunhão mediante a confissão.

Durante o cerimonial antecedente, metade do *aficomán* partido permaneceu junto dos dois outros bolos cobertos com guardanapo no pratinho diante do Mestre. Jesus descobre agora o prato, pega em metade desse bolo, parte doze pedaços e distribui um para cada apóstolo, enquanto todos eles dizem juntos:

"Bendito és Tu, ó Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que fazes brotar da terra o pão. Bendito és Tu, ó Senhor, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e nos mandaste comer bolos ázimos."

Cada um mergulhou o seu bocado de pão no prato de *harósset*, figurativa da amarga escravidão de sua raça no Egito, e junto com o

Mestre eles comeram a porção, como sinal de amizade para com seu chefe. O rito continua no presente. Se tu comeres pão com um beduíno do Oriente, isso é sinal de um contrato de amor e de amizade entre tu e ele, e ele te protegerá com a vida dele. Dele tomarem a porção, e comerem-na junto com ele, mostrava como os apóstolos amavam seu Mestre.

9. *KORECH*, "EMBRULHAMENTO" (COMEI O RABANETE.)

Cristo pega no terceiro bolo, ou bolo de baixo, que está debaixo da metade do *aficomán* partido, parte treze pedaços, embrulha-os no rabanete, come o seu pedaço e distribui uma porção a cada um dos apóstolos, como sinal de amizade e em memória do Santuário do Templo com todos os seus sacrifícios e cerimônias. Enquanto comem essas porções, eles dizem:

"Assim fez Hilel durante o tempo em que esteve de pé o Templo santo. Tomou o bolo ázimo e a erva amarga e comeu-os juntos, para realizar o que está dito: 'Com bolos ázimos e ervas amargas eles comê-lo-ão.'[1]"

Os autores judeus dizem que essa palavra, *Hilel*, vem do hebraico *ailel* ("o ancião") e refere-se a Esdras, que guiou os hebreus em seu retorno do cativeiro babilônico. Defendem alguns, porém, que se refira ao famoso Hilel Hazaken, tão célebre na história dos judeus, que se distinguiu em torno da época do primeiro Herodes, e morreu antes do nascimento de Cristo. Este último Hilel nasceu na Babilônia e veio ainda muito jovem a Jerusalém, para frequentar as famosas escolas que floresciam então na Judeia. Pobre demais para custear sua educação, ele ficava escutando de uma janela, onde, um dia, caiu no sono e foi encontrado coberto de neve, então admitiram-no como bolsista. Ele tornou-se o mais douto dos escribas, foi feito *nassi* ("presidente" vitalício do sinédrio). Reuniu as tradições que hoje se encontram no *Talmude* e formou uma escola liberal em oposição à de seu contemporâneo Shamai, sendo este último muito rígido. Um outro Hilel, que se distinguiu no século IV depois de Cristo, reformou o calendário judaico.

Comendo este pão da amizade ensopado na *harósset* da servidão egípcia, comendo para lembrar-lhes sua liberdade, comendo como vínculo de amor entre eles e seu Mestre, o Senhor falou palavras de advertência, palavras proféticas que prediziam a traição mais vil de toda a história humana.

---

[1] Êxod. XII, 8.

"E, enquanto eles comiam, ele disse: 'Em verdade, vos digo que um de vós está prestes a me trair.' E eles, muito consternados, começaram cada um a dizer: 'Sou eu, Senhor?'

"Ora respondendo ele, disse: 'Aquele que mergulha comigo a mão na travessa, esse me trairá. O Filho do homem efetivamente se vai, como dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem será traído. Melhor teria sido para aquele homem se ele não tivesse nascido.' E Judas, que o traiu, respondendo disse: 'Sou eu, *rabi*?" Ele lhe disse: 'Tu o disseste.'"[1] "E ele lhes disse: 'Um dos doze que mergulha a mão comigo na travessa.'"[2]

Respondendo à pergunta de Judas, ele disse: "Tu o disseste", o que equivalia a dizer: "És tu mesmo." O grego do Evangelho de S. Marcos não diz "Judas que o traiu", como está em nossas traduções, mas "Judas que o traía", o que mostra que o traidor meditara a traição o tempo todo, e que a ideia não tinha chegado de improviso. As palavras: "Melhor teria sido para aquele homem se ele não tivesse nascido" são uma citação do *Livro de Henoc*, um livro peculiar e profético, muito usado pelos judeus daquele tempo e que predizia a traição.

A páscoa judaica era sempre um tempo de regozijo; júbilo, contentamento e alegria reinavam ao redor da mesa, mas as palavras do Senhor encheram-nos de consternação. "Sou eu?", perguntava cada um de si para si. A tristeza desceu sobre o "grupo". Eles começaram a parlamentar entre eles e a indagar quem seria tão baixo a ponto de trair o Mestre que eles tanto amavam.

Agora chegara o momento de tomar o terceiro cálice de vinho, e eles enchem as taças com vinho tirado da grande galheta e misturam-no com água tirada do jarro, dizendo enquanto enchem cada cálice:

"Bendito és tu, ó Senhor, Rei do Universo, Criador do fruto da vinha."

O costume imemorial e a rubrica pascal judaica orientavam cada comensal a beber quatro taças ou cálices de vinho. Eles tinham bebido dois, e este era o terceiro. Os Evangelhos contam-nos o que aconteceu aqui:

"E tendo tomado o cálice, ele deu graças e disse: 'Tomai e distribuí-o entre vós. Porque vos digo que não beberei do fruto da videira até que chegue o reino de Deus.'"[3]

---

[1] Mateus XXVI, 21-25.
[2] Marcos XIV, 20.
[3] Mateus XXVI, 27, 29; Marcos XIV, 25; Lucas XXII, 16, 18.

Os Evangelhos citam as palavras mesmas da liturgia judaica: "o fruto da videira". Naquela época, eles faziam vinho a partir de diversas frutas. Mas o vinho da uva, "da videira", era o único usado na páscoa judaica. As palavras de Cristo mostram-nos que foi este o vinho da uva que se usou na Última Ceia, e a partir desse dia sempre se usou na Missa vinho feito com uvas, e nenhum outro vinho é válido.

Ele disse que não o beberia até que o tomasse no reino de seu Pai, a Igreja que ele instituiu por meio de sua morte. Enquanto estava suspenso na cruz, os soldados lhe ofereceram vinagre misturado com fel, mas ele o recusou, porque era nazireu, a quem estavam proibidos o vinho ou o vinagre.[1]

Ele bebeu do quarto cálice depois de dizer isso, mas não se contradisse, porque não era vinho, mas o seu Sangue consagrado, e foi por isso que ele disse essas palavras. Uma mudança de substância aconteceu na Consagração, e ele chamou a atenção deles para ela. Se essa mudança de substância não tivesse ocorrido na Última Ceia nem acontecesse em todas as Missas, então o vinho era somente um tipo e figura do sangue dele. As Igrejas, portanto, que não creem na Presença Real não são nem um pouco mais elevadas do que a Igreja judaica e não estão nem um pouco mais próximas do sobrenatural do que ela.

Com exceção de Cristo, todos beberam do grande cálice com as palavras acima citadas. Em seguida eles lavaram as mãos, dizendo:

"Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificaste com os teus mandamentos, e nos mandaste lavar as mãos."

Duas festas eram celebradas na páscoa judaica, uma a da páscoa propriamente dita, a outra a dos ázimos.[2] Uma era a ceia legal, a outra a ceia comum. A primeira ceia naquela noite cumpriu, com a morte de Cristo, todos os tipos e sacrifícios sanguinolentos do Antigo Testamento, enquanto a festa dos ázimos deu início ao Novo Testamento. A primeira, a páscoa estritamente dita, na qual se comia o cordeiro, era celebrada por uma noite só, porque Cristo foi sacrificado na cruz uma só vez. Mas a festa dos ázimos, que começava então, durava uma semana e terminava com uma oitava. A oitava, significando completude, tipificava a eternidade no céu e era emblemática da Missa, na qual Cristo é sacrificado dia após dia

---

[1] Deut. XXIX, 6; Núm. VI, 3.
[2] Zanolini, *De Fest. Jud.*

sobre os nossos altares, por sacerdotes da eterna ordem de Melquisedec.[1]

Depois que eles terminaram de comer o cordeiro com as ervas amargas, e as diversas comidas da páscoa judaica, e que tinham bebido as três taças de vinho, nosso Senhor e seus apóstolos fizeram a seguinte oração de ação de graças, acabando a primeira ceia:

Cristo. "Irmãos, demos graças."

Apóstolos. "Bendito seja o nome do Eterno doravante e para sempre."

Cristo. "Bendigamos ao nosso Deus com cuja liberalidade fomos saciados."

Apóstolos. "Bendito seja o nosso Deus com cuja liberalidade fomos saciados e de cuja bondade vivemos."

Eles recolhem cuidadosamente os ossos e os restos do cordeiro, removem-nos e queimam-nos, para prefigurar como o corpo do Senhor morto foi, no dia seguinte, descido da cruz e sepultado antes do pôr do sol.

A ceia pascal terminou então, e começava o intervalo. Cristo estava prestes a conferir dois sacramentos aos membros de seu grupo. Ele tomou os sacramentais do Antigo Testamento, os sinais e cerimônias da Igreja judaica, e elevou-os à dignidade de dois grandes sacramentos do Novo Testamento. As Ordens Sagradas e a Comunhão haviam de ser a alma e o coração mesmos de sua futura Igreja, e ele agora os conferiria a seus apóstolos. Mas primeiro deu a eles um sinal sensível da inocência de alma e da pureza de coração exigidas em todos os que recebessem essas instituições.

"E acabada a ceia, tendo já o demônio posto no coração de Judas, o filho de Simão, o Iscariotes, que o traísse, sabendo que o Pai tinha posto todas as coisas em suas mãos e que ele saíra de Deus e ia para Deus.

"Ele levanta-se da ceia, e depõe suas vestiduras, e, pegando numa toalha (chamada *luntith*, "toalha", usada no banho), cinge-se com ela. Depois derrama água numa bacia, e começa a lavar os pés dos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. (Ele começa por Pedro, seu principal.[2]) Ele chega, então, a Simão Pedro. E Pedro lhe diz: 'Senhor, tu lavar-me os pés?' Respondeu Jesus, e disse-lhe: 'O que eu faço, tu não sabes agora, mas sabê-lo-ás depois.' Pedro lhe diz: 'Não me lavarás jamais os pés.' Respondeu-lhe Jesus: 'Se eu te não lavar, não terás parte comigo.' Simão Pedro lhe diz: 'Senhor, não somente meus pés, mas também

---

[1] Salmo CIX, 4.

[2] GEIKIE, *Life of Christ*, II, 440.

as minhas mãos e a minha cabeça.' Jesus lhe diz: 'Aquele que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, pois todo ele está limpo. E vós estais limpos, mas não todos.' Porque ele sabia qual era o que o ia entregar, por isso disse: 'Não estais todos limpos'."[1]

O lavacro, emblema do batismo, foi utilizado pelo Senhor para mostrar-lhes a inocência de alma necessária para a ordenação e a primeira Comunhão deles, que Judas não tinha. Todos eles haviam tomado o banho pascal ou ablução legal, mas seus pés descalços tinham se sujado caminhando sobre os pisos, e com palavras e ações Cristo revelou novamente a traição:

"Então, depois de lhes ter lavado os pés, e retomado as vestiduras, tendo-se sentado novamente,[2] ele lhes disse: 'Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se eu, pois, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Porque dei-vos um exemplo, para que, como eu vos fiz, assim façais vós também. Em verdade, em verdade, vos digo: O servo não é maior do que seu senhor, nem o apóstolo é maior do que Aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis, se as praticardes.

"Não falo de todos vós, eu sei os que escolhi, mas para que se cumpra a Escritura: 'O que come o pão comigo levantará o seu calcanhar contra mim.'[3] Desde agora vo-lo digo, antes que suceda, para que, quando suceder, creiais que eu sou o Messias."[4]

Cristo sabia que o Templo havia de ser destruído, que o sacerdócio deste estava para findar, que um outro sacerdócio, predito segundo a ordem de Melquisedec, havia de se elevar sobre o mundo todo, ser eterno e sacrificá-Lo em Oferenda Eucarística. Era este o tema principal e recorrente das palavras proféticas do Antigo Testamento, do cerimonial da páscoa hebraica, do culto exercido no Templo e do pão e vinho da proposição.

O Sumo Sacerdote da eternidade não devia permanecer sempre aqui, no nosso mundo de sofrimentos e tristezas, mas, sim, voltar para o céu, depois de concluir a obra que seu Pai o incumbiu de fazer, a redenção do homem. Acaso ia deixar o mundo sem um corpo de sacerdotes divinamente ordenados? Nesse caso, a humanidade ficaria em pior estado do que antes de ele ter vindo, porque não haveria nem sacrifício, nem corpo religioso algum de homens que

---

[1] Ver MIGNE, *Cursus Comp. S. Scripturæ*, III, 1155; João XIII, 4 a 11.
[2] O texto grego diz: "tendo se reclinado novamente".
[3] Salmo XL, 7-10; Oseias XII, 3.
[4] João XIII, 4-19.

possam falar com autoridade divina. O mundo necessitava de um um sacerdócio.

Ele ia dar ao mundo sacerdotes, para sacrificá-lo em verdade e na realidade, assim como os sacerdotes do Templo o haviam sacrificado em tipo e figura. Ele estava prestes a oferecer-se a si mesmo — sua vida, seu Corpo, Sangue, alma e Divindade — ante aquela mesa, e a completar esse oferecimento na cruz, no dia seguinte. Mas ele tem de mostrar aos apóstolos o modo de sacrificá-lo na Última Ceia, para que possam fazer o mesmo na Missa. Eles precisam tomar parte junto com ele na sua primeira Missa, para que a Última Ceia se una a todas as outras Missas através dos tempos, até que o mundo acabe.

A que ordem ele os elevou? Fez deles sacerdotes ou bispos? Se os tornou simples sacerdotes, eles não teriam conseguido ordenar outros sacerdotes, e com a morte deles o sacerdócio teria se extinguido. O sacerdócio judaico estava para findar com a destruição do Templo, os sacrifícios das religiões antigas haviam de cessar gradualmente, e sem um sacerdócio o mundo cristão teria sido deixado sem um corpo de mestres religiosos designado por Deus.

Agindo como Bispo — na sua ordem mais alta — ele os sagrou bispos de igual escalão, outorgando-lhes poder religioso, para que junto com ele tomassem parte no seu Sacrifício Eucarístico, assim como o bispo que é consagrado participa junto com o bispo consagrante, e para que assim eles pudessem ordenar sacerdotes e sagrar bispos nas igrejas que iam fundar.

Que rito ele seguiu? A antiga cerimônia do Templo e da sinagoga. Portanto, ao menos quanto ao rito exterior, os apóstolos não viram nada de novo ou de estranho na ordenação deles. Deus não faz nada abruptamente, e Cristo não veio para condenar, mas para perfazer os antigos ritos hebreus. Mas os apóstolos não compreenderam o pleno sentido das cerimônias enquanto não veio o Espírito Santo em Pentecostes.

O sumo sacerdote do Templo, o sacerdote hebreu, o rei, o magistrado, o *rabi*, os comensais na páscoa judaica eram ungidos na cabeça e nas mãos com óleo santo, e impunham-se as mãos sobre eles ao serem investidos em seus ofícios. Esse era o cerimonial que tinha sido transmitido em Israel desde os dias mais remotos, e os judeus chamavam essa imposição de mãos de *semikahl.*[1]

---

[1] EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 210; *Sketches of Jewish Life*, 276, 280, 282; GEIKIE, *Life of Christ*, II, 679; FARRAR, *Life of Christ*, II, 579; *Talmude* babilônico, *passim*, etc.

Jacó impôs suas mãos em forma de cruz sobre os dois filhos de José.[1] Moisés impôs suas mãos sobre Josué, ao lhe dar poder como general sobre os exércitos dos hebreus, com graça para conquistar a Terra Prometida.[2] Os médicos judeus ungiam os enfermos com óleo, que segundo afirma o *rabi* Simeão era misturado com vinho, cerimonial que geralmente tinha lugar no *shabat.*[3] O *Talmude* menciona em muitos lugares essa unção.[4]

Não podiam ordenar um *rabi* menos de três *rabis*, no tempo de Cristo. Foi esse o costume na Igreja primitiva, quando três bispos sagravam um bispo. Quando o costume caiu em desuso, o Papa Anacleto, o terceiro na linhagem que começa por Pedro, proibiu que um bispo fosse sagrado por menos de três bispos. Tem sido essa a disciplina até o dia de hoje.

Primeiramente, nós concluímos que Cristo sagrou os óleos santos, porque os óleos santos do Templo eram bentos pelo sumo sacerdote antes de serem usados, afirmam autores doutos, que sustentam também que, desde a Última Ceia, os óleos santos são consagrados na Quinta-Feira Santa em todos os ritos cristãos. Lá dos tempos apostólicos é que o costume vem. S. Fabião, Bispo de Roma de 236 a 240, escreve[5] que, depois que Cristo lavou os pés dos apóstolos, ele mostrou a eles o modo de misturar o óleo e de consagrar o santo crisma.[6] Christian Wolff afirma que o Papa Silvestre[7] ensina que Cristo instituiu o rito da bênção dos óleos. Em todos os ritos orientais, eles abençoam os óleos na Quinta-Feira Santa. Os gregos, os esclavos e outros cristãos orientais misturam o crisma com trinta e dois perfumes diferentes, exalando um aroma intensamente doce.

Em forma de cruz eles impunham as mãos sobre a cabeça do sumo sacerdote, do sacerdote, do *rabi*, do magistrado e de todos os oficiais eclesiásticos e os estatais.[8] Eles ungiam a cabeça dos convivas com óleo, durante a páscoa judaica.[9] Eles punham o óleo sobre a cabeça traçando sobre ela uma cruz, ou uma cruz grega.[10]

---

[1] Gên. XLVIII, 13.

[2] Deut. XXXIV, 9.

[3] *Talmude* in *Hor.* v. II, 415.

[4] GEIKIE, *Life of Christ*, II, 608; EDERSHEIM, *Temple*, 71; *Life of Christ*, 555, 382, etc.; *Sketches of Jewish Life*, 281, 282.

[5] *Tomb.* I. *Concil. Epist.* I.

[6] Migne, *Cursus Comp. S. Theologiæ*, *De Olio Sacro.*

[7] *Lib. Pont.*, nascido no Ano do Senhor 270.

[8] EDERSHEIM, *Temple*, 71; *Sketches*, 281, 282; *Life of Christ*, II, 554, etc.

[9] GEIKIE, *Life of Christ*, I, 549; II, 382, 555.

[10] GEIKIE, *Life of Christ*, II, 579; FARRAR, *Life of Christ*, II, 183.

É por essa razão que os clérigos são ordenados em todos os ritos cristãos com óleo e com a imposição de mãos em forma de cruz.

Forçoso é concluirmos, muito embora não encontremos registro histórico nenhum, que Cristo ordenou seus apóstolos com óleo santo e impôs as mãos sobre eles, tal como o Senhor estabeleceu o rito em vida de Moisés.[1] Esse rito de consagração do bispo e do sacerdote com óleo santo e imposição de mãos nos foi legado, portanto, do Templo, da sinagoga e da Última Ceia.

Os comensais tinham em mãos os seus rolos com o cerimonial pascal, e seguiam o líder, com ele pronunciando as palavras. Ele os ordenou, por conseguinte, porque queria que eles tomassem parte da primeira Missa junto com ele. Segundo a Última Ceia, e o costume apostólico, o clérigo que está para ser ordenado sacerdote, ou sagrado bispo, recita as palavras da Missa junto com o bispo.

Ao impor as mãos sobre a cabeça deles, terá ele dito: “Recebei o Espírito Santo”? Terá ele posto, sobre a cabeça e os ombros deles, os rolos santos dos cinco livros de Moisés, juntamente com os livros históricos e proféticos do Antigo Testamento, tirados da *Aron* (“arca”) no santuário? O óleo santo terá escorrido pela barba deles, como escorrera na de Aarão, quando Moisés o consagrou? A história não faz qualquer alusão a esses respeitos. Eles agora eram bispos, para tomar parte com ele na primeira Missa, para imolá-lo e oferecê-lo em sacrifício eucarístico. Foi só depois da ressurreição que ele lhes deu o poder de perdoar os pecados.[2] O poder de sacrificar dizia respeito ao seu verdadeiro Corpo e Sangue. O perdão dos pecados havia de ser exercido sobre o seu corpo místico, os membros de sua Igreja.

Os plenos poderes do Episcopado imprimiram o seu caráter na sua alma, mas as graças das Ordens Sacras jazeram dormentes dentro deles, porque ele não tinha padecido ainda, o pecado não tinha ainda sido expiado, a humanidade ainda não tinha sido redimida. Em Pentecostes, a ígnea *Shekiná*, o Espírito Santo, veio na nuvem, e línguas de fogo rubras e ardentes preencheram os apóstolos com as graças do apostolado e do episcopado, tornando plenas as graças das Ordens Sacras que eles tinham recebido na Última Ceia. Mas o Senhor lembrou-lhes os poderes que lhes tinha dado, a fim de atuassem enquanto agentes dele, como os ministros dele perante o mundo.

“Em verdade, em verdade, vos digo: quem recebe seja quem for que eu enviar, a mim recebe, e quem me recebe, recebe aquele que

---

[1] Êxod. XXIX.

[2] João XX, 23.

me enviou. Tendo Jesus dito estas coisas, turbou-se no espírito, e protestou, e disse: Em verdade, em verdade, vos digo que um de vós me trairá."[1] Por que ele ficou com o espírito turbado nesta ordenação solene dos apóstolos? Porque ele sabia que tinha ordenado Judas com o assassinato no coração. Ele impusera suas santas mãos sobre o homem mais malvado e mesquinho da história humana e o elevara ao colégio apostólico.

Eles eram agora os primeiros bispos da Igreja Católica, possuindo a plenitude da ordem episcopal, com seu caráter impresso em suas almas elevando-os ao mais alto poder espiritual que uma criatura pode receber, dando-lhes um poder que nem mesmo os espíritos celestes são capazes de alguma vez exercer. Mas eles não sentiram os ardores do amor a Deus e aos homens, alçando-os ao ápice do sobrenatural, que ninguém jamais sente que não tenha recebido as Ordens Sagradas. A mudança no rito da páscoa hebraica era quase imperceptível aos olhos deles. Pouco diferia de todas as páscoas hebraicas a que eles tinham estado presentes desde que eram meninos de treze anos idade.

Mas perto do fim da páscoa, depois da Comunhão, ele advertiu-os para os perigos do orgulho, da vaidade e da tirania, as tentações especiais dos governantes, bajulados por seus súditos. Ele comunicou-lhes que tinha feito deles hierarcas da sua Igreja, para imolarem e ofertarem a Eucaristia e para se assentarem em tronos episcopais como juízes sobre o povo dele, assim como desde então os bispos têm assento em seus tronos episcopais.

"E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. E eu preparo para vós, como meu pai preparou para mim, um reino. Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos senteis sobre tronos, a julgar as doze tribos de Israel."[2]

Ele fez deles os seus agentes, para operarem em nome dele salvando as almas e oferecendo o Sacrifício dele. O agente liga quem o designa. Assim, os apóstolos foram revestidos dos poderes espirituais de Cristo. Disso ele os lembrou quando disse:

"Em verdade, em verdade, vos digo: quem recebe seja quem for que eu enviar, a mim recebe, e quem me recebe, recebe aquele que me enviou."[3]

O Filho de Deus, pontificando como o Sumo Bispo do mundo, elevou assim os apóstolos de leigos a bispos, para que tomassem parte com ele na primeira Missa, e para mostrar-lhes como sagrar

---

[1] João XIII, 20, 21.
[2] Lucas XXII, 28-30.
[3] João XIII, 20.

bispos, depois que ele tivesse partido da terra para as glórias de seu Pai. As palavras "Fazei isto em memória de mim" referiam-se, portanto, não só à Missa, como à ordenação e à sagração do clero em todos os tempos e países.

Três ordens nós encontramos tipificadas nos Evangelhos: o Papado, em Pedro; os bispos, nos apóstolos; e os sacerdotes diocesanos, nos setenta e dois discípulos. Essas três são os fundamentos da Igreja. Todas as outras ordens ou corporações de religiosos ordenados ao sacerdócio são acidentais, vieram depois — a idade apostólica não as teve, a Igreja podia existir sem elas. Mas quando foi que o sacerdócio diocesano, representado pelos setenta e dois discípulos, separou-se do episcopado, representado pelos apóstolos, e tornou-se uma ordem de simples sacerdotes diferenciada dos bispos, não descobrimos. Todos os indícios parecem apontar que foi em torno do tempo em que foram ordenados os diáconos.[1] Estes são os sacerdotes pertencentes à diocese que servem sob a guia do bispo e atuam como pastores, assistentes, etc. As ordens religiosas foram fundadas por homens famosos — quase todos sendo santos, — durante a idade média, ou muitos séculos depois da idade apostólica.

O tempo entre as duas ceias foi preenchido, assim, pelos ritos de ordenação; a segunda ceia, a festa dos ázimos, começava então, na qual o leitor encontrará cerimônias mais solenes, orações mais santas, mais profunda devoção, porque ela estava mais intimamente relacionada com o Sacrifício Eucarístico.

10. *ORECH SULCHAN*, "PONDE A MESA". (TRAZEI AS CARNES À MESA, COMEI E ALEGRAI-VOS.)

Agora eles preparam a mesa para a festa dos ázimos. As cerimônias até aqui recordaram a história dos patriarcas, a libertação dos hebreus da servidão egípcia, a outorga da Lei no Sinai, a história de sua nação, sua missão providencial entre os pagãos, e apontavam para a Crucificação, que aconteceria no dia seguinte.

A páscoa judaica propriamente dita acabava, ou melhor, se desdobrava na festa dos ázimos, que ora tinha início e que durava até o 21.º dia do mês lunar, ou seja por uma semana, e terminava com um grande festim na oitava. A páscoa hebraica era celebrada uma vez só, a festa que se seguia era celebrada ao longo de uma semana, sendo celebrada todas essas noites com santa solenidade,

---

[1] Atos VI; Filip. I, 1; I Tim. III, 8-12.

porque prefigurava a Missa, que ocorre não uma só vez, mas continua através dos tempos, perdurando até o fim, oferecida em sacrifício por sacerdotes da ordem eterna de Melquisedec. A oitava tipifica a eternidade junto de Deus no outro mundo. Portanto, não é para a páscoa judaica estritamente dita, a qual prefigurava a morte de Cristo, mas é para a festa dos ázimos que temos de olhar, em busca da origem do cerimonial da Missa.

11. *TSAFÚN*, "O ESCONDIDO". (PEGAI O PEDAÇO DO BOLO DO MEIO QUE FOI FRACIONADO PRIMEIRO E COMEI UM PEQUENO BOCADO SEU.)

Cristo descobre a metade partida do bolo do meio, que ele tinha partido em duas partes iguais no início do *Séder* pascal e que até este momento ficara posto à sua frente encoberto por um guardanapo, assim como a patena fica posta sobre o altar coberta com o purificatório, durante a Missa. Tomando em suas mãos essa metade do *aficomán*, ele fraciona uma partícula e come-a em memória do cordeiro pascal que eles haviam acabado de comer. Em seguida ele fraciona uma partícula para cada conviva e deposita-a na palma esquerda de cada um. Era desse jeito que o celebrante da Missa, na Igreja primitiva, distribuía a Comunhão. A outra metade do *aficomán* ficara escondida desde o início, isto é, encoberta por um guardanapo. A ocultação desse pedaço tinha sido legada por Moisés ou pelos profetas, para prenunciar que a Missa estava encerrada no rito da páscoa judaica. Mais tarde eles escondiam a outra metade do *aficomán* com uma cerimônia mais solene, que logo mais descreveremos.

12. *BARECH*, "ABENÇOAI". (BÊNÇÃO DE AÇÃO DE GRAÇAS APÓS AS REFEIÇÕES.)

Cada apóstolo recebe sua partícula de pão, dizendo: "Bendito és tu, ó Senhor, Rei do Universo, que da terra fazes brotar o pão." Então eles comem as partículas de pão.

A mesa das *menakhot* ("oferendas sacrificiais"), à página 37, mostra como as oblações no Templo eram oferecidas em sacrifício por meio de movimentos que traçavam uma cruz. Como o cerimonial do Templo era uma extensão da páscoa patriarcal, ou: como esta era um compêndio daquele, muito tempo antes de Cristo — a época exata não conseguimos determinar — os hebreus ofertavam o pão e o vinho com esses movimentos do cerimonial do Templo.

O dirigente do banquete elevava primeiramente, um após o outro, o pão e o vinho, em seguida eles os ofereciam a Deus com orações. Depois ele os abaixava. Os hebreus chamavam esses movimentos de *terumah*. Antes de pôr na mesa o prato com o pão ou o cálice cheio de vinho, o dirigente movia-os afastando-os de si para oeste, movimento este chamado *molish*, depois aproximando-os de si para leste, o que era chamado de *umeul*, na direção sul para a sua esquerda, sendo esta ação o *mahale*, e depois para a sua direita em direção norte, este rito sendo o *morul*, aí então ele depunha os recipientes de pão e de vinho sobre a mesa.

Ao erguer e abaixar o pão e o vinho, os "homens a postos" e os homens autorizados que estavam perto do dirigente punham as mãos deles por baixo e tocavam o recipiente, enquanto era recitada a oração dedicando o sacrifício a Deus. A razão disso era a seguinte. No Templo, os animais eram destarte oferecidos vivos, e precisava-se de um certo número de sacerdotes para erguer as vítimas, especialmente quando gordas, e para movê-las bem alto no ar em direção dos quatro pontos cardeais. Mas na páscoa hebraica estava proibido às mulheres tocar nos recipientes de pão e de vinho durante a oblação, porque elas não podiam oficiar no Templo, e para evitar que se suspeitasse de alguma malícia, como aconteceria se elas tomassem parte junto do dirigente.[1]

Os judeus antes de Cristo supunham que os sacrifícios no Templo eram erguidos e oferecidos desse modo a Deus como sacrifícios pelos pecados, mas eles não viram que esses dois movimentos das vítimas, bem como do pão e do vinho do Templo e na páscoa hebraica, prefiguravam como Cristo seria erguido na sua cruz e descido dali para o sepultamento. Eles também escrevem que os quatro movimentos, para oeste, leste, sul e norte, significam que os sacrifícios eram oferecidos por todas as nações que habitam nos quatro quadrantes do mundo. Mas o cristão enxerga que o rito prenunciava a cruz na qual a Vítima do mundo seria mais tarde sacrificada.

Com esses movimentos, que nos foram legados do Templo e da páscoa judaica, o pão e o vinho são oferecidos durante o Ofertório da Missa, e o diácono toca a patena que segura o pão e o cálice de vinho, assim como os sacerdotes do Templo e os "homens a postos" faziam no Templo e na páscoa judaica.

Todas as vítimas no Templo eram oferendadas desse modo, por mãos do corpo sacerdotal judeu, que mais tarde havia de instar

---

[1] Ver ZANOLINI, *De Festis Judæorum*, c. IV, etc.

a morte de Cristo. Em seguida, junto de quem havia trazido a vítima, eles impunham as mãos sobre a cabeça do animal, com suas palmas voltadas para baixo, e punham sobre a vítima os pecados de Israel e os pecados da família dele ou os pecados da pessoa por quem ele oferecia o sacrifício. Dessa maneira, na páscoa judaica, o dirigente do banquete, depois de ofertar o pão e o vinho, estendia sobre estes as mãos e carregava-os com os seus pecados. Vejamos agora o que Cristo e os apóstolos fizeram nesta parte da Última Ceia. Não nos foi transmitido registro histórico algum que se refira diretamente a esta cerimônia, e só podemos citar o costume religioso como o encontramos entre os judeus daquela época, como o vemos hoje na Missa.

O Senhor, seguindo cuidadosamente todos os ritos e costumes da páscoa dos hebreus de seu tempo, descobriu o *aficomán* no prato de prata e, erguendo a patena, ofereceu o pão ao seu Pai Eterno, com Tiago à sua direita, nós supomos, tocando o prato. Em seguida ele moveu-o em direção dos quatro pontos cardeais, traçando uma cruz assim como faz o celebrante da Missa, e então o depôs sobre a mesa.

Um dos apóstolos, talvez Tiago, à sua direita, encheu o grande cálice, o *gabi'a*, com vinho. Um outro apóstolo — terá sido João? — misturou o vinho com água, tal como faz o subdiácono na Missa solene, e o Senhor ofertou o cálice de vinho com o cerimonial do Templo que citamos, assim como hoje o vinho é ofertado durante a Missa mediante elevação, abaixamento, e traçando com ele uma cruz.

Depois de oferecer o pão e o vinho, terá Cristo estendido suas mãos sobre eles, conforme o rito do Templo depois do oferecimento das vítimas? Terá sido nesse momento que ele ofereceu sua vida, Corpo e Sangue, como a Vítima dos pecados de todos os homens? O celebrante na Missa, imediatamente antes da Consagração, estende as mãos dele sobre o pão e o vinho conforme a cerimônia do Templo, e concluímos nós que Cristo fez o mesmo, mas não descobrimos o momento exato da páscoa judaica em que isso foi feito. Em seguida eles escondiam o *aficomán* no pratinho.

Os judeus de nossos dias escondem metade do *aficomán* de diversas maneiras. Aqui no E. U. A., eles muitas vezes colocam-no embaixo de uma pequena almofada, sobre a qual põem o cotovelo esquerdo, em memória da posição reclinante do tempo de Cristo. Em Jerusalém, o autor viu o dirigente do banquete pascal cobrir o prato com um guardanapo. Emely Beaufort[1] diz que, depois de

---

[1] "*In Egyptian Sepulchres and Syrian Shrines*." ("Nos sepulcros egípcios e nos santuários siríacos").

o menino fazer a pergunta: "Qual é o sentido dessas cerimônias?", etc., "O mestre de mesa pôs uma toalha branca sobre os ombros do menino e, removendo as cobertas da mesa, pegou um dos bolos grandes do pão da páscoa judaica, até então escondidos, e, partindo-o ao meio, amarrou-o na ponta da toalha e jogou-o sobre os ombros do menino mais novo, que o reteve por dez minutos e então passou-o para o seguinte, e assim por diante — todos continuando a recitar o ritual sem interrupção."

Logo, concluímos nós que Cristo escondeu o *aficomán* na patena na ponta do xale de oração, que era do formato e do tamanho de nosso véu de patenário, e o pôs sobre os ombros de S. João, o mais jovem, que o reteve erguido até depois da Consagração. Nas Missas rezadas a patena, coberta com o purificatório, fica parcialmente debaixo do corporal. Alguns dos judeus do presente cobrem o pão dessa maneira.

O mais jovem à mesa segurava o prato diante de si coberto com o xale de oração que ele tinha sobre os ombros. Era ele quem fazia as perguntas: "Por que esta noite se distingue de todas as outras noites?", etc. João era o mais moço do grupo apostólico, e por isso nós supomos que ele segurou o *aficomán* escondido diante do seu rosto, de maneira que não conseguiu enxergar o seu Mestre. O que João figurava tipicamente, nessa antiga cerimônia da páscoa? No seu Evangelho,[1] João nos diz que, ao ouvirem que o Senhor tinha ressuscitado, ele e Pedro correram ao sepulcro. Vejamos o que esses apóstolos representavam, nas palavras de um dos primeiros Papas:

"Correram mais depressa os discípulos que o amavam — a Cristo — mais que os outros, a saber: Pedro e João. Correram os dois, mas João correu mais rápido do que Pedro. O primeiro chegou ao sepulcro, mas não ousou entrar. Pedro, que tinha ficado para trás, chegou e entrou. Qual foi, irmãos, o significado disso? Devemos crer que essa descrição minuciosa do Evangelho não tenha mistérios? De maneira nenhuma. João não teria dito que foi mais veloz e chegou na frente, mas não entrou, se não tivesse crido haver aí um mistério escondido. O que simbolizava João, senão a Sinagoga, e o que Pedro, senão a Igreja?"[2]

João figurava a Igreja, o Templo e a sinagoga judaicas, com suas funções religiosas, o povo judeu e seu conservadorismo obstinado. João detrás do Mestre segura o prato de prata com o *aficomán* ("o maná celestial", "o pão dos anjos") erguido diante de seus olhos,

---

[1] João XX, 4-6.

[2] S. GREGÓRIO, Hom. XXII, sobre o Evangelho do Dia, tirado do Evangelho de João.

toldando-lhe a vista de maneira que ele não consegue enxergar seu Senhor, porque o povo judeu se recusou a enxergar em Jesus o seu Messias. Eles não creram nas palavras dele, ditas na sinagoga deles quando ele prometeu a Eucaristia, seu Corpo e Sangue: “Eu sou o pão vivo que desci do céu. Este é o pão que desceu do céu. Não como vossos pais, que comeram o maná e morreram.”[1] Veja o leitor na íntegra João VI.

Daí que, desde os tempos apostólicos, o subdiácono, em Missas solenes e quando o bispo pontifica, segura a patena coberta, com a ponta do véu de patenário erguida diante de seus olhos detrás do celebrante, simbolizando os hebreus que rejeitaram o seu Messias e que persistem ainda na sua cegueira.

Começa agora o cerimonial do Templo de incensação do pão e do vinho. Sobre carvões em brasa no turíbulo, que pouco difere do turíbulo de nossos dias, o Mestre põe o incenso. Ele agita o turíbulo em direção dos quatro pontos cardeais sobre o pão e o vinho, tal como o incenso era queimado em oblação no Templo, repetindo as palavras do salmo sobre aquele pão e vinho, ofertados no *Santo* todo *shabat*:

“Que a minha oração seja encaminhada como incenso à tua vista, e a elevação de minhas mãos, como sacrifício vespertino. Põe uma guarda, ó Senhor, à minha boca, e uma porta em redor de meus lábios. Não inclines meu coração às palavras de maldade, para inventar pretextos para os pecados.”[2]

Um servidor pega o turíbulo e incensa a barba de cada um, a começar pelo Senhor, dirigindo-se em seguida a cada apóstolo, por ordem de distinção. Terá ele balançado o turíbulo uma vez ou mais vezes? A história silencia. Para assim fazer, ele entrou no espaço no meio das mesas, indo de um ao outro, assim como os acólitos na Missa incensam o celebrante e os membros do clero que estão no coro, depois do Ofertório.[3]

Em seguida eles lavaram as mãos, para o caso de terem ficado sujas durante o intervalo e a cerimônia precedente. Terão eles recitado as palavras do Salmo: “Lavarei as minhas mãos entre os inocentes”, etc.,[4] que o celebrante da Missa agora diz enquanto lava as mãos? Não logramos encontrar qualquer registro.

---

[1] João VI, 51, 59.

[2] Salmo CXL.

[3] Ver p. 211, 212.

[4] Salmo XXV, 6 até o fim.

CONTINUAÇÃO DA LITURGIA.

“Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, que alimentas o mundo todo com a tua bondade, e com graça, benignidade e misericórdia dás alimento a todas as criaturas, porque a misericórdia dele perdura para sempre. E assim como a sua copiosa benevolência nunca faltou para conosco, assim jamais nos falte o sustento, pelos séculos dos séculos, por amor do seu grande nome, pois ele é o Deus que alimenta e sustém a todos, e trata com beneficência a todos, e provê alimento a todas as criaturas que ele criou. Bendito és tu, ó Senhor, que dás alimento a todos.

“Nós te daremos graças, ó Senhor, nosso Deus, por teres feito com que os nossos ancestrais habitassem esta terra apetecível, e porque nos tiraste da terra do Egito, e nos redimiste da casa da servidão, e pela tua aliança, que selaste em nossa carne, pela Lei que nos ensinaste e pelos estatutos que nos deste a conhecer, e pela vida, e a benevolência, e a misericórdia que graciosamente nos concedeste, e pelo alimento com que tu nos alimentas e susténs continuamente todos os dias e horas.”

“E por todas essas coisas, ó Senhor, nós te daremos graças, e te louvaremos. Bendito seja o teu nome continuamente na boca de todas as criaturas vivas, pelos séculos dos séculos, como está escrito:[1] Quando tiveres comido e estiveres satisfeito, então bendirás o Senhor teu Deus pela terra boa que ele te deu. Bendito és tu, ó Senhor, pela terra e pelo alimento.”

“Ó Senhor, nosso Deus, nós te suplicamos, tem compaixão de Israel, teu povo, de Jerusalém, tua cidade, de Sião, a residência da tua glória, e da grande e santa casa de Davi, teu próprio ungido, e da casa grande e santa, que é chamada pelo teu nome. Tu és o nosso Deus, Pai, Pastor e Nutriz, nosso Mantenedor, Sustentador e Engrandecedor. Engrandece-nos celeremente, de sorte que superemos todos os nossos problemas, e não sofras que nós, ó Senhor nosso Deus, tenhamos necessidade das dádivas da humanidade, nem dos seus empréstimos, mas dependamos de tua mão larga, aberta e cheia, para que não sejamos envergonhados nem confundidos jamais.”

“Ó Deus, e Deus de nossos pais, digna-te fazer com que nossas orações subam, e cheguem, aproximem-se, sejam vistas, aceitas, ouvidas e ponderadas, e sejam lembradas em recordação de nós, e em recordação de nossos pais, em recordação do teu ungido

---

[1] [Deut. VIII, 10.]

Messias, o filho de Davi, teu servo, e em recoração de Jerusalém, tua cidade santa, e em comemoração de todo o teu povo, a casa de Israel, diante de ti, para uma boa descendência, com favor, com graça, com clemência, para vida e paz neste dia da festa dos pães ázimos. Ó Senhor, nosso Deus, lembra-te de nós nisso para o bem, visita-nos com uma bênção, e salva-nos para que gozemos a vida, e com a palavra de salvação e misericórdia, tem compaixão e sê benévolo conosco. Oh, tem piedade de nós e salva-nos, porque os nossos olhos estão continuamente voltados para ti, pois tu, ó Deus, és um Rei misericordioso e benevolente."

A seguinte oração foi composta, evidentemente, quando os judeus estavam no cativeiro na Babilônia:

"Oh, edifica Jerusalém, a cidade santa, rapidamente em nossos dias. Bendito és tu, ó Senhor, que em tua misericórdia edificas Jerusalém. Amém. Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei, Fortaleza, Criador, Redentor e Santificador de Jacó, Pastor nosso, o Pastor de Israel, o Rei beneficente, que trata com beneficência a todos, porque ele foi, é e sempre será cotidianamente beneficente para conosco. Ele tratou-nos generosamente, como faz agora, e assim sempre será, concedendo-nos graças, favores, mercês, incremento, libertação, prosperidade, bênção, salvação, consolação, sustento e amparo; e nunca nos falte o perdão, e uma vida pacata com todos os bens. Que ele, que é clementíssimo, reine sobre nós por todos os séculos dos séculos. Que ele, que é clementíssimo, seja louvado no céu e na terra. Que ele, que é clementíssimo, seja adorado através de todas as gerações; seja eternamente glorificado pelos nossos, e seja honrado em nosso meio por toda a eternidade. Que ele, que é clementíssimo, conserve-nos com honra. Que ele, que é clementíssimo, quebre de nossos pescoços o jugo do cativeiro, e conduza-nos em segurança à nossa terra. Que ele, que é clementíssimo, envie-nos bênçãos abundantes nesta casa, e sobre esta mesa onde temos comido. Que ele, que é clementíssimo, envie-nos *Elijah*, o profeta de santa memória, para trazer-nos alvíssaras de salvação e de consolação."

Elijah ("meu Deus é *Jehová*"), traduzido em grego como Elias, estava predito a vir e preparar o caminho diante do Messias.[1] Os judeus daquele tempo tinham embaralhado as profecias referentes a este grande profeta e recluso, que viveu no deserto nos dias dos reis iníquos de Judá. João Batista viveu como ele e veio no espírito dele a pregar a penitência e a batizar. Ele apontou para Jesus, o

[1] Malaq. IV, 5.

Profeta de Nazaré, filho putativo de José, como o Messias e o verdadeiro "Cordeiro de Deus". Durante a transfiguração, veio Elias em pessoa representando os profetas, e veio Moisés representando a *Torá*, ou Lei, com todo o seu cerimonial do Templo, e estes que foram os dois maiores homens de antanho apareceram no alto do monte Tabor, um de cada lado do Messias, patenteando que toda a profecia e toda a Lei se cumpriram em Jesus.

Quando os judeus na sua páscoa mencionam *Elijah*, eles põem uma taça de vinho na soleira da porta de entrada da casa, para Elias, e dizem estas palavras do Salmo LXXVIII, 6-7:

"Derrama tua ira sobre as nações que não te conheceram, e sobre os reinos que não invocaram o teu nome, porque eles devoraram Jacó e devastaram sua morada."

Na páscoa judaica em Sião, Jerusalém, uma mulher encheu a taça, abriu a porta e colocou-a sobre o degrau de entrada. Dizem os autores judeus que isso tem sido parte da páscoa hebraica desde os tempos mais antigos, e que tinha relação com o cativeiro babilônico. Os judeus palestinenses esperam ainda o Redentor, os hebreus de estrita observância das outras terras estão divididos sobre a questão, mas a sinagoga reformada quase já nem espera mais a vinda dele.

Durante a páscoa judaica no tempo de Cristo, eles rezavam aos santos do Antigo Testamento, os patriarcas que foram os pais de sua raça. O *Talmude* diz: "Por onde é que deduzimos que devemos mencionar os patriarcas na oração? Porque está escrito: 'Ó vós, posteridade de Abraão, seu servo, ó vós, filhos de Jacó, seu escolhido. Com o teu braço redimiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José.'"[1] Tomando como modelo essas orações aos grandes e santos homens de Israel, ao formarem as Liturgias da Missa os apóstolos mencionaram os nomes dos primeiros santos e mártires inscritos nos dípticos, e mais tarde os nomes deles próprios foram incorporados no Cânon da Missa latina.

"Que ele, que é misericordioso, abençoe meu venerado pai, o chefe desta casa, minha honrada mãe, a senhora desta casa, seus filhos, e tudo o que lhes pertence, nós e tudo o que nos pertence, assim como nossos ancestrais Abraão, Isaac e Jacó foram abençoados com todos os tipos de bens, desse modo abençoe-nos ele integralmente com uma bênção completa, e digamos: Amém. Que eles, no céu, anunciem o nosso mérito, em prol de uma tranquila preservação, e recebamos uma bênção do Senhor e justiça do Deus

---

[1] *Talmude* babilônico, *Meguilá*, c. II, 26, 47, etc. O *Talmude* aqui cita estas palavras como se estivessem contidas no Salmo CIV, 6, o que é um erro.

de nossa salvação, e encontremos graça e boa compreensão diante da vista de Deus e dos homens.”

“Que ele, que é sumamente misericordioso, nos faça herdar o dia que é inteiramente bom. Que ele, que é misericordiosíssimo, nos faça dignos de contemplar o dia do Messias, e a vida eterna no estado futuro. Ele dá a salvação ao seu rei, e usa de misericórdia com o seu ungido, com Davi e seu Germe para sempre. Que ele que concede a paz nos seus alevantados céus conceda a paz a nós e a todo o Israel, e dizei vós: Amém.

“Temei ao Senhor todos vós, seus santos, porque nada falta aos que o temem. Os leõezinhos têm carestia e sofrem fome, mas aos que buscam o Senhor nada faltará. Louvai ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia perdura para sempre. Tu abres tua mão e sacias os desejos de todos os viventes. Bem-aventurado o homem que confiar no Senhor, e o Senhor será sua esperança. Bendito és tu, ó Senhor, nosso Deus, Rei do Universo, Criador do fruto da terra.”

13. *HALEL*, “LOUVAI”.
(CONCLUÍ O *HALEL*).

Depois de recitada essa Antífona, eles todos cantam então o *Halel*, composto dos salmos a seguir. *Halel* é contração de *Haleluia* (“louvai a *Jehová*”). É *Aleluia*, em nossas liturgias.

Salmo CXIII (bis), “Quando Israel saiu do Egito, etc.
“ CXIV, “Eu amei, porque o Senhor, etc.
“ CXV, “Acreditei, por isso eu tenho, etc.
“ CXVI, “Oh, louvai ao Senhor, todas as nações, etc.
“ CXVII, “Louvai ao Senhor, porque ele é bom”, etc.

Nestes salmos os apóstolos podiam ver as admiráveis profecias de Cristo, da Última Ceia e da morte dele. Quando eles chegaram às palavras: “Que darei eu em retribuição ao Senhor por todas as coisas que ele me deu? Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor”,[1] supomos nós que, em seguida, Cristo tomou o cálice em mãos, como fazemos nós, os sacerdotes, logo em seguida à Consagração da Hóstia, na Liturgia latina. O Salmo CXVII é citado na Liturgia da páscoa judaica assim, com o Mestre dizendo a primeira parte do versículo, e os outros respondendo:

---

[1] Salmo CXV, 12-13.

"Louvai ao Senhor; porque ele é bom;
Porque a sua misericórdia perdura para sempre.
Diga agora Israel que ele é bom,
Que a sua misericórdia perdura para sempre.
Diga agora a casa de Aarão,
Que a sua misericórdia perdura para sempre.
Digam os que temem ao Senhor,
Que a sua misericórdia perdura para sempre", etc.

No Salmo CXVII, 22, as palavras: "A pedra que os construtores rejeitaram, essa mesma chegou a ser a pedra angular", etc., prediziam sua rejeição oficial pelo Sacerdócio judaico no domingo anterior no Templo, e sua rejeição pelo povo inteiro no dia seguinte no pretório de Pilatos. Jesus referiu-se a isto nos seus ensinamentos no Templo.[1] Quando eles chegam às palavras do Salmo CXVII, 25, 26, Cristo entoou uma linha, e os apóstolos repetiram as mesmas palavras depois dele.

Cristo. "Ó Senhor, *Hosana.*

Apóstolos. "Ó Senhor, *Hosana.*

Cristo. "Ó Senhor, envia agora prosperidade, nós te suplicamos.

Apóstolos. "Ó Senhor, envia agora prosperidade, nós te suplicamos.

"Bendito o que vem em nome do Senhor", etc.

A palavra *Hosana* é uma contração do siro-caldaico do hebreu *Ahna Adonai hoshiahna* ("salva-nos agora, nós te suplicamos"). Isso deu origem a esta mesma palavra *Hosana* no final do Prefácio na Missa latina, e a palavras da mesma natureza noutras liturgias. Segue-se então a Oração da

14. *NIRZÁ*, "OXALÁ SEJA ACEITO".
(A CERIMÔNIA ASSIM CELEBRADA SERÁ ACEITÁVEL A DEUS.)

"Toda a tua obra, ó Senhor, louvar-te-á, os teus pios servidores, com os justos que fazem a tua vontade, e o teu povo, a casa de Israel, com alegre cantoria te darão graças, bendirão, louvarão, glorificarão, exaltarão, reverenciarão, santificarão e reconhecerão teu majestoso nome, ó nosso Rei, porque a ti é apropriado oferecer ações de graças, e é agradável de cantar louvores ao teu nome, pois tu és Deus de eternidade em eternidade."

---

[1] Mateus XXI, 42; Lucas XX, 17.

O cálice de Melquisedec, o *kos haberakia*[1] ("a taça da bênção"), e quarta taça de vinho misturado com água do cerimonial judaico, coberta com um guardanapo, está diante do Messias.[2] Entre ela e a beirada da mesa estava o pratinho de prata contendo o meio bolo de pão ázimo que tinha sido escondido, o *aficomán*, coberto ainda com uma toalha de linho. Este e aquela não eram consumidos enquanto o dirigente do festim não tivesse explicado todo o cerimonial da páscoa hebraica, e nós supomos que o Senhor tenha frisado os seus sentidos místicos.

O *aficomán* ("o pão ou maná celestial") de todas as páscoas judaicas lembrava-os do maná do deserto, que sustentara a vida de seus pais por quarenta anos, e que era a memória mais querida da nação. "Assim como Moisés fez descer o maná, assim o Messias faria descer um alimento mais admirável e prodigioso",[3] "Deus fez descer a eles o maná, no qual havia todos os tipos de sabores. Os jovens sentiam gosto de pão, os velhos de mel, e as crianças de azeite."[4] Ensinamentos tinham sido legados pelos profetas de que quando viesse o Messias, ele repetiria as maravilhas do maná. Os *rabis* ensinaram: "Assim como o primeiro Salvador, Moisés, o libertador da servidão egípcia, fez cair do céu o maná para Israel, assim o segundo Salvador, o Messias, fará também com que o maná desça para eles uma vez mais, pois está escrito:[5] 'Haverá na terra trigo em abundância'."[6] Eles interpretavam desse jeito as profecias da Eucaristia que o Filho unigênito estava prestes a cumprir no *aficomán* e a transformar de sombra em realidade.[7]

O rito pascal nos dias de Cristo, observado ainda pelos judeus do Oriente que praticam o judaísmo à risca, é como segue. O dirigente do festim faz um sinal para o menino que segura o prato escondido com o *aficomán*, que o traz até ele. O dirigente descobre-o e parte um pedaço, que ele come. Então parte um pedaço para cada um, e põe-no na palma esquerda de cada comensal. Os comensais pegam o pedaço de pão, entre o polegar e o dedo indicador, e o põem na boca. O dirigente bebe o vinho do cálice, depois passa-o em redor aos comensais, que bebem todos dele. Eles ingerem assim o

---

[1] FARRAR, *Life of Christ*, II, 291.

[2] Os vinhos da Judeia estão descritos em EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 208, e GEIKIE, *Life of Christ*, I, 450-573.

[3] EDERSHEIM, *Life of Christ*, I, 176.

[4] O *Talmude* explicado por LIGHTFOOT, *Hor. Heb.*, III, 304.

[5] [Salmo LXXII, 16.]

[6] NORK, 174.

[7] Ver ZANOLINI, *Disputat. de Festis Judæorum*; BENTO XIV, *De Festis Dom. N. Jesus Christi et B. M. Virgin.*, col. 144, 659, Edição Migne.

pão e o vinho em memória de Noé, de Melquisedec e do pão e vinho da proposição do Templo. Isso traz o banquete ao fim, e eles estão proibidos de comer ou beber o que quer que seja depois disso, mesmo uma sobremesa está proibida.[1] A narrativa do Evangelho e as palavras da Consagração segundo o Rito romano mostram que Cristo seguiu cuidadosamente o costume judaico e a regra da páscoa judaica.

"Jesus tomou o pão e, abençoando-o, partiu-o e deu-o a eles."[2] "E, tendo tomado o cálice, dando graças, deu-o a eles, e eles todos beberam dele."[3]

A CONSAGRAÇÃO.

"Tomando-o em suas santas e veneráveis mãos, e de olhos erguidos para ti, ó Deus, seu Pai, dando-te graças, Ele ✠ abençoou-o, Ele ✠ partiu-o e Ele ✠ deu-o aos seus discípulos, dizendo: Tomai disto todos vós:

POIS ISTO É O MEU CORPO.

"que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim."[4]

Foi sobre o *aficomán* nas mãos dele que ele pronunciou essas palavras. Ele parte um pedaço para cada um e deposita a Partícula na palma esquerda de cada apóstolo, pois era este o rito da páscoa judaica. Os apóstolos tomam-nA com o polegar direito e o dedo indicador e põem-nA dentro da boca. Era dessa maneira que a Comunhão era distribuída na Igreja primitiva, e as mulheres cobriam a palma esquerda com um guardanapo de linho. As igrejas orientais ainda distribuem a Comunhão dessa maneira.

Na páscoa judaica o dirigente do festim tomava em mãos o seu cálice grande, elevava-o com uma oração de ação de graças, bebia dele e passava-o em redor para os convivas, como uma taça de amor e um vínculo de amizade entre eles. E todos eles bebiam como sinal de estima, de amizade e de amor pelo dirigente, à mesa hospitaleira do qual tinham eles celebrado a páscoa judaica. O Evangelho e o Rito latino mostram-nos que Cristo seguiu esse costume judaico.

---

[1] Ver *Talmude*.
[2] Mateus XXVI, 27.
[3] Marcos XIV, 23.
[4] Lucas XXII, 19.

“De igual maneira, depois de ele ter ceado, tomando este cálice precioso em suas santas e veneráveis mãos, igualmente dando graças a ti,[1] deu-o a eles, dizendo: Bebei disto todos vós:

“POIS ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE DO NOVO E ETERNO TESTAMENTO, O MISTÉRIO DA FÉ, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR MUITOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS.

“Todas as vezes que fizerdes isto, fazei-o em memória de mim. E eu vos digo: já não beberei doravante deste fruto da videira, até o dia em que o beber novo convosco no reino de meu Pai.”[2]

Seguindo o costume da páscoa judaica, fundamental para o banquete, porque Cristo não violou nenhum rito religioso ou ordenação antiga, ele primeiro bebeu do cálice, como o celebrante da Missa sempre faz. Em seguida, passou o cálice a cada um dos apóstolos. “E eles todos beberam dele.” Na Igreja primitiva, o cálice era passado desse modo a todos os que recebiam a Comunhão, até que os abusos forçaram a uma mudança de disciplina.

Os três primeiros Evangelhos trazem as palavras da Consagração.[3] S. João omite-as, porque no seu capítulo sexto ele citara as palavra de Cristo atinentes à Presença Real.

O que significam as palavras “o Novo e Eterno Testamento” e “o Mistério da Fé”? Um testamento é um documento legando propriedade, e não tem vigor enquanto não morrer a pessoa que o faz. Cristo refere-se à sua morte, que sobrevirá no dia seguinte, quando a páscoa dos hebreus terá fim, quando o Novo e Eterno Testamento terá início com as glórias dos redimidos. Ninguém consegue crer na Presença Real sem a fé, dom de Deus, e mesmo para os que têm fé ela é um mistério da fé.

Terá se interposto um longo intervalo de oração e de louvor, entre a Consagração e a Comunhão? Encontramos isso em todas as liturgias da Missa cristãs. Mas as palavras do Evangelho parecem implicar que foi imediatamente em seguida às palavras, que ele distribuiu a Comunhão aos apóstolos.

Mas elementos humanos e mundanos eram ainda os móveis das ações deles, e eles começaram a disputar acerca dos primeiros lugares e das posições de chefia que eles haviam de ocupar nas

---

[1] Mateus XXVI, 27.

[2] Mateus XXVI, 29.

[3] Mateus XXVI, 28; Marcos XIV, 22; Lucas XXII, 19-20.

Ordens Sacras para as quais ele os tinha elevado no Reino dele, a Igreja, da qual ele fizera deles bispos e apóstolos.

"E levantou-se também uma contenda entre eles: qual deles pareceria ser o maior? E ele lhes disse: 'Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que sobre eles exercem o poder são chamados benfeitores. Porém, não assim entre vós, mas o que é o maior entre vós, seja como o ínfimo; e o que manda, seja como o que serve.

"Porque qual é maior, o que está reclinado à mesa ou o que serve? Não é o que está reclinado à mesa? Mas eu estou no meio de vós como o que serve, e vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.

"E eu preparei para vós, como meu Pai preparou para mim, um reino. Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos senteis sobre tronos julgando as doze tribos de Israel.'"[1]

Ele alude ao seu reino, a Igreja Católica, que havia de se espalhar pelo mundo todo, interpenetrando todos os governos, vasta como a raça humana. Mas ele, o Rei, não havia de reinar aqui neste mundo, mas em meio aos incontáveis espíritos e às almas redimidas do céu, que seriam adquiridas pela cruz, no dia seguinte. Quando um rei está longe, seu primeiro-ministro administra as leis e governa em seu nome, na sua ausência. Teria ele cometido a insensatez de deixar à anarquia o seu reino? Seria isto o ato de um sábio governante? Ele fez provisões para o futuro. Ele voltou-se para o seu apóstolo-chefe, Pedro, e prometeu o poder que lhe deu depois da ressurreição, quando apareceu como o Personagem solitário nas margens da Galileia. Ele conferiu então a Pedro o poder de: "Apascentar seus cordeiros, governar seus cordeiros, apascentar suas ovelhas", como nos diz João, no seu Evangelho em grego.[2] A Pedro ele diz agora:

"Simão, Simão, eis que Satanás desejou ter-vos à sua mercê, a fim de vos joeirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos."[3]

Pedro julgava-se mui forte na fé e na devoção ao seu Mestre. Mas ele devia aprender uma lição sobre a fraqueza humana quando não sustentada pelo Espírito Santo. Então, o Senhor informou-o de que ele o negaria três vezes antes da manhã seguinte. Só depois que o Espírito Santo desceu sobre eles foi que entenderam todas as palavras e atos do Mestre, e as lições daquela que foi sua derradeira páscoa judaica.

---

[1] Lucas XXII, 24-31.
[2] João XXI, 15 a 17.
[3] Lucas XXII, 31, 32.

Depois da Comunhão eles cantaram o hino de ação de graças que consta do formulário litúrgico judaico. Cantaram-no como uma ladainha; Cristo entoando os primeiros versículos, os apóstolos respondendo: “Porque a Sua misericórdia perdura para sempre.”

Oh, dai graças ao Senhor, porque ele é bom:	
Oh, dai graças ao Deus dos deuses:	
Oh, dai graças ao Senhor dos senhores:	Porque
A ele que é o único que faz grandes milagres:	
A ele que pela sabedoria fez os céus:	a
A ele que estendeu a terra acima das águas:	
A ele que fez os grandes luzeiros:	Sua
O Sol para governar de dia:	
A Lua e as estrelas para governar de noite:	misericórdia
A ele que feriu o Egito nos seus primogênitos:	
E tirou Israel do meio deles:	perdura
Com mão forte e braço estendido:	
A ele que dividiu o Mar Vermelho:	para
E fez Israel atravessar pelo seu meio:	
Mas derrubou Faraó e seu exército no Mar Vermelho:	sempre
A ele que guiou seu povo através do deserto:	
A ele que derrotou grandes reis:	
E matou reis famosos:	
Seon, rei dos amorreus:	
E Og, rei de Basan:	
E entregou as terras deles como uma herança:	
Inalteravelmente uma herança para Israel, seu servo:	
Que se lembrou de nós em nossa humilde condição:	
E nos resgatou de nossos inimigos:	
Que provê alimento a toda carne:	
Oh, dai graças ao Deus do céu:	

“O hálito de todos os viventes bendiz o Teu nome, ó Senhor, nosso Deus, o espírito de toda carne glorifica e exalta continuamente a tua lembrança. Ó nosso Rei, tu és Deus de eternidade em eternidade. Além de ti não reconhecemos nem rei, nem redentor ou salvador. Tu redimes, libertas, conservas e tens compaixão de nós em todos os tempos de perturbação e de aflição, não temos nenhum outro rei senão tu. Tu és Deus do primeiro e Deus do último, Deus de todas as criaturas, Senhor de tudo o que se produz, és adorado com toda espécie de louvor, tu que governas o Universo com ternura, e as tuas criaturas com misericórdia. Eis que o Senhor não cochila nem dorme, mas desperta os que dormem, acorda os que cochilam, faz falarem os mudos, solta os que estão cativos, sustém os que

caíram e levanta os que desfalecem, e por isso é só a ti que adoramos. Ainda que nossas bocas estejam repletas de canções melodiosas como as gotas do mar; nossas línguas, de exclamações estrepitosas como suas ondas; nossos lábios, de louvor como o vasto firmamento; nossos olhos, de fulgor coruscante como o Sol e a Lua; nossas mãos, estendidas como as águias esvoaçantes nas alturas; e nossos pés, como as corças em veloz disparada; ainda assim, somos incapazes de dar graças suficientes a ti, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, ou de bendizer teu nome o bastante, por um só dos incontáveis benefícios que nos conferiste, a nós e aos nossos ancestrais. Pois tu, ó Senhor, nosso Deus, nos remiste do Egito e nos libertaste da casa da servidão, no tempo da fome nos sustiveste, e na fartura nos alimentaste. Tu nos livraste da espada, salvaste da pestilência, e de muitas doenças dolorosas e violentas nos afastaste. Até aqui, tuas carinhosas mercês nos sustentaram, e tua bondade não nos abandonou. Ó Senhor nosso Deus, não nos abandones no futuro. Por isso os membros com que nos formaste, o espírito e alma que insuflaste dentro de nós, e a língua que puseste em nossa boca, vê só como hão de venerar-te, bendizer-te, louvar-te, glorificar-te, enaltecer-te, reverenciar-te, santificar-te e atribuir soberano poder ao teu nome. Ó nosso Rei, todas as bocas te adorarão, e todas as línguas jurarão por ti, e todos os joelhos se dobrarão a ti, todos os seres racionais te prestarão culto de adoração, todos os corações te honrarão, as entranhas e os rins cantarão louvores ao teu nome, como está escrito:[1] todos os meus ossos dirão, ó Senhor, quem é como tu?, que libertas o fraco de quem é forte demais para ele; o pobre e o necessitado, de seu opressor. Quem é como tu? Quem se iguala a ti? Quem se pode comparar contigo? Grandioso, poderoso e tremendo Deus, Deus Altíssimo, possuidor do céu e da terra. Nós louvamos, adoramos, glorificamos e bendizemos o teu nome, assim diz Davi.

“Bendizei ao Senhor, ó minha alma, e tudo quanto há dentro de mim, bendizei ao seu santo nome.

“Ó Deus, que és poderoso na tua fortaleza, que és grande pelo teu glorioso nome, forte para sempre, tremendo por teus temíveis atos. O Rei que se assenta no trono excelso e exalçado, habitando a eternidade, nobilíssimo e santíssimo é o seu nome, como está escrito:[2] Exultai no Senhor, ó vós que procedeis com retidão, porque o louvor convém aos justos. Com a boca do que é correto tu serás

---

[1] [Salmo XXXIV, 10.]
[2] [Salmo XXXII, 1.]

louvado, com os lábios do justo serás bendito, com a língua do piedoso serás exaltado, por um coro de santos serás santificado.

"E na assembleia de muitos milhares de teu povo a casa de Israel glorificará o teu nome, ó nosso Rei, através de todas as gerações, porque é este o dever que todo ser criado tem para convosco, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos ancestrais, o de dar graças, louvar, enaltecer, glorificar, exaltar, render glória, bendizer, engrandecer e adorar a ti, com todos os cânticos e louvores do teu servo Davi, filho de Jessé.

"Seja o teu nome para sempre louvado, ó nosso Rei, o Todo-Poderoso, o Rei grande e santo no céu e na terra, pois a ti, ó Senhor, nosso Deus, e Deus de nossos pais, competem as canções, os louvores, os hinos e os salmos, fortaleza e domínio, vitória e poder, grandeza, adoração, santidade e majestade, bênçãos e ações de graças; estes pertencem a ti desde já e para todo o sempre. Bendito és tu, ó Senhor, Rei Todo-Poderoso, engrandecido com louvores; Todo-Poderoso e adorável, és o Senhor dos milagres, que aceitaste canções de salmodia, Rei Todo-Poderoso que vives eternamente."

Eles cantam o hino a seguir.[1] Alguns autores judeus dizem que foi composto na idade média, outros sustentam que remonta aos profetas: ninguém sabe quem foi seu autor. Terá prenunciado Cristo preso à meia-noite perto do Lagar de Vinho, o Getsêmani?

[1] Marcos XIV, 26.

E ASSIM ACONTECEU À MEIA-NOITE.

FIZESTE então milagres abundantes durante a noite.
No princípio da primeira vigília desta noite,
O justo que professa a Deus (Abraão) venceu na guerra quando dividiu sua tropa à noite.
E aconteceu à meia-noite.

Ameaçaste o rei de Gerara com a morte num sonho à noite,
Apavoraste o sírio na calada da noite.
E Israel lutou com um anjo e o venceu durante a noite.
E aconteceu à meia-noite.

Os primogênitos dos egípcios tu esmagaste à meia-noite.
Não os encontrou a força deles quando se levantaram à noite.
O exército ligeiro do príncipe de Haroset tu espezinhaste por meio das estrelas da noite.
E aconteceu à meia-noite.

O blasfemador que imaginou erguer a cabeça contra a tua bela habitação, tu o frustraste pelo número dos mortos dele durante a noite.
O ídolo Bel e sua estátua foram derrubados na escuridão da noite.
Ao homem meritório foi revelado o segredo na visão da noite.
E aconteceu à meia-noite.

O que embriagou-se bebendo dos vasos santos (Baltasar) foi morto à noite,
O que foi libertado do covil dos leões interpretou os aziagos sonhos da noite.
O agagita nutriu inimizade e escreveu cartas à noite.
E aconteceu à meia-noite.

Despertaste todo o teu poder conquistador contra ele perturbando o sono do rei durante a noite,
Tu pisarás o lagar de vinho (Getsêmani) enquanto dizes ao vigia: O que contas da noite?
Que o vigia (Israel) diga em alta voz: Chegou a manhã depois da noite,
E aconteceu à meia-noite.

Ah, aproxime-se o dia que não é dia nem noite,
Ó Altíssimo, patenteia que pertencem ao teu domínio o dia e também a noite,
Designa vigias para a tua cidade (Jerusalém) o dia todo e toda a noite,
Oh, alumia como o esplendor do dia as trevas da noite.
E aconteceu à meia-noite.

Na segunda noite, que é a primeira noite da festa dos ázimos, se diz o seguinte:

E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.
Admiravelmente tu evidenciaste o teu imenso poder por ocasião da páscoa.
Acima de todas as solenidades festivas exaltaste a páscoa.
Revelaste ao oriental (Abraão) os milagres operados no meio da noite da páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.

Apareceste para ele no calor do dia na páscoa.
Ele regalou os Anjos com bolos ázimos na páscoa.
E ele correu até o rebanho, como memorial das ofertas sacrificais da páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.

Os habitantes de Sodoma provocaram Deus à ira e foram consumidos pelo fogo na páscoa.
Lot foi libertado, o qual assava bolos para a páscoa.
Varreste a terra de Mof e Nof quando passaste através dela na páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da Páscoa.

Ó Senhor, feriste a cabeça dos primogênitos na noite da observância da páscoa.
Ó Onipotente! mas passaste adiante do filho primogênito (Israel), estando ele marcado com o sangue do sacrifício da páscoa.

E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.

A cidade forte e fortificada (Jericó) foi rendida no tempo da páscoa.
Madiã foi destruída pelo bolo de pão de cevada, como a oferta do *omer* de cevada na páscoa.
Os homens fortes de Put e de Lud foram destruídos com um incêndio devastador na páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.

O rei permaneceu ainda em Nobé neste dia, até a hora da páscoa.
A parte da mão escreveu a destruição até aos alicerces do império babilônico na páscoa.
Bem na hora em que a vigília tinha início e a mesa era posta na páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa.

Ester reuniu a assembleia para jejuarem três dias na páscoa.
O inimigo jurado (Amã)[1] tu fizeste ser executado num patíbulo de cinquenta cúbitos de altura, na páscoa.
Estas duas coisas farás recair depressa sobre Us na páscoa.
Tua mão será então exaltada como na noite em que foi santificado o festival da páscoa.
E vós direis: isto é o sacrifício da páscoa."

A páscoa tinha terminado. Eles agora eram todos bispos. Tinham todos recebido a Comunhão. Alguns autores parecem pensar que Judas saiu antes do fim do banquete e que não recebeu a Eucaristia. Mas isso é um erro, porque a lei mandava estritamente que todo hebreu do sexo masculino, não impedido por boas razões, estivesse presente, e proibia-o de sair da mesa antes de ter realizado todos os seus ritos e cerimônias. Se Judas tivesse saído antes de a ceia terminar, ele teria incorrido em *caret* ("expulso", "excomungado").

Judas (doze com este nome são mencionados na Bíblia. Dois dos apóstolos se chamavam Judas, o outro sendo Judas Tadeu) Iscariotes era chamado assim por causa da aldeia, a sul de Hebron, onde ele nascera, mencionada uma só vez no Antigo Testamento como a Cariot do Livro de Josué,[2] sendo o nome dela uma palavra hebraica que significa "o homem do assassínio" ou "do extermínio". Destarte foi prenunciada a sua traição no nome de sua vila natal. Ele era um avarento, amou o dinheiro mais do que a seu Senhor, vinha agindo como espião para José Caifás, seu tio, o sumo sacerdote, e prometera aos sacerdotes do Templo mostrar o lugar de oração de Cristo no Getsêmani. Esse arquitraidor fazia dias que vinha tramando com seu tio Caifás, sua prima Sara, filha deste último, e os sacerdotes do Templo, para levar a cabo a traição do Mestre. Vejamos agora como o Senhor tratou Judas.

No fim da páscoa judaica, o dirigente do banquete costumava molhar o pão na *harósset* e entregá-lo ao seu amigo predileto, como sinal especial de amor, amizade e estima. Quando João perguntou a seu Mestre, em sigilo, quem o iria trair, Jesus molhou o bocado no prato, tipo figurativo da servidão egípcia, e entregou-o a Judas, como sinal de amizade especial e pública para com Judas, muito embora conhecesse seus projetos homicidas.[3] Assim o Deus-homem, que ensinou os homens a amarem os seus inimigos, entregou ao traidor

---

[1] Traduzido em nossa Bíblia como Amã ou Aman, Ester III.
[2] Josué XV, 25.
[3] EDERSHEIM, *Life of Christ*, II, 509, 511.

o pão ensopado da amizade, para mostrar que não nutria qualquer sentimento de ódio por ele e para dar ao mundo um exemplo de pleno perdão do próprio inimigo.

"Tendo Jesus dito estas coisas, turbou-se no espírito, e protestou, e disse: 'Em verdade, em verdade, vos digo que um de vós me trairá.' Os discípulos, então, olharam uns para os outros, sem saber de quem ele falava. Ora, estava recostado sobre o seio de Jesus um dos seus discípulos, a quem Jesus amava. Simão Pedro, então, fez-lhe um sinal e disse-lhe: 'Que é esse de quem ele fala?' Ele, pois, reclinando-se sobre o peito de Jesus, disse-lhe: 'Senhor, quem é?' Jesus respondeu: 'É aquele a quem eu der um bocado de pão molhado.' E, tendo-o molhado, ele o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. E, depois do bocado, Satanás entrou nele. E Jesus disse-lhe: 'O que fazes, faze-o depressa.' Mas nenhum homem à mesa percebeu por que é que lhe dizia isso. Porque alguns pensaram, como Judas tinha a bolsa, que Jesus dissera: 'Compra aquelas coisas que nos são precisas para o dia da festa', ou então que desse alguma coisa aos pobres. Ele, pois, tendo recebido o bocado, saiu imediatamente. E era noite."[1]

A festa dos ázimos durava uma semana, cada "grupo" de judeus levava, ao lugar onde celebravam a ceia, as iguarias necessárias, e os apóstolos supuseram que o Senhor enviava Judas a comprar essas coisas, para a ceia seguinte, nas barracas da Cidade Santa, que ficavam sempre abertas durante as oito noites pascais.

Descendo até seu tio José Caifás, lá foi aquele homem mais vil da história humana, buscar o dinheiro que lhe tinham prometido por mostrar-lhes o lugar de oração do Mestre. O Senhor tinha já oferecido em sacrifício a si próprio, o seu Corpo e Sangue, como Vítima pelos pecados do mundo e para realizar todas as figuras e tipos da religião judaica. Então, as sombras de sua Paixão começaram a envolvê-lo. Mas, depois que Judas partiu, ele pregou aos onze apóstolos aquelas palavras ardentes de amor, de unidade, de princípios sublimes, como seu último sermão antes de sua morte. Então, pouco antes da meia-noite, junto do seu grupo ele saiu pela porta de Sião, cruzou o vale do Tiropeon, atravessou Ofel, passou o Cedron e entrou no Getsêmani e nos horríveis sofrimentos de sua Paixão que descrevemos no livro *A Tragédia do Calvário*.

FIM.

---

[1] João XIII, 21-30.

ÍNDICE.

A.

B.

C.

D.

E.

F.

G.

H.

I.

J.

K.

L.

M.

N.

O.

P.

Q.

R.

S.

T.

U.

V.

X.

Y.

Z.

SUMÁRIO.